POR MANOEL DE LIRA IMPRESSOR

PRIMEIRA PARTE.

DA ETHIOPIA ORIENTAL,

EM QVE SE DA RELACAM DOS PRINcipaes Reynos desta larga Região, dos custumes, ritos, & abusos de seus habitadores, dos animaes, bichos, & feras, que nelles se crião, de suas minas, & cousas notaueis, que tem assim no mar, como na terra, de varias guerras, & victorias insignes que ouue em nossos tempos nestas partes entre Christãos, Mouros, & Gentios.

REPARTIDA EM CINCO LIVROS.

Aprouação do P.M.Fr.Antonio Freire.

POr mandado do senhor Bispo D.Pedro de Castilho Inquisidor gèral dos Reynos de Portugal vi, & examiney estas duas partes do liuro da Ethiopia Oriental, & varia historia de cousas notaueis do Oriente, compostas pello P.Fr. Ioão dos santos Religioso da ordem de S.Domingos, & não tem cousa algũa contra a S.Religião Christã, mas antes tem muytas muy curiosas, & notaueis, que alem do honesto intertimento, & licita recreação de que serue, ajuda muyto, asi pera consolação da fè, como pera exemplo de bons custumes. Pollo que tenho por digno o Autor de muytos louuores & o liuro de liçença, pera que em beneficio cõmum se imprima. Em Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 23. de Mayo de 608.

Fr.Antonio Freire.

Liçença da S.Inquisição.

VIsta a informação podese imprimir este liuro intitulado Ethiopia Oriental, & depois de impresso torne a este Concelho pera se conferir, & dar liçença pera correr, & sem ella não correra. Em Lisboa em 24. de Mayo de 608.

Bertholameu da Fonseca. Ruy Pirez da Veyga.

Liçença da mesa do Paço.

QVE se possaõ imprimir estes liuros da Ethiopia Oriental, vista a liçença do S.Officio, & como foraõ vistos na mesa, & despois de impressos tornaraõ a ella, pera se lhes taxar o preço. Em Lixboa a 2. de Iunho de 608.

Machado. *Antonio da Cunha.*

Liçença do Ordinario.

POdese imprimir estes liuros, autoritate Ordinaria, porque naõ tem cousa q̃ o impida, antes muytas curiosidades, & algũas cousas de edificação. Euora, & de Agosto 10. de 1608. O Bispo de Nicomedia.

Liçença do P. Prouincial.

FRey Martinho Ecay Prior Prouincial da Ordem dos Prègadores nesta Prouincia de Portugal, dou liçença ao P.Fr.Ioão dos Santos, Supprior, que hora he do nosso Conuento de S.Domingos d'Euora, pera que possa imprimir hum liuro da Ethiopia Oriental, & varia historia do Oriente, que tem composto, sendo primeiro visto, examinado, & approuado pollos Padres Mestres Fr. Vicente Pereira Prior do dito Conuento, & Fr.Thomas de Brito, & polla sancta Inqnisição. Dada neste Conuento de S.Domingos d'Euora a 15. de Outubro de 607.

Fr.Martinho Ecay, Prior Prouincial

Aprouação do P.M.Fr.Viçente Pereira Prior de S.Domingos de Euora.

VI & examinei por mãdado do nosso muyto R.P.Prouincial o P. Presẽtado Fr. Martinho Ecay, este liuro da Ethiopia Oriẽtal, & varia historia do Oriẽte cõposto pello P.Fr.Ioão dos Sanctos, Religioso da Ordẽ de nosso glorioso P.S.Domingos, & não achei nelle cousa algũa contra a nossa sancta fè Catholica, & bõs custumes antes me pareçe obra muy pia, & curiosa, na qual se vè claramente o animo candido, & religioso do Autor, & entendo, que folgarão todos muyto de o ler: não sò pola nouidade de muytas cousas, que nelle se contẽ mas tambem pella fidelidade, com que se contaõ, por auer sido o Autor o sojeito de muitas dellas, & testimunha de vista de outras. Pello que he digna de se imprimir muytas vezes. Dada em Euora no Conuento de S.Domingos em 15. de Abril de 608. Fr.Viçente Pereira.

Aprouação do P.M.Fr.Thomas de Brito.

POr mãdado do nosso muito R.P.Prouincial o P.Prezentado Fr, Martinho Ecay, vi hum liuro intitulado Ethiopia Oriental, & varia historia do Oriente em dous volumes, composto pollo Padre Fr.Ioão dos Santos Religioso da Ordem do nosso glorioso P.S.Domingos & examinei o dito liuro conforme às ordenações dos nossos Capitulos gèrais, & não sòmente não achei nelle couza algũa contra a nossa santa fè, ou bons custumes, mas me pareçeo mui proueitoso pera os q̃ o lerem, & digno de se imprimir. Em Euora no nosso Conuento de S.Domingos a 14. de Abril de 608.

Fr.Thomas de Brito

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. DVARTE
MARQVES DE FRECHILLA, E DE MALLAGON, &c.

Frey Ioão dos Sanctos S. P. D.

E condição tão propria de Principes, & Senhores, aceitar a boa vontade, que seus seruos lhe mostrão, inda nos pequenos seruiços que lhe fazẽ, que não he possiuel faltar esta ẽ V. Excellẽçia cuja nobreza, & descẽdẽcia, que traz dos Reys de Portugal seus progenitores, he tão conhecida, não somente em toda Europa, na qual com todos os Reys, & Principes tem liança, & parentesco muy chegado, mas tambem nas mais partes do mũdo, que se me quizera deter em tratar della, com muyta razão se me podia dizer o que Antalcides Rey dos Lacedemonios disse a hum sophista, que diante delle se poz a louuar Hercules, tão conhecido, & venerado de todos. *Ecquis illum accusat?* E Aristoteles nos ensina, que as cousas q̃ são notorias, he escusado proualas. Sendo pois isto assi, & conhecendo eu o nobre, & generoso animo de V. Excel. herdado com o Real sangue do inuictissimo Rey D. Manoel de gloriosa memoria seu bizauo, & conquistador das partes Orientaes, de que esta minha obra trata; me pareceo estaua obrigado dedicalla a V. Excel. & por essa razão tomey atreuimento de lhe fazer este peque

no

no feruiço, e offerecerlhe esta obra, primeiro fruto meu, posto que de pouco artefício, mas acompanhada da boa vontade, com q̃ a offereço, & espero seja bẽ recebida de V. Excel. lembrandome o que se conta de Artaxerxes, o qual fazendo hum caminho, & trazendolhe seus vassallos algũs presentes, cada hum segundo sua posibilidade: hũ pobre rustico não tendo que lhe offerecer, se foy a hum rio, & lhe leuou em as mãos hũa pouca de agoa, & o Rey a estimou tanto, que a mãdou guardar em hum vazo de ouro dizendo, que nenhũ seruiço lhe fora tão aceito como este, estimando mais nelle a võtade, q̃ a obra: & asi fez muytas merces ao rustico. Moueome tambem a offerecer esta obra a V. Excel. a particular affeição, que tem a nossa sagrada Religião dos Prégadores, como a cousa propria, pois he fundada pollo glorioso Patriarcha S. Domingos muyto parente de V. Excel. por cujo respeito todos os filhos della achamos sẽpre em V. Excel. muyto fauor & emparo. E por estas rasões confiadamente espero que esta minha obra debaxo da proteição de V. Excel. seja emparada & honrada. Nella verà V. Excel. muytas cousas notaueis do Oriente, & particularmente da Ethiopia Oriental, cuja cabeça he a fortaleza de Moçambique, que o grãde Dom Constantino tio de V. Excel. mandou principiar sendo ViceRey da India, cujas obras heroicas (que sempre viuirão na memoria dos homẽs) mostrão o grande valor, com q̃ gouernou aquelle estado. E inda q̃ esta obra não teuera mais bem que falar nelle, só isso lhe bastaua pera ser de todos bem recebida. Por tanto ponha V Excel. os olhos nella, & ficarà com o valor & preço q̃ sem o fauor de tal Principe não pode ter, cuja vida, saude, & estado o Senhor prospere, & conserue por muytos annos. Deste Conuento de S. Domingos de Euora, a 20. de Março de 1609.

De V. Excellencia
seruo, & orador

Frey Ioão dos Sanctos.

EV El Rey faço saber aos que este Aluara virem, q̃ auendo respeito ao que na petição atras escrita diz o Padre Fr. Ioão dos Santos da Ordem de S. Domingos: ey por bem, & me praz por lhe fazer merce, que por tempo de dez annos, nem impressor, nem liureiro, nẽ outra pessoa algũa de qualquer calidade que seja, possão imprimir, nẽ vender nestes Reynos, & Senhorios de Portugal, nem trazer de fora delles o liuro de que na dita petição faz menção, saluo aquellas pessoas que para isso teuerem seu poder & licença: & qualquer impressor, liureiro, ou pessoa que imprimir, ou vender o dito liuro, ou de fora o trouxer impresso sem licença do dito Padre Fr. Ioão dos Santos, perdera para elle todos os volumes, que lhe forem achados, & encorrera em penna de cincoenta cruzados, ametade para minha Camara, & outra ametade para quẽ o acusar: & mando às justiças, officiais, & pessoas a que o conhecimento pertencer, cumprão, & guardem este Aluara, como se nelle cõtem, o qual se trasladara em cada hũ volume dos ditos liuros, no principio, para se saber como assi o ouue por bem, que valera como carta, sem embargo da Ordenação do 2. liu. tit. 20. que o contrario dispoem. Ioão Pereyra de Castelbranco a fez em Lisboa a xxx. de Mayo de 609.

REY

Que se possa vender este liuro a 320. reis. Em Lisboa a 23. de Mayo de 609.

Bargança. *Magalhães.*

REVERENDI PATRIS FRATRIS IGNATII GALVAM

Eborensis, e sacro Ordine Prædicatorum, in Æthiopiam Orientalem, huiusque operis Autorem.

CARMEN.

AEthiopúm pharetrata parens, quam luce retexũt
Solis equi, cum primúm alto se gurgite tollunt:
Exere magnanimi faciem Phaetontis adustam
Ignibus, & rabido contractum ardore colorem:
Brachia necte auro, pictis tege tempora plumis,
Fictaque festiuis certamina iunge choreis.
Nigra licet fueris, labrisque tumentibus, atque
Torta comam: tua regna tamen, tua prælia, mores,
Aethiopasque tuos pauidus circunspicit orbis.
Et quanuis surdis pars magna altaribus ignes
(Proh dolor!) admoueas, & summi ignara Tonantis,
Præcipiti properes sub tristia Tartara gressu:
Parte tamen meliore tui super Aethera tendis,
Aeterni veneranda sequens præcepta parentis.
Contulit hæc magni sapiens tibi commoda proles
Dominici, cuius (quà sol vtrunque recurrens
Aspicit Oceanuṃ) toto iubar orbe coruscat:
Infixasque luto, & vitiorum mole sepultas
Doctrinæ, ac morum collustrat lumine gentes:
Qualis cum primúm rubicundos Lucifer ortus
Pandit, & obstantes roseo secat igne tenebras:
Qualis cuṃ pleno rutili soror aurea Phœbi
Orbe

Orbe micat; medio qualis Sol orbe refulgens,
Purpureos ſpargit radios, atque æthera luſtrat.
Ergò dùm Patris veſtigia ſacra Ioannes
Inſequitur; patriosq; lares, populosq; reliquit,
Quos Tagus auriferis circunfluit inclytus vndis;
Felicesq; Eboræ campos, quam mœnibus altis,
Ingentiq; olim ductu exornauit àquarum
Pace ſimul, validisq; potens Sertorius armis:
Et vada ſalſa ſecans, tumidis ſe credidit vndis,
Oceaniq; minis, & primo à ſole calentes
(Patre Deo monſtrante viam, cœlumq; ſequendo)
Aethiopas adiit, poſitosq; ſub ignibus Indos
Sidereis, noſtræ tradens arcana ſalutis,
Et leue legis onus: domuitq; ferocia verbis
Corda, volente Deo. Picei nunc rector Auerni
Sub ſtygias immerſus aquas, fremit ore cruento,
Sæuaq; ab Aethiopûm non flectit lumina terris:
Dùmq; ſuis fruſtrà ſe pulſum plangit ab aris,
Thura videt ſummo reddi meliora Tonanti.
Salue igitur patriæ decus indelebile noſtræ,
Aethiopûmq; iubar: tibi flumina grata Cuàmæ
Semper erunt: te Senna ferax, teq; àurea Tette,
Te cæco regnata olim Sofalla Tyranno,
Et Maurussa ferox, & picti membra Machùæ,
Cumq; pharetratis diues Mocaranga Botongis,
Argentoq; auroq; potens, regnisq; ſuperbus
Manamotapa ſuis, & nudi corpora Zimbæ,
Lætaq; palmiferæ celebrabunt regna Quirimbæ.

FINIS.

PROLOGO DA PRI MEIRA PARTE.

C OVSA muy ſabida he, que as Indias Orietaes forão deſcubertas em tẽpo do inuictiſsimo, & Chriſtianiſsimo Rey de Portugal D. Manoel de glorioſa memoria: nas quaes os Portugueſes conquiſtarão nouos Reynos, & grandes prouincias, aruorãdo nellas o glorioſiſsimo eſtandarte da ſalutifera Cruz de Chriſto noſſo Senhor, pera que tiueſſem notiçia, & verdadeiro conheçimento as barbaras nações, do Myſterio da redẽpçaõ do genero humano, q̃ eſte Senhor nella tinha obrado por ſua infinita miſericordia. Tambem he couſa muy notoria, que o primeiro deſcobridor deſte Oriente foy o valeroſo, & prudente capitaõ Dom Vaſco da Gama: o qual partindo de Portugal cõ eſta noua empreza aos 8. de Iunho do ãno do Senhor de 1497. chegou ao Cabo de Boa eſperança, & depois de paſſar nelle muytos trabalhos, & tormentas, o dobrou a 20. de Nouembro do dito anno; & continuando ſua derrota, foy correndo a coſta do Cabo das correntes, Sofala, & Moçambique, atê Melinde, & dahi paſſou à India. E depois delle foy toda eſta coſta da Ethiopia ſenhoreada, & conquiſtada por outros valeroſos capitaẽs Portugeſes; entre os quaes Pero d'Anhaya teue ſua muy glorioſa parte, pòis deſcobrio o rio, & terras de Sofala, & fez a fortaleza, q̃ oje alli tem os Portugeſes, matando a Zufe Rey da meſma terra, & ſojeitãdo os Mouros habitadores de todo eſte territorio, no que abrio baſtantiſsimo caminho, pera ſe effeituar a vontade do dito Rey Dom Manoel, cujos ſantos intentos forão dilatar, & augmentar a Fè de Chriſto N. S. & imprimilla nos coraçoẽs deſtas gentes.

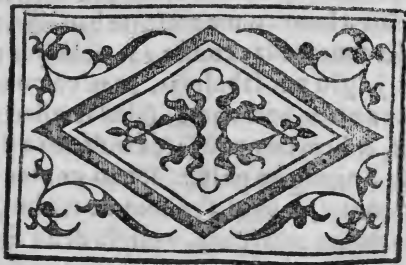
¶ E por quanto a Chriſtandade deſtã cõſta foy encõmendada aos Religioſos do Patriarcha S. Domingos, em que eu tambem tiue minha parte, reſidindo nella onze annos, determinei relatar algũas couſas notaueis, que nella me ſocederão, & juntamente deſcreuer o ſitio deſtas terras, ſuas prouinçias, & Reynos, & o mais que nelles vi, & alcançei na verdade, aſsi dos

cuſtu-

custumes, abuzos, & ritos de seus habitadores, como de muytos animaes, feras, & bichos, assim da terra, como do mar de admiraueis naturezas, & propriedades, & de outras muytas couzas marauilhosas, que nestas terras se achão: das quaes todas tiue bastantissima noticia, no tempo que andey por toda esta costa. E pera mais clareza desta historia me pareceo neçessario diuidilla em duas partes. Na primeira faço cinco liuros da Ethiopia Oriental, relatando em cada hum delles particulares couzas, assim das terras, de que vaõ intitulados, como de seus habitadores. No primeiro liuro trato do Quiteue Rey das terras de Sofala, & de seus custumes. No segundo, do Manamotapa, & rios de Cuàma, & suas marauilhas. No terçeiro de Moçambique, & ilhas de Quirimba atè o Cabo Delgado. No quarto dos prinçipaes Reynos, que hà no sertão do Cabo Delgado atè o Egypto, rio Nilo, mar Roxo, & de seus habitadores, & cousas notaueis, que tem. No quinto trato da costa de Melinde atè o mar Roxo. Na segunda parte faço quatro liuros de varia historia, & cousas notaueis, que hà, & socederão, assim na Ethiopia, como na India Oriental, & da Christandade, que os Religiosos de nossa sagrada Religião dos Prègadores nella tem feito, assi antes, como depois de ser descuberta pollos Portugeses, como mais largamente direy no Prologo da segunda parte.

¶ E por quanto algũas cousas das que digo, são tam prodigiosas, que quasi saõ incrediueis, & contadas aos que tem alcançado pouco das muytas marauilhas, que hà pollo mundo, corrè muito perigo seu credito pera com elles; por tãto logo no principio duuidaua sair a lume com a presente historia, entendendo que se naõ deuião contar estas cousas a semelhãtes pessoas, que ligeiramente as julgão por fabulosas. Mas como meu intento não he satisfazer a estes, nem contar fabulas affectadas com palauras exquisitas, & bem compostas, vzando pera isso de alto estillo de fallar, & lingoagem polida, senão contar na verdade as cousas que vi, notei, & ouui a pessoas de credito, por isso não quiz desistir do intento começado, vzando desta singella narração, porque a verdade não tem necessidade de palauras rhetoricas, pera se declarar: & somẽte esta açeite de mim o curioso leitor

or, & não o grosseiro modo, que tenho de a relatar.

¶ Este trabalho tomei pera manifestar aos que isto lerẽ quãta variedade de gentes barbaras, superstições, abuzos, & couzas espantosas nestas terras ha: & considerandoas todas dem muytas graças ao Senhor de todo o criado, polla merçe, que lhes fez em lhe dar melhor naçimento, & mayor perfeição de gente racional, do que nestes barbaros se acha. E com muyta mais rezão deuemos nòs reconhecer esta merçe de Deos, pois fomos criados no gremio da Christandade, sustentados com o leite da doctrina Catholica, & ley da Graça. E aquelles, que tem por officio prègalla, & ensinalla aos ignorantes, se esforçem, & mouão com zelo da saluação das almas a passar a estas partes, onde ha tanta multidão de gente, que não sabe o verdadeiro caminho de sua saluação, em cuja conuersão podem aproueitar muyto, trazẽdo esta gẽte perdida ao rebanho das ouelhas de Christo, como fazẽ os Religiosos de S. Domingos, q̃ por estas partes andaõ prègando, & fazendo officio de varões Apostolicos: & os de S. Agostinho, que os annos passados entrarão na costa de Milinde, & fundarão caza na ilha de Mombaça, onde fazem muito seruiço a Deos. E por quanto meu intento (como fica dito) he tratar primeiro da Ethiopia Oriental, & a primeira, & mais antiga fortaleza de toda esta costa, he a de Sofala, della me pareceo, que deuia dar principio a este liuro, o que farei depois de dar hũa breue relação das quatro partes do mundo, no primeiro capitulo.

LIVRO PRIMEIRO DA ETHIOPIA ORIENTAL, EM QVE SE DA RELAção das terras de Sofala, & de toda ſua coſta, do Quiteue Rey de todo eſte ſertão, & dos coſtumes de ſeus vaſſallos Gentios, & Mouros: dos animaes, bichos, & aues, aſsi da terra, como do mar: & de outras couſas notaueis deſta Região.

¶ CAPIT. PRIMEIRO, *Em que ſe dà hũa breue relação das quatro partes do mundo, conforme à deſcripção de diuerſos Autores.*

DESCReuendo os Geographos antigos toda a terra q̃ no mundo auia deſcuberta atè ſeu tempo, julgârão, como diz Oroſio, que era ſituada em triangulo, & por iſſo a diuidirão em tres partes, que ſaõ Aſia, Africa, & Europa. Os modernos acrecentârão a quarta parte, que deſpois ſe deſcubrio no anno de 1497. a que chamarão America, por reſpeito de Americo Veſpucio Florentino deſcubridor della, como diz Appiano, poſto q̃ alguns homẽs doutos querem dar a honra de ſeu deſcubrimento a Chriſtouão Columbo Genoues, affirmãdo que elle a deſcubrio no ãnno de 1492. Eſta parte do mundo he cercada em roda do mar Oceano: diuide ſe das outras tres partes por meyo do mar do Norte, & da parte do Sul ſe diuide da terra Auſtral incognita, polo eſtreito que deſcobrio Fernãdo de Magalhães Portugues, no anno do Senhor, de 1520. o qual tem cento & vinte legoas de comprido, & duas de largo, & corre de Leſte a Oeſte, & tem as bocas ambas em 52. graos & meyo da banda do Sul. A terra firme, que corre ao longo delle de hũa, & outra parte, he de ſerras muy altas, & fragoſas, & tão frias, q̃ quaſi todo o anno eſtão cubertas de neue: crião muy grandes aruores, & particularmente cedros, & tambem muytas feras,

Eſtreito de Magalhães.

A

ras,& bichos peçonhentos.

¶ Esta terra de America he quasi tão grande como as outras tres partes do mũdo juntas,& asi a diuidirão os Geographos em outras tres partes,que saõ Mexicana,Perûana, & Magallanica. Muyta parte della està descuberta polos Espanhoes, & as Prouincias mais principaes que tem, saõ a Prouincia chamada Terra do Laurador, & a terra dos Bacalhaos, Norombega, Noua Francia, Virginea,Florida, Panuco, Noua Espanha, cuja cabeça he Mexico, Nicaranga,Guatimala, Xalisco,ou Noua Galiza,Noua Granada,Iucatan, Nombre de Dios,Panama, Paria, Cubagua,Honduras, Vraua, ou Veragua, Caribana, Darian,Cabo de Vella, Carthagena, Santa Martha, Venezuela,Terra do Brasil,Rio da Prata, Região Patagonica, Chili,Perû,& outras muitas, & muy largas Prouincias, q̃ deixo por abreuiar,nas quaes ha mui grossas minas de ouro & prata,& no seu mar de Leuante muitas & ricas perolas.

Prouincias de America.

¶ He cortada esta terra de muitos & mui grandes rios: entre os quaes os principaes saõ o rio Orilhana, asi chamado porq̃ o descubrio Francisco Orilhana. Tem de boca 50. legoas,& corre quasi todo por baxo da linha Equinocial,por espaço de mil & quinhentas legoas: enchẽ as marês por elle acima mais de cẽ legoas: tem muitas ilhas, em hũa das quaes habitauão certas molheres q̃ viuião ao modo das Amazonas. O segũdo he o famoso rio Maranhão, cuja boca està ẽ tres graos da parte do Sul: & tẽ quinze legoas de largo,& muitas ilhas em que se colhe Incenso, Balsamo,& finas Esmeraldas. O terceiro, he o Rio da Prata, cuja boca està em 35.graos da banda do Sul. He de grandes enchentes,como o rio Nilo. Nace dentro no Perû, & tem muita prata: seus habitadores saõ agigantados,& viuẽ cento & cincoenta annos pouco mais ou menos. As ilhas principaes que tem esta terra, saõ a Cuba, que tem duzentas legoas de comprido, & setenta de largo. A ilha de S. Domingo,de 150.legoas de comprido.& 40.de largo. A ilha de S.Ioão,de 50.legoas de comprido,& dezoito de largo. A ilha de Sãtiago, de 50.legoas de

Rio Orilhana.

Rio Maranhão.

Rio da Prata.

Cuba.

Ilha de S. Domingo.

Ilha de S. Ioão.

Ilha de Sãtiago.

de comprido, & 20. de largo. A ilha de Maracapana, onde os Gentios martirizarão tres religiosos da ordem de S. Domingos, que andauão nella prêgando, & fazendo Christandade. Muitas cousas mui notaueis tem esta America, de que não trato, por não ser esse meu intento.

Ilha Maracapana.

ASIA.

ASia (segũdo escreue Herodoto) tomou este nome de Asio filho de Maneo: dõde na cidade Sardis auia hũa geração de homẽs, a q̃ chamauão Asios. Tẽ por seus limites da parte do Ponẽte o mar Roxo, por onde se diuide de Africa: & da parte do Norte o mar Mediterraneo, & o mar Euxino, & os rios Tanais, & Duina, & a lagoa Meôtis, por onde se diuide de Europa. Polas outras tres partes he rodeada do mar Oceano, o qual da parte do Norte se chama *Scythico*, & do Leste Oriental, & do Meyo dia Indico. O monte Tauro a diuide em duas partes, atrauessãdoa de Leste a Oeste. A parte que fica pera o Sul, se chama Asia mayor, & a do Norte Menor.

¶ *Santo* Anselmo diuidindo Asia nomea nella somente trinta, & hũa Prouincias, & outros Autores mais doze, as quaes todas saõ as seguintes: As Prouincias Asiasticas do grã Duque de Moscouia; Turquia, na qual se incluem as Prouincias Licaonia, Cappadocia, Isauria, Licia, Paphlagonia, Lanech, & Phrygia, onde foy Troya, sojeitas ao grã Turco; Palestina, Phænicia, Cœlesyria, as tres Arabias Felix, Petrea, & Deserta, Pãchaya, Mesopotamia, Susia, Sarmaçia, Albania, Bithinia, Lydia, Natollia, Ciliçia, Ponto, ou Misia inferior, Galacia, Scythia, Armenia mayor, & menor: Persia, debaxo do qual Imperio se comprendem as Prouincias, Assyria, Media, Susiana, Parthia, Hyrcania, Bactriana, Paroponasa, Dragiana, Arachosia, Carmania, & grande parte de Armenia mayor, todas sojeitas ao Persa: India: a gram Tartaria: as quinze Prouincias opulentissimas da China. As ilhas mais principaes que tem saõ as do Iappão, Philippinas, Malucas, Borneo, Gilolo, Solor, & Timor, Iaua, Sunda, Samatra, Ceylão, Maldiua,

Lib. de Imag. mun di Prouinci as de Asia.

Ilhas de Asia.

ua, Tanâ, & Ormuz.

¶ Esta parte do mundo he muito mayor que Europa, & Africa, asi em grandeza, como em riqueza de pedraria, perolas, & especiarias. Antiguamente foy muito famosa, pola Monarchia dos Asyrios, Medos, & Parthos, & oje o he pola dos Persas, & Turcos, & polo grande poder dos Tartaros, Mogores, & Chinas. Nesta parte do mundo foy nosso padre Adã criado, & posto no parayso terreal, & saluo o genero humano do diluuio vniuersal, pola arca de Noe, & redemido por Christo nosso Senhor, & Saluador; & as hystorias do Testamento velho, & muita parte das do nouo, sucederão nestas terras. Nellas ha muitos & grandes rios, como he o rio Gãges, Indo, Tigris, & Eufrates. Muitas grandezas, & cousas admiraueis tem Asia, de que não trato, porque como tenho dito, não he esse meu intento.

Rios de Asia.

EVROPA.

EVropa tomou este nome de hũa Princesa chamada Europa, filha de Agenor Rey de Tyro, da prouincia Phœnicia, situada em Asia, a qual furtou Iuppiter, & a leuou para a ilha de Creta, que agora se chama Candia, que està no mar Mediterraneo, perto da terra firme de Europa, & por respeito desta Princesa, ficou seu nome a esta terra, como escreue Pomponio Mella. Da parte do Sul se diuide de Africa polo mar Mediterraneo, & Estreito de Gibraltar: & do Leuante se diuide de Asia polo mar Euxino, rios Tanais, & Duina, & lagoa Meôtis. Da parte Occidental he cercada com o mar Athlantico, ou Barbarico, & do Norte com o mar de Inglaterra.

¶ As Prouincias principaes desta terra sam as seguintes. Espanha, na qual se contem Lusitania, Castella, Galiza, Biscaya, Nauarra, Leão, Aragão, Valença, Toledo, Murcia, Granada, Cordoua, & os Algarues, todas sujeitas a ElRey Philippe nosso Senhor. França, mayor prouincia de Europa, a qual tem quinze Arcebispados, cento & oito Bispados, & cento & trinta & duas mil parrochias.

Prouincias de Europa.

Italia,

Italia, onde está Roma, Veneza, Napoles, Genoua, Milão, Florença, Rauena, cidades nobilissimas. Tuscia, Vngria, Liuonia, Russia, Thracia, Carinthia, Dinamarca, Moscouia, Lacedæmonia, Polonia; na qual se incluem as prouincias Lituania, Prussia, Russia menor, Podolia, Maçobia, Volhinia, Samogicia: Alemanha alta, na qual se comprendẽ as Prouincias Bauaria, Austria, Sueuia, Moguncia, Stiria, Thessis, Eluescia, Alsacia, Rhenes, & outras: Alemanha baixa, onde se incluem Lotharingia, Holandia, Zelandia, Frisia, Flãdres, Boemia, Hassia, Brabancia, Geldria, Dauia peninsula, Pomeriana, Stesia, Morauia, Missna, Thuringia, & outras: Germania, a qual comprende Saxonia, Vvestualia, Frãconia, Rhescia, Vindelicia, Norica, Pannonia, & os montes Alpes, & parte do Illirico, Trento, & quasi toda a nação dos Belgas, & outras: Grecia, na qual se comprendem Thessalia, Attica, Peloponeso, Epiro, Boecia, Pirrebia, Magnesia, Phtiote, Acarnania, Etolia, Locris, Phocis, Euboya, & outras: Esclauonia, a qual comprendẽ Liburnia, Croacia, Bosnia, Dalmacia, & outras menos principaes, que deixo por abreuiar. As ilhas mais insignes que tem, saõ Inglaterra, Escocia, Irlanda, Sardenha, Corcica, Sicilia, Negroponto, Stalimene, Cãdia, Zelanda, Ibiça, Malhorca, & Minorca, as Terceiras, & outras muitas.

¶ Esta terra de Europa hè a menor das quatro partes do mundo, porem excede a todas em nobreza, virtude, grauidade, magnificẽcia, & quantidade de gente politica. Antiguamente senhoreaua a toda Asia, & Africa, como Rainha, por via da Monarchia Grega, & Romana, & ao presente pola autoridade da santa Sè Apostolica, sita em Roma, cabeça do mundo, & da Christandade, & polo grande poder de Espanha, com q̃ saõ senhoreadas muitas Prouincias, & Reinos, assi das Indias Orientaes, como das Occidentaes.

AFRICA.

AFRICA tomou este nome de hum neto de

 Abraham,

Abraham, chamado Affer, da geração de Cethura. O qual passou com seu exercito a esta terra, como escreue Iosepho, & depois de vencidos seus inimigos, fez assento nella, & poslhe seu nome, por que dantes se chamaua Libya, por respeito de hũa Raynha da mesma terra, assi chamada, molher que foy de Epapho filho de Iuppiter, de que trata Pomponio Mella. Esta parte do mundo tem por seus limites o mar Roxo da banda do Leuante, & das outras tres partes o Mar Oceano, & Mediterraneo. O mar que a cerca da parte do Norte se chama Libyco, & da parte do Ponente Athlantico. O da parte do Sul Ethiopico. Esta terra foy habitada logo no principio somente de quatro nações de gente, duas naturaes da terra, como saõ os Africanos, que ficão da parte do Norte, & os Ethiopes, q̃ habitão as partes do Sul: & as outras duas estrangeiras, que forão os Phenicianos, & os Gregos, que pouoarão algũas terras da parte do Nordeste, & de Leuante. Foi mui famosa, pola potẽcia dos Carthaginenses, polo esforço militar dos valerosos capitães Hannibal, Masinissa, & Iugurtha. Recebeo muita gloria & fama polas sciencias dos Egypcios, & por suas marauilhosas fabricas.

Lib. 1. de Antiq.

Lib. 5. cap. 4.

Os primeiros habitadores de Africa.

¶ Ptholemæo descreuendo esta parte de Affrica, nomea nella somente doze Prouincias mais principaes, começando do estreito de Gibraltar ate o mar Roxo: conuem a saber, Mauritania, onde està o monte Auila, & hũa das columnas de Hercules, Numidia, onde està Argel, Bugia, Tunez, & Carthago, ao qual territorio chamamos Africa; Missilia: a Prouincia chamada a terra dos Carthagenenses: a Prouincia dos Masamões: a dos Asbitas; Geulos: Marmaridas; Pharusios: Garamantes; & a de Ethiopia.

Doze prouincias de Africa.

¶ Outros autores acrecentarão, & nomearão mais as Prouincias seguintes: O Egypto, que tambem dizem ser Região de Affrica, a qual foy assi chamada por elRei Egypto irmão de Danao, chamandose antes Aërea. Pola parte do Leuante se ajunta esta Prouincia com o mar Vermelho, & com a Região de Palestina, & do Ponente com a Re-

Egypto.

gião de Cyrenne, & fim de Affrica, onde está a grãde Prouincia da Nuuia, cujos pouos antiguamẽte forão Christãos, & oje tem muy pouco lume da fè, como diz Ortelio. E pola parte do Meyo dia tem a Ethiopia Occidental, & da banda do Norte o mar Mediterraneo, chamado Egypciaco. As principaes cidades desta Prouincia forão Thebas, Abydos, Alexandria, Babylon, Mẽphis, que oje se chama Damiata, & o gran Cairo, que antiguamente foy assento real do Sultaõ do Egypto, & oje he do gram Turco.

Cidades principaes de Egypto

Varias gẽtes de Affrica.

¶ Iunto ao Egypto viue hũa casta de Affricanos, a que chamão Adrimachidas, que tem os mesmos costumes dos Egypcianos, mas não comẽ carne de porco, nem de vacca. Logo se seguem os Pænos pera a parte do Ponente, os quaes occupaõ muitas, & diuersas Regiões de Affrica, & sam muy grandes creadores de gado vaccũm. Os Massagetas se vão continuando pera o mar Egypciaco: os quaes tem as molheres commuas, & sam grandes feiticeiros, & adeuinhadores. Daqui vão correndo para o Ponente os Macas, & os Gnidanes, que trazem coroas rapadas, como clerigos. Os Machiles viuem junto da lagoa Tritonida, & trazem guedelha muito grande do meyo da cabeça para o toutiço, que lhe dece polas costas abayxo. Da outra parte desta lagoa viuem os Auses, que trazem topetes muy grandes, como cauallos, que lhe cobrem o rosto, & toda a mais cabeça rapada. Os Athlantes viuem junto ao monte Athlas; naõ comem carne de animal algum, senaõ heruas, & legumes. Os Affros ordinariamente se sustentão de feras, & animaes syluestres, & de leite: mas não comem vacca, nem porco. Deyxaõ crecer o cabello da cabeça da parte direita, & cortão o da esquerda. Os Maxies sam muy semelhantes a estes em todos os costumes, & alem disso ordinariamente andão pintados com vermelhão. Os Zabicas vizinhos destes sam mui esforçados, & dados á milicia da guerra, & exercicio da caça, & as molheres a semear, & cultiuar as terras. Os Zingantes viuem no meyo deste sertaõ de Africa, onde ha

Massagetas.

Macas. Gnidanes.

Machiles.

Auses.

Athlantes

Affros.

Maxies.

Zabicas.

Zingantes

ha muito mel, que he o seu ordinario mantimento, & andão todos pintados de vermelhão. Todas estas nações de Barbaros, que ficão ditas, saõ de cor baça, & o cabello corredio. Viuem no campo como saluagens, & ordinariamente andaõ nûs, saluo aquelles, que se cobrem com pelles de Bogios, & de outros animaes sylue strres.

ETHIOPIA OCCIDENTAL, ou Interior.

Ethiopia, & seus nomes antiguos.

TOrnando pois â Ethiopia (da qual he meu intento tratar mais largamente) he de saber, que esta Prouincia se chamaua antiguamente Etherea, & depois se chamou Athlãcia, mas agora tem este nome de Ethiopia, que tomou de Ethiope, como dizem Herodoto, & Plinio. Esta Prouincia diuide Homero em duas Ethiopias, conuem a saber, em Ethiopia Occidental, & Oriental. A Ethiopia Occidental começando do Cabo de Boa esperãça (q̃ lhe fica pera o Ponente) vay correndo polo meyo da terra atè o Egypto, que està da parte do Leuante, & cõfina da banda do Sul com a Ethiopia supra Aegyptũ, a q̃ chamão Ethiopia Oriental, & da banda do Norte com as terras da Libya, que vão correndo pera o Nacente, onde habitão os Troglodytas, a quem os Gregos chamão pastores. Estes saõ como saluagẽs; porque comem todos os animaes immundos, & circuncidão os filhos; & como diz Ioão Bohemo, poem nomes a seus filhos, não de seus antepassados, como fazem outras nações, senão de animaes, chamando a hũs boys, a outros carneiros: & tambem chamão a estes mesmos animaes pais, & mães, porque lhe dão a sustentação de cada dia, como os pais dão aos filhos. Quando tem algũas brigas entre si, & as molheres se metem entre elles pera os apartar, logo deyxão a briga sem algũa cõtradição, & lhe obedecem. Tem polo mayor mal de todos desejar hum homem de viuer, que não presta pera fazer algum feito heroyco em sua vida. Iunto a estes viuem os Rizophagos, tão ferozes & esforçados, que pelejão cõ os Leões. Daqui se vão continuando os Isophagos, Espar-

Osor. lib. 4. de reb. gest. Emman.

Ethiopia Occidẽtal

Troglodytas.

Lib. 1. de Moribus gent. c. 6.

Rizogaphos.

Isogaphos

Esparmatogaphos. Cynecces. Acridogaphos. Canimos. Ichthyophagos. No mesmo lugar.

parmatogaphos, Cynecces, Acridogaphos, Canimos, & os Ichthyophagos, todos Barbaros, & pretos, de cabello crespo. E destes vltimos diz Bohemo, que tem por grande beamauenturança não possuir aquellas cousas, que quãdo se perdem, causaõ dor & sentimento à quem as perde.

ETHIOPIA ORIENtal, ou Supra Aegyptum.

Ethiopia Oriental. Osorio, vbi sup.

A Ethiopia Oriental, cõmeçãdo do mesmo Cabo de Boa esperança, vem corrẽdo toda a costa do mar Oceano Ethiopico, do Ponente pera o Leuante atè o mar Vermelho, onde fenece, ficandolhe da banda da terra em longo a Ethiopia Occidental. Esta Prouincia em partes he fertilissima, & mui abundante de mantimentos, & creações de vaccas, cabras, & ouelhas, & muitas galinhas. He pouoada de muita diuersidade de nações, não somente nas lingoas, mas tãbem nos costumes, & feições do rosto. Em partes he deserta, aspera, & infructifera, onde se crião muitas feras, como saõ Leões, Tigres, Onças, Vrsos, & muitos animaes syluestres, & brauos, como saõ Elefantes, Badas, Bufaros, vaccas brauas, que saõ mui semelhantes aas mansas, veados, empophos, que saõ semelhantes a cauallos, mas muito mayores, Nondos, que saõ semelhantes a rocins castanhos pequenos, algum tanto derreados das cadeiras, mas correm como vento: Merûs, que saõ como asnos; os quaes todos tẽ cornos, & vnha fendida: muitas Zeuras muy pintadas, & fermosas, & muitos outros animaes, & bichos infinitos. He terra calidissima, doentia, & perjudicial aos estrangeiros, & mais em particular aos Portugueses, porque nella adoecem ordinariamente, & morrem de febres: mas nem isso he bastante pera lhes reprimir a cobiça, & sede com que passaõ a ella em busca de suas minas, & riquezas, offerecẽdose a trabalhos, perigos, & mortes, polas alcãçar. Isto que tenho dito summariamente da Ethiopia, baste por agora, porque as demais particularidades suas direi polo discurso da hystoria que se segue.

Animaes desta prouincia. Empophos. Nondos. Merûs. Zeuras.

¶ E

¶ E porque pera o bom entendimẽto & credito de qual quer hystoria, he necessario saberse o fundamento della, & a rezão em que se funda o autor que a conta, pera que assi mais facilmẽte se venha em conhecimento de sua verdade (sendo a hystoria que pretendo tratar da Ethiopia Oriental, de que tiue larga noticia em onze annos que nella residi) pareceome que ficaua obrigado antes que della falasse, dizer a causa que tiue para ir a estas partes, & como andey por ellas, & pera que effeito, porque vẽdose as cousas que adiante contar como testemunha de vista, se lhe dè o credito deuido.

¶ No anno do Senhor de mil & quinhentos & oitẽta e cinco, sabendo o Bispo de Malaca, que então era dom Ioão Gayo Ribeyro, o grande numero de Christaõs que os Religiosos da ordem dos Prêgadores tinhão feito, & fazião cada dia nas ilhas de Solor, & Timor (como pastor que era daquellas partes, desejando que fosse de bem em melhor, o augmento & conseruação de sua Christandade) escreueo algũas cartas aõ Archiduque de Austria Alberto, que nesse tempo era Cardeal, & gouernaua este Reyno de Portugal, & outras ao nosso Padre Prouincial, que então era o Padre Mestre Frey Hieronymo Correa, nas quaes pedia com muyta instancia lhe mandassem Padres desta sagrada Religião, para cultiuarem, & sustentarem aquella Christandade, que la tinhamos à nossa conta. Lidas estas cartas, foraõ logo manifestadas aos Religiosos desta nossa Prouincia, & muytos delles se offerecerão logo para ir a esta noua empresa, entre os quaes eu tambem me offereci para os ajudar na conuersaõ das almas, porque asi pudesse merecer, & alcãçar a saluação da minha.

Tanto que as naos de viagem estiuerão auiadas, nos embarcamos todos, & partimos da barra de Lisboa aos treze dias do mes de Abril, do anno do Senhor de mil & quinhentos, & oitenta & seis. Dobramos o Cabo de Boa esperãça a 2. de Iulho, & chegamos a Moçãbique a 13. d'Agosto, onde a obediencia me deixou, pera dali passar a Sofala,

&

& residir na sua Christandade, da qual tratarei na segunda parte, dando agora o primeiro lugar â descripsaõ destas terras, & gentes da Ethiopia. E por quanto a fortaleza de Sofala he a mais antigua, & a primeira que os Portugueses nella edificârão, daqui me pareceo deuia começar a hystoria seguinte.

¶ CAPIT. SEGVNDO.

¶ Da fortaleza de Sofala, & suas pouoações.

A Fortaleza de Sofala està em vinte graos & meyo da banda do Sul, situada na costa da Ethiopia Oriental, perto do mar, & junto a hum rio, que tem de boca hũa legoa, pouco mais ou menos, & nace pola terra dentro obra de cem legoas, nas terras a que chamão Mocarangua, & passa por hũa cidade, que chamão Zimbaoë, onde viue sempre o Quiteue, que he Rey de muita parte destas terras, & de todo o rio de Sofala. Por este rio acima nauegão os moradores da fortaleza de Sofala, & leuão suas mercadorias ate a Manica, q̃ he terra de muito ouro, situada polo sertão dentro mais de sesenta legoas, onde vendem suas fazendas, & trazem muito ouro em pastas, lascas, & em pò.

Ouro da Manica.

¶ He a fortaleza de Sofala quadrada, & cercada de muro de vinte & cinco palmos de altura. Tem quatro baluartes redondos nos quatro cantos, guarnecidos de artelharia grossa & miuda. Em hũa quadra da banda do mar, tem hũa larga & fermosa torre de dous sobrados, & ao pè della hũa salla fermosissima, as quaes casas saõ aposentos do capitão da fortaleza. Nos baixos desta sala tem o capitão suas despensas, & no vão da torre do chão ate o primeiro sobrado, hũa mui fermosa, & boa cisterna de agoa da chuua, de que bebe ordinariamente a mais da gente de Sofala, por ser muito melhor, que a dos poços, & não bebem do rio, porque ali he toda sua agoa muito salgada. Dentro nesta fortaleza està a Igreja Matriz, que he a freguesia de toda a gente da terra. Na quadra do muro q̃ vai para

Fortaleza de Sofala.

para a bãda da pouoação està hũa fermosa casa, que serue de feitoria, onde se recolhem todas as fazendas, assim roupas & contas, que vem de Moçãbique, como marfim, q̃ se cõpra, & a junta por todas estas terras.

Hermidas de Sofala.

¶ Iunto a esta fortaleza de Sofala esta a pouoação dos moradores Christãos: na qual auia no tempo, que eu là estaua mais de 600. almas de cõfissaõ, em que entrauão Portugueses, Mistiços, & gente da terra. Nesta pouoação està hua hermida da inuocação do Spiritu Santo. Nos fizemos outra da inuocação de nossa Sennhora do Rosario nas cazas em que morauamos, & fora da pouoação fizemos outra da inuocação da Madre de Deos em hum palmar nosso, que he o milhor posto & saida que tem Sofala, a qual he de muita romagem, & deuação da gente da terra. E ambas estas hermidas deixamos mui bem ornadas de peças & ornamentos, quando nos saimos de Sofala.

Trato de Sofala.

¶ Os moradores desta fortaleza ordinariamente sam mercadores, hũs se occupão em ir a Manica, ao resgate do ouro, com roupas, & contas, assi do capitão, como suas, & outros ao rio da Sabia, & aas ilhas das Bocicas, & a outros rios, que estão perto de Sofala, ao resgate do marfim, ambar, gergelim, & outros legumes, & muitos escrauos. As molheres desta terra todas se occupão em semear arroz, em o que andão a mayor parte do anno, hora cauando a terra, hora semeando, despondo, & mondando; o que tudo fazem a poder da enxada, & nada se semea cõ arado.

Pouoação dos Mouros.

¶ Outra pouoação hà em Sofala de Mouros, afastada da fortaleza obra de dous tiros de espingarda, na qual aueria no tempo que eu la estaua cem vezinhos, os quaes saõ vassallos da nossa fortaleza, & muito sogeitos ao capitão, & aos mais Christãos. Todos saõ pobres, & miseraueis, & ordinariamente viuẽ de seruir aos Portugueses em seus caminhos, & mercancias, & de marinheiros. As Mouras tambem se occupão nas sementeiras, como fazem as Christãs, & de tudo o que colhem pagão o dizimo à nossa igreja.

Cap.

¶ CAPIT. TERCEIRO.

¶ Da fundação da fortaleza de Sofala, & da treição & guerra que os Mouros lhe fizerão, em que foy morto o Rey da terra, & os Portuguefes fenhores della.

O Capitão que refide na fortaleza de Sofala, he pofto polo capitão de Moçambique, & nella refidião antiguamente os capitaẽs de Sofala, & Moçambique, & na ilha de Moçambique nam auia mais que hũa feytoria, onde eftaua hum feytor do capitaõ de Sofala: ate que em tempo que gouernaua a Raynha Dona Catherina por el Rey dom Sebaftião, fe mandou fazer a fortaleza de Moçambique, com receo dos Turcos do Efteito de Meca, que foy no anno do Senhor de mil & quinhentos & cincoenta & oito, fendo Vicerei da India dom Conftantino, & depois de feita a fortaleza, refidiaõ os capitaẽs feis mefes em Moçambique, & outros feis em Sofala: mas ja agora fempre os capitães eftão na fortaleza de Moçambique, & nefta de Sofala poem outro de fua mão, com particular prouifam, que pera iffo tem dos Vicereis da India.

Pero da Nhaya fez a fortaleza de Sofala.

¶ Efta fortaleza foy feita por Pedro da Nhaya no anno do Senhor de mil & quinhentos & cinco, o qual foy a efta cofta por mandado del Rey dom Manoel de gloriofa memoria, com hũa armada de feis naos: & depois de paffar na viagem muitos trabalhos, chegou ao rio de Sofala, onde entrou com quatro naos mais pequenas, deixando as duas grandes no mar, por não poderem entrar a barra, que he muito baixa. E depois que defembarcou foy fazendo efta fortaleza por confentimento do Rey da terra, que era Mouro, chamado Zufe, o qual era cego de ambos os olhos, de hũa doença que teue. Mas depois que Pero da Nhaya teue a fortaleza quafi feyta, o Rey Zufe fe arrependeo de ter dado confentimento para fe fazer a tal fortaleza nas fuas terras, & por confelho dos principaes Mouros feus vaffallos, determinou

Tralção de Zufe, Rey de Sofala.

minou matar aos Portugueses, & tomarlhe a fortaleza. Esta treyção foy logo descuberta por hum Mouro Abexim, que moraua na mesma terra, chamado Açotes, grande amigo de Pero da Nhaya: & com este auiso se fizerão logo prestes todos os Portugueses dentro na fortaleza, para resistir aos Mouros, os quaes vierão no mesmo dia, que pera isso tinhão determinado, cuidando que não sabião os Portugueses de sua treyçam, nem estauão apercebidos: no que se acharão muito enganados, porque começando de abalroar a fortaleza com muita furia, acharão tanta resistencia, & esforço nos Portugueses, que não podendo esperar seu impeto, voltarão as costas, fogindo para os aposentos onde estaua o Rey fortalecido, & os Portugueses lhe forão dando nas costas, ate entrarem as casas do proprio Rey: o qual ainda que cego, pretendeo vender sua vida a troco de tirar as de seus inimigos: polo que fez algũs tiros com azagayas, que tinha junto de si, & ferio alguns Portugueses, entre os quaes hum

Vitorias de Portugueses.

foy Pero da Nhaya: mas duroulhe pouco esta resistencia, porque logo foy morto polos Portugueses, com muitos de seus vassallos, & os demais vencidos, & desbaratados.

Morte de Zufe.

¶ No principio desta briga acodio Açotes, com cem homens de sua obrigação, & familia, & se pos logo da parte de Pero da Nhaya seu amigo, & pelejou cõ toda sua gente em defensam dos Portugueses, como leal, & fiel amigo. Polo qual respeito, Pero da Nhaya o fez Rei dos Mouros de Sofala, & reinou nella toda sua vida pacificamente, assi com os Mouros, como com os Portugueses. E Pero da Nhaya acabou a dita fortaleza em paz, & faleceo nella depois de a ter feita, ficando em seu lugar por capitão Manoel Fernandez, que nesta costa andaua por feitor del Rey. No anno de mil & quinhentos & oitenta & seys, em que eu fuy a esta fortaleza, achey inda nella alguns Mouros velhos, & algũas molheres Christãs, que auião sido Mouras, naturaes da mesma terra, que se lembrauão mui bẽ desta guerra, & de

Açotes Rei de Sofala por Pero da Nhaya.

& de quando se fez a fortaleza, que neste tempo auia mais de oitenta annos q̃ era feita.

¶ Ia que falei neste Reino de Sofala, he de saber, que antigamente em muitas fraldas do mar desta costa, & particularmente nas bocas dos rios, & nas ilhas, auia pouoações mui grãdes, habitadas d' Mouros, com seus termos cheosde muitos palmares, & fazendas, & cadahũa destas cidades tinha seu Rey, como era este Zufe de Sofala; os quaes tinhão paz & commercio com os Reis Cafres senhores do sertão: mas ja oje ha muyto poucos Reis destes Mouros, porque os mais delles se acabârão com a entrada dos Portugueses nestas terras, como forão os de Sofala, onde ja não ha Reis Mouros, nem casta delles; & no lugar destes Reys ficarão os capitães de Sofala, que têm agora o mesmo commercio, & amizade, q̃ elles tinhão com o Quiteue Rey de todas estas terras do sertão.

¶ CAP. QVARTO.

Das creações, aruores, & frutos, que ha em Sofala, & suas terras.

NAs terras de Sofala ha muitas hortas que tẽ hortaliça como a de Portugal, & muitas aruores de fruto, como saõ Romeyras, que todo o anno tem Romãs hũas verdes, outras maduras, & outras em flor: muitas figueiras de Portugal, que todo o anno dão figos pretos, excellentissimos, mui semelhantes aos figos rebaldios. Muitas parreiras, q̃ dão vuas duas vezes no anno, hũas em Ianeiro, & outras em Iulho. Larangeiras, & limeiras de muitas & boas limas. Polos campos & matos ha infinidade de mangericões, & jasmĩs, com suas flores brancas, mui cheirosas. Ha muitos ananazes, como os do Brasil excellentissimos. Muitas figueiras da India, que dão mui grãdes ramos de figos, os quaes sam do tamanho de pipinos, & quando saõ maduros fazem se amarellos, & cheirão, & sabem muito bem. Algũs ramos de figos vi nesta terra, que tinha cadahum delles setenta figos, & mais, todos juntos em hũa pinha, como hum cacho de vuas, & escassamente o podia hum homem leuantar do chão.

Fruitas de Portugal em Sofala.

chão. Ha muitos & grandes palmares, que dão infinitos cocos, & vinho, de que tratarei mais largamente adiante. Ha mui grãdes canaueaes de canas de açucar ao longo do rio, que os Cafres semeão, & cultiuão cada anno, não para fazer açucar (como se pudera fazer se nesta terra ouuera engenhos) senão somẽte para comer: as quaes canas saõ muita parte do mantimento com que se sustentão. Ha muito milho, & arroz, muitos inhames, batatas, feijões, & outra muita variedade de legumes, & tudo isto mui barato.

Azeite de gergelim.

¶ Em todas estas terras ha muito gergelim, muito aluo, & bom, de que se faz azeite, & delle comẽ ordinariamẽte todos, como em Portugal se come o da oliueira. Para se fazer delle azeite pisase muito bem em hũs vasos de pao, feitos ao modo de hum gral, mas tão grandes que dão pola cinta a hũa pessoa. Os Cafres lhe chamão Chuni, & os Portugueses Pilão. Depois q̃ o gergelim esta bem pizado, & feito em massa, espremese muyto bem com os mesmos paos com que o pizão, & lansa hum oleo muy claro, & fermoso, a que chamão azeite de gergelim, & o bagaço que fica espremido, comem os Cafres com o milho cozido em lugar de manteyga ou de conduto. Da mesma maneyra se faz o azeite de coco depois de seco & auellado, o qual azeite arde melhor, & dà mais claro lume que o de oliueira; alem disso he mui excellente para as feridas, & chagas, & somente com elle se curão os Cafres, lauando, & vntando suas feridas.

Azeite de coco.

¶ No reino da Manica se crião hũas aruores pequenas emcima de serras & rochas, as quaes a mòr parte do anno estão secas, sem folha, nẽ verdura; mas tẽ tal propriedade, que se lhe cortão algũ ramo, & o deitão na agoa, em espaço de doze oras arrebenta, & florece cõ folhas verdes, mas se o tirão da agoa, tanto que se enxuga, torna a ficar tão seco como dantes. Dizẽ os Cafres, que inda que este pao estè colhido dez annos, se no cabo delles o meterem dẽtro na agoa, que logo florecera, & ficarà verde. Este pao moido, & dado a beber em agoa, he bom para estãcar camaras de sangue; chamãolhe os Cafres Mun-

Pao Muna god ao, admirauel.

Mungodão, parecese muito cõ carrasco, mas não tẽ as folhas tão asperas.

Matuui, pao, defensiuo do ar.

¶ Outro pao ha, q̃ os Cafres chamaõ Matuui, nome q̃ signi fica o esterco do homẽ, & a causa de lhe pórem este nome he, porq̃ tem o mesmo roim cheiro, taõ nojẽto, q̃ não ha pessoa que o possa soffrer. Na India tambẽ ha deste pao, sua aruore he como espinheiro: dizẽ os Cafres, & a gente da India, q̃ tem grande virtude contra o ar, & por esse respeito o trazẽ muitas pessoas enfiado como cõtas, & atado no braço, junto da carne, & particularmente os mininos de tenra idade.

Matos de limões.

¶ Ao lõgo do rio de Sofala, em duas partes estaõ dous matos deuolutos, sem dono proprio, cheyos de larangeiras, & limoeiros, & quantos querem colher delles o fazẽ liuremẽte: & saõ tãtos os limões, q̃ os Cafres carregaõ embarcações delles, & vẽ polo rio abayxo, atè Sofala, onde os vẽdẽ quasi de graça, & os moradores da fortaleza enchem barrìs & panellas do çumo, e dos mesmos limões salgados, q̃ mandão pera a India, onde saõ muy estimados, & comẽse cõ o arroz.

Pão de milho, & arroz.

¶ O paõ ordinario q̃ se come em Sofala, he de milho, & arroz misturado, de q̃ fazẽ hũs bollos, a q̃ chamão Mocates. Em quãto estão quẽtes saõ sofriueis, mas depois de frios, nã ha quẽ os possa comer. Os Portugueses bebẽ de ordinario vinho de palmeiras, & os Cafres vinho de milho q̃ fazẽ mui forte, q̃ embebeda, como adiante direy.

Vinho de milho.

A carne q̃ se come cõmũmente saõ galinhas, das quaes ha infinitas, q̃ os Cafres crião pera vẽder aos Portugueses, & dẽtro em Sofala daõ doze por hũ bertangî preto, q̃ ali val ao mais dous tostoẽs: & se as vão cõpar a suas casas, onde morão polo rio acima, daõ dezaseis, & dezoito polo mesmo panno, q̃ sae cada galinha a onze reis pouco mais ou menos: as quaes saõ muito boas, & quasi tamanhas como as de Portugal. Tã bem ha muitos porcos mansos que se criaõ polas casas, muytas cabras, & vaccas, muita carne de veados, porcos do mato, & outros animaes syluestres, de que tratarey mais largamẽte em outro lugar.

¶ CAPITVLO QVINTO.

¶ *Dos costumes do Quiteue, Rey das terras & rio de Sofala, & de quem socede no Reyno por sua morte.*

 He

HE o Rey de todas estas terras do sertão, & rio de Sofala, Cafre, de cabello reuolto, Gẽtio, não adora cousa algũa, nẽ tem conhecimento de Deos, antes diz q̃ elle o he de suas terras, & por tal he tido, & reuerenciado de seus vassallos, como adiante direy. A este Rey chamão Quiteue, nome cõmum a todos os Reys deste reino, & asi perdẽ o nome proprio que tinhaõ antes q̃ fossem Reys, nẽ sam mais nomeados por elle.

Molheres do Quiteue.

¶ Este Quiteue tẽ mais de cẽ molheres, todas de portas a dentro, entre as quaes ha hũa, ou duas, q̃ saõ suas molheres grandes, como Raynhas, & as mais saõ suas mãcebas, & muitas destas saõ suas proprias irmãs, & filhas, das quaes todas vsa, dizẽdo q̃ os filhos q̃ destas lhe nacem saõ os verdadeiros herdeiros do reyno, q̃ não tem mistura de sangue alheo, & que estes defendẽ, & sustentão sempre o reyno, muito melhor que os que decendem de gente & reyno estrangeiro.

As molheres se matão quãdo morre o Rey.

¶ Quando morre o Quiteue, tãbẽ suas molheres grandes tẽ obrigação de morrer com elle pera o seruirẽ, & viuerẽ cõ elle no outro mundo (que he outra brutalidade sua) & pera cõprimento desta ley tão deshumana, no mesmo ponto em que o Rey morre tomão peçonha, q̃ tẽ prestes pera isso, a q̃ chamaõ Lucasse, cõ que morrẽ. O Rey q̃ socede no reino, tambẽ socede por marido a todas as molheres q̃ ficarão do Rey passado, das quaes algũas saõ suas irmãs, & tias, & sobrinhas, & de todas vsa por molheres, tirando sua propria mãy, se tambem era molher do Rey seu antecessor. Desta ley naõ vsam mais que os Reys, porque os mais Cafres, ainda que sejaõ grandes senhores, naõ podem casar cõ suas irmãs, nẽ filhas, sopena de morte.

¶ O Principe q̃ socede no reino, de ordinario he hũ dos filhos mais velhos do Rey defũto, & de suas molheres grãdes, q̃ saõ as legitimas, & quando estes não tẽ prudencia pera gouernar, socedẽ os segundos, ou terceiros filhos, & se tambem naõ saõ sufficiẽtes, socede algũ irmão inteiro do Rey defũto, se he esforçado, & de bõ gouerno. E a causa desta desigualdade nesta socessão, he pordizerẽ os Cafres q̃ qualquer filho legitimo dos Reys passados daquella terra pode ser herdeiro do reino de q̃ seu pay foy Rey, & aquelle tem mais direito na

herança, q̃ tẽ mais partes pera gouernar, polo q̃ não escolhẽ pera Rey o Principe mais velho, nẽ mais chegado, senão o mais prudẽte, & esforçado. Esta escolha ordinariamẽte està na võtade do Rey viuo, o qual em sua vida vay logo põdo os olhos em quẽ tem partes pera poder reinar, & a esse fauorece mais, tratãdo cõ elle as cousas do gouerno, & mostrando q̃ este lhe ha de soceder no reino, polo q̃ he de todos venerado, & temido. No tẽpo q̃ eu estaua em Sofala, o Rey q̃ então viuia tinha mais de trinta filhos, entre legitimos & bastardos, & a nenhũ delles nomeaua por Prĩcipe herdeiro, senão a hũ seu irmão q̃ muito amaua por ser homem prudente, & de grande gouerno: polas quaes partes, & pola fama que ja corria de soceder no reino a seu irmaõ, era de todos taõ amado, como se jà fora Rey, polo q̃ em morrendo seu irmaõ, pouca duuida aueria ẽ lhe soceder.

¶ O modo q̃ tẽ em soceder, he o seguinte. O dia q̃ morre o Rey não se faz mais que negocear o enterramẽto, q̃ he leualo a hũa serra, onde se enterraõ todos os Reys, & o dia seguinte de madrugada vaise o Principe nomeado polo Rei defunto às casas Reaes, onde estão as molheres do Rey ja esperãdo por elle, & de seu consentimento entra em casa, & assentase com as principaes dellas em hũa sala publica, no lugar onde se os Reys assentaõ a ouuir as partes, o qual està cuberto cõ hũ panno, ou corredices por diante, q̃ ninguẽ pode ver o Rey, nẽ as molheres que estão detras: & dali mandão logo aos principaes ministros, & officiaes, q̃ vaõ por toda a cidade, dando vozes ao pouo, q̃ fação festas ao nouo Rey, q̃ ja està de posse da casa Real pacificamente, cõ as molheres dos Reis passados, & q̃ todos o vão reconhecer por seu Rey: o que logo fazẽ todos os grandes q̃ se achão na Corte, & os nobres da cidade, indo às casas Reaes, q̃ ja estão bẽ acõpanhadas cõ as guardas, e officiaes costumados, & cõ licença destes entraõ poucos & poucos na salla onde està o Rey nouo cõ as molheres, indo arrastandose polo chão, atè o meyo da salla, & dali falão ao nouo Rey, dãdolhe a obediencia deuida, sem verẽ o Rey nẽ as molheres, q̃ estão detras, & o Rey respõde de dentro, & agardece a boa võtade

 que

q̃ lhe mostraõ como leaes vassallos. Isto cõcluydo cõ breues palauras, manda o Rey leuantar as corrediçes, & mostrase aos q̃ estão na sala, noqual passo todos lhe batẽ as palmas (q̃ he o seu modo de cortesia) & logo se tornão abaixar as corredices, & os da salla se vão pera fora arrastando polo chão como entraraõ, & estes saidos entraõ outros, & deste modo vão dar obediencia ao nouo Rey todos os que se achão na Corte, & a mór parte deste dia se gasta nesta ceremonia, auendo grandissimas festas, tangeres, & bailos em toda a cidade. No dia seguinte manda o Rey seus embaixadores por todo o Reino denunciar a morte do Rey passado, & sua sucessão pacifica, & q̃ todos vaõ à Cortes verlhe quebrar o arco, de q̃ tratarei abaixo no cap. 7.

¶ CAPITVLO SEXTO.

Do segundo modo q̃ os Principes tẽ, em soceder na herança do Reino por eleição das molheres do Rey.

HA differẽças algũas vezes na eleiçã destes Principes, porq̃ como as molheres grandes dos Reis passados sejão muitas, & cadahũa tenha filhos delles, saõ muitos os pretendentes ao Reyno, & cada qual deseja ser Rey, & os q̃ tẽ posse fazẽ muito por acquirir a gente de sua banda, pera que fauoreção sua causa, ordenãdo algũas vezes alterações, & leuantamentos do pouo, outras peitãdo as molheres dos Reis, para q̃ os admittaõ, & lhe dem posse pacifica do Reino, cõsintindo q̃ entrẽ nas casas Reaes: porq̃ he ley q̃ nenhũ Principe entre nas taes casas em q̃ ellas estão, sem licença, nẽ tome posse do Reino sem sua vontade, & o q̃ por força entrar, & tomar posse, perca o direito q̃ tẽ na sucessaõ do reyno, & ninguẽ poderà cõtradizer ao q̃ as molheres nesta eleição fizerẽ, como se verà no caso seguinte.

¶ Iunto do reino do Quiteũe, està outro, de que he Rey o Sedãda, cujas leis & costumes saõ muy semelhantes aos do Quiteue, por serem todos estes Cafres da mesma nação, & antigamente serem estes dous Reynos de hum sò Rey, como adiante direy. No tẽpo q̃ eu estaua em Sofala, socedeo que o Rey Sedãda enfermou de hũa graue doença cõtagiosa de lepra, & vẽdo q̃ seu mal era incurauel, declarou Principe q̃ lhe

socedesse

cedeſſe no Reino, & tomou peçonha cõ que morreo, como he coſtume fazerẽ os Reys que tẽ algũa deformidade em ſua peſſoa, como adiante direi. Demaneira q̃ morrẽdo eſte Sedanda cõ a peçonha que bebeo, logo o Principe q̃ elle tinha nomeado em ſua vida pretendeo entrar nas caſas Reaes, & aſſentarſe cõ as molheres dos Reys paſſados no lugar coſtumado, onde lhe auião de fazer as ceremonias da poſſe q̃ tenho dito: mas ſucedeolhe o negocio mui differente do que eſperaua, porq̃ as molheres do Rey tinhão grãdiſsimo deſgoſto delle, por ſua roim condiçaõ, & outras imperfeições q̃ lhe acharão, polo que mandarão ſecretamẽte de noite chamar outro Principe, em quẽ tinhão poſtos os olhos, por ſer mais esforçado, & mais bẽ quiſto, & aſſentaraõſe com elle no lugar publico dos Reys, & mandârão aos officiaes, que foſſem pola cidade dizer ao pouo, q̃ ja tinhaõ Rey, & q̃ todos lhe foſſem dar a obediẽcia deuida: de modo q̃ quando o Principe nomeado polo Rey morto ſe vio fruſtrado de ſua pretenſaõ, fugio porque o não mataſſem, & o Rey quẽ as molheres elegerão ficou reinãdo, mas não pacificamẽte, porq̃ o Principe que fugio como era poderoſo, & ja tido por ſucceſſor do Rey q̃ ſe matou, ajũtou muita gẽte, & veyo cõ guerra pera tomar poſſe do Reino, & entrou nas caſas Reaes com mão armada, & afrõta das molheres do Rey que dẽtro eſtauão, o q̃ lhe foi mui eſtranhado de todos, porq̃ naquella caſa ninguẽ entra por força, & eſta que fez eſte Principe foy baſtãte pera todos o deixarem, & ſe lançarẽ da parte das molheres & do Rey q̃ ellas tinhaõ eleito, & o leuantado fugio, ſem mais erguer cabeça.

CAPITVLO SEPTIMO.

De como ò Quiteue quebra o arco, & ſe mata por defeitos de ſua peſſoa, & como lhe falão.

Ntes q̃ comece de gouernar o Rei nouo que ſucede no Reyno, manda recado por todo elle q̃ venhão a Cortes todos os ſenhores, & grãdes, pera verẽ quebrar o arco a el Rey, q̃ he o meſmo q̃ tomar poſſe do Reyno, & gouerno, & neſtas Cortes he coſtume mãdar matar algũs daq̃lles ſenhores q̃ ſe ali ajuntão, dizendo que ſaõ neceſſarios pera irẽ ſeruir

Que chamão quebrar arco.

ſeruir ao Rey defunto no outro mundo, polo q̃ manda então matar algũs de quem ſe teme, ou a quẽ não tẽ boa vontade cõ eſta cappa de virtude fingida, & mao coſtume recebido entre elles. E depois de matar eſtes, faz outros ſenhores nouos de ſua maõ em lugar dos q̃ matou. E por eſta rezão muitos ſenhores, & particularmente algũs q̃ ſe temem, & ſe ſentẽ deſafeiçoados ao nouo Rey, não querẽ ir a Cortes temẽdo a morte, & fogẽ do Reino pera outros eſtrangeiros, porq̃ antes querẽ perder o eſtado que poſſuyaõ, que arriſcar ſuas vidas à vontade do Rey nouamente eleitõ.

Os Reis ſe matauão, quando tinhão defeito na peſſoa.

¶ Antiguamẽte coſtumauão os Reys deſta terra beber peçonha cõ que ſe matauaõ quãdo lhe ſucedia algũ deſaſtre, ou defeito natural em ſua peſſoa, como era ſerẽ impotentes, ou doentes de algũa infirmidade contagioſa, ou quando lhe cayão os dentes dianteiros, cõ que ficaſſem feos, ou qualquer outra deformidade, ou aleijão. E por não terẽ eſtas faltas ſe matauão, dizendo, q̃ o Rey não auia de ter defeito algũ, & quando o tiueſſe, era mais hõra ſua q̃ morreſſe logo, & foſſe â outra vida melhorarſe do q̃ lhe faltaua, pois là tudo era perfeito. Mas o Quiteue, q̃ reinaua no tẽpo que eu eſtiue neſtas terras, não quis imitar niſto a ſeus antepaſſados; como diſcreto, & terribel q̃ era, porq̃ caindolhe hũ dente dianteiro, mandou logo apregoar por todo o Reino, & notificar q̃ ſoubeſſem todos como lhe cayra o dente, & q̃ quando o viſſem com elle menos, o não deſconheceſſem, & ſe ſeus antepaſſados ſe matauão por ſemelhantes couſas, q̃ foraõ muito necios, & elle o não auia de fazer, antes quando a morte natural lhe vieſſe, que lhe peſaria muito com ella, porq̃ tinha neceſsidade da vida, pera ſuſtẽtar o ſeu Reino, & defendello de ſeus inimigos, & que o meſmo encomendaua a ſeus ſuceſſores que fizeſſem.

Como ſe falla ao Quiteue

¶ Se querẽ os Cafres falar a eſte Rey, logo à entrada da porta ſe deitão no chão, & deitados entraõ pera dẽtro da caſa arraſtãdoſe atè onde o Rey eſtà, & dali deitados de ilharga lhe falão ſem olharem pera elle, & em quanto lhe vaõ falando, juntamente vam batendo as palmas (que he a principal corteſia de que vſaõ os Cafres)

&

& depois de concluydo seu negocio a que foraõ, do mesmo lugar se tornão pera fora do modo que entrarão, de maneira que nenhum Cafre pode entrar em pè a falar ao Rey, nẽ menos olhar pera elle quando lhe falla, saluo se saõ familiares, & particulares amigos del Rey, ou quando està em conuersaçaõ com elles. Os Portuguefes quando lhe vão falar não entraõ arrastandose polo cham, como fazem os Cafres, senão em pè, mas entraõ descalços, & chegãdo jũto do Rei deitãose no chão, recostados sobre hum lado, quasi assentados, & desta maneira falão ao Rey, sem olharem pera elle, batendolhe tambem as palmas, de quatro em quatro palauras, como he costume.

¶ Dos Chinas se cõta, que vsam quasi da mesma reuerencia, quando falaõ aos Presidentes, ou juyzes, porque tãto que entrão na sala onde elles estão logo à entrada se poem de joelhos, & assi vaõ entrando atè o meyo da sala, com a cabeça bayxa, & os olhos postos no chão, & dali falão o q̃ querem cõ voz baixa, & humilde, & recebendo a reposta, dali mesmo se tornaõ, vindo recuando pera tras, sem leuantarẽ os olhos, nem virarem as costas aos juyzes com que falarão.

¶ Este Quiteue costuma ter a hũa ilharga da casa em q̃ falla cõ as partes, algũas panellas grãdes cheas de vinho, q̃ os Cafres fazẽ de milho, ao qual vinho chamaõ Põbe: & com este costuma conuidar os q̃ o vam visitar, assi Cafres, como Portuguefes, & ainda q̃ os Portuguefes não possam beber o tal vinho, forçadamẽte o hão de beber, & festejar, mostrando q̃ o Rey lhe faz grande mimo, & merce, porq̃ se fizer algum o cõtrario, & disser q̃ não he costumado a beber aquella casta de vinho, logo o Rey lhe arma hũa querella, ou trapaça, a q̃ os Cafres chamaõ empofia, dizendo q̃ deixa de beber por lhe desprezar o seu vinho, ou por cuidar q̃ lhe dà nelle peçonha, fazendo delle mao Rey, & assi o manda sayr fora de sua casa, ficando muito agrauado, ou fingindo q̃ o fica do Portugues. E logo lhe manda recado q̃ se não saya fora da cidade sẽ sua licença, & primeiro que o pobre do homem aja licença do Rey pera se tornar pera a sua terra, gasta quanto tem, com dadiuas, & peitas q̃ lhe dà

Conuida cõ vinho aos que o visitão.

Empofias do Quiteue.

asi a elle, como a seus vassallos. Destas empofias costuma o Quiteue fazer muitas, sobre quaesquer cousas, ainda que muito leues, quando vee que lhas podem pagar os culpados nellas.

¶ CAPITVLO OITAVO.

Das exequias que o Quiteue faz em cadahum anno aos Reis defuntos, onde ordinariamente lhe fala o diabo.

Exequias dos Cafres.

ESte Quiteue todos os annos em o mes de Setembro, quando apparece a lua noua, sobe ahũa serra muito alta situada perto da cidade em q̃ mora, chamada Zimbaohe, & emcima della faz grandes exequias polos Reys seus antepassados, que todos ali estão sepultados: & pera este effeito leua muita gente consigo, asi da sua cidade, como doutras muitas partes do seu Reino, q̃ manda chamar. E a primeira cousa que fazem tãto que chegão acima da serra, he comer, & beber do seu pombè, ate que se embebedão todos, & o Rey he o primeiro que isto faz (cousa mui costumada, & não estranhada entre os Cafres) & nestes comeres & beberes continuaõ oito dias com muitas festas: hũa das quaes, & a principal de que elRey vsa, he pemberar, como elles lhe chamão, correndo de hũa parte pera outra, do modo que em Portugal vsaõ o jogo das canas. Pera estas festas se veste o Rey, & mais grãdes do seu Reino dos melhores panos de seda q̃ tem, ou de algodão, & atão pola testa hũa fita larga, com muitos cadilhos tecidos nella, como frãja de alcatifas, os quaes lhe ficão pendurados sobre os olhos & rosto, como topete de cauallo, & diuididos tantos de hũa parte como da outra, & todos apè, remetem hũs contra os outros, cõ arcos & frechas nas maõs, fazẽdo que tiraõ, & pelejão, despedindo todas as frechas por alto, de modo que se não firão, & desta maneira dão mil carreiras, & voltas, cõ muitos momos, atè que cansaõ & se não podem bulir, & aquelles que mais aturão no campo esses saõ os mais esforçados, & valentes, & ganhão o premio, que està posto no jogo. Garcia de Mello q̃ estaua por capitaõ de Sofala no tempo q̃ eu la residia, mãdou fazer hũa

Pẽberar.

fita

fita larga, com grandes franjas de seda & ouro, & a mandou com outras peças de preço ao Quiteue, & a que mais estimou foy a fita pera quando pembe rasse, porque he jogo de q̃ vsa muitas vezes.

Como chorão os defuntos.

¶ Depois que o Rey tẽ fes tejado oito dias, então se poẽ em feição de chorar os defuntos, que ali estaõ enterrados, no qual pranto juntamente quantos ali estaõ continuaõ dous dias ou tres, ate que se mete o diabo em hum Cafre daquelle ajuntamento, dizẽdo que he a alma do Rey defũto, pay do Rey viuo, que ali està fazendo aquellas exequias, & que vem falar a seu filho. O Cafre endemoninhado fica logo tal, como quem tem o diabo no corpo, estirado no chão, feo, mal assombrado, & fora de seu juyzo, & desta maneira fala o diabo pola sua boca todas as lingoas estrãgeiras doutras nações de Cafres, que muitos dos que estaõ presentes entendem. E alem disso começa logo de escarrar, & falar como falaua o Rey difunto que representa, de modo que parece ser o proprio, assi na voz, como nos meneos, polos quaes sinaes, conhecem os Cafres que ja he vinda a alma do Rei defunto como elles cuidão. Sabido isto polo Rei que ali està fazendo as exequias, vem logo acõpanhado de todos os grandes ao lugar onde està o endemoninhado, & postraõse todos diante delle, fazendolhe grandes cortesias, & logo se apartão todos pera hũa banda, & fica o Rey sò cõ o endemoninhado, falando amigauelmente como quem fala cõ seu pay, que he defunto, & ali lhe pregunta se ha de ter guerras, & se vencerà nellas seus inimigos, se auerà fomes, ou trabalhos no seu Reyno, & o mais que delle quer saber, & o diabo lhe respõde a todas estas preguntas, & lhe aconselha o que ha de fazer, mintindolhe ordinariamẽte, no mais do que lhe diz, como falso, & inimigo que he do genero humano, & nem isto basta pera estes cegos deyxarem de lhe dar credito, vindo cada anno a consultalo da maneira que tenho dito. Depois desta pratica, saese o diabo daquelle corpo, deixando o negro endemoninhado muito cansado, moido, & sempre mal assombrado. Isto concluydo, vayse o Rey para sua casa, com toda a mais gente que ali veyo aas

Como o demonio fala aos Cafres.

Como reuerencião ao demonio.

exe-

exequias, & os Cafres louuão grandemente ao seu Rey, por ser tão bemauēturado, que lhe vem fallar os Reis defuntos, q̄ elles tem por bēauenturados, & poderosos no outro mundo, & que podem cōceder ao Rey viuo quantas cousas lhe pedir. Algũs Portugueses se acharão ja neste ajuntamento acaso, & virão todas estas cousas que tenho dito.

Modos q̄ o diabo tē de falar a os Gētios

¶ Deste modo que o diabo tem em falar a estes Barbaros, vsa com os mais dos Gentios, como eu soube de algũas partes onde se fazia o mesmo nesta costa, & ainda na India. O Padre Mendoça no liuro que fez da China, refere, que nauegando hũs frades descalços da China pera as Philippinas em hum nauio de Chinas Gētios, tiuerão tão grande tormenta, que os Chinas com medo da morte começarão de chamar o diabo, que lhe socorresse, & os Religiosos por outra parte se puserão a escōjurar, & amaldiçoar os demonios, de modo q̄ não acudirão aos brados dos Gentios, como costumão em tais apertos, antes se ouuio claramente a voz de hum demonio, que dezia, Não acudimos nem respondemos a vossas petições, porquē nolo estoruão esses frades que leuais conuosco. Mas indo a tormenta por diante, tornarão os Chinas a consultar os Demonios por escrito, do qual modo nunca deixa de lhe responder, como logo fez (não obstante quantos esconjuros os Padres fazião) & respondeo aos Chinas, q̄ nam temessem, porque antes de tres dias chegarião a porto seguro, no que lhes mintio, como faz ordinariamente, porq̄ não chegarão a terra senão depois de muitos dias.

Os Illocoēs adorão o demonio.

¶ Iunto das ilhas Philippinas estão outras ilhas pouoadas de Gentios, chamados Illocos, os quaes adorão o diabo, fazendolhe muitos sacrificios, nem tē outro Deos a quē adorem: de modo que os mais dos Gentios tem trato, & cōmercio com o diabo, hũs embuçadamente, como fazem os Cafres nas suas exequias, cuidando que são almas dos defuntos; outros clara & descubertamente, sabēdo que são demonios, como fazem os Chinas, & Illocos, & outros muitos, que aqui não refiro por abreuiar.

Cap.

¶ CAPITVLO NONO.

De como estes Cafres não adorão cousa algũa, & de alguns dias que tem de guarda, em que não trabalhão, & dos parayssos q̃ cuidão auer.

Os Cafres não adorão cousa algũa.

Cvydo certamente que a nação dos Cafres he a mais barbara, & bruta q̃ ha no mũdo, porque nem adorão a Deos, nem tem idolos a que adorem, nem imagẽs, nem templos, nem vsaõ de sacrificios, nem menos tem ministros dedicados ao culto diuino, cousa que toda a nação de gente tẽ, polo instinto natural, que os moue à Religiaõ, & culto sagrado, principalmente tendo noticia da outra vida, como estes Cafres tem, & assi difficultosamente se conuertem, nem aceitão a ley de Christo, que muitas vezes lhe ensinamos, & prêgamos, nem menos a dos Mouros, que de cõtino andão misturados com elles, & viuẽ nas suas terras, & saõ quasi como Cafres, assi na cor negra, como nos costumes, & conuersaçaõ; somente sabem confusamente que ha Deos grande, a que chamão Molungo, mas não lhe rêzaõ, nem se encomẽdaõ a elle. Quando padecem algũas necessidades, ou esterilidades, ao Rey se socorrẽ, cuidando firmemente que elle he poderoso pera lhe dar todas as cousas que desejarem, & ouuerem mister, & que tudo pode alcançar dos defuntos seus antepassados, cõ os quaes lhes parece que falla. Pola qual rezaõ, ao Rey pedem a chuua, quando lhe falta, & todas as mais bonanças de tempos pera suas nouidades, & quando lhe vão pedir qualquer cousa destas, leuaõlhe grande present te, o qual o Rey aceita, & respondelhe que se tornem embora pera suas casas, que elle terà cuidado de satisfazer a sua petição, & taõ barbaros saõ, que vẽdo quantas vezes o Rey lhe naõ dà o que lhe pedem, não se desenganão, antes de nouo lhe leuão môres offertas, & nestas idas & vindas gastão muitos dias, atè que vem algũa conjũção de chuua, com que ficaõ os Cafres satisfeitos, tendo pera si que o Rey lhe não concede o que pedem, senão depois de o terem bem peitado, & importunado: & o mesmo Rey assi o diz, pera os sustẽtar em seu erro.

Os Cafres pedẽ a bonança dos tempos ao seu Rey.

¶ Estes Cafres tem muitos dias

Dias que guardão os Cafres.

dias de guarda, em que não trabalhaõ, dados polo Rey, sem elles saberem a que hora, nem porq̃ causa lhos mandão guardar, somente sabẽ quando vem os taes dias, em que fazẽ grandes festas & bailos. Chamão a estes dias Musimos; que quer dizer almas de santos ja defũtos, & tenho pera mim que à honra destes seus negros santos guardão estes dias. Hum Portugues morador em Sofala foy com suas mercadorias ao Zimbaohe, onde mora o Quiteue, pera dahi passar âs Manicas, onde ha muitas minas de ouro, & estando nesta cidade do Quiteue mandou matar hũa vacca em sua casa, pera dar de comer a seus escrauos, & a outra gente q̃ leuaua consigo pera lhe ajudar a vender suas mercadorias, & neste dia que se matou a vacca, se celebraua hũa festa destes Musimos, que tenho dito. Esta noua foy logo leuada ao Quiteue, por via de seus malsins, que tẽ infinitos para lhe mexericarẽ quanto se faz na cidade, & ainda em todo o Reyno, o qual Quiteue mãdou logo dizer ao Portugues, q̃ fizera muito mal de quebrantar o seu dia santo, matando nelle a vacca, & ja q̃ tal fizera, deixasse estar a vacca sem lhe pòr mais maõ, porq̃ o Musimo daquelle dia auia de comer a propria vacca, & que a cubrissem com rama. Desta maneira esteue a vacca morta em casa do Portugues, sem consentir o Rey que se tirasse nada della, & ali apodreceo, & cheiraua taõ mal, que o Portugues se quis sair da casa por esse respeito, & tomar outra, mas o Quiteue o não quis consentir, senão que em pena da morte da vacca no dia de seu Musimo lhe soffresse o roim cheiro, ou q̃ pagasse a empofia que tinha feito; pola qual rezão vendose o Portugues forçado, & obrigado da pena em q̃ viuia, veyo a concerto com o Rey, & pagoulhe cincoenta pannos da empofia que fizera, & não comeo a vacca, antes lhe soffreo o roim cheiro muitos dias. Esta obseruãcia tão rigurosa deste dia santo, mostrou o ladrão do Quiteue, mais pera roubar o Portugues, que por querer q̃ lhe guardasse o tal dia.

Caso.

¶ Não tem estes Cafres noticia da creação do mundo, nẽ que Deos fez o homem, nem q̃ ha inferno pera os maos, & gloria pera os bõs, mas com tudo

tudo sabem que a alma do homem he immortal, & que viue eternamente no outro mũdo, & cuidaõ que là viuem cõ suas molheres, muito à sua võtade, & leuaõ là melhor vida q̃ neste mundo, mas não sabem em que parte està este lugar de sua habitação. Preguntando eu algũas vezes a Cafres honrados & bem entendidos, em que lugar estauaõ seus Reys defuntos, & os mais a quem tinhaõ por santos, se lhe parecia que estauaõ no ceo, me responderaõ que no ceo não estaua mais que Deos, a quem chamão Mulungo, & que os seus defuntos estauão em hũas terras, & lugares muy fartos, alegres, & frescos, mas não sabiaõ em que parte, aos quaes lugares chamão Paraisos de contẽtamentos, festas, & alegrias.

Paraiso dos Cafres

Mulungo. Deos.

¶ Este mesmo erro taõ barbaro tem os Gentios de Câmboja, affirmando que ha vinte & sete Paraysos, hũs mais nobres & melhores q̃ os outros, onde se recolhem as almas dos justos que passão desta vida, segundo seus merecimẽtos, & tambem as almas dos brutos animaes: & pola mesma ordẽ dizem que ha treze infernos, onde vaõ os peccadores, huns mais abayxo, outros menos, segundo suas culpas; de modo que todas, ou as mais das nações, ainda que Barbaras, entẽdem que depois da morte ha outra vida, na qual se dà premio aos bõs, & castigo aos maos. Estes Cafres tambem sabem que ha diabo, a quem chamão Musuca, & que he mao, & faz muytos males aos homẽs. Fazem muità festa o dia q̃ vem a lua noua, o qual costume cuido tomaraõ dos Mouros, que andaõ por estas terras espalhados, & fazem o mesmo. Dizem que o sol quando se poem vay dormir. Não lem, nem escreuẽ, nem tem liuros, & todas as cousas & hystorias antiguas, de q̃ tem noticia, sabem somẽte por tradiçaõ de seus antepassados. Tem pera si que os bogios foraõ antiguamẽte homẽs & molheres, & asi lhe chamão na sua lingoa gente de primeiro.

27. parayſos, & 13. infernos, dos Gẽtios

Musuqua, Diabo.

¶ CAPITVLO DECIMO,

De tres generos de ministros de que se serue o Quiteue.

TEm o Quiteue duzentos, ou trezentos homẽs de guarda, a que chamão Inficis, que he o mesmo que algozes,

Algozes, a q̃ chamão Inficis.

gozes carniceiros. Estes andã cingidos com hũa corda grossa polo pescoço, & pola cintura, & trazem nas maõs hũa machadinha de ferro muy luzente, & hũa maça de pao de comprimento de hum couado, que saõ os instrumentos com que matão a quem elRey manda matar, dandolhe primeiro com a maça na cabeça como a porco, com a qual pancada derrubaõ logo no chão a quem quer que dão, &com a machadinha lhe cortão logo a cabeça. Estes ordinariamente andão gritando ao redor das casas &cercas delRey, dizendo, Inhama, inhama, quequer dizer, Carne, carne, significando nisto, qne lhe mande o Rey matar alguẽ, & que lhe dè que fazer no seu officio de algozes.

Chocarreiros do Quiteue.

¶ Tem este Rey outro genero de Cafres, a q̃ chamão Marombes, que he o mesmo que chocarreiros, os quaes tambẽ andão gritando ao redor das casas Reaes, com vozes muy desabridas, dizendo muytas cantigas & prosas, em louuor do Rey, entre os quaes lhe chamaõ senhor do Sol, & da Lua, Rey da terra, & dos rios, vencedor de seus inimigos, em tudo grande, ladraõ grande, feiticeiro grande, leão grande, & todos os mais nomes de grandeza, que elles podem inuẽtar, ou sejão bõs, ou maos, todos lhe attribuem: E quando este Rey sae fora de casa, vay rodeado, & cercado destes Marombes, que lhe vão dizendo estes mesmos louuores cõ grãdissimos gritos, ao som de alguũs tambores pequenos, & de ferros, & chocalhos, que lhe ajudão a fazer mayor estrõdo, & grita.

Musicos do Quiteue.

¶ Seruese mais o Quiteue de outro genero de Cafres, grandes musicos, & tãgedores, que naõ tẽ outro officio mais que estar assentados na primeira sala do Rey, & à porta da rua, & ao redor das suas casas, tangendo muita differença de instrumentos musicos, & cantando a elles muita variedade de cantigas, & prosas, em louuor do Rey, com vozes muy altas, & sonoras. O melhor instrumento, & mais musico de todos, em que estes tangem, chamase Ambira, o qual arremeda muito aos nossos orgaõs. Este instrumento he composto de cabaços de abobaras compridas, hũs muito grossos, & outros muito delgados, armados de tal feiçaõ que ficaõ todos

Ambira, instrumento musico

jun-

juntos, postos per ordem, os mais pequenos,& mais delgados, que saõ os tipres primeiro,postos da mão esquerda em reues dos nossos orgãos; & logo apos os tipres,se vão seguindo os mais cabaços, com suas vozes differentes, de contraltos,tenores,& baixas,que por todos sam dezoito. Cadahum destes cabaços, tem hũa boca pequena feita na ilharga, junto ao pè,& em cada fundo tem hum buraco do tamanho de hũ patacão,& nelle posto hum espelho,feito de hũas certas teas de aranha,muito delgadas, tapadas,&fortes,q̃ não quebrão. E sobre todas as bocas destes cabaços, que estaõ igoaes, & postos em carreira, tem armada hũa ordem de teclas de pao delgadas, & sustentadas no ar com hũas cordas,de modo que cada tecla fica posta sobre a boca de seu cabaço, em vão, que não chegue à mesma boca. Depois disto assi armado, tangẽ os Cafres por cima destas teclas com hũs paos,aomodo de paos de tambor,nas põtas dos quaes estão pegados hũs botões de neruo, feitos em pilouros, muito leues, do tamanho de hũa noz, de maneira q̃ tangẽdo com estes dous paos por cima das teclas, retumbão as pancadas dẽtro nas bocas dos cabaços,& fazem hũa harmonia de vozes muy consoantes, & suaues, que se ouuem tão lõge como as de hum bom crauo. Destes instrumentos ha muitos,& muitos tangedores, que os tocão muito bem.

¶ Outro instrumento musico tem estes Cafres, quasi como este que tenho dito,mas he todo de ferro, a que tambẽ chamão ambira, o qual em lugar dos cabaços tem hũas vergas de ferro,espalmadas, & delgadas,de comprimento de hum palmo,temperadas no fogo de tal maneira, que cadahũa tem sua voz differente. Estas vergas saõ noue somente,&todas estão postas em carreira,&chegadas hũas âs outras,pregadas com as pontas em hum pao,como ẽ caualete de viola, & dali se vão dobrando sobre hũ vão que tem o mesmo pao ao modo de hũa escudella, sobre o qual ficão as outras pontas no ar. Este tangem os Cafres tocandolhe nestas pontas que tẽ no ar com as vnhas dos dedos pollegares, que pera isso trazẽ crecidas, & compridas,& tão ligeiramente as tocão, como faz hum bõ tangedor de tecla,

Ambira de ferro.

em hum crauo. De modo que sacudindose os ferros, & dando as pancàdas em vão sobre a boca da escudella, ao modo de berimbao, fazem todos juntos hũa harmonia de branda, & suaue musica de todas as vozes mui concertadas. Este instrumento he muito mais musico que o outro dos cabaços, mas não soa tanto, & tangese ordinariamente na casa onde està o Rey, porq̃ he mais brando, & faz mui pouco estrondo.

¶ Outros muitos instrumẽtos tem estes Cafres, a que elles chamão musicos, de que vsaõ, mas eu chamolhe atroadores de ouuidos, como saõ hũas cornetas grandes de hũs animaes brauos, que chamão Paraparas, & por rezão deste nome chamaõ às cornetas Parapandas, as quaes tem hũa voz muy terribel, & espantosa, que soa tanto como hũa trombeta bastarda. Tem muitos tambores de q̃ vsaõ, ao modo de atabales, huns grandes, & outros pequenos, que temperaõ, & ordenão de maneira, que hũs lhe respondem em tipre, & outros nas demais vozes, ao som dos quaes cantaõ os mesmos tangedores, com vozes tão altas, & desabridas, que atroão toda a terra onde cantaõ & tangẽ.

Cornetas, & tábores

Quando o Quiteue manda embaixadores pera algũa parte, sempre manda em sua companhia estes tres generos de gente, os quaes sempre vaõ exercitando seu officio, hũs tangendo, outros gritando, & bailando, & gabando ao seu Rey, da maneira que fica dito. Destes tres generos de Cafres se serue o Quiteue sempre em sua casa, como de moços da Camara para mandados, & muitas vezes lhe seruem de correos pera algũas partes do seu Reyno: os quaes indo cõ este titulo, por todas as terras por onde passaõ saõ venerados, & bem recebidos de todos, & sustentados de todo o mantimento que lhe he necessario de graça, & se lho não daõ de boa vontade, elles o tomão por força, sem auer quem lho contradiga: & mais em particular os Inficis carniceiros, porque estes como taes tem menos temor, & respeito aos outros Cafres, & fazem absolutamente tudo o que querem, & todos lhe tem grandissimo medo, por serem carniceiros, & andarem costumados a matar gente, trazendo sempre consigo por sua diuisa os instrumentos de morte

con-

conuem a saber, cutello, & corda, que a todos atemoriza, & assombra.

¶ CAPITVLO ONZE,

¶ De tres generos de juramentos espantosos, de que vsaõ estes Cafres.

Tres modos de juramẽtos

TRes generos de juramẽtos tem estes Cafres, de que vsaõ em juizo, terribilissimos, & espantosissimos, dos quaes vsam, quando algũ Cafre tẽ cometido algũa culpa graue, de que não ha proua bastante, ou quando nega algũa diuida, ou quaesquer outras cousas semelhãtes, polas quaes seja necessario deixar a certeza dellas no juramẽto dos culpados, & elles querem jurar pera proua de sua innocencia.

Juramẽto de Lucasse.

O primeiro juramẽto, & mais perigoso, chamase juramento de Lucasse, que he hum vaso cheyo de peçonha, o qual dão a beber ao que jura, dizẽdolhe que se elle não tẽ a culpa que lhe poem, ficarà saõ & saluo da peçonha, mas se a tem, logo morrerà com a beberagem, pola qual rezão, os que se achão culpados, quando os chegão, & obrigão a juramento, ordinariamente confessaõ sua culpa, por não beberem a peçonha, mas se elles saõ innocentes, & não tem a culpa que lhe daõ, bebem mui confiadamente a peçonha sem lhe fazer algum mal, & com esta proua ficaõ absolutos daquella culpa que lhe punhão, & o accusador em pena do falso testimunho q̃ deu contra o q̃ accusou, fica catiuo do mesmo accusado innocentemẽte, & perde todos seus bẽs, molher, & filhos, ametade pera el Rey, & a outra ametade pera o accusado.

Juramẽto de Xoqua.

¶ Ao segundo juramẽto chamão os Cafres juramento de Xoqua, q̃ he o ferro de hũa enxò metido no fogo, & depois de estar muy vermelho, & abrasado, o tiraõ do fogo cõ hũa tenaz, & o chegaõ à boca do q̃ ha de jurar, dizendolhe q̃ lãba cõ a lingoa o ferro vermelho, porq̃ se não tẽ a culpa q̃ lhe attribuem, ficarà saõ & saluo do fogo, sẽ lhe queimar a lingoa, nẽ os beiços, mas q̃ se tẽ culpa logo lhe pegarà o fogo na lingoa, beiços, & rosto, & lho queimarà. Este juramento he mais ordinario, & vsaõ muitas vezes delle não somente os Cafres, mas tambem os Mouros, que nestas partes habitão, & o

que peor he, que tambem algũs Christãos derão jà este juramẽto a seus escrauos sobre furtos que sospeitauão teremlhe feito. De hum certo morador de Sofala me affirmarão algũas pessoas que dera este juramento a hum seu escrauo para que jurasse como lhe não furtara hũa pouqua de roupa, o qual Cafre innocente da tal culpa lambera tres vezes o ferro abrazado em fogo sem lhe fazer mal algum.

¶ O terceiro juramento, he de menos perigo, mas não de menos admiração: chamãolhe os Cafres juramento de Calão, que he hũa panella muy grande chea de agoa quente, que leua hum almude, & esta he amargosa de certas heruas que lhe deitão. Esta agoa morna dão a beber ao que jura, dizendolhe que se he innocente da culpa que lhe poẽ, beberà toda aquella agoa de hum golpe sem descansar, & toda lhe caberà na barriga, & depois a lançarà outra vez pola boca fora, sem lhe fazer algum mal: mas se elle for culpado, não poderà beber, nem leuar pera baixo hũa sò gota, porque se lhe atrauassarà na garganta, & o afogarà.

Juramẽto de Calão.

¶ Estes tres modos de juramentos se virão jà experimentar algũas vezes entre estes Cafres, com os quaes muitos que iurauão falso morrião da peçonha que bebião, a outros se lhe pegaua o foguo na lingua, & nos beiços, & a outros finalmente se lhe atrauessaua na garganta a beberagem sem poderem della engulir cousa algũa: & pello contrario se vio tambem aos innocẽtes que iurauão verdade, não lhe fazerem mal os taes juramentos. Cousa que muito me espãtou sempre, nẽ eu o crera se mo não contarão pessoas de credito, q̃ se acharão algũas vezes onde fizerão semelhantes experiencias, nẽ sei a que attribua hũa tão grande marauilha, saluo a Deos querer mostrar a innocencia daquelles q̃ erão accusados falsamente, sem terẽ culpa: ou tambem, como dizẽ mui doctos Theologos, poderẽ estas cousas deixar de fazer danno ao corpo por artificios do demonio, pera asi os assegurar mais nos erros em q̃ viuẽ, trazendoos cegos toda a vida.

Experiẽcias destes juramentos.

¶ Lucio Siculo, Isidoro, & Solino fazem menção de hũa fonte que està em Serdenha, na qual se faz hũa manifesta

fonte de Serdenha miraculosa.

&

& eſpãtoſa proua dos ladrões, de quẽ ſe tẽ ſoſpeita que furtaraõ algũa couſa, porque eſtes ſe he verdade que furtaraõ, & jurão mẽtira, lauandoſe na fõte ficaõ logo cegos, & os que juraõ verdade, lauandoſe na meſma fõte, ficãolhe os olhos mais claros, & com melhor viſta do que tinhão dantes.

Num. c. 5. Experiẽcia q̃ ſe fazia das adulteras na lei velha.

¶ Na ſagrada Eſcritura temos outro ſemelhante exẽplo no liuro dos Numeros, onde ſe conta como Deos manifeſtaua o peccado, ou a innocencia da molher de quem auia ſoſpeita ſer adultera, ſem auer diſſo proua baſtãte, porq̃ o marido que tinha ſemelhantes ſoſpeitas de ſua molher, a leuaua ao ſacerdote, o qual lhe daua hũas certas agoas amargoſas a beber, & ſe ella era comprehendida no tal adulterio, as agoas lhe treſpaſſauão, & corrompião as entranhas, de modo que lhe apodrecia o ventre, & deſta maneira ficaua ella infame, & manifeſta ſua culpa; mas ſe a molher era innocente da culpa que lhe punha o marido, ficaua ſalua, & fora de todo o perigo das agoas, & com eſta proua ſe deſcubria ſua innocẽcia, & ficaua hõrada. As quaes couſas todas ſocedião deſte modo por diuina prouidẽcia, como mais copioſamẽte ſe pode ver no dito liuro. Da meſma maneira ſe pode preſumir que Deos permitte que ſe manifeſte a culpa dos maos, & a innocencia dos bõs, por meyo deſtes juramentos que tomão, pera juſtificarem ſuas cauſas, acudindo, como juſto que he, pola juſtiça dos innocentes. Outro juramento ſemelhante a eſtes refere Ioão Perez no liuro da ſua Aſtronomia. Finalmente eſtes juramentos que tenho dito, de que vſaõ os Cafres, forão muitas vezes experimẽtados, & viſta ſua experiencia por peſſoas de credito, & tudo iſto ſaõ couſas mui notorias, & ſabidas em Sofala, como fica dito.

Ioão Perez, c. 12

¶ CAPITVLO DOZE.

Das feições, trajos, veſtidos, & officios deſtes Cafres, & da caçada real que fazem.

OS mais deſtes Cafres ſaõ pretos como azeuiche, de cabello creſpo, & gentîs homẽs, & mais particularmẽte o ſam

os Mocarangas, que viuem nas terras do Quiteue. Todos trazem a cabeça chea de cornos por galantaria, os quaes fazẽ do mesmo cabello, torcidos, & dereitos pera cima como hum fuso, & dentro nelles metem hũs paos delgados, pera que andem direitos, sem se poderem dobrar, & por fora os trazem enrolados com hũa fita de certa casca de herua como casca de trouisco, a qual em quanto està fresca pega como grude, & depois de seca fica pegada & dura como pao. Com estas fitas cingem os cabellos em molhos da raiz atè a ponta, fazendo de cada molho hũ corno muito bem feito, & nisso tem toda sua bizarria, & galantaria, concertandose hũs aos outros. Zombaõ muito dos homẽs que não trazẽ cornos, dizendo que andão como molheres, porque o homem como macho ha de ter cornos, comparandose nisso cõ os syluestres animaes, entre os quaes as femeas não tem cornos, como saõ os veados, Merûs, Zeuras, Paraparas, & Nondos. Nenhum Cafre pode trazer os cornos da feição & modo que os traz o Quiteue, o qual traz quatro cornos, hum de palmo sobre a moleira, como vnicorne, & tres de meyo palmo, hũ delles sobre o toutiço, & dous sobre as orelhas, cadahum de sua parte, mui direitos pera cima, & por respeito destes cornos andão todos cõ a cabeça descuberta, & não vsaõ de chapeos.

Trazem cornos.

Comparaõse a brutos animaes

¶ O vestido do Rey, & dos mais senhores, he hũ panno fino de algodão, ou de seda, cingido da cinta pera baixo atè os artelhos, & outro muito mayor do mesmo algodão, que os Cafres tecem, a que chamão Machiras, ou de seda, lãçado polos hõbros ao modo de cappa, cõ que se cobrem, & embuçaõ, deixando sempre a ponta do panno da mão esquerda tão cõprida, q̃ lhe và arrojando polo chão, & quanto mais lhe arrasta, mais magestade & grauidade he pera elles, & todo o mais corpo trazem nû. Andão todos descalços, atè o mesmo Rey. Os demais Cafres pobres q̃ saõ quasi todos, andão nûs, asi homẽs, como molheres, sẽ se estranhar, nẽ terẽ disso pejo, & os q̃ mais bẽ vestidos andão trazẽ hũa pele de bogio pendurada da cinta pera baixo, por diante, como auental de ferreiro, & as molheres o mesmo,

Vestidos q̃ vsam.

Andam nûs.

&

& todo o mais corpo anda nû, por causa de serẽ mui pobres, & naõ terẽ posse pera comprar hum panno com que se cubraõ polo menos da cinta ate o joelho. Este he o vestido & trajo da môr parte de toda esta Cafraria, saluo daquelles Cafres q̃ tẽ cõmercio cõ os Portugueses, ou viuem entre elles, porque os mais destes andão cingidos com hum panno da cinta atè o joelho, & os que mais podem trazẽ outro panno mayor polos hombros a modo de cappa, com que se cobrem, & o demais corpo todo nû.

Officios q̃ tem os Cafres.

¶ Entre todos estes Cafres não ha officiaes, saluo ferreiros, que fazem frechas, azagayas, enxadas, machados, & hũas meas espadas, a q̃ chamão Lupangas, & tecelões, que fazem algũs pannos grossos de algodão, do tamanho de hum lençol meão, a que chamão Machiras. Este algodão fião as molheres, o que fazem quasi impropriamente, porque o seu officio mais ordinario he cauar, roçar, & fazer sementeiras, & tão propria he a enxada nas maõs das Cafras, como a roca na cinta das molheres de entre Douro & Minho, polo q̃ os Cafres que acertão de ter molheres trabalhadeyras, saõ mais ricos, & tem melhor de comer. Algũs Cafres tambem roção & cauão, & ajudaõ suas molheres, mas saõ mui poucos os que isto fazem, porque todos saõ priguiçosos, & amigos do ocio, & dados a folgar, cantar, & bailar; & por este respeito saõ pobres, & no que mais se exercitão, he em caçar syluestres animaes, bogios & feras, pera comerem.

Caçadas Reaes, q̃ faz o Quiteue.

¶ O Quiteue costuma fazer algũas caçadas Reaes, a que leua todos os Cafres da cidade em que mora, q̃ saõ tres, ou quatro mil homẽs, pouco mais ou menos, & cõ toda esta gente se vay aos matos, que estão perto da cidade, & cerca muita parte delles em roda, & desta maneira vẽ todos em ala batendo o mato, & enxotando quantos animaes nelle estão, com grande grita, & alaridos, atè os virẽ cercar em algũ cãpo descuberto, onde se ajuntão tygres, onças, leões, elefantes, bufaros, veados, porcos jaualis, & outros muitos animaes brauos, de que os matos saõ bem pouoados, & depois que tẽ este gado cercado, & encerrado entre si, então lhe lanção os cães, & lhe tirão cõ frechas,

& azagayas, & matão muita parte delle, de que fazẽ muita chacina, & tassalhos, asi pera o Rey, como cadahũ pera si. Nesta caçada que o Quiteue faz muitas vezes, he licito aos Cafres poderẽ matar leão, & não em outro tempo, ou lugar fora daqui, porque ha em todo este Reyno hũa ley, que o Quiteue tẽ posta, em que manda sopena de morte, que nenhũa pessoa mate leão, porque elle chamase leaõ grande, & como tal diz que he obrigado á conseruar a vida dos mais leões, & somente em sua presença permitte q̃ os possaõ matar por recreaçaõ sua. Desta carniça comẽ todos naquelle proprio lugar cõ muita festa & regozijo, & a mais carne trazem pera suas casas.

Priuilegio dos leões.

¶ CAPITVLO TREZE;

Das viñedas & lugares dos Cafres, & dos mantimentos que comem, & modo que tem em julgar suas empofias, & causas.

Osto que muytos Cafres desta Ethiopia viuẽ polos matos, embrenhados em suas choupanas, cõ suas molheres & filhos, como syluestres animaes, cõ tudo os mais delles habitão em pouoações pequenas, & outras mui grandes de dous, & tres mil vizinhos. Em cada pouoação destas mora hũ gouernador, ou capitaõ, posto pola maõ do Rey: o qual tẽ jurdição pera julgar as empofias, & demandas dos Cafres da sua pouoação em cousas leues, mas naõ em casos graues, porque de todos esses toma conhecimento o Rey, & diante delle se tratão, & elle os julga verbalmente como lhe parece. As penas de dinheiro, ou de bẽs algũs, ẽ que os Reos saõ condenados por elRey, ou por algũ capitão, ametade delles saõ pera o julgador, & a outra ametade pera o autor: & o reo paga tudo à risca.

Pouoações em q̃ morão

¶ As casas em que viuẽ estes Cafres saõ redondas, de madeira tosca, cubertas de palha, do modo de hum palheiro do campo. Esta casa mudão de hũa parte pera outra cada vez que elles querem. O mouel que tem dentro, he hũa panella em que cozem o milho q̃ comem, & duas enxadas pera cauarẽ, hũ arco, & frechas com q̃ caçaõ, hũa esteira de junco, que

Como julgão suas demãdas.

Mouel de suas casas.

que elles mesmos tecẽ, em que dormẽ, & mais ordinario nelles he dormir no chão, & quando tẽ frio fazẽ fogo no meyo da casa, & dormẽ ao redor delle marido, & molher, & filhos, metidos no borralho como gatos. Esta pobreza, & vida miserauel, he ordinaria de toda a Cafraria, no que sintem pouca pena, por nacerẽ, & se criarem deste modo: & tão costumados andão jà cõ estes trabalhos, q̃ os tẽ por vida, & natureza, como brutos animaes, a que saõ semelhantes ẽ muitas cousas.

Milho mãtimẽto ordinario.

¶ O mantimẽto ordinario dos Cafres, he milho, legumes, frutas do mato, & pescado que tomaõ nos rios em couãos, & caniços, & todo genero de animaes, que matão polos matos, & brenhas, como saõ bogios, cães, gatos, ratos, cobras, & lagartos, assi da terra, como dos rios, a q̃ elles chamão Gonas, & nòs Crocodillos, de modo q̃ a nenhũa carne perdoão.

Mantimẽto de canas brauas.

¶ Em algũas partes desta Cafraria, & mais ẽ particular na terra firme, q̃ està defrõte das ilhas do Cabo delgado, ha muitas cannas, como as de Portugal brauas, que nacẽ polos valados, os quaes de tres em tres annos, & muitas vezes de dous em dous, daõ, & crião hũas espigas muy grandes, cheas de graõ quasi do modo & feição de centeo, de que os Cafres colhem hũa grande nouidade, de que se sustentão, & fazẽ delle tanto caso, quasi como do milho. Eu comi algũas vezes paõ que se fez desta semente, & achei que era muyto bastante mantimento. Tambẽ ha muito arroz por estas terras, mas os cafres não lhe saõ tão afeiçoados como ao milho, que he mais sustancial, & poẽ mais força que o arroz, mas ordinariamente o semeão pera vẽder aos Portugueses, & mais em particular na costa de Melinde, & do Cabo delgado, onde ha infinito arroz, que he viniaga de muitos mercadores.

Mantimẽto milho & arroz.

Vinho q̃ se faz de milho.

¶ O vinho ordinario, quẽ bebem estes Cafres, he feito de milho, a que chamão Pombe. Este fazem da maneira seguinte. Primeirameute deitão de molho em agoa hum alqueire de milho, pouco mais ou menos, onde o deyxão estar dous dias, nos quaes arrebenta, & nace, & depois disto lhe escorrem aquella agoa, & o enxugaõ duas ou tres horas, & elle bem enxuto, o pisaõ muyto bem, ate que fica como massa:

O que fazẽ em hum gral muy grãde, que dà pola cinta a hũa pessoa, ao qual os Cafres chamão Cuni, & os Portugueses Pilão, como fica dito. Feita esta massa, poẽ ao fogo hũ grande azado meyo de agoa, & depois que ferue lhe vão botando obra de meyo alqueire de farinha de milho pouca & pouca, indoa mexendo, como quando se faz hum caldo, & como ferue hũ pouco, tiraõ o azado do fogo, & deitaõlhe dentro a massa que tẽ feita do milho pisado, mexendoa sempre atè que se desfaz em polme; & desta maneira fica esteazado dous dias, nos quaes està o cozimento feruendo, & cozẽdo sem ter fogo, como faz o mosto das vuas, & a cabo de dous dias o bebem, & desta maneira o fazẽ cada dia. Este pombe embebeda como vinho, se bebẽ muito delle, sustenta tanto, que muitos Cafres não comẽ nem bebem outra cousa, mais qne este pombe, & somente cõ elle viuem. Se o deixão estar no azado quatro ou cinco dias, faz se muito azedo, & quanto mais azedo he, mais embebeda, & com esse folgão os Cafres, por que dizem que lhe poem mais força.

O põbe sustenta & embebeda.

¶ Em toda esta Cafraria se cria hũa certa herua, que os Cafres semeão, a que chamão Bãgue, a qual he da propria feyçaõ de coentro espigado, & parecese muito cõ elle na semente, & na palha, mas não na folha, porque esta a tem ao modo de goiuos. Esta palha & folhas secão os Cafres, & depois de bem secas as pisaõ, & fazem em pò, & deste comẽ hũa maõ chea, & bebẽlhe agoa encima, & assi ficão muy satisfeitos, & cõ o estamago confortado, & muitos Cafres ha que cõ este bangue se sustẽtão muitos dias, sem comer outra cousa, mas se comẽ muito junto, embebedaõse cõ elle de tal modo, como se bebessem muito vinho. Todos estes Cafres saõ mui amigos desta herua, & ordinariamente a comem, & com ella andão meyos bebados, & os q̃ saõ costumados a ella escusaõ o pombe, porque sò com ella se satisfazem.

Herua Bangue, sustenta & embebeda.

CAPITVLO CATORZE

De algũas leys que os Cafres tem, & das sortes de que vsão, & lanção em todos seus tratos.

Vsaõ de sortes.

TOdos estes Cafres primeiro q̃ façāo algũa cousa, ou seja caminho, ou mercancia, ou sementeira, lanção sortes, pera saberẽ se lhe socederà bem, ou mal, & se a sorte lhe sae differente do que elles querẽ, não fazem aquelle dia o que determinauão fazer. Por estas sortes adeuinhão tambẽ muitas cousas perdidas, ou furtadas, & estes cuido eu que saõ feiticeiros, posto que elles se não manifestão por taes. As sortes de que todos vsaõ, sam hũs pequenos de pao redõdos, espalmados, & furados polo meyo, & mais pequenos que tauolas de jugar: a estes paos ou sortes chamão os Cafres Chacatas, & todo o Cafre traz estas cachatas cõsigo, enfiadas em hũa linha, pera vsar dellas quando lhe socede algũa cousa duuidosa; nos quaes casos lanção estas sortes, do modo q̃ ca fazẽ com dados, hũas tantas vezes, & nellas dizẽ elles que se lhe mostra o que querem saber, ou de bem, ou de mal, & tanto credito lhe dão, como nós ao Euangelho. Os Cafres que se achão sem estas chacatas, quando lhe socede algua cousa duuidosa que ajaõ de cõsultar pola sorte, então fazem outro modo de sortes no chão com certos riscos, a que tambẽ dão muito credito.

Os Chinas tẽ o mesmo erro.

¶ Dos Chinas se conta que tambẽ lanção estas sortes diante dos idolos, & se ellas naõ lhe acodem à sua vontade, dão muita pancada nos idolos, & queimãolhe os pès, ou maõs, & quando menos mal lhe fazem, he metelos na agoa, ou dar cõ elles em terra tantas vezes, atè que lhe sae boa sorte: & posto que depois ao exprimentar o negocio sobre q̃ lançarão a sorte lhe soceda ao cõtrario do que esperauão, com tudo nunca se acabão de desenganar, & ter as taes sortes por falsas, & incertas.

Ninguẽ pode ser feiticeiro sem licença do Rey.

Algũs Cafres ha q̃ saõ grandes feiticeiros, & fallão com o diabo, a quem chamão Mestre das feitiçarias. E porq̃ os mais delles saõ inclinados a este vicio, por tanto he prohibido polo Rey da terra, que ninguẽ seja feiticeiro sem sua licença, porque somente elle, & seus amigos quer que vsem desta sciencia. E todo o Cafre q̃ for feiticeiro sem licença del-Rey, tem pena de morte, & perda de seus bẽs, molher, & filhos ametade pera elRey, & ame-

tade

tade pera quẽ o accusar. E cõ ser esta pena tão rigurosa, não faltão muitos feiticeiros secretos, & todos o foraõ se pudérão, segundo saõ inclinados a este vicio, & com ser isto asſi, afrontãose muito de lhe chamarem Moroy, que quer dizer feiticeiro. Esta mesma pena do feiticeiro tẽ o ladraõ, a que chamão Baua, & a mesma tẽ o adultero, & qualquer pessoa pode matar estes tres generos de gente em flagrante delicto, sẽ porisso ter pena algũa. Se cõ tudo a parte agrauada não quer que morra o adultero que lhe fez adulterio, ou o ladrão que o roubou, ou o feiticeiro q̃ lhe fez feitiços, então ficão os tais malfeitores catiuos das mesmas partes a que agrauarão, & elles os podẽ vender, & fazer delles o que quiserẽ, como de cousa sua, & asſi lhe chamão depois de catiuos o seu ladraõ, o seu adultero, o seu feiticeiro. Esta pena de perder os bẽs pera el Rey, he mui cõmua entre estes Cafres por quaesquer delictos, polo que os mais delles ajuntão (como elles mesmos dizẽ) fazenda pera el Rey, porque ou tarde ou cedo, elles fazem, ou lhe arguem cousas por onde a percão.

O ladrão adultero feiticeyro, tẽ pena d' morte.

¶ CAPITVLO QVINZE.

Dos casamentos, partos, & mortalhas destes Cafres.

OS Cafres destas terras compraõ as molheres cõ que casaõ a seus pays ou mãys, & por ellas lhe dão vaccas, pannos, contas, ou enxadas, cadahũ segundo sua posſibilidade, & segundo a molher he. Pola qual rezão os Cafres que tẽ muitas filhas pera casar, saõ ricos, & viuẽ mui contentes com ellas, porque tẽ muito que vender. Se algũ Cafre viue descontente de sua molher podea tornar a quẽ lha vendeo, mas fica perdendo todo o preço que deu por ella quando a cõprou, & o pay ou mãy he obrigado a tomar a filha ẽgeitada, & depois de a ter em seu poder fica descasada do marido q̃ a repudiou, & o pay a pode tornar a vẽder, & casar com outro marido. A molher naõ se pode apartar do marido, nẽ deixalo, nem engeitalo, porque em certo modo fica como sua catiua, que lhe custou seu dinheiro. Quando estes Cafres casaõ naõ tem mais ceremonias, que concertarẽse

Os Cafres compraõ as molheres, & podẽ engeitalas.

as partes, & o dia do casamẽto fazerẽ grãdes bailos, festas, & jogos, em q̃ se achão presentes quantos moradores ha naquelle lugar onde se faz o casamento: & cadahũ dos conuidados traz sua offerta de milho, ou farinha, inhames, graõs, feijoẽs, & o mais que cadahũ pode, ou quer trazer, & tudo isto dão aos noiuos pera ajuda dos gastos daquelle dia, & a môr parte destas offertas se gasta nestas vodas em comer & beber.

Como casaõ.

Todo o Cafre que quiser ter duas molheres, o pode fazer, se tem posse pera isso, mas saõ poucos os q̃ podẽ, & asi naõ tem mais de hũa, saluo os grandes, & senhores do Reino, porq̃ esses tẽ muitas, entre as quaes hũa sò he molher grande, principal, & mais estimada, ficando as outras como mancebas.

Os Cafres tem muitas molheres.

¶ Algũas Cafras ha nestas terras taõ agrestes, como as feras, & syluestres animaes, o q̃ mostraõ claramente em seus partos, porque muitas dellas quando lhe dão as dores de parir, vãose aos matos, & nelles andão passeando de hũa parte pera outra, recebendo o cheiro do mato syluestre, cõ que parẽ mais depressa, como se foraõ cabras, & depois que parẽ vãose âs lagoas, ou rio, & nelle se lauão, & os filhos que pariraõ, & dali se tornão pera suas casas com elles nos braços, sem se apertarẽ, porque não tẽ cõ que o possaõ fazer, nẽ o costumão, nem menos se deitaõ em cama, porque a não tẽ pera si, nem pera os tenros filhos, mais q̃ hũa esteira, ou hũa pouca de palha, onde quando muito se deitão o dia que pariraõ, saluo se ficão doentes, como muitas vezes lhe acontece.

As Cafras parẽ no mato

¶ Quando algũ Cafre morre, naõ somente o choraõ seus parentes & amigos, mas tambẽ os moradores do lugar, ou aldea em que moraua, & o pranto dura todo aquelle dia em q̃ morreo, & o mesmo dia o leuaõ a enterrar encima da esteira, ou catre em que morreo: & se o defunto tinha algũ panno pera sua mortalha, vay amortalhado nelle, & senão vay nũ como andaua sendo viuo. Fazẽlhe a coua dentro no mato, onde o metẽ quasi assentado, & junto delle poẽ hũa panella de agoa, & hũ pouco de milho, o qual dizẽ que he pera o defunto comer, & beber naquelle caminho que faz pera a outra vida, & sem mais ceremonias o cobrẽ de terra, & sobre

Enterramentos dos Cafres.

a coua

ã coua lhe poẽ a esteira, ou o catre em que o leuaraõ a enterrar, onde se gastão & consumẽ cõ o tẽpo, sem mais se seruirem delles, ainda que sejão nouos, porque tẽ grande agouro em tocar na esteira, ou catre, ẽ que alguẽ morre, tendo pera si que daquelle tacto se lhe pode pegar a morte, ou algũ mal.

Agouro dos Cafres.

¶ Os parentes, & amigos, choraõ o defunto oito dias, pola manhã, ao meyo dia, & ao sol posto, hũa hora decadavez, pouco mais ou menos: o qual pranto fazẽ bailando, & cantando em voz alta muitas lamentações, & prosas lastimosas feitas ao seu modo, todos juntos em pè postos em roda, & de quando em quando entra hũ dos circunstantes no meyo da roda, & dà hũa volta, ou duas, & logo se torna a seu lugar; & depois que acabão este pranto, assentãose todos em roda, & comẽ & bebẽ pola alma do defunto que chorarão. Isto concluydo, vayse cadahũ pera sua casa. Pera este conuite contribuem os parentes mais chegados do defunto.

Modo q̃ os Cafres tem em chorar seus defũtos.

¶ Todos estes Cafres saõ deshumanos, & crueis hũs pera os outros. Se algum delles adoece, & não tẽ molher, ou parentes, & amigos, que lhe queiraõ muito, & curẽ delle, ordinariamente morre ao desemparo, porque nenhũ outro Cafre ha que se doa delle, nẽ lhe dè cousa algũa de comer, ainda q̃ o veja estar perecendo, & morrẽdo cõ fome, & necessidade, da qual doença cõmummente morrẽ todos, por serẽ mui pobres, & miseraueis, & auaros de qualquer cousa de comer, ou beber que tenhão: & quando muito fazẽ a estes desemparados, he leualos algũ seu amigo ao mato, & deitalos ao pè de hũa aruore, ou mouta, pondo junto delles hũa panella de agoa, & hum pouco de milho, pera que comão, & bebão, se puderẽ, & alì os deixão atè que acabão de morrer, sẽ mais terẽ cuidado delles; & ainda que algum Cafre passe por junto delles, & os veja lamentar, ou gemer, não se doe delles pera os remediar. Algũs Cafres ha que tẽ esta deshumanidade tanto por natureza, que ẽ si mesmos executão sua crueldade, porq̃ em se sintindo mal, & parecendolhe q̃ jà estão no vltimo da vida, mandãose leuar ao mato, & postos ao pè de hũa mouta, se deixão morrer como brutos animaes.

Deshumanidade dos Cafres.

Deixão morrer os enfermos ao desemparo.

Cap.

¶ CAPIT. DEZASEIS, *De Cafres aluos, & homẽs que criarão filhos a seus peitos, & de outras monstruosidades.*

Cafres aluos.

Lgũas Cafras ouue nos Reinos do Mocaranga, que parirão filhos muito aluos, & louros como Framengos, sendo seus pays negros como pez. No tempo que eu andaua nestes Reynos do Quiteue, estaua hũa criãça destas brãca na sua corte, q̃ o Rey ali tinha, & sustẽtaua, por cousa mui estranha, & prodigiosa: O Manamotapa tinha em sua casa outros dous Cafres aluos com a mesma admiração. Dizẽ os Cafres, que estas crianças que nacem brancas de molheres pretas, saõ filhos do diabo, porque elle os gera nestas Cafras, estando ellas dormindo. Dom Hieronymo Coutinho vindo da India por capitão mór das naos no anno do Senhor de 1600. trazia na sua nao hũa Cafrinha muito alua, que lhe deu na India o Visorei dom Francisco da Gama Conde da Vidigueira, a qual eu vi em Goa em sua casa, & depois na ilha de santa Helena, onde estiuemos todos, vindo eu na mesma armada. Esta Cafrinha filha de dous Cafres pretos, era tão alua, q̃ ate as pestanas dos olhos tinha brancas: falleceo no mar vindo da ilha de santa Helena pera Portugal.

Cafra velha, q̃ pario.

¶ Em hũ rio chamado Inhaguea, que està entre Sofala, & o Rio de Luabo, vi hũa negra velha demais de sessẽta annos, parida de poucos meses, estar dando de mamar ao filho que pario sendo daquella idade. Muitas Cafras parem dous, & tres filhos de hum parto: eu vi hũa em Sofala, que pario tres, morreolhe hum, & criou dous, ate serem de perfeita idade.

Homẽ q̃ criou a seus peitos.

¶ Hũ Cafre Christão vi em Sofala, chamado Pedro, o qual morrendolhe a molher depois de parir hũa filha dahi a hum mes, elle mesmo tomou a minina, & lhe deu de mamar a seus peitos, com leite que nelles teue, & a criou perto de hũ anno, atè que lhe morreo de lombrigas, & não por falta de leite, & depois de a minina fallecer se lhe secaraõ os peitos, & nunca mais teue nelles leite. Hũ dia me mostraraõ este Cafre em Sofala, & contandome delle o caso extraordinario q̃ tenho dito, o mandey chamar, & pregunteilhe o modo que

tepera

tiuera pera lhe vir leite aos peitos. Elle me respondeo, que a muita pobreza, & necessidade em que se vira posto nos matos onde moraua cõ hũa criança sem mãy, chorando, sem ter quẽ lhe desse de mamar, essa o ensinara, & mouera a meterlhe o seu peito esquerdo na boca, pera desta maneira a fazer calar, chupando nelle em seco, & depois lhe daua papa muito rala a beber; & continuando isto dous ou tres dias, no cabo delles lhe acudio leite ao mesmo peito em que a minina mamaua, & pouco & pouco lhe veyo crecendo o leite em tanta quãtidade, que foy bastante pera criar sua filha perto de hũ anno, ate que morreo, como fica dito.

Hum Iudeu que criou seu filho aos peitos.

¶ Contando eu na India este caso, me disserão pessoas de credito, q̃ na fortaleza de Ormuz ouue hum Iudeu de sinal (dos quaes viuem muitos na India) o qual tambẽ criou hũ filho a seus peitos por falta da mãy, & molher sua, que lhe faleceo na dita fortaleza, deixando a criança de pouca idade, & por ser pobre não quis buscar ama pera o filho, porque tinha leite nos peitos muy bastante pera o criar, como criou.

¶ Hũ Cafre vi no rio dos bõs sinaes, a quẽ os Cafres chamão Quilimane, o qual tinha peitos mui grandes saydos pera fora como peitos de hũa molher que cria, mas este nunca teue leite nelles, porque lho preguntey, & me informei disso, dizendome que de sua propria natureza tinha os taes peitos, & que jà seu auò da parte da mãy tiuera os mesmos peitos grandes.

Homem q̃ tinha peitos como molher.

¶ Gabriel Rabello feitor, & alcayde môr que foy da fortaleza de Maluco, no liuro que fez das cousas notaueis daquellas ilhas Malucas, dirigido a dom Constantino Vicerey q̃ foy da India, diz que hũ seu cõpadre & amigo, morador na mesma fortaleza de Maluco, chamado Francisco Palhã, tinha hũ grande bode em sua casa, juntamẽte cõ outras cabras, o qual tinha hũa grande teta chea de leite, em que lhe mamauão os cabritos, & elle os consentia, & agasalhaua, como se fora sua propria mãy.

1. parte, cap. 10.

Bode q̃ teue hũa teta com leite.

¶ Depois que vim da India pera Portugal, soube como em Moura, villa nobre de Alentejo, viuia hum homẽ pobre, que ordinariamẽte ganhaua de comer por seu suor, ao qual commũmente chamauão Pay velho, & por este nome era muy conhe-

conhecido naquella terra. Des te homem me affirmarão, que auia muitos annos que tinha leite nos peitos, & ainda oje sendo de idade de mais de sesẽ ta annos, o tinha em tãta abũ dancia, como pode ter hũa mo lher que cria, o que elle tambem dizem que fez, dando de mamar a duas crianças, filhas de hũa sua sobrinha, ou parẽta, em cuja casa elle estaua. Este homẽ inda oje viue, & pregun tando eu por elle a pessoas de Moura, pera me inteirar na verdade deste prodigio, me disserão que algũas vezes virão este homem sobre apostas, & porfias que outros fazião, se tinha leite ou não, apertar o peito cõ a mão, & lançar lei te delle que lhe esguichaua fora em muita quãtidade, & tão grosso, que o prouaua na vnha onde se tinhão algũas gotas pegadas & pẽduradas na mes ma vnha, sem cayrem. A hum religioso da ordem de S. Domingos, indo ter a esta villa, mostrarão este homẽ, & lhe cõtarão como elle dera de mamar a duas crianças, & as ajudara a criar, da maneira que fica dito.

(?)

¶ CAPIT. DEZASETE

Das guerras que teue o Gouernador Francisco Barreto com os Cafres do Quiteue.

POucos annos auia que elRey dom Sebastião tinha tomado o gouerno de Portugal, quando mandou Francisco Barreto com titulo de Gouernador, & capitão gêral de hũa grossa armada, pera ir a Sofala, cõquistar as minas de ouro, que auia no Reino do Mocaranga, & particularmente as minas da Manica: em cuja conquista o dito Gouernador teue grãdes & crueis guerras cõ o Quiteue, Rey das terras que estão entre Sofala, & a Manica, porque sempre este lhe quis tolher, & defender a passagem pera as ditas minas, situadas no Reino doutro seu vizinho, chamado Chicanga, & não podia o Gouernador passar a estas minas, sem atrauessar todo o Reino deste Quiteue, o qual o não queria consentir, assi por não terem os Portugueses cõmercio, nẽ trato com o Chicanga seu inimigo, leuandolhe a suas terras muitas roupas, & contas, pera resgatarem cõ ellas ouro das

suas

ſuas minas, cõ que podia ficar muito rico & poderoſo, couſa que elle não queria ver ẽ ſeu inimigo, como tambẽ por lhe não deuaſſarẽ ſuas terras, atrauesſandolhe todo ſeu Reyno; polo que ſempre defẽdeo eſta entrada aos Portugueſes, & muitas vezes ſayo ao encõtro a Franciſco Barreto, que hora caminhaua por terra, hora nauegaua polo rio de Sofala acima, ſeguindo ſempre ſua conquiſta com ſua gente, & ſoldadeſca ordenada; nos quaes caminhos o Quiteue lhe repreſẽtaua muitas batalhas, & pelejaua com os Portugueſes muy esforçadamẽte, dandolhe muyto trabalho, & matando algũs: o que tambem fazia cõ muyto riſco de ſeus Cafres, porque os Portugueſes, ſempre hião matando nelles, & desbaratãdolhe ſeus exercitos, & ciladas, que os mais dos dias lhe armauaõ, emboſcados polos caminhos. E o Quiteue não trataua de outra couſa mais, q̃ de ajuntar gẽte de refreſco, & mandala cadadia pelejar com Franciſco Barreto, pera q̃ lhe tolheſſe o caminho, mas nada baſtaua pera desfazer o esforço, & animo cõſtante dos Portugueſes, que ſempre forão rõpendo, & desfazendo os recõtros dos inimigos, padecendo juntamente grãdes fomes, por falta dos mantimẽtos, que os Cafres lhe eſconderaõ, & tiraraõ de todas as pouoações, & terras, por onde os Portugueſes paſſauão, & deſta maneira cõ fomes, & guerra continua, & cõ ſuas armas âs coſtas, foraõ caminhando atè a cidade de Zimbaohe, onde eſtaua o Quiteue, o qual ſabendo de ſua chegada, fugio da cidade, & recolheoſe em hũas grandes ſerras que perto eſtauão, com ſuas molheres, & muita parte da gente da cidade, que leuou pera ſua guarda, de maneira que chegando Franciſco Barreto à cidade, achou nella pouca reſiſtencia, & logo lhe pos fogo, queimãdo muita parte da pouoação: & depois diſſo foy continuando ſeu caminho pera o Reino da Manica, onde chegou dahi a dous dias, ſem auer quem lhe tolheſſe a paſſagem, antes o Chicanga ſabendo de ſua chegada o mandou viſitar ao caminho com muitos mantimentos, & vaccas, notificãdolhe como eſtaua muy aluoroçado pera o ver em ſeu Reyno. Franciſco Barreto lhe mãdou agardecer

Recõtro dos Cafres com os Portugueſes.

Chega Frãciſcõ Barreto à Manica

esta boa vontade, & gasalhado, que lhe fazia, & juntamente lhe mandou hum bom presente de roupas, & cõtas, com que o Cafre ficou muy satisfeito, & contente: & tanto que Francisco Barreto chegou â sua cidade, o sayo a receber com muyta festa, & todos os dias que ali esteue o tratou com muyto amor, cortesia, & gasalhado, dandolhe todos os mantimentos necessarios pera seu exercito muy abundantemente. Neste tempo assentou Francisco Barreto pazes com o Chicanga, pera que dali por diante pudessem os Portugueses entrar liuremente polo seu Reyno com suas mercadorias, & resgatar o ouro de suas minas, sem auer quem lho estoruasse. As quaes pazes & amizade o Chicanga aceytou com muyto gosto, prometendo de as guardar, & sustentar com muyta fidelidade pera todo sempre.

¶ Tanto que os Portugueses se viraõ na terra do ouro, cuydarão que logo pudessem encher sacos delle, & trazer quanto quisessem; mas depois que estiueraõ algũs dias emcima das minas, & viraõ a grande difficuldade, & trabalho, q̃ os Cafres tinhão, & o grande risco, & perigo de suas vidas, a que se punhão pera o tirar das entranhas da terra, & das pedras, ficaraõ frustrados de seus pensamentos.

¶ Este ouro tiraõ os Cafres da terra, & se apanha de tres maneiras. A primeira, & mais ordinaria he, fazendo grandes couas, & minas, por bayxo das quaes andão cauando a terra, polas veas que jà conhecem, & dali a tirão pera fora, & a lauão com agoa em gamellas, & assi lhe tirão todo o ouro que a terra tem. Isto fazem cõ muyto perigo de suas vidas, porque muytas vezes se arruynão as minas, & os apanhão debayxo, & assi morrem muytos neste officio: mas he o interesse & cubiça tanta, que tem das roupas, que os Portugueses lhe dão polo ouro, que a todos os perigos se arriscão, polo tirar das entranhas da terra. O segundo modo de apanhar o ouro, he quando choue, porque então andão os Cafres todos polas regueiras dos campos, & das serras embusca do ouro, q̃ então fica descuberto cõ as ẽxurradas, & corrẽtes das agoas, onde se achão muytas lascas, & pedaços de ouro.

Tres mõdos de tirar ouro das minas.

1. modo.

2. modo.

3. modo. Terceiramente se tira o ouro de certas pedras que se achão em minas particulares, dentro nas quaes pedras estão muytas veas de ouro, & pera lho tirarem, as quebraõ, & fazem em pó, & depois lauaõ todo aquelle pô em gamellas, & o que não he ouro se desfaz com a agoa, & vay fora, & o ouro fica pegado no fundo da gamella, donde o recolhem. A este ouro das pedras chamaõ os Cafres Matuca, & he ouro bayxo, & de poucos quilates, & a todo o outro ouro chamão Dahabo, quer seja em pô, quer em lascas.

Ouro Matuca & Dahabo.

Depois que Francisco Barreto assentou pazes com o Chicanga, despediose delle, & tornou a voltar polo mesmo caminho, com determinação de passar pola cidade do Quiteue, & fazerlhe cruel guerra, quando elle não quisesse pazes com os Portugueses: mas o Quiteue sabendo de sua volta, tomou melhor conselho que dantes, & o dia que Francisco Barreto começou de entrar polo seu Reyno, lhe mandou cometer pazes: as quaes Francisco Barreto aceitou cõ muyto gosto, por assegurar este caminho aos mercadores de Sofala. E visto o pouco proueyto que o Quiteue tinha de lhe atrauessarem suas terras, leuando as mercadorias a outro Reyno, pera de lá trazerem ouro, pareceo bem que lhe dessem algũa cousa pera o contentar, & assentarão que o capitão de Sofala que entaõ era, & o que fosse dali em diante, seria obrigado a dar ao Quiteue em cadahum anno duzentos pannos de tributo: polo qual respeito o Quiteue lhe faria todas suas terras francas, & seguras, pera que os Portugueses dali por diante as pudessem liuremente atrauessar, & leuar suas mercadorias ao Reyno de seu vizinho Chicanga, & trazer de lá ouro, sem ninguem lho cõtradizer, nem fazer agrauo algũ: & assi mais faria todo o rio de Sofala franco, pera que os moradores da fortaleza mandassem buscar a elle mantimentos liuremente. Aceitadas estas pazes, & concertos por ambas as partes, tornouse Francisco Barreto pera Sofala pacificamẽte, deyxando todas as terras do Chicanga, & Quiteue quietas, & de paz com os Portugueses.

Pazes & cõcerto do Quiteue, com Frãcisco Barreto.

Cap.

¶ CAPITVLO XVIII.

¶ Da Curua, ou tributo, que os Portuguefes, & os Cafres pagão ao Quiteue, & de como fe arrecada.

A fica dito no capitulo atrás, que pagaua ocapitão de Sofala de tributo ao Quiteue Rey daquellas terras, duzentos pannos em cadahum anno por lhe franquear as terras. Eftes duzentos pannos valem dentro em Sofala mais de cẽ cruzados, & ifto entre os Portuguefes, mas entre os Cafres valem mais de cem mil reis. A efte tributo chamão os Cafres Curua, a qual mãda oQuiteue bufcar, & arrecadar em cadahum anno dentro a Sofala da maneira feguinte.

Tributo q̃ fe paga ao Quiteue.

¶ Manda quatro embayxadores, que pera iffo elege, a quem os Cafres chamão Mutumes. Hum deftes reprefenta nefta jornada a peffoa do Rey, a quem todos os Cafres tem a mefma reuerencia, & refpeito nefte caminho fomente. Ao fegundo Mutume chamão Boca del Rey, o qual vem pera falar, & dar a embayxada do Rey. Ao terceiro chamão Olho del Rey, porq̃ efte tẽ cuidado de ver tudo quãto fe faz nelta jornada, & embayxada, afsi de mal, como de bem, pera depois que tornar â Corte relatar tudo ao feu Rey, & jũtamente pera ver quanta roupa, & que tal he a que felhe entrega. Ao quarto Mutume chamão Orelha del Rey; o qual vẽ pera ouuir tudo o que fe diz nefta embayxada, afsi da parte do Rey, como da parte do capitaõ de Sofala, & fe os embayxadores accrecentão, ou diminuem algũa coufa das embayxadas. Todos eftes quatro embayxadores ordinariamente faõ fenhores, & âs vezes filhos do mefmo Rey, & mais em particular o que vem em feu nome, porque efte fempre he mayor fenhor que os outros tres. A todos eftes Cafres dà o capitão muitos pannos, & contas, cõ que ficão fatisfeitos & contentes, alem da curua que lhes entrega pera o Quiteue, as quaes dadiuas faõ os intereffes de fua embayxada: & o Quiteue defpacha a eftes com femelhantes officios, por lhefazer muita merce, & hõra, & lhes dar efta occafião de grangear o intereffe & dadiuas, que o capitão lhes dà.

Mutumes, ou embaixadores do Quiteue

O 1. reprefenta a peffoa delRey.

O 2. boca delRey.

O 3. olho delRey.

O 4. orelha delRey.

Recebimento q̃ se fazaos embaixadores do Quiteue

¶ Estes embayxadores quando vem buscar esta curua, trazem consigo mais de cem Cafres, asi pera os acompanharem; como pera leuarem as roupas, & contas da curua âs costas, como he seu costume. E antes que cheguem â pouoção de Sofala, obra de meya legoa pouco mais, ou menos, mandaõ recado ao capitaõ, de como jà saõ chegados, & logo o capitão os manda receber polo Xeque de Sofala, que he Mouro, cõ outros algũs Mouros, pera virem em companhia dos Cafres atè a fortaleza: os quaes entraõ na pouoaçaõ todos juntos da maneira seguinte.

¶ Primeiramente, vem na dianteira algũs tangedores de tambores, & outros instrumentos, & algũs bayladores, & todos vem cantando & tangendo, & atroando a terra toda com suas desabridas & desentoadas vozes, com as cabeças ornadas de penachos de rabo de gallo. Logo detras destes se seguem os demais Cafres, ordenados todos em hũa fileyra: no cabo dos quaes vẽ os quatro Mutumes por sua orden; & no vltimo lugar vem o que representa a pessoa do Quiteue, & â sua ilharga o Xeque dos Mouros, & desta maneyra muy bem ordenados, entraõ em Sofala. O capitaõ da fortaleza os aguarda, & recebe com muyta cortesia, em hũa sala da fortaleza, onde està acompanhado de todos os Portugueses que ha na terra, & dali os manda aposentar no lugar dos Mouros, onde os sustenta de todo o necessario os dias que ali estão, q̃ saõ sete, ou oito. Neste recebimento costumaua o capitão muytas vezes mandar desparar a artelharia da fortaleza, pera cõ isso festejar aos Mutumes, mas elles se assombrauão de tal maneyra com o estrondo della, que lhe pesaua muito de a ouuir, & achauao q̃ era hũa festa muyto pesada pera elles: & asi pediraõ ao Quiteue mandasse dizer ao capitão, que quando a sua gente fosse buscar a curua, escondesse os Inhafutes da fortaleza (que asi chamaõ âs peças de artelharia) porque gritauão muyto, & eraõ muy agastados, & não auia quem lhe pudesse soffrer os seus gritos: & alem disso, que todos quantos ouuiaõ aquelle estrondo tão espantoso, ficauão assombrados delle de

de tal modo, que se seccauaõ, & mirrauão, & muitos morrião disso. Este recado mandou o Quiteue ao capitão, & de então pera ca não desparão a artelhatia, & tem os Cafres tão grande medo della, que nem a mão ousaõ de lhe pòr emcima quando vão â fortaleza, na porta da qual estão tres peças grossas. Da manei ra sobredita manda o Quiteue todos os annos buscar esta Curua, ou tributo, que Francisco Barreto lhe prometeo, quando fez pazes com elle, no tempo da conquista, como fica dito.

Tributo q̃ os Cafres pagã ao Quiteue.

¶ Os Cafres vassallos deste Quiteue tambem lhe pagão seus tributos, da maneira seguinte. Em todas as aldeas, & pouoações que ha no Reyno do Quiteue, se faz hũa gran de seara de milho pera el Rey, & todos os moradores do lugar saõ obrigados a trabalhar nella certos dias no anno, que pera isso estão jà determinados: de modo que os Cafres de cada pouoação, roção, cauão, & semeão, & colhem esta seara, que naquelle lugar se faz pera el Rey, a qual o mesmo Rey manda arrecadar por seus feytores, que pera esse effeyto tem em cada lugar. Este he o tributo que todos pagão a este Rey, sem outra cousa algũa mais, saluo os mercadores Cafres, que tratão em roupas, & contas, & em outras mercadorias com os Portugueses, porque esses pagão de cada vinte peças tres pera el Rey.

Tributo q̃ os mercadores Portuguesespagão ao Quiteue.

¶ Os Portugueses mercadores, que vão com suas fazendas â Manica, & passaõ polas terras do Quiteue, pagão de tributo, ou direitos ao mesmo Quiteue, de vinte pannos hũ, & o mesmo pagão das contas, & desta maneira passaõ seguros por suas terras, ate o Reyno da Manica, onde estaõ as minas de ouro.

¶ CAPIT. DEZANOVE.

¶ *De alguns costumes, abusos, & agouros, que tem os Mouros de Sofala.*

EM muytos lugares desta costa da Ethiopia Oriental, viuem algũs Mouros baços, & nos costumes quasi semelhantes aos mesmos Cafres, & auentejados ainda em muytas superstições barbaras.

Casamẽto dos Mouros de Sofala

Quãdo algũm Mouro destes casa, o dia de seu recebimento busca outro Mouro valente, & bemdesposto, que o leue âs costas, de sua casa atè a da noiua, sem descansar no caminho ainda que seja de meya legoa, como algũas vezes acontece, porque todos estes Mouros de Sofala viuem espalhados polos palmares circunstantes da fortaleza, que saõ como as quintas de Portugal, distantes hũs dos outros algũas vezes quasi hũa legoa. E se acõtece cansar no caminho o Mouro que leua onoiuo âs costas, & não poder chegar com elle atè a casa da noyua, em tal caso se não faz o casamento naquelle dia, porque tem os Mouros por grande agouro não poder o desposado chegar â casa da molher que hade ser sua, sem descansar no caminho quem o leua; & assi escolhem outro dia, & buscão outro Mouro mais esforçado, que o possa leuar de hũa sò vez, sem descansar no caminho, & he tão vsada esta ceremonia entre elles, que nenhũ Mouro casa sem ella.

Mortalha & enterramento dos Mouros de Sofala

¶ Todos os Mouros desta costa, ainda que sejão muito pobres, & não tenhão de comer em sua vida; com tudo fazem muito por ter guardado hum panno fino, ou canequim pera se amortalharem quando morrẽ. Enterraõse tambẽ nos matos como os Cafres, & dentro na coua lhe metem arroz, milho, manteiga, & agoa em algum vaso, & depois cobrem tudo de terra.

¶ Sobre a coua lhe poem duas pedras leuãtadas como marcos, hũa â cabeceira, & outra aos pês, as quaes vntaõ de sandalo moido cheyroso, não somente logo quando enterrão o defunto, mas tambem polo tempo em diante, vem ali seus parentes vntarlhe as pedras de sandalo, & lançarlhe arroz sobre as couas, & algũs lhe poem hum testo com brasas acesas sobre a coua, com incenso dentro, que esteja defumando aquelle lugar. Trazẽ estes Mouros a enterrar seus defuntos, encima das esteiras, ou catres em que morrem, os quaes lhe deyxão ficar sobre as mesmas couas, & ninguem se serue mais delles, ainda que sejão nouos, & ali se gastão & consumem com o tempo, & este costume parece que tomaraõ dos Cafres, que todos fazem o mesmo.

Os

Agouros dos moradores de Sofala.

¶ Os moradores de Sofala Christãos, tambem quando lhe morrem os escrauos, mandão que os leuem a enterrar sobre os catres, ou esteiras em que morrerão, & não consentem que lhe tornem a leuar pera casa as taes esteiras, ou catres, senão que fiquem sobre as couas dos defuntos, que ordinariamente se enterraõ no adro: mas eu sempre as mandaua tirar, & lançar no rio, ou leuar pera nossa casa pera o fogo, assi por desoccupar o adro, como por lhe tirar estes agouros, oque soffrião mal algũs naturaes da terra, particularmente molheres: & chegou a tanto sua paixão, que me mandaraõ auisar com titulo de charidade que não bulisse com as mortalhas, & alfayas dos defuntos, porque não era cousa boa, antes me poderião vir por isso muitos males, causados polos mesmos defuntos: mas eu tomei seu conselho tanto ao contrario, que dali por diante, nem consenti que catre algũ, ou esteira lhe ficasse sobre as couas, mas todas logo mandaua lançar no rio: o que fazia (como tenho dito) por ver se lhe podia tirar estas superstições, & abusos, vendo elles que nenhũ mal me vinha por isso, como dezião que me poderia vir.

Agouro sobre as mortalhas.

Superstições dos naturaes de Sofala.

¶ Todos os naturaes desta terra, assi Mouros, & Gentios, como Christaõs, dão muito credito á sonhos, de modo que se sonhão em cousas boas, andão mui alegres, & contentes, esperando que lhe soceda algũa cousa boa, ou lhe venha algũa boa noua: & polo contrario se sonhão roins sonhos, andão muito tristes, & pensatiuos, cuidando no mal que lhe pode soceder. E posto que algũas vezes lhes soceda ao contrario de seus sonhos, nem por isso deyxão de lhe dar credito. Se lhe bole o olho direito, dizem que lhes ha de vir algũa boa noua, ou que hão de ver muyto cedo algũa cousa que lhe dè grande contentamento: & polo contrario, se lhe bole o olho esquerdo. Se ouuem gritar algũa curuja denoite junto de sua casa, ou lhe passa voando por cima della, ou pousa no seu telhado, acodem logo com muita pressa a tomar as crianças nos braços, & depois disto andão por toda a casa com hũ panno ou ramo na mão, sacudindo o ar pera fora da casa, como quẽ

Agouro da curuja

enxota moscas, porque tẽ pera si que o brado, & voz da curuja deixou o ar daquella casa inficionado de modo, q̃ lhe mata as crianças, como se fossem embruxadas.

¶ Outro agouro tem os naturaes desta terra, & particularmente os Cafres Gentios, que he, se lhe dão algũa pancada com cousa vaã por dentro, como he cãna, ou palha, fogem, & gritão como se os matassẽ, & antes querem que lhe dem com hum pao, ou ferro, ainda que lhe doa, que não com cousa vaã por dentro, porque dizẽ que assi como a canna he vaã, assi faz mirrar, & seccar a quẽ leua suas pancadas, & pouco & pouco se vay consumindo, atè que morre. Outros muitos agouros, & superstições tem estas gẽtes mui arreigados no coração, que não ha poderlhos tirar, por mais rezões que lhe dem pera isso, & particularmente as molheres de Sofala: o que lhe nace da mistica conuersação que tẽ com as Cafras que vsaõ destas cousas.

Agouro da cãna.

¶ CAPITVLO VINTE,

Da Ilha Maroupe, situada no meyo do Rio de Sofala, & da caça que nella se cria.

NO rio de Sofala obra de quatro legoas da fortaleza polo rio acima, começa hũa ilha chamada Maroupe, que tem oito legoas de comprido, & no mais largo legoa & mea, pouco mais ou menos. Hum Portugues chamado Rodrigo Lobo, era senhor da môr parte desta ilha, da qual lhe fez merce o Quiteue por ser muito seu amigo, & juntamente lhe deu titulo de sua molher, nome que o Rey chama ao capitão de Moçãbique, & ao de Sofala, & aos mais Portugueses que muito estima, significando com o tal nome, q̃ os ama, & quer que todos lhe fação cortesia, como a sua molher, & realmente assi he, que todos os Cafres veneraõ muito os Portugueses que tem titulo de molheres del Rey. Nesta ilha tinha Rodrigo Lobo muitos Cafres seus escrauos, & os mais que nella morauão, todos eraõ seus vassallos. Algũas vezes fomos a ella, eu & o padre meu cõpanheiro, a cathechizar, & bautizar algũs delles, que pola môr parte erã Gẽtios, outras vezes a folgar, porque he a ilha de muita recreação, por auer nella grandes

Titulo com q̃ o Quiteue hõra os Portugueses.

Recreação da ilha de Maroupe.

des pescarias, & caça de muitos & varios animaes, como saõ veados, merûs, paraparas, nondos, gazellas, vaccas brauas, que tem pouca differença das mansas, muitos porcos do mato, & jaualis, & outras muitas castas de feras, que andão em bandos como vaccas, ou cabras.

Tres modos q̃ os Cafres tẽ de caçar.

¶ Os moradores desta ilha de tres maneiras cação estes animaes. A primeira, & mais ordinaria, he em couas que fazem polos valles da ilha, onde se recolhẽ de noite a comer. Estas couas saõ de altura de hũ homem, & de tres varas de comprido, & vara & meya de largo na boca da coua, & no fundo muy estreitas, de modo que caindo a caça dentro, trocaõse lhe os pês embaixo, & não pode tornar a saltar fora, & ali fica entalada, & presa, sem se poder mais bolir, onde os Cafres a matão sem perigo, nem trabalho, ou a tiraõ viua. Estas couas armão cõ paos atraues-sados por cima, & cubertos de palha, ou de rama, de modo q̃ não aja sinal de coua.

1. modo.

2. modo.

¶ A segunda maneira de caçar, he fazendolhe cerco da bãda da terra com muita gente, & cães que ladrem, & fação fugir a caça pera o rio, onde tẽ postas ao longo da terra muitas embarcações pequenas a q̃ chamão almâdias, com dous caçadores em cadahũa, hum assentado na popa, com hũ remo na mão prestes pera remar, & outro na proa com azagayas, pera ferir, & matar a caça. Isto preparado no rio, & a gente das embarcações muy agachada, & quieta sem falar, por naõ ser vista nem sentida da caça, faz a gente da terra hũa meya lũa, & a vay cercando, & açulandolhe os cães, com grande estrõdo & grita, & ella fugindo, vay buscar o rio pera o atrauessar a nado à outra banda, como costuma: mas tanto q̃ se lança na agoa, acodem muy depressa as almâdias remando, & tomão a caça no meyo do rio viua, & ali a prendem, & leuão à borda da agoa, onde a matão sem trabalho algũ, nem perigo, & com muita festa. E asi he esta caçada de mais gosto, & regozijo q̃ a primeira, porque nella se toma muitas vezes todo hũ bando destes animaes.

3. modo. Caçada vniuersal.

¶ A terceira maneira com que se mata todo o genero de caça, he no tẽpo das cheas do rio, no qual os mais daquelles campos

campos da ilha se alagão, & a caça toda foge pera os altos da ilha, onde fica cercada sem poder fugir pera nenhũa parte. Ali ficaõ leões, tigres, onças, elefantes, veados, porcos, & todo o mais genero de animaes sylvestres, & feras, jũtos hũs com os outros, sem se fazerem mal, como se estiuerão ẽ a arca de Noë; & esta conformidade lhe causa o temor das enchentes das agoas que alagaõ os campos, & afogão muitos delles. Neste tẽpo se vão os Cafres a estes altos, em almâdias, & de dentro dellas ferem estes animaes cõ frechas, & azagayas: os quaes vendose feridos, & acossados, se lanção a nadar sobre as agoas, & cuidando asi escapar das feridas se metem na morte, porque os caçadores vão logo remando em suas almâdias, & seguindo toda a caça q̃ foge, & no meyo das agoas a prendẽ, & matão sem resistencia, nem perigo algum, & de suas carnes fazem muita chacina, & tassalhos, q̃ comem, & vendem todo o anno. Estas caçadas saõ mui estimadas, & celebradas ẽtre os Cafres, asi por serẽ de muito gosto, & pouco perigo, como por serẽ de muito proueito.

Caso sobre a morte de hũ leão.

Hum anno socedeo que o dono desta ilha Rodrigo Lobo, fez hũa caçada, cõ muitos Cafres seus escrauos, & vassallos, moradores na mesma ilha, & entre muito gado q̃ matarão, juntamẽte foy morto hũ leão, (cousa mui defesa em todo o Reyno do Quiteue, senhor, & Rey destas terras, como atras fica dito) vendose pois o senhor da ilha com o leão morto, & que o Rey o auia logo de saber, (porque os Cafres nenhum segredo tem, & saõ muy inclinados a dar hũa roim noua) mandou meter o leão em hũa almâdia, & cobrilo de rama, & poslhe encima vinte pãnos, & mandou tudo ao Quiteue, dizendo que elle Rodrigo Lobo, sendo molher del Rey, & andando fazẽdo a seara pera seu marido, o viera cometer aquelle leão, aleuãtado, & descortes pera a molher de seu Rey, pola qual rezão lhe deu com o cabo da enxada na cabeça, por honra de seu marido, & que ali lho mãdaua morto, pera que acabasse de tomar vingança delle, & do agrauo q̃ fizera a sua molher. O Quiteue recebeo o presente, & mandoulhe dizer, que fizera muito bem de matar o leão, pois fora des

Parabolas de q̃ vsaõ os Cafres.

dos, & desta maneyra continuou quatro noites, atè que o filho morreo, por falta dos Cafres, q̃ o não quiseraõ criar, polo odio que tem a estas feras, & depois de morto foy lançado no campo pera aquella parte do bosque donde a mãy vinha embusca delle, & ao outro dia não foy achado, do q̃ presumimos que a mãy o achou, & o leuou, ou comeo, porq̃ dali pordiante não tornou mais a bramir, nem rodear a casa de noite, como dantes fazia com muita ferocidade.

Seis leões, q̃ entrarão nesta ilha.

¶ Estando nôs hũ dia â tarde assẽtados nesta ilha â porta da casa cõ o senhordella, veyo a nós hum Cafre seu escrauo, & disse se queriamos ver seis leões, qui tinhão âquella hora passado o rio da terra firme pera a ilha, q̃ nos leuantassemos, porque elles vinhão atrauessando o valle, que estaua junto das casas. Eu & o padre meu companheiro quasi que estiuemos em duuida de os ir ver ao campo, mas o senhor da ilha, & o caçador nos asseguraraõ, dizendo que os leões & os tigres daquella ilha não cometiaõ gente algũa, nem lhe faziaõ mal, saluo se acaso encontrauão com ella, ou se os assanhauão, & a causa disto era, por que lhe sobejaua a caça, de que andauão enfarados, por auer na ilha infinita. Então nos leuantamos, & os fomos ver de hum alto que estaua junto da casa, mas não lhe vimos mais que meyos corpos, & as cebeças leuantadas, por causa da muita herua, que no valle auia, & assi forão passando pera a parte do bosque, tão seguros & confiados, como senhores do campo, & das armas.

Briga de tigres cõ hũ leão.

¶ Aquella mesma noite, jâ pola madrugada, ouuimos grãdes latidos de tigre, & roncos de leaõ, muy perto das casas em que dormiamos; & o caso foy, que hum leaõ veyo seguindo hum merû, ate q̃ o apanhou junto das nossas casas, & estando comendo nelle, acudirão tres ou quatro tigres, & rodearaõ o leão pera lhe apanhar a presa, & isto dizem os Cafres que fazem os tigres ordinariamente, andando polo rasto do leão, quando mata a caça, pera comerem os sobejos que lhe ficaõ depois que se farta: de maneyra que assi o fazião estes aqui. Mas o leão como não estaua ainda farto, roncaualhe como cão, que està comendo muito sofrego, tendo outros

dian

diante, que lhe querem tomar o que come: & de quando em quando fazia que remetia aos tigres, de que elles fugião algũ tãto, mas logo tornauão a perseguir o leaõ com latidos, pera que largasse a caça, mas cõ tudo nenhũ delles ousaua chegar a pegar nella. Estando elles nesta contẽda, chamounos o senhor da ilha, dizendo que fossemos ver a briga das feras, que era muito pera ver: o que nôs logo fizemos, & estando vendo, & esperando o fim della, mandou o senhor da ilha a dous escrauos seus caçadores, que presentes estauaõ, que fossem tomar a presa ao leão, os quaes foraõ dando grãdes brados, & apupos, pera que se fossem as feras, & deixassem a caça: o que os tigres logo fizeraõ, tanto que viraõ a determinação dos caçadores, mas o leão nunca se quis bulir, nem teue deuer com os caçadores, antes se deixou estar bem de vagar comendo, & roncando aos caçadores, que se chegauaõ: os quaes tornaraõ a voltar, & disseraõ ao senhor que o leão não estaua ainda farto, porque em quanto o não està, tendo a caça morta diante de si, naõ a larga ainda que o matem, porque he muy sofrego, & carniceiro: mas depois que se fartou, elle mesmo se leuantou, & se foy passeando muy de vagar, & tão seguro, como quem naõ temia cousa viua, & depois que desappareceo, foraõ os Cafres, & trouxeraõ o merû quasi todo, porq̃ o leão lhe não tinha comido mais q̃ o pescoço, & muita parte dos peitos, & algũs bocados das ancas, & o leaõ não tornou alí mais, nem os tigres.

Cõstãcia de leaõ.

¶ Estes tigres tẽ muy grande faro de cousa morta, porq̃ muytas vezes vinhão ao adro da igreja do Spiritusanto de Sofala, a desenterrar os defuntos que estauaõ enterrados de fresco, & os comiaõ, como eu vi por tres vezes, polà qual rezaõ mandaua sempre fazer as couas muyto fundas. Hũa manhã se achou neste mesmo adro hum tigre morto emcima de hũa coua, com as vnhas metidas na terra, começando de cauar, & abrir a coua. Este era taõ velho que ja tinha os dentes todos quebrados & podres, & estaua taõ magro, que nam tinha mais que a pelle & o osso, & muita parte do corpo pelado, ou gaffo: tinha mais de vinte sinaes de feridas velhas, &

Os tigres tẽ grãde faro.

Caso de hũ tigre.

& algũas de palmo, q̃ deuião ser doutros tigres com quem tinha pelejado, o que elles ordinariamente fazem sobre o comer, de modo que este veyo aqui morrer, ou de velho, ou de fome, ou de tudo junto.

¶ CAPITVLO XXII.

Da variedade de animaes que ha nos matos de Sofala, & como se matão as onças, & do bicho Inhazara.

M todas as terras de Sofala se crião muitas & varias especies de animaes syluestres, & muytas feras, bichos & caça, como saõ porcos de duas ou tres castas, cuja carne he muito boa, lebres, veados, gazellas, vaccas brauas, q̃ sam quasi da feição das nossas mansas. Ha muytas zeuras fermosas, & pintadas, muy semelhãtes a mulas na feição do corpo, & quasi da mesma natureza, porque quando correm metem a cabeça antre as maõs, & vão correndo & respingando, com outros effeitos de mula: tem vnha redonda nos pês, & maõs, como mulla: as pinturas que tem saõ hũas cintas de cabello branco, & preto muy fermosas, de largura de dous dedos, bem compassadas por todo o corpo, pês, & maõs, & cabeça, hũa branca, & outra preta, de cabello muy brando, & massio como seda. Ha muitos merûs, q̃ saõ como asnos, mas tẽ cornos, & vnha fendida, como veados, cuja carne he muy boa pera comer: tẽ hũa cinta branca muyto fermosa, de meyo palmo de largura, que lhe cinge as ancas, & dece polas coxas abayxo atè os giolhos: tem o mais cabello de todo corpo cinzento, & aspero. Ha muytos Nondos, que sam quasi como roçins galegos, todos de hũa cor castanha escura, & cabello curto, & massio: tem hũa feição nas cadeiras, q̃ parecem derreados, & a causa he proque tem os pês mais curtos que as maõs; & desta maneyra correm muyto mais que veados. Ha muytos bufaros muy brauos, em cujos cornos morrem ordinariamẽte os caçadores desta terra, porq̃ sam muy ciosos das femeas, & dos filhos, & em vendo qualquer pessoa, logo a vão buscar, & cometer, com mais furia, que hũ brauo touro.

Zeuras.

Merûs.

Nondos.

Bufaros.

¶ Ha muytos gatos de algalea, muytos bugios, & monos grãdes. Em casa de Garcia

de

de Melo, que então era capitão de Sofala, estaua hum bugio, que tinha ambos os sexos, de macho & femea. As bugias femeas dizem os Cafres que tem seu custume de purgação cada lua, como se foraõ molheres. Nos matos destas terras se cria hũa certa casta de cachorros, que não saõ mayores que gozos, a que os Cafres chamão Impumpes, os quaes ordinariamente andão em alcateas, & quando querem caçar algũa rez, todos juntamente a cometem, & vão correndo apos ella, & pegandolhe nas pernas, & saltandolhe nas ancas, & comendo nella, porque tem tanta força na boca, & dentes, que em pegando, & leuando o bocado fora, tudo he hum, & desta maneira vão seguindo hũ veado, ou qualquer outra caça, & comendolhe as pernas, atè que de fraca & cansada cae no chão, onde a acabão de comer. Correm muito, & saõ muy ligeyros, quando vão caçando não ladrão, saõ todos ruiuos polas costas, & brancos pola barriga, & fogẽ muyto da gente.

Bugio de dous sexos.

Impumpes.

¶ Em toda esta Ethiopia se crião muytos & grandes elefantes, de cuja natureza, & propriedades tratarey adiante. Ha muytos leões, quasi tamanhos como bezerros de seys meses, muy carrancudos & medonhos, todos pardos sobre escuro. Ha muitos tigres pouco menores que os leões: não saõ pintados como os da India, mas todos saõ de hũa cor cinzenta, fusca, & mal assombrada, quasi que arremedão os lobos deste Reyno, saõ mais couardes que todas as outras feras, porque não se sabe que cometessem algũa gẽte. Ha muytas onças, muy pintadas, & de fermosa cor, saõ muito mayores que hum librèo, & muyto mais compridas, em todas as feições do corpo, & cabeça muy semelhantes aos nossos gatos. Saõ taõ carniceiras, q̃ as mais das noites vem dẽtro â pouoação de Sofala, fazer presa nos porcos, & cabras, q̃ achão desgarradas dos curraes, em que dormem fechadas por este respeito: a sua principal relè he apanhar cães, & gatos pera comerẽ, & muy poucas vezes cometem gẽte. Hũs Cafres estauão hũa noite comendo em hũa casa de Sofala todos em roda assentados no chão, como he seu custume, entre os quaes estaua hũ gato.

Elefãtes.

Caso de hũa onça.

Nelle

Neste tempo veyo hũa onça do campo, & saltou dentro na cerca da casa, onde os negros estauão assentados, sem ser sen tida de ninguẽ, & chegandose a elles, deu hum salto, & apanhou o gato do meyo delles, & acolheose cõ elle na boca, & tornou a saltar a cerca pera fo ra, & foyse. Isto he muy ordinario nellas, porque saltão estas cercas em claro, que saõ de madeira de quinze palmos de altura, pouco mais, ou menos.

Modo de caçar as onças.

¶ Os moradores de Sofala armão a estas onças, & tomão algũas da maneira seguinte. Fazem no cãpo fora da pouoação hũas casinhas de madeira grossa, & bem metida pola terra, que se não possa arrancar, as quaes casinhas saõ de cõprimẽto de duas varas de medir, & de quatro palmos de altura, & dous palmos de largo somẽte, quanto a onça possa entrar: saõ cubertas de madeira muy bem atada. Em hũa ponta tem hũa porta de alçapão, como porta de ratoeyra, & dentro na outra ponta tem hum repartimento, como camarinha, onde metem hum cachorro, & jũto delle armão a ponta de hũa corda, que sustenta a porta da casinha no ar, como ratoeyra; & desta maneyra deyxão està armadilha de noite, na qual o cachorro fica ganindo, & gritando, a cujas vozes acode a onça, & rodeando a casinha, entra pola porta dentro, pera tomar a presa, & tanto q̃ chega jũto della, toca cõ as mãos ou com o focinho na ponta da corda, que està sotilmente armada, & logo desarma, & cae a taboa por detras, & fecha a porta, ficando a onça dentro entalada, que não se pode virar, por ser a casinha muyto estreyta, nẽ menos pode comer o cachorro, por causa do repartimento da madeira que tẽ no meyo, que lho defende, de modo que ali fica presa, atè q̃ vẽ de madrugada os armadores, & ali dentro as matão âs estocadas por antre os paos da casinha.

Inhazara bicho

¶ Nos matos de Sofala se crião hũs bichos, a que os naturaes chamão Inhazaras, os quaes saõ tamanhos como grãdes porcos, & quasi da mesma feyção: tem o cabello muyto preto, & ralo, cinco dedos em cada pè, & quatro ẽ cada mão, como dedos de homem, & nelles vnhas muy compridas, & agudas. Viuem debayxo do chão, em couas que elles mesmos

mos

mos fazem ao modo de couas de coelho, com duas ou tresbocas. O seu mantimento principal saõ formigas, cauando com as vnhas os formigueyros, que nestas terras ha muytos, & muy grandes: & depois que tem as formigas assanhadas, metem polos buracos dos formigueiros a lingoa, que tẽ de comprimento de hum couado, redonda & delgada, como hũa vella de cera, na qual as formigas pegaõ, & depoys de bem cheya, o bicho a recolhe pera dentro da boca, & engole as formigas, & tantas vezes faz isto, atè que se farta. Tem o focinho muyto comprido, & delgado, & as ventas grandes, & abertas, & as orelhas muy compridas, & delgadas, da feyção de orelhas de mula, pelladas, sem cabello algum. Não tem dentes em toda a boca: tem hum rabo de hum palmo muyto grosso, direyto, & saydo na põta como fuso. Hũ bicho destes mataraõ os nossos escrauos, indo aos matos buscar madeira, & o trouxerão pera casa, onde ochamuscaraõ, abrirão, & tiraraõ todo o deuẽtre: no qual não acharão ester co algum, mais que as tripas cheas de vẽto somente, de que muyto se espantarão todos os que isto viraõ, & disserão alguns naturaes da terra, que ja tinhão ouuido a seus antepassados, que estes bichos se sostentauão somente do ar, & que muytas vezes o tinhão visto estar com a boca aberta pera o vento. Outros dezião & affirmauão, que tambem comião formigas, porque todas as vezes que os encontrauão no mato, os achauão emcima dos formigueyros cauando a terra com as vnhas, & comendo as formigas, do modo que fica dito. A carne destes bichos he muyto boa, & comese: he quasi como carne de porco, mas não tem toucinho, & suas entranhas saõ propriamente como as de porco.

Comem formigas.

Sostẽtaõ se do vẽto.

¶ CAPITVLO XXIII.

Dos lagartos, & cobras peçonhentas, & de outra variedade de bichos que ha nos matos de Sofala.

EM todo este territorio de Sofala, & rios de Cuama, se crião nos matos grãdissimos lagartos pintados, da mesma feyção dos que ha em Portugal: tem de comprimento

Lagartos da terra.

vara & meya, & mais, como tinha hum que eu vi morto; saõ taõ grossos como hũa perna de hum homem: tem muyto grandes, & agudos dentes, & a lingoa farpada na ponta, & muyto negra. Naõ cometem a gente, saluo se os assanhão, porque então remetem sem medo algum, & mordem cruelmente, & sua mordedura he peçonhenta, mas porem não tanto que mate.

¶ Algũas pessoas querem affirmar, que estes lagartos da terra vão â borda dos rios, onde lhe saem os lagartos da agoa, & ali se ajuntão hũs com outros, & fazem gêraçaõ, mas eu tenho isto por grande patranha, pois atè agora não ha nenhum natural da terra que tal visse: polo que algũs que isto escreuerão, deuião fazelo por falsas informações. Os Cafres matão estes lagartos, & comemlhe a carne, & affirmão que he a mais saborosa de todas as carnes dos bichos do do mato.

¶ Nestas proprias terras se crião muy grandes, & peçonhẽtas cobras, particularmente hũas, a que os Cafres chamaõ Cangâras, que saõ tão grossas como hũa grossa perna de hum homem, & tem de comprimẽto dezoyto, & vinte palmos. Estas saõ muy daninhas, porque matão o gado meudo, como saõ porcos, cabras, ouelhas, & galinhas pera comerem, & saõ tão peçonhentas, que toda a cousa viua que mordem, logo morre, se lhe naõ acodem com algũa contrapeçonha.

Cangâra cobra,

¶ Nas terras de hum Rey Cafre chamado Biri, que estão junto da Manica, de que ja faley atras, se cria hũa certa casta de cobras pequenas, do tamanho de hum couado, a que os Cafres chamaõ Ruca Inhãga, as quaes saõ tão peçonhentas, que secaõ a herua, ou pao em que mordem cadadia quando não achão cousa viua em q̃ possaõ morder, como he seu costume, ou natureza, porq̃ nesta mordedura deixão grande parte da peçonha, cõ que parece ficaõ desaliuadas; & quando mordẽ em algũa cousa viua, logo o animal mordido incha como hũ odre, & dentro em vinte & quatro horas lhe cae o cabello, vnhas, cornos, & dentes, & morre, sem auer contrapeçonha que lhe resista. Destas cobras faz o Rey Biri hũa certa confeição de massa, com

Ruca Inhãga cobra peçonhenta.

Peçonha do Biri, q̃ mata em 24 horas

com q̃ vnta as frechas, a qual he taõ fina, & forte, que em tocando qualquer frecha destas vntadas em qualquer cousa viua, como lhe tire sangue, logo lhe causa os mesmos effeitos, que faz a mordedura da mesma cobra. Ninguem pode vsar desta peçonha nas frechas, senaõ o proprio Rey Biri, que o tem prohibido sopena de morte, & perda da fazenda.

Hũa cobra destas mordeo a hum Cafre daquelle Reyno, & elle vendose mordido, & com grandes dores, & sabendo que naõ auia de escapar da morte, foy no alcance da cobra pera lhe fazer o mal que pudesse, & voltando ella pera o tornar a morder, como fez, elle lhe ferrou com as maõs ambas, & a leuou à boca, & lhe mordeo tambem com grande raiua, dizendo: Tão peçonhẽto sou eu como tu es, & se eu morrer, tu nõo ficarâs viua, & assi aconteceo, que largando elle a cobra, naõ pode fugir, & ambos morreraõ no mesmo dia. Isto ainda q̃ pareça ficção de Cafres, com tudo algũas pessoas de credito desta terra me affirmarão que acontecera na verdade o que tenho dito.

¶ Muytas vezes ouui dizer na India, que ouue hum homẽ na ilha de Ormuz ruiuo & sardo, grande jugador de tauolas, o qual era tão peçonhẽto, que todas as moscas que pousauão na sua cabeça, ou maõs, ou rosto, logo morrião se lhe picauaõ, & se lhe naõ picauão ficauão atordoadas sẽ poder voar. Polo qual respeito elle as não enxotaua de si, como faz a mais gẽte, antes dezia, Deixayas vos picar em mim, que ellas o pagaraõ: & assi quando se leuantaua de hum lugar, o deyxaua cheyo de moscas mortas, & atordoadas: donde se pode ver que naõ somente nas feras & bichos se gera a peçonha, mas tambem nas criaturas racionaes.

Zãgaõs.

¶ Em toda esta Cafraria se criāo muytos zangaõs, da maneira seguinte. Fazem hum pelouro de barro pegado nas paredes, ou telhados, cõ muytos buracos, ao modo de hum fauo de abelhas, ou bespas, & em cada buraco metem hum bichinho, como aquelles que se soẽ criar nas couues, hũs verdes, outros pretos, outros brãcos, & pardos, de maneyra que naõ saõ todos de hũa casta, senão quaesquer que achaõ, os quaes leuão entre os pês, & voão atè o seu

o seu fauo, que tem feyto de barro, & em cada buraco metem seu bicho, & tapaõlhe a porta com barro fresco, ficando os bichos todos entaypados. E ali dentro se geraõ delles outros zangãos com pernas & asas, & tanto que saõ gêrados, elles mesmos furaõ o barro, & saem pera fora, & voão. E estes despois de grandes fazem a mesma criação, de maneira que de filhos alheos de diuersas castas fazem filhos proprios, cousa que muyto me espantou.

Bichos que luzẽ de noite.

¶ Ao longo do rio de Sofala, & de Cuama, se criáo infinitos bichos como escarauelhos pequenos, cujo rabo lhe luz de noyte como hũa brasa viua, dos quaes tambem ha neste Reyno. Estes tanto que vem a noyte, se leuantão em bandos polos ares, & saõ tantos, que alumiáo quasi todo o ar, & fazem espanto a quem não tẽ noticia do que isto he, como eu sey que fizeraõ a certas pessoas estrangeiras nestas terras hũa noyte escura, que dormiraõ ao longo deste rio, os quaes fugirão com medo pera a pouoação dos Cafres, cuidando que eraõ feiticeiras.

Cameleões.

¶ Criãose nestas terras muitos Cameleoẽs, os quaes se fazem cada hora de mil cores, & estas tomão das cousas emque pousaõ, porque se estão sobre a terra, tornãose pardos como a mesma terra, se na herua verde, ficão logo da mesma cor das heruas, se em cousa vermelha, tornãose vermelhos, & assi nas demais cores. São do tamanho, & quasi da mesma feição de hum lagarto pequeno de hum palmo: tẽ grande cabeça, & quasi vã, porque a enchem de vento, & logo a vazão, tem quatro pês altos, como pés de raã, andão de vagar, & não correm, saltão como raãs, mas não com tanta ligeireza: sostentaõse do ar.

Ratos q cheyrão.

¶ Ha nestas terras hũa casta de ratos mui pequenos, que cheirão a almiscar, não somente tomados na mão, mas por ondequer que passaõ, deyxão suauissimo cheiro: mordẽ muito, & sua mordedura he peçonhentissima.

Morcegos.

¶ Nestas terras ha muito grandes morcegos, os quaes se criáo nos troncos das aruores, & entre os ramos das palmeyras: saõ tamanhos como grandes pombos: os Cafres os matão, & lhe esfolaõ a pelle, & cõmũmente os comẽ cozidos,

&

& aſſados, & dizem que ſaõ muy gordos, & ſaboroſos como galinhas.

¶ Nos matos de toda eſta Cafraria ſe crião muygrandes Câgados, os quaes ſaõ todos pretos, & melãconizados, & tamanhos como grandes rodelas. Tem muyta carne, & muy gorda, & os Cafres fazem muyto caſo delles, pera os comerem aſſados, & cozidos. Algũs Portugueſes comem delles cozidos, & temperados como galinha. Outra muita variedade de bichos ſe crião neſtas terras, que deyxo por abreuiar.

Câgados

¶ CAPITVLO XXIIII.

¶ Da variedade de paſſaros, que ha nas terras & limites de Sofala.

As terras de Sofala, & ao longo do ſeu rio, ha muyta diuerſidade de paſſaros de muytas caſtas, & de varias & fermoſas cores: & algũs delles que cantão muy ſuauemente, & ſe crião em gayolas: particularmente hũs, a que chamão Inhapures, que ſe parecem muyto com canarios na cor, & na muſica. Ha tambem muytos paſſaros de Portugal, como ſaõ rolas de tres ou quatro caſtas, hũas das quaes ſaõ muy fermoſas, & tẽ as aſas douradas, que parecem de fino ouro. Arueloas, que cantão excellentiſsimamente, o que de ordinario fazem pola manhã, pola ſeſta, & ao ſol poſto. Muytas andorinhas, pardaes, poupas, gayos, papagayos verdes pequenos. Ha muyta caça, como ſaõ patos de tres caſtas, hũs delles que ſaõ muyto mayores que os de Portugal, pretos polas coſtas, & brancos pola barriga: tem hũa criſta vermelha no meyo da cabeça muyto dura, & aguda como corno: a eſtes chamão Patos Gregos. Muytas adẽs de quatro caſtas, & muytas marrecas tambem de diuerſas caſtas & feições, algũas muyto pintadas & fermoſas. Muytas garças Reaes, & ribeyrinhas, como as de Portugal.

Inhapures.

Paſſaros de Portugal.

¶ Ha muytos Pelicanos, os quaes ſaõ tamanhos como hum grande gallo do Perû: ſaõ brancos, mas não muyto claros, & tem os pês muyto groſſos, & curtos, & ordinariamente andão dentro no rio caçãdo peyxe pera comer. Ha

Pelicanos.

Guinchos. muytos Guinchos, que tambem andaõ a caça de contino: saõ tão grandes como milhanos, & tem a cabeça & as asas pretas como azeuiche, & hũa colleyra branca polo pescoço fermosissima, & a barriga branca, bico reuolto, olhos, & vnhas como Aguia.

Abutres. ¶ Ha muytos Abutres do tamanho de hũ pauão femea, & quasi da mesma feyção, mas não da mesma cor: tem as pernas muyto compridas, & negras, & a cor de todo o corpo cinzenta escura, quasi preta, fea, & malassombrada; & não tem penna em todo o pescoço, nem na cabeça, senão hũa pelle branca, sarabulhenta, & chea de carepa, que parece lepra: saõ muyto nojentos, porque ordinariamente andão polas prayas, & monturos, buscando cousas mortas, & o esterco da gente, de que se sustẽtão. Tem muy grande faro de cousas mortas, saõ domesticos, & não fogem muyto da gente.

Curûanes. ¶ Nestas terras ha hum genero de passaros, a que os naturaes chamão Curûanes, os quaes saõ taõ grandes como grous, mas muyto mais fermosos: porque sam todos pretos polas costas, de hũa cor fermosissima, que parece cetim preto, & pola barriga, & peytos, sam brancos, de cor aluissima. Tem o pescoço de hum grande couado de comprido, cuberto todo de penas brãcas finissimas, como seda, as quaes saõ excellẽtes pera penachos. Tem esta aue sobre a cabeça hum barrete de penna preta, muy fermoso, do modo que o tem vermelho os nossos pintasilgos, & no meyo deste barrete tem hum penacho de quasi hum palmo de alto, de pennas brancas, finissimas, todas direitas & iguaes por cima, & no alto se espalhão, & ficão redondas, como hum cogumello aluissimo, com seu pê estreyto, que lhe nace do meyo da cabeça, & parece hum sombreyro de sol. Os Cafres dizem que este he o Rey dos passaros, assi por ser muyto grande & fermoso, como por ter sombreyro de sol sobre a cabeça, que he insignia & bandeyra vsada de algũs Reys desta Cafraria, como saõ o Quiteue, o Chicanga, o Sedanda, & outros.

¶ Hum Portugues me contou em Sofala, que andando elle

elle fazendo resgate de Marfim na terra firme de Mambone, defronte das ilhas das Boçicas (de que falarey adiante) tinha hum bogio com hũa cadea preso a hum cepo, que pesaria dez ou doze arratens, o qual estando hum dia fora de casa no campo, deceo hũa aue de rapina, de immensa grandeza, & ferrãdo nelle o leuou nas vnhas polos ares, juntamẽte com o cepo a que estaua preso, indo o bugio dando mil gritos, & finalmẽte o leuou a hũs matos q̃ perto estauão, onde o comeo, & depois foy achado o cepo com a cadea no mesmo mato. Asi mais me affirmou, que auia nestas terras muitos passaros desta casta, que fazião muyto danno, porque apanhauaõ os cabritos, & leitões, & galinhas, das quaes cousas ha nestas terras grandes criações. Outros passaros ha nestas partes muy grandes, de que falarey adiante, quando tratar do lugar em que os achamos.

Aue d̃ rapina grãdissima.

¶ Marco Paulo Veneto no cap. 4. do 3. liuro aponta hũa ilha, que jaz ao mar do meyo dia da ilha de S. Lourẽço, não muyto longe desta costa de q̃ vou falando; onde diz que ha hũas aues de rapina de tanta força & grandeza, que leuantão polos ares hum elefante nas vnhas, & o deixaõ cayr em terra, onde se faz pedaços, pera que asi possaõ comer delle. Diz que estes passaros tem muyta semelhança cõ Aguias, & saõ taõ grandes, que tem algũas pennas das asas de comprimento de dez passos cada hũa. Eu nunca vi, nem ouui falar em taes aues nesta costa, nem me parece verdadeyra esta relação de Veneto, posto q̃ seja verdade que nesta Ethiopia se crião muy grandes aues de rapina, & particularmente ao longo do rio Nilo, de que adiante direy algũa cousa.

Aues de incredyuel grandeza.

¶ Nas terras de Sofala se cria hum genero de passaros cujo mantimento he cera. Estes andão polos matos embusca de enxames de abelhas, dos quaes ha muytos polo chão em buracos, & polos troncos das aruores, & como achão algum que tenha mel, vemse aos caminhos embusca da gente pera lho mostrar, o que fazem indo diante della gritando, & batẽdo as asas de ramo em ramo, atè chegarem ao enxame. E os naturaes da terra, que jà conhecem os passaros, tanto

Sazũ passaro que come cera.

que os vẽ, logo os vão ſeguin- do perá colherem o mel; & o intereſſe que daqui colhem os paſſaros, he comerem as migalhas, & rapaduras da cera, & dos fauos, & das abelhas mortas, que ficão no meſmo lugar da colmea. A eſtes paſſaros chamão os Cafres Sazu, ſaõ do tamanho de verdelhões, & quaſi da meſma cor, & tem hũ rabo comprido. Muitas vezes entrauão polas freſtas da noſſa igreja de Sofala, & os achauamos comendo as migalhas da cera, que ficauão nos caſtiçaes, & ali lhe armarão os moços de noſſa caſa, & tomarão algũs.

Paſſaro q̃ ſamea aruores cõ que ſe ſuſtenta.

¶ Outro genero de paſſaros ha neſtas terras, que ſe ſuſtentão do fruto de aruores q̃ elles meſmos ſameão, da maneira ſeguinte. Vaõſe a quaeſquer aruores, & com o bico, q̃ tem muyto duro, lhe fazem hũ buraco no tronco emcima entre as pernadas, onde metem o carouço da fruta que comem, o qual carouço arrebenta ali dẽtro, & grudaſe com a aruore de tal feição, que faz hũa enxertia noua, & cria hum ramo da caſta do meſmo carouço. De modo que ha muytas aruores deſtas que tem duas caſtas de folha & fruto, hum da propria aruore, outro da q̃ o paſſaro ſameou no ſeu tronco, de cujo fruto ſe ſuſtenta depois. Deſtas aruores vi muytas em Sofala, & nos rios de Cuama. Os paſſaros ſaõ do tamanho, & feição de eſtorninhos, mas ſaõ pardos, como calhandros.

Minga paſſaro.

¶ Huns paſſaros ha neſtas terras, verdes, & amarellos, muyto fermoſos, a que os naturaes chamão Minga, ſaõ mui ſemelhantes a pombos, & nunca pouſaõ no chão, porque tẽ os pês tão curtos, que quaſi ſe lhe não enxergaõ; pouſam ſobre as aruores, de cujo fruto comem. Quando querem voar deixaõſe cayr da aruore abayxo com as aſas fechadas, & no ar as abrem, & voão. Quando querẽ beber vão voando muy raſteiros por cima da agoa, & vão bebendo dos rios, ou das lagòas. Se acertão de cayr no chão, não ſe podem mais leuantar. Saõ muy gordos, & ſaboroſos.

Cinções do Mexico.

¶ Outros paſſaros dizem q̃ ha neſtas terras, ſemelhantes aos paſſaros do Mexico, a que chamãõ Cinçoes, os quaes não tem pês, & ſoſtentaõſe do orualho do ceo, de cujas pennas fermoſiſsimas de diuerſas cores,

res fazem os Indios do Mexico muytas imagẽs, assentadas, & grudadas em retabolos, cõ tanto artificio & sutileza, que naõ se podẽ melhor pintar cõ pincel, & finas tintas.

¶ CAPITVLO XXV.

Dos lagartos, ou Crocodillos, que se crião no rio de Sofala, a que os Cafres chamão Gona, outros Engona.

NO rio de Sofala se crião müytos lagartos, muyto grãdes, & muy carniceiros, porque apanhão toda a cousa viua que se mete no rio, & ainda da borda do rio apanhão o gado, q̃ a elle vay beber, & as negras q̃ vão buscar agoa, ou lauar: & pera fazerẽ estas presas, poẽse à borda do rio muy agachados, & cosidos com a area, & tanto que chega o gado, ou qualquer pessoa descuydada, remetẽ a ella muy ligeyramente, & pondo as mãos & o peito firmes em terra, leuantão o rabo no ar, & com elle lhe dão taõ grande pancada, que a deitão dentro no rio, onde lhe ferrão logo cõ as vnhas & dentes, & a leuão ao fundo, & depois de morta, vãose âs prayas despouoadas, ou aos ilheos desertos, que estaõ polo meyo do rio, & ali poem a presa quasi descuberta em terra, onde a comem, & todos os bocados que leuão pera bayxo engolem cõ agoa: & a causa disto he porque não tem lingoa, com que possaõ engolir. Naõ comẽ cousa morta de muitos dias, nẽ seidiça, o que se vé claramẽte nas que lanção ao rio, como saõ caẽs, & gatos, & algũa gente que se afoga em algũas ribeyras, que se vem meter neste rio, o que acontece muitas vezes em tẽpo de cheas em que se afogão muytos Cafres ao passar das ribeyras, cujos corpos mortos se achão polas prayas deste rio, sem auer lagarto q̃ lhe chegue, no qual lugar se estiuera qualquer cousa viua, logo fora tomada do lagarto, morta, & comida.

Manha comq̃ os lagartos apanhão a caça.

Não comẽ cousa seidiça.

Estes lagartos todas as manhãs & tardes ordinariamẽte se poem ao sol nas prayas deitados emcima das areas, os pequenos todos fora da agoa, & os grãdes somente com meyo corpo, ficandolhe o outro meyo, & o rabo dentro no rio: & desta maneyra estão com a boca aberta caçando moscas, & a causa disto he, porq̃ lhe cheyra

Põese ao sol a caçar moscas.

ra muyto mal o bafo, & a este roim cheyro acodem as mos-cas,& pousaõlhe nos focinhos & picãolhe nas ventas, & nos olhos, o que os lagartos sofrẽ mal,& perseguidos dellas lhẽ abrem a boca, onde as moscas entraõ a comer as immundi-cias que tem entre os dentes, & por este respeito de quando em quando fechão a boca, & matão as moscas que podem apanhar dentro, pola qual cau sa muitos Cafres chamão aos lagartos papa moscas.

¶ Os lagartos deste rio âssi como saõ carniceiros,&crueis dentro na agoa, assi fora della saõ muyto couardes,& medro sos, porque quando estão em terra postos ao sol, se ouuem qualquer rumor, ou voz de gẽ te,ou aparece algũa pessoa em terra,ou embarcação nauegan do polo rio,logo fogem, & se lanção ao mesmo rio,cõ muy-ta ligeireza, polo grande me-do que tem. ¶ Estes lagartos saõ muy sogeitos a ventosida des, cujo roim cheiro não ha cousa viua que o possa aguar-dar. Vindo eu, & outras pes-soas hum dia da ilha de Marou pe pera Sofala polo rio abay-xo,foy tão grande o mao chey ro que sentimos em hũ reman-so, onde os lagartos saõ muy certos, q̃ não o podẽdo sofrer todos acudimos com as maõs aos narizes, & os Cafres que vinhão remando começaraõ de rir & festejar o caso dizẽdo que fora ventosidade do lagar to,cujo pestifero cheiro passa-ua polas agoas atè sair fora, & enjoaua toda aquella parte do rio. Isto mesmo me contâraõ outras pessoas de credito, que lhe tinha socedido neste rio.

Sã omuy conardes em terra.

São muy nogẽtos.

¶ Gabriel Rebello cõta no liuro que fez das cousas nota-ueis das ilhas de Maluco, que entre estas ilhas ha muytos la gartos maritimos, os quaes saem em terra, & matão a gen te que achão descuydada, & a comem: & muito mais danno fizerão,se não forão sentidos, & conhecidos polo roim chei-ro que lhe sae da boca, o qual enjoa tanto, que de muyto lõ-ge se sente. Tambem diz que saõ muy couardes, porque se remetem a elles quatro ou cin co homens, logo fogem, & se metem na agoa, muy cosidos com a terra, cudando que ali estão escondidos: & tão medro sos estão neste passo, q̃ aguar-dão que ponhão os pês enci-ma delles, & os prendão com cordas, sem ousarem de bolir consigo.

Lagartos de Malu cos.

cõsigo. Estes lagartos diz que tem quatro olhos, dous na testa, & dous na garganta: nas quaes cousas differem muyto dos lagartos desta costa.

Grãdeza & feiçaõ dos lagartos.

¶ Os lagartos desta Ethiopia saõ de mais de vinte & cinco palmos de cõprido, & mais grossos que hum grosso homẽ: saõ verdes, com algũas pintas de amarello escuro, & outras pardas, quasi pretas: saõ muy feos, medonhos, & nojentos. Os velhos tem polas costas, & sobre a cabeça musgo, & ostras pegadas, como se fossẽ pedras ferrenhas, & duras. Tem muitas ordens de dentes: não tem lingoa: tudo o que comem engolem com agoa, como fica dito. Estes saõ os Crocodillos semelhantes em tudo aos que se crião no rio Nilo. Os Cafres lhe chamão Gonna, & outros Engonna. Nacem em terra, & criãose na agoa. Quando he tempo de desouarem, vaõse a terra, & fazem hũa coua na area junto do rio cõ as vnhas, que tem muy grandes, & grossas, & nesta coua desouão muitos ouos juntamẽte de hũa postura, mayores que ouos de pato, quasi pardos, pintados de pintas quasi pretas: & cubertos de area os deyxão, & se recolhem outra vez ao rio. Ali se chocão os ouos, & delles se gerão lagartos com as influencias do sol; & depois de gerados elles mesmos saem fora da terra, & se recolhem ao rio, onde se crião. Os Cafres lhe achaõ muitas vezes os ouos, da maneyra que tenho dito: tẽ gema vermelha, & a clara liquida como agoa.

Nacẽ em terra cõ as influẽcias do sol.

¶ O Quiteue Rey do rio de Sofala tem posto ley com pena de morte, & perda dos bẽs pera sua coroa, que nenhũ vassallo seu em todo seu Reyno, seja ousado a matar lagarto algum do rio; & a causa he, porq̃ se sabe de certo, q̃ os figados destes lagartos saõ peçonhentissimos, & por tãto naõ quer que os matem, por naõ vsarem de sua fina peçonha. Alguns Cafres dizem, que hũa penna dos figados do lagarto he peçonhẽtissima, & a outra penna sua contra peçonha: no q̃ ponho muyta duuida, porque estaõ as pennas do figado tão pegadas & juntas hũa com a outra, que seria dar aqui dous cõtrarios em hum sojeito, como he peçonha, & cõtra peçonha no mesmo figado, cousa q̃ em Philosophia natural se tẽ por impossiuel. Posto que tambẽ dizem

Figados do lagarto, fina peçonha.

Dous cõtrarios ẽ hum sojeito.

dizem que ha hũa certa aruore nas terras de Malaca, cujas rayzes tem differẽtes effeitos, porque as que estão pera a parte do Oriente saõ contrapeçonha muy aprouada, & medicinaes pera febres, & as q̃ estão da parte do Occidente saõ fina peçonha, como refere o Padre Mendoça, no seu Itinerario do Nouo mundo.

¶ CAPITVLO XXVI.

Do modo com que os Cafres pescão os lagartos, & da variedade de peixe que se cria no rio de Sofala.

S Cafres do rio de Cuama, que não saõ vassallos do Quiteue, nem sojeytos à ley de q̃ faley no capitulo atras, pescão, matão, & comem os lagartos: os quaes tomão da maneyra seguinte. Fazem hũ pedaço de pao grosso, & dereyto, de dous palmos, com hũa encarna no meyo, onde lhe atão hũa corda grossa, & neste pao espetão hum pedaço de carne fresca, como em anzol. Isto feyto, lanção este anzol cuberto de carne dentro no rio, em algũs remãsos, onde os lagartos saõ mais certos; os quaes tanto que lhe dà o faro da carne, logo remetem a ella, & a engolem juntamente com o pao: & os Cafres pescadores como vẽ bolir a corda do anzol, & lhe parece que algum lagarto tem ja engolido a isca, puxão pola corda, & tazem o lagarto preso atè a borda do rio, cõ a boca aberta, sem poder morder na corda, por causa do pao q̃ traz atrauessado na garganta, que lhe não deyxa fechar a boca, & porisso selhe enche a barriga de agoa, & cõ ella se afoga; & desta maneyra meyo afogado, o acabão de matar à borda do rio, & depois de morto, o tiraõ em terra, & o repartem pera comerem. Dizem os Cafres que quando o matão, geme, & deita lagrimas polos olhos, como hũa pessoa.

Modo d̃ pescar os lagartos.

¶ Nas terras que correm ao longo do rio de Sofala se cria hũa herua, com que os Cafres se vntão quando se querẽ meter no rio a pescar, por virtude da qual os lagartos não podem pegar nelles, nem fazerlhe mal algum, porque se querem pegar com os dentes, botaõselhe de tal maneira, que ficão como dentes de cera, sem

Miciriri herua cõtra os lagartos.

força

força algũa, & assi ẽ pegando na gẽte vntada, & ẽ a largãdo & fugindo, tudo he hum. Quanto mais que raramente chegão a pegar nos que entraõ vntados, porque indo pera pegar nelles, dalhe o faro da herua, com que ficão enjoados, & fogem. Esta herua se chama Miciriri; & quãdo os Cafres querem vsar della pera effeito da pescaria, a prouão primeiro ẽ si mesmos, pondoa sobre suas proprias cabeças: & mastigando algũa cousa, se os dentes se lhe botão, & ficão como de cera sem poderem mastigar, então sabem q̃ he boa, & de vez, & vsaõ della pisandoa, & vntandose com o seu çumo, mas he o medo tanto que tem dos lagartos, que nem vntados da herua ousaõ entrar no rio a pescar.

¶ Neste rio de Sofala se cria muyto peyxe, gordo & saboroso, como saõ tainhas muy grãdes: saltões, semelhãtes a taynhas, mas muyto melhores: muytos cações, melhores, & mais sádios que os de Portugal: muyto peixe Pedra, que he como grandes choupas: Cabozes, semelhãtes a pescadinhas, taõ excellentes, & sadios, que se dão aos doentes, tem a cabeça espalmada, & quasi redõda, como hum bollo: muytos caranguejos, cheyos de coral, & muito bõs: infinitas ostras, & tudo isto muyto barato.

Diuersas castas de peixe.

¶ Nos rios de agoa doce desta costa, se cria hũa certa casta de peyxe, a que os Portugueses chamão peyxe Tremedor, & os Cafres Thinta, o qual tem tal propriedade, q̃ nenhũa pessoa o pode tomar na mão ẽ quanto está viuo, & se alguem o toma, causalhe tão grande dor nella, & em todo o braço, que parece lho desfazem por quantas juntas tem, de maneyra que logo larga o peyxe, mas como morre fica como qualquer outro, & comese, & he muito saboroso, & estimado. Dizem os naturaes, q̃ da pelle deste peyxe se fazem feitiços, & tambem que he muy medicinal contra a colica, torrada, & moida, & bebida em hum copo de vinho. O mayor peyxe que se acha desta casta, he de hũ couado: tem pelle como de cação, quasi preta, muy aspera, & grossa.

Thinta, peixe Tremedor.

¶ Outro peyxe ha em Sofala, que se cria nas lagoas, a q̃ os naturaes chamão Macone, o qual tem buracos polo pescoço como lamprea, & he do mesmo

Macone peixe.

do mesmo tamanho, & quasi da mesma feiçaõ, pintado polas costas, como cobra d'agoa. Tẽ tal natureza, que depois q̃ se secaõ as lagoas no veraõ, se enterra debaixo da lama mais de hum palmo, ficando enroscado com o rabo na boca, & desta maneyra està todo o veraõ chupando no seu proprio rabo, de que se sostenta todo este tẽpo atè que torna a chouer, que saõ mais de tres meses. E deste modo come muytas vezes quasi todo o rabo: mas depois que choue, & as lagoas tomaõ agoa, tornalhe o rabo a crecer como dantes. Os Cafres saõ muy pagados deste peyxe, & o vaõ buscar a estas lagoas, cauando a terra, onde o achão da maneira que tenho dito. He muyto gordo, & sofriuel: eu comi delle muytas vezes.

¶ No tẽpo do inuerno, quãdo o rio de Sofala enche, muitas vezes sae fora da madre de tal maneira, que alaga os campos, & enche as lagoas que nelles ha, & juntamẽte ficaõ cheas de peixe do mesmo rio, entre o qual fica hũa casta de peixe semelhante a choupas, muy gordo, & saboroso, a que os naturaes chamaõ Enxauos. He tanta a quãtidade deste peixe neste tempo, que naõ ha quem o possa desinçar, nem acabar, & atè os porcos andão enfarados delle.

Enxauo peixe.

¶ Outro peixe se cria neste rio, a que os Cafres chamão Munemune, o qual he quasi da feição de çafios, & do mesmo tamanho; tem hum cheyro tão fortum, que não ha quem lho possa aguardar, saluo os Cafres que o comem. He gordissimo, & languinhoso, & naõ se come em fresco, senão escalado, & seco ao fumo. Deste pescão os Cafres muita quantidade no tẽpo das cheas deste rio, & fazem delle grandes fumeyros, & prouisaõ pera todo o anno. Estando eu na fortaleza de Sofala, ouue hum anno taõ grandes tormentas naquelle mar, que muito peixe delle deu â costa, & se achou em cardumes morto polas prayas, entre o qual se acharaõ algũs solhos muy semelhantes aos de Portugal, na grandeza, parecer, & sabor. E posto q̃ algũs differão serẽ toninhas, comtudo os que mais sabião desta materia affirmàraõ que eraõ solhos. Iunto da barra do rio de Sofala, ao longo da ilha de Inhansato, de que abayxo falarey, se tomaõ lin-

Munemune peixe.

lingoados, & azeuias, & muytas mais se tomarião, se ouuera pescadores que lhe soubessem armar, & pescalas, como fazem neste Reyno, o que os Cafres & Mouros daquella terra não sabem fazer, porque não tem redes, & aparelho, nẽ habilidade pera isso. Outro muyto peixe ha nestes rios de varias castas, que deixo por abreuiar.

¶CAPITVLO XXVII.

Do peixe Molher, & aljofar que se cria nas ilhas das Boçicas.

QVinze legoas de Sofala estão as Ilhas das Boçicas ao longo da costa, pera a parte do Sul: no mar das quaes ha muyto peyxe Molher, que os naturaes das mesmas ilhas pescaõ, & tomaõ cõ linhas grossas, & grandes anzoes, com cadeas de ferro, feitos somẽte pera isso, & de sua carne fazẽ tassalhos, curados ao fumo, que parecẽ tassalhos de porco. Esta carne he muito boa, & muy gorda, & della comiamos em Sofala muitas vezes cozida com couues, & tẽperada com seu molho. Este peyxe tem muyta semelhança cõ os homẽs & molheres da barriga atè o pescoço, onde tem todas as feições, & partes que tẽ as molheres, & homẽs. A fémea cria seus filhos a seus peytos, que tem propriamente como hũa molher. Da barriga pera bayxo tem rabo muyto grosso, & comprido, cõ barbatanas como cação. Tem pelle branda, & alua pola barriga, & polas costas aspera mais q̃ a de cação. Tem braços, mas não tem maõs, nẽ dedos, senão hũas barbatanas, q̃ lhe começaõ dos cotouellos, atè a ponta dos braços. Tem hũ disforme rosto espalmado, redondo, & muito mayor que de hũ homem, mas não tẽ nelle semelhãça algũa de homẽ, porque tem a boca muy grande, semelhãte a boca de hũa arraya, & os beiços muy grossos, & derrubados, como beiços de librêo. Tem a boca cheya de dentes, como dẽtes de cão, quatro dos quaes, q̃ saõ as presas, lhe saem fora da boca quasi hũ palmo, como dentes de porco jauali, os quaes saõ muy estimados, & delles fazem as contas a que chamão de peyxe molher, & dizem que tem muita virtude contra as almorreimas, & contra o fluxo de sangue, & trazẽse

Peixe Molher.

Feições de peixe Molher.

Cõtas de peixe Molher.

zése pera isso junto da carne. Tem as ventas do nariz, como as de hũ bezerro, muy grãdes. Chamãolhe peyxe molher, & não homem, porq̃ nas feições do corpo tem mais semelhãça de molher que de homem.

¶ Este peyxe não falla, nem canta, como algũs querem dizer, somente quando o matão dizẽ que geme como hũa pessoa: naõ tem cabellos no corpo, nẽ na cabeça. Tirado fora daagoa morre como qualquer outro peyxe, mas poem muito tẽpo em morrer, se o não matão. Eu cuydo que estas deuẽ ser as Sereas, & Tritões que os antigos fingião, dizendo que Tritaõ era homẽ marinho, filho da Nympha Salacia tambem molher marinha, osquaes habitauão no mar; & por esse respeito fingião q̃ Tritão era Deos do mar, & trombeta de Neptuno. Outros Poetas fingiraõ que as Sereas foraõ tres irmãs chamadas Parthenope, Lygia, Leuconia, filhas de Acheloo, & de Calliope, as quaes habitauão nas prayas do mar de Sicilia, onde estão os bayxos de Scylla, & de Carybde. Estas irmãs dizem q̃ cantauão ao longo destas prayas taõ suauemente, que attrayaõ a si todos os nauegantes daquelle mar, de tal maneyra, que enleuados com sua musica, se descuydauaõ das embarcações, & da nauegação que fazião, & dauaõ â costa, & se perdiaõ, de cuja perdição as Sereas tinhão muyto interesse. Pola qual rezaõ querendo Vlysses nauegar por este mar, tapou as orelhas a seus marinheiros com cera, & mãdouse atar a si mesmo ao pê do masto, pera que não se pudesse bulir, nem mouer cõ a musica das Sereas: & desta maneyra foy nauegando por este passo perigoso, sem as Sereas poderem conseguir seu intẽto. Polo que vẽdose desprezadas de Vlysses, tomaraõ tanta payxão, q̃ se lançaraõ no mar, onde foraõ conuertidas em peyxes da cintura pera bayxo, por merce dos Deoses, que não permitiraõ que ellas se afogassẽ.

Sereas, ou Tritões.

Quẽ foy Tritão.

Quẽ forão as Sereas.

Scylla, & Carybde.

Inuẽção de Vlysses cõtra as Sereas.

Como as Sereas se cõuerterão em peyxes.

¶ Ouidio finge q̃ estas tres irmãs Sereas eraõ cõpanheyras de Proserpina, a qual Plutaõ Deos do inferno furtou, & leuou pera lâ, & a teue por sua molher, de que as Sereas ficaraõ tão magoadas, & sentidas, que se lançarão no mar pera se matarẽ: mas por merce dos Deoses foraõ conuertidas em peyxes da cintura pera bayxo.

Ficção de Ouidio. Met. 5. Fab. 9.

Tudo isto saõ fingimentos de Poetas: mas a verdade he, que o peyxe Molher de sua natureza he gêrado, & criado no mar, como o demais peyxe, & tẽ mais propriedade de peyxe que os cauallos marinhos, & lobos marinhos, & que os lagartos do rio, porque todos estes viuem fora da agoa, & andão muitas vezes em terra: o que não faz o peyxe molher, antes se està fora da agoa logo morre como fica dito.

Alexandre Magno em hũa carta q̃ escreueo a seu mestre Aristoteles, acerca das cousas notaueis, & prodigiosas q̃ vio nas partes do Oriẽte quãdo as cõquistaua, cõta q̃ indo marchando cõ seu exercito polos desertos da India, vio andar em hũ cãpo razo molheres, & homẽs nûs, cubertos de cabello, como feras brauas, os quaes vẽdo a gente do arrayal, fugirão pera hũ grãde rio q̃ perto estaua, & nelle se mergulharão, mas antes q̃ se recolhessẽ foraõ tomadas duas molheres daquellas. A estes chamauão os Indios Ichthyophagos. Destas diz Q. Curtio q̃ viuiaõ dentro nesse rio, & se sustẽtauaõ do peyxe crû, & q̃ tinhaõ 9. pês de cõprido, o corpo muito aluo, & os rostos como de Nymphas mui fermosas, & grandes cabellos na cabeça, lançados pera tras: & q̃ faziaõ muito mal aos Indios ignorãtes, q̃ se metião no rio, porq̃ a hũs afogauaõ, a outros espedaçauaõ entre os canaueaes, & a outros vẽcidos de sua fermosura, matauaõ cõ seu desordenado & sensual appetite. Nas quaes cousas todas differem muyto do peyxe Molher, que se cria & viue no mar das Boçicas, como tenho dito.

¶ No mar destas ilhas ha muito aljofar, & perolas, as quaes se criaõ dentro em hũas ostras mui grandes, a q̃ chamaõ madre perola, q̃ andaõ no fundo do mar ẽ terra de area. Os naturaes as pescão de mergulho, & antes de ir abaixo, lãçaõ no mar hũ cesto preso da embarcaçaõ, cõ hũa pedra dẽtro, pera q̃ và ao fũdo. Isto feito, lançaõse de mergulho, atados pola cinta, cõ hũa corda, ficando presa na embarcaçaõ, porq̃ se não desuiẽ della: & pera irem mais depressa ao fundo, leuão nos braços hũa pedra, q̃ largaõ tãto q̃ là chegaõ: & asi andão polo fundo do mar buscando as ostras, & metẽdoas no cesto & depois de cheyo, puxaõ debaixo pola corda cõ que estão presos na ẽbarcaçaõ, & os pescadores q̃ nella estaõ os sobẽ acima,

Aljofar, & perolas onde se crião.

acima,& o vazão, & tornão a lançar a baixo. E quãdo os pescadores q̃ andão no fundo do mar se agastão, & não podem mais reter o folego, vẽse pera cima guiados polas cordas, cõ que vão atados, & metẽse na embarcação, mas como descã saõ tornão a mergulhar, & cõtinuar sua pescaria, & desta maneira vaõ abayxo muitas vezes, & pescão muytas ostras: & andaõ tão costumados a mergulhar, q̃ muitas vezes estaõ meyo quarto de hora debaixo da agoa, & fazẽ muitas apostas, sobre quẽ ha de estar mais tempo. O fundo em q̃ pescão sera de dez, doze, atè quinze braças.

¶ O aljofar, & as perolas se achão dentro nestas ostras, pegadas na carne da ostra. Muitas ha q̃ tem dous, tres, & quatro graõs, & outras nenhũ. E a principal causa porq̃ estes Cafres & Mouros pescaõ as ostras, he pera lhe comerẽ a carne, porq̃ não fazem tanto caso do aljofar, & por essa rezaõ o vendẽ muy barato. Este aljofar se gera do rocio, & orualho do ceo, que cae em Março, & Abril, & em Setembro, & Outubro, nos quaes ordinariamẽte andão as ostras porcima da agoa com as bocas abertas em tẽpo de bonança, recebendo o orualho q̃ cae do ceo, o q̃ fazẽ depois q̃ se poem o sol à prima noite, & na madrugada, antes de sayr o sol. E dizẽ os naturaes, que o aljofar, & perolas mais finas saõ as q̃ se gerão do orualho que as ostras recebem na madrugada. Deos sabe a verdade deste segredo.

Aljofar, & perolas se gerão do orualho do ceo.

¶ CAPITVLO XXVIII.

Do nacimento do Ambar, & da muita quantidade que ha delle nesta costa da Ethiopia.

EM toda esta costa do Cabo de Boa esperãça, atè o mar Roxo, se acha muito Ambar, que o mar lança nas prayas. Este Ambar nace, & criase no fundo do mar, donde se arranca com o aballo, & mouimento das agoas, particularmente em tempo de grandes tormentas, & nas partes onde o mar tẽ pouco fundo, & batẽ as ondas com mayor furia, porque então cõ estes aballos se quebraõ algũs pedaços de Ambar, & se arrãcaõ do fũdo, õde estaõ pegados, & vẽ acima da

Ambar.

Como o Ambar se arrãca do mar, & vẽ ter à praya.

dã agoa; & as ondas & vento dão com elles na praya; pola qual rezão todas as vezes q̃ ha grandes vẽtos & tormẽtas no mar, logo os Cafres andão polas prayas embusca do ãbar, & achão muitos pedaços, q̃ vendem aos Mouros, & aos Portugueses.

3. castas de Ambar.

¶ Tres sortes de ambar hà nesta costa: hũ muito aluo, a q̃ chamã Ambar Gris: outro pardo, a que chamão Mexueyra, outro negro como pez, a q̃ chamaõ Ambar preto: o qual muytas vezes se acha taõ mole, como massa, & de roim cheiro, & a causa disso he, segũdo dizem os naturaes desta terra, q̃ este arreuessaõ as baleas, & he certo que o comem, porque ja foy achado no bucho d'algũas, que por esta costa morreraõ. E não somente as baleas o comẽ, mas tambem o mais peixe do mar, porque muitas vezes foraõ vistos pedaços de ambar emcima das agoas, & os peyxes andarem comendo nelles. O mesmo fazẽ os passaros da praya, se o achaõ nella, de modo que os peixes, & os passaros o comem, ou porque lhe achão algũa virtude, ou porque lhe sabe bem. O Ambar Gris he muito estimado dos Mouros, & o cõpraõ pera comer, porque dizem q̃ esforça muito a natureza, & he proueitoso aos velhos pera os esforçar, & auiuẽtar.

Os peixes, & passaros comẽ Ambar.

¶ He cousa muito aueriguada, q̃ este Ambar nace no fũdo do mar, onde està pegado em grande quantidade. Hũ nauio foy de Moçambique à Ilha de S. Lourẽço, & lançou hũa noite fatexa ao lõgo da dita ilha, onde esteue surto aquella noite, & ao outro dia pola manhã leuantàraõ os marinheiros a fatexa pera sairẽ dali, & continuarem sua viagẽ, como fizeraõ, mas depois que a meteraõ dentro no nauio, viraõ que trazia as vnhas cheas de ambar branco excellentissimo, sobre o qual esteue o nauio anchorado aquella noite em vinte & tantas braças. O mesmo soccedeo a outro nauio, perto do Cabo das correntes.

Hũ nauio áchorou sobre Ambar.

¶ Roque de Brito Falcão, que catiuaraõ os Turcos indo da costa de Melinde pera a India, estando na sua Capitania da mesma costa, teue hum pedaço de ambar, que sayo naquella paragem, o qual era do tamanho, & quasi da feyção de hum chapeo cuzcuzeyro, muy grande.

Pedaço de Ambar q̃ se achou ẽ Melinde.

Ambarq̃ se achou ẽ Linde.

Entre os rios de Linde, & Quilimâne foy achado hum pedaço de ambar mexueyra, q̃ tinha mais de vinte arratens, & os Cafres o foraõ vender a hum Portugues, chamado Francisco Brochado, que residia nestes rios, cudando que era paõ de breu. No tẽpo que eu estiue na ilha de Quirimba, deu à costa outro pedaço de ambar brãco, tamanho como este q̃ fica dito, o qual apanhâraõ os Mouros da Xanga, & o repartiraõ entre si, & depois o venderaõ em pedaços de arratel cadahũ pouco mais, ou menos.

Ambarq̃ se achou em Quirimba.

Serra de Ambarq̃ se achou ẽ Braua.

¶ No anno do Senhor de 1596. deu â costa hũa serra de ambar branco muy excellente junto da cidade de Braua, & perto da costa de Melinde, o qual ambar segundo disseraõ os Mouros que o acharão, era tão grosso, & alto q̃ se não vião hũs aos outros, ficando o ambar no meyo delles: & foy tanta sua quantidade, que vieraõ os Mouros de Braua, & muitos da cidade de Magadaxo, & leuaraõ muyta copia delle, & valia muyto barato. Veyo esta noua ter a Moçambique, & dõ Pedro de Sousa, que então era capitão da fortaleza, auiou hũa fusta, & mandou que fosse a Braua, & cõprasse o ambar q̃ pudesse, & cõ ir dahi a hũ anno ainda achou tanto, que trouxe hum cayxão cheyo delle a Moçambique muito barato.

Ambarq̃ se achou no Malauar.

¶ Outro pedaço de ambar semelhante ao q̃ fica dito foy achado antiguamẽte na costa do Malauar, entre Châle & Panàne, terra pouoada de pescadores muy barbaros, os quaes cudarão que era breu, & como tal o cozerão, & brearaõ cõ elle suas embarcações. Neste tẽpo socedeo, que veyo ali ter hũ Portugues de Cochim, & na mesma praya, onde as embarcações foraõ breadas, achou muitas migalhas de ambar, & preguntando aos moradores da terra quem lhe dera breu tão cheiroso, pera brearẽ suas embarcações, elles lhe cõtarão o caso, polo quesoube que fora ambar, q̃ dera naquella costa. Esta historia he mui sabida em toda a India.

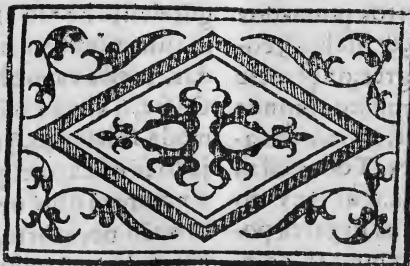
¶ Quãdo se perdeo a nao S. Thome vindo da India pera Portugal, a gẽte q̃ se saluou no esquife tanto q̃ chegou à vista da primeira terra, q̃ foy a dos Fumos, perto da terra do Natal, chegouse à praya pera melhor a conhecer, & sayrão dous homẽs pera descubrirẽ a terra, &

Ambar da terra dos Fumos.

& trazerem nouas do que nella achauão. Hũ dos quaes foy Antonio Gomes Cacho, que sabia algũa cousa da lingoa dos Cafres. Estes caminhãdo pella praya hũa tarde toda, forão achando muytos pedaços de Ambar de que se carregarã. Vẽdo isto algũs Cafres da terra, que vierão alli ter com elles, fizerão grandes espantos porq̃ lhe virão Ambar na mão; & disserãolhe que lançassem aquella peçonha no chão, & q̃ nem pera ella olhassem, porq̃ toda a pessoa que a leuantaua da praya logo se mirraua, & secaua, ate que morria, & que atê o gado, & tudo quãto tinha viuo em sua caza morria com seu dono. E com isto se despedirão os Cafres, & forão fugindo delles como se ficarão feridos de peste. E os Portugueses se tornarão ao esquife, que acharão ao longo da praya, onde se embarcarão, & o mais q̃ lhe soccedeo neste caminho cõtarei a diante. Esta historia me contou muitas vezes Antonio Gomes Cacho, estãdo eu en Sofala quando esta gente da perdição veyo alli ter. De modo q̃ por toda esta costa se achaõ muytos, & mui grandes pedaços de Ambar. Donde se collige claramẽte o engano daquelles que disserão que o Ambar se gera, & cria no ventre das baleas, & que ellas o vomitão: o que he falso, porque nenhũa balea por grande que seja pode vomitar tão grandes pedaços, & serras de Ambar como estes, que referi neste capitulo. Alẽ disto a experiencia nos tem mostrado o contrario.

Agouro que tem estes Cafres do Ambar.

As Baleas não gerão Ambar.

FIM DO PRIMEIRO LIURO

LIVRO SEGVNDO DA ETHIOPIA ORIENTAL, QVE TRATA DO MANAMOTAPA, & do seu grande Reyno, seus costumes, & de seus Cafres: dos celebres rios de Cuama, & dos animaes, bichos, & outras cousas muy notaueis de todo este territorio, incognitas na nossa Lusitania.

¶ CAPIT. PRIMEIRO,

Dos Cafres, & cousas notaueis, que ha nas terras que correm de Sofala atè o rio de Luabo.

QVatro annos estiuemos na fortaleza de Sofala, o Padre frey Ioão Madeira, & eu, occupados no seruiço d'aquella Christandade: & daqui nos saymos por mandado do nosso Padre Vigairo geral da India, & nos passamos aos rios de Cuama, que saõ trinta legoas de caminhos asperos, & trabalhosos, onde ha grãdes matos, & desertos pouoados de muitas feras, & bichos, como saõ leões, tigres, onças, elefantes, bufaros; muitos monos & bugios, & outros muitos animaes syuestres. Todas estas terras saõ do Quiteue Rey do rio de Sofala. Nos lugares pouoados q̃ tem ha muitas creações de cabras, & de galinhas pequenas, mas mui gordas, & saborosas. Ha muitos mãtimẽtos de milho, arroz, & painço; grandes inhames, & outros legumes de differẽtes castas.

Fertilidade destas terras.

¶ Os moradores destas terras saõ Gẽtios Cafres, não muyto pretos: os mais delles tẽ os dẽtes podres, & quebrados, & dizem q̃ lhe vẽ isto da terra em q̃ moraõ ser muito humida, & apaûlada, & tãbem de comerẽ inhames assados quẽtes, q̃ he o seu comer ordinario, pola muita quantidade deste legume, q̃ ha nestas terras. Os mais destes Cafres saõ quebrados, & algũs delles ha tão aleijados desta infirmidade, q̃ não podẽ andar. Neste caminho vimos hũ Cafre, q̃ viuia ẽ hũa aldea chamada Inhaguêa, q̃ naceo aleyjado sẽ o braço esquerdo: mas a natureza q̃ lhe negou este mẽbro tão necessario, lhe deu tal habilidade, q̃ logo de pequeno se

Cafre q̃ naceo cõ hũ sò braço.

se costumou a trabalhar cõ a mão direita,& cõ o pê esquerdo em lugar da mão esquerda, de tal maneira,q̃ fazia cõ estes dous mẽbros taõ disparatos tudo aquillo q̃ podia fazer qualquer pessoa cõ duas mãos, porque fazia escudellas, & gamellas de pao, & tecia esteiras de palha,cõ q̃ ganhaua a vida:onde se pode ver a prouidẽciada natureza, q̃ como diz Aristoteles,não falta nas cousas necessarias pera a vida humana. Não espantarâ isto aos q̃ tiueraõ noticia de hũ aleijado,que ouue na villa de Mõte mòr o nouo em nossos tempos, chamado Francisco Diaz, o qual naceo sem braços, & desta maneira se costumou logo de sua tẽra idade a seruir, & vsar dos pês em lugar das maõs q̃ não tinha, & cõ elles comia, bebia, jugaua cartas, enfiaua hũa agulha,& fazia taõ boa letra,q̃ tinha escola,em que ensinaua muitos moços a ler,& escreuer,cõ que ganhaua sua vida,& cõ os pês aparaua as pennas,açoutaua os moços,&lhe daua palmotreadas, seruindose em todas estas cousas cõ os dedos pollegar,& index do pé direito,de maneira q̃ todas as cousas q̃ se podẽ fazer cõ as maõs,fazia elle cõ os pês muy perfeitamente,os quaes trazia metidos ẽ hũas chinellas, aparelhados pera lhe seruirem de maõs.

Aleijado de Mõte môr o nouo.

Os Cafres destas terras saõ de boa natureza,& bẽ inclinados,porq̃ tendo pouca noticia de nôs, se ouueraõ comnosco muy amigauelmẽte, recebẽdonos ẽ suas casas, & dandonos do q̃ auia na terra pera comer, muito barato. Alem destes Cafres seis ou sete legoas pera o Norte,està hũ rio pequeno chamado Tebe, o qual corre por meyo de hũ fermoso bosque de aruoredo syluestre, de mais de hũa legoa de largura, q̃ foy a paragẽ por onde o nôs atrauessamos. Muitas aruores deste bosque saõ tão altas, & grossas,como grandes mastos de nao,direitas,& limpas,sem esgalhos, ou de sua natureza, ou porq̃ os Cafres lhas cortão: & assi se crião sẽ terẽ nôs, atè serẽ aruores muy grandes. Neste bosque achamos muitos Cafres cortando algũs paos grossos,pera fazerẽ delles embarcações, como fazẽ ordinariamente,inteiràs,de hum sò pao cauado por dentro: & algũas saõ taõ grandes,que tem vinte braças, & mais de comprido, &

Rio, & bosque de Tebe.

Almâdias mui tograndes.

& carregão vinte toneladas, das quaes eu vi algũas, que andauão em os rios de Cuama, colhidas, & feitas neste bosque: chamaóse estas embarcações Almádias. Estas aruores saõ taõ bastas neste lugar, & tẽ a rama no alto tão copada, q̃ parecẽ de longe hum fermoso pinhal, tão cerrado por cima, que em poucas partes da o sol embayxo na terra, & por esse respeito não cria herua, mas tẽ folhada das mesmas aruores quasi de hũ palmo dealtura.

Tendancûlo rio, q̃ diuide o Quiteue do Manamotapa.

¶ Adiante deste rio està outro chamado Tendâcùlo, onde acaba o Reyno do Quiteue, & começa o grande Imperio do Manamotapa. Neste rio achamos hum animal do mar morto, de hũa figura espantosa, & hũas aues nocturnas, que nos puseraõ em grãde admiração, do q̃ tudo tratarey adiante em seu lugar. Deste rio atè o de Luabo, que he o principal dos rios de Cuama, saõ terras do Manamotapa, pouoadas de Cafres Gẽtios, & de Mouros, hũs pretos, & outros brancos, & algũs delles ricos: & cõ serẽ vassallos do Manamotapa, viuem aqui quasi como isentos, por estarem muy distantes da Corte deste Rey, de cujas terras, vassallos, & custumes, pretendo tratar neste segundo liuro. E por quanto os rios de Cuama, onde agora chegamos saõ as portas por onde os Portugueses entraõ neste grande Reyno, delles me pareceo, que deuia tratar primeyro, como farey no capitulo seguinte.

¶ CAPIT. SEGVNDO.

Dos rios de Cuama, & das ilhas principaes que nelles ha.

Pricipio do rio de Cuama, chamado Zãbeze.

Este rio de Cuama tão celebre & conhecido por suas riquezas, chamão os Cafres Zambeze; nace pola terra dentro tão longe, que não ha quem tenha noticia de seu principio. Dizẽ os Cafres que tẽ por tradição de seus antepassados, que este rio nace de hũa grande lagoa, que està no meyo desta Ethiopia, da qual nacẽ outros rios muyto grandes, que correm por diuersas partes, cadahũ de differente nome, & q̃ polo meyo desta lagoa ha muytas ilhas pouoadas de Cafres, ricas, & abundantes de creações, & mantimentos. Chamase este rio Zambeze, porque ao sayr da

lagoa

lagoa pâssa por hũa grande po uoação de Cafres alsi chamada, & dahi vem o rio tomar o mesmo nome da pouoação. Este rio he muy impetuoso, & tẽ em partes largura de mais de hũa legoa. Antes que chegue a se meter no mar algũas trinta legoas, se diuide em dous braços, & cadahũ delles he quasi taõ grande como o mesmo Zambeze, & ambos vão entrar em o mar Oceano Ethiopico, trinta legoas distantes hũ do outro. Ao principal, & de mais agoa chamão rio de Luabo: o qual tambẽ se diuide em dous braços, hum delles se chama rio de Luabo velho, & o outro Cuama velha, donde parece q̃ todos estes rios tomaraõ nome de Rios de Cuama. O braço menos principal se chama rio de Quilimane, ou Rio dos Bons sinaes: nome que lhe pòs dõ Vasco da Gama, quando a elle chegou, indo no descubrimento da India, polas boas nouas & sinaes q̃ nelle achou de Moçambique estar ja perto, onde auia embarcações, & pilotos q̃ sabião nauegar pera a India. Polo qual respeito pòs na praya deste rio hũa colũna de pedra, que tinha hũa Cruz, & as armas Reaes de Portugal entalhadas; & juntamente pòs nome a esta praya Terra de S. Raphaël. Este rio tambẽ lança de si outro braço muyto grãde, a que chamão o Rio de Linde. De maneira, que este grande rio Zambeze entra no mar cõ cinco bocas, ou braços de muyta largura, & muytas agoas. Os Portugueses nauegão somente polos dous principaes: polo de Luabo podem nauegar todo o anno, porque tẽ muyta agoa, & sempre he capaz de nauegação; o que não tem o de Quilimane, por onde nauegaõ somẽte no inuerno, porq̃ no veraõ descobre muytas areas, & madeiros, que estão crauados no fundo do rio, onde perigaõ muyto as embarcações.

Diuisam dos rios de Cuama.

¶ Por este rio acima (indo sempre a Loesnoroeste) se nauega obra de duzentas legoas atè o Reyno de Sacumbè, que està muyto arriba do forte de Tete, no qual lugar faz o rio hũa grande quèda de hũs rochedos abayxo, & dali pera cima vay inda cõtinuando muyta penedia polo meyo do rio, por espaço de vinte legoas, atè o Reino de Chicóua õde estã as minas de prata, de modo q̃ se não nauegaõ estas vinte legoas

Duzẽtas legoas se nauega este rio.

goas de Sacũbè atè Chicoua, por causa da grande corrente com que as agoas vẽ quebran do de penedo em penedo polo rio abayxo: mas do Reyno de Chicoua pera cima he naue gauel, porẽ não se sabe atè onde.

Ilha de Luabo.

¶ Tornando pois ão rio de Luabo, que he o braço princi pal, chamase assi por respeito da ilha Luabo, situada na sua barra, em dezanoue graos escassos. Esta ilha tem da parte do Sul o rio que dissemos, & do Norte o rio de Cuama a velha, & pola parte de Leste he cortada de hum esteiro de cin co legoas de cõprido, que vay de hum rio atè o outro, & do Sueste lhe fica o mar Oceano Ethiopico. Tem cinco legoas de comprido, & outras tantas de largo, pouco mais, ou menos. He pouoada de Mouros, & Cafres Gentios, de cabello crespo, muy sogeytos, & quasi vassallos do capitão dos rios de Cuama, o qual muytas vezes reside nesta ilha, entenden do no concerto das embarcações, q̃ leuão as mercadorias polo rio acima, as quaes vẽ ali de Moçãbique em hũas embar cações grandes, chamadas Pãgayos, & por serem grandes, & não poderẽ nauegar polo rio acima, descarregão nesta ilha, onde as embarcações pequenas, que tenho dito, tomão sua carga, & todas juntas nauegão polo rio acima atè o forte de Sena, que são sesenta legoas de caminho. As terras que cor rem ao longo deste rio da par te do Norte, se chamão Boròro, & as da parte do Sul Botõga, polos quaes dous nomes se gouernão os marinheiros quã do nauegão, lançando o leme hora pera Boròro, hora pera Botonga, como fazem os das naos pera Bombordo, ou pera Estibordo.

Ilhas deste rio.

¶ Polo meyo deste rio ha muytas ilhas, & algũas dellas muyto grandes. A primeira, & mayor de todas indo polo rio acima, he Chingoma, da qual he senhor hum Cafre Macũa, que tẽ o mesmo nome da ilha. Esta he fertilissima, & a melhor de todas. Na ponta della se diuide o rio Zãbeze em os dous braços de Luabo, & Quilimàne, como atras dissemos, ficãdo ella entre ambos. A segunda ilha nomeada deste rio se chama Inhãgoma, situada junto do forte de Sena, a qual he muito raza, & bayxa, & por isso alagadiça polas fraldas

Chingoma ilha.

Inhangoma ilha.

das do rio. Tem dez legoas de comprido, & no mais largo legoa & meya: he muyto fertil, & abastada de mantimentos. Quando os Portugueses nauegaõ por este rio, recolhemse denoite a estas ilhas, & a outros muitos ilheos, que polo rio ha despouoados, & somente de dia nauegaõ, por causa das muitas correntes, & bayxos que ha por todo este rio.

Abundãcia destes rios.

¶ Quando estas embarcações nauegaõ polo rio, os Cafres que habitão em muitas aldeas ao longo delle, vem logo a ellas em suas Almâdias pequenas, carregadas de frutas da terra, arroz, milho, legumes, pescado fresco, & seco, & muitas galinhas, as quaes cousas vendem aos passageiros baratas, por auer grande abundancia, & fertilidade nestas terras, & muitas creações de galinhas, q̃ os Cafres não comẽ, mas crião somente pera vẽder aos que nauegaõ polo rio, & por isto val hũa galinha nelle dezoito atè vinte reis somente. A causa desta fertilidade saõ as enchentes deste rio, que muitas vezes alagaõ os cãpos que correm ao longo delle, & mais particularmente no mes de Março, & Abril, quando enchem outros rios, & ribeyras muy grandes, que se vem meter neste, & lhe acrecentão suas agoas, com cuja inundação ficão estas terras cheas de nata, & frutificão grandissimamente. Nestes dous meses saõ as môres cheas deste rio, sem nelles auer chuuas nestas terras, nẽ neues que se desfação, & corrão pera o rio, polo que se manifesta claramente q̃ vẽ estas agoas de muito longe, & causaõ aqui estas enchentes, como fazẽ as do rio Nilo nas terras do Egypto. Neste tẽpo saõ estas terras muy doentias, porcausa dos ares grossos, que ordinariamẽte se leuantão das lagoas, & campos apaûlados, & então morrem mais Cafres deste rio, que nos outros meses do anno.

Em Março enchẽ os rios de Cuama

¶ CAPIT. TERCEIRO.

Dos Cauallos Marinhos, a que os Cafres chamão Zouo, outros Zoo.

Estes rios de Cuama, & no de Sofala, & nos mais de toda esta costa, se crião muitos cauallos marinhos, muy ferozes, & espantosos. Saõ muyto mayores, & mais

Feições dos cauallos marinho,

mais grossos que dous cauallos juntos dos nossos; tem os pès muito curtos & grossos, sinco vnhas em cada mão,& quatro em cada pè, & a pêgada quasi tamanha como a de hum elefante: tem hũa boca muy grãde rasgada, & chea de dentes, & quatro delles q̃ saõ as prezas, tẽ mais de dous palmos de comprimento cada hum, os dous de baixo saõ dereitos, & os de çima reuoltos como de porco jauali, & todos quatro saidos pera fora da boca hum grande palmo. Tem hũa cabeça como de tres bois juntos. Hũa caueira de cauallo marinho vi hũ dia â porta de hum Cafre que lhe seruia de assẽto, & elle a tinha posta naquelle lugar por façanha, & vendome olhar pera ella com admiração, chamou hum filho seu menino de sete, ou oito annos, & abrindo a boca da caueira fez assẽtar o menino dentro nella sobre o queixo de baixo, & daua com a cabeça no queixo de çima mui folgadamente; & disseme que ainda auia maiores cauallos do que fora o daquella caueira. Estes cauallos ordinarmente viuem dentro na agoa, mas comem em terra, & sostentaõse da herua & rama dos matos, fazem muito dano nas searas do milho, & arròz, assim com os pès como no que comem: ordinariamente saem dos rios a comer de noite, & tãbem de dia, em lugares despouoados, & desertos: tem muita semelhança com os nossos cauallos somẽte na frontaria do rosto, olhos, & orelhas, & quasi no rinchar.

Caueira de hũ cauallo marinho.

¶ *São* muito çiozos, & nunca seueraõ dous machos juntos, antes como se encontrão logo pelejão, & feremse mui cruelmente com os dentes, & algũas vezes se matão nesta briga & achaõse mortos pelas prayas dos rios com muitas feridas & buracos pella barriga onde elles ordinariamente se ferem quando pelejão. Entre hum bando de egoas marinhas não anda mais que hum cauallo, como gallo ẽtre gallinhas. E os outros cauallos menores & que menos podem, andão sempre fugindo de se encontrar com os grandes. Tambem quando a egoa pare macho, foge da companhia das outras egoas, & anda sempre sò com seu filho, por q̃ o pay lho não mate. E saõ tão çiozas dos filhos que remetem a toda a embarcação que passa pollo rio

São mui çiozos hũs dos outros, & as femeas dos filhos.

junto

junto do lugar em q̃ ellas andão, & muitas vezes emborcã algũas, & fazem afogar algũa gente. Quando querem parir vãose aterra, & parem dentro no mato, ou em algum esteiro solitario perto do rio, que não tem agoa, nos quaes lugares saõ achadas pelos Cafres muytas vezes parindo. Depois que parem comem as parias, & tambem o filho todo, & tornãose com elle pera orio onde o criaõ com leite de duas tetas que tem como as nossas egoas, mas muyto mayores, & de tanto leite q̃ às vezes lhe corre em fio no chão quando saem fora a comer.

Parẽ em terra, & criãose na agoa cõ leite.

¶ Estes cauallos marinhos tem pelle muito mais grossa q̃ a de hũ boy, todos saõ de hũa cor parda sobre çinzenta, & de cabello muito aspero: quasi todos, ou os mais delles tem hũa silua branca muito alua pello meyo do rosto abaixo atè as ventas, & hũa estrella brãca na testa muito fermoza. Tem mui pouca coma, & muito curta, & não tem topete nẽ sedas compridas no cabo, saõ muy sojeitos a doença de gota coral, ou accidentes de malenconia, & quando lhe vem esta dor cossaõ o peito muy fortemente com amão esquerda dobrandoa pera trâz, & sobre ella se deixão cair no chão ficandolhe as vnhas debaixo do peito, com cuja virtude dizem os Cafres que se lhe tirão os accidentes mais depressa; onde se pode ver a prouidencia da natureza q̃ não falta nas couzas neçessarias. Por esta rezão affirmão os Cafres, & Mouros desta terra q̃ as vnhas da mão esquerda do cauallo marinho tem muita virtude cõtra a malenconia: Deos sabe a verdade disto, mas he certo que os cauallos tem os accidentes que disse, & que se cossaõ com as vnhas da mão esquerda, porq̃ deste modo os tem achado os Cafres em terra muitas vezes, & algũas tão desmayados, & sẽ acordo cõ a força do mal que padecem, que assim matarão algũs sem se poderem erguer, nem fugir.

Feições destes cauallos.

Saõ doẽtes de gota coral.

Virtudẽ das vnhas de cauallo marinho.

¶ Posto que estes cauallos marinhos saõ mui ferozes, & de grãdes corpos, cõ tudo não saõ tão brauos que remetão à gente, saluo dentro no rio, quãdo andão no çio, como fica dito; mas quando saem a comer em terra, se sentem nella qualquer pessoa, ou tem vista della, logo fogem pera o rio corrende-

Saõ muy medrozos, & fogẽ da gente ẽ terra.

do com tãta furia, como se foraõ animaes mui pequenos, & muito medrozos, & tãta estrupiada fazem cõ os pès quãdo correm que pareçem hum trouão, & cõ esta preça, se lançaõ ao rio, & muitas vezes de ribançeiras mui altas, & com tãta furia, que leuaõ cõ sigo grãde parte da borda do rio, deixando nelle tal rasto como se fora caminho mui seguido.

¶ Hũa tarde fuy pellas prayas do rio de Sofala com dous Portuguezes cazados da fortaleza pera nos recrearmos & pescarmos nelle, & pera esse effeito forão com nosco muitos escrauos seus pera andarẽ com as redes. Indo nòs desta maneira ao longo do rio, vimos sair do mato dous cauallos marinhos que andauão comendo nelle, & tanto que nos sentiraõ vierão correndo pera se meter no rio, & o seu caminho direito era por onde nòs estauamos, polo que logo os portuguezes tomarão as espingardas, & os Cafres seus arcos & frechas, & aguardaraõ os cauallos pera os ferirem, ou espãtarem, mas foi o seu medo tanto, & mayor que o nosso, porq̃ se desuiarão de nòs, & forão fogindo ao lõgo do mato atè q̃ se meterão no rio bem longe donde nòs estauamos de que nos naõ pezou, porq̃ algũs temiaõ que com sua chegada ouuesse algum desastre.

Medo q̃ os cauallos tẽ da gente em terra.

¶ CAPIT. QVARTO.

De como os Cafres matão os cauallos marinhos dentro, & fora do rio.

OS Cafres do rio de Cuama, & os de Sofala, armaõ aos cauallos marinhos, & os caçaõ de tres maneiras. A primeira & mais ordinaria, he fazẽdo couas polla borda das semẽteiras do milho, & arròz, onde os cauallos denoite vaõ a comer, as quais estaõ cubertas de rama, & herua de tal maneira, que não se enxerga sinal de coua, & por isso vão os cauallos passeando muy seguros por entre as searas, & põdo as mãos ou os pès sobre as couas daõ cõsigo dẽtro, & ali ficão entalados atè polla manham, que vem os donos das searas, & os matão sem perigo, nem trabalho algum.

Primeiro modo de caçar os cauallos.

¶ De outra maneira lhe armão com hũas taboas de comprimento de hũa braça, muyto grossas, & fortes, nas quaes os Cafres

2º modo.

Cafres metem muitos farpões de ferro, como farpões de fisga, muy grossos, & agudos nas pontas. Estas taboas poẽ ao longo das searas meas enterradas cõ os bicos dos farpões pera cima, & tanto que os cauallos poem os pês encima de algũa taboa destas, encrauaõse nos farpões de tal modo, que não se lhe podẽ mais despregar, & desta maneira ficão presos, sem poderẽ andar, nẽ quebrar as taboas, por serẽ muito fortes, & asi os mataõ os Cafres que lhe tẽ armado.

3. modo.

¶ O terceiro modo, cõ que os Cafres matão os cauallos marinhos, he no rio, onde lhe armão cõ muitas embarcaçoẽs pequenas, de hũ sò pao, a que chamaõ Almâdias: em cada hũa das quaes se metẽ dous caçadores, hum assentado na popa remando, & outro na proa em pê, com hũa fisga na maõ, de grande & agudo farpaõ de ferro, a qual vay atada polo meyo da hastea, cõ hũa ponta de corda muy cõprida, & fica presa cõ a outra ponta na mesma Almâdia. Alẽ desta fisga, leuão outras, & muitas frechas, & azagayas, & penedos, tudo pera effeito de caçar. Desta maneira vaõ remando pera os pêgos, & remansos, onde os cauallos andão cõmunmente, cõ as cabeças fora da agoa, dã do fè de quantos passaõ polo rio; & tanto que as Almâdias chegaõ perto delles, fazemlhe cerco, & todas em ala remetẽ com muita ligeireza, pera lhe fazerẽ chegada, mas elles logo mergulhão, & fogẽ, & vão sayr em outro lugar perto daquelle cõ a cabeça fora, & as Almâdias apos elles remando, & tirandolhe sempre cõ penedos & frechas, & tantas voltas lhe daõ pera bayxo, & pera cima, atè que algũa embarcaçaõ chega perto de algũ, a tiro quelhe possaõ della pregar a fisga, & tanto que lha prêgão no corpo, & elle se sente ferido, logo desmaya, & vay fogindo com a fisga pregada, leuando apos si a Almâdia em que a fisga está presa â corda, polo qual respeito lhe vão tirãdo da mesma Almâdia com muitas frechas, & as outras Almâdias juntamente acodẽ, & tambem lhe prêgaõ suas fisgas, & com ser hum animal taõ feroz & grande, he taõ pusillanime depois de ferido, que naõ remete pera se defender de quem o persegue, antes foge, andãdo de hũa parte pera outra, leuãdo apos si as

São pusillanimes, & feridos desmayã

si as Almâdias presas das fisgas, que leua no corpo pregadas, & tanto trabalha desta maneira, atè q̃ cansa, & anda em cima da agoa cõ a boca aberta, & a lingoa fora sem poder tomar folego; entaõ remetem as Almâdias todas a elle, & dãolhe muitas azagayadas, atè q̃ o matão, & depois de morto lhe ataõ hũa corda no pescoço, & o leuão à terra, onde o cortão, & desfazẽ em quartos, & pedaços, & cada Cafre leua seu quinhão pera comer. Desta maneira matão muitos cauallos marinhos: & posto que este modo de caçar seja trabalhoso pera os caçadores, he muito gostoso, & de grande festa, & regozijo. Indo eu de Luabo polo rio acima pera Sena, vi andar no rio dez ou doze Almâdias, com seus caçadores dentro, fazendo a caçada q̃ tenho dito, cousa que muyto folgamos de ver, & senão foramos com tão prospero vento, sempre nos detiueramos neste lugar, por ver o fim da caçada.

¶ CAPIT. QVINTO.

De algũas cousas notaueis que ha nos rios de Cuama, assi dentro na agoa, como fora nas terras que corrẽ ao longo delles.

EM todos estes rios se cria muito peixe de varias castas, & algum delle muyto bom, gordo, & saboroso, como saõ taynhas, cações, peixe Pedra, semelhãte a grandes choupas, peyxe Boquinha, semelhãte a sauelha: tem mui pequena boca, & pouca espinha: he mui gordo, & saboroso: peixe Barriguinha, da feição de Arenques, mas muyto mayor: tem grande barriga, pequena boca, & pouca espinha: he muy gordo, & saboroso. Ha nestes rios tão grandes Espadartes, como os do mar. Hum destes se matou arriba de Tete no anno do Senhor de 1586. de que todos ficaraõ marauilhados, porque não cudaraõ que tamanhos peyxes se criassem nesta paragem, mais de cento & vinte legoas distante do mar. Tãbem se crião nestes rios muytos cauallos marinhos, & muitos & grandes lagartos, como fica dito.

Diuersidade de peyxes dos rios de Cuama.

Espadartes do rio.

¶ Os Cafres destes rios contão hũa historia mui sabida, & praticada dos Portugueses, & Mouros destas terras, da maneira seguinte. Dizem q̃ hum dia veyo hum leão correndo apos hũ veado pera o matar, &

Briga de hũ leão, & hũ lagarto, sobre hum veado.

& comer, o qual veado vẽdose perseguido, veyo fugindo cõ medo da morte pera se lançar ao rio, & chegãdo a elle, indo jà pera se meter dẽtro, chegou lhe primeiro o leão, & lançandolhe as vnhas sobre as ancas teue mão nelle, pera q̃ se não acabasse de meter de todo no rio: mas a este reboliço, & briga acodio hũ lagarto, & vẽdo que o veado estaua cõ meyo corpo dentro na agoa, ferrou logo delle cõ os dentes & vnhas, pera o meter no rio, & teue maõ nelle tão fortemente, q̃ nunca o leão o pode tirar fora, nẽ o lagarto o pode meter dentro, & tirar das vnhas do leão: & desta maneira estiueraõ algum tempo em porfia de quẽ auia de leuar a presa, atè q̃ acudiraõ hũs Cafres, que andauão trabalhando em suas searas, & tinhão visto todo o successo desta contenda, & correndo ao rio cõ grandes brados, & alaridos, o lagarto se espantou, & largou o veado, recolhẽdose pera dentro d'agoa, & o leão tambem fugio, deixando a caça que tinha ja quasi morta, & aberta polas cadeiras cõ as vnhas. Chegaraõ então os Cafres, & recolherão o veado, & o repartiraõ entre si.

¶ Polas terras q̃ correm ao longo destes rios, ha muytos leões, tigres, onças, badas, elefantes, bufaros brauos, vaccas brauas, quasi da feição das nossas mansas. Ha cauallos brauos, com sua coma, & cabo como os nossos cauallos, & rinchão quasi da mesma feição, tẽ hũa cor castanha, muito clara, quasi cinzẽta, tẽ cornos moçiços como veado muy direitos, & sem esgalhos, & vnha fẽdida como boy: os Cafres lhe chamão Empophos. Tambẽ hà asnos brauos de cor parda, cõ cornos, & vnha fendida, a que chamão Merûs, sua carne he taõ boa como a de vacca. Ha muita variedade de bichos, porcos monteses, & outra muyta casta de animaes syluestres.

Varios animaes

¶ Ao lõgo destes rios nacem muitos algodões, em searas, q̃ os Cafres semeão, cultiuão, & podão, quasi ao modo de vinhas. Deste algodão fazẽ panos, a q̃ chamão Machîras, de q̃ se vestem, os quaes saõ do tamanho de hũ lençol. Ha grandes canaueaes de cãnas de açucar, q̃ os Cafres semeão pera comerem, & saõ muyta parte de seu mãtimẽto. Naõ sabẽ fazer açucar, nẽ tẽ engenhos pª isso, q̃ se os tiueraõ, cudo q̃ des

Algodão.

Cãnas de açucar.

tes rios, & do de Sofala, se tirára mais açucar, q̃ do Brasil.

Douradinha.

¶ Neste territorio nacem muitos paos, & heruas mui medicinaes, & particularmente em hũas serras, a que chamão Lupâta, q̃ atrauessaõ este rio, nas quaes ha muita Douradinha: infinita Aguila braua mui boa, & de tão excellente cheiro, que pareçe mansa, & algũas pessoas me affirmaraõ auella nestes matos. Estando eu em Tete me deraõ hũ tronco velho de Aguila, tão gastado ja do tempo, que lhe não ficou mais q̃ o cerne de dentro, preto, & duro, & fazendo eu pouco caso delle, por saber q̃ auia muito na terra, o mandei lançar em hum quintal q̃ tinha, onde o sol lhe daua, & nelle esteue algũ tempo, atè q̃ hum dia o vi estar lançado de si oleo suauissimo, q̃ lhe corria no chão cõ a quentura do Sol: então o recolhi, & o tiue em grande estima, & como tal o dey a quẽ o trouxe pera este Reino, por peça de muito preço.

Aguila braua.

Canafistola.

Pao cõ q̃ se purgã.

Ha nesta terra muita cãnafistola polos matos, & outro pao com que os Cafres se purgaõ, mui medicinal, o qual cozẽ cõ hũa galinha ẽ agoa simples, & depois de bẽ cozida, bebẽ o caldo, & cõ elle purgaõ muito bẽ. Esta purga tomey ẽ Sena pera hũas sezões q̃ tinha, & me achei muito bẽ, o q̃ não fiz cõ outras purgas que antes desta medrão. Outro pao ha, q̃ moido, & dado a beber ẽ agoa simples estãca camaras de sangue. Outro pao ha excellẽte, com q̃ os Cafres curaõ suas feridas, moido, & deitado dentro nellas o pô: & tẽ tanta virtude, q̃ em 24 horas lança fora das feridas toda a podridão, ou sangue pizado q̃ tem, & por grande q̃ a ferida seja, em poucos dias sara, curãdose cõ estes pôs, sem pontos, nẽ outra medicina. Outro pao me mostraraõ em Sofala, o qual tambem ha nestes rios, & dizem que pizado, & dado a beber, faz vir leite aos peitos de qualquer pessoa q̃ o beber, assi molher, como homẽ: tẽ as folhas muito grossas, & grandes, quasi como herua babosa.

Pao de estancar sangue.

Pao pera curar feridas.

Paõ que faz vir leite.

¶ CAPITVLO SEXTO,

Das serras da Lupâta, & do Reino do Mongâs, & das guerras q̃ teue cõ os Portuguezes, & de hũas fontes notaueis destas terras.

DO forte de Sena atè o de Tete saõ 60 legoas polo rio açima. No meyo deste

deste caminho estão situadas aquellas muy famosas, & nomeadas serras da Lupâta, 90. legoas distantes do mar Oceano Ethiopico. Estas serras tem de largura quatro ou cinco legoas: saõ muito altas, & fragosas de penedias, & saibro aspero, & duro como ferro, & desta maneira vão correndo, & atrauessando grande parte desta Ethiopia, & por serẽ altissimas & atrauessarem muitas terras, lhe chamão os Cafres espinhaço do mũdo. Com estas serras serẽ taõ altas, largas, & de pedra viua, teue o rio Zambeze tanta força, que as rompeo polo meyo, leuando suas agoas por entre ellas cõ tanto impeto, q̃ faz medo sua corrente; & tão cortadas estão estas serras em muitas partes ao longo do rio, q̃ do alto dellas atè o fundo saõ direitas, como se foraõ talhadas ao picão, & a prumo. E noutras partes ficaõ os altos das serras pendentes sobre o rio, taõ medonhos, q̃ pareçe estarem pera cayr sobre as embarcações q̃ passaõ por bayxo. Nesta paragem serà este rio de largura de 50. braças, pouco mais, ou menos, çercado destas serras ingremes, & altissimas, polo q̃ estas cinco, ou seis legoas de rio saõ muy perigosas de nauegar, & aqui se perdẽ algũas embarcações, por causa das grandes correntes que tẽ, dando com ellas sobre as pedras, sem lhe poderẽ fugir.

Serras da Lupâta.

Grande força de agoa.

¶ Estas serras de Lupâta atrauessaõ o Reino de hũ Rey chamado Mõgâs, cujas terras estão ao lõgo deste rio, da parte do Sul, como Sena, & Tete, & tẽ por seu limite o mesmo rio, & da banda do sertaõ cõfinaõ cõ as terras do Manamotapa. Este Mõgâs pellejou cõ os Portugueses no tẽpo da conquista de Frãcisco Barreto, & de Vasco Frz Homem, q̃ lhe socedeo no gouerno por sua morte. Todos estes Cafres do Mõgâs saõ Gẽtios, algũ tanto baços, muy esforçados, & mais bellicosos q̃ todos os q̃ então auia nestes rios, & assi deraõ muito que fazer aos nossos cõquistadores, representandolhe muitas batalhas. Em hũa das quaes se cõta que vindo hũ dia cometer aos Portugueses, trazião consigo hũa Cafra velha, que diziaõ ser grande feitiçeyra, & tanto que chegaraõ à vista dos nossos, ella se adiantou da sua gẽte, & põdose no meyo do cãpo entre os dous arrayaes, tirou de hum cabaço certos pôs q̃ ali

Mõgâs, Rey da Lupâta.

Feiticeira do Mõgâs.

trazia,&lançãdo algũas maõs cheas delles pera o ar contra os Portugueses, dezia que os auia de cegar a todos daquella maneira, & que facilmente seriaõ logo desbaratados, & presos. Com esta promessa da feytiçeira vinhaõ os Cafres taõ confiados, que todos trazião cordas, pera leuarem os Portugueses atados como carneiros: mas em breue tempo ficaraõ frustrados de seus pensamẽtos,porque o gouernador vendo a feitiçeira no campo, taõ soberba & cõfiada em suas artes diabolicas, mandou ao Condestable,que lhe fizesse tiro comhum falcão,que diante de si tinha carregado, o que o Condestable logo fez, & quis Deos que fosse taõ bem apontado,q̃ acertou a feitiçeira polos peitos,& diante dos seus a fez ẽ pedaços, polo qual o gouernador leuou de hũa cadea d'ouro q̃ trazia cõ hũ relicario, & a lançou ao pescoço do Cõdestable,muy alegre,louuãdo sua destreza, & vẽturoso tiro, taõ importante pera o principio da briga q̃ começaua. Da outra parte os Cafres ficaraõ muy espãtados do sucesso não esperado, & mui tristes com a morte da sua feitiçeira,em quẽ vinhão estribados, mas nada foy bastãte pera deixarẽ a briga,antes logo rõperaõ batalha,& pellejaraõ muy esforçadamẽte: porẽ depois q̃ experimentaraõ o braço dos Portugueses,& os pelouros,tanto â custa de suas vidas,se foraõ retirando & fugindo,ficando os nossos senhores do cãpo:& naõ tardou muito q̃ o Mõgâs mandasse cometer pazes ao gouernador,prometẽdolhe a passagẽ liure por suas terras, q̃ dantes lhe queria impedir,as quaes o gouernador aceitou, & durão atè agora, sem auer mais quebras,nem alteração algũa.

Tiro de Falcãobẽ acertado

¶ Abaixo destas serras da Lũpâta,perto do rio,da bãda do Leste, defronte das terras do Mongâs,estâ hũa fermosa lagoa,de tres legoas ẽ roda,muy fũda,& no meyo della hũ ilheo de terra fragosa mui alta,q̃ terà 500.braças em roda.No alto deste ilheo està hũ fermoso Tamarinheiro,do tamanho,& quasi da feição de hũ grãde pinheiro,o qual carrega os mais dos annos de Tamarinho. Seu fruto he semelhante a alfarrobas,tẽ hũ azedo excellẽtissimo pera tẽperar o comer em lugar de limão, ou de vinagre, he muy medicinal, & vzase delle

Lagoa Rufũba.

nas.

Propriedade do Tamarinheiro.

nas boticas pera purgas. Os tamarinheiros tẽ tal propriedade, q̃ em se põdo o sol, logo fechão as folhas, & asi estão toda a noite, atè q̃ torna a sair, & em naçendo, logo selhe abrẽ.

¶ A esta lagoa chamão os Cafres Rufũba, he de agoa doce, cria muito & bõ peixe, muitos cauallos marinhos, & muy grãdes lagartos. A borda della està hũ bosque, a q̃ os Cafres chamaõ Chipanga, de mui fresco, & espesso aruoredo syluestre. Os Cafres vezinhos deste bosque enterraõ seus defũtos nelle, & de todos he tido por cousa muy sagrada; & a causa principal he, porq̃ os lagartos da Rufũba se deitão ao sol, como he seu costume, nas bordas deste bosque, & os Cafres tẽ pera si q̃ saõ as almas dos seus defũtos, q̃ andaõ dentro nestes lagartos, & pouoão aquella lagoa, & por esse respeito muytas vezes lhe deitão de comer naquellas prayas do bosque.

Bosque chamado Chipanga.

¶ Perto desta lagoa està hũa fonte, a que os Cafres chamaõ Maembe, na qual naçẽ cinco olhos de agoa afastados hũs dos outros pouco mais de hũa braça: esta agoa he toda quẽte, conuem a saber, dous olhos de agoa morna, & dous de muyto quente, & o quinto de agoa taõ quẽte, como se estiuera feruendo cõ grande fogo, na qual ninguem pode meter a maõ, antes podẽ cozer nella ouos, & pellar leitões, como ja fizeraõ algũs Portugueses, que ali foraõ ter de proposito, a ver ãs marauilhas desta lagoa. Estas fontes corrẽ todo o anno, & suas agoas se recolhem na lagoa Rufumba.

Maẽbe, fonte de agoas quẽtes.

¶ Arriba do forte de Tetè està hum lugar chamado Empongo, no qual naçẽ tres olhos de agoa quente, à borda do rio Zambeze, & aparecẽ quando vay vazio, mas como enche, cobre as fontes, & não se vem. Hum destes olhos dizem que he de agoa quentissima, onde ninguem pode meter a maõ. Outras muitas cousas marauilhosas dizẽ que ha nestes rios, & nas terras que correm ao longo delles, de que não trato por naõ ter dellas certa & verdadeira informaçaõ, como tiue das que ficão apontadas.

Fõtes dẽ Empongo.

¶ CAPIT. SETIMO,

De algũas fontes & ribeiras de agoa salgada, & doutras fontes de admiraueis effeitos, que ha no sertão desta Ethiopia Oriental.

IVnto do forte de Tete obra de duas legoas pola terra dentro, està hũa ribeyra pequena, cuja agoa he tão salgada como a do mar, estando distante delle mais de 120. legoas. Nas terras do Mocaranga, que estão muito mais lõge do mar, dizẽ que ha muitas ribeiras, & lagoas d'agoa salgada, de q̃ os Cafres fazẽ sal cõ certos cozimẽtos q̃ lhe daõ & deste se prouê quasi todo este Mocarãga, & val muito, pola grande falta q̃ delle ha nestas terras, tão distantes, & afastadas do mar.

Fontes de agoa salgada.

¶ Não foy cousa q̃ muito me admirasse ver agoa natiua & salgada em terras tão remotas & alongadas do mar, porq̃ ja em Portugal tinha visto o mesmo jũto do Real & sumptuoso Conuẽto da Batalha, q̃ el Rey dõ Ioão de gloriosa memoria fundou, & deu aos religiosos do Patriarcha S. Domingos, onde elle jaz sepultado com a Raynha dona Felipa sua molher, & quatro filhos. Iũto pois deste Côuento, està hũ posto a que chamão Santas, quatro legoas distante do mar, onde nace hũ grande olho de agoa salgada, de que fazẽ muito sal em marinhas, que estão feitas no mesmo lugar, entre as quaes os religiosos do dito côuento tẽ algũas de importancia.

D. Ioão de gloriosa memoria.

Poço de agoa salgada.

¶ Algũs Mouros mercadores de Machiras (q̃ saõ hũs panos de algodão, de q̃ se vestem os Cafres) me cõtaraõ estando eu no forte de Tete, q̃ polo ser tão dẽtro destas terras da parte do Nordeste, perto do grande rio Mãganja, auia hũa fõte de agoa salgada, mais de 200. legoas distãte do mar: na qual se via hũa espãtosa marauilha, q̃ era conuerterse ẽ pedra dura todo o pao q̃ lhe deitauão dentro, mudãdo a natureza de pao em pedra ferrenha, muy pesada.

Fonte de agoa salgada, q̃ muda o pao em pedra.

¶ Alberto Magno faz menção de outra fonte de agoa doce, semelhante a esta nos effeitos, a qual elle diz q̃ vio em Alemanha, & experimẽtou suas marauilhas, onde se côuertia ẽ pedra qualquer pao q̃ lhe deitassẽ dẽtro. Isto mesmo refere o P. F. Hector Pinto sobre Daniel. Ioão Perez no liuro da sua Astronomia, cõta de outra fõte, cuja agoa tirada fora, & lãçada em terra, logo se coalha, & fica como pedra dura, sem mais se desfazer, nem tornar a sua primeira natureza.

Fõte de Alemanha.

Cap. 12.

Na

Fõte do Eruedàl.

¶ Na Prouincia de Alentejo, do Reino de Portugal, està hũa pouoação, q̃ se chama Eruedal, distante pouco mais de hũa legoa da villa de Auis, na qual nacem hũas fontes, a q̃ os naturaes da terra chamão Fontanheiras, & saõ quatro, ou cinco olhos d'agoa doce, mas não boa pera beber. Esta agoa nace somente no Verão, & corre em tãta quantidade, q̃ faz hũa ribeira muy grande, cõ que se regaõ algũas hortas, & moem muitas assenhas em todo o Verão, de Abril, atè Setembro, & tanto q̃ torna o tẽpo a esfriar, logo se secão as fontes. Cousa admirauel, porque no inuerno quando choue, & toda a terra se resolue em fontes, nesse mesmo tẽpo estas se secão, sem terẽ algũa agoa. Tẽ mais outra propriedade estas fontes, q̃ a sua agoa nos lugares onde està queda sem correr, se conuerte em pedra dura, ao modo de pedra pomes, & nũca mais se torna a desfazer: se deytão algũ pao dentro nesta agoa, ou seja na fonte, ou na ribeira, por onde corre, todo se cobre de pedra dura, gêrada & creada da mesma agoa, de modo q̃ fica o pao dẽtro como meolo da pedra, & selhe tiraõ o pao de dẽtro, fica hũ vão, como cano de pedra. O mesmo causa nas heruas, & syluas, q̃ estão ao lõgo da ribeira, ondequer q̃ chega esta agoa, cobrĩdoas todas de pedra. Da mesma maneira o faz nas assenhas, cobrindolhe as rodas de pedra, de modo q̃ pera moerẽ he necessario alimparẽlhe cada anno a pedra, que selhe cria desta agoa.

Agõa q̃ se cõuerte em pedra.

Minas de sal ẽ Dãbia, & ẽ Belgada.

¶ No Reino de Dãbia, situado nesta Ethiopia Oriental, ao lõgo do rio Nillo, & na Prouincia Belgada, de q̃ adiante falarei, ha muitas minas de sal em pedra, do qual os mercadores leuão aos Reynos de Mandĩga, & Ialofa, situados no sertão desta Ethiopia, onde ha tãta falta de sal, & tanto ouro, q̃ val o sal quasi tãto como elle.

Serras de sal ẽ Ormuz.

¶ Na ilha de Ormuz, situada no Estreyto da Persia, estão muytas serras de sal em pedra, nacido ali naturalmẽte, o qual alẽ de seruir pera tẽperar o comer, he muito medicinal, & cõ ser estimado por sua bondade, não val muito, pola grande copia que delle ha nesta terra.

¶ CAP. VIII. *Dos fortes de Sena & Tete, & da serra Chiri, & dos frutos, & creações, q̃ ha nos rios de Cuama, & moeda q̃ nelles corre.*

Pouoação de christãos de Sena.

SEna he hũa pouoação situada jũto ao rio Zãbeze, da parte do Sul, nas terras da cidade Inhamioy, sojeita ao Manamotapa. Nesta pouoação està hum forte de pedra & cal, guarnecido de algũas peças de artelharia grossa, & miuda, muy bastantes pera sua defensaõ; na qual mora o capitão posto da mão do capitão de Moçambique. Dentro neste forte està a Igreja, & a Feytoria, onde se metem todas as roupas, contas, & veniagas, q̃ vaõ de Moçambique, & daqui se vẽdem aos mercadores, que depois as leuão a vender aos Cafres. No tempo q̃ eu estiue neste forte, aueria nelle mais de 800. Christãos, dos quaes serião cincoenta Portugueses, & os outros Indios, & Cafres da terra.

serra Chiri.

¶ Defronte de Sena, da outra parte do rio obra de sete, ou oito legoas pola terra dentro, està hũa grandissima, & altissima serra, chamada Chiri, a qual se deyxa ver de mais de vinte legoas. Esta serra he fertilissima, & toda pouoada de Cafres, assi no alto, como polos valles. Daqui vaõ pera Sena os mais dos mantimentos, que se nella gastão, como saõ arroz, milho, batatas, figos, & galinhas. Tem muitas fontes, de excellentes agoas, nãosomẽte nos valles, mas tambem nos altos. Polo pê della corre hũa fermosa & grande ribeira, que dizem ser braço do celebre rio Suabo desta costa da Ethiopia; a qual ribeira vem entrar no rio Zambeze dez legoas abayxo de Sena, & por ella nauegaõ os Cafres, & os moradores de Sena, & tem seu cõmercio de hũa parte pera a outra.

Tete.

¶ Deste forte de Sena atè o de Tete saõ sessenta legoas polo rio acima. Os moradores de Tete vem a esta feitoria de Sena empregar o seu ouro nas mercadorias que nella estão. He Tete hũa pouoaçaõ situada ao longo do rio, da mesma parte de Sena, no Reino de Inhabâzoe, que o Manamotapa conquistou, & repartio entre algũs vassallos seus, dando ao forte de Tete hũa boa parte delle, que saõ as terras que reconhecem aos Portugueses, & ao capitão do forte, como a seu Rey, do qual tratarey abayxo mais largamente. Este forte he de pedra & cal, em que estão sete ou oito peças de artelharia; nelle mora o capitão da

terra,

terra, que tambem he posto polo capitaõ de Moçãbique. Nesta pouoaçaõ aueria no tẽpo que eu nella estiue mais de seiscẽtos Christaõs, dos quaes seriaõ 40. Portugueses, & os outros Indios, & Cafres. Deste forte atè o mar Oceano Ethiopico, onde este rio vay entrar, saõ cento & vinte legoas, & atè aqui nauegaõ os Portugueses com as mercadorias, q̃ vem de Moçambique, & deste forte vão caminhando por terra cõ ellas atè o Mocaranga, leuandoas Cafres âs costas, q̃ andão a este ganho por aluguer, como bestas de carga.

Varios frutos destas terras.

¶ Nestas pouoaçoẽs de Sena, & Tete ha muytos figos de Portugal, & da India, como os que tenho dito que ha em Sofala: os quaes ha todo o anno. Ha muytas Romeiras, Parreiras, Limoeiros, Palmeiras, muitas frutas do mato, algũas dellas boas, como saõ hũas, a q̃ chamaõ Bõbâras, que saõ quasi como azeitonas, & comense da mesma maneira salgadas, & saõ muito apetitosas: ha muytas hortas de boa hortaliça. Hum rabão vi em Tete da casta, & semente dos de Portugal q̃ tinha tres palmos & meyo de grosso em roda junto ao pè, cheo por dentro, tenro, & saboroso de comprimento de quasi hum couado: donde se pode collegir a grande fertilidade destas terras: ha muitos inhames, batatas, ananazes, & melões muito finos, abobaras, pepinos, arroz, milho, & outros muitos legumes. Ha muytas creaçoẽs de vaccas, cabras, & ouelhas, de que fazem taõ bõs queijos, como os de Alentejo; porcos, & grande numero de galinhas. E todas estas cousas valem baratas: mas as que vẽ da India pera estes rios valem muito caras, particularmente vinhos, farinhas de trigo, calçado, & vestido, & todas as mais cousas necessarias, q̃ vem de carreto. Hum barril de vinho de Portugal de seis almudes, se he bom, val nestes rios ordinariamẽte cem Maticaes, que saõ cento & vinte cruzados. Hum barril de farinha do mesmo tamanho, val cincoenta & sessenta Maticaes, & assi as demais cousas, que vem da India. No anno que eu estiue nestes rios socedeo, que se perderão na viagẽ dous pagayos do capitão de Moçambique, q̃ então era Lourenço de Brito, os quaes vinhão pera estes fortes carregados de todo o pro-

Carestia do q̃ vẽ de fora.

uimento, & roupas, como he costume virem cada seis meses, com cuja falta sobirão a grande preço todas as cousas de comer, & beber, & chegou a valer hũa canada de vinho de portugal quatorze Maticaes, que saõ seis mil, & seis centos reis, hũa caxa de marmellada de cinco arratẽs pouco mais, ou menos, dez Maticaes, hũa mão de papel quatro Maticaes, & a mesma carestia tiuerão as farinhas, roupas, & mais cousas, que auia na terra.

Moedas q̃ corrẽ nestes reinos.

¶ A menor moeda que ha nestas terras he hũ peso de ouro, a que chamão Tanga, que val tres vintens, & a maior he Matical, que val 480. reis. Tãbem ha outro genero de moeda, com que se compraõ as cousas miudas, que saõ hũas barrinhas de cobre de comprimento de meyo palmo, & de largura de quasi dous dedos, a que chamão Maçõtas, & cada hũa dellas val tãbem tres vintens. Tambem he moeda corrente estanho, a q̃ chamão Calaim feito em pães, cada paõ de meyo arratel, & chamão a estes pães Pondos, & cada hũ Pondo destes val duas Tangas, que saõ seis vintens. Correm tambem por moeda ordinaria nestas terras contas miudas de barro vidrado de cores enfiadas em hũs fios de cõprimenro de hum palmo, aos quaes fios de contas chamão Mites, & a dez Mites juntos, chamaõ Lipôte, & a vinte Lipôtes juntos chamão Motaua, que val ordinariamente hum cruzado. Alem destas moedas tambem com as roupas de toda a sorte se compraõ & vendem todas as cousas, & se pagão as diuidas em lugar de ouro. Com esta sorte de moeda pagão tãbem aos Padres seus ordenados, & as Missas q̃ lhe mandão dizer: o q̃ fazẽ poucas vezes, porque ordinariamente pagão a esmola das Missas em ouro; & o que cõmummente se da por cadahũa, he hum Matical, & algũas pessoas dão auẽtajadas esmolas, conforme a deuação de cadahum. E não pareça que he grande esta esmola nestas terras, onde todas as cousas que a ellas vem de carreto valem pesadas a ouro, & tanto importa aqui hũ Matical, como neste Reino podẽ importar dous vintẽs, ou meyo tostaõ: polo que se os sacerdotes tiueraõ menos esmola de suas Missas, não se poderaõ sostentar.

¶CAPITVLO NONO.

¶ Das feiras que ha no Mocaranga, & do capitão de Maßapa, & da Curua que se paga ao Manamotapa.

Epois que as mercadorias partẽ de Tete por terra, como fica dito, vão atrauessando muita parte do Reyno do Manamotapa, atè chegarem a tres pouoações, q̃ estão neste Mocaranga, distantes hũas das outras, a que chamão Feiras, como he Massapa, Luanze, Manzouo, nas quaes os moradores de Sena, & Tete tem suas casas, a que chamão Churros, onde recolhem suas fazendas, & daqui as vendem, & mandaõ vender por todas as terras. A principal Feyra destas he Massapa, onde mora sempre hũ capitaõ Portugues, apresentado polos Portugueses destes rios, & confirmado polo Manamotapa, ao qual capitão chama o Rey sua molher grande, nome cõ que elle hõra aos Portugueses que estima, & tem em muita conta, como saõ os capitaẽs de Sena, Tete, & Moçambique. Este capitão de Massapa tem jurdição, & autoridade de justiça mayor sobre todos os Cafres que vem ter à Massapa, & sobre os que moraõ nas suas terras, & confins, & pode sò per si julgar verbalmente todas as causas, & condenar os delinquentes, atè os mandar enforcar, sem auer appellação nem agrauo de sua sentença. A qual autoridade lhe tẽ dado o Manamotapa. Este capitão tem tambẽ prouisaõ dos Vicereis da India, pera ser juyz, & cabeça sobre todos os Portugueses, que nestes Reinos andaõ, & como tal julga todas as causas dos Portugueses, que nestas partes se mouem, & dâ suas sentẽças. He tambem Prouêdor dos defuntos. Semelhante jurdição, & autoridade tem todos os capitães destas partes, como saõ o de Sofala, Sena, & Tete, concedida polos Vicereis. Todos elles podẽ sentençear somẽte aos Christãos da terra, & executar as taes sentenças, sem auer appellação nem agrauo dellas, como fazem algũas vezes a Cafres ladrões, & malfeitores, que mandão enforcar.

feiras do Mocarãga.

Capitão de Massapa, & sua jurdição.

Iurdição dos capitães destas partes.

¶ O Capitão de Massapa serue neste lugar de tratar todos os negocios dos Portugueses com o Manamotapa: està tambem aqui como feytor do

mesmo

Direitos q̃ pagão os mercadores ao Manamotapa.

mesmo Rey, pera lhe arrecadar todos os direitos, q̃ os mercadores lhe pagaõ, asi Christãos, como Mouros, que saõ de cada vinte pannos hum, dos q̃ leuaõ a estas terras pera vender: polos quaes direitos lhe ficão todas as mais roupas liures, & as terras franqueadas, pera seguramẽte andarem por ellas, & venderem suas mercadorias, sem auer quem lhe faça impedimento algum. Deste lugar de Massapa pera dentro, atè onde està o Rey, ninguem póde entrar, nem passar, sem licença do mesmo Rey, ou deste capitaõ, & por isso chamão a este lugar as Portas de Massapa; & ao capitão, capitão das Portas: o qual officio he perpetuo em vida de cadahũ dos que nelle entraõ, nem podem renunciar o cargo, nẽ sayr deste lugar sem licença do Manamotapa. As insignias deste capitão, & de sua jurdição, he hũa azagaya de pao preto, de comprimento de hũa vara, pouco mais, ou menos, cõ hũa ponta comprida de ouro, ao modo de ferro de lança, a qual traz muitas vezes na mão, como vara de justiça mayor. Alem disto traz hũa manilha de ouro.

¶ O capitão de Moçambique he obrigado quãdo entra na sua fortaleza de nouo a dar ao Manamotapa tres mil cruzados de roupas & contas, polos tres annos que ha de ser capitão, por franquear suas terras no dito tempo a todos os mercadores, asi Christãos, como Mouros, porque todos elles tratão com as roupas do mesmo capitaõ, & o mais do ouro que destes rios sae, vem ter à mão do capitão de Moçãbique, & se não tiuer as terras abertas, & franqueadas, pera os mercadores leuarem dẽtro suas roupas, & cõtas, naõ auera ouro, nem quem o traga em tanta quantidade. E franqueadas as terras desta maneyra, andão todos os mercadores por ellas cõ os sacos de ouro, muito mais seguros, do que podiaõ andar em Portugal, porq̃ atè oje se não sabe q̃ Cafres ladrões salteassem Portugues algum em caminho, nem o roubassem, saluo por mandado do mesmo Manamotapa, cousa q̃ elle algũas vezes faz, por se vĩgar d'algũs agrauos que tem, ou finge ter dos Portugueses, particularmente quando o capitão de Moçãbique, que entra de nouo, lhe não paga, ou lhe dilata pera o segũdo anno

Roupa q̃ se paga ao Manamotapa.

as

as roupas, quelhe costuma dar no primeiro; porque então mãda dar Empata por todas suas terras nas fazendas dos mercadores, & tomar todas as mercadorias quelhe achaõ (q̃ a isto chamão Empata) & desta maneira se paga do q̃ lhe deue muy largamente, & satisfaz do agrauo que tem recebido. Alẽ disso pera tornar a franquear as terras, & fazellas de paz, pagalhe o capitaõ tudo inteiramẽte. E nestas Empatas, q̃ mãda fazer, toma muitos milcruzados aos mercadores, sẽ auer mais restituição delles, nem da parte do Rey, nem de quẽ foy causa dellas.

Empatas dos Cafres.

¶ A esta paga, que os capitaẽs fazem, chamão os Cafres Curua, & esta mãda o Manamotapa buscar ao forte de Sena polos seus Cafres embaixadores, a que chamaõ Mutûmes. Estes vem buscar a Curua com a mesma ordem, & do mesmo modo, q̃ os Mutûmes do Quiteue Rey do rio de Sofala, como atràs fica dito. Mas he muy differẽte a entrega da Curua de Sofala, desta de Sena, porque em Sofala o capitão da fortaleza a entrega aos Mutûmes que a vem buscar, & elles a leuão ao Quiteue seu Rey: mas aqui em Sena entregase a hum Portugues, que pera isso elege o capitão, ao qual depois de eleyto chamão Vicerey, porque vay por embaxador ao Manamotapa em nome do capitão de Moçãbique, a quem os Cafres chamão Vicerey. Este Portugues recebe à dita Curua na Feitoria de Sena, diãte dos Mutûmes do Manamotapa, pera que elles vejaõ todas as roupas q̃ lhe mandaõ, & depois de entregue dellas, as leua a seu cargo atè a corte do Manamotapa, em cõpanhia dos Mutûmes, & là entrega esta Curua ao Manamotapa em nome do capitaõ de Moçambique.

Liu. 1. cap. 18.

¶ CAPIT. DECIMO, *Dos Reynos do Manamotapa, & das terras do Mocaranga, & sua diuisaõ.*

ESte Reyno do Manamotapa està situado nas terras a que chamaõ Mocaranga, como fica dito: as quaes antiguamente foraõ todas do Imperio do Manamotapa, & agora saõ diuididas em quatro Reinos, a saber, o Reyno que oje tem o Manamotapa, & o Reino

Diuisaõ dos reynos do Mocarãga.

Reyno do Quiteue, o Reyno do Sedanda, & o Reyno do Chicanga. A causa desta diuisaõ foy hum Emperador Manamotapa, o qual não querendo, ou não podendo gouernar terras tão distantes, fez gouernadores dellas tres filhos seus mandando a hũ chamado Quiteue, pera gouernar o Reyno que corre ao longo do rio de Sofala: & a outro chamado Sedãda, pera gouernar as terras q̃ corta o rio da Sabia, o qual vẽ sayr ao mar Oceano Ethiopico, defronte das ilhas Boçicas: ao terceiro, chamado Chicanga, mandou gouernar as terras da Manîca, onde ha mui grossas minas de ouro. Estes tres filhos gouernadores, tanto q̃ o pay morreo, & entrou no Imperio outro filho que estaua na Corte, leuantaraõse com as terras em que estauão, & nunca mais quiseraõ obedecer a este Manamotapa, nem a seus sucessores, allegando cadahum por si pertẽcerlhe o dito Imperio. Esta he a causa, porque quasi todos os annos tem guerra hũs contra os outros. De maneyra, que deste grande Imperio do Manamotapa se diuidiraõ tres Reynos muyto grandes, de muitos vassallos, ficando com tudo o mesmo Reyno q̃ oje possue o Manamotapa muito mayor, que todos estes tres juntos. A todos estes Cafres chamão Mocarangas, porque todos fallão a lingoa Mocaranga; & por essa rezão chamão tãbẽ a todas estas terras o Mocarãga, tirando as fraldas do mar destes Reinos, porque em algũas dellas fallão outras lingoas differentes, particularmente a lingoa Botõga, polo que chamão âs mesmas terras Botonga, & aos habitadores dellas Botongas.

Cafres Mocarãgas.

Cafres Botõgas.

Descripçaõ do reino do Manamotapa.

¶ Este grãde Reyno do Manamotapa tem de comprimento mais de duzentas legoas, & de largo quasi outro tanto. Da banda do Noroeste confina cõ outro Rey muyto grande, cõ que tem muitas vezes guerra, ao qual chamão Abûtua, cujo Reyno tem o mesmo nome, & dizem que chega polo meyo da terra firme, atè os confins do Reyno de Angôla, com cujos Cafres tem cõmercio, & estes com os Portugueses, que vaõ de Portugal pera Angôla: no que eu não ponho duuida, porque os Cafres mercadores do Abûtua trouxeraõ ja a vender ao Reyno da Manîca hum

cober.

cubertor de papa, q̃ veyo pola via d'Angôla, o qual mercou hum Portugues, que estaua na Manîca, & eu o vi em Sofala.

Reyno do Abûtua.

Neste Reyno do Abûtua tambẽ ha muito & fino ouro, mas os naturaes da terra não se dão tãto a buscallo, & cauallo, por estarem longe dos Portugueses que lho podião cõprar, mas saõ muy dados a crear gado vaccûm, de q̃ ha nestas terras grande abũdancia. Da parte de Leste cõfina o Manamotapa com o rio Zambeze, ao qual os Cafres vassallos do Manamotapa chamão Empando, que quer dizer, Leuantado contra o seu Rey, porque dizẽ que se o rio não correra por aquella parte, fora o Manamotapa senhor das outras terras, que estão da outra banda do rio, onde elle não pode passar com seu exercito, por falta de embarcações. Pera a parte do Sueste vem corrẽdo este Reyno atè o mar Oceano Ethiopico, onde entra cõ hũa pòca de terra, de largura somẽte de dez ou doze legoas, que he do rio de Luâbo, atè o rio de Tendancûlo, porque as mais terras, q̃ correm pera o Sul, atè o rio de Inhãbâne, estão diuididas entre os tres Reis leuantados, como fica dito. De Tendancûlo atè Sofala, he Reyno do Quiteue, de que faley no primeiro liuro. De Sofala pera o Sul fica o Reyno da Sabia, de que he Rey o Sedanda; o qual tambẽ he Rey de muyta parte das terras, a que chamão Botõga, que vão corrẽdo pera o rio de Inhambâne. Na cabeça destes dous Reynos, do Quiteue, & do Sedanda, pola terra dentro fica o Reyno da Manîca, de que he Rey o Chicanga, o qual està pera a parte do Noroeste, algũas cem legoas distante do mar: & este comprimento tem estes dous Reynos do Quiteue, & Sedanda, q̃ ambos vaõ daqui entestar no mar Oceano Ethiopico. Da outra parte da terra da Manîca pera o Norte, fica o Reyno do Abûtua, & o Manamotapa lhe fica da parte do Nordeste, & da parte do Sul outro Rey, a q̃ chamão Biri. Todos estes tres Reys leuantados saõ grandes senhores, porem o Quiteue he mayor, & mais rico, polo muyto cõmercio que tem com os Portugueses, donde lhe vão muitas roupas, & contas, que he a riqueza dos Cafres: alem disso, saõ estes Cafres muyto mais esforçados, que todos os outros

Reyno do Sedãda.

Reyno da Manîca.

outros Mocarangas,&porisso nũca o Manamotapa os pode vencer,vindo muitas vezes sobre o Quiteue, com grande poder de gẽte. São muy grandes frecheiros,& destros no jugar de azagaya de arremesso. São muy soberbos, & grandes homẽs de bulras,& trapaças.

¶ CAPITVLO ONZE,

Da serra chamada Fura, & de hũas ruinas antiguas, que dizem foraõ Feitoria da Rainha Sabbà, ou de Salamão.

PErto da pouoação de Massapa està hũa muito alta, & grande serra, que se chama Fura, donde se descobre muita parte do Reyno do Manamotapa,&por esse respeito não consente o Rey que os Portugueses subaõ a esta serra,por lhe não cubiçarem a grandeza,& fermosura de suas terras, onde estão escondidas tantas,& tão grossas minas de ouro. No alto desta serra estão inda em pè hũs pedaços de paredes velhas,& hũas ruinas antiguas de pedra, & cal, que bem demostrão estarem ali jà casas, & aposentos fortes,cousa que não ha em toda a Cafraria,porque atè as casas dos Reys saõ de madeyra, barradas com barro, & cubertas de palha. Dizem os naturaes destas terras,&particularmente algũs Mouros antigos, que tem por tradiçaõ de seus antepassados,que aquellas casas foraõ antiguamente Feitoria da Raynha Sabbà, & que daqui lhe leuauão muito ouro polos rios de Cuama abaixo, atè o mar Oceano Ethiopico, polo qual nauegauaõ em nauios, indo sempre correndo a costa da Ethiopia,atè o mar Roxo, & entrando por elle açima, naue gauaõ atè chegarem âs prayas que confinão com as terras do Egypto, onde se desembarcaua todo este ouro, & dali o leuauão por terra atè a Corte da Raynha Sabbà, a qual dizião fora Rainha,&senhora de muita parte da Ethiopia do Egypto,& que por este mar Roxo mandaua suas armadas,buscar o ouro destes rios. No que eu tenho pouca duuida,porq̃ esta opinião he de grauissimos Autores nossos,q̃ dizẽ q̃ a Rainha Sabbà foy senhora da Ethiopia do Egypto,como saõ o glorioso S. Hieronymo sobre o Propheta Sophonias, & Origenes sobre os Cantares,& Iosepho

Feitoria da Raynha Sabbà,

Hier.c.3 Soph. Orig.homil.2. in Cant.

Lib.8.Antiq. c.6. sepho no liuro das antiguidades Iudaycas. E alem disso ainda oje ha hũa nobilissima cidade na Ethiopia, que antiguamẽte se chamaua Sabbà, situada ẽ hũa ilha que faz o rio Nilo, muy nomeada, & contada entre as cousas notaueis daquella região, assi por sua fertilidade, como por ser muy pouoada, & frequẽtada de varias nações de gente. A esta cidade Sabbà mudou o nome depois hum Rey deste Reyno, chamado Cambysses, & chamoulhe Méroe, em memoria de hũa irmã sua, a quem amaua muyto. Fazem menção destas cousas Plinio, Strabo, Iosepho, & S. Hieronymo, & outros muytos autores. Donde se collige ter muyto fundamẽto o que se diz acerca desta Raynha de Ethyopia poder ter sua Feitoria nesta serra da Fura, dõde lhe leuassẽ o ouro.

Pli. lib. 2. c. 73. Str. lib. 27. Iof. lib. 2 Antiq. Hier. de locis Hebr. lit. S.

¶ Outros dizem, que estas ruinas foraõ Feytoria de Salamão, onde tinha seus feitores, que lhe leuauão muyto ouro destas terras, polos mesmos rios abayxo, atè sayrẽ ao mar Oceano Ethiopico, & polo mesmo mar nauegauaõ, atè entrar polo Estreito do mar Roxo, & q̃ desembarcãdo nas prayas de Arabia, jũto a Suez, o leuauão por terra atè Hierusalẽ, que saõ oitenta legoas de caminho, pouco mais ou menos. Dizem mais, q̃ o ouro de Ophir, que leuauão a Salamão era desta terra, a q̃ chamão Fura, ou Afura, & que pouca differença vay de Afura, a Ophir, o qual nome andarâ jà corrupto pola mudança dos tẽpos, & idades, q̃ de então atè agora correraõ. Eu não sey cõ que fundamẽto estes dizẽ hũa cousa, & outra, somente sey dizer, q̃ ao redor desta serra ha muito & fino ouro, & q̃ daqui podia ir por estes rios abayxo neste tempo, como agora vay por via dos Portugueses, & antiguamente hia por via dos Mouros de Moçambique, & de Quiloa, antes q̃ os Portugueses conquistassem estas terras. E assi como agora todo este ouro, q̃ sae destes rios vay pera a India, assi podia ir atè o Cabo do Estreito do mar Roxo, & dahi atè Suez, & atè Hierusalẽ como fica dito. A qual nauegação se deuia fazer em muito tẽpo, porq̃ então não estaria esta viagẽ tão sabida como agora, nẽ tambem aueria tão boas embarcações, & pilotos, como oje saõ os q̃ sabẽ esta carreira,

Ouro de Ophir.

& tambem polo muito tempo que se deuia gastar em quanto se ajuntaua, & resgataua o ouro da mão dos Cafres, porque inda oje, que as minas estão mais sabidas, & a cobiça dos Cafres mais acesa no desejo de possuir as contas, & roupas, que os Portugueses de cõtino leuaõ a suas terras, toda via gastão os mercadores neste trato hum anno, & mais, sem acabarem de vender suas mercadorias, por causa de serem os Cafres muito perguiçosos em cauar a terra pera buscarem o ouro, porque o não fazem senão constrangidos da necessidade. Alem disso gastase muito tempo na viagem quese faz assi polos rios, como polo mar Ethiopico, o qual se nauega cõ muitos contrastes, por causa dos tempos differẽtes, que nelles se esperaõ, porque em toda esta costa da Ethiopia se nauega somente com dous ventos, que duraõ seis meses da banda do Leuante, & outros seis do Ponente, a que chamão Monções. Polo qual respeito inuernão as embarcações muytas vezes nesta costa.

¶CAPITVLO XII.

De varias opiniões acerca da região de Ophir, donde se leuaua o ouro a Salamão.

IA temos visto no capitulo atras, quantos impedimentos, & detenças tem a nauegação, q̃ os Portugueses oje fazẽ da India pera estas minas de ouro do Manamotapa. Dõde se pode colligir, que no tempo de Salamão deuia esta viagem ser ainda mais vagarosa, & perigosa, do que agora he, assi polas rezões allegadas no capitulo passado, como tambem porque a sua frota não podia nauegar polo mar Roxo de noite, senão de dia, por causa das muytas ilhas, & bayxos, que nelle ha, & desta maneyra deuia gastar muito tempo, & alem disso, quando nauegasse pola costa de Ethiopia, deuia fazer muita detença em tomar os portos, concertando, & reparando nelles suas embarcações, & prouendoas de mantimentos, & agoa, Marinheiros, & Pilotos, q̃ as fossem guiando atè os rios de Cuama: polo q̃ não he de espantar, que se gastassẽ nella os tres annos q̃ diz a

sagrada

ſagrada eſcritura. O que ſe deue entender:em ir,& vir,& em ajuntar o ouro da Fura, & as mais couſas deſta região, que ſe leuauão a Hiruſalem.

¶ Prouaſſe mais, poder vir a frota de Salamão a eſta coſta da Ethiopia buſcar ouro da Fura, pois tãbẽ leuaua pedras precioſas,madeira pera o Templo, bugios, & pauoẽs, como conſta de algũs lugares da Eſcritura; as quaes couſas todas ſe achão neſta coſtá, como ſão perolas finas,& aljofar,que ſe peſcão no parçel de Sofala, entre as ilhas Boçicas,de q̃ jâ fallei; & a rica,& precioſa madeira dos matos de Tebe, q̃ eſtão entre Sofala,& os rios de Cuama, em q̃ eu jâ eſtiue, onde ſe fazẽ embarcações dehũ ſò pao cauado por dentro, que tẽ.20. braças de cõprido,pouco mais ou menos: & tambẽ em muitas partes deſta coſta ſe cria & colhe muito,& fino pao preto, q̃ ſe leua pera a India, & vẽ pera eſte Reynò. E quanto aos pauões,poſto que os eu não viſſe neſtas terras maritimas,cõ tudo não deuẽ faltar polla terra dentro,porq̃ algũs Cafres della tenho viſto com penachos na cabeça de pennas de pauão muy conhecîdas.Pois bugios, ſão infinitos em toda eſta coſta da Ethiopia de caſtas muy differentes. ja no ouro não fallo,porque ha grande copia delle em todo eſte territorio da Fura. Nem menos na fina prata da Chicòua, onde ſe ſabe q̃ ha ricas minas, como adiante direy. Aſsi que todas eſtas confrontações pareçe que prouão ſer eſta ſerra da Fura a verdadeyra região de Ophir. O que tambem ſe pode confirmar cõ o texto da Sagrada eſcritura, onde diz que Salamão enuiaua ſuas naos embuſca de ouro a Tharſis:a qual região entendẽ os Gregos por Africa, onde eſtaõ as minas da Fura, de q̃ vou fallando. Eſta opinião ſegue Rafael Volaterrano, dizendo que muitos tiuerão pera ſi que Ophir era hũa parte da Ethiopia,ſituada no mar de Sofalla. Iſto meſmo affirma Ludouico Veneto, no tratado que fez de ſua nauegação.

3 Reg.c. 10. 2.Paral. cap.9.

Vbi ſupr.

¶ Outros autores tem differẽtes opiniões, entre os quaes S. Hieronimo diz, que Heber Patriarcha dos Hebreos teue dous filhos,hum chamado Phaleh,& o outro Iactan,os quaes lhe nacerão no tempo que foy a diuiſaõ de todas as lingoas em Babylonia, & que Iactan teue

Tom.3. in qq. Hebr. in Geneſ.

teue treze filhos, & dous delles .s. Euila, & Ophir foraõ habitar as terras da India, que estaõ do rio Ganges, atè Malaca, & por respeito destes dous homẽs chamaraõ às terras do Ganges a regiaõ de Euila, & do Gãges atè Malaca a regiaõ de Ophir. Deste antiguo fundamento pareçe que veyo a dizer Iosepho, que a regiaõ de Ophir, donde leuauaõ o ouro a Salamaõ, era a ilha de Samàtra situada na India, na costa de Malaca. Esta opiniaõ segue tambem Rabano autor graue, dizendo que Ophir he hũa ilha deserta do mar da India, onde ha muitas feras, & muito ouro, a qual tomou nome de Ophir filho de Iactan. O mesmo diz Niculao de Lyra. De modo, q̃ desta opiniaõ se collige, q̃ Ophir està na India, & que deue ser a ilha de Samàtra, a qual Iosepho diz que se chama Terra aurea.

Euilà, & Ophir pouoarão a India.

Lib.8. Ant.Iu. cap.6.

2.dduct°. in Glos. Ord. 3. Reg.9. in fine.

Lyra ib.

Vatab.ib.

Vatablo Parisiense vay por outra via muy differẽte, & diz que Ophir he hũa ilha situada no mar do Sul, descuberta por Christouaõ Columbo, a q̃ chamou Spagniola, mui abũdante de fino ouro, & muy distãte de Asiõ-Gaber, porto do mar Roxo, donde as armadas de Salamaõ partiaõ abuscar o ouro: & por quanto esta ilha estaua taõ lõge, tardauaõ as naos tres annos ẽ ir, & vir. Esta opiniaõ he menos prouauel, pois sabemos q̃ esta nauegaçaõ d'Arabia ꝑa o mar do Sul, naõ se podia fazersenaõ pollo mar Oceano Ethiopico, atè o Cabo de Boa esperança, & dahi atrauessando aquelle grãde golfaõ, atè o Estreito de Magalhães, poronde auia de entrar, & sayr. A qual nauegaçaõ naõ estaua inda descuberta, porq̃ muyto tẽpo depois descobrio Fernãdo de Magalhães este Estreito, q̃ foy no anno do Sñor de 1520. no mez de Setẽbro. Pollo q̃ tem pouco fundamẽto a opiniaõ deste autor. De modo q̃ todos os q̃ tratão desta materia, differẽ no sitio, & região de Ophir. E finalmẽte não determinando eu esta questão, digo q̃ a serra da Fura, ou Afurà podia ser a região de Ophir, dõde se leuaua o ouro a Hierusalẽ; pollo q̃ se pode dar algũ credito a quẽ diz serẽ estas casas Feitoria de Salamão, pois esta uã o na Fura, & o ouro, q̃ leuauão, era de Ophir; nẽ eu sinto outras minas mais perto, donde pudesse ir ouro a Hierusalẽ: & neste tẽpo podia Salamão ter o cõmercio, & tra-

Descobrimento do estreito de Magalhães.

to

to que oje tem os Portugueses nestes rios.

¶ CAPITVLO XIII.

¶ Das minas que ha nos Reynos do Manamotapa, & de como se tira o ouro dellas.

EM todas as terras do Manamotapa, ou na mayor parte dellas, ha muytas minas de ouro, & particularmente no Chiròro, onde ha muyto, & o mais fino que se acha neste Reyno. Os Cafres colhem este ouro de duas maneiras, como ja dissemos que o colhião os do Quiteue. A primeira, & mais ordinaria, he cauando a terra ao longo das ribeyras, & das lagoas, & lauandoa em gamellas, atê que toda se desfaça em polme, ficando no fundo o ouro, & as pedras, as quaes lançadas fora tambẽ com a terra, fica o ouro limpo na gamella, donde o tiraõ, & recolhem; polo que nunca cauão o ouro senão ao longo da agoa, pera com ella poderem logo lauar a terra, & apartallo della. O segundo modo de que os Cafres vzão pera colher o ouro, he no tẽpo das chuuas, polas rigueiras poronde corre agoa, nas quaes achão muitas lascas, & pedaços d'ouro, que ficão sobre a terra descubertos com a corrente.

Modos de q̃ os Cafres vsaõ pa colher o ouro.

¶ Todo o Cafre, q̃ descobre mina grossa, & tira ouro della, tẽ pena de morte, & os bẽs que tiuer, perdidos pera el Rey, & se a caso indo cauando descobre algũa mina destas, he obrigado a gritar cõ grandes vozes, para q̃ acuda outro qual quer Cafre, a quẽ tome por testemunha de como cauando a caso naquelle lugar achou rasto de mina grossa, & de como a torna a deixar, sem leuar della cousa algũa, & logo juntamẽte saõ ambos obrigados cobrilla outra vez com terra, & cortar hũ ramo grãde de qual quer aruore, & polo ençima; o qual ramo tanto q̃ he visto dos Cafres q̃ por ali passaõ, fogem daquelle lugar, como quẽ foge da morte, porq̃ bẽ sabem ja que ali està mina grossa, onde se os virẽ estar, ou chegar, seraõ condenados â morte, inda q̃ se lhe não proue q̃ leuaraõ dali ouro. E a causa de todo este rigor he não querer o Manamotapa q̃ saybão os Portugueses, q̃ em suas terras ha tão grossas minas d'ouro, por lhe não fazerẽ guerra, com a cobiça delle, & tomarem o Reyno.

Minas defesas.

¶ Andando eu nestas terras me affirmarão algũs homẽs, que tinhão experiẽcia dellas, que era cousa muy aueriguada fazer o sol nellas tanta impressão, com as influençias de seus rayos, que alem de as apurar, & cõuerter em ouro, fazia brotar o mesmo ouro fora da terra com tanta força, como se fora planta que quer nacer, & particularmente naquelles lugares onde se cria na superficie da terra. O que se mostraua claramente onde auia minas grossas, porque ali se via a terra gretada em muitas partes, & nas aberturas que fazia se achauão lascas de ouro. Assi mais se achauão pedaços de ouro sobre a terra descubertos em paragẽs muy seguidas, & trilhadas, onde se via que brotaua fora nos taes lugares, & em se descubrindo era logo achado. E pera proua disto me trouxerão hũa historia de hum vaqueyro, que indo hum dia pera entrar no curral, onde cada noite recolhia suas vaccas, dera hũa topada cõ o pè em hũa pedra, cousa que muito estranhou, por não auer pedras naquelle lugar, & leuantantandoa pera a lançar fora do curral, & achandoa muito pezada, a esfregou, & alimpou da immũdicia das vacas, pera ver o q̃ era, & achou ser ouro moçiço, & teria mais de mil cruzados de pezo. Este ouro se acha de muitas feições, a saber, em pô miudo como area: em graõs como contas miudas, & grossas: em lascas, hũas tão moçiças, que pareçem fundidas, outras feitas em raminhos, com muitos esgalhos, outras enuoltas, & misturadas com a terra, & sacudindolha, ou lauandolha, ficão vãs por dẽtro, como fauo de mel, ou como borra de ferro, que sae da fornalha do ferreiro, cujos vaõs, & buracos estão cheos de terra vermelha, que ainda não està conuertida em ouro, mas bem mostra na sua cor que tambem se ha de conuerter nelle. Tambem se tira ouro de pedras, a que chamão ouro de Matûca, como ja dissemos que se tiraua no Reyno da Manîca. De todas estas sortes de ouro, o de lascas feitas em raminhos, ou esgalhos, esse he o mais fino, & de mais quilates, & o que chamão de Matûca, he o mais bayxo de todos, & de menos quilates.

Liu. 1. c. 17.

¶CAPITVLO XIIII.

Das minas de prata da Chicôua, & de como Francisco Barreto foy a ellas, & da guerra que os Cafres lhe fizerão, & morte de duzentos Portugueses.

NAs terras que confinaõ com o Reyno do Manamotapa polo sertão dẽtro da parte do Nordeste, estâ o Reyno da Chicôua, muy nomeado polas grossas minas q̃ tem de fina prata, & corre ao longo do rio Zambeze. Depois que o gouernador Francisco Barreto foy a Sofala cõquistar as minas do ouro da Manîca, como atras fica dito, passou dali com sua gente aos rios de Cuama, pera conquistar tambem as minas de prata da Chicôua: & querendo por em effeito sua determinação, partio de Sena polo rio açima, & no caminho pellejou com o Mongâs, abayxo das serras da Lupâta, & o venceo, como tambem fica dito; & daqui foy passando por todas as mays terras, & Reynos, que estão ao longo deste rio, sem auer quẽ lhe fizesse agrauo algũ. E posto q̃ muitos Cafres desejarão impedirlhe a passagẽ por suas terras, com tudo nenhum delles ousou fazello; sabendo que tinha vencido, & desbaratado em batalha campal o Mongâs, a quem elles tinhão por muy esforçado, & senhor da melhor gente, que auia em todo este rio, & por isso o deyxaraõ passar, fugindo dos lugares, & pouoações em que morauão, com os mantimentos que tinhão, embrenhandose polos matos, onde estiueraõ escondidos atè passar Francisco Barreto com a soldadesca que leuaua; & desta maneyra foy seguramente, hora nauegando polo rio açima, hora caminhando por terra, atè chegar ao Reyno da Chicôua, onde assentou seu arrayal, & logo pretendeo descubrir as minas de prata: mas não veyo a effeito o descubrimento dellas, por não auer Cafre algum, que ousasse dizer o lugar certo, onde estauão, porque tinhão grandissimo medo, que os Portugueses depois que as achassem lhe tomassem as terras, & os lançassem fora dellas; & por esse respeyto fogiraõ todos neste tempo, & desempararaõ a terra a os Portugueses: & tambẽ porq̃ não

Liu. 1. c. 17.

Liu. 2. c. 6.

Chegada de Francisco Barreto a Chicôua.

naõ fossem tomados algũs del les,& obrigados por força,ou tormentos a descubrir o q̃ tanto reçeauão,posto que por isso ouuesse grandes promessas, & dadiuas,que o gouernador offereçia a quemquer que descubrisse as minas. Com tudo hũ Cafre desta terra,mouido polo interesse que podia alcãçar se as descubrisse, determinou mostrarlhe algũas pedras de prata, arrãcadas das proprias minas,& enterradas em outra parte,dizẽdo,& fingindo, que aquelle era o proprio lugar das minas. A qual determinação pos ẽ effeito, & foyse hũa noite secretamẽte,onde sabia, que estauaõ as minas,& arrancou duas pedras de quatro, ou cinco arratés cadahũa, & as foy enterrar muyto longe das minas, cada pedra em seu lugar,distante hũa da outra duas ou tres braças:& depois de ter esta maranha feyta, foyse ao gouernador hũa tarde,ja quasi sol posto, & disselhe que elle lhe queria descubrir as minas de prata em segredo,que onão soubesse o seu Rey,por lhe não fazer mal,com tal condiçaõ q̃ lhe auia de dar por isso certa quantidade de roupas, & contas. O gouernador lhe prometeo tudo o que pedia com muito gosto, & logo lhe mandou dar algũs pannos pera o contentar,& juntamente mandou ajuntar hũa cõpanhia de soldados,& foyse com elles,& cõ o mesmo Cafre ao lugar em q̃ tinha enterrado as pedras, no qual disse o Cafre,que cauassẽ, porque aquellas eraõ as minas de prata; o que logo foy feyto com grande aluoroço.

Engano q̃ hũ Cafre fez a o gouernador na Chicôua

E depois de terẽ cauado grande pedaço de terra, foraõ descubrindo as pedras, com cuja vista ouue grandissima festa, & alegria em todos os Portugueses da conquista, & as trõbetas, & tambores do arrayal ajudâraõ a festejar este descobrimento. E porq̃ era ja quasi noite, disse o Cafre ao gouernador,que se queria recolher a sua casa,& posto que as minas estauão ali ja descubertas, elle tornaria pola manhã çedo. O gouernador o deyxou ir, cuydando que o tinha seguro pola roupa que auia de tornar a buscar,alem da que tinha ja recebido, com a qual se foy, & não tornou mais. No dia seguinte, vendo o gouernador q̃ não tornaua o Cafre, mandou cauar no mesmo lugar, onde se acharaõ as duas pedras, &

toda

toda aquella terra cincunſtan te,ſem achar mais ſinal de minas: entaõ cayo no engano do Cafre. E vendo que naõ tinha remedio para deſcubrir as minas que deſejaua, & que todos os Cafres daquellas terras eraõ fugidos com os mantimentos que tinhão, & elle não podia deterſe ali muitos dias, pola falta delles, tornouſe polo rio abaixo atè Sena, deixando duzentos ſoldados com ſeu capitaõ, chamado Antonio Cardoſo d'Almeida, naquelle lugar, prouidos de alguns mantimentos, & armas, & fortaleçidos em hũa trincheyra de madeyra, pera dali ſe informarẽ de vagar da terra, & verem ſe podiaõ deſcobrir as ditas minas.

Tricheira dos Portugueſes.

¶ Neſte lugar eſtiueraõ os ſoldados algũs meſes, ſẽ auer quẽ lhe deſcobriſſe o que deſejauão, nem quem lhe deſſe por ſeu dinheiro os mantimentos, que lhe eraõ neceſſarios: polo que lhe foi forçado tomallos aos Cafres por força d'armas, & fizeraõ algũas ſaydas polas terras circunſtantes, onde tomaraõ muitos mantimentos, & vaccas, de que ſe ſuſtentauão. Vẽdo os Cafres que não podião viuer quietos, nem ſeguros, tendo os Portugueſes por cõtrarios, & taõ vizinhos, pretenderaõ fazer pazes com elles, & cõmunicallos amigauelmente, com intento de os aſſegurar em ſua amizade, pera depois os matarem por engano, como fizeraõ: aſsi q̃ correndo com elles algum tempo neſta fingida amizade, no fim delle lhe vieraõ a dizer, q̃ pois eraõ ſeus amigos lhe querião deſcubrir onde eſtauão as minas da prata, que tanto deſejauão; do que os noſſos ficaraõ muy alegres, tendo por bẽ empregados os trabalhos, & fomes, que tinhaõ paſſado à conta de deſcubrirẽ eſtas minas. Aſſentado o dia em que auião de ir a eſte deſcubrimento (ficando no forte quarenta homẽs pera ſua guarda) os mais, que neſte tempo erão cento & cincoenta, ſayraõ com ſuas armas pera acompanharem os Cafres atè a ſerra das minas, q̃ elles fingião eſtar dali hũa legoa: & deſte modo todos juntos foraõ caminhando, atè entrarẽ por hũs matos çerrados, onde eſtauão em çilada embrenhados tres mil Cafres armados, & tanto que os noſſos foraõ entrãdo neſte paſſo, ſayraõ os Cafres com grande impeto,

&

& derão sobre elles, ferindo, & matando quantos podião: & posto q̃ os Portugueses matarão muitos delles, com tudo como estiuessem çercados de mato, & de todas as partes fossem cõmetidos dos inimigos, & não pudessem pellejar cõ ordem, forão ali mortos quasi todos, & muy poucos escaparão, que fugirão pera o forte, onde os Cafres lhe puserão çerco, determinando matallos â fome; & asi estiuerão çercados algũs meses, padecendo grandes fomes, & vendo que de todo perecião, sem esperança de socorro, determinarão sayr fora, & tomar algũs mantimentos por força dearmas, ou morrer como caualeiros, & não çercados como ouelhas. Esta determinação puserão em effeito, dando sobre os Cafres cõ tanto impeto, que os puserão em fugida com morte de muitos, mas quando se quiserão recolher, forão os Cafres creçendo, & ajuntarãose de todas as partes em tanta quantidade, q̃ vindo em seu alcançe, os matarão todos, sem escapar hum sò delles, & desta maneira morrerão, vendendo suas vidas a troco de muitas, que tirarão a seus inimigos. O gouernador

morte d 200. Portugueses na Chicôua.

mandou fundir as pedras de prata, & sayrão na fundição tres partes de fina prata, & hũa sò de escoria: donde se collige que são estas as mais ricas minas, & de mais fina prata, que atè oje se sabem. Destas minas de prata, & ouro, ha muytas nesta Ethyopia Oriental, como são as do Reyno do Gorâge, & as do Reyno de Conche que vio o Patriarcha de Alexandria dom Ioão Bermudez, como elle refere no liuro, que fez do Preste Ioão, & outras muitas.

proua da prata da Chicôua

¶ Alem destas minas de prata, & ouro, tambem ha por estas terras do Mocaranga muyto ferro, & tão bom, que algũs Portugueses o leuão daquĩ pera a India, pera delle fazerẽ espingardas: tambem ha muyto cobre. Os quaes metaes tirão os Cafres da terra, & os fundem, & do ferro fazem enxadas, frechas, ferros de azagayas, espadas, machadinhas, & a mais ferramenta, que lhe he necessaria: & do cobre fazem manilhas, de que vsão nas pernas, & nos braços, asi homẽs, como molheres.

Minas & ferro, & cobre.

¶CAPITVLO QVINZE

Do Manamotapa, & de suas insignias Reaes, & dos Reinos que ha do Cabo das Correntes atè Moçambique.

IA temos dito como o Manamotapa foy antiguamente hum Rey muito mais poderoso, antes q̃ se lhe leuantassem os estados do Quiteue, Chicanga, & Sedanda: & posto que inda oje seja grande senhor, nem por isso tem outros Reys por seus vassallos, & tributarios, saluo se saõ algũs senhores grandes de seu Reyno, que saõ como os senhores de titulo em Portugal, que tem terras & vassallos, a que os Cafres não chamão Reys, senão Encosses, ou Fumos. Polo q̃ se enganaraõ certos autores em algũas cousas que escreueraõ do sitio destas terras, & costumes do Manamotapa, como foy Ioão Botero Italiano, na relação vniuersal q̃ fez de Africa, & Luis de Guzman: os quaes nesta descripção seguẽ em tudo a Osorio, & outros, q̃ primeiro escreueraõ estas cousas; o q̃ deuiaõ fazer por informações pouco certas, porq̃ a saberẽ a verdade dos costumes deste Rey, não differão q̃ os mays Reys de toda esta costa pagauaõ tributo ao Manamotapa, & que os filhos destes mesmos Reys se criauão, & residião em sua corte, pera ali aprenderem as leys & costumes do seu Reyno, auendo muyta certeza do contrario: porque primeiramẽte o Reyno do Manamotapa naõ corre ao longo da costa, antes està metido pola terra dentro no meyo da Cafraria, & somente vem sayr nesta costa com hũa ponta de terra, como ja dissemos, ficãdo esta fralda do mar tão remota de sua corte, que atè os mesmos seus vassallos, que nella moraõ, lhe não obedeçem, & viuem quasi como gente sem Rey. Tambẽ se vè claramente, a incerta informação que teue o dito Luis de Guzman, na descripção & diuisaõ que faz da Ethiopia, dizendo q̃ o Reyno de Inhambàne està situado na Ethiopia Occidental, junto cõ o Reyno do Manamotapa, & q̃ ambos estão juntos entre Sofala, & Moçambique: naõ aduertindo que estes Reynos ambos estaõ na Ethiopia Oriental, como refere Osorio, & muy distantes hum do outro, porque o Reino

Botero, 1.p.lib.3 Guzm. 1.ᵃp. lib. 3. das missoẽs.

Lib.3.c. 11.

Lib.4.de reb.gest. Emman.

Diuisão dos Reynos da costa de Sofala.

Reyno de Inhambàne fica junto do Cabo das Correntes pera a banda do Cabo de Boa esperança, & do rio de Inhambâne pera a banda da India vay correndo outro Reyno chamado Botonga, & acaba junto do rio da Sabia, de que he Rei o Sedanda, cujo Reino vẽ correndo atè perto de Sofala, & em Sofala se começa o Reyno do Quiteue, & chegà atè o rio de Tendancûlo, & daqui corre o Reyno do Manamotapa atè o rio de Luâbo: & deste rio de Luâbo atè Moçambique que saõ cento & trinta legoas ao longo da costa. Nas quaes terras ha muitos Reys de differentes castas, & nações de Cafres: & nenhum destes, nẽ dos mais que nomeamos paga tributo, nem vassallagem ao Manamotapa, antes todos saõ liures, & supremos, & algũs delles tem guerra com o mesmo Manamotapa, como ja dissemos. Donde fica claro não estarem os Reynos de Inhambàne, & o do Manamotapa juntos entre Sofala, & Moçambique, senão muy distantes, & apartados hum do outro: nem menos estes Reis serem vassallos do Manamotapa, nem lhe pagarem tributo, nem menos andarem seus filhos na sua Corte. E se em algum tempo foy algũa cousa destas (no que ponho muyta duuida) oje nem memoria disso ha, antes a gente do seruiço do Manamotapa he muy limitada, & de pouco fausto, & tratase do modo que o Quiteue Rey do rio de Sofala, como atras fica dito, onde se pode ver.

Liu. 2. c. 10.

Liu. 1. c. 4. atè o 9.

¶ Tambem Felippo Pigafetta Italiano escreuendo da costa do Cabo de Boa esperança atè o mar Roxo, por informação de hum Portugues, que andou em Cõgo, chamado Duarte Lopez, faz hũa descripção das terras, & cousas desta Ethiopia, na qual troca hũs rios por outros, & Reynos por reinos, pondo tudo fora de seu lugar, & acrecentando outras muitas cousas, que não ha nas ditas terras. E particularmente, falando do Reyno do Manamotapa, diz que viuem nelle as Amazonas, de que faz hũ grande discurso, não auendo taes molheres nestas terras, nẽ memoria do que diz. Poronde claramente se vè a incerta informação com que se pos a escreuer as taes cousas.

¶ Dizem mais estes autores, que as insignias de que vsa

o Manamotapa são hũa enxada d'ouro, cõ cabo de marfim, em sinal de ser cultiuador das terras, & duas setas, pera manifestar o rigor de sua justiça, & pera ser temido, & q̃ sẽpre anda acõpanhado de gẽte de guerra. Mas em tudo se enganarão. E quãto aos Cafres andarẽ cõ arcos, & frechas, he tão ordinario nelles, como a espada na çinta dos Portugeses, & nenhũ Cafre sae fora de casa sem estas armas: & da mesma maneira, quãdo o Manamotapa vay fora, leua na maõ seu arco, & frechas; & o mesmo fazẽ os Cafres que o acompanhão, conforme a seu custume, & não como gẽte de guerra. Diante delle vay hũ Cafre batendo cõ a mão ẽ hũa coixa, pera que se saiba q̃ detras delle vay o Rey. Quando o Manamotapa não leua seu arco, leualho outro Cafre, q̃ tẽ esse officio, a q̃ chamão Masocorira, q̃ he como moço da camara, & o Rei leua na mão hũa azagaya de pao preto, cõ a põta de ouro moçiço, ao modo de ferro de lança, ou tres pedaços de pao de obra de hũ couado laurados, & delgados, a q̃ chamão Fimbos. E quando falla cõ algũ Cafre, & o quer matar, deixa cair da mão hũ destes 3. Fimbos, & os seus algozes, chamados Infiçes, q̃ estão prezentes, o leuão, & matão cõ azagaya; & assim morrẽ todos os condenados, porque nesta terra não ha forca.

De q̃ modo vay fora o Manamotapa.

Modo de condenar a morte.

¶ O Manamotapa tẽ muitas molheres, & a principal, a q̃ el le muyto quer, chamada Mazarira, he sua irmã inteira, & mui amiga dos Portugeses, & os defende, & falla por elles a el Rei & por essa rezão, quãdo dão a Curua a el Rei, tãbem dão a esta molher seu presente de roupas. Ninguẽ falla cõ el Rei ou cõ esta sua molher, sẽ lhe leuar algũa cousa. Os Portugeses lhe leuão roupas; os Cafres hũa vacca, ou cabra, ou algũs pannos. E quando são tão pobres q̃ não tẽ q̃ lhe dar, leuãolhe hũ sacco de terra, ẽ reconheçimento de vassallagẽ, ou hũ feixe de palha, pera cobrir suas casas, porque todas as q̃ ha nesta Cafraria, são cubertas della.

O Manapotapa tẽ muytas molheres

¶ O Manamotapa, q̃ agora reina, se chama Mambo: seus vassallos, quãdo querẽ affirmar algũa cousa, jurão por sua vida dizẽdo, Xè Mambo. E quando fallão cõ elle, dezẽ, Xèdico, como quẽ diz V. Alteza tal cousa. Aos filhos do Rey chamão Manambo.

Nome proprio do Manamotapa.

Este

¶ Este Manamotapa deu ẽtrada aos nossos Religiosos ẽ seus Reinos, & deu liçẽça pera fazerẽ igrejas, & Christãdade nelles, como oje fazẽ: & tẽ ja edifidado tres igrejas nos lugares principaes de seu Reino s. em Massapa, Luanze, Bucutu: nos quaes morão muytos Portugeses: & esperamos ẽ Deos, q̃ và esta Christãdade de bẽ ẽ melhor, & q̃ façaõ os nossos Religiosos deste Reyno muyto fruito nas almas.

Tres igrejas do Mocaranga.

¶ CPITVLO. XVI.

¶ *De outros custumes, & insignias do Manamotapa, & de seus vassallos.*

O Manamotapa, & todos seus vassallos saõ Mocarãgas, nome, q̃ tẽ por habitarẽ ás terras do Mocaranga, & fallarẽ a lingoagem, chamada Mocarãga, a qual he a melhor & a mais polida, de todas as lĩgoas de Cafres, q̃ tenho visto nesta Ethiopia, porque tẽ mais brandura, melhor modo de fallar: & asi como os Mouros de Affrica, & de Arabia fallaõ de papo, que pareçe q̃ vomitaõ, & arrãcaõ as palauras da gargãta, asi pollo contrario estes Mocarangas fallaõ, & pronũçiaõ as palauras cõ a ponta da lingoa, & beiços, de tal maneira, q̃ muytos vocabulos dizem, quasi assouiando, no q̃ tẽ muyta graça, como eu vì algũas vezes fallar os Cafres da corte do Quiteue, & do Manamotapa, õde se falla o Mocarãga mais polidamẽte. O seu modo de fallar he por metaforas, & cõparaçoes mui proprias, & trazidas a proposito, pera seu proposito, & interesse, ẽ q̃ todo o seu intento se resolue.

Lingoag. dos Mocarangas.

¶ O Manamotapa, & os Mocarãgas seus vassallos trazẽ na testa hũ buzio brãco, como joya, pẽdurado dos cabellos, & o Manamotapa tras outro buzio grãde sobre o peito. Aestes buzios chamaõ Andoros, os quaes saõ mui odiosos ao Quiteue por serẽ diuiza do Manamotapa seu inimigo, & asi nẽ o Quiteue nẽ seus vassallos trazẽ Andòro, postoq̃ todos sejaõ Mocarãgas. Nenhũ Cafre corta o cabello da barba, nẽ da cabeça: & cõ tudo muito poucos hà, q̃ tenhaõ barba cõprida, porq̃ lhe creçe pouco o cabello, & naõ se lhe faz brãco senaõ depois de muita idade. O cõmũ destes Cafres, he viuerẽ 90. & 100. ãnos. Saõ agoureiros, & lãçaõ sortes pera adiuinhar, & muytas vezes falla nelles o diabo, min-

Sinal dos vassallos do Manamotapa.

Não cortão o cabello.

Viuem muito.

mintindolhe ordinariamente, como he seu costume: mas nẽ isso he bastante pera deixarem de se fiar delle, dando credito a suas mintiras.

Corpos mortos estillados.

¶ Deste Manamotapa se conta, que tem hũa casa onde manda pendurar algũs homẽs mortos, dos que manda matar por justiça, & assi pendurados estão estillando, & lançando de si toda a humidade que tẽ, em hum vaso, que lhe poẽ debayxo: & depois que se estillão alli todos, & ficão secos, & mirrados, os manda tirar, & enterrar, & daquella gordura & humidade, que fica nos vasos, dizem que faz vnguentos, com que se vnta, assi pera viuer muito (como elle cuida) como pera lhe não poderem fazer mal os feitiçeiros. Outros dizem, que faz feitiços daquella humidade.

Superstições do Manamotapa.

Destas superstições, & abusos tem muitos. Dõ Iorge de Meneses sendo capitão de Moçambique, mandou ao Manamotapa hum librêo muito fermoso, que lhe tinha ido de Portugal: o qual o Manamotapa estimaua tanto, que sempre o tinha junto consigo, sem fiar o tratamento delle mais, que de sua propria pessoa. Dahi a poucos tempos morreo este Rey, & antes que morresse mandou aos seus, como em testamento, que logo em elle acabando de espirar, lhe matassem o seu librêo, a quem queria muito, & a hum carneiro muito manso, que tinha criado â sua mão, porque se queria la no outro mundo seruir delles, & tellos là pera seu gosto, & passatẽpo. O que tudo se cumprio tanto que o Rey morreo, juntamẽte com sua molher grande, q̃ tambẽ bebeo a peçonha pera morrer com seu marido, como he seu costume.

Âs molheres do Rey se matão quãdo elle morre.

¶ Os Chinas tem o mesmo erro que estes Cafres em seus enterramentos, segũdo refere o Padre Mendoça Religioso de S. Agostinho, no liuro que fez da China, dizendo que os homẽs nobres, quando morrẽ, mandão matar as molheres, & criados que tem mais estimados nesta vida, pera que os vão seruir na outra, onde crem que haõ de viuer eternamente em gostos, & passatempos, sem tornar a morrer. E por esta causa os taes criados, & molheres não recusaõ a morte que lhe dão, antes folgaõ com ella.

¶ Os mais costumes deste Manamotapa, assi de suas molheres,

lheres, officiaes, seruiço, trato, & leys, como de outras particularidades tocantes a seu gouerno, & modo de viuer, & de seus vassallos, saõ muy semelhantes, & quasi os mesmos, q̃ tenho apontado do Quiteue, Rey de Sofala no primeiro liuro, do 5. capitulo atè o 16. q̃ aqui não repito, por abreuiar, onde se poderâ ver tudo o mais que podiamos agora dizer do Manamotapa.

¶ CAPITVLO XVII.

¶ Dos Cafres vezinhos de Tete, & dos Mumbos, que comem gente.

Onze capitães Cafres, vassallos de Tete.

AO redor do forte de Tete duas, ou tres legoas em circuito, estão onze pouoações de Cafres, em cada hũa das quaes reside hum capitaõ, & gouernador Cafre da mesma nação, a que chamão Encosse. Todos estes Cafres saõ sojeitos, & vassallos do capitão de Tete, & a elle vem cõ suas demandas, & trapaças, as quaes elle julga, & sentençea, quando o seu Encosse lhas não pode julgar, ou concertar. A jurdição do capitão de Tete he tanta sobre estes Cafres, q̃ atè sobre os mesmos Encosses a tem, & os pode tirar do cargo, quando fazem o que não deuem. E quando algũ delles morre, poem outro de sua mão quẽ lhe parece que o pode bẽ fazer, sem auer cõtradição dos Cafres, que hão de ser seus subditos. Quando o capitaõ de Tete tẽ necessidade destes Cafres, ou pera algũa guerra, ou pera seruiço do forte, ou qualquer obra necessaria pera o bẽ cõmum de sua jurdiçaõ, manda recado a todos estes onze Encosses: os quaes logo vem com sua gente armada de arcos, frechas, azagayas, machados, enxadas, & todo o mais necessario, conforme ao negocio, pera que saõ chamados: & postos em ordẽ cada capitaõ com sua gente, tambores, buzinas, & bandeiras, entraõ na pouoação de Tete, & apresentaõse ao capitão do forte, entre os quaes se ajuntaraõ mais de dous mil Cafres de pelleja, gente muy esforçada, & bellicosa. E esta tem o capitão de Tete sempre certa, quando lhe he necessaria pera algum sucesso.

Obediẽcia dos Cafres de Tete.

¶ Estes Cafres, & outros muitos, que habitão ao longo deste rio Zambeze, foraõ an-

tigua

tiguamente senhoreados polo Manamotapa, vindo cõ guerra sobre elles, os quaes depois de conquistados, por estarem muito longe do seu imperio, repartio por algũs Cafres seus vassallos, & amigos, pera os senhorearem, & gouernarem, & nesta repartição deu o gouerno, & jurdição destes onze lugares ao capitão de Tete, que então era, & a todos os mais, que lhe socedessem na capitania, & de entaõ pera ca, tem estes Cafres tanta obediencia aos capitaẽs de Tete, como se foraõ seus Reis, & assi nenhũa cousa fazẽ em suas terras sem sua licença, como he semear as terras, ou colher as searas dellas, & quando lhe vaõ pedir licença pera fazer algũa destas cousas, vay o Encosse do lugar, que pede a licença acompanhado d'algũs Cafres, & leua hum presente ao capitão, & sem elle nunca lhe pedẽ cousa algũa.

Cafres q̃ comem gente.

¶ Defronte de Tete da outra parte do rio pola terra dentro, que corre pera o Nordeste & Leste, ha duas castas de Cafres, que comem carne humana, hũs se chamão Mumbos, & outros Zimbas, ou Muzimbas: os quaes naõ somente comẽ toda a gente que mataõ em guerra, mas tambem comẽ seus catiuos quando saõ jâ velhos, & não prestão pera trabalhar: & não se contentaõ com comerẽ o que haõ mister pera sua sustẽtaçaõ, mas o q̃ lhe sobeja, vendem no açougue, como se fora carne de vacca, ou carneiro, sem auer quem lho estranhe, nem defenda.

¶ Socedeo hum anno, que hum capitaõ de Tete passou o rio da outra banda em companhia dos Portugueses, q̃ auia na terra, leuando juntamente consigo os onze Encosses vassallos do forte, & todos juntos foraõ caminhando atè hum lugar chamado Chicarõgo, que està dez legoas de Tete: & o intẽto deste caminho foi socorrer a hum Cafre nosso amigo, contra outro Cafre Mũbo, chamado Quizûra, o qual lhe viera fazer guerra, & lhe tinha destruido grãde parte das suas terras, & estaua fortalecido no dito lugar de Chicarongo, no qual lhe tinha catiuos muytos vassallos.

Guerra dos Portugueses com os Mũbos.

¶ Tanto que os Portugueses chegaraõ a este lugar com a mais gente de guerra, deraõ logo Santiago nos Mumbos,

& depois de auer hũa mui trauada briga d'ambas as partes, matarão os inimigos todos, sẽ ficar hũ sò, de seiscentos hõmẽs de pelleja, que erão, muy esforçados. A qual vitoria alcançada, o capitão de Tete entregou a terra outra vez a seu dono, que presente se achou na mesma briga: & depois de descansar ali algũs dias, se tornou com sua gente pera Tete, trazendo catiuos todos os mininos, & molheres, que se acharaõ dentro no lugar. Nesta pouoação tinhão estes Mumbos feito hum açougue, onde matauão cada dia daquella gẽte, que tinhão catiua, junto do qual acharaõ os Portugueses muytos negros, & negras, atados todos de pês, & mãos, q̃ estauão jâ destinados pera se matarem, & comerem aquelle dia, os quaes soltaraõ, & puseraõ em sua liberdade, & outros muitos, que tambem acharaõ presos pera o mesmo effeito. Este ladraõ Quizûra tinha todo o chão da porta da çerca, ou pateo, que entraua pera sua casa, calçado de cabeças de homẽs, que tinha morto naquella guerra, & todos quantos entrauão em sua casa, ou sayão, passauão por çima desta calçada de câueyras, & elle tinha isto por grãde magestade; mas os Portugueses, que pellejarão com elle, lhe deraõ o pago de tão grande crueldade, tirandolhe a vida, & a todos os seus.

açougue de carne humana.

Calçada de câueyras.

¶ Estes Cafres vassallos de Tete saõ facilissimos pera a guerra, & se fora em sua mão, sempre andaraõ nella, por respeyto das presas que della trazem, & dizem que antes querẽ pellejar, que cauar, porque os que morrem na guerra acabão seus trabalhos, & os que viuem ficão ricos de despojos. Pola qual causa todas as vezes que o capitão de Tete os chama pera algũa guerra, logo vẽ muyto contentes. Quando eu estaua em Tete, fiz com o capitão, que então era Pero Fernandez de Chaues, que fizesse hũas portas pera a Igreja, que estaua sem ellas, pera as quaes eraõ necessarias muy grandes, & grossas taboas, por ser o portal muy grande; & o capitão não tendo taboado, nem paos pera as fazer, fingio que queria fazer hũa guerra a certos Cafres, que tinhão feyto algũs agrauos ao forte de Tete, & mandou hum recado aos onze Encosses seus vassallos,

Cafres d Tete saõ amigos de guerra.

vassallos, que viessem com sua gẽte pera esta guerra: os quaes logo vieraõ. E depois que o capitão os teue todos juntos, sayo fora de Tete com elles, & com algũs Portuguefes, q̃ sabião a maranha, & caminharaõ obra de meya legoa, atè hũs matos, onde hâ grossa madeyra, & ali assentou seu arrayal, & tomou conselho cõ os Encosses, & com os Portuguefes, & disselhe que seria mais acertado, & melhor conselho, deixar aquella guerra pera outro tẽpo, por certas causas que pera isso apontou. A qual determinação pareceo bem a todos, posto que os Cafres ficaraõ muy pesarosos de se não fazer a guerra, polo interesse que della esperauaõ. Depois disto disse o capitão aos Encosses, que pois ali estauão naquelle mato, cadahum delles com sua gente cortasse hum par de paos muito grossos, & os leuasse a Tete: o que elles fizeraõ. E desta maneira se fizeraõ as portas da igreja. Esta historia contey pera mostrar a facilidade que estes Cafres tem em se ajuntarem pera a guerra.

(?)

¶ CAPITVLO XVIII.

¶ De hũa guerra que tiueraõ os Portuguefes com os Muzimbas, & do roim sucesso della.

De fronte do forte de Sena da outra banda do rio moraõ algũs Cafres, senhores daquellas terras, bõs vizinhos, & amigos dos Portuguefes, & sẽpre lhe foraõ muyto leaes. Socedeo no tempo q̃ eu ali estaua, q̃ os Cafres Muzimbas, de que atras fiz menção, que comem carne humana, vieraõ com guerra sobre as terras de hum Cafre destes nossos amigos, & por força de armas lhe tomaraõ o lugar em que moraua, & muyta parte das ditas suas terras, & alem disso lhe mataraõ, & comeraõ muyta gente. Vendose o Cafre desbaratado, & impossibilitado, se foy a Sena manifestar seus trabalhos, & pedir socorro ao capitão, que então era Andre de Santiago, pera o ajudar a lançar fora de sua casa o inimigo, q̃ estaua apossado della. O qual vista sua piadosa petição, determinou de o socorrer, assi por elle ser muito nosso amigo, como por não ter mos

Guerra dos Portuguefes de Sena com os Muzimbas.

mos taõ perto de Sena hum vizinho tão mao, como era o Muzimba. Polo que juntas todas as cousas, que erão necessarias pera esta guerra, se partio, leuando consigo muyta parte dos Portugueses de Sena, com suas espingardas, & dous berços grandes do forte. E chegados ao lugar onde os Muzimbas estauão, o acharaõ mui fortificado com hũa çerca em roda de madeira dobrada mui forte, com seus reuezes, & seteyras, & çercado de hũa caua muito funda, & larga, & os inimigos dentro muy soberbos. Vendo Andre de Santiago, que a empresa era muyto mayor doque elle cuydaua, & que trazia pouca gente pera cometer tal inimigo, & sua fortaleza, assentou seu arrayal ao longo de hũa ribeyra, que estâ junto do lugar, & mandou recado ao capitão de Tete Pero Fernandez de Chaues, que o viesse ajudar com os Portugueses de Tete, & com os Cafres que pudesse trazer vassallos do seu forte.

Fortaleza dos Muzimbas.

¶ Pero Fernandez de Chaues se fez logo prestes pera ir socorrer a Andre de Santiago, & ajuntou mais de cem homẽs espingardeyros, entre Portugueses, & Mistiços, & os onze Encosses seus vassallos. E passados todos da outra banda do rio, foraõ caminhando por terra atè chegarem perto do lugar, em que estauão fortes os Muzimbas; os quaes tiueraõ noticia de sua vinda, & temeraõ muyto sua chegada. Polo que mandaraõ logo algũas espias secretamente ao caminho, pera que quando chegassem, tomassem vista delles, & trouxessem recado da gente que vinha. E sabendo das mesmas espias, que os Portugueses vinhaõ diante do arrayal dos Cafres em Machîras, & andores, & sem ordem algũa de pelleja, sayraõ de noite de sua fortaleza secretamente, sem serem sentidos de Andre de Santiago, & foraõse embrenhar em hũ mato espesso, q̃ estaua dahi meya legoa, por onde a gente de Tete auia de passar. Estando desta maneira, chegaraõ os Portugueses, q̃ vinhão quasi mea legoa sempre diante dos Cafres de sua cõpanhia, bem descuidados do q̃lhe podia soceder naquelles matos: & assi como vinhão foraõ entrãdo por elles, & não eraõ bẽ entrados, quãdo lhe sairão os Muzimbas ao encontro, &

su-

subitamente derão nelles com tanto impeto, que em breue tempo os matarão todos, sem ficar hum sò viuo, & depois de mortos lhe cortarão as pernas & os braços, & os leuarão âs costas com todo o fato, & armas, que trazião consigo, & logo se tornarão secretamẽte pera a sua fortaleza. Quando os Encosses chegarão ao mato, & virão todos os Portugueses, & seu capitão mortos, daquelle mesmo lugar derão volta, & se tornarão pera Tete, onde contarão o lastimoso caso, que tinha socedido.

Portugueses mortos ẽ çilada polos Muzimbas.

¶ Neste tempo que se ordenou esta guerra andaua em Tete prêgando hum Padre de S. Domingos, chamado Frey Nicolao do Rosario, natural do Pedrogão, varão perfeito em muytas virtudes, ao qual o capitão Pero Fernandez, & os Portugueses de Tete pedirão muito quisesse acompanhallos nesta jornada, pera confessar, & sacramentar os que disso tiuessem necessidade. O que o Padre aceitou, parecendolhe que nisso fazia seruiço a nosso Senhor, & amizade aos Portugueses, & finalmente foy com elles, & nesta çilada o ferirão muito mal, & o prenderão, & leuarão consigo inda viuo, pera depois lhe darem mays cruel morte, como derão, porq̃ chegãdo ao forte o atarão de pês & de mãos a hũa aruore, onde o assetearão, & acabarão de matar cruelmente; o que lhe fizerão a elle mais em particular, que aos outros, por ser Padre, & cabeça dos Christãos, como lhe elles chamão, dandolhe a culpa de toda esta guerra, dizendo q̃ os Christaõs nenhũa cousa fazem sem licẽça & conselho do seu Caçis. E desta maneira acabou este Padre com grande constancia, prêgando sempre em voz alta, & confessando a fè de Christo, como ẽ outra parte mais largamente contarey.

Morte do P. Fr. Nicolao do Rosario.

Morte do padre Frey Nicolao do Rosario.

2. parte lib. 1.

¶ Estes Zimbas, ou Muzimbas não adorão Idolos, nẽ conhecẽ a Deos, mas ẽ seu lugar venerão & honrão ao seu Rey, ao qual tẽ por cousa diuina, & dizem q̃ he o mayor & melhor do mundo. E o mesmo Rey, diz de si, q̃ elle sò he Deos da terra: polo q̃ se choue quando elle não quer, ou faz muita calma, tira cõ setas ao ceo, porq̃ lhe não obedece. E posto q̃ todos estes comẽ gẽte, o Rey somẽte a não come, por se não parecer cõ seus vassallos. Todos

Custumes Barbaros dos Muzimbas.

estes Cafres pola mayor parte saõ altos de corpo, mēbrudos, & muito robustos. As armas q̃ trazem saõ machadinhas, frechas, & azagayas, & hũas rodellas grãdes, cõ que se cobrẽ todos, de pao muito leue, forradas de pelles de animaes syluestres, que elles matão, & comẽ. Tem de costume comer a gẽte q̃ matão em guerra, & beber polas caueiras, mostrãdose nisso fonfarrões, & ferozes. Se algũs Cafres de sua cõpanhia adoecem, ou ficaõ mal feridos da guerra, por não terẽ trabalho de os curar, os acabão de matar, & os comẽ. Outras muitas brutalidades tẽ semelhãtes a estas, q̃ deixo por abreuiar.

¶ CAPITVLO XIX.

Da morte de Andre de Santiago Capitão de Sena, & seus companheiros, & do que socedeo a Dom Pedro de Sousa com os Zimbas.

Epois que os Zimbas mataraõ ao P. Frey Nicolao, descansaraõ aquella tarde que lhe restaua deste triste dia, & a noite seguinte, festejando sua vitoria, & bõ sucesso, cõ muitas cornetas, & tambores, & ao outro dia rompendo a manhã sayraõ todos da fortaleza, o capitão vestido na Casûla, que o Padre leuaua pera dizer missa, & com o caliz dourado na mão esquerda, & hũa azagaya na direita, & todos os mais Zimbas com os quartos dos Portugueses âs costas, & com a cabeça do capitão de Tete espetada na ponta de hũa lança comprida, & tangendo em o tambor que lhe tinhão tomado, & desta maneira com grandes gritos, & alaridos, vieraõ dar hũa vista, & mostra de todas estas cousas a Andre de Sãtiago, & aos Portugueses q̃ com elle estauão, & logo se tornaraõ a recolher pera dentro, dizendo, que o mesmo lhe auião de fazer a elles, que tinhão feito aos de Tete, que vinhão pera os ajudar, cuja carne era aquella, que logo auião de comer. Andre de Santiago, que estaua esperãdo por Pero Fernandez de Chaues cõ muito aluoroço, & não sabia cousa algũa do que tinha acontecido, ficou muy atemorizado, & todos os mais Portugueses que com elle estauão, vendo hum tão horrẽdo, & lastimoso espectaculo. Polo q̃ logo determinaraõ dese ir, tãto q̃ viesse

Lastimoso spectaculo.

viesse a noite. E pondo em effeito sua determinaçaõ, foy tã ta a pressa que tiueraõ de passar da outra banda da ribeyra, que foraõ fêtidos dos Muzimbas: os quaes saindo de sua fortaleza com grande impeto, deraõ sobre elles, & ali na praya do rio matarão muitos, entre osquaes morreo tambẽ Andre de Santiago, como esforçado que era, porque podendo fugir o não fez, antes se deixou ficar pellejando, & defendẽdo seus companheiros na praya, onde primeiro que omatassem, tirou a vida a muytos Muzimbas.

Morte d' Andre d' Sãtiago, & de sua gente.

De maneira, que estes ladrões & crueis Muzimbas mataraõ assi da gente de Tete, como de Sena cento & trinta Portugueses, & Mistiços, & os dous capitães destes fortes. O que fizeraõ cõ pouco custo seu, porque sempre tomaraõ os Portugueses desapercebidos, sem poderem pellejar, como manhosos que saõ. Isto foy no anno de 1592.

¶ Muy sentida foy a morte do P. Fr. Nicolao, a quẽ todos tinhão por santo, & a dos mais Portugueses, q̃ tão desestradamente acabarão nesta guerra, assi porque algũs delles eraõ casados, & tinhão suas molheres, & filhos nestes rios, como polos Zĩbas ficarem vitoriosos, & mais soberbos, & fortalecidos junto de Sena, donde com mais atreuimento podião fazer polo tẽpo em diante muito danno aos Portugueses, que nauegão por estes rios cõ suas fazendas. Polas quaes cousas Dom Pedro de Sousa capitão de Moçambique determinou castigar estes Zimbas, destruillos, & lãçallos da vizinhança de Sena. E pera isto passou de Moçambique aos rios de Cuama, no anno seguinte de 1593. leuando consigo algũs soldados da dita fortaleza, com que chegou a Sena. E depois de se informar do estado em que os Zimbas estauão, ordenou logo todas as cousas necessarias pera esta guerra, & ajũtou perto de duzẽtos Portugueses, & 1500. Cafres, & passando â outra banda do rio Zambeze, foy marchando por terra, atè chegar â fortaleza dos Zĩbas, onde assẽtou seu arrayal no mesmo lugar, em q̃ dantes o tiuera Andre de Santiago, & d'aqui mãdou bater o muro da fortaleza cõ algũas peças de artelharia, que leuou consigo, pera este effeito, mas nenhum danno lhe fez, por quanto era

Dom Pedro de Sousa faz guerra aos Muzimbas.

madeira grossa,& terreplenado pola parte de dẽtro de entulho mui largo,& forte, que os Zimbas fizeraõ cõ a terra que tinhão tirado da caua.

¶ Vendo Dom Pedro que sua artelharia não fazia dano ao muro dos inimigos, determinou de os entrar, & render a força de braço, & pera isso mandou entulhar hum pedaço da caua: o que fez cõ muito trabalho, & perigo dos nossos, porque os Zimbas de çima do muro frechâraõ,& matâraõ algũs. Entulhado este pedaço de caua, passou muita gente por elle com machados nas maõs atè o pè da tranqueira, & começando de cortar nella, foy tanto o azeyte,& agoa feruendo, que os Zimbas lançaraõ de çima do muro,sobre os que cortauão,que se escaldaraõ,& pellaraõ quasi todos, & particularmente os Cafres, que andauão nûs,demaneira que não auia quem ousasse chegar ao pè da tranqueira, asi por medo do azeite feruendo, como de hũs ganchos de ferro compridos amodo de fisgas,que os Zimbas lançauão polas seteiras do muro fora,& com elles ferião,& afferrauão em todos os que chegauão perto, & puxauão de dẽtro por elles com tanta força, que os chegauão aos buracos das seteiras,onde lhe dauão feridas mortaes. Pola qual causa mandou o capitaõ que se recolhesse toda a gẽtẽ ao arrayal,& descansasse, & todo aquelle dia se gastou em curar os feridos,&escaldados.

O dia seguinte mandou o capitaõ colher muita madeira, & verga,de que se fizeraõ grãdissimos cestos, tão altos, & mais, que as tranqueiras dos inimigos, & mandou q̃ os pusessem defronte dos muros, & que os enchessem de terra, pera que os soldados pellejassem de çima delles com as espingardas,& os Zimbas não ousassem andar por çima do muro, nẽ lançar azeite feruendo sobre os q̃ cortassem a tranqueyra. Estando este ardil de guerra jà quasi ordenado,nesse mesmo tẽpo se ordenou outro de paz,ou couardia, da maneyra seguinte. Auia dous meses que esta guerra duraua, polo que os moradores destes rios (que ali estauão mais por força, q̃ por sua vontade, por estarem fora de suas casas, & mercancias,que he todo o seu trato,& não guerras) fingiraõ algũas cartas,como que lhevieraõ de

Sena,

Sena,de suas molheres,em que lhe dauaõ conta do aperto em que estauão,por causa de hum Cafre leuãtado, que diziaõ vinha com muita gente pera roubar Sena,sabendo que os Portugueses não estauão nella: polo que acudissem logo a suas casas. Esta maranha fingida, foy logo diuulgada polo arrayal, & os moradores de Sena se foraõ ao capitão, & lhe requereraõ que largasse o çerco dos Zimbas,& acudisse ao que mais importaua, & senão que elles auião de acudir a suas casas,& deixallo.

¶ Vendo dõ Pedro sua determinação,& cuidando que as nouas das cartas eraõ verdadeiras,largou o çerco,& mandou passar a gẽte hũa noite da outra banda da ribeira,pera se tornar a Sena. Mas não se pode fazer esta mudança cõ tanto segredo,que não fosse logo sẽtida polos Zimbas: os quaes saindo da sua fortaleza com grande impeto,& grita, deraõ sobre o arrayal,onde mataraõ algũa gente,que nelle ainda estaua, & tomaraõ a môr parte dos despojos, & artelharia, q̃ ainda não estaua recolhida. Com este desbarate, & desgosto,se tornou o capitaõ pera Sena, & dahi pera Moçambique, sem fazer o que desejaua, & o Zĩba ficou melhorado, & mais soberbo que dantes,& com tudo isso depois cometeo pazes aos Portugueses de Sena, dizẽdo, que elle nunca quisera guerra cõ os Portugueses, antes desejara sempre sua amizade,& cõmercio,mas q̃ os Portugueses foraõ os que lhe fizeraõ a elle guerra injusta, sem lhe ter feito agrauo algum, & que elle os matâra em sua justa defensaõ, como era obrigado. Estas pazes cuido que se lhe cõçederião, polo bem que dellas vinha aos Portugueses deste rio. Neste estado ficauão as cousas desta terra, quando della me parti pera Moçambique.

¶ CAPITVLO XX.

¶ Do exercito dos Zimbas, que foy destruindo, & comendo grande parte da Cafraria, & decomo entrou na ilha de Quiloa, & a destruio.

Hvm Cafre Muzimba,da nação daquelles de que faley no capitulo passado, sendo senhor de hũa pequena aldea,& de poucos vassallos, mas

mas muito ambiçioso de honras humanas, traçando em seu peyto, o modo que podia ter pera ser grande senhor, & nomeado polo mundo, assentou que seria bom meyo pera este effeito, sayr de suas terras com mão armada, & destruir, roubar, & comer toda a cousa viua que achasse. Este seu diabolico intento declarou â seus vassallos, & a outros Muzimbas de sua nação: aos quaes naõ pareceo mal sua determinaçaõ, porque como elles ordinariamẽte saõ amigos de não trabalhar, & de roubar, & de comer carne humana, tinhão ali ocasiaõ entre maõs pera satisfazerem â sua cruel, & deprauada inclinação. Assentada pois, & concluida sua ida, sairaõ de suas terras, & começaraõ logo exercitar sua furia ẽ seus vizinhos, & foraõ por todos os lugares, & Reynos da Cafraria, caminhando sempre pera o Leuante; polas quaes terras hião destruindo, & roubando quanto achauão, matando, & comendo toda a cousa viua, asi homẽs, molheres, & mininos, como gado, caẽs, gatos, ratos, cobras, & lagartos, sem perdoarem a ninguem, saluo aos Cafres, que se vinhaõ pera elles, & os querião acõpanhar nesta empresa, os quaes admitião a seu exercito. E desta maneira ajuntarão mais de quinze mil homẽs de guerra, com q̃ foraõ assolando todas as terras por onde passauão, que parecia hum cruel açoute, & castigo, que Deos quis dar a esta Cafraria.

Intento diabolico dos Muzimbas.

¶ Chegados pois â ilha de Quîloa, q̃ he pouoada de Mouros, & està jũto da terra firme, vẽdo que a não podiaõ entrar por causa do mar, que a çercaua, assentaraõ seu arrayal na terra firme, defronte da ilha, tendoa de çerco algũs meses, & comendolhe todas as creaçóes, & sementeiras, q̃ os Mouros tinhão na terra firme, de modo que nenhũa cousa della lhe vinha pera a ilha. Neste tempo hum Mouro da mesma ilha, mouido da cobiça & ambição de honras, passou hũa noite secretamẽte da ilha pera a terra firme, onde estauão os Muzimbas, por hũ passo que elle sabia muito bẽ, por onde se pode passar de marè vazia de agoas viuas, & chegando ao arrayal, disse aos Cafres (que lhe sayraõ ao encontro) q̃ elle era da ilha, & queria fallar ao capitão môr daquelle exercito

Cercão a ilha de Quiloa.

çito em cousas de muyta importancia. E sendo por elles leuado,& apresentado ao capitão,disse: Poderoso capitão saberas que eu sou natural desta terra,& morador naquella ilha de Quiloa, que tẽs çercada;& sey de certo que muyto cedo has de ser senhor della,& castigar seu pouo, por te não reconhecer por grande senhor como es,&obedecer como era rezão. E eu conhecendo isto, venho agora darte a obediencia deuida: & asi mais te quero meter dẽtro na ilha de Quiloa,com todo teu exercito, polo passo por onde agora vim, que eu sey muito bem;com tal condição,que has de perdoar a morte a meus parentes, que la estão, & repartir comigo dos despojos,& riquezas, que tomares na ilha:&tambem me has de fazer merce das terras, que eu nella te apontar, pois nisso te vay pouco, & eu interesso muito. O Zimba lhe respondeo,que era muito contente,& que se elle o metesse com sua gente na ilha,como dezia, que lhe prometia de fazer tudo o que pedia. Polo que postos logo em ordem de passar o vao, o Mouro os encaminhou porelle, indo na dianteira, & mostrandolhes o caminho. E asi chegaraõ todos â ilha despois da meyanoite,onde tomaraõ todos os Mouros dormindo bem descuydados da treyção que lhe tinhão feito,& do q̃ lhe podia soceder: dos quaes os Muzimbas mataraõ logo a mayor parte,sem auer resistencia algũa,& aos mais catiuaraõ,& depois os foraõ comendo pouco & pouco em quanto ali estiueraõ: de modo que mataraõ & comeraõ mais de tres mil Mouros,& Mouras, q̃ ali auia,entre as quaes eraõ muytas fermosas, & delicadas, & roubaraõ toda a cidade deQuiloa, em que acharaõ grandes despojos,& riquezas,& somẽte escaparaõ destes mouros os que tiueraõ tempo de fugir pera os matos da mesma ilha, onde andaraõ embrenhados, atè que os Muzimbas se tornaraõ pera a terra firme, & depois se vieraõ pera a cidade, a qual antiguamente foy mui nobre, & nella morauão os Reys de toda esta costa: & inda oje se vẽ sua antigua nobreza, nas ruinas das grandes &sumptuosas Mizquitas, & aposentos, que nella ouue.

Treição de hum Mouro ã Quiloa a sua patria.

Destruição de Quiloa.

¶ Depois que os Muzimbas não tiueraõ que fazer na ilha, mandou

mandou o seu capitão que lhe chamassem o Mouro q̃ os meteo nella polo vao, o qual inda era viuo cõ toda sua geração, q̃ o capitão mandou guardar, não querẽdo que fosse morto algum delles, como forão os demais. E tanto que os teue diante de si todos juntos, virouse pa o Mouro, & disselhe: Não quero nem sou contente, que tão mâ cousa como tu es, viua mais tẽpo, pois foste taõ cruel, que por teu proprio interesse entregaste tua patria, & teus naturaes nas mãos de seus inimigos. E virandose pera os seus Cafres, disse: Tomay este mao homem, & toda sua geração, que presente està, & atados de pês & maõs os lançay todos naquelle mar, pera que os peyxes os comão, porque não he bem que fique alguem viuo de taõ mâ geração, nem quero que os comais, porq̃ sua carne deue ser peçonhenta. O qual mandado logo se pos em execução. Sentença certo naõ de Barbaro, como este era, senaõ de homem prudẽte; & bem se vè nella com quanta rezaõ disse Alexandre Magno, que folgaua com as treiçoẽs, que faziaõ os que lhe entregauão as cidades, mas q̃ abominaua os traydores. Concluyda està guerra de Quîloa, tornouse o Muzimba da ilha pera a terra firme, polo mesmo passo por onde entrou guiado polo Mouro.

Iusta sentença do Zimba, cõtra hũ traidor.

¶ CAPITVLO XXI.

¶ De como os Zimbas entrarão em Mombâça, & a destruyraõ, & depois forão a Melinde, onde forão desbaratados.

QVîloa destruyda, tornou o Zimba a continuar seu caminho ao lõgo da costa, atè chegar â terra firme que estâ defrõte da ilha de Mõbaça, na praya da qual assentou seu arrayal, com determinaçaõ de entrar na ilha, como tinha feito na de Quîloa: mas naõ pode logo fazer o que desejaua, porque nessa cõjunçaõ tinhão entrado na mesma ilha quatro galês de Turcos do Estreito de Meca, de que tratarei adiante mais largamente. Os quaes Turcos lhe defenderaõ a entrada na ilha, pellejando com elles muitas vezes, & matandolhe muita gente com sua artelharia, que jugaua de duas galês, que tinhão postas em hũ passo por onde o Zimba queria entrar.

liu. 4.

Briga dos Zimbas com os Turcos.

entrar. E nesta briga foraõ cõ tinuando algũs dias, atè que socedeo no mesmo tempo vir Thome de Sousa da India, cõ hũa grossa armada contra estas mesmas galés: & achandoas neste rio, pellejou com ellas, & as tomou cõ tudo o que trazião, & catiuou os Turcos, que nellas estauão, & juntamẽte destruyo a ilha de Mombâça. O que tudo foy feyto â vista dos Muzimbas, que estauão da outra banda na terra firme, muy espantados de verẽ obrar tantas marauilhas aos Portugueses. Polo que disse o capitaõ Muzimba, q̃ os Portugueses eraõ Deoses do mar, & elle da terra. E logo mandou hum embayxador a Thome de Sousa, dizendo, que elle era amigo dos Portugueses, & não queria guerra com elles: & pois tinha jà acabada sua obra tão honradamẽte, q̃ tambem elle queria concluir a sua, em que estaua auia jà dias, que era entrar na ilha, & matar, & comer toda a cousa viua, q̃ nella achasse. O que logo pos em effeito por cõsentimento dos Portugueses. E entrando na ilha, buscou todos os palmares, & matos, que nella auia, onde achou muitos Mouros embrenhados, que tinhão fugido da cidade, & matou, & comeo todos os que pode tomar. Isto feito, tornouse Thome de Sousa cõ sua armada pera a India vitorioso (como adiante acabarey de contar (& o Zimba pera a terra firme, & foy continuando seu caminho, & marchando com seu exercito pera Melinde.

Destruição de Mõbâça & tomada das galès.

¶ ElRey de Melinde estaua muy atemorizado cõ as nouas q̃ tinha da vinda dos Muzimbas, sabendo a destruição, que tinhão feito em Quîloa, & Mombâça: mas cõ tudo tinha grande confiança no esforço de Matheus Mendez de Vascõcellos, capitão que então era desta costa, o qual naquelle tẽpo estaua em Melinde cõ trinta Portugueses somente, entre soldados, & mercadores, os quaes estauão apostados a defenderlhe a cidade, atè morrer na contenda. Chegando pois os Zimbas a Melinde cõ muyta soberba, & ousadia, como gente que atè então nenhũ medo tinha de nação algũa, cometeraõ a cidade com muito esforço. E posto que os nossos soldados mataraõ muitos à espingarda, elles com tudo isso não deyxauão de entrar por algũas partes do muro, que era bayxo,

Br[illegible]ga dos Zimbas em Melĩde.

bayxo, & estauão jà quasi senhores de hum baluarte, auendo briga muy trauada de parte a parte. Neste tẽpo chegaraõ de socorro a Melinde mais de tres mil Cafres amigos del Rey, chamados Mosseguejos. Os quaes sabendo o aperto, em que el Rey de Melinde seu amigo estaua com a vinda dos Muzimbas, o vinhão socorrer, & ajudar. Estes Mosseguejos saõ homẽs muy esforçados, & amigos de guerra, dos quaes tratarey adiante mays largamente. Chegando pois a este tempo do combate, deraõ nas costas dos Muzimbas com tanto animo & esforço, q̃ em breue tempo os ajudaraõ a desbaratar, & pòr em fugida. E como estes Muzimbas eraõ estrãgeiros, & tinhaõ feito tãtos males & mortes polos caminhos, & terras por onde foraõ, o mesmo lhe fizeraõ a elles em sua fugida, matando a todos por ondequer que os achauão, & somente escaparaõ com vida o capitão delles, & obra de cem homẽs, q̃ tornaraõ a desãdar o caminho por onde foraõ todos vnidos em hum corpo, sem se apartarem atè chegarẽ outra vez a suas terras. De modo que nesta cidade de Melinde com ajuda dos Mosseguejos, se acabou o exercito dos Muzimbas, que tinha saido das terras, que correm ao longo deste rio de Sena, & chegado atè Melinde, q̃ saõ quasi trezentas legoas de caminho, sem auer quem lhe resistisse, nẽ pellejasse com elles; antes lhe largauão as pouoações, & lugares poronde sabião que vinha este cruel, & carniçeyro exercito.

Socorro dos Mosseguejos a Melinde.

liu. 4.

Destruição dos Muzimbas.

¶ Isto que tenho dito dos Cafres, que habitão as terras deste sertão, me parece que basta por agora. E pois entramos nellas polo rio de Luâbo, descreuendo suas particularidades, rezão he que tambem deçamos polo de Quilimane, atè chegarmos â fralda do mar, & q̃ digamos algũa cousa de seus habitadores, o que farey nos capitulos seguintes.

¶ CAPITVLO XXII.

¶ Dos rios de Quilimâne, & Loranga, & dos custumes de seus habitadores.

Q Vilimâne he hum braço do rio Zambeze, fermoso, & apraziuel, de pouco fundo, como jà dissemos.

Tem

Tem de largura na boca pouco mais de hũa legoa. A sua barra tem sométe tres braças de agoa, pola qual rezão não podem por ella entrar naos de alto bordo, & essa foy a causa por q̃ nella se perdeo a não S. Luis, como adiante direy. A terra que corre ao longo delle he rasa, sem outeyro algum. Da barra pera dentro, obra de duas legoas, tem hum porto bẽ assõbrado de campo raso, no qual estão hũas casas, palmar, & horta, de hũ Portugues chamado Francisco Brochado, de quem jà faley atras, que era capitão destes rios. Este porto he refugio de toda a gente que nauega pera este rio: porque nestas casas achão gasalhado os Christãos graciosamente, & em particular os Portugueses, onde descansaõ, dormem, & se recolhem das calmas, que nestas terras saõ mui grandes. Perto destas casas està hũa pouoação pequena de Cafres Gentios, & Mouros pobres, q̃ viuem aqui â sombra dos Portugueses, que vão, & vem por este rio: onde os marinheyros (que ordinariamente saõ Mouros) tambem achaõ abrigo, & gasalhado, pera se refazerem dos trabalhos do mar, & algũs delles tem ali sũas molheres.

Porto d Quilimâne.

¶ Toda a demais terra polo sertão dẽtro he pouoada de Cafres Macũas, sogeitos a hũ Cafre chamado Gallo, que tẽ nome de Rey, mas seu Reyno he pequeno, de poucos vassallos, & menos sustancia. Este Rey tinha hum irmão chamado Sapata, o qual se tinha feito Mouro quando ali fuy ter, & por essa rezão era malquisto & odioso a todos os Cafres, porque inda que estas terras estão inçadas de Mouros, & viuẽ nellas como naturaes, quer nosso Senhor que nenhum Cafre se faça Mouro, porque os tem em pouca conta, & dizem que he gente bayxa, & q̃ mais hõrados saõ elles, que os Mouros: & asi raramente se verà Cafre que se torne Mouro, nẽ eu o vi nestas partes, fazẽdose cada dia Christãos, aos quaes tem por gente nobre, & honrada; & asi cõmummente chamão aos Portugueses Musungos, que quer dizer Senhores. São pretos, de cabello reuolto, Gentios, mas não adorão Idolos: saõ amigos dos Portugueses, & bem inclinados.

Nenhũ Cafre se faz Mouro.

¶ Com estes Cafres confinão outros, que habitão as terras que correm ao longo de hum

hum rio chamado Loranga, cuja boca està çinco legoas de Quilimàne, mais pera o Leuante, indo correndo a costa pera Moçambique. Este rio he mui aprazivel, & tem hũa enseada, & barra muito boa, onde os Pangayos entraõ & saem francamente, & nella ha muyto peixe, o qual não he pescado dos naturaes da terra, porque não ousaõ sayr fora do rio a pescalo em suas Almâdias, q̃ saõ pequenas, & somente o pescão em couaõs, que armaõ no rio, & nos esteiros que entraõ pola terra, onde tomão peyxe miudo. Este territorio de Loranga he pouoado de Cafres Macûas Gentios, pretos de cabello crespo; os mais delles trazem cornos feitos do mesmo cabello, & muitos delles saõ pintados polo corpo cõ ferro, & tem as queyxadas furadas por galantaria, como os Macûas de Moçambique, de que adiante falarey mais largamẽte. Entre estes viuẽ algũs Mouros pretos, os mais delles pobres, & quasi semelhantes aos Cafres em seu modo de viuer. Toda esta terra he sogeita a hum Cafre chamado Bano, & a seus irmãos, que viuem nella repartidos em diuersas aldeas.

Rio de Lorãga.

liu.3.c.1

Bano senhor de Loranga

São todos commummente bẽ despostos, & bem inclinados. O seu principal trato & cõmercio, que tem com os Portugueses, he de Marfim, arroz, milho, painço, inhames, & outros muitos legumes, q̃ esta terra cria, em grande abũdancia. Os Portugueses lhe leuão pannos, estanho, & contas de varias cores, de barro vidrado, com que os Cafres se vestem, & fazem galantes. As fazendas desta terra saõ searas dos mantimentos q̃ tenho dito, & estas grangeadas polas molheres, cõ tanto & mais cuydado que entre nos polos homens, porque ellas roção, cauaõ, semeão, & colhem as nouidades. Os homẽs passeão, conuersaõ, pescaõ, & cação, & leuão boa vida, & daqui vem serem as molheres desta terra escassas, & os homẽs liberaes. Ha nesta terra palmares, de q̃ os Cafres não sabem tirar vinho, nem outro proueito, mais q̃ os cocos pera comerem. E posto q̃ a terra he fertil, & de grandes pastos, tẽ pouca creação de gados, porq̃ estes Cafres saõ de pouco trabalho, & mais dados a baylos, & festas, que a grangearias; cõtentaõse com o comer ordinario de arroz, ou milho, & legumes,

mes. Tambẽ comem ratos, cobras, & lagartos, & zombão de quẽ os não come. Criãose nestas terras muitos tigres, onças leões, elephantes, bufaros, merũs, veados, gazellas, muitos gatos d'algalea, infinitos bugios, & monos, & os Cafres cação todos estes animaes, & comẽlhe a carne. Nos campos, & matos ha muito mãgericaõ, madresylua, mosquetas, & jasmĩs, de suaue cheiro.

Crẽ q̃ ha hũ Deos q̃ està no ceo.

¶ Estes Cafres no q̃ toca â religião adoraõ hũ sò Deos, q̃ està no ceo, crẽ a immortalidade da alma, não negaõ a prouidẽcia diuina, crem q̃ ha demonios, & q̃ saõ maos, & q̃ todos os bẽs vẽ de Deos, & cõ tudo isto saõ grãdes blasfemos, porque quando lhe as nouidades não respondẽ como querẽ, ou lhes não socedẽ as cousas a seu gosto, dizẽ mal de Deos, & q̃ faz o q̃ não deue, & outras palauras semelhantes. A esta terra foy ter o P. Fr. Thomas Pinto da ordẽ dos Prẽgadores, Inquisidor da India, quando se saluou da perdição da nao Sãtiago, & aqui lhe faleceo hum seu sobrinho, q̃ leuaua cõsigo, polo qual respeito algũs Cafres principaes da terra o foraõ visitar, & querendoo consolar de seu nojo, lhe disseraõ, q̃ Deos o fizera muito mal cõ elle, em lhe dar tantos trabalhos na sua perdição, & agora em lhe matar o sobrinho, & q̃ naõ se fiasse delle, porque era mao: mas o Padre acodĩdo pola honra de Deos, lhe disse o q̃ em tal materia cõuinha, & facilmente os cõuenceo, porque não saõ homẽs de muitas repostas, nem replicas.

¶ CAPITVLO XXIII.

Dos casamentos, festas, & superstições, que os Macũas do rio de Loranga tẽ em suas mortalhas.

OS mais destes Macũas de Loranga tẽ duas molheres, & algũs mais nobres & ricos, alẽ das molheres tẽ mancebas, mas os filhos destas não saõ herdeiros da casa, & bẽs de seus pais, como saõ os filhos das duas legitimas.

Como casão.

O dia de seu casamento, logo pola manhã começão duas, ou três Cafras, a cantar, tãger, & bailar à porta da desposada, & a estas se vão ajũtando outras, de modo que ao meyo dia està ali junta toda a gente daquella aldea, festejando & bailãdo, & nisso gastão o dia todo, &

quantos vão âquellas vodas offerecem à desposſada, arroz, milho, feijões, painço, figos, & farinha, em cõpetencia de quẽ primeiro lhe fara sua offerta, & de tudo o que lhe offerecem lanção primeiro hũa maõchea sobre os tangedores, & bailadores, & juntamẽte enfarinhão hũa façe, & o olho esquerdo. Esta festa se acaba ao sol posto, porque entaõ leua o noiuo a esposa pera sua casa, acompanhada desta gente, & dali por diãte fica tida por sua legitima molher, sem mais çeremonias.

Festas destes Cafres.

¶ Tem muitos dias de festa, em que fazem algũas supersticões, como he não comerẽ nelles cousa algũa, mas bebẽ todo o dia & noite seguinte de hum çerto vinho que fazem, asſi de milho, como de hũa fruta, a q̃ chamão Putò, que em verde toca de azeda, & he apetitosa, & madura he muito doce, & sabrosa. E destes dous vinhos que tem feitos pera estes dias de festa bebem de modo, que sempre andão bebados bailando, tangendo, escaramuçando hũs cõ outros, & fazendo de si tantas visagẽs, enramados, & enfarinhados, que parecẽ andando ministros do diabo, ou soldados de Baccho, quando triũphaua da India.

Bailes diabolicos

Esta gente dâ muito credito a seus feitiçeiros, & a suas sortes, que lanção pera adeuinhar o que querẽ saber. Quando querem descubrir algũs furtos, ajuntaõse muitas Cafras, & todas fazem hum bailo, no qual juntamente dizem hũas çertas cantigas, & tanto cantão, & bailaõ, atè que mouidas de hum furor diabolico, pareçem doudas, ou endemoninhadas, & neste tempo entra o demonio em hũa dellas, & descobre o furto. O gouerno desta gẽte he de pouco trafego: tem em cada aldea hũa cabeça, que os gouerna, a que chamão Fumo, este determina verbalmẽte suas differẽças, que saõ poucas, & quando o Fumo as não pode julgar, o Bano senhor das terras as determina com conselho dos mais Fumos, q̃ se ajuntão pera isso em hũ terreiro à porta da casa do mesmo Bano. Saõ homẽs de grandes cõprimentos, & em suas visitas vsaõ de tantos, q̃ primeiro q̃ começẽ a fallar do negoçio à q̃ vẽ, se gasta grande espaço de tẽpo em cortesias de ambas as partes, & isto lhe vẽ de serẽ ociosos, & desoccupados. Saõ de cõdição mauiosa.

Vsão de muitos cõprimentos.

Quando

¶ Quando morre algũ destes Cafres, a primeira cousa q̃ se faz por sua morte, he sayrse hum parente dos mais chegados fora da casa do mesmo defunto, & prantealo ẽ vozes altas, a q̃ acode a gente toda daquella aldea, & todos juntos começão hum pranto muy sentido com vozes entoadas, & tão lastimosas, que mouem a cõpaixão a quem as ouue. Dura este pranto hũa hora, pouco mais, ou menos. O defunto se amortalha quasi ao nosso modo, enuolto em hum bertangî preto, & atado cõ muitas tiras do mesmo bertangî. Enterraõ com elle seu arco, frechas, & azagayas, & as mais armas que tem, & milho, arroz, feijões, & outros legumes. Poemlhe sobre a coua o leito, ou esteira em que dormia, a tripeça em que se assentaua, & depois de enterrado lhe queimão a casa palhaça em que moraua, cõ todo o mouel que tinha, porq̃ ninguem pode possuir cousa de que o defũto se seruia quando era viuo, nẽ tampouco porlhe a mão: & se acõtece que alguẽ toque cousa do defunto, naõ entra em sua casa atè se naõ ir lauar ao rio. A cinza da casa q̃ se queimou, com alguũs pedaços de paos, que se não acabaraõ de queimar tudo junto lhe poem sobre a coua. O defunto se prantea oito dias continuos, começando da meya noite por diante, entoando hum Cafre o pranto, a cujas vozes se leuantão os mais do lugar, & juntos vão continuando o pranto na forma que atras fica dito por espaço de hũa, ou duas horas. Entre dia vaõ â sepultura do defunto, & dizendolhe certas palauras, lhe lanção encima milho, feijões, & farinha de arroz, & cõ ella juntamente enfarinhão hũa face, & hum olho, & desta maneira andão sem lauar o rosto, atè q̃ a farinha lhe cae de todo. Cõ esta ceremonia dizem que encomendão suas sementeyras aos defuntos, & cuidão q̃ suas almas lhe podem nisso valer, & dar boas nouidades.

Como chorão os defuntos.

Superstições que tem.

¶ Por aqui demos fim a este liuro 2. & da mais costa que vay correndo atè o cabo Delgado fallarey no liuro seguinte.

FIM DO SEGVNdo liuro.

LIVRO TERCEIRO, DA ETHIOPIA ORIENTAL, EM QVE SE DA RELAC,AM DA ilha,& fortaleza de Moçãbique,& do Maurûça Rey da terra firme,que estâ defronte,& seus custumes, & das ilhas de Quirimba,atè o Cabo Delgado,& seus habitadores,& cousas muy notaueis, que ha nesta costa.

¶ CAPIT. PRIMEIRO, ¶ *Dos Cafres Macûas da terra firme de Moçambique, & de seus custumes, & de como conquistarão aquella terra.*

EM Toda esta costa,que vay correndo dos rios deCuama atè a ilha de Moçambique, (que saõ cento &trinta legoas de terra)não ha Reys poderosos, & grandes,como saõ os de que tenho tratado no primeyro & segundo liuro. E posto que aja nella muytos senhores de vassallos,comtudo nenhum delles tem titulo de Rey, inda que algũs Mouros ha, que viuem por esta fralda do mar em pouoações pequenas,osquaes se chamão Reys dos mesmos lugares em que viuem, & saõ como antiguamẽte era o Rey de Sofala Zufe, a quem matou Pero d'Anhaya,de pouca sustancia,& vassallos. Mas polo sertão dẽtro desta terra viuem algũs Reis grandes, &poderosos, Cafres Gẽtios de cabello crespo, os quaes pola mayor parte saõ Macûas de nação. Hũ delles,q̃ agora semc offerẽce,cõ quẽ os moradores deMoçãbique tratão , & vizinhaõ, he o Maurûça,de quem me pareceo deuia dizer aqui algũa cousa.

Liu.1.c.3.

OS Cafres da terra firme de Moçambique saõ Macûas Gentios,muito barbaros &grandes ladrões.O seu Rey se chama Maurûça. Esta nação de Macûas,de que ja falei atras algũas vezes, he a mais barbara,& a mais mal inclinada, q̃ todas asnações deCafres q̃ tenho visto nesta costa.O seu modo de fallar he muito alto, & aspero,como quẽ pelleja: & assi

asſi a primeira vez que os vi eſtar fallãdo, cudei q̃ pellejauão. Todos ordinariamente limaõ os dentes de çima, & de baixo, & tão agudos os trazem como agulhas. Pintaõſe todos polo corpo cõ hũ ferro agudo, cortando ſuas carnes. Furaõ ambas as queyxadas das pontas das orelhas, quaſi atè a boca, cõ tres ou quatro buracos de cada parte, por cadahum dos quaes cabe hũ dedo, & por elles lhe apparecẽ as gingiuas, & os dẽtes, & lhe corre ordinariamente a humidade, & coſpinho da boca. E por eſſe reſpeito, & tambẽ por galantaria trazẽ em cadahũ deſtes buracos metida hũa rolha de pao, ou de chũbo, q̃ pera iſſo fazẽ redõda, & os q̃ as podẽ trazer de chũbo ſaõ mais ricos, & tratãoſe com mais cuſto, porq̃ o chũbo val muito entre elles. Tambẽ trazẽ dous buracos nos beiços no de çima metem hũ pao delgado, como hũa penna de galinha, de cõprimẽto de hum dedo, & ali o trazem direito pera fora, como hum prego, & no de bayxo trazẽ hũa grande rolha de chumbo, encaixada, tão peſada, que lhe derruba o beiço quaſi atè a barba, & aſsi lhe andaõ ſempre aparecendo as gingiuas, & dentes limados, q̃ parecẽ demonios. Trazẽ mais as orelhas todas furadas ẽ roda cõ muitos buracos, & nelles metidos hũs paos delgados como agulhas de redẽ, de comprimento de hum dedo, q̃ parecem porcos eſpinhos. E tudo iſto trazẽ por galantaria & feſta, porque quando andão anojados, ou triſtes, deixão tudo iſto, & trazẽ todos os buracos deſtapados. He gẽte muito robuſta, & de muito trabalho.

Furaõas queixadas por galantaria.

Todos andaõ nûs, aſsi homẽs, como molheres, & quando andaõ bẽ veſtidos trazẽ hũa pelle de bugio, ou d'outro animal çingida da cintura atè os joelhos. Em todos os mais custumes, tratos, modos de viuer, ſuſtentação & lugares em q̃ habitão, ſaõ muito ſemelhantes aos Cafres de Loranga, de q̃ jà faley atras, & deixo de o repitir aqui por abreuiar. Eſtes custumes q̃ tenho dito, ſaõ de quaſi todos os Cafres deſta coſta, q̃ viuẽ polos matos, & mais em particular deſtes Macûas, nos quaes ſe achão mais brutalidades.

Liu. 2. c. 22. & 23.

¶ Dos Macûas do rio de Quizungo ſe cõta, q̃ quando ha de caſar algũa moça dõzella ẽtre elles, a meſma moça ſe ſae fora

Macûas do rio de Quizungo.

da pouoação em q̃ viue, & se vay aos matos, nos quaes ãda toda hũa lua inteira, como em degredo, sintindo, & lamẽtando a virgĩdade q̃ ha de perder; pranto bẽ differente do q̃ fez a filha de Iephte, a qual sabẽdo que seu pay a queria sacrificar polo voto q̃ tinha feito, pedio lhe licẽça pera andar dous meses polos mõtes, chorando sua virgindade cõ suas amigas, & cõpanheiras: mas esta choraua porq̃ morria sẽ filhos, cousa q̃ na ley dos Iudeos era muy abominada: & as Cafras dizẽ que chorão a virgindade q̃ hão de perder. Nestes trinta dias, q̃ as Cafras tomão pera este prãto podẽ ser visitadas, & acõpanhadas de suas amigas, & parẽtas, & todas as noites podẽ vir dormir a suas casas, & pola manhã tornar a continuar o degredo, atè q̃ appareça a lua noua: no qual dia a mesma desposada, & seus parẽtes, & amigos fazem grandes festas, & bailos, & no dia seguinte se faz o recebimẽto, q̃ he entregar a desposada a seu marido sem mais ceremonias. Estes Cafres de Quizungo forão os q̃ catiuarão, & tiuerão ẽ seu poder o P. Fr. Thomas Pinto, religioso da ordem dos Prẽgadores, Inquisidor q̃ foy da India: o qual foy ter a este rio cõ os outros seus companheiros, que se saluarão da perdição da nao Sãtiago, que deu nos baixos da Iudia, como mais largamente contarei adiante.

Iudicũ cap. 11.

Casamẽto das Macũas

¶ Tornando pois ao Maurûça, & a seus vassallos Macûas, que habitão as terras fronteiras a Moçambique, he de saber, q̃ sendo elles estrangeiros, vierão antiguamente cõ guerra sobre os naturaes destas terras tambẽ Macûas, & por força d'armas lhas tomarão, & se apossarão dellas: o que fizerão com pouco trabalho, por causa da grande crueldade q̃ vsauão, em comer carne humana dos Cafres q̃ matauão na gũerra, & inda dos q̃ tomauão viuos. E por isso os naturaes lhe largarão a mayor parte da terra, & se assombrauão de ouuir nomear o Maurûça. Tão encarniçados ãdauão estes Macûas ẽ suas mortes & latrocinios, q̃ se não occupauão ẽ outra cousa, mais q̃ em roubar, matar, & comer quanto achauão, & mui poucos se dauão a cultiuar as terras, que tyrannicamente tinhão vsurpado, porq̃ todos naturalmẽte (inda que robustos, & sofredores de trabalho) são

Os Macûas comẽ gẽte.

pri

priguiçosos, & dados ao ocio, causa prĩcipal de todos os males, que cometião. Nesta ociosidade, & carniçaria foraõ continuando algũs annos, atè que na era do Sñor de 1585. sendo Nuno velho Pereira capitão de Moçambique, se desmandâraõ mais, & tomaraõ tanta ousadia, que vinhão muitas vezes à praya da terra firme, onde os Portugueses de Moçambique tem seus palmares, hortas, & searas, que saõ as fazendas desta terra, & nellas fazião muitos roubos, forças, & mortes, de modo que os Portugueses vinhão quasi a perder, & desemparar suas fazendas; & quando menos mal lhe fazião era virem os Cafres a ellas, & meteremselhe em casa, pedindolhe pannos, & de comer, & de beber, & se lhe não dauão quanto querião, lho tomauão por força, & muitas vezes lhe queimauão as casas, & cortauão as palmeiras. De maneira que os Portugueses não podião ser senhores de suas fazẽdas, & aquelles que com estes encargos as querião sustentar, recebião mais perda do que ellas valião, & juntamente se arriscauão a serem mortos, & comidos polos Cafres.

Insolẽcias dos Macûas

¶ CAP. SEGVNDO,

¶ Da guerra que os Portugueses de Moçambique tiueraõ com o Maurûça, & do roim sucesso della.

VEndo Nuno Velho Pereira, tanto atreuimento & soltura dos Macûas, determinou tomar delles vingãça, destruilos, & queimarlhe a cidade em q̃ o Maurûça moraua, q̃ estaua tres ou quatro legoas pola terra dentro. Pera o qual effeito mandou quarenta Portugueses, ẽtre soldados da fortaleza, & casados de Moçambique, dos que tinhão fazendas na terra firme: os quaes magoados das muitas forças, & perdas q̃ tinhaõ recebido dos Macûas, se offereceraõ de boa võtade pera este assalto, leuando consigo seus escrauos, & outra muita gẽte forra da terra, que serião perto de 400. homẽs, & por capitão de toda esta gente mandou Antonio Pinto seu criado, tambem casado na fortaleza. Concluyda esta determinação, & aparelhadas as cousas necessarias pera esta guerra, passâraõ da ilha pera a terra firme hũa tarde ao sol posto com muito segredo, sem dizerem pera onde hião, com

Guerrã dos Portugueses cõtra os Macûas

proposito de caminhar de noite, & de madrugada darem sobre o Maurûça, que estaua descuidado. Esta determinação se pos em effeito, porque foraõ atè a cidade do Maurûça, onde chegaraõ de madrugada, & acharaõ a gente toda descuidada, & mataraõ muita parte della, sem auer resistencia algũa; polo que com pouco trabalho destruiraõ a pouoação, & lhe puseraõ fogo.

Destruição dos Mucũas & sua cidade.

¶ Os Macũas que puderaõ fugir deste assalto, se foraõ embrenhar polos matos, que estaõ ao redor da cidade, & depois se ajuntaraõ todos, & se meteraõ em hum mato, que estaua no caminho, por onde os Portugueses auião de tornar pera Moçambique, com intento de se vingarem delles, se pudessem. Por outra parte os Portugueses, vendo que não auia mais que fazer na cidade, pois ficaua queimada, & os Cafres della mortos, & fugidos, cuydaraõ que tudo ficaua seguro, & deraõ as espingardas a seus escrauos pera que as leuassẽ, & elles meteraõse em seus andores, em que outros escrauos os leuauaõ âs costas: & desta maneira se tornauão a recolher pera Moçãbique, espalhados hũs dos outros, com muita desordem, como quẽ caminhaua por terras seguras. Mas os Cafres que os estauaõ esperando com mais ordem, & melhor cuidado, tanto que os tiueraõ a bom lanço, deraõ subitamente sobre elles com tanto impeto, & raiua, que a todos mataraõ, sem ficarẽ mais que dous, ou tres Portugueses, & algũs Cafres, q̃ se embrenharaõ polos matos, onde estiueraõ escõdidos, & dahi a tres dias vieraõ ter a Moçambique, & deraõ as nouas do roim sucesso de seus copanheiros, que ficauão mortos, & comidos polos Macũas do Maurûça. Outros muitos desastres semelhantes a este tem acontecido aos Portugueses, pola muita confiança, que tem de suas pessoas nestas partes, & pouca conta em que tem os Cafres.

Morte & destruição dos Portugueses.

¶ Algũs tempos continuou o Maurûça cruel guerra cõ os Portugueses de Moçambique, destruindolhe suas fazendas da terra firme, como fica dito, que foraõ os primeiros annos que elle andou nestas terras, como leuantado, & forasteiro: mas depoisque fez assento nellas, & começou de as cultiuar, vendo qne lhe era necessario

ter cõmercio, & trato com os Portugueses moradores de Moçambique, polo proueito que disso lhe vinha, fez pazes com elles, & pera confirmação dellas mandou, que nenhum Macûa fizesse mais força, nem roubos nas fazendas dos Portugueses, nem comesse carne humana, senão que todos cultiuassem as terras, & tiuessem commercio cõ a gente de Moçambique, cõprandolhe, & vẽdendolhe suas mercadorias amigauel, & fielmente. O que se cumprio mal muitos annos, porque sempre estes Cafres se desmandarão, vsando de seus ordinarios, & crueis custumes, & mais por força, & medo do Maurûça, q̃ por vontade guardauão suas leys, contrarias a sua mâ inclinação. E quanto ao comerem carne humana, jà o não fazẽ publicamente, mas em secreto todas as vezes que podem a comem, como se verâ nos casos do capit. seguinte.

Pazes do Maurûça cõ os Portugueses.

¶ CAPITVLO III.

¶ De algũs casos estranhos, que socederão em Moçambique.

NO tempo que o Alferez môr de Portugal Dom Iorge de Meneses foy capitão de Moçambique, que foi no anno do Senhor de 1586. socedeo, que vierão dous Cafres Macûas vender hũa negra aos Portugueses, a qual deuia ser furtada, como elles custumão fazer; & chegando com ella a hum palmar dos que estão na praya da terra firme, acharão nelle hũa molher, que era senhora daquella fazenda, & disserãolhe que lhe comprasse a negra; & vindo a preço, pedirãolhe por ella dez pãnos que valerião mil & quinhentos reis, & não lhe querendo ella dar mais que cinco, respõderão os Macûas, que antes a querião comer, que darlha tão barata. E vendo, que nem ella nem outrem lhe daua pola negra o que pedião, forãose pera hum mato, que estaua perto, & matarão a negra, & nelle estiuerão tres, ou quatro dias, comendoa, cozida, & assada. Deste caso teue logo noticia o capitão de Moçambique, & mandou prender a molher do palmar, & a castigou muy asperamẽte, por não querer comprar a negra, & por ser occasião de os Cafres a matarem, & comerem, & juntamente castigou algũs Cafres Gentios, dos que morão por aquelles palmares, que

Caso estranho.

que soube ajudaraõ tambem a comer da mesma negra.

¶ No anno do Senhor de 1596. aconteceo em Moçambique o caso seguinte. Viuia nesta ilha hum Portugues, chamado Francisco Leitão, casado com hũa mistiça, que fora jâ casada outra vez, & era rica, & tinha fazendas, & palmares da outra banda na terra firme onde tinha seus escrauos, q̃ lhe administrauão esta fazenda. Socedeo, que este Francisco Leitaõ teue roins sospeitas de sua molher, por algũs indicios que o diabo lhe representou, polos quaes a matou, & fugio logo pera a terra firme ẽ hũa embarcação que tinha prestes pera isso na praya com seus remeiros, & foyse meter no seu palmar: onde ẽ chegando foy sabida polos negros seus escrauos que la estauão, a causa de sua fugida, & que deixaua sua senhora morta. Polo qual se indignaraõ contra elle de tal maneira, que o mataraõ âs frechadas, & azagayadas, dizendo q̃ vĩgauão a morte de sua senhora, que era innocẽte. E depois de o matarem fugiraõ pera o Maurũça, demodo que ambos os senhores foraõ mortos dentro em hũa hora, pouco mais, ou menos.

Grande atreuimento d' escrauos

¶ Soubese logo em Moçãbique este caso, & o atreuimento destes escrauos: polo q̃ mandou o Ouuidor pedilos ao Maurûça a troco de roupas, q̃ lhe mandou â custa da fazẽda dos mortos. E o Maurûça tanto que vio as roupas, mouido da cobiça dellas, entregou os homicidas, que eraõ quatro, à justiça, & por ella foraõ presos & sentençeados à morte. A dous delles atanazaraõ, cortarão as mãos, enforcaraõ, & esquartejaraõ dentro na ilha de Moçãbique. Aos outros dous cortaraõ as mãos no pelourinho, & depois os embarcaraõ em hum batel, & os leuaraõ á terra firme, indo eu, & outro Padre com elles pera os cõfessar, & animar. E depois de chegados à praya, enforcarão hum delles em hũa aruore da mesma praya, onde tinhão morto o senhor, & depois o esquartejarão, & penduraraõ os quartos polas aruores. O outro Cafre foy asseteado viuo, posto ẽ hũa aruore muy bem atado, & vestido em hũa alua, onde o deixaraõ morto, com mais de vinte frechas pregadas nelle. Mas ao outro dia nem os quartos do negro enforcado, nem

Justiças q̃ se executarão em Cafres.

o corpo

o corpo do aſſetcado, foraõ viſtos, porque aquella meſma noite vieraõ os Cafres da terra firme, & os leuaraõ, & comeraõ, como depois ſe ſoube. De modo que eſtes Cafres Macũas do Maurũça comem gente todas as vezes que o podẽ fazer ſecretamente, & dizem que a carne humana he mais tenra, & melhor que todas as carnes.

¶ CAPITVLO IIII.

¶ Da Ilha, & fortaleza de Moçambique, & ſuas pouoações, & frutos.

A Ilha, & fortaleza de Moçãbique eſtà neſta coſta, ẽ 15. graos da bãda do Sul. He de mais de mea legoa de comprido, & no mais largo terà hũ quarto de legoa, pouco mais, ou menos. Na põta deſta ilha, à entrada da barra eſtà a fortaleza, na qual ſempre reſide o capitão, com ſoldados Portugueſes de guarnição, que toda a noite & dia vigião aos quartos: de dia poſtos à porta da fortaleza com ſuas armas, & denoite por çima dos pannos do muro, & dos balluartes: dos quaes tem quatro fortiſsimos, dous pera a banda do mar, & dous pera a ilha, donde tambẽ ſe deſcobre o mar de hũa parte, & da outra, & nelles eſtão muitas peças d'artelharia groſſa, & fermoſa, em que entrão eſperas, camellos, & colubrinas. Dentro da fortaleza eſtà hũa ciſterna, que leua duas mil pipas de agoa, que ſe toma da que choue nos telhados, & muros, por canos que a ella vaõ ter. A qui dentro eſtão os almazẽs, aſsi da poluora, & couſas neceſſarias pera defenſaõ da fortaleza, como de mantimentos de arroz, & milho, de que ſempre eſtà bem prouida. No meyo do terreiro deſta fortaleza eſtà hũa igreja noua, inda por acabar, que ha de ſeruir de Sè, & junto della outra da Miſericordia.

¶ Eſta fortaleza he hũa das mais fortes q̃ ha na India: foy traçada aſsi ella, como a de Dãmão, por hum Architecto, que foy ſobrinho do Arcebiſpo ſanto de Braga Dom Frey Bertholameu dos Martyres da ordem dos Prẽgadores: o qual Architecto ſendo mancebo ſe foy a Flãdres, donde tornou grande official de Architectura, & depois diſſo foy mandado à India pola Raynha dona

Catherina quando gouernaua este Reyno, pera fazer estas fortalezas: o que foy no anno do Senhor de 1558. quando dõ Constantino foy por Viçerey da India. E tornando este Architecto da India, foyse pera Castella, onde tomou o habito da ordem de S. Hieronymo & foy muy aceito a el Rey Phi lippe II. & por sua traça se fizeraõ muitas obras no Escurial.

Fortaleza d Moçâbique, fundada no anno de 1558

¶ Fora da fortaleza de Moçambique, na ponta da ilha està hũa hermida da inuocação de nossa Senhora do Balluarte, o qual nome lhe puseraõ por respeito de ser a mesma igreja antiguamente hum balluarte, onde estaua a artelharia pera defender a barra, antes que se fizesse a fortaleza: a qual igreja he de muita romagem, não somente dos moradores da terra, mas tambẽ dos mareantes, que nauegão por esta costa, assi de Portugal, como da India. Defronte desta fortaleza pola ilha dentro està hum campo raso muy fermoso, que terà de comprimento mais de hum grande tiro de mosquete, & outrotanto de largo, no fim do qual esta o Conuento de S. Domingos, nouo, & muy fermoso, sem auer nelle outra casa, mais que hũa hermida de S. Gabriel ao longo da praya, defronte da qual surgem as naos que vem a este porto, assi de Portugal, como da India. Alem do Conuẽto de S. Domingos vay correndo a pouoação, em q̃ viuem os Portugueses, & os mais Christãos da ilha, que seraõ por todos duas mil pessoas, pouco mais, ou menos. Nesta pouoação està a fortaleza velha, & nella a Sè antigua, & a casa da Misericordia, que inda oje seruem. Em hum panno do muro desta fortaleza velha està hũa fermosa torre de dous sobrados, com outros aposentos junto a ella, onde viue o Feytor, & Alcayde môr de Moçambique, que polo tempo he. A hũa ilharga desta torre està hũa boa cisterna, & nos baixos da torre a cadea publica. Perto desta fortaleza velha està hum hospital, onde se curaõ todos os enfermos, que adoecem na terra, & os que vem de fora a este porto, assi da India, como de Portugal. O que se faz com muita charidade, & diligencia. Deste hospital tẽ cuydado o Prouêdor, & irmãos da Misericordia, mas o gasto delle he

Nossa S. do Balluarte.

S. Domĩgos.

S. Gabriel.

Fortaleza velha

Hospital d Moçâbique.

le he à custa del Rey, que pera isso manda pagar o capitão da fortaleza, como Veador que he de sua fazenda nestas partes de Moçambique. A este hospital està junta hũa hermida do Spiritosanto, & no cabo da ilha outra de S. Antonio de muita romagem, & deuação, & ambas situadas ao longo do mar.

Pouoaçã de Mouros.

¶ Està tambẽ nesta ilha outra pouoação de Mouros apartada da dos Christãos obra de dous tiros d'espingarda, pouco mais, ou menos, na qual viuem poucos Mouros, & estes pola môr parte saõ marinheyros, pobres, & misquinhos, & ordinariamente andão no seruiço do capitão, & dos Portugueses, dos quaes saõ amigos, & mostraõselhe leaes, ou por medo, ou porque sempre depẽdem delles.

¶ Toda esta ilha he muito seca; não tẽ agoa doce pera beber, nem lenha pera queimar. A agoa lhe vẽ por mar de hũa fonte, q̃ està fora da barra dahi a tres legoas, em hũa baîa chamada Titangòne, muy nomeada, & conhecida de todos os marinheiros da carreira da India, pola bõdade de suas agoas & porque nella fazem agoada todas as naõs de Portugal, & da India. Iunto a esta fonte esteue antiguamẽte hũa pouoaçaõ de Mouros, os quaes sojeytou, & fez obedecer à fortaleza de Moçambique Antonio Galuão vindo da ilha de Quirimba, onde tambem sojeitou os Mouros q̃ nella morauão, q̃ foy no anno do Sñor de 1522. mas já oje não estão neste lugar mais que algũas pobres casinhas de pescadores. A lenha que se queima nesta ilha vem da terra firme, que està defronte, ẽ partes hũa legoa, & mais, & em outras muyto menos de meya legoa. Nesta terra firme & dentro na mesma ilha ha muytos palmares muy ricos, & proueitosos, que dão muito vinho, & cocos. Tem algũas hortas de hortaliça, laranjas, cidras, muytas & boas limas, romeiras, figueyras de Portugal, & da India, parreitas, & muytos ananazes, & algũas fruytas do mato muito boas.

Fonte de Titãgòne.

Frutas de Moçambique.

¶ Nos matos da terra firme ha muitas aruores de pao preto, de q̃ os moradores de Moçambique colhem grande quãtidade, que vendem aos q̃ vão pera a India, & pera Portugal. Nesta terra firme, & tambem na ilha, ha creações de porcos, cabras,

Creações de Moçãbique.

& pera Portugal. Nesta terra firme, & tambem na ilha, ha creações de porcos, cabras, & galinhas, das quaes se refazem as naos deste Reyno, quã do ali vão ter, & de todos os mais legumes, & refresco da terra, & de Cafres, que ali se vendem baratos, & a ilha fica prouida de vinhos, azeytes, queijos, azeitonas, marmeladas, & de tudo o mais que vay de Portugal pera a India. Todo o mais prouimento lhe vẽ da India cada anno, & daqui vay pera as mais partes de toda esta costa, como saõ farinhas, roupas, contas, vestido, & calçado, & todas as mais mercadorias, & cousas necessarias, que não ha naquellas terras. Esta ilha logo no principio, quando foy pouoada polos Portugueses era muy doentia: & assi estão nella enterrados muytos milhares delles, mas jà agora pola bondade de Deos he mais sadia.

Prouimẽto de Moçãbique.

¶ CAPIT. QVINTO.

¶ Das Ilhas de Quirimba, & de seus habitadores.

A Ilha de Quirimbà està sesenta legoas de Moçambique, ao longo da costa, da bãda da India. He hũa ilha de mais de hũa legoa de comprido, & meya de largo, terra muito chã, sem outeiro algum, quasi toda semeada de milho, & outros legumes, que na ilha se dão fertilissimamente. Tem hũa fortaleza çercada, em que mora o senhor da ilha, & dono da mesma fortaleza, q̃ he Portugues. Ao lõgo da praya desta ilha da parte do Norte està hũa fermosa Igreja, que he dos religiosos de S. Domingos, a qual serue de freguesia, assi desta ilha, como das mais, que estaõ nesta costa, atè o cabo Delgado: & todos os moradores dellas saõ obrigados a vir ouuir Missa a esta igreja certos Domingos, & festas do anno, & na Quaresma a confessarse, & commungar. Esta igreja se chama Nossa Senhora do Rosario, a qual edificou Diogo Rodrigues Correa, primeyro senhor desta ilha, & a deu aos religiosos de S. Domingos cõ terras, & palmares, que tem ao redor. De que mais largamente tratarey adiante.

Igreja de Quirimba.

¶ A primeira ilha desta costa indo de Moçambique pera a India, he a ilha das Cabras, de que era senhor hum Portugues chamado Antonio Affonso

Ilha das Cabras.

ſo no tẽpo que eu andaua neſtas ilhas, que foy no anno do Senhor de 1592. Logo adiante deſta eſtà a ſegũda ilha chamada Fũbo, de que então era ſenhor Matheus Mendez Portugues. A terceira ilha eſtà duas legoas adiante deſta, a qual he a fermoſa ilha de Quirimba, de que ſaõ ſenhores os filhos de Diogo Rodriguez Correa, de quem agora fallei. A quarta ilha eſtà hũa legoa de Quirimba, chamada Ibo, de que era ſenhor outro Portugues. Dahi a tres legoas eſtà hũa grande ilha, que he a quinta, chamada Mâtèmo, onde antiguamente ouue hũa grande pouoação de Mouros, cujas ruinas o moſtraõ inda oje: porque tem os portaes & janellas de muytas caſas guarnecidos de columnas bem lauradas. O que tudo deſtruiraõ os Portugueſes, quando foraõ conquiſtando, & tomando eſtas terras aos Mouros, tendo muitas brigas com os moradores deſtas ilhas. Nas quaes inda no tempo que eu ahi eſtiue auia Mouros, que ſe lembrauão dos primeiros Portugueſes, que paſſaraõ por eſta coſta, & da crueldade, de que vſaraõ com os naturaes da terra, q̃ naõ querião paz, & amizade com elles: nos quaes executaraõ taõ grande caſtigo, que a nenhũ perdoarão a morte, nẽ ainda a molheres, & mininos. Deſta ilha Mâtèmo era então ſñor Lourẽço Vaz de Carualho Portugues. Daqui a quatro legoas eſtà a ſexta ilha, a que chamão Macoloê, de q̃ neſte tẽpo era ſenhor Ioão Eſtacio. Dahi a outras quatro legoas eſtá a ſeptima ilha, chamada Xanga, de que era ſenhor outro Portugues, chamado Domingos Caçella. Allem deſta obra de duas legoas eſtà outra, chamada Malinde, de que era ſenhor hum Mouro chamado Muinhe Falumè. Iunto da qual obra de hũa legoa eſtaõ duas ilhas quaſi juntas, que vão correndo ao mar, hũa de hũ Portugues chamado Manoel Gomez, & outra d'outro chamado Manoel Freyre. Deſtas ilhas ao Cabo Delgado ſaõ quatro legoas, onde eſtà a derradeira, chamada do Cabo Delgado, de q̃ era ſenhor Iorge de Barros Botelho Portugues. Outros ilheos eſtão neſta coſta por entre as ilhas nomeadas, os quaes não aponto aqui por ſerem deſpouoados, a hum delles chamão o Ilheo das Rolas, pola grande

Fumbo. Quirimba. Ibo. Mâtèmo. Macoloè. Xanga. Malindè. Cabo del gado. Ilheo das Rolas.

grande creação, que ali ha del las todos os annos, & fazem grande danno nos milhos, de q̃ todas estas ilhas se semeaõ. Polo que no tẽpo de sua creação se vão os moradores das outras ilhas a esta, a destruirlhe os ninhos, & quebrarlhe os ouos, & dos filhos pequenos, q̃ achaõ trazẽ sacos cheos, mas nem isto he bastante pera deixarem de ser infinitas.

Tributo q̃ pagão os Mouros destas ilhas

¶ Em cada ilha destas ha hũa pouoação de Mouros, os mais delles misquinhos, & pobres, mui sogeitos aos senhores das ilhas em que moraõ, a quẽ pagaõ tributo cada anno, que he de tudo o que semeão, & colhẽ na sua ilha de vinte hum, afora o dizimo, que pagão à nossa igreja.

¶ Todas estas ilhas saõ muito sãdias, & de muy bõs ares, particularmente Quirimba, & a ilha do Cabo Delgado, & a das Cabras; ainda que por serẽ os ares muito sotîs, & penetrãtes, morre nellas muita gẽte de âr, particularmente velhos, & mininos. Pera esta infirmidade tem muitos remedios, & a sabem muito bem curar, como mal continuo, & caseiro. Primeiramente, a toda pessoa em que dà o âr, logo a defumão cõ

remedio pera curar o âr.

esterco de elefante, mostarda, cascas de alhos, & hũa certa semente, a que chamão Ingo, que he como sizirão verde, de cheiro muy fortũm. E com tudo isto junto, deitado em braseyros, vão defumando o doẽte duas, ou tres vezes no dia, & a cabo de quatro, ou cinco dias, que cõtinuão isto, fazem hum excellente vnguento de meya canada de azeite de oliueira, & hũ quartilho de vinho branco de vuas, & pouco mais de hũa quarta de pão da China desfeito em migalhas, & tudo junto ferue no fogo atè que se gasta o vinho, ficando somente hum quartilho de azeite: no qual coado deitão hũa pequena de cera bella, pera se coalhar: & assi fica feito o vnguento, & cõ elle vntão toda a parte tomada do âr pola manhã, & ao meyo dia, & à noite. E desta maneira em breue tẽpo saraõ os doentes deste mal, & ficão tão saõs, como se nunca lhe dera o âr. De outra mẽzinha vsaõ tambem muy excellente, que he hũa certa rayz de pao, a que chamão Coto, moida, & desfeita em agoa morna, com a qual vntão a parte lesa, & saraõ em breue tempo.

Outro remedio cõtra o âr.

Cap.

¶ CAPITVLO VI.

¶ *De algũas cousas notaueis, que ha nestas ilhas de Quirimba.*

Creações de Quirimba.

EM todas estas ilhas de Quirĩba ha muitas creações de vaccas muito mansas, & os touros tambem saõ mansissimos. Tem sobre os hombros hũa corcòua, como hũa grande abobora de Guinè, que lhe dece sobre o pescoço, a carne da qual he como vure de vacca muito gorda. Hum touro velho quiseraõ coar ẽ Quirimba, por não prestar ja pera casta: mas não o souberaõ fazer, & assi morreo. Este touro viraõ outros do mesmo rebanho morrer, & esfollar em hum campo jũto do curral, onde todos se recolhiaõ com as vaccas: os quaes com esta vista começaraõ a dar taõ grandes berros, & mugidos, que parecião chorar com sentimẽto a morte do touro morto, do qual os mais delles eraõ filhos. E depois de tirarem a carne do lugar onde o esfollaraõ, se foraõ os touros viuos âquelle lugar a cheirar o sangue, arranhando a terra com as vnhas, & dando terribeis, & espantosos mugidos. E nisto continuaraõ muitos dias â tarde quando se recolhião do campo, particularmente hum, que foy cõtinuando desta maneyra mais de hum anno. O qual touro todos os dias â tarde, quando se recolhia pera casa com o mais gado, tanto que chegaua ao curral, apartauase dos outros, & hiase direito ao lugar, onde vira morrer o touro, que tenho dito, & nelle cheyraua, & arranhaua com as vnhas hum grande espaço de tempo, & depois disso daua dous, ou tres mugidos muyto grandes, & tornauase pera o curral. Isto que tenho dito, vi eu fazer a este touro muytas vezes, achãdome no mesmo lugar ao tempo, que as vaccas se recolhião do campo. No que vi claramente verificado, o que refere o glorioso S. Bernardo, acerca do pranto que fazem os touros na morte dos outros, trazendoo em hum seu sermão, onde diz, que os touros, quando achão outro algum morto, choraõ, & mugem sobre elle, & quasi mouidos de hum deuido, & natural sentimento de piedade, & humanidade, celebraõ suas exequias, como se foraõ racionaes.

Os touros sentẽ a morte dos outros.

Ser. de triplici genere bonorum.

Abundá ciadestas ilhas.

¶ Em todas estas ilhas ha grandes creações de porcos, & cabras fertilissimas, as quaes ordinariamẽte parem duas vezes no anno dous, & tres cabritos de cada parto. Ha muitas creações de galinhas, adẽs & pombas mãsas, que se crião em põbaes. Tem muitos palmares, que dão muito vinho, & cocos. Tẽ algũas hortas & quintaes cõ romeiras, larangeiras, limeiras, & figueiras da India. Polos cãpos ha muito mangiricão, como alfauaca: a qual herua se dà nos mais dos campos desta costa. Ha grandes sementeiras d'arroz, q̃ he a principal veniaga de todas estas ilhas.

Herua de q̃ se faz o Anil.

¶ Nestas terras q̃ tenho nomeado ha muita herua de q̃ se faz o Anil. A qual nace polo campo em moutas d'altura de hũa vara de medir: na cor, & na folha he mui semelhãte â Arruda, mas nenhum cheiro tẽ. Esta herua colhẽ os Mouros destas ilhas pera fazerem tinta azul. E depois de a terem colhida algũs dias, a pizão muyto bem, & assi a deitão de molho em hũas gamellas d'agoa, onde se està cortindo, & apodrecendo, & alli a vão mexendo, pera que se desfaça. E depois de bẽ desfeita lhe dão hũa feruura, onde tambem a mexem, & desfazem, atè que fica como polme: & depois disto a tornão a lançar em gamellas, ou pias de pedra, & a poem ao sol a curar, onde se vay coalhando, & secando, & tomãdo a cor azul que tem, & dalli a tirão em pedaços secca, & dura como pedra. Este he o Anil, de que os Mouros fazem suas tintas pera tingirem o fiado d'algodão, & de seda, de que em todas estas ilhas fazem ricos pannos pera se vestirem as molheres, assi Portuguesas, como Mouras, & tambem os Mouros graues. Estes pannos teçem os Mouros, que nestas ilhas ha grãdes teçelões, aos quaes chamão teçelões de Miluâne, & os pannos que teçẽ tem o mesmo nome. E a causa disto he, porque antiguamente morauão todos estes Mouros na terra firme ao longo de hum rio, que se chama Miluâne. Mas depois, que os Muzimbas passarão por estas terras destruindoas, & comendo quanto nellas auia, fugirão os Mouros pera estas ilhas, onde agora viuem, & nellas trabalhão todos em seu officio, como lá fazião: mas os pannos, que inda

Teçelões de pãnos de *Miluâne*

oje fazẽ não perderaõ o nome de panos de Miluâne: os quaes tambem saõ muito estimados dos Reys Cafres de Sofala, & rios de Cuama. Estas terras, que correm polo sertão dẽtro desta costa se chamão do Embeöe.

¶ CAPIT. SETIMO.

¶ Da ilha do Cabo Delgado, & do precioso Mannâ que nella se cria, & do Coral, & Coco de Maldiua, que se acha no mar destas ilhas.

A Ilha do Cabo Delgado està situada tres ou quatro legoas ao mar defrõte da terra firme do mesmo Cabo. He muito fermosa, & grande, & a vltima de todas as ilhas de Quirimba. No tempo que eu estaua nesta costa, era senhor della hum Portugues, chamado Iorge de Barros Botelho. He pouoada de Mouros, & algũs Gentios, como as mais desta costa. He fertil de mantimentos, & creações de cabras. Nos matos desta ilha ha muito Mannà: o qual se gêra, & cria do orualho do ceo, q̃ cae sobre certas aruores, que ha nesta ilha: nas quaes somente este orualho se coalha em cima dos troncos, & dos ramos, & das mesmas folhas, & depois de coalhado fica como açucar encandilado, pegado nos paos a modo de resina, & pẽdurado das folhas, que parece estando Aljofar. Daqui o colhẽ os moradores da ilha, & enchem muitos azados, jarras, & frascos, q̃ vendem a todos os que por ali passaõ muito barato. Este Mannà he doce como açucar; com elle se purgão na India, & por toda esta costa ordinariamente. Eu fuy algũas vezes a esta ilha, & por recreação fuy ao mato em cõpanhia dos moradores della, & apanhei com minha mão hum frasco de Mãnà mais por curiosidade, q̃ por me faltar quem mo desse: porque na ilha me dauão degraça quanto eu queria. As aruores onde se coalha, & cria este Mãnà saõ quasi como as de esteua dos nossos matos, asi na grandeza & feição da aruore, como na folha. E cõ auer nesta ilha outras muitas aruores de differentes castas, somente nestas q̃ tenho dito, se acha este precioso Mannà.

Mãnà da ilha do Cabo delgado.

Aruores onde o Mãnà se cria.

¶ No mar desta costa do Cabo delgado se cria coral preto polo

Coral preto.

polo fundo do mar, estendido em longo da feiçaõ de hũa rota. Naõ tem nôs, mas tẽ hũas raizes pequenas, & delgadas, como barbas, com que parece estar pegado no fũdo do mar. Algũs marinheiros o tem leuantado nas vnhas da fateixa de suas embarcações, quando as leuantão do mar. Hum marinheiro me deu hum pedaço deste coral de comprimẽto de quasi hum couado, & de grossura de hũa pẽna de pato. Este coral quando logo sae do mar vem correento & brando, que se pode dobrar, mas depois q̃ lhe dâ o âr fora d'agoa, vayse fazendo duro como pedra.

Nesta costa se achão polas prayas algũs cocos de Maldiua; os quaes dizem, que nacẽ no fundo do mar, em hũas palmeiras muito grossas, & curtas, que sempre estão cubertas de agoa em algũas ilhas allagadiças de Maldiua, situadas no mar da India, defronte da ilha de Ceylão. Estes cocos depois que saõ de vez, & estão em sua perfeição, caem das palmeiras, & vindo acima d'agoa, os ventos, & as correntes os leuaõ de hũa parte pera outra, atè que vão dar em algũa costa, onde os tomão. Nesta da Ethiopia se achão muitos, os quaes saõ muy estimados, & dizem que saõ muyto grande cõtrapeçonha.

Cocos d Maldiua

¶ A terra firme, que corre ao longo destas ilhas de Quirimba, & de Moçambique, atè este Cabo Delgado, toda he pouoada de Barbaras nações de Cafres de cabello reuolto Gentios, os mais delles Macũas furados, & pintados, como os de que tenho fallado atras. Algũs Cafres destes, q̃ habitão perto do Cabo Delgado, jà se não pintão, nem furaõ, nem vsaõ de cornos, antes rapaõ as cabeças. Polo sertão dentro deste Cabo està o Reyno do Mongallo, Cafre Gentio, senhor de muitos vassallos. Suas terras saõ fertilissimas, & abundantes de mantimentos. Neste Reyno dizem que està hũa fonte, que conuerte em pedra os paos, que lhe deitaõ dentro, de que jà tratei no liuro segundo.

Cafres do Cabo delgado.

¶ CAPITVLO VIII.

¶ *Da ilha de S. Lourenço, & da morte do Padre Frey Ioão de S. Thomas, que nella matarão os Mouros.*

Defron

DEfrõte desta Ethiopia, de que atego. ra falley, do Cabo das Correntes, atè o Cabo Delgado, em todo este golfaõ, jaz a ilha de S. Lourẽço, aqual tẽ 300. legoas de cõprido, & 90. de largo, ficando entre a ilha & a terra firme da Ethiopia hũ braço de mar, que no mais estreito tẽ 60. legoas, de trauessa, q̃ he defronte de Moçãbique. Esta ilha foy descuberta pola armada de Tristão da Cunha, quãdo foy à India por capitão mór, no anno do Sñor de 1506. em dia de S. Lourẽço: polo qual respeito lhe ficou o nome do mesmo sãto, chamandose antiguamente Madagascar. Toda esta ilha he muito fertil, asi de mantimẽtos, como de creações. Tẽ muito arroz, milho, & legumes & hũas certas rayzes de herua saborosas, & sustanciaes, de q̃ os naturaes se sostentão muita parte do anno. Tẽ muitas cidras, & limas muito boas: muitas cãnas d'açucar, q̃ lhe seruẽ de mantimẽto, & não sabẽ del las fazer açucar, tẽ muito gengiure: muitas fontes, & rebeiras perẽnes, grãdes, & de boas agoas: tẽ muitos matos, syluados, & bosques desertos, em q̃ se crião muitas feras, & animaes syluestres. Tẽ muita caça, a q̃ os naturaes saõ mui dados. Achaõse nellas minas de ferro, & cobre, de q̃ fazẽ manilhas, anneis, & muita, & boa ferramenta. Tambem dizem q̃ tem minas de prata.

Ilhã de S. Lourẽço descuberta anno de 1506.

Fertilidade da ilha de S. Lourenço.

¶ Os moradores desta ilha saõ Cafres idolatras, de cabello crespo, & cor baça, que tira quasi a vermelha, como os Brasijs. Vsaõ de arcos, frechas, & azagayas, com que pellejão, & cação. Naõ sabem nauegar mais, que ao longo da costa em Almâdias pequenas, particularmente pera pescar muito & bõ peixe, que ha neste mar. Onde tambem ha ambar, & coral em grande copia. São gouernados por mais de quarenta Reys, que ha na ilha. Os quaes ordinariamente andão em guerra hũs com os outros, & nellas se catiuaõ muitos escrauos, que se vendem commũmente aos mercadores, que tẽ cõmercio nesta Ilha.

Moradores desta ilha.

¶ Pola fralda do mar desta ilha da parte q̃ fica defrõte da Ethiopia viuẽ algũs Mouros, q̃ ali vieraõ ter da costa de Melinde, & do estreito de Meca: os quaes se ficâraõ nesta ilha pera terem cõtrato cõ os Gẽtios natu-

naturaes da terra, atrauessando suas mercadorias, pera depois as vēderē mais caras aos Mouros, q̃ ali vaõ do Estreito de Meca, & de toda està costa. A principal veniaga, q̃ os Mouros leuão desta ilha he Ambar, & muitos escrauos, pera os vēderem no mar Roxo aos Mouros, & Turcos: cousa certo muito pera sentir, pois todos estes se fazē Mouros, podendo facilisimamente ser Christãos, se os Portugueses de Moçambique tiuessem este cōmercio, & trato, pois lhe ficão mais perto & a conuersaõ destes he çerta, porque inda que saõ idolatras facilmente aceitão a ley, que lhe ensinão seus sñores.

Veniaga desta ilha.

¶ No tēpo q̃ o Alferez mór de Portugal dõ Iorge de Meneses era capitão de Moçābique, estauão os Mouros desta ilha leuantados cōtra os Portugueses, aos quaes defendião o porto, & naõ querião q̃ fossem ali fazer suas veniagas, asi polo odio q̃ tem aos Christãos, como polo dano q̃ lhe fazião em seus tratos, tirādolhe o ganho. O q̃ podiaõ fazer, pois viuē no porto principal q̃ os Portugueses vão demandar. Polo qual respeito o dito capitão armou hū nauio muy bē pertrechado de armas, & soldados, & os mā dou âquelle porto fazer o custumado resgate, dandolhe regimēto, q̃ se os Mouros não quisessem paz cō Moçambique, nē cōsentisē fazerse o cōmercio cō os naturaes da ilha, lhe fizessē cruel guerra, & lhe queimassem a pouoação: mas aceitando as pazes, se ouuesē com elles amigauelmente: & depois de fazerē seu resgate, ficasse na ilha hū feitor cō dez soldados pera tomarē pê, & fazerē assento nella dahi por diante, & q̃ o nauio se tornasse cō as nouas do q̃ socedesse. E pera q̃ isto se fizesse cō mais firmeza, & paz, pedio ao Vigairo do Cōuento de S. Domingos de Moçambique que lhe desse hū padre pera mādar no nauio, & ficar na ilha cō os Portugueses, asi pera os cōfessar, como pera fūdar casa & fazer Christādade dos naturaes da ilha, como se esperaua.

¶ Offereceose pera esta empresa o P. Fr. Ioão de S. Thomas, bō letrado, & prēgador. E auidas as cousas necessarias pa esta ida, partio o nauio de Moçābique, & chegou a saluamēto ao porto da ilha leuātada; mas tanto q̃ os Mouros viraõ o nauio armado, & guarnecido cō gente de guerra, tiuerão tanto

medo, que logo lhe cometerão pazes, & aceitàrão todos os côcertos, & partidos, q̃ os Portuguefes lhe fizerão, de modo que defembarcarão todos pacificamente, & fizerão feu refgate fem contradição algũa. Mas não fe pode effeituar o principal intento q̃ leuauão, q̃ era ficar hũ Feitor na ilha cõ foldados, por refpeito d'algũas differenças, que ouue entre os mefmos Portuguefes, de maneira, q̃ nenhũ delles quis ficar. Mas o Padre não defiftio de fua fanta tẽção, antes ficou fò na ilha em hũa igreja q̃ ja tinha feyto de madeira, efperando q̃ logo lhe foffe cõpanheiro de Moçãbique, & tornaffe o nauio cõ as coufas neceffarias pera fe fazer a Feytoria, que o capitão mandaua.

Morte do P. F. Ioão de S. Thomas.

¶ Partido o nauio pera Moçãbique, dahi a poucos mefes chegou ao mefmo porto hũa naueta de Mouros do Eftreito de Meca. E fabendo q̃ os Portuguefes lhe querião tomar o porto, & lhe danauão o trato q̃ nelle tinhão, & vendo q̃ o Padre prègaua liuremente a ley de Chrifto ẽ fua prefença, não o puderão fofrer, & logo pretẽderão matallo, como fizerão, dandolhe peçonha fecretamente por meyo dos Mouros da terra. A qual morte o Padre conheceo, & recebeo da mão dos inimigos, cõ grande contentamẽto polo amor, & fè de Chrifto noffo Sñor, q̃ prègaua, & cõfeffaua. Depois diffo, no anno do Sñor de 1587. tornou o nauio de Moçambique a efte porto pera côcluir o primeiro intẽto. Mas achando o Padre morto, & a terra leuãtada, lhe fez cruel guerra, deftruindo a pouoação, & pondo tudo por terra. E dali fe foy a outros portos da ilha a fazer o refgate: donde tornando pera Moçãbique deu nouas da morte do Padre, q̃ foy muito fentida.

Briga de Portuguefes, & Mouros.

¶ Logo no anno feguĩte veyo ter a Moçambique hũa naueta de Mouros do Eftreito de Meca forçada de hũa grande tormenta, que a fez arribar a efta ilha, quafi perdida. A qual hia da ilha de S. Lourẽço carregada pera o Eftreito, & nella vinhão algũs Mouros dos culpados na morte do P. F. Ioão, polo qual tanto q̃ defembarcarão na ilha, mãdou o capitão chamar o Ouuidor da terra, q̃ então era Lifuarte Caeyro da Grã, & dandolhe 40. foldados armados da fortaleza, lhe mãdou q̃ foffe prender todos os

Mouros da naueta. Aos quaes indo cõ este aluoroço, se ajuntaraõ quasi todos os moradores de Moçambique com suas armas, & deraõ sobre os Mouros, & prenderaõ algũs cincoẽta, & matarão quarenta, que se não quiseraõ dar à prisaõ. O que os Christãos fizeraõ com mais vontade mouidos de hũa voz que se leuantou d'entre elles, q̃ dizia: Mata, mata, Mouros leuantados, que mataraõ o Padre Frey Ioão na ilha de S. Lourenço: cuidando juntamente que o capitão os mandaua matar. Os Mouros antes que morressem, resistiraõ muy fortemẽte com suas armas, & feriraõ algũs Portugueses de perigosas feridas: mas quis Deos que nenhum morreo. Os outros Mouros que ficaraõ viuos, estiuerão presos algũs meses, & com isso, & com as mortes dos companheiros se satisfez o capitão: & depois os mandou soltar, & darlhe sua naueta, em que se foraõ pera sua terra.

¶ CAPITVLO IX.

Da ilha do Comoro, & de hũa fonte marauilhosa, que dizem que tem, & de hũ caso que na ilha de Mazalagem aconteceo.

ENtre o Cabo Delgado, & a ilha de S. Lourenço, està situada a ilha do Comoro, em onze graos & meyo da banda do Sul. A qual tem dezaseis legoas de comprido, & jaz mais encostada pera a ilha de S. Lourenço, que pera a terra firme da Ethiopia. He terra montuosa, & chea de serras tão altas, que se vão âs nuuẽs, muy frescas, & de muytas creações de vaccas, cabras & carneiros. He pouoada de Cafres Gentios, & de Mouros brauos, que saõ os principaes senhores della. Tem cõmercio cõ os Mouros do Estreito de Meca, & da costa de Melinde.

Ilha do Comoro.

¶ Entre estas grandes serras dizem que ha hũa tão alta, que a mayor parte do anno està cuberta de nuuens, & affumada com neuoeyros, de modo que se lhe não pode ver o cume, & que destes neuoeyros se causa sobre ella tanta estillação de orualho, que sempre corre do alto della muyta agoa, que a vem regando atè os valles. Polo qual respeito he muito fresca & fertil. Outros dizem, que estas agoas saõ de fontes, que nacem na cabeça da mesma serra. O que tudo pode

Fonte gerada de nuuẽs.

pode ser, pois sabemos de mui tas fontes, que nacem no alto de grandissimas serras, como he aquella tão celebre entre os Gentios da ilha de Ceylão, q̃ nace no cume de hũa serra mui alta da mesma ilha, chamada o Pico de Adam, porque dizem os Gentios, que deste Pico so bio ao ceo nosso Pay Adam. Assi mais as fõtes, que nacem no alto das serras da ilha de S. Helena, & outras muitas, q̃ serà infinito contar.

Pico de Adam.

¶ E quanto a ser agoa estil lada de nuuem, tambẽ he cou sa possiuel, porque outra nuuẽ de mayor marauilha se vè na ilha do Ferro (que he hũa das sete Canarias) a qual està sem pre sobre hũa aruore estillãdo agoa, sem crecer, nẽ mingoar, veraõ, & inuerno, de noite, & de dia; & nenhũa aruore se vio jamais semelhante a esta: suas folhas saõ estreitas, & muito compridas, & todo o an no estão verdes, como limos, & dellas està gotejando conti nuamente agoa, que recebem da nuuem, muy clara, em hũas pias, que os moradores da ilha tem feito ao pè da mesma ar uore, onde se recolhe toda, a qual he bastantissima pera sus tentar a todos os moradores da ilha, gado, & animaes, sem se saber atè oje a causa desta marauilha, nem quãto tempo ha que começou. Parece que quis Deos prouer esta ilha des ta agoa marauilhosa, porq̃ em toda ella não ha outra fonte, nem agoa doce pera beber. Po lo que fica muito claro, que me nos marauilha he auer hũa nu uem sobre a serra do Comoro com o mesmo effeito, onde he mais proprio crearemse nuuẽs, por respeito das exhalações, & vapores da terra, que nas ar uores.

Fõte admirauel da ilha do Ferro

¶ Perto desta ilha estão ou tras, tambem grandes, pouoa das de Mouros, & Gentios, de cabello crespo, & còr baça. Os Reys, & senhores dellas saõ Mouros, gente muyto mâ, & atreiçoada, como tem experi mentado algũs nauios, que alì foraõ de Moçãbique: os quaes chegando a estas ilhas, foraõ nellas recebidos com sinaes de paz, & amizade, & dandolhe nellas licença pera poderem os mercadores seguramẽte ne gocear, & tratar das veniagas que quisessem, & ouuesse na ter ra, foraõ salteados, roubados, & mortos polos Mouros da ilha.

¶ Em hũa destas ilhas, cha mada

Ilha de Mazalagem.

mada Mazalâgem, aconteceo o caso seguinte no anno do Senhor de mil & quinhentos & oitenta & sete, no qual o Capitão de Moçambique dom Iorge de Meneses mandou hum nauio a fazer resgate à ilha de S. Lourenço, em que foy por capitão Antonio Godinho seu criado. O qual depois de tomar S. Lourenço, & não fazer la todo o resgate, q̃ desejaua, foy ter à ilha de Mazalâgem, com tenção de o fazer nella, & carregar o nauio, achãdo cõmodo pera isso. Chegado ao porto da ilha, lançou ancora nelle, & mandou a terra dous marinheiros Mouros, que sabião a lingoa della, pera q̃ dissessem ao Rey da ilha donde era o nauio, & como vinha de paz a fazer resgate naquelle porto, dandolhe licença pera isso. O Rey, como era mao, & atreiçoado, fingio que folgaua muito com sua vinda, & mandoulhe dizer, que desembarcasse seguramente, & fizesse o resgate que quisesse. E logo mandou chamar seus Regedores, & disselhe, que tanto q̃ os Portugueses desembarcassem, logo os prẽdessem, & querendo resistir os matassem, porque lhe queria tomar o nauio, & darlhe tal castigo, que não tornassem mais Christãos à sua ilha.

Treição feita aos Portugueses.

¶ Consultada esta treição, inspirou Deos em hum mancebo de dezoito annos Mouro, natural da mesma ilha, que auisasse os Portugueses, parecendolhe mal a treyção que lhe tinhão ordenado. E foyse denoite secretamente ao nauio nadando, & entrando nelle, deu cõta ao capitaõ de tudo o que estaua ordenado. O qual auiso lhe daua, porque ja estiuera em cõpanhia de Portugueses na costa de Melinde, & sabia que era boa gẽte, & que se não achasse ser verdade oque lhe dizia, o matasse, ou catiuasse, pois o tinha em seu poder. Polo q̃ determinou o capitão experimentar se era verdade o que o moço lhe dizia; & no dia seguinte de madrugada mãdou o batel a terra somente com os marinheiros Mouros, pera que se informassem do que passaua na ilha. Os quaes tanto q̃ chegarão à praya, derão logo sobre elles muytos Mouros armados, que estauão em espia, & abalroarão o batel, cuidando que vinhão nelle os Portugueses. Mas achãdose frustrados de seu intento, com raiua

descubrimẽto da treição.

disso

disso,começarão espancar os marinheiros. Os quaes se lançarão logo ao mar,& forão nadando atè o nauio,ficandolhe o batel na praya.

¶ Vendo o capitão a treyção que lhe estaua ordenada, & que o moço fallara verdade no auiso que lhe dera,quis premiallo com dadiuas,& mandallo na noite seguinte outra vez pera sua terra. Mas elle respondeo,que não queria tornar pera tão mâ gente,falsa,& atreiçoada: & pois na ilha jà não tinha pay,nem may, que queria ir com o capitão, & ser Christão,pera saluar sua alma. O que pos em grande admiração aos do nauio. Os quaes se partirão daquelle porto,&tornarão pera Moçambique. O moço foy posto no Conuento de S. Domingos, pera o cathechizarem,& depois foy bautizado,& chamado Ioão Bautista,&foy muito bom Christão. Onde se podem ver as marauilhas,&secretos juizos deDeos que chamou a este Mouro por taes meyos ao rebanho de suas ouelhas, tirandoo como rosa d'entre as espinhas: & pode ser que seria este predestinado pera gozar da bemauenturança dos escolhidos de Deos.

Conuersão marauilhosa de hum Mouro.

¶ CAPIT. DECIMO.

¶ *Das Palmeiras que ha nesta Ethiopia Oriental, & de seus frutos, & vtilidades.*

EM todas estas terras da Ethiopia Oriental ha muytos Palmares,muito estimados,polo muito proueito & varios frutos, que delles se colhem,que podem causar admiração a quem delles não tiuer noticia. O fruto natural, que destas Palmeiras se colhe, são cocos:os quaes nacem no alto da Palmeyra em cachos, & ha cacho que tẽ sessenta cocos,& mais,& muytas palmeiras,q̃ tem dez,& doze cachos. Estes se crião dentro de hũas cascas grossas, de comprimẽto de hum couado, ao modo de baynhas,a que os Cafres chamão Tombos. E depois que os cocos estão de vez pera brotar,abremse estes Tombos, & apparecem os cachos dos cocos,da feição de hũa espiga de milho,& cada coco do tamanho de hũa noz, & ali se vão criando,atè ficarem do tamanho & mayores,que a cabeça de hum homem.

Cocos da Palmeyra.

¶ Todos estes cocos estão cheyos d'agoa, & algũs delles ha,

ha, que tem mais de mea canada: a qual he muito fria, & excellente aſsi pera beber, como pera refreſcar com ella, particularmente quando os cocos ſaõ têros, aos quaes então chamão lanhas, & tem melhor agoa pera beber, q̃ quando ſaõ grãdes, & duros. Eſtas lanhas quando ſaõ pequenas, & têras tiraõlhe a caſca groſſa de fora, a que chamão cayro, & o entrecaſco de dentro, que eſtà inda tenro, comeſe aparado, & molhado no ſal, como cardo, & tẽ o meſmo ſabor, & nome. Eſte entrecaſco depois que o coco he de vez, ſe faz duro, & ſeco, & dentro nelle ſe vay coalhando toda a agoa que tem, & conuertendo em miollo duro, de groſſura de hum dedo, ſaboroſo, & aluo, a que chamão coco. E eſte he o fruito que ſe colhe das palmeiras.

Agoa d' lanhas.

Cardo d' coco.

¶ Do miollo do coco freſco ſe tira leite com que cozem arroz, ralado com hum ralo, & bem lauado em duas, ou tres agoas, & eſpremido entre as maõs, de modo que lhe fação lançar toda ahumidade q̃ tem. E deſta maneira fica o coco tão ſeco, & miudo, como farello de pao, & polo contrario a agoa em que foy lauado fica taõ groſſa, que parece leite de vaccas muito aluo, ou de amendoas, & com eſta agoa ſe faz o arroz de leite taõ bom, q̃ fica mais ſaboroſo, do que pudera ficar, ſe fora cozido com qualquer outro leite. Eſte miollo de coco depois de ſeco, & auellado ſe chama Copra, & ſerue aos Gentios de mantimento, & aſsi o comem com o arroz em lugar de cõduto, o qual he muito bom, & ſabe como auellãs. Deſta copra ſe faz azeite muito excellẽte, piſandoa em certos engenhos, ou lagares, do modo que ſe faz o azeite de Gergelim, como fica dito. Eſte azeite de coco ſe queima nas candeas, & arde melhor, & dâ melhor lume, que o azeite da oliueira, & tambem he muito medicinal pera as feridas, & os mais dos Gentios as curaõ lauandoas com elle ſomente.

Leite de coco.

Copra.

Azeite de coco.

¶ Se querem que a palmeira dè vinho em lugar dos cocos, tomão os Tombos, em que eſtão os cachos encerrados, & cortaõlhe as pontas, quando ja eſtão pera arrebentar, das quaes começa logo a gotejar hũa agoa ſolta, & clara, como câ faz hũa vide de parreyra, quando a podão. A qual agoa he hum liquor ſuaue, & doce, quaſi

Surà primeiro vinho da palmeyra.

quasi como mel, & assi fresco se bebe,&he muito medicinal, refresca,& engorda: pola qual rezaõ se manda dar a doentes de febres antiguas, que se não querẽ despedir,como cà se faz aos que mandão tomar o soro do leite. E este he o primeiro vinho da palmeira, a que chamão Sura doce. Ha muitas palmeiras,que tem quatro, cinco, & seis Tombos destes, que estaõ estillando sempre Sura, & cada hum delles dà cada dia meya canada, pouco mais, ou menos deste liquor, o qual se recolhe em panellas, que penduraõ debayxo dos Tombos cortados,& nestas panellas està pingando sempre, em quanto duraõ os mesmos Tombos, que he pouco mais,ou menos, vinte,atè trinta dias, & antes que se acabem vão nacẽdo, & criandose outros Tombos, de modo q̃ sempre as palmeiras tem ou poucos,ou muitos,que estillão Sura. E a causa de se acabarem, he porque duas vezes no dia lhe cortão hũa pequena da ponta,pera que corra o liquor cõ mais força,porque se lha não cortão, engrossa nella o mesmo liquor de modo,que não pode correr. De maneira,que toda a sustancia que a palmeira auia de communicar aos cocos daquelle cacho,se os criasse,estilla, & lança fora polo mesmo cacho cõuertida neste liquor.

¶ Desta Sura doce se fazem tres vinhos,& vinagre,mel,& açucar. O primeiro vinho se faz deyxandoa estar dous ou tres dias em algum vaso, onde se azeda,& alli està feruendo com grande impeto,como faz o mosto das vuas,& desta maneira o bebem ordinariamente os mais dos Gentios, & com elle se embebedaõ,se bebẽ demasiadamente,porque he muy fumoso.

¶ O segundo vinho se faz estillando esta Sura azeda em hum engenho a modo de lambique,a que chamão Batî:& todo o liquor que dalli sae estillado he o segundo vinho,aque chamão Vrraca. O qual he muito melhor que o primeiro, mais forte,& fumoso,quasi como agoa ardente,& embebeda mais que a Sura azeda.

Vrraca, segundo vinho.

¶ O terceiro vinho se faz desta mesma Vrraca,deitandolhe dentro passa de vuas pretas ẽ quantidade que tinga o vinho & nas pipas està feruẽdo com esta passa vinte,ou trinta dias, atè que se assenta a bassa no fũdo

Terceiro vinho

do da pipa; & depois de assentada se trasfega o vinho tinto pera outra pipa vazia, donde bebem depois de se compor algũs meses, & quanto mais velho he, melhor sabor tem, & he mais estimado. A este chamão vinho de passa, que he o vinho ordinario, que bebem os Portugueses na India, & algũ delle he tão bom, que lhe não faz ventagem o de Portugal, & embebeda como elle.

Vinagre de palmeira.

¶ O vinagre se faz deste vinho, quãdo se dana, ou da mesma Sura, deyxandoa azedar muitos dias, ou das balsas, que ficão nas pipas, deixandoas tãbem azedar, & depois de bem azedas, deitandolhe agoa dentro, da qual se faz vinagre. E todas estas tres castas de vinagre saõ fortes, & tẽperaõ muito bem os comeres, como o bõ vinagre de Portugal.

Mel de palmeira.

¶ O mel se faz da Sura doce logo quando se colhe da palmeira, o qual cozem muito bẽ ao fogo em hum tacho, ou caldeira, & alli ferue tanto, atè q̃ fica em ponto, domodo que cà se faz o arrobe do mosto das vuas. Mas este mel da palmeira he muito melhor, mais aluo & mais doce.

Açucar de palmeira.

¶ Deste mel se faz o açucar, deyxandoo feruer no fogo tanto, atê que se coalha de todo, & fica duro, indolhe sempre tirando a escuma, q̃ faz em quanto ferue. E depois de tirado do fogo se acaba de apurar, & perfeiçoar fora, curandose ao sol, como se faz ao açucar de cãna, com o qual se parece muito, assi na cor, como no sabor. E a este chamão na India Iagra.

¶ CAPITVLO ONZE.

¶ De outras particularidades, & vtilidades da palmeira.

Palmares.

QVando querem fazer palmares, semeão estes cocos enteiros, com sua casca & cairo, que tem de fora enterrados hum palmo debayxo da terra pouco mais, ou menos, todos juntos em algum lugar humido, pera que nação depressa, ou onde lhe possaõ lançar agoa cada dia. E neste lugar estão atè que nacem, & lanção polo olho hum palmito de comprimento de hum couado. E então os tiraõ daqui, & os despoem no campo, onde se hade fazer o palmar, quatro braças apartado hum pè do outro, & enfiados de modo, que ficão fazendo ruas muy largas

&

& dereitas, & depois que saõ de sete, ou oito annos começão a dar fruto:

Maçãs de coco de palmeira.

¶ Se querem comer o miollo destes cocos nacidos, abrẽ lhe a casca, & achão dẽtro hũa maçã muito alua, & fermosa, do tamanho de todo o vão do coco, a qual se criou, & formou do miollo, & agoa, que o coco tinha ẽ si. Este pomo he muito saboroso, tẽro, & frio. Muitas pessoas mandão semear estes cocos, somente pera lhe comerem as maçãs, tanto que começão de nacer.

Palmito q̃ se come.

¶ O olho destas palmeyras se come tambem, & he muyto excellẽte, & saboroso, ao qual chamão palmito. Quãdo querem comer estes palmitos, cortão as palmeiras polo pê, & depois de lhe cortarem todas as palmas do olho, & a casca de fora, fica o palmito limpo, aluo, & fermoso, de mais de hũ couado, & de quatro ou cinco palmos de roda.

Folhas d̃ palmeira seruẽ de telha.

¶ Das folhas da palmeira fazem cubertura pera as casas que seruem em lugar de telhas teçidas hũas com as outras: as quaes vedão muito a chuua, & duraõ quatro, ou cinco annos.

Caruão de cocos

Do entrecasco duro dos cocos fazem na India caruão pera os ouriues, o qual he muito forte, & faz boa obra.

Cordas de Cairo

¶ Das cascas de fora destes cocos, a que chamão Cairo, se fazem cordas da maneyra seguinte. Metem estas cascas ẽ couas debaixo da terra, & alli estão apodrecendo, & curtindose çerto tempo, & dalli as tiraõ, & pisaõ, como cá fazẽ ao linho, atè que ficão desfeitas, como estopa, & asi desfeito este Cairo, o troçem à mão, ou com engenho de cordoeiro, & tambem o fião à roca, & destes fios fazem todo genero de cordas, q̃ seruem na India, as quaes saõ muy fortes, & chamaõlhe cordas de Cairo, & destas fazẽ muy grossos calaures, & amarras, que seruem nas naos da India.

Taboado de palmeira.

¶ Dos troncos velhos, & duros destas palmeiras fazem taboado, & delle embarcações particularmente nas ilhas de Maldiua, onde ha muitas todas de palmeira, asi o casco do nauio, masto, vellas, & cordas, como as mercadorias, que nellas se embarcão, como saõ Copra, cordas de Cairo, azeite de coco, vinho estillado, a que chamão Nipa, açucar, a q̃ chamão Iagra, & tambem muitos cocos frescos, de cuja agoa bebem

Nipa.

bem em toda a viagẽ, sem auerem mister outra agoada.

¶ De modo que destas palmeiras se colhe mantimẽto, como saõ cocos, maçãs, palmitos, & cardos, quatro castas de vinho, & tres de vinagre, mel, & açucar, azeite, agoa, madeira, caruão, cordas, vellas pera embarcações, cubertura pera casas, & lenha pera queimar. Allem de tudo isto, os palmares em si saõ fermosissimos, & deleitosos à vista, porque todo o anno estão verdes, & frescos, & fazem muy boas sombras. E com rezão podem estas aruores ser tidas polas melhores, & mais proueitosas, q̃ ha no mundo.

¶ Outra casta de palmeiras brauas ha polos matos de Sofala, pequenas, & delgadas, a q̃ os Cafres chamão Muchindos, & os Portugueses palmitos: das quaes se colhe vinho em certos meses do anno, cortandolhe o olho, donde corre muito em panellas, q̃ lhe poẽ debaixo. Os olhos destes palmitos tambem se comem, mas nẽ elles, nem o vinho que delles se tira he taõ bom como o das outras palmeiras.

Palmeiras brauas.

¶ No reino de Mexico ha outras aruores, quasi semelhantes a estas nossas palmeiras mãsas nos proueitos, & frutos, q̃ dellas se colhem, as quaes se chamaõ Maguey, & dellas se tira vinho, vinagre, & mel: de suas folhas curtidas na agoa como linho, se faz muito fio, de que teçem mantas, & fazẽ linhas, com que as cozem, & cordas fortes, & de muita dura. Os troncos destas aruores seruem de vigas, cõ que emmadeiraõ as casas, & as folhas de sua cubertura em lugar de telha. Das pontas destas folhas se tiraõ hũas agulhas duras, cõ mo ferro, cõ que cozem os vestidos, çapatos, & alparcas, que fazem do mesmo fio destas aruores: mas as nossas palmeiras lhe fazem ventagem em muytas cousas.

Maguei de Mexico.

¶ CAPITVLO DOZE.

¶ De quatro pragas gèraes, que ouue nesta Ethiopia em nossos tempos, & de tres generos de doenças muy ordinarias nesta costa.

Vatro castigos, ou pragas géraes ouue nesta costa em nossos tempos. A primeira foi a guerra dos Zimbàs, de que ja fallei atras, que no

Primeiro castigo.

1. p. liu. 2.

no anno de 1589. atrauessarão muita parte destas terras, matando, & comẽdo quanto achauão, assi gente, como brutos animaes, sem perdoarẽ a cousa viua: de maneira, q̃ se pode dizer, que estes Barbaros foraõ hum fogo abrasador, & consumidor de meya Ethiopia.

¶ O segundo castigo, q̃ no mesmo tẽpo tiueraõ estas terras, foy hũa cruel praga de gafanhotos, q̃ por ellas passarão, mui grandes, & em tanta quantidade, q̃ cobrião as terras: & quando se leuantauão no âr, fazião taõ grande nuuem, q̃ as assombrauaõ. E tanto danno fizerão nellas, q̃ comeraõ todas as searas, hortas, & palmares, q̃ auia poronde passauão, deixando tudo tão secco, & queimado, como se lhe poseraõ o fogo: de maneira, q̃ nem dalli a dous ãnos tornaraõ adar fruyto: polo q̃ ouue grandissima esterillidade ẽ todo este tẽpo, & fome, de q̃ muita gẽte morreo.

2. castigõ

Esta fome foy o terçeiro castigo desta Ethiopia, porq̃ ouue tãta falta de mantimẽtos, que os Cafres se vinhão vender, & catiuar, sòmente polo comer, & vendião seus filhos a troco de hũ alqueire de milho, & os que não achauão este remedio pereçião à fome. De modo que morreo neste tẽpo grande parte da gente destas terras.

3. castigo

¶ O quarto mal, & trabalho q̃ ouue nesta Cafraria, foy hũa grande doença de bexigas, de que tambẽ morreo grande numero de gente. Esta infirmidade em toda esta costa he como fina peste, porq̃ na casa em que dà todos mata, assi homẽs como molheres, & mininos, & mui poucos escapão deste mal, porq̃ o naõ sabem curar. Os q̃ se sangraõ muito morrem, & da mesma maneyra os que se naõ querem sangrar. Mas o mais certo remedio he, sangrarẽse logo em lhe dando. Não se pegão estas bixigas aos Portugueses, inda que tratẽ com os Cafres doẽtes, saluo às criãças de tenra idade. Em todas estas partes do Oriẽte não ha, nem se sabe que ouuesse peste em algum tempo: o que deue ser por causa d'estes clymas serem muyto quentes, & gastarẽ os vapores, & âres grossos, de q̃ ordinariamente se gêra este mal, mas em seu lugar ha estas bixigas mui ordinarias, taõ cõtagiosas como a peste. Algũas vezes vem estas bixigas mais brandas, & menos perigosas, de modo que não matão.

4. castigo.

Bixigas q̃ saõ como peste

¶ Outra doença ha em toda esta costa de Sofala, rios de Cuama, & Moçambique, muy pegadiça a todo o genero de homem, a qual he causada polas negras destas terras, porque muitas dellas, particularmẽte as escrauas dos Portuguefes, se acertão de conceber, & não querẽ que o parto venha a lume, tomão hũa beberagem do çumo de hũa certa herua, q̃ nestas partes ha, & logo mouem com ella; mas depois do mouito ficão tão apeçonhentadas, que se não pegaõ aquelle mal a algum homem por meyo de ajuntamento, vaõse secando, & consumindo pouco & pouco, atè que morrem. Polo que depois de mouerem logo buscão algum homẽ, a quẽ peguem esta infirmidade, pera ficarem com saude: & o homẽ fica tão apeçonhentado, que raramente escapa da morte, porque logo no mesmo instante se lhe causaõ taõ grandes dores nas virilhas, que dellas morrem em poucos dias. E jà aconteçeo a algũs destes em acabando este acto deshonesto, acabarem juntamente a vida. A esta infirmidade chamão Entaca, & contra ella ha hum sò remedio, que he beber o çumo de outra herua contrapeçonha da que tomão as negras pera mouer, com a qual beberagem escapaõ da morte. Mas pera aproueitar esta mêzinha, ha de ser tomada no mesmo dia, em que o mal se pegou porq̃ se lhe dilatão a cura, logo laura a peçonha atè chegar ao coração, & já então não tẽ remedio. Destas duas heruas ha muita quantidade na terra firme de Moçambique, mui conheçida de todos.

Entaca, infirmidade perigosa.

¶ Outro genero de doença ha sòmente em Moçambique, que vem a muitas pessoas, sem se saber de que procede, a qual he, priuar da vista denoite, não somente a Portuguefes, mas tambem a Cafres, sem lhe causar dor, nẽ pena algũa, mais q̃ a de não poderẽ ver de noite: & esta çegueira lhe começa des que se poẽ o sol, atè que torna a nacer, no qual tẽpo nenhũa cousa vem, ainda que faça muito grande luar, & tão çegos ficão, como se o fossem de sua naçença. Mas tanto que o sol naçe, logo tornão a ver muyto bem, & todo o dia vem, inda que o sol ande encuberto. Dizem algũs, q̃ os figados do Cação assados nas brasas, & comidos, saõ remedio com que

Doença d̃ çegueira.

que se tira este mal. Outros dizem, q̃ lauando os olhos com agoa dos bebedouros das pombas, tambem sarão. Outros affirmão, que todo o q̃ tiuer este mal, se se for de Moçambique pera outra qualquer terra, tãbem se lhe tirarâ, & verá de noite como d'antes.

¶ Quando os Cafres tẽ dores de barriga, cingemse com hũa corda, ou correa de casca de pao, como de trouisco, & cõ ella apertaõ muito a barriga. & quando lhe doe a cabeça fazem o mesmo, atando hũa fita destas pola testa muy apertada, & dizem que assi se lhe tiraõ as dores, & saraõ mais depressa, & nisso tem muita fè.

¶ CAPITVLO XIII.

¶ *Dos Elefantes desta Cafraria, & de como os Cafres os matão.*

EM toda esta Cafraria se criaõ muitos elefantes muy grãdes, & brauos: os quaes saõ muy daninhos nas sementeiras do milho, & arroz o qual comem, & pisaõ, de que os Cafres recebem muita perda. Allem disso fazem grande danno nos palmares, derrubãdolhe as palmeiras, pera lhe comerem os palmitos. Os Cafres lhe armão de muitas maneiras. A principal, & mais ordinaria, & menos perigosa pera os caçadores, he fazẽdolhe couas polos matos, muito cõpridas, fundas, & largas, cubertas de rama, & de herua com terra por çima, de modo que se não enxergue a coua, onde se os elefantes caem, naõ se podem mais tirar, & alli os mataõ sem trabalho.

Modo de caçar elefantes.

¶ Outro modo tem de caçar os elefantes, & he quando estaõ dormindo, o q̃ he facil de saber, porq̃ o elefante quando dorme resona, & rõca taõ grandemente, que o ouuem de muyto longe, & tem o sono tão carregado, que se chegaõ os Cafres caçadores a elle muyto manso, sem serem sentidos, & metemlhe polas virilhas hũa azagaya, cujo ferro he de meyo palmo de largo, ao modo de choupa, & de cõprido dous palmos, sayda na ponta muy aguda, & cortadora, feita somẽte pera esta caça dos elefantes. E depois de lha pregarem, fogem mui ligeiramẽte, & embrenhaõse polos matos, atè qne se vão pera suas casas. O elefante ferido acorda logo com a dor da ferida, & leuantan

Outro modo.

tandose cõ grãde furia, acaba de meter a azagaya polas tripas, carregãdo sobre ella quãdo se leuanta, & logo começa de se vazar em sangue. E desta maneira vay fogindo, & bramindo polos matos, atè que se lhe esgota o sangue todo, & morre. No dia seguinte tornão os caçadores ao lugar onde o ferirão, & o vão seguindo polo rasto do sangue, atèq̃ dão nelle, ou morto de todo, ou jà taõ desmayado, & desfallecido, que se não pode bollir, & alli o acabaõ de matar. Este modo de caçar, he mais perigoso a os caçadores, porq̃ algũas veze achaõ os elefantes pouco feridos, & saõ mortos por elles. Esta caçada fazẽ os Cafres ordinariamente ẽ noytes de luar, asi pera que vejão os elefantes, & os vaõ seguindo, & vigiando, atè que se deitem a dormir, como he seu custume, como tambem pera verem o modo, que haõ de ter em chegar a elles, pera os ferir.

Os Cafres comẽ carne de elefante.

¶ Tanto que os caçadores tẽ morto algum elefante, vaõ chamar toda sua familia, parẽtes, & amigos, & vẽse todos ao lugar onde o elefante jaz morto, & alli o comẽ assado, & cozido, sẽ fazerẽ outra cousa em todo este tẽpo. E posto q̃ o elefante morto logo aostres dias cheira tão mal, q̃ não ha podello sofrer, nẽ por isso deixão de o comer, atè que não fica delle cousa algũa, como caẽs ẽcarniçados em corpo morto.

Marfim principal veniaga desta costa.

¶ A causa principal porque os Cafres armaõ aos elefantes & os matão, he pera lhe comerem a carne, & depois disso pera lhe venderẽ os dẽtes, q̃ he o Marfim, de q̃ se fazẽ todas as peças, & brincos, q̃ da India vẽ pera Portugal, & he a prĩcipal veniaga desta costa, da qual se leuaõ cada anno pera a India mais de tres mil arrobas: porq̃ estando eu nesta fortaleza de Sofala, vi hũ anno ao capitaõ, que entaõ era della Garcia de Mello, mãdar ao Alferez môr capitaõ de Moçambique seu cunhado çẽ Bares de Marfim, que tem cadahum dezaseis arrobas, & por aqui se pode colligir todo o mais Marfim, q̃ se tira desta costa, onde ha grande trato delle, como he no rio de Lourẽço Marques, no Cabo das corrẽtes, & rio de Inhãbane, nas ilhas d'Angoxa, rios de Cuama, na costa de Quirimba, & na de Melĩde. Dõde claramentese deyxa ver o grande

numero

numero de elefantes, q̃ ha nesta Ethiopia, & a multidão que delles se mata cada anno, pois de cadahum se não tiraõ mais, que dous dentes.

Grãdes dẽtes de elefante.

¶ Estes dous dẽtes saõ as prezas da boca, cõ que trabalhão & pellejaõ. Estão metidos no quexo de bayxo mais de hum couado, & saemlhe fora da boca outro tanto, & mais: & algũs delles saõ muito grossos, & muito mayores do que tenho dito, particularmente os de elefante velho. Garcia de Mello, de quem agora falley, teue dous dentes na sua Feitoria, ambos de hum elefante, q̃ pesauão hum Bar, que saõ dezaseis arrobas, oito cada dente. Estes vi eu, & outros muitos quasi tão grandes como estes.

¶ Todos os elefantes se deitão no chão, & dormem deitados, & roncão muyto alto, como tenho dito; donde se vê bem claramente o engano, que algũs tiueraõ em dizerem, que os elefantes não se deitauão, & por isso dormião encostados âs aruores, & que pera os matarem, lhas serrauão polos matos onde andauão, deixandoas em pè meas serradas, pera que encostãdose os elefantes a ellas pera dormir, caissem juntamente no chão com elles: & assi por serem muy pesados, & não se poderẽ leuantar, os matauão. O q̃ tudo he falso, porque inda que os elefantes sejão muito grandes, & pareção carregados, com tudo tem muita força pera se poderem menear, & andão, & correm muito, como lhe euvi fazer muitas vezes.

Elefãtes de Ceylão.

¶ Os elefantes de Ceylão saõ mais pequenos de corpo, q̃ todos os das outras partes, segundo dizem. Mas saõ mais nobres, & mais Reaes, q̃ todos, & de mayores forças. Polo que todos lhe tem sojeição, & medo. Isto se tem experimẽtado em algũas partes da India, onde se ajũtaraõ hũs, & outros. ElRey de Camboja dizem que teue antigamente hũ elefante branco, outros que o Rey de Syaõ, sobre que ouue grandes guerras com o de Pegũ, pretendendo cadahum que fosse seu, por ser hũa cousa nunca vista. Dizem os Cafres, q̃ os elefantes viuem trezentos annos, & que não gêraõ, nem parem, senão de çem annos pera cima, porque atè entaõ saõ crianças. De cada parto parẽ hum filho, o qual crião a duas tetas, que tem como vaccas.

Elefãte branco.

¶ CAPITVLO XIIII.

¶ De hum caso que socedeo em Moçambique na morte de hum elefante, & do caçador q̃ o matou.

EStando eu hũa tarde com outros religiosos na terra firme de Moçambique, chamada Cabâçeira, em hũ palmar do nosso Conuẽto, subitamente veyo dar cõ nosco hum elefante brauo, & muy assanhado, dando grandes bramidos: doqual não puderamos escapar com vida, se nos vira: mas quis Deos que antes que chegasse nos metemos na hermida q̃ alli temos, & elle foy passando sem nos ver. Dahi a perto de meya hora veyo da mesma parte hum Cafre Gentio chorando, & lamẽtando a morte de hũ seu irmão, que lhe matara aquelle elefante. E o caso foy, q̃ este morto era hum Cafre Macûa, grande caçador de elefantes, o qual a noite atrâs foy seguindo dous delles polo rasto, atê q̃ se deitaraõ a dormir dẽtro no mato espesso, como he seu custume: & depois de dormirẽ, & roncarẽ, chegou o caçador a hum delles, & meteolhe cõ ambas as mãos hũa azagaya polas virilhas, & fugio pera sua casa. Odiâ seguinte tornou cõ este seu irmão, q̃ o choraua em busca do elefante ao lugar onde o deyxou ferido, & achando grande quantidade de sangue, foraõ ambos polo rasto delle dar cõ os elefantes jũto de hũa ribeira, q̃ perto d'alli estaua: onde viraõ estar o ferido à borda d'agoa, em pé sem se bullir, ja muy dessfallecido do muito sangue q̃ se lhe tinha ido; & o outro estaua dẽtro na ribeira, tomãdo agoa cõ a trõba, & borrifando o rosto do elefante ferido muito amiude, porq̃ naõ desmayasse de todo. Isto estiueraõ vendo os dous irmaõs grãde espaço de tẽpo, sem serẽ vistos, nẽ sentidos dos elefantes: mas enfadãdose o caçador de esperar tanto q̃ o ferido morresse, se chegou mais perto delle; & deulhe hum brado, pera que se inquietasse, & virasse pera quem lhe bradaua, porque entendia, que tanto q̃ se bollisse auia de cair logo no chão de fraqueza, & assi o acabaria de matar, como custumaua fazer a outros. A' cujas vozes acudio o outro, q̃ não estaua ferido, & antes que o negro caçador se lhe esconde sse, foy delle visto, & morto. E neste mesmo tẽpo cayo

Prudẽcia de elefante.

no

no chão o elefante ferido, querendose bolir, & morreo juntamente cõ o caçador, que o matou. Com cujas mortes ficou o elefante faõ muy assanhado, & veyo fugindo, & bramindo polos palmares que perto estauão, como tenho dito.

¶ Vendo nòs o caso, que o Cafre nos cõtou, fomos ver os dous mortos, elefante, & caçador, seguindonos mais de vinte Cafres, & Indios, & algũs Mistiços, q̃ se ajũtàraõ d'aquelles palmares, & tanto q̃ chegamos a elles, mandamos aos Cafres q̃ enterrassẽ o caçador no mesmo mato, onde estaua morto. Depois disso começaraõ cortar no elefante pera leuar cadahũ pera casa seu quinhão. E sobre esta repartição ouue tantas brigas & differẽças, entre os Cafres, que se nôs alli não estiueramos, se ouueraõ de matar. De modo, q̃ estiuemos alli a requerimento dos mesmos Cafres, como juizes, repartindolhe os lugares no corpo do elefante, onde cadahũ fosse cortando, & tirando a carne q̃ quisesse, ficando pera o irmão do morto os dentes, & hũa perna inteira, & a tromba, que he a cousa q̃ os caçadores mais estimão, porq̃ com ella ganhão muito, leuandoa polas aldeas, & lugares dos Cafres, & mostrandoa, como em Portugal fazem cõ pelle de lobo, ou de raposa, & os Cafres vendoa lhe dão sempre algũa cousa, polo odio q̃ tem aos elefantes, por serem muito daninhos, & destruidores de suas searas.

¶ Este elefãte jazia de barriga, & os Cafres lhe fizeraõ no costado duas portinholas, tirãdolhe primeiro daquelles lugares dous pedaços de couro, como duas adargas, q̃ tinhão de grossura mais de hũ dedo. E depois lhe forão tirãdo a carne, & quebrando as costas cõ machados, atè que lhe fizeraõ duas janellas mui grandes, por onde lhe tiraraõ as entranhas. As tripas ordinarias tinhão mais de dous palmos de roda. O coração era muito mayor, q̃ hũ grãde bucho de boy: & assi quando o abriraõ polo meyo, lançou de si quatro, ou cinco canadas de sangue. Os figados & bofes eraõ tamanhos, q̃ se não pode crer sua grãdeza. Depois q̃ lhe tiraraõ as ẽtranhas, entraraõ dous Cafres dentro polas janellas, como quẽ entra em hũa casa, & là por dentro enuoltos no sangue, & gordura, andauão cõ grande festa

tirandolhe as banhas, çeuo, & infinita gordura, de que encheraõ muitas gamellas, & outros por fora cortauão a carne: de modo, que estauão dez, ou doze Cafres a cortar nelle, & outros tantos se occupauão em acarretar a carne pera suas casas. A carne destes elefantes toda he entresachada com gordura, ou çeuo, do modo da carne de porco, porque tem hũa cama de feuara, & outra de gordura. E destas camas tem tres de carne, & tres de gordura entre a pelle, & as costas, que virâ toda junta a ser quasi meyo palmo de carne.

¶ CAPIT. QVINZE.

¶ *Dos elefantes da India, & de algũas cousas notaueis, que fizeraõ.*

ALgũs elefãtes del Rey andão na Ribeyra da Cidade de Goa occupados no seruiço della, o qual fazem por mandado dos Nayres, que os gouernão, a quem obedecem, & entendem tudo quanto lhe dizem, & mandão, como se fossem racionaes.

Prudencia dehũ elefante.

¶ De hum elefante destes, q̃ ouue na Ribeira se conta, que tendo o Nayre rota a caldeyra, em que lhe fazia de comer, & dizendolhe que não tinha em que lho fazer, & mostrandolhe a caldeyra asi rota, lhe disse: Oje teras paciẽcia, q̃ não has de comer: polo que o elefante tomou a caldeira com a tromba, & foyse ao ferreyro del Rey, que trabalha na mesma ribeyra, & meteolhe a caldeyra na mão. Vendo o ferreiro, que a caldeira estaua rota, entendeo que lha trazia pera a concertar, & asi o fez, & tornoulha a dar concertada, esperando elle sempre por ella, sẽ se tirar da porta do ferreyro atê que lha concertasse. E depois que lha entregaraõ, foyse com ella ao rio, que estaua defronte, & meteoa dentro, & leuantandoa peraçima chea d'agoa com a tromba, olhaua por bayxo, pera ver se se hia como d'antes, & vendo que não, se foy cõ ella pera caza, & a deu ao seu Nayre, pera que lhe fizesse de comer.

¶ Outro elefante ouue nesta ribeyra chamado Perîco, muito nomeado, & conhecido na India. Este era grande bebado, & todas as vezes que passaua por algũa casa, onde estiuesse ramo de vinho, se punha

Elefante bebado.

nha â porta,& metia dentro a tromba, & naõ se bolia dalli, atè lhe não darẽ de beber. Os tauerneiros, que ja lhe sabião esta manha, tanto que o vião à sua porta, lhe deytauão vinho na tromba, que elle apparaua pera isso, & nella o recolhia, & bebia, fazendo muyta festa: & depois disso fazia seu caminho. Algũas pessoas que lhe sabião esta habilidade, lhe dauão dinheiro pera hum quartilho, ou meya canada de vinho, o qual dinheiro elle tomaua na tromba, & leuaua logo à tauerna, & dandoo ao tauerneiro, apparaua a tromba, pera lhe medirem nella o vinho; & se lho não daua muito bem medido, que trasbordasse por fora da medida, não o queria tomar.

¶ Todos os elefantes tẽ çerto tẽpo, em que andão no çio: no qual ficão muito mais brauos, & furiosos do costumado. E atè estes mansos, que andão em Goa, neste tempo ficão mui brauos, & não ha pessoa a que naõ remetão, & tratem muito mal se a podem apanhar. Mas os Nayres, a quem somente tẽ obediencia, os prendẽ cõ hũas cadeas de ferro polos pès em hũas aruores fora da cidade, onde estão presos todo o tẽpo do çio, & alli lhe dão de comer & com estarẽ neste tempo mui furiosos, & brauos, nẽ isso basta pera deyxarem de reconheçer a obediençia que tẽ a seus Nayres, pera cõ os quaes sempre estão mansos, & humildes.

¶ Socedeo hum anno, que este elefante Perico, dandolhe esta payxão, foy fugindo pola cidade brauo como hum touro, & muyta gente apos elle correndo, & bradando, que fugissem delle, & passando desta maneira pola porta de hũa tauerna, onde lhe custumauão dar de beber, achou hũa criança da mesma casa na rua, & cõ nhecendoa, teuelhe tanto respeito, que nenhum mal lhe fez antes a tomou com a tromba mansamente, & a pos sobre o telhado da casa, que era terrea no que fez grande bem à criança, porque allem de a não matar, a liurou de a poder pizar a multidão de gente que apos elle vinha correndo desatentadamente.

Gratidão de hum elefante.

¶ De outro elefante da ribeira se conta, q̃ andando hum dia ajudando a lançar os nauios da armada ao rio, lhe mãdou o Nayre, que pusesse a cabeça na poppa de hum nauio, &

Os elefãtes sentẽ as afrontas q̃ lhe dizem.

& que o lançasse ao rio, como custumaõ sempre fazer. Pos o elefante a cabeça no nauio, & fez força pera o lançar por duas vezes: mas não pode, porque o nauio era muito grande, & pezado. Polo que pellejou o Nayre com elle, chamandolhe fraco, & molle, que sendo vassallo del Rey de Portugal tão poderoso, naõ prestaua pera deitar hum nauio ao mar. O elefante tomou estas palauras em grande afronta, & em caso de honra. Polo q̃ remeteo terçeira vez ao nauio, & pondolhe a cabeça, fez tanta força, que o lançou ao mar, & juntamente arrebẽtou, & cayo logo morto.

Entendẽ & fazẽ o q̃ o Nayre lhe diz.

¶ Hum elefante nouo do tamanho de hũ boy veyo na nao S. Simão, em que eu vim da India pera Portugal no anno do Senhor de 1600. o qual mandaua o Conde dom Francisco da Gama Viçerey da India pera el Rey Philippe nosso sñor. Este elefante entendia quanto lhe dizia o Nayre, que vinha com elle, naõ somente na lingoa em que os criāo, mas tambem na lingoa Portuguesa. Algũas vezes me socedeo ir onde estaua este elefante. O qual em me vendo, ensinado polo Nayre, me fazia muitas mesuras, com a maõ peratras, como nôs fazemos com o pê, & grãde inclinação cõ a cabeça, & me tomaua a mão com a tromba, & a bejaua. Algũas vezes, que o Nayre deixaua este elefante sò, indo pola nao fazer o q̃ lhe era necessario, daua tão grandes bramidos, & vrros, q̃ atroaua toda a nao, & choraua lagrimas, que lhe corrião dos olhos, como hum minino podia fazer por sua māy, ou ama. Baylaua ao som que o Nayre lhe fazia com hum ferro, mouendo todos os quatro pês, & meneando o corpo, & colleando a cabeça, como que gostaua do som que lhe fazião. Outra mudança fazia tambem, q̃ era bater com hũa sò mão no chão a compasso, & pancada do som que lhe fazião, sem errar passo, com os mesmos meneos do corpo & cabeça, & mostras de bailar.

Chorão, & deitão lagrimas.

¶ CAPITVLO XVI.

¶ Das Baleas, & Espadartes, que ha em toda esta costa da Ethiopia.

EM toda esta Costa da Ethiopia ha muitas Baleas, & Espadartes, q̃ saõ quasi

cão

taõ grandes como ellas. Os quaes dous generos de peyxe todas as vezes q̃ se encontraõ pellejão cruelmente,& as mais das vezes sobre a agoa. E a causa he,porque o Espadarte, quando pelleja,pera ferir melhor a Balea,dá hũ grande salto pera o âr, & virando sobre ella de cabeça,a fere com a espada que tem na ponta do focinho,chea de muy duros, & agudos dentes,ao modo de serra. A qual espada he de osso muy duro,de mais de hum couado de comprido, & mais de meyo palmo de largo. Da terra os viamos muitas vezes pellejar no mar de Moçambique, & as naos da India os encontraõ muitas vezes pellejando desta maneira, quando vão ou vem por esta costa.

Briga de Balea cõ Espadarte.

¶ Na terra firme de Moçãbique,entre hũs baixos,que estaõ na barra,a que chamão Luxaca,deu hũa Balea à costa, & outra em Sofala na praya chamada Maçamzane, no tempo q̃ eu estaua nestas terras, mas nenhũa dellas vi inteira,porq̃ quando soubemos, que estauaõ alli,indo pera as ver,ja os Cafres as tinhão quasi desfeitas,& leuado a mayor parte da carne,a qual he gordissima, & della fazem muyto azeyte, põdoa a derreter em tigellas, como fazem á banha de porco. Os Cafres comem os torresmos que ficaõ,& com o azeite se allumião, & comem seu milho. Este àzeyte cheyra mal, mas allumia bem. Dos nôs do espinhaço fazem tripeças, em que se assenta hũa pessoa folgadamente.

Azeite de Balea.

¶ São tantas as Baleas nesta costa,que muitas vezes andão em bandos,particularmẽte entre as ilhas de Moçambique, que estão na barra, onde vi hum dia âtarde entrar polo rio dentro çinco, todas enfiadas, & assi passaraõ ao longo da fortaleza polo meyo do canal,& deraõ hũa volta dentro na enseada que està entre a terra firme, & a ilha, & depois se tornaraõ a sayr polo rio fora, como entraraõ. As Baleas não tem ambar no bucho, como algũas vezes ouui dizer neste Reino a pessoas que disso tinhão pouca noticia: verdade he, que dizẽ os Mouros pescadores desta costa,que as Baleas o comẽ,& o vomitão muy negro,& molle,como massa,& de roim cheyro. Mas eu não sey que çerteza, ou experiencia elles disto tenhão, saluo cuy-

Dizem q̃ as Baleas comem ambar.

cuidarem que o ambar preto, que muytas vezes se acha nas prayas lãguinhoso, & de roim cheiro, he vomitado da Balea.

¶ Os Pangayos, que no mar encontraõ com estas Baleas, correm muito perigo, porque ellas lhe vão no alcance pera pellejarem com elles, como fazem cõ os Espadartes, cuidãdo (segundo parece) q̃ saõ outros peyxes grandes, que vão nadãdo, & por isso remetem âs embarcações, & lhe dão focinhadas, & encontros, o que jà algũas vezes aconteceo, particularmẽte a huã, que vinha dos rios de Cuama pera Moçambique carregada, em que vinha Dom Fernando de Monroy, capitão q̃ então era desta fortaleza. O qual perto das ilhas de Angoxa encontrou com hũa Balea, q̃ o veyo seguindo quasi hum dia, & por duas vezes remeteo â embarcação, & de hũa dellas lhe deu tal encontro, q̃ lhe leuou fora o leme, & a teue quasi virada. Vẽdose os q̃ nella hião arriscados, receando que se lhe desse outro encontro, os metesse no fundo, foraõlhe fugindo pera terra, com determinação de darẽ à costa, se a Balea os não deixasse, & juntamẽte lhe deraõ grandes brados, & lhe tangeraõ cõ hũa bacia de cobre, & baterã com ferros na poppa do Pangayo. Cõ o qual estrondo a Balea não tornou mais a encontrallos, mas de lõge os foi ainda seguindo mais de duas horas.

As Baleas comẽ as embarcações pequenas.

¶ Hum peixe deu à costa na ilha de Moçambique, defronte da porta da çerca do nosso Cõuento de S. Domingos, o qual depois que vazou a marè ficou em secco na praya. Os escrauos de casa acudiraõ logo, & vẽdo o peixe chamaraõ os religiosos, que o fossem ver, porq̃ era monstruoso, & nũca visto. Tinha este peixe de cõprimento dezanoue palmos, & no mais grosso do corpo tinha oito em roda. As quaes medidas lhe mandamos tomar cõ hũa corda, antes que o cortassem, porque nôs fomos dos primeiros que chegamos a elle. Logo se ajuntou muita gente da ilha neste lugar, & todos começaraõ a cortar no peixe, & leuar pera suas casas. E cuido eu, q̃ pouca gente ficou na ilha, que delle não leuasse quinhão. Este peixe era da feição de hum cação, ou Espadarte, mas não tinha espada no focinho, nem menos era Baleato, porq̃ estes tem a pelle mais preta, & outra

Mõstruoso peixe.

tra

trã feição de cabeça,& a boca muito mais larga. E asi não ouue pescador, nem marinheiro, que soubesse a casta deste peyxe.

¶ CAPITVLO XVII.

¶ Das Tartarugas, que se pescão nesta costa, atè o Cabo Delgado.

Or toda esta costa de Moçambique, atè o Cabo Delgado, ha muytas Tartarugas da feição de hum câgado, & do tamanho de hũa grande rodella. Estas sayem do mar em çertos tẽpos a desôuar nas ilhas desertas, & deshabitadas, onde fazendo hũa coua com as vnhas nos areaes da praya, poem nella de hũa postura trinta, atè quarẽta ouos, & tornandoos a cubrir com a area, se recolhem outra vez pera o mar. Estes ouos são do tamanho de ouos de gagilinha, redondos, não tem casca, senão hũa pelle muito dura & grossa: tem gemma, como ouo de galinha, mas a clara he liquida, & solta como agoa. Estes ouos estão debayxo da terra çerto tẽpo, no qual se chocão, & se gêrão delles as Tartarugas, sômente com as influẽçias do sol, sem mais beneficio da mãy que os pôs: & depois de nacidas, ellas mesmas saem da area, & caminhão pera o mar, onde se crião.

As Tartarugas criãose ẽ terra.

¶ Os naturaes destas terras sabem jà o tempo, em q̃ as Tartarugas saem a desôuar em terra, & vãose pòr nas prayas pera as vigiar, & espreitar, quando saem fora do mar, & como as vem em terra, correm a ellas, & virão de costas as que podem alcançar, do qual modo ficaõ sem se poderem mais bollir, & assi as matão, & tiraõ lhe a carne de dentro pera comer, & as cõchas de çima das costas somente, que saõ as que prestão, & vendẽ. Das quaes fazem na India os cofres, & brincos de Tartaruga, q̃ vem pera este Reino.

Modo d̃ tomar as tartarugas.

¶ Os pescadores matão as Tartarugas no mar de differẽte, & estranha maneira. Primeiramente, pescão em çertas paragẽs do mar ao lõgo da costa entre pedras hũs peyxes de comprimẽto de dous palmos, a que os Mouros chamão Sapi, tão inimigos das Tartarugas, como o Foraõ do coelho. Este Sapi tem pelle muyto parda, que vay tirando a preta, o focinho comprido, & delgado, & na ponta delle hũa tromba como

Pexe Sapi inimigo das tartarugas.

como porco. Tem hũ pescoço de meyo palmo, & sobre elle da parte de çima hũa concha do mesmo cõprimento, & de tres dedos de largura, a qual he de couro, dura, & espõjosa, toda arregoada, com a qual se pega nas pedras, como fazem as sanguisugas, & a mesma propriedade tẽ de chupar sangue. E poressa rezaõ quando encontraõ as Tartarugas, remetem a ellas, & ferraõlhe do pescoço, ou de hũa ilharga com esta concha, & com ella lhe chupaõ tanto sangue, atè que se fartão deixandoas quasi mortas, sem ellas lhe poderem resistir, nem fogir, por serem muyto grandes, & carregadas, & o peixe Sapi muy ligeiro.

Modo de pescar as Tartarugas.

¶ Tanto que os pescadores tem tomado algum destes peixes, logo o deitão em hũa gamella de agoa salgada, & o trazem na embarcação em viueiro, & lhe atão no rabo hũa linha de pescar muito cõprida, & desta maneyra o leuão, & vão polo mar ẽbusca das Tartarugas, que ordinariamente andaõ sobre as agoas, & como vem algũa, lançaõlhe o peyxe prezo polo rabo, como quẽ lança foraõ atrêllado a coelho, & o peyxe remete logo a ella cõ tanta furia, como se estiuera solto, & não tiuera reçebido algũ escandalo do enzol com que foy pescado, ou da prisaõ em q̃ andaua. E em lhe chegando, aferra nella tão fortemẽte que a não larga mais: & depois que os pescadores o sentẽ ferrado, puxão pola linha, & o trazẽ açima d'agoa sem soltar a Tartaruga, a qual com ser tão grande, & pesada, vem tão senhoreada, & atormentada do peixe, que não bolle consigo, antes se deyxa leuar delle façilmente, pola dor que sente no tempo que puxão por elle, porq̃ entaõ ferra muito mais. E desta maneira, chegando a Tartaruga à borda da embarcação, os pescadores a tomaõ logo com as mãos muy depressa, & a metẽ dentro, & tornaõ o peixe à sua gamella. E desta moneira tomão muitas Tartarugas.

¶ Deste modo se faz outra pescaria na China com coruos marinhos, que pera isso manda o Rey criar em todos os seus portos de mar em capoeyras como galinhas, como refere o Padre Fr. Gaspar da Cruz, no liuro que fez da China. A qual pescaria se faz da maneira seguinte. Atão estes coruos cõ hum

Cap. 12.

Pescaria dos cor-uos da China.

hum cordel cõprido por bayxo das azas, & os lançaõ ao mar,com o bucho atado, pera que não possaõ engolir o peyxe que tomarẽ. Os quaes mergulhão logo abaixo,& tomão quanto peixe miudo lhe pode caber na boca,& na garganta, & tornãdo açima d'agoa,voaõ pera a embarcaçaõ,onde estão os pescadores, & nella despejaõ a pescaria que trazem, & logo voltão ao mar a fazer outra. E depois de terem feyto grande pescaria desta maneira, lhe desatão o laço do bucho,pera que possaõ pescar pera si, & comer atè que se fartẽ. Este peixe miudo recolhem os pescadores em viueiros d'agoa que trazẽ nas embarcações, & daqui os leuão pera terra,& os crião em tanques,que pera isso tem feitos,atè que saõ grandes, & dali os vendem. Polo qual respeito ha sempre grande abundancia de peixe fresco em todas as terras da China.

Duas castas d tartarugas.

¶ Duas castas de Tartarugas ha nesta costa:hũas tẽ hũa sò concha,como concha de câgado, preta,& fea, da qual se não faz obra,nem presta pera mais,que pera seruir de gamella, mas a carne destas he melhor. Outras Tartarugas ha, q̃ tẽ duas conchas. A primeira, que tẽ junto da carne he inteira,& molle como couro grosso: sobre esta tem outra cõcha pegada muy fermosa,& pintada de amarello,&preto, a qual he de onze peças, cadahũa de hum palmo pouco mais,ou menos,& estão juntas hũas com as outras,& pegadas na concha molle,de tal maneira, que parecẽ ambas hũa sò inteira. E daqui se tiraõ estas conchas de çima, de que se faz toda a obra,que vemos feita de Tartaruga,como saõ cofres,colheres,& outras peças curiosas,& ricas,tão estimadas como sabemos.

¶ CAPITVLO XVIII.

Dos Tubarões de Moçambique, & de todo o mar Oceano, & de outras castas de peixe q̃ ha neste mar.

Tubarões carniceiros.

GRandes & muitos Tubarões ha neste mar Oceano, muy carniceyros, & em particular os que andão no mar de Moçambique. Os quaes se vão âs prayas da ilha a espreitar os Cafres, q̃ se vão lauar no mar,onde tem ja tomado muitos. Polo q̃ ninguẽ ousa de se meter nelle pera se

lauar,

lauar, ou nadar, porque estão os Tubarões nas prayas, tão cosidos com a area debaixo da agoa, que naõ parecem senão quando daõ de subito cõ a presa, & a apanhão, & leuaõ. Em hũa praya desta ilha, junto a S. Gabriel andauão hũs moços folgando â borda do mar, & não tinhão dẽtro n'agoa mais que os pés, cuydando que andauaõ mui seguros, mas sucedeolhes mal, porque veyo hũ Tubaraõ, & apanhou hum delles, & o leuou pera o mar, & o comeo.

¶ Outro Tubaraõ apanhou hum escrauo da nossa casa de S. Domingos de Moçãbique, o qual andaua com outros da mesma casa deytando ao mar hum batel, que na praya estaua varado, estando presente o Padre Fr. Ioaõ Madeira, Vigairo que entaõ era da dita casa, que lhe mandaua fazer esta obra: o qual Tubaraõ ferrou do escrauo por hũa perna de tal maneira, que lha leuou logo fora por çima do joelho, como se lha cortaraõ com hum machado, & acodindo o escrauo cõ hũa mão, lha leuou juntamente cõ meyo braço, & acabara de o leuar de todo, se os outros escrauos lhe não acodiraõ, & o tiraraõ a terra, onde dahi a pouco morreo.

¶ A estes Tubarões chamão os homẽs do mar Marraxos. Outra casta de Tubarões ha mais perjudiciaes, & carniceiros, que estes, a q̃ chamaõ Tintureiras. Estes saõ muito mayores, & mais compridos, & tem a pelle mais parda, & muitas ordẽs de dentes. São muy golosos, assi hũs, como os outros. Não ha cousa que se deyte ao mar, que elles não engulaõ, se podem. Quando eu fuy pera a India, ẽ hũa nao de nossa companhia tomaraõ hum Tubaraõ, & acharaõlhe no bucho hum garfo de prata, que deuia ter caido de algũa nao, ou da mesma companhia, ou de qualquer outra. Diz o Padre Mendoça, que na viagem das Indias Occidentaes acharão os Hespanhoes muy grandes Tubarões, que tinhão muitas ordẽs de dentes, & pescando algũs delles, lhe acharão nos buchos todas as immundicias, q̃ lançauão das naos, em hum dos quaes acharaõ a cabeça de hum carneiro inteira cõ seus cornos, que tinha caydo ao mar de hũa das naos. Os q̃ nôs achamos hião seguindo a nao, & tomando toda a carne de

Tintureiras.

Itinerario do nouo mũdo. cap. 3.

de ſalè, que os marinheyros, & ſoldados deitauão ao mar atada em cordas, pera ſe lhe ir lauando a ſalmoura. E taõ goloſos, & carniçeiros erão, que atè as camizas, que deitauão ao mar atadas da meſma maneyra, pera ſe irem lauando, apanhauão, & engollião inteiras cortandolhe as cordas, em que ãdauão preſas. Polla qual cauſa os marinheyros lhe armauã com enzoes grãdes iſcados cõ carne, que pera iſſo leuauão, com dous palmos de cadea de ferro, porque lhe não cortaſſẽ a corda com os dentes. E deſta maneyra tomauão muytos, de que fazião grandes juſtiças, abrindolhe as barrigas, & o bucho, onde achauão muytas vezes as camizas, que tinhão engollido, inda com os nòs atados, & as poſtas de carne inteiras. E depois diſſo lhe quebrauão os olhos, & lhe cortauão dous palmos de rabo, & nẽ aſſim acabauão de morrer. Deſta maneyra os tornauão a deitar ao mar, onde inda hião nadãdo, atê que deſappareçião.

¶ Em muytas partes deſta viagem achamos muyto peixe que logo hia ſeguindo a nao, como erão douradas, bonitos, albocoras. Dos quaes ſe peſcaua muyta quantidade. Eſte peyxe ſe peſca, indo a nao à vela, com enzoes, que pendurão da nao por hũa linha, atè chegar à ſuperficie da agoa, os quaes leuão pegado ao ferro hũ retalho de pãno de linho, ou penas de gallo, que vão tocando de quando em quando na agoa: âs quaes remete o peyxe de ſalto, cuidando que he outro peyxe pequeno, a que chamão peyxe voador, & aſsim engollindo eſtas iſcas falſas juntamente com o enzol, fica prezo, & pendurado polla linha, atê que o tiraõ acima da nao.

Peixe q̃ ſegue as naos.

¶ Em outras paragẽs achauamos infinitos peyxes voadores. Os quaes ſaõ do modo de hum arenque, & do meſmo tamanho. Tem duas barbatanas nas ilhargas grandes, & largas como azas de morçego, com que voão muyto alto, & longe como paſſaros, quando ſe vem apertados de outros peyxes grandes, que os querem comer. Eſte he o mais perſeguido peyxe, que me parece ha no mar, porque os grandes andão ſempre apos elle, pera o comerem, & quando foge d'elles, & vay voando pollo ar, he perſeguido dos paſſaros, que tambem o buſcão pera o comerem. De-

Peixe voador.

N modo

modo, que se foge do mar perseguido dos peyxes, fica no ar nas vnhas das aues. E com estes voadores serem tão perseguidos, & morrerẽ desta maneira muitos, ficão tantos, que em muytas partes cobrem os ares voando, como passaros, q̃ andão em bandos.

¶ No mar das ilhas de Quirimba desta costa, de que vou fallando, ha tantos Salmonetes que por serẽ muytos, não saõ estimados. Ha tambem outros peyxes, a q̃ chamão Mordixis, q̃ se pareçẽ muyto cõ Bogas, ou Picões do rio. Este he o melhor & mais sãdio peyxe, que ha nestas partes. Ha outro peyxe, a q̃ chamão Peyxe serra, como grandes Coruinas, mas he muyto melhor, & guardase em cõserua, & curado pareçe lacaõ: & assim he muyto estimado.

Salmonetes.

Mordixis

Peyxe serra.

¶ CAPITVLO XIX.

¶ Das embarcações, & marinheiros, nauegaçaõ, & mercadorias de toda esta costa.

Todas as embarcações, em que se nauega por esta costa do Cabo das correntes atè o estreito de Meca saõ de madeira, que os Mouros colhem no mato, fendida pollo meyo ao machado, & depois laurada cõ enxò de duas mãos ao modo de enxada, & assim naõ fazem de cada pao mais q̃ duas taboas, podendo fazer muytas, se o serrarão, mas he couza, que não se vza nesta costa. Deste taboado fazem as embarcações cozidas todas cõ fio de Cairo, & pregadas com pregos de pao, & do mesmo Cairo lhe fazem toda a cordoalha, & as amarras. As embarcações grandes chamão nauetas, & às means pangayos, & às pequenas luzios, ou almadias. As velas de todas estas saõ de esteira feita de folhas de palma, ou tamareiras brauas.

Embarcações desta costa.

¶ Os marinheiros de todas estas embarcações saõ Mouros os mais delles pretos, barbaros & muy amigos de vinho, & não tem de Mouros mais que o nome, & circunçisaõ, porque nẽ sabem, nẽ guardão a ley de Mafoma, que professaõ. O principal em que se esmerão, he ẽ festejar muyto todas as luas nouas, & nellas ordinariamente se embebedaõ todos com festa defendendolhe sua ley o vinho. São muyto agoureiros, quando andão no mar, se tem algũa tormenta grande, inda que

Marinheiros desta costa.

q̃ tragão a embarcação sobre carregada, naõ querem alijar cousa algũa della, dizendo, que o mar engolle tudo, quanto lhe lanção, & nunqua se farta & quanto mais lhe lançaõ, tanto mais se embraueçe, & não amaina suas ondas, atè lhe naõ lançarem tudo quanto vay na embarcaçaõ.

Agouros destes marinheiros.

¶ Quando falta o vento a estes marinheiros pera nauegar, açoitaõ as embarcações, em que vaõ, com cordas, polla poppa, & pollas ilhargas tanto, atè q̃ elles mesmos cansaõ, & suaõ, & isto fazẽ gritãdo, & pellejãdo com ellas, como se tiueraõ entendimẽto pera sentirẽ, o q̃ lhe dizem, & fazem, ou deixaraõ de nauegar por sua culpa, attribuindolha elles; porque dizẽ, que tambem as embarcações se fazẽ priguiçosas, & rõçeiras por não nauegar: & o vẽto, como as vè desta maneyra, deyxa devẽtar, cõpadecendose dellas & deyxãdoas descãsar, & como descãsaõ, torna a vẽtar, como dãtes. E algũs marinheiros ha, que tẽ esta superstiçaõ por taõ verdadeira, que naõ ha des persuadillos della. Isto vi eu fazer duas vezes aos marinheiros das ilhas de Quirimba, indo pera Moçambique, & estranhandolhe muito darem nas embarcações, pois naõ sintiaõ o que lhe faziaõ, zombaraõ de mim, dizendo, que naõ sabia o custume daquelles Pangayos, porque como se descuidauaõ era necessario espertallos, & q̃ eu veria logo tornar o vento: mas naõ veyo, senaõ quando Deos foy seruido. Ao piloto destas embarcações chamaõ Malêmo, & ao Mestre Mocadaõ.

Açoutão as embarcações.

¶ As mercadorias, com que os mercadores desta costa resregaõ tudo o q̃ os Cafres vendem, saõ roupas de todas as sortes, & particularmente bertangijs pretos, & contas miudas de barro vidrado de todas as cores, as quaes vem cada anno da India, pera Moçambique. Com estas veniagas manda o capitaõ da fortaleza hũa naueta cada anno â ilha do Inhâca: que està no rio de Lourenço Marques, a fazer resgate, donde lhe vay ambar, marfim, escrauos, mel, & manteiga, cornos, & vnhas de Bada, dentes, & vnhas de cauallo Marinho. Outra naueta, ou Pangayo mãda cada anno ao Cabo das Correntes, & rio de Inhambâne, donde lhe vay o mesmo. Cada seis meses manda hũ Pangayo

Mercadorias desta costa.

Ilha do Inhaca.

Cabo das Corrẽtes

Sofala.

& muytas vezes dous à Sofala com as mesmas mercadorias, donde lhe leuão ãbar, marfim, aljofar, & perolas, que se pescão no mar das ilhas Boçicas, dentes de peyxe molher, mel, manteiga, arroz, muytos escrauos, & hũa boa copia de ouro em pò, pastas, & lascas. Aos rios de Cuàma manda cada seis meses tres, & quatro pangayos com estas mercadorias. Donde lhe vay grande copia de ouro em pò, pastas, & lascas, marfim dentes de cauallo marinho, mel, & manteiga, arroz, & muytos escrauos. As ilhas de Angoxa manda cada seis meses hum pangayo. Donde lhe trazem marfim, algum ambar, muytos escrauos, esteiras de palha muito fina; & palhetes pera a cabeça, que saõ muy vzados nesta costa. A ilha de S. Lourenço manda cada anno hum nauio, ou naueta grande. Donde lhe leuão muytas vaccas, cabras de boa casta, que parem duas vezes no anno dous, & tres cabritos de cada parto, ambar, & escrauos, pannos de heruas, q̃ os negros da ilha teçem, muy bons, & finos, de que as Portuguesas fazem esteiras pera os estrados, & alguns negros, particularmente os da ilha, se vestem delles. As ilhas de Quirimba, atè o Cabo Delgado, manda cada anno hum Capitão. O qual faz por todas estas ilhas muytos mantimẽtos de milho, & arroz, pera prouimento da fortaleza de Moçambique, muytas vaccas, cabras, & algũ marfim, que vem da terra firme a vender às ilhas, algum ambar, muyto mannà, & muyta Tartaruga, & grande copia de escrauos. Esta jurdição do Capitão de Moçambique, começa da ilha do Inhaca atè o Cabo delgado, que saõ mais de trezentas legoas de costa.

Rios de Cuàma.

Ilhas de Angoxa.

Ilha de S. Lourẽço.

Ilhas de Quiriba.

Iurdição do Capitão de Moçãbique.

¶ Estes escrauos de todas estas terras, que tenho apontado todos, ou a mayor parte delles nacerão forros: mas estes Cafres saõ taõ grandes ladroẽs, que furtão os pequenos, & trazem enganados os grãdes atê as prayas, onde os vendem aos Portuguesses, ou aos Mouros, ou a outros Cafres mercadores, que tratão nisso, dizendo, que saõ seus catiuos. A outros escrauos destes vendem seus pays, em tempo de necessidades, ou de fome. Outros catiuão os Reys por algũs crimes, que cometem, & os mandão vẽder. Outros saõ os q̃ se catiuão ẽ guerra, na qual ordinaria mente

te os Cafres andao hũs com os outros, & os vençedores vendẽ os catiuos, q̃ tomão nella.

¶ Ia que neste liuro terceiro tratei da ilha, & fortaleza de Moçambique, rezão sera, que dè aqui hũa relação, que agora veyo da India, do çerco, & guerra, que os Hollandeses lhe fizerão o anno passado de 607. a qual se pode ver no capitulo seguinte.

¶ CAPITVLO XX.

¶ Em que se da hũa breue relação da guerra, que os Hollandeses fizerão à fortaleza de Moçambique, & do çerco, que lhe puzerão no anno de 607.

NEste anno de 608. chegarão a este Reyno as naos da India, de que era capitão mòr Dõ Hieronymo Coutinho, em as quaes vierão nouas da guerra, que os Hollandeses fizerão â fortaleza de Moçambique. E por quãto neste terceiro liuro da Ethiopia Oriental tenho tratado desta ilha, & fortaleza, me pareceo que deuia (antes de passar auante) dar hũa breue relação do que nesta guerra, & çerco socedeo, a qual he a seguinte.

AOs 29. de Março do anno do Senhor de 1607. chegarão ao porto de Moçãbique oito naos de Hollandeses (estando nella por Capitão Dom Esteuão de Attaide fidalgo muy nobre) com cuja vista os moradores da ilha se acabarão de recolher na fortaleza, porque ja se começauão a recolher, por terem auizo da India da ida destas naos: & por essa cauza tinhão ja metido nella a principal fazenda, dinheyro, peças, & mouel de suas cazas. Tanto, que estas naos chegarão ao porto (que he dabanda de dentro de duas ilhas que estão defronte da fortaleza, obra de hũa legoa ao mar, chamadas, saõ Iorge, & Santiago) surgirão todas juntas, & logo largarão hũa bandeira de guerra, por onde de todo forão conhecidas por naos de inimigos & juntamente lançarão muytas lanchas ao mar, que trazião dẽtro nas naos. No dia seguinte, que foy sabbado, tanto que a marè começou a encher se leuou a nao Capitaina, & as mais apoz ella, & todas infiadas hũa detras da outra, forão entrando polla barra da ilha de Moçambique, com tanta ousadia, como se não ouuesse alli

fortaleza, ſendo ella hũa das mais fortes da India, & jugando ella neſte tempo com muyta, & groſſa artelharia, que tem, de que os inimigos receberaõ muyto danno. Neſta entrada, tocou hũa deſtas oito naos em hum bayxo (de dous que tem eſta barra muy perigoſos) & ſobre elle eſteue quaſi encoſtada, & perdida: mas os Hollandeſes lhe acodiraõ logo com muyta preſſa em ſuas lanchas, & com cabos, que lhe derão, a tiraraõ pera o canal, & a meterão dentro, em companhia das mais naos, com tanta diligencia, como ſe toda a ſua vida forão pilotos daquella barra, & ſouberão os paſſos daquelle canal, & baya. E forão ſurgir dẽtro, em parte, onde a fortaleza lhe não podia fazer dãno: & logo no Domingo ſeguinte polla manhã, deitarão em terra quinhẽtos moſqueteiros; & forão ſenhores della, por cauſa da gente da fortaleza ſer então pouca em comparação dos inimigos, que não era baſtãte pera lhe defender que não deſembarcaſſẽ porque neſſe tẽpo não auia na fortaleza mais que 145. homẽs ẽtre velhos, & moços. No meſmo Domingo tirarão das ſuas naos algũas peças d'artelharia & as puzerão no Conuento de S. Domingos: onde ſe fizerão fortes, & ſe alojarão todos, por ficar fronteiro à fortaleza. E vendo que lhe ficaua dalli a bataria longe, começarão a fazer vallos, & trincheiras, do Conuento atè à hermida de S. Gabriel, & dahi outras atè junto à fortaleza: onde armarão tres balluartes cõ ſaccas, & pipas, cheos de terra, tão fortes, como de pedra & cal; & nelles puzerão noue peças d'artelharia groſſa, com que batião a fortaleza com tanta preſſa, que cada dia lhe tirauaõ de oitenta peças pera çima; entre as quaes auia hum Canhão muy grande, que tiraua com pelouro de cincoenta, & dous arratẽs, com o qual fazião muyto danno na fortaleza. Neſte cõbate foraõ continuando por eſpaço de dous meſes, que a tiuerão de çerco.

Deſẽbarcão na ilha.

Fazẽ vallos, tranqueiras, & baluartes.

¶ Allem deſta bataria, ordenarão hũas mantas de madeira & taboas poſtas ſobre cauallos de pao, & debayxo dellas chegarão a querer picar hũ balluarte, que ſe chama de S. Gabriel, mas a gẽte da fortaleza os tratou tão mal cõ penedos, que lhe lãçou deçima dos muros

Ordenarão mantas de madeira.

ros,que lhe fez largar a empreza, & o ardil,que tinhão ordenado, cõ morte de muitos Hollandeses. Todos estes ardìs faziâo os Hollandeses de noyte por se liurarẽ do grande dáno, que os nossos lhe faziâo de çima dos muros da fortaleza cõ a espingardária. Da nossa parte tambẽ não faltauão ardìs pera encótrar,& desfazer os dos Hollandeses, porque fizerão grãdes luminarias de alcatraõ ardendo em caldeyras postas em hasteas compridas sobre o muro, demodo que allumiauaõ o campo çircunstante à fortaleza: por onde os Hollandeses naõ ouzauaõ chegar perto della,por naõ serẽ vistos dos nossos,que vigiauaõ por çima dos muros,& mortos â espingarda. Demaneyra, que os 145. homẽs que auia dentro na fortaleza,sempre leuaraõ a melhor dos inimigos, que eraõ dous mil homẽs, pouco mais ou menos, & sempre lhe desfizeraõ suas machinas, & vieraõ a tellos em taõ pouca conta,que sairaõ hũa noyte da fortaleza vinte homẽs,& deraõ sobre elles,& mataraõ muytos,sem algũ dos nossos perigar:& pollo discurso do tempo, que durou este çerco foraõ mortos dos inimigos passante de trezẽtos, & dos nossos sòmente dous Portuguesés: no que se deue muyto ao bom gouerno,& prudencia do capitaõ da fortaleza, q̃ nesta guerra se ouue não sòmente como sagas capitaõ, mas tambem como esforçado soldado,sendo o primeiro na vigia,& na briga, com que daua grãde animo aos seus soldados

Ardil dos cercados

¶ Vendo os inimigos o pouco fruyto que tinhaõ feito em taõ continua guerra, & a muyta gente, que os da fortaleza lhe tinhaõ morto: & tambem por se temerem, que podiaõ ir as nossas naos deste Reyno àquelle porto (como tem de custume)& achallos dentro, sem poderem fugir,tornaraõ a embarcar toda a sua artelharia,& querendose partir, fizerão hũa carta ao capitaõ da fortaleza em que lhe diziaõ,se queria resgatar as igrejas, cazas, & palmares da ilha,&quintas da terra firme, que fossem dous homẽs da fortaleza tratar isso cõ elles,& se não, que tudo auiaõ de por por terra, & abrazar com fogo. A isto lhe foy respõdido,que nenhum concerto, nẽ resgate queriaõ cõ elles, mais que guerra. O que visto pollos Hollandeses,puseraõ logo fogo

Carta dos Hollãdeses ao capitão, & sua reposta.

go á toda a cidade, cõ taõ grãde incendio de alcatraõ, que naõ ficou casa, nem igreja em pé. Cousa bem pera sentir, mayormente o que fizeraõ às imagẽs, & altares: o que tudo quebraraõ, & derrubaraõ. Allem disso cortaraõ todos os palmares, que auia na ilha, que eraõ muytos, & de muyta rẽda. Tãbem queimaraõ duas naos, q̃ estauaõ no porto, hũa dellas meya carregada de fazendas, que auia poucos dias tinha chegado da India. E em terra tomarão ainda muyta fazenda, que não ouue tempo pera se recolher na fortaleza. E leuarão hũ galeoto do capitão da fortaleza, que tinha vindo do Cabo das correntes. De maneyra q̃ a todos foy gêral a perda, estimada em mais de çem mil crusados. Isto concluydo, sayrão polla barra fora, não tanto a seu saluo, como cuydarão, porque allem de lhe matarem muyta gente cõ a artelharia da fortaleza, que sempre lhe foy tirãdo, hũa das naos, ao sair da barra, se embaraçou de maneira q̃ tocou em hũ dos bayxos do canal, & alli ficou encalhada. Daqui se forão os Hollandeses às ilhas do Comoro, que estão setenta legoas desta de Moçambique, buscar mantimẽtos, como depois se soube.

¶ Poucos dias, depois que os Hollandeses se forão, chegou ao porto de Moçambique D. Hieronimo Coutinho (q̃ hia deste Reyno pera a India, por capitaõ mòr) com tres naos, & entrando com ellas polla barra dentro, surgio perto da fortaleza, onde he custume surgirem. A qui esteue fazẽdo agoada, tomando refresco, & esperando tempo, pera se partir pera a India, atè cinco de Agosto: no qual dia tornaraõ os Hollandeses ao porto de Moçambique, & lançarão anchora no surgidouro, que està da ilha de S. Iorge pera dentro, com cuja chegada se tornou a recolher a gente da ilha de Moçambique dẽtro na fortaleza: & D. Hieronimo com a sua se foy pera as suas naos, & asśim hũs, como os outros se puzerão em ordẽ de pellejar com os Hollandeses, se quisessem entrar o canal de Moçambique; o que elles não ouzaraõ fazer, antes se deixaraõ estar no mesmo porto, & dalli fizerão algũas saidas em suas lanchas, & de hũa se encontraraõ com os nossos bateis, & pellejarão âs mosquetadas, atè fugirem pera as suas

naos

naos. Outra vez sairaõ, & desẽbarcando na terra firme, tomaraõ hum Mouro da ilha, & souberaõ delle como Dom Hieronimo tinha dous mil homẽs de pelleja, polla qual rezaõ logo se resolueraõ em ir pera a India, como fizeraõ, & sairaõ do porto de Moçambique aos 26. dias de Agosto.

¶ Vẽdo D. Hieronimo Coutinho como os Hollandeses erão idos, & que inda tinha tẽpo pera poder ir â India, negoceou as couzas, que lhe eraõ necessarias pera a viagem, & deixando na fortaleza cem soldados das suas naos, & trinta mosquetes, logo se partio: mas ao sair da barra tocou hũa das tres naos que leuaua (que foy a nao S. Francisco) em hũ dos bayxos do canal, õde se encostou, mas logo lhe â codirão, & a descarregarão da fazenda que leuaua, sem se perder nada della: & depois que a nao se descarregou, nadou, porem fazia tanta agoa, que ficou em Moçambique, & parte da sua carga, & a outra se partio pollas outras duas naos, & foy pera a India. Neste estado ficaraõ as couzas desta ilha, & fortaleza de Moçambique. E oje estâ muy bem prouida de soldados, munições, & mantimentos.

FIM DO TERCEIRO Liuro.

LIVRO QVARTO DA ETHIOPIA ORIENTAL, EM QVE SE DA RELACAM DOS REYNOS,

& prouincias, que ha pollo sertaõ dentro, do Cabo Delgado, atê as terras do Egypto, & prayas do mar Roxo, particularmente, de algũs Reynos principaes sojeitos ao Preste Ioaõ; & do rio Nilo, que por elles corre, dos custumes, ritos, & abusos dos habitadores destas terras, & de muytas cousas notaueys que nellas ha.

¶ CAP. PRIMEIRO.

¶ Dos Reynos de Munimugi, & Gorâge sojeitos a Cafres, & de outros sojeitos ao Preste Ioão.

Endojà tratado da mayor parte da Ethiopia, do Cabo das corrẽtes, atè o Cabo Delgado, q̃ são trezẽtas legoas de costa, da jurdição do capitão de Moçãbique, cõuẽ agora pera cõclusão desta historia, dar relaçaõ das terras, & Reynos, q̃ vaõ daqui atè o Egypto, & mar Roxo, q̃ saõ os limites desta Ethiopia.

¶ Do Cabo Delgado, atè a linha Equinoctial jàz situada a costa de Melinde, que he da jurdiçaõ do capitão de Mombaça. Toda esta terra firme he pouoada de Cafres differentes na lingoa, & custumes, & todos barbaros, como os da costa de Quirimba. Pollo sertão deste Reyno de Mongallo, de que ja fallei, vay correndo pera o Norte o grande Reino de Munimugi Cafre Gẽtio, poderoso, & grãde senhor & cõfina da parte do Sul cõ as terras do Mauruça, & do Embêoe, & da parte do Norte, & Nordeste cõ os Reynos do Preste Ioão, & de Leste cõ o de Gorâge.

1.p.liu.3. cap.7.

Reino de Munimugi.

¶ Este Reyno de Gorâge està situado perto do rio Nilo da parte do Leuãte, cinco graos da linha pera o Tropico de Cãcro. He pouoado de Gẽtios barbaros Cafres pretos de cabello reuolto. Tẽ muytas minas de ouro, & delle pagaõ grãde tributo a seu Rey. Entre estes ha grãdes feyticeiros, & adeuinhadores, & fazẽ seus feitiços nas entranhas do animal, q̃ mataõ, adeuinhãdo nellas quãto querẽ: fazẽ parecer, q̃ naõ queima o fogo com

Reynode Gorâge.

Feyticeiros deGorâge.

com seus feitiços, & pera isso mataõ hũ boy, fazendo certas ceremonias, & dizendo certas palauras, & vntaõse cõ o çeuo do mesmo boy; & depois fazem hũa grande fogeira, & assentaõse nella, & de dentro respondem a todos os circunstantes, adiuinhandolhe as cousas, que lhe perguntaõ, sem se queimarẽ. E desta maneyra ganhaõ de comer, & saõ temidos, & venerados por esta arte.

Casas debayxo do chão.

¶ Neste Reyno hà grandes pouoações debayxo do chaõ, abertas em ladeyras muyto ingremes de serras muy altas, aõ de escaçamẽte podem sobir os donos das casas, ou lapas, pera se recolherẽ nellas. O vaõ de cadahũa destas lapas he quadrado, & capaz de recolher sete, ou oito pessoas, & o portal taõ estreito, & baixo, que naõ cabe por elle mais q̃ hũa sò pessoa inclinada. Quem vè de longe estas ladeiras cheas de portaes, pareçelhe que saõ pombaes cheos de buracos, em que criaõ pombas.

Reynos do Preste Ioaõ.

¶ Este Reyno he çercado, do Norte, Leste, & Oeste, de algũs Reinos do Preste Ioaõ dos quaes apontarei os principaes que saõ os seguintes. Hadía, Conche, Damùte, Gôjame, Bagamedrì, Dãmbia, Caphate Angòte, Xòa, Amàra, Fatigar Baruu, Baligange, Adea, Oja, Vague, Tigrimahom, Barnagais, no qual està a Prouincia Sabbaim, donde foy à Rainha Sabbà, & outras muytas prouincias de grandes senhores, q̃ saõ como Reys, os mais delles sojeitos ao Preste Ioão, o qual se intitula Açegue, q̃ quer dizer Emperador, & tambem se chama Negùs, que significa Rey.

¶ Destes Reinos tratarei algũas cousas mais notaueis, q̃ nelles ha, de q̃ tiue notiçia nesta costa, por informação de algũs Abexîns, que a ella vierão & particularmente de hum, que catiuaraõ os Mouros do Reyno de Adèl nas guerras de Ianamora, & fugio de Zeila pera esta costa; & tambẽ por via de hum Veneziano mercador chamado Hieronymo Cherubĩ homem de muyto bom entendimẽto, o qual passou aos Reinos do Preste Ioão por via de Alexandria, com suas mercadorias, & correo quasi todos, & residio nelles algũs annos, & depois se tornou polla via do mar Roxo pera a India, trazendo consiguo hũa molher Abexim, & hum filho

filho,q̃ della tinha, & da India se veyo pera Portugal cõ elles na mesma nao,em q̃ eu vim, onde me informei delle de muytas couzas, q̃ lhe perguntei, & me disse destes Reynos,que saõ muyconformes cõ as q̃ escreuerão o Patriarcha D. Ioão Bermudes,& o P. Frãcisco Aluarez Clerigo de missa,os quaes andarão muyto tẽpo nestas partes, & virão as maisdas couzas notaueis q̃ nellas ha, & dellas taõbẽ relatarei neste liuro algũas.

¶ Iunto de Gorâge do Nilo pera o Leuante,estâ o grande Reyno de Hadîa pouoado de Gẽtios tributarios ao Preste Ioaõ,muyto mais pollidos,q̃ os Goràges,& menos feytiçeiros posto q̃ tãbẽ algũs vzaõ da mesma arte diabolica. Achase neste Reyno muyta, & boa myrrha,cria infinito incẽso,anîme, & pouco ouro.

Reino de Hadîa.

¶ Pollo sertaõ dentro deste Reyno,indo pera o Ponẽte,està situada a prouincia de Conche pouoada de Gẽtios tributarios ao Preste Ioaõ: he gente muy pollida, & muy dada ao exercicio da guerra. Nesta prouincia està hũa ribeira,ao longo da qual vaõ corrẽdo grãdes & altas serras,deshabitadas,& cheas de matos, & aruores syluestres, onde ha muytas feras, bichos, & cobras venenosas. Em hũa destas serras ha muyto ouro,& deyxase ver em algũas partes, particularmente, quando lhe dà o sol. Esta serra tem o Rey muy guardada, & defesa,como grande thesouro, que he. Ninguem pode passar à outra parte da ribeira, onde ella està,nem o Rey manda tirar ouro della,senaõ de outras minas,que tem nesta paragem das quaes na fundiçaõ se tiraõ as tres partes de ouro, & hũa de terra. O Patriarcha D. Ioaõ Bermudes esteue neste lugar, & vio esta serra, como elle diz no liuro q̃ fez do Preste Ioaõ.

Conche.

Minas de ouro.

¶ De Goràge pera o Ponente està o Reyno de Gojame, o qual he muyto rico, assim por respeito das minas de ouro, q̃ tem,como do infinito algodaõ gados,cauallos,& mullas,q̃ nelle se criaõ,& de tudo isto pagaõ os naturaes ao Preste Ioaõ,em cada hũ anno,tres mil cauallos tres mil mullas,tres mil pãnos grãdes gadelhudos,como tapetes feytos de algodaõ, muy estimados,a q̃ chamão Bazùtos, trintamil pãnos de algodão de bayxa sorte; & 30. mil ouquìas de ouro,que tẽ cada hũa pezo de doze cruzados. Por este

Reinode Gojame.

Reyno

Reino corre hũa ribeira perenne, no fundo da qual se achão muytas pedras furadas por dẽtro, ao modo de pedra pomez; mas são muy pezadas, & amarellas, como açafrão; das quaes se tira muyto ouro, postoq̃ de poucos quilates.

¶ CAP. SEGVNDO.

¶ Do Reyno de Damûte, & das Amazonas da Ethiopia.

DE Gojame mais pera o Ponẽte, da outra parte do rio Nilo, se vay estendendo o Reino de Damûte, atè quasi a linha Equinoctial, em altura de 48. graos de Leste a Oeste. He pouoado de Gẽtios tributarios ao Preste Ioão, & de Christaõs Abexĩs. He terra de muito ouro, & de nenhũ ferro, pollo q̃ val nella quasi tãto como o ouro, porq̃ o trazẽ alli de muito lõge. Em muitas partes deste Reino ha grandes serras mui fragosas, & desertas, onde se criaõ muitos bichos, & feras como saõ serpes peçonhẽtissimas, elefantes, leões, tigres, onças, vnicornes mõteses, q̃ saõ do tamanho, & quasi da mesma feiçaõ de roçins pequenos, de còr parda, & fermosa, & naõ saõ de casta de badas, como alguẽs affirmaõ. Os naturaes dizem, q̃ estes saõ os verdadeiros vnicornes, pollas grandes virtudes q̃ tẽ experimentado ẽ hũ sò corno, q̃ tẽ na testa. Ha nestas terras muytas creações de boys muy grandes, & mansos; tem grandissimos cornos, dos quaes vzão os moradores desta terra em lugar de cantaros de seruiço, & leuão algũs mais de meyo almude. Isto refere Francisco Aluarez. Nesta terra val o sal muyto, pollo não auer nella, & lhe vir de muyto longe, que he do Reyno de Dãbia, & da Prouincia Belgada, & val tanto, que daõ hũ escrauo muito bõ por cinco, ou seis pedras de sal, q̃ pesa cadahũa 4. arratẽs, pouco mais ou menos.

Reino de Damûte.

Vnicornes.

Liu. do Preste Ioão, c. 19.

¶ Iunto de Damûte està hũa Prouincia de molheres tão varonijs, & robustas, q̃ ordinariamente andaõ cõ as armas nas maõs, assi na caça das feras, & animaes syluestres, como nas guerras, q̃ se lhe offerecem: onde mostraõ esforço, & animo mais de homẽs bellicosos, q̃ de molheres fracas: & pera este effeito logo ẽ pequenas lhe queimaõ a teta direita cõ hũ ferro abrasado, pera q̃ se lhe seque, & naõ creça, & assi posaõ vsar do braço direito ligeiramente no

Amazonas da Ethiopia.

nõ tirar de arco,& frecha. Os maridos destas saõ mui pusillanimes,& effeminados, ou por natureza, ou por custume ja introduzido de muitos annos,de exercitar os officios, q̃ as molheres ouueraõ de fazer.

¶ Outros affirmaõ, q̃ estas molheres viuẽ sem cõpanhia de homẽs,do modo q̃ antiguamente viuiaõ as Amazonas da Scythia,& q̃ em certo tẽpo do anno admittẽ em sua prouĩcia os Ethiopes seus vizinhos, & as q̃ concebẽ,& parẽ machos, depois de tirados da criaçaõ do leite,os mandaõ a seus pais q̃ os acabão de criar; & se parẽ femeas, ficaõ cõ suas mâis, & lhe queimaõ a teta direita,como fica dito. A Rainha destas molheres nũca conhece varaõ, & por isso he venerada de todas,como Deosa. Estas molheres estaõ conseruadas neste estado,& defẽdidas pollos Reis, & senhores seus vizinhos,Gentios como ellas,por dizerem q̃ foraõ instituidas polla Rainha Sabbà,como refere o Patriarcha D. Ioaõ Bermudez.

Liu. do Presteioão.

¶ Outras molheres semelhãtes a estas se descubriraõ em hũas ilhas,que estaõ ao mar da China,as quaes saõ pouoadas de Gentios idolatras, muy semelhãtes aos Iappões na cor, & feiçaõ do rosto,mas differẽtes na lĩgoa. Entre estas ilhas estâ hũa pouoada de molheres sem auer homẽ entre ellas: mas em dous meses do anno os admittẽ,como fazẽ as de Ethiopia,somẽte pera propagarem a gêração. E na criaçaõ dos filhos fazẽ tambẽ o mesmo, q̃ as de Ethiopia,& tambẽ vsaõ de arco,& frecha,& por esse respeito tem a teta direita secca. Destas trata o P. Mendoça,no liu. q̃ fez da China. Das outras da Ethiopia trataõ muitos authores,como refere Francisco Tamara, no liu. q̃ fez de todas as nações do mundo: onde tambẽ diz, q̃ junto do monte Athlas situado na Ethiopia, estâ hũa grande lagoa, chamada Tritonida, no meyo da qual estâ hũa fermosa ilha,chamada Hesperia, pouoada de Amazonas; as quaes tem os custumes, q̃ tenho dito das outras.

Amazonas do mar da China.

Liu. 3.

¶ Na prouincia destas Amazonas da Ethiopia ha muitos Grifos,q̃ saõ aues grãdissimas de rapina. Nella estaõ hũas serras altas,& fragosas, sobre as quaes dizem q̃ se cria a fermosa aue Fenix, que he hũa sô no mundo, & que os naturaes da terra tem conhecimento della

Grifos.

Aue Fenix.

& a vem muytas vezes, & he muy grande, & fermosa. Isto refere o Patriarcha allegado.

¶ CAPIT. TERCEIRO

¶ Dos Reynos de Bagamedri, & Dãbia, & suas igrejas admirauẽis, & do rio Nilo, & sua Catadûpa.

DA linha Equinocial pera o Norte se vay estẽdẽdo o grãde Reyno de Bagamedri, pouoado de Gẽtios, no qual dizem, que ha minas de prata, de que os naturaes se não aproueitão, porq̃ saõ muy priguiçosos, & naõ se querem occupar ẽ cousa algũa, que lhe de trabalho, & por isso saõ pusillanimes, & pobres. Neste Reyno ẽtra o rio Nilo, oqual naçe no sertão desta Ethiopia de hũ grãde lago, chamado Barzèna situado em doze graos dabãda do Sul (segundo a mais certa informaçãoq̃ tiue) oqual he cercado de altissimas serras, & asperissimas mõtanhas, particularmẽte de Leste, por õde sae este rio, q̃ saõ as terras habitadas de Cafres Gẽtios, chamados Cafates barbaros, muy robustos, & dados à caça das feras, & animaes siluestres. Daqui vay correndo este rio ao Nordeste, atè o segundo lago, q̃ està debayxo da linha: donde vay continuando pera Leste, & Nordeste, passando por algũs Reynos do Preste atè chegar à ilha Mèroe; & dalli torna ao Nordeste, atè o Reyno de Dãbia, pouoado de Christãos Abexĩs. E neste Reyno faz hũ cotouello, & torna a voltar pera o Sudueste por espaço de cincoenta legoas pouco mais, ou menos, & dalli faz outras duas voltas, hũa pera o Nordeste, & outra pera o Norte, atè se meter no mar Mediterraneo, por sete braços, defronte da ilha de Chipre. Os dous principaes são Damiata, que fica pera o Leuante, & Rosseto pera o Ponente, junto de Alexandria.

¶ Do cotouello, q̃ este rio faz no Reyno de Dambia, comecou o Preste Ioão, chamado Alebàle, a romper a terra, pera lançar sua corrente, que fosse entrar no mar Roxo, como refere Francisco Aluarez, posto que Ioão Botèro diz q̃ el Rey Sesostres começou a cauar a terra do Nilo pera o mar Roxo, & depois delle Dario receando que o mar Roxo allagasse o Egypto cõ suas agoas salgadas, & se perdesse, desistio des-

ta obra; & depois os Ptholemeos lhe fizerão hũ grande lago de çem couados de alto, em que se recolhessem suas agoas, peraque não passassem ao mar Roxo, nem as do mar Roxo ẽtrassem nas terras do Egypto & as salgassem, porq̃ totalmẽte se perderião, & não serião habitadas, porquanto nunqua choue nellas, & somente com as ẽchẽtes deste rio se regão de tal maneyra, que todas se semeão, como se lhe chouera a seus tempos. Estas enchẽtes socedẽ ordinariamẽte em tres meses do anno, que são Iulho, Agosto, & Setembro: & a causa he, porque neste tẽpo he a força do inuerno em muytas partes da Ethiopia, por onde o Nilo corre; o qual recolhendo em si todas estas agoas, vem correndo por ẽtre grandes serras, de que he çercado, atè chegar ao Egypto que tem as terras chans, & nellas espraya, como fica dito.

¶ Neste Reyno faz o Nilo hũa grande lagoa, que tem trĩta legoas de comprido, & vinte de largo, & nella ha muytas ilhas grandes, & fertilissimas, entre as quaes esta a famosa ilha *Siêne*, onde ha Conuẽtos de Religiosos: nos quaes ha duas igrejas abertas em pedra viua, muy grandes, & de excellẽte obra: as quaes affirmão os naturaes, que forão edificadas pollos Anjos, porque no principio desta Christãdade forão achadas miraculosamente, pollos Christãos nouamente conuertidos, & dentro nellas hũa Cruz, & hũa imagem de N. Senhora com o minino IESV no collo, feitas de pedra, muy primas, & bem talhadas. O q̃ pareçe quis Deos mostrar no fũdamento desta Christandade, pera confirmação dos Fieis. E piamẽte se pode crer isto ser verdade, pois Deos tem mostrado aos homens outras semelhantes marauilhas obradas pollos Anjos, como foy a sepultura q̃ mãdou dar a S. Catherina martyr no monte Sinay, & a q̃ deu a S. Eiria martyr dentro no Tejo, junto a *Santarem*, & o Templo de marmore, q̃ os Anjos edificarão no mar da ilha Transpontina, em q̃ sepultarão o corpo do glorioso S. Clemẽte, Papa, & martyr. Isto mesmo se crê da pedra quadrada, de q̃ fazem menção as Chronicas da India q̃ se achou miraculosamente ẽ hũs alicesses, q̃ se abrirão pera se edificar hũ Templo ao Apostolo S. Thome na cidade Meliâpôr, na qual pedra estaua hũa

Apostolo S. Thome na cidade Meliapôr, na qual pedra estaua hũa cruz ẽtalhada, çercada de gotas de sangue inda fresco, com hũas letras, que referião o martyrio do Apostolo. Da mesma maneira se pode affirmar, q̃ he obra feita pollos Anjos aquella tã marauilhosa imagem de nossa Senhora, q̃ se manifestou aos moradores da ilha Tanarîfe, q̃ he hũa das Canarias, a qual appareceo nesta ilha, sendo inda de Gẽtios, em hũa lapa, onde os pastores se costumauão recolher das calmas, & chuuas. Hũ dos quaes entrando hũ dia na dita lapa, vio dẽtro esta imagẽ rodeada de muito resplandor. E cuidã do q̃ era algũa phanthasma, leuou de hũa pedra pera lhe tirar cõ ella, mas o braço lhe ficou logo secco com a pedra na mão fechada. E deste modo permittio Deos, & a Virgẽ nossa Sñora, q̃ ficasse todo o tẽpo que viueo, em testemunho deste milagre. Sabido isto pollos mais pastores moradores da ilha, tiuerão esta imagẽ em grã de veneração, dizendo q̃ era a mãy do Sol: pollo q̃ lhe fazião cada anno grandes festas. Mas depois q̃ os Castelhanos possuirão esta ilha, lhe fizerão hũ templo mui sumptuoso, q̃ hoje he dos Religiosos da Ordem dos Prégadores, onde està mui venerada, & solẽnizão sua festa dia da Purificação, & tẽ feito assi no tempo dos Gentios, como dos Christaõs infinitos milagres. De maneira, q̃ destes Tẽplos, & imagẽs, que piamente se crê serẽ feitas pollos Anjos, podemos inferir, que estes Tẽplos da Ethiopia, & suas imagẽs, serião tambem feytas por elles, como dizẽ os moradores de Dambia, segundo me cõtou o Veneziano, em q̃ atras fallei, q̃ residio nesta terra.

¶ Abaixo da ilha Siêne obrã de 20. legoas, faz o Nylo a Catadûpa muy nomeada de q̃ tratão Ortelio, Botero, Tullio, & outros. Nesta paragem faz o Nylo hũa grandissima queda do alto de hũa rocha muy alcãtilada, q̃ terà de altura meya legoa, & de tão alto cae toda a agoa junta de pancada sobre hum profundissimo pego, çercado de altas, & mui fragosas serras, & faz na queda tanto estrõdo por entre ellas, q̃ atroa os ouuidos, & soa mais de hũa legoa. Chamase este lugar na lingoa da terra Catadî, dõde pareçe que os antigos lhe vierão a chamar Catadûpa.

Ort. na descr. do Nylo, no Teat. do mundo. Botero, na descr. do Nylo Tullio, no sonho de Scip.

O Cap.

¶CAPITVLO IIII.

¶Do Reyno de Angôte, & serra em que metem os Principes, & dos edificios admiraueis de Brigama, & das penitencias asperas & abusos dos Abexins.

DA Linha pera o Leuante vay correndo o Reino de Angôte. Neste Reyno està hũa serra grandissima, quasi redonda, tão alta, que se vay âs nuuẽs, & tão ingrime, & talhada na rocha dura do alto a baixo, que pareçe muro feyto a prumo, & ao pição. Tem de çircuito mais de vinte legoas. Em çima della ha grandes campinas, & muytas fontes d'agoa. Nesta serra metem os infantes filhos de todos os Prestes, & nella se crião & moraõ toda sua vida, sem dalli nunca sayrem, tirando o Principe herdeiro do Reyno, porq̃ esse sòmente fica na corte, onde se cria. Aos da serra dão molheres com que casaõ, & nem ellas, nem os filhos, & netos podẽ dalli sayr pera fora, saluo quando morre algum Preste, que naõ deyxa filho herdeiro, porq̃ então se vão os senhores do Reino a esta serra & trazem della o filho, ou parente mais chegado do Preste que entaõ falleceo, & esse juraõ por Preste, se tem partes pera poder gouernar, & quando não he sufficiente, escolhẽ outro mais idoneo pera isso.

Reinõ đ Angôte

Serra onde se criã os infantes filhos dos Prestes.

A causa deste ençerramento dos infantes, he porq̃ os Prestes antigos tinhão muitas molheres de diuersas nações, & muitos filhos dellas, & não querião que estes sendo homẽs se leuantassem com algũs Reinos de seu imperio, & asi se diminuisse por tẽpos este grande senhorio. A esta serra saõ applicadas muitas rẽdas pera comedia dos infantes, & suas familias, que la viuẽ em muitas pouoações; onde tambem ha conuentos de Religiosos, pera lhe çelebrarem os officios diuinos. Tem esta serra tres portas poronde se entra nella, nas quaes ha muytas guardas, que não tem outro officio, mais q̃ vigiallas, & guardallas, & quaesquer outras pessoas, q̃ alli chegarem, tem pena de morte, o que se lhe defende por não leuarem nouas aos Principes do que se passa no Reyno, nem tambem trazerem delà secretamente algũs recados dos mesmos Principes, ou al-

algũas cartas pera pessoas de cà de fora.

Prouincia d Brigama.

¶ Neste Reino està hũa Prouincia, chamada Brigama, que confina com as terras de Tigrimahom; esta foy a segunda que se fez Christã logo depois da terra de Aquaxumo. Nella viuião antiguamente os Reis, como em Aquaxumo viuiaõ as Raynhas. Aqui està hũa nobre & sumptuosa igreja, chamada Santa Maria d'Ancôna,

S. Maria de Ancôna.

& outras muitas obras, & edificios Reaes, entre os quaes estão grandes piramides, & padrões leuantados, com seus letreyros, que ninguem pode entẽder, como os de Aquaxumo. Perto deste lugar està hum cõuento de Religiosos, chamamado Alleluya, o qual mandou alli fazer hum Rey, por lhe dizer hum frade santo, que ouue nestas partes, que naquelle lugar ouuira aos Anjos cantar Alleluya. Este frade (segũdo conta Fr. Serafino Razzi, na Chronica da Ordem de S. Domingos) foy Religioso da mesma ordem, dos primeyros oito que foraõ prẽgar a estas partes, como adiante direy.

Cõuẽto chamado Alleluya.

¶ Nesta Prouincia de Brigama estão duas igrejas fundadas em duas serras debaixo do chão: hũa he da inuocação de nossa Sñora, & outra de Christo. São muy grandes, & de grã de magnificencia, lauradas em pedra preta muito fermosa, cõ suas columnas da mesma pedra. A de Christo tem tres sepulturas, hũa de hum Preste, chamado Abraham, o qual deixando o gouerno do Reyno, se fez clerigo, & edificou esta igreja nesta lapa, onde dezia missa sempre, & dizem que foy santo. Outra sepultura de hũa sua filha. E a terceira de hum Patriarcha de Alexandria, que vindo alli visitar o Rey polla fama de sua vida, falleçeo, & foy enterrado na mesma igreja, por mandado do mesmo Rey.

igrejas d N. S. & de Christo.

¶ Na mesma Prouincia estão dez igrejas, que mandou edificar hum Preste chamado Lalibella, que reynou oitenta annos. Todas saõ lauradas em pedra dura de muytos lauores, & primas laçarias. São de muitas naues, com suas columnas da mesma pedra. A mayor destas he hũa, chamada S. Saluador, a qual tẽ çinco naues, & ẽ cadahũa sete colũnas, & em cada cabeça de naue hũa capella muy bem laurada, cortada na mesma rocha, com

10. igrejas debaixo da terra.

 suas

ſuas columnétas bem tiradas, & lauradas, & nos portaes das igrejas tem a meſma obra, & outras muytas particularidades, & grandezas, que ſera infinito contallas.

Aſperas penitencias dos Religioſos Abexins.

¶ Em todas eſtas igrejas, & cõuentos, que ha por eſtas Prouincias, viuem muitos Religioſos, os quaes polla môr parte ſaõ muy penitẽtes, & abſtinentes, & particularmẽte na Quareſma, que entre elles começa da ſegũda feira da Sexageſima dez dias antes da noſſa. Neſte tempo ha muitos que não comem pão, & ſomente com heruas cozidas paſſaõ a Quareſma: outros que fazem eſta penitençia hum anno inteiro, outros toda a vida. Outros ha, que ẽ toda a Quareſma ſe não deitão, nem aſſentaõ, & ſempre andão em pê, & quando o canſaſſo & ſono os vençe, tẽ hũas caſinhas muy eſtreitas (quanto hũa peſſoa poſſa eſtar em pê entallada) onde ſe metem, & no lugar onde lhe fica o aſſento tem hum releixo, ou encayxo de tres dedos, onde deſcanſa o corpo, & no lugar em que ficão os cotouellos, outros releyxos do meſmo tamanho, onde poem as pontas dos cotouellos, & aſsi deſcanſaõ com eſte pequeno encoſto, eſtando ſempre em pê. Outros ſe metẽ em tanques d'agoa atè o peſcoço no tempo dos frios, onde eſtão em pê toda hũa noite fazendo penitencia. Outros ſe metem em couas, & lapas pollo deſerto, onde não comem mais que heruas de tres ẽ tres dias, & iſto em quanto dura a Quareſma.

¶ Com auer Religioſos tão penitentes, & ſeculares, que tambem os imitaõ na meſma penitencia, naõ faltão outros muytos, que na guarda dos jejuns da Quareſma ſaõ mui deprauados, porque os mais delles ſeguem hum abuſo, que tẽ como ley, que he dizerem que podem comer carne dous meſes inteiros depois que caſaõ, & aſsi muitos deyxão os caſamẽtos pera o principio da Quareſma, & antes que entre, caſaõ & ficaõ comendo carne em toda ella, & o meſmo fazem no Aduento. E quanto aos Sabbados, & Domingos (que ambos ſaõ de guarda entre elles) he coſtume geral comerẽ ſẽpre carne em toda a Quareſma, ſẽ lhe ſer prohibido. E tambem podem caſar com muytas molheres, & não lhes he defeſo polla juſtiça ſecular, ſenão

Abuſos deprauados dos Abexis.

polla

polla Ecclesiastica; & a pena que lhe daõ, he naõ lhe darem communhaõ, nem officios na igreja, inda que sejão clerigos, nem se ajuntarem nas procissões, & ficarem como excõmũgados: & muitos ha que viuẽ desta maneyra muitos annos, & como se enfadaõ das molheres daõlhe libello de repudio, & ficaõse com hũa sò, & então saõ admittidos outra vez à graça da igreja.

¶ CAPITVLO QVINTO

¶ Dos Reynos Amara, Xoa, Fatigar, Adea, & das cousas notaueis que tem.

O Reyno de Angôte pera o Norte vày correndo o Reyno de Amara, cujas rendas quasi todas tem o Preste applicadas pera as igrejas de seus Reynos. Pera o Nordeste se vay estendendo o Reyno de Tigâre, de quẽ fallarey abayxo. E pera Leuante o de Xoa, todos tres pouoados de Christãos Abexins de cor baça, polyticos, & muy bem entendidos. E todos estes tres Reinos saõ abũdantes de mantimentos. De trigo, çeuada, fauas, legumes, & fruitas, caça, creações de vaccas, cabras, & ouelhas, em grande quantidade.

¶ No Reyno de Xoa reside ordinariamente o Preste Ioão, assi por ser muyto sâdio, & de bõs ares, como por estar quasi no meyo de seus Reinos. Neste Reyno està hum passo muy perigoso, por onde se caminha de muytos Reynos do Leuante pera a Corte do Preste, por não auer outro caminho mais acommodado, por causa das grãdes serras, & valles profundissimos, que atrauessaõ este Reyno. Este passo he de çinco legoas, & todos se andão porçima de hũa muy alta serra, cujo caminho he muito ingreme, & particularmente em espaço de hum tiro de bêsta he tão estreyto, que escassamente cabẽ por elle dous homẽs a cauallo, indo emparelhados, & de hũa parte, & da outra he a serra tão alcantilada, q̃ faz medo caminhar por ella, & assi perigaõ aqui muytas caualgaduras, que se desuião do caminho, porque lhe escorregão os pês, & antes que cheguem aos profũdos valles, jà vaõ feitas em pedaços. Na entrada deste caminho de hũa parte & da outra, estão hũas

Portas d Badabaxa.

portas, onde pagaõ direytos ao Preste todos os que por elle passaõ, com tanto perigo de suas vidas. A este passo chamão Badabaxa, que quer dizer Terra noua.

Reino d Fatigar.

¶ O Reino de Fatigar confina com o de Xoa da parte de Leuante, he pouoado de Christãos sogeitos ao Preste: a môr parte deste Reyno he de terras campinas, onde ha muytas creações de gados, vaccas, cabras, ouelhas, egoas, & mullas. He muy abundante de trigo, çeuada, fauas, & todo o genero de legumes. Tem figos da India, pessegos, & vuas, as quaes frutas começão no principio de Março, & acabaõ no fim de Abril, que he o Veraõ destas terras: porque o inuerno começa meado Iunho, & acaba meado Setembro, pouco mais, ou menos. Neste Reino está hũa serra, de mais de vinte & çinco legoas de roda, & he quasi quadrada, muito alta, & ingrime, tem ençima grandissimas campinas, & no meyo dellas hũa lagoa de quatro legoas de comprido, & hũa de largo, onde se crião muitos, & grandes peixes. Ao redor desta lagoa estão muitas pouoações dos naturaes da terra, & algũs conuẽtos de Religiosos mui abastados, & ricos.

serra grã dissima, onde está hũ lago.

¶ De Fatigar pera o Ponente ficão as Prouincias de Ganze, & Gamû, de Gentios pretos, de pouco fausto, & menos estimados, sogeitos ao Preste. De Fatigar pera Leuante, está o Reyno de Oya, pouoado de Christãos, & Gentios, sogeytos ao Preste.

Prouincias de Gãze, & Gamû.

Reino de Oya.

¶ De Oya mais pera Leuãte, está o Reyno de Adea, de Mouros amigos, & vassallos do Preste. Este Reyno dizem q̃ chega perto de Magadaxô, & confina com os Maracatos. Nelle viuẽ muitos Christaõs, por ser a terra mui boa, & de paz. Ha nestas terras muyta frescura de aruoredos syluestres, que não daõ fruito, muytos mantimẽtos, & gados. No meyo deste Reino está hũa grãde lagoa, que pareçe mar, & naõ se vè a terra de hũa parte à outra, tem muito peixe, & cauallos Marinhos, & hũa ilha pequena, onde está hũa casa de Religiosos, que hum Preste alli mandou fazer (sem embargo de ser esta terra de Mouros) & applicoulhe algũas rendas, dos tributos q̃ este Reyno lhe paga.

Reino de Adea.

Grande lagoa.

¶ Deste Reino d'Adea pera o

Nor-

Norte, jaz hũa Prouinçia de Christaõs, chamada Balgâda, na quàl estão hũas serras de sál em pedra, donde se tira mui to em pedaços, que se leua a vẽder polos mais dos Reynos deste sertão, onde val muito, pola grande falta que delle ha pola terra dentro, & asi saõ infinitos os almocreues, que de contino o vão buscar a esta Prouincia, de todos os Reinos desta Região.

Prouincia Balgâda.

Serra de sal.

¶ Nestes Reinos viuẽ muitos Christãos, que decendem daquelles quatrocentos Portugueses, que da India foraõ em socorro do Preste Ioão, mãdados por elRey D. Ioão III. em cõpanhia do Patriarcha Dom Ioão Bermudes, & do capitão dõ Christouão da Gama, sẽdo gouernador da India Dõ Esteuão da Gama seu irmão, filhos ambos do grande D. Vasco da Gama descobridor, & Almirãte domar da India Oriental. Destes 400. Portugueses ficaraõ muitos nestas partes, & nellas casaraõ, & multiplicarão filhos, & delles descendẽ os que inda oje viuẽ no Reino de Tigâre, Bâroa, & Annîna, sogeitos ao Preste Ioão. Porẽ inda q̃ viuẽ nas terras dos Abexins em nenhũa cousa seguẽ seus erros, mas em tudo se cõformão cõ a Igreja Romana, guardãdo sua doutrina, & pureza na fè.

¶ CAPITVLO VI.

¶ *Do grande Reyno de Tygâre, & sua diuisaõ, & das Prouincias com que confina.*

DO Reyno de Angôte pera o Nordeste vay corrẽdo o grande Reino de Tigâre por entre o Reino de Amara, que lhe fica pera o Ponente, & o de Xoa, que jaz pera o Leuante, & alem de Xoa confina cõ as Prouincias Balgada, & Ianamôra, ambas pouoadas de Christãos sogeitos ao Preste Ioão: & mais auante da mesma parte de Leste lhe ficão os Dobâs, Mouros bellicosos, q̃ sempre andão em guerra com os Christãos de Ianamôra, & asi hũs, como os outros saõ muy esforçados, & grandes caualleiros, polla continua guerra em que andão. Alem destes se vay estendẽdo Tigâre atè os Alarues Mouros, pastores de gado vaccũm, que habitão nas terras maritimas do mar Roxo, & dalli vay correndo da parte de Leste atè as terras de Suâquem.

¶ Da outra bãda do Ponente vay corrẽdo este Reyno de Tigâre em muytas partes ao longo do rio Nylo, atè chegar âs Prouincias dos Agâos Gẽtios, & dos Belloos Mouros, tributarios ao Preste em grande copia de cauallos. Com estes confinaõ os Nobijs, que segundo dizem foraõ antiguamẽte Christaõs, sogeitos a Roma, donde lhe vinhaõ Bispos, & morrendolhe o vltimo q̃ tiueraõ, nũca mais lhe pode vir outro, por causa das muytas guerras, que ouue nos portos, & terras sogeitas ao Turco, por onde elles vinhão, & asi foraõ perdendo os ministros Ecclesiasticos, & juntamente o Christianismo, & a fè: & os que hoje viuem não tem ley algũa, & dizem que desejaõ ser Christaõs, como antiguamẽte foraõ seus antepassados, mas não tem quẽ os possa instruyr na fè, porque o Preste lhe não quer dar padres pera isso, por quanto naõ saõ seus vassallos, antes trazẽ sempre guerra cõ as Prouincias Dafila, & Canfila suas vezinhas, que saõ as vltimas sogeytas ao Preste: as quaes vindo do Ponente çercando o Reino de Tigâre confinaõ pollo Leuante, com as terras de Suáquẽ, perto do mar Roxo, onde fenece esta Ethiopia Oriental.

Nobijs antiguamente Christáos.

¶ Saindo das terras de Suâquem pera o Norte, começão as Prouincias do Egypto, pouoadas de Mouros, & Gentios, & de algũs Christãos, & Iudeus & todos sogeitos, & tributarios ao Turco. De Suâquem atè o Cayro cidade principal do Egypto, saõ dez, ou doze dias de caminho, muita parte delle despouoado, por não ter agoa pera beber: & com tudo isso dizem que ha nelle algũs Mosteiros de Monges, que fazem aspera penitẽcia, entre os quaes està o Mosteiro onde viueo o bemauenturado S. Antaõ, & da sua ordem ha muitos religiosos, que viuẽ nestas partes. Por este caminho faziaõ antiguamẽte os Christãos Abexins cada anno sua romaria à casa santa de Hierusalẽ, quãdo estas terras estauão pacificas, em que gastauaõ hum mes de ida, & outro de vinda, pouco mais, ou menos, a qual Romaria oje não podem fazer, se naõ com muito trabalho, & perigo de suas vidas, por causa das guerras do Turco, cõ que tem os portos atalhados, & impedidos.

Terras de Suâquẽ, & do Egypto.

Tor

Reino & lingoa Tigâre.

¶ Tornando pois ao grande Reyno Tigâre, he assi chamado, porque em todo elle se falla a lingoa Tigâre, que he a melhor, & mais polida destas partes. Este Reyno està repartido polo Preste em duas grandes senhorias, que saõ como grandes Reynos. A primeyra que fica pera o Sul jũto de Angote, se chama Tigrimahom, que quer dizer senhor de grandes terras. E a segunda, q̃ vay pera o Norte, se chama Barnagais, q̃ significa Rey do mar, por quanto està perto do mar Roxo. Os senhores que gouernaõ estas duas Prouincias saõ postos polo Preste, & tirados quando lhe parece, como Viçercis. Ambos tem debaixo de sua jurdiçaõ grãdes senhores. As terras saõ muy abundantes de mantimentos de trigo, çeuada, fauas, graõs, lentilhas, feijões, & outros legumes. Tem muytas creações de vaccas, cabras, ouelhas, lebres, perdizes, porcos do mato: & tambẽ muytas feras, leões, tigres, Adibis, & outros bichos peçonhẽtos. Neste Reyno hà grandes edificios, & sumptuosos templos, como se pode ver no cap. seguinte.

¶ CAPITVLO VII.

¶ Dos sumptuosos edificios de Aquaxumo, & das Raynhas Sabbâ, & Candaçes, primeira Christã da Ethiopia.

NA Senhoria de Barnagays està hũa Prouincia chamada Sabbaim, q̃ vay entestar no rio Nylo, donde era natural a Rainha Sabbà, senhora de grande parte desta Ethiopia: & daqui foy cõ muytos Camellos carregados de ouro a Hierusalem, offerecello a Salamão, do qual ouue hũ filho, que depois foy Rey mui poderoso nesta Ethiopia. Polo tempo em diante socedeo neste Reino a Raynha Candâçes, & tinha sua Corte no lugar chamado Aquaxumo, onde se fundou, & principiou a Christandade destas terras, de que foy causa aquelle Eunucho mordomo desta Raynha, a quem o Apostolo S. Phelippe conuerteo, & bautizou, vindo de Hierusalem pera Ethiopia, como nos consta da sagrada Escritura. Este Eunucho depois que foy instruido na fè polo dito Apostolo, veyose pera Ethiopia muy contente, & cõtou a sua senhora Candaçes o su-

Reynõ das Raynhas Sabbà, & Cãdâçes.

Act. c. 8.

Cãdâçes primeira Christã da Ethiopia.

o successo q̃ tiuera no caminho có elle polla qual rezão ella se cõuerteo com toda sua casa, & foy bautizada pollo mesmo Eunucho, & depois ella mãdou bautizar a todo o seu Reyno de Buno, Cama, & Bono. E logo edificou hũa sumptuosa igreja no lugar de Aquaxumo, onde tinha sua corte, & poslhe nome Santa Maria de Syon, & dizem que foy assi chamada, porque de Syon lhe mandarão os Apostolos a pedra d'ara pera o seu altar, na qual vinha esculpido o mesmo nome. Dizẽ mais estes Abexins de Aquaxumo gloriandose, que elles forão os primeiros Christãos, q̃ ouue no mundo, & que nelles se cumprio a Propheçia de Dauid, que diz, *Aethiopia præueniet manus eius Deo*: A Ethiopia leuãtara as mãos a Deos, & o louuara primeiro q̃ todas as Prouincias, & nações do mundo.

S. Maria de Sion, primeyra igreja da Ethiopia.

Psal. 67. vers. 34.

¶ Esta Igreja de Aquaxumo he de çinco naues, todas de abobada, & pedraria de cantaria bem laurada, na qual estão sete capellas muy fermosas, com seus altares, & Coro alto de abobada, ao modo dos nossos. Tem hũa grande çerca em roda, de muro alto de pedraria, & todo o campo que ha entre o muro, & a igreja, he lageado de pedras mui grandes, como campas. Fora desta çerca estão dous aposentos muy grandes, sumptuosissimos, que deuião ser os em que morou a Raynha Sabbá, & depois a Cãdâçes, onde agora morão dous Prelados, ou dignidades, que tem esta Igreja, cõ muitos Conegos, & frades, os quaes em todas as igrejas seruem jũtamente com os clerigos. Pollo campo em roda deste lugar estão mais de trinta piramides de hũa sò pedra, mui altos, quadrados, & bem laurados, & todos passão de çincoẽta, & de sessenta couados de altura, & seis de largo, & tres de grosso, & cadahũ delles tem seu letreiro de letras antiguas, q̃ os naturaes agora não entendem.

Edificios de Aquaxumo.

Piramides de Aquaxumo.

¶ Meya legoa deste lugar estão duas casas debayxo do chão, lauradas em pedra viua, onde ha muitas casas por dentro, & retretes, & nelles postas arcas de pedra, grandes, & bem lauradas, onde dizem q̃ a Raynha Sabbà tinha seu thesouro. Perto deste lugar estão muitos picos altos, de pedra dura, em çima dos quaes estão edificadas muytas hermidas cõ grande

Thesouro da Rainha Sabbà.

de artificio, muy custosas, & de muitas rendas, onde estão sepultados algũs santos, que ouue nestaspartes, entre osquaes està hũ chamado Abbalicano, o qual dizem que foy confessor da Raynha Candâçes.

S. Abbalicano.

¶ Em todos estes edificios, & outros muitos, q̃ deixo por abreuiar, se mostra muy bem a magnificēcia, & nobreza, que ouue antiguamēte neste lugar onde a Christandade destas terras começou, com grande feruor, & perfeição na fè pura: & nella perseuerarão os Abexins muitos annos, atè q̃ pollo tempo em diante, receberaõ a falsa doutrina de Eutiques, & do maluado Dioscoro Alexandrino, aos quaes venerão por santos, seguindo seus erros na fè, sendo desobediētes ao Papa, & obediētes ao Patriarcha de Alexādria, & guardando muitas ceremonias Iudaycas, como he a obseruācia dos Sabbados, & dos jejuns, a çircuçisão dos mininos, não comerē algũs manjares immundos, em darem libello de repudio a suas molheres, tomando outras.

Erros q̃ seguē os Abexins

¶ No anno do Senhor de 1315. sendo Papa Ioão XXII. foraõ oito religiosos da Ordē dos Prégadores em romaria a Hierusalem, & dalli passaraõ a estas terras do Abexim cõ desejo de prêgar nellas a fè, & doutrinar estes pouos, & tiral los dos erros em que viuião; & aproueitaraõ tanto com sua doutrina, que cõuerteraõ muytos delles, & fundaraõ casas da Ordem de S. Domingos, onde reçeberaõ muitos Abexins â Religião, entre os quaes tomou o habito hum filho de hũ Rey vassallo do Preste Ioão, que depoys foy martyrizado polla fè, como mais largamente cõtarey adiante. Destes Religiosos trata Serafino Razzi, & Luis de Paramo Inquisidor de Sicilia.

Razzi, na Cron. dos Pregadores, fol. 299. Paramo, lib. 2. de orig. Inquis tit. 2. c. 9. fo. 237.

¶ CAPITVLO VIII.

¶ *Dos costumes dos Abexins, & erros que tem no Christianismo.*

TOdos estes Abexins ordinariamēte não comē mais, que hũa vez cada dia, & esta depois do sol posto. Os religiosos, & clerigos, jejuão a Quaresma estreitamēte, de maneira, que muitos delles não comem mais que tres dias na somana, s. Terça, Quinta, & Sabbado. Não bebem vinho, nem comem carne, nem leite,

leyte, nem ouos, nem manteyga, comem somẽte legumes, & & fruitas. Os seculares tambẽ jejuaõ a Quaresma estreitamẽte, & todas as Quartas, & Sestasfeiras do anno, tirando o tẽpo que se mete entre o Natal, & a Purificaçaõ de nossa Senhora, & da Pascoa da Resurreição, atè dia da Trindade, porque nestes tempos naõ ha jejum. Toda a somana santa andaõ vestidos de preto, ou azul, & naõ falaõ hũs com os outros, nem se saudaõ quando se encontraõ nas ruas, por quãto Iudas com saudaçaõ, & beijo de paz entregou Christo nosso Senhor à prisaõ.

Seus jejũs.

¶ Todas suas igrejas saõ pintadas por dentro pollas paredes, onde tem muitas imagens de Apostolos, Profetas, & santos, & em particular a S. Iorge, que em todas as igrejas està pintado. Tem muitas imagẽs de nossa Sñora, & de Christo, & Cruzes, & em nenhũa tẽ a Christo crucificado, tendo se por indignos de ver a Christo posto em hũa cruz, onde fez tantas merçes ao genero humano.

Igrejas pintadas com imagẽs.

¶ Celebraõ suas festas mouiueis, de Pascoa, Ascensaõ, & Spiritusanto, nos proprios dias, & tempos, em que nôs as celebramos: & na festa do Nacimento de Christo, Circunçisaõ, Epiphania, & de algũs santos, tambẽ saõ conformes com nosco. O seu anno se começa aos 29. dias de Agosto, em que se çelebra a Degolaçaõ de S. Ioão Baptista, & esse dia tambem he o primeiro do mes. O anno tem doze meses, & cada mes trinta dias, & acabado o anno sobejão çinco dias, a que chamão Pagomè, que quer dizer, Comprimento do anno; & no anno Bissexto sobejão seis dias, & asi fica o seu anno de tantos dias como o nosso.

Festas mouiueis.

Quando começa o seu anno.

¶ Suas igrejas todas tem duas cortinas, que as atrauessaõ: hũa està perto do altar cõ campainhas, & daqui pera dentro naõ entraõ senão saçerdotes: outra no meyo da igreja, onde não entraõ senão pessoas de Ordẽs: pollo que muitos fidalgos, & pessoas honradas se ordenaõ somente pera poderẽ entrar nas igrejas.

Os seculares não entrão na igreja.

¶ Nenhũa pessoa entra calçada na igreja, nem se assenta nella, nem cospe dentro, nem menos deixão entrar nella cão nẽ outro animal. Confessaõse em pê, & em pê lhe dâ o saçerdote a absoluição. Os frades, &

Reuerencia q̃ tẽ âs cousas da igreja.

& clerigos rezão nas igrejas Pſalmos,& Hymnos. Os clerigos caſaõ depois que ſaõ de Miſſa. Os frades não caſaõ.

Os cleri gos caſã.

Ha muitas igrejas que tẽ Conegos,os quaes viuem juntos, em hum çercado em communidade:mas tem ſuas caſas &molheres fora da çerca,onde vão eſtar com ellas. Os filhos dos Conegos ficão Conegos,& como ſaõ de idade ſeruem a igreja onde os pais andão,o q̃ não tem os filhos dos outros clerigos. Em todos eſtes Reynos não ſe paga dizimo à igreja, porque todas tem grandes rendas,de que viuem os miniſtros dellas.

Não ſe diz mais em cada igreja q̃ hũa miſſa.

¶ Em nẽnhũa igreja ſe diz mais de hũa ſò miſſa,aqual he pollo pouo, & não ſe diz por eſmola,nem por defuntos. Dizem as Epiſtolas, & Euangelhos â porta da igreja,aos ſeculares,que eſtão fora della. Os saçerdotes cõſagraõ no altar, & não moſtraõ o Sacramento ao pouo. Toda a gente q̃ vem à miſſa he obrigada a comungar,ou deixar de vir à miſſa,ſe não quer tomar cõmunhão, a qual lhe vão dar à porta da igreja, no lugar onde ſe diz a Epiſtola,& Euangelho. Comũgaõ todos,atè os mininos ſub vtraque ſpecie:& acabada a cõmunhão daõ hũa pouca d'agoa benta a cadahum dos que comungaraõ pera lauar a boca.

Como conſagrã &dão comunhão

¶ O vinho com que dizem a miſſa ſe faz da maneyra ſeguinte. Deitão paſſas de vuas de molho em agoa,onde eſtão dez,ou doze dias, & depois de bem inchadas,as deixão enxugar,& as piſaõ,& eſpremẽ em hum panno,& deſte çumo que dellas ſae fazem o vinho que bebem,& com eſte dizẽ miſſa.

Cõ que vinho dizẽ miſſa

¶ As veſtimentas com que dizem miſſa, ſaõ ao modo de camiſas grandes,& a eſtolla furada pollo meyo,&metida pollacabeça; não vſaõ de manipulo, nem de amicto, nem de cordaõ pera ſe çingirẽ. Os frades dizem miſſa com o capello na cabeça, & os clerigos com ella deſcuberta. Todos trazẽ as cabeças rapadas, & barbas compridas.

Modo d̃ veſtimẽta.

¶ Ninguem pode paſſar por diante das portas das igrejas à cauallo,& antes que cheguẽ a ellas ſaõ obrigados a ſe deçer,& paſſar a pê com a caualgadura pollo freo,ou cabreſto & depois que paſſaõ a igreja tornão a caualgar,& fazem ſeu caminho. Tanta reuerençia tem ás couſas da igreja,q̃ quãdo

Não pode paſſar a cauallo pordiãte da igreja

Reuerencia q̃ tẽ à pedra d'Ara.

do o Preste muda sua corte pera outro lugar, tambẽ se muda o altar em que lhe dizẽ missa, & este leuão os clerigos nos braços, & a pedra d'Ara com muyta reuerencia, indo diante hum Diacono tangendo hũa campainha, & toda a gente se afasta do caminho, & os de cauallo se apeão, & fazem reuerencia à pedra d'Ara, & altar, quando passa.

Quẽ he seu Prelado.

¶ O Prelado mayor destas partes lhe vem de Alexandria, mandado pollo Patriarcha, o qual tem todos seus poderes: & em toda esta Christandade não ha outro Bispo mais que este, a que chamão Abîma, que quer dizer Padre, & este sò ordena os clerigos, & frades destas partes, & quando este morre vão buscar outro â Alexandria.

¶ Temẽ muito nesta terra as censuras, porque se o Prelado manda cõ pena de excõmunhaõ à qualquer pessoa que faça algũa cousa, inda que seja ẽ seu perjuyzo, logo a faz, o que não faria doutra maneira.

De q̃ modo dão juramento em juyzo.

Quando se manda dar juramẽto a algũa pessoa, poemse dous clerigos à porta da igreja com encenso, & brasas, & o que ha de jurar poem as mãos na porta da igreja, & hũ dos clerigos lhe diz que falle verdade, & q̃ se jurar falso, que asi como o leão traga a preza no mato, assi seja sua alma tragada do diabo: & que asi como o trigo he muido entre as pedras, asi seja elle moido dos diabos: & assi como o fogo queima a lenha asi seja sua alma queimada no inferno: & se elle disser verdade, que sua vida seja alongada, cõ muita honra, & sua alma goze do Paraiso cõ os bẽauenturados. E a cadahũa destas maldições, & benções responde o q̃ jura, & diz Amen. E isto acabado, dà seu testemunho, & vayse cadahum pera sua casa.

Como enterrão os defũtos.

¶ Quando morre algũa pessoa vão os clerigos a sua casa com cruz, encenso, & agoa bẽta, & rezãolhe çertas orações, & leuãono a ẽterrar aos adros da igreja, os quaes estão çerrados onde ninguem entra.

¶ CAPITVLO VIIII.

¶ Das Pouoações, Corte do Preste Ioão, vestidos, armas, creações, & fruitos das terras do Abexim.

M todos estes Reinos do Preste Ioão não ha cidade, nem lugar, que passe de dous

dous mil vizinhos, & nenhum delles he çercado, nem acastellado. As aldeas não tẽ conto, porque a mais da terra he pouoada. As casas cõmũmente saõ redondas, terreas, algũas dellas cubertas de argamassa, & outras de palha, com sua çerca em roda, de pedra, ou de madeira. As camas em que dorme a gente nobre saõ catres cõ precintas de correas de boy, & a gente pobre sobre os couros dos mesmos boys. Não vsaõ de mesas, porque ordinariamẽte comẽ sobre hũas bandejas grãdes, sem toalhas, nem guardanapos. A louça de que se s r uem he de barro preto muyto d lgado, fino, & rijo. Muita gẽte desta come carne crua, & outros assada nas brasas. Os fidalgos, conegos, & religiosos andão vestidos, & a mais gente cõmua anda nua da çintura pera çima, & hũa pelle de carneyro lançada ao hombro, atada do pê à mão, ao modo de çurraõ de pastor.

Pouoaçōes destas terras.

Como andão vestidos.

Onde habita o Preste.

¶ O Preste não tẽ çerto lugar onde viua, porque o mais do tempo anda correndo seus Reynos, & ondequer que chega assenta sua casa & corte no campo, cõ grande numero de tendas, que cadahum dos que anda na corte leua pera seu alojamento. Iunto das tendas do Preste estão as da Raynha sua molher, que saõ por todas seis ou sete tendas, muy grandes, & fermosas, forradas por dentro de muitas sedas. Todas estas tendas saõ çercadas com hũas cortinas de cores, quarteadas ao modo d'enxadres, de branco, & preto, que ficão como muro das tendas, & em roda delle muita gente de guarda. A cozinha do Preste se faz em hũa tenda, que està detras da em que elle mora hum tiro de bêsta, & de là lhe vẽ as iguarias em tigellas, & panellas de barro preto como àzeuiche, postas em hũas bandejas, as quaes trazẽ pagens nas maõs, todos juntos debaixo de hum paleo. Afastado hum grande espaço das tẽdas do Preste estaõ as das igrejas, onde se diz missa, & se çelebraõ os officios diuinos. E na frontaria das tẽdas Reaes outro bom espaço, estaõ as tendas da justiça, & logo se vão seguindo em çircuito as mais tendas dos senhores, que andaõ na corte, que todas tomaraõ campo de grande mea legoa, ondeestaõ todas assentadas, & arruadas por sua ordem, como em hũa cidade popu

populosa, porq̃ nesta se acha tudo o que pode auer nas cidades, assi de officiaes da terra, como de mercadorias de toda a sorte, & outras muitas particularidades, em q̃ me não detenho, quaes pode cadahum julgar, que saõ necessarias pera hum tão grãde pouo, como he este, que anda com o Preste, cujo numero he de çincoenta mil homẽs de cauallo, & de mullas, antes mais que menos, afora gente plebeya, que sera muita mais.

Não se escreuem cartas.

¶ Nestas terras não he custume escreuerẽsehũs aos outros, nem ha escriuães, nem taballiães, porque todas as suas demandas, & sentenças saõ verbaes, aueriguadas, & julgadas diante das partes. Somente o Preste, & grãdes senhores tem escriuães de suas fazẽdas. Não corre moeda nesta terra, nem o Preste a manda bater: as compras se fazem por troca de hũas cousas por outras, & particularmente do sal em pedra, que he a moeda ordinaria nestes Reynos, onde val muito, pollo pouco que nelles ha. Tem estas terras ouro, prata, cobre, & estanho, mas os moradores dellas tem tão pouco artificio, que o não sabem tirar das minas, & somente se aproueitão daquelle que as chuuas descobrem nas regueiras, com a corrente das agoas.

A moeda q̃ corre he sal.

Todas estas terras saõ muy abundantes, & fartas de trigo, çeuada, milho, tafo, & guça, semẽtes que não conheçemos, de que se faz mantimento. Ha muitas fauas, graõs, feijões, chicharos, & outros legumes, tirando pipinos, & melões, & rabaõs, que estes não se dão nestas terras. O Preste Ioão tem grandes reguengos, & campos que manda semear, & todo o trigo que delles se colhe manda repartir por pessoas pobres & honradas, & nenhum se recolhe pera seus çeleiros. Pollos matos ha muito mangericão, & pollas ribeiras muitos salgueiros: pollos campos, & serras grandes zambujaes. Ha muitas canas d'açucar, de que não sabem fazer açucar, & seruemlhe de mantimento. Ha muitas vuas, & pessegos, que amadureçem em Feuereyro, & duraõ atè todo Abril. Ha muita abundançia de mel, & colmeas, assi nas pouoações, como nos campos, & da çera fazem muytas & boas vellas, cõ que se allumião. O azeite q̃ se gasta nestas terras he de hũas

Abundãcia d frutos.

heruas,

heruas que parecẽ pampillos, muyto louro, & fermoso, mas tem pouco gosto. Ha muytas aruores de espinho, & pouca ortaliça.

Grãdes creações degados

¶ Ha nestas terras grandes creações de vaccas, cabras, & ouelhas, muitas aues como as de Portugal, s. perdizes de tres castas, lebres, galinhas do mato pintadas, grandes, & fermosas, codornizes, rollas, põbas, açores, falcões, gauiães, aguias Reaes, & ribeirinhas, tordos, pardaes, andorinhas, roxinoes, cotouias, patas brauas, adens, marrecas, garças, grous, emas, & outra muyta variedade de aues não conheçidas.

Muitas feras, & animaes

¶ Criãose nestas partes muitos leões, tigres, onças, lobos, veados, antas, vaccas brauas, porcos montefes, & porcos espinhos, gazellas, elefantes, gatos d'algalea, raposas, & outros animaes, & bichos de varias especias. Os bogios são tantos, que por amor delles ordinariamẽte guardão os pães, & searas, de dia somente, porque de noyte não saem a comer, & são tão daninhos, que se os não vigiassem, em dous dias destruirião as searas, particularmente no Reino de Barnagais, onde são infinitos.

Armas de que vsão

¶ As armas de que vsão cõmũmente são arcos, & frechas azagayas, espadas, sayas de malha, algũas espingardas, & capacetes, muytas & boas adargas: não tem bombardas, nem outras peças de artelharia, mais que algũs berços, q̃ lhe mandou el Rey dom Manoel. Os instrumẽtos de guerra são trombetas, atabales de bronze ou cobre, & outros de pao, tambores de duas pelles, da feição dos nossos, mas não tão primos. Os cauallos em que pellejão cõmummente são da terra, pequenos, posto que ha muitos nestes Reinos, muy fermosos, & grandes, que vem de Arabia, & outros muito melhores, que vem do Egypto. Outras muytas cousas notaueis ha nestas terras, & Reinos do Preste, que sera infinito contallos, & hũa das melhores q̃ tem, he não auer Iudeus nellas: auendo Christãos, Gentios, & Mouros.

FIM DO LIVRO Quarto.

P

LIVRO QVINTO, DA ETHIOPIA ORIENTAL, EM QVE SE DA RELAÇAM DA COSTA de Melinde,& ſuas ilhas: & de toda a mais coſta,atè o mar Roxo: & dos coſtumes dos habitadores deſtas terras: & de algũas couſas notaueis, que nellas aconteceraõ em noſſos tempos.

¶ CAPIT. PRIMEIRO.

¶ Das ilhas da coſta de Melinde, & ſeus habitadores, & das varias ſeytas de Mafamede.

IA temos viſto as terras, & Reinos principaes, que correm pollo ſertaõ dentro da Ethiopia, atè as terras do Egypto ſeu limite. Reſta agora pera concluirmos a hiſtoria da meſma Ethiopia, relatar as terras maritimas, que a cercão, começando do Cabo Delgado, onde ficamos, atè entrar pollo Eſtreito do mar Roxo.

¶ O Cabo Delgado eſtà em dez graos da parte do Sul, delle atè a linha Equinoctial ſe chama Coſta de Melinde, que he da jurdição do capitão de Mombâça. Neſta coſta vem ſayr o grande rio Quilimanci, ou Quilimangi, & o celebre rio Çuabo, ou Coauo, o qual dizẽ que nace de hum lago do rio Nilo. Ao longo deſta coſta eſtão muytas ilhas, pouoadas de Mouros baços, & Gentios Cafres, algũas das qnaes ſaõ ilhas muy grandes, fermoſas, & fertiles, como he Quiloa, Monfìa, Zanzibar, Mombâça Pemba, Lamo, Pate, & outras mais pequena. Em cada hũa deſtas ilhas tem o capitão da coſta ſeu feitor, que lhe feitoriza ſuas mercadorias, que ſaõ eſcrauos, Ambar, Tartaruga, Marfim, Cera, Milho, & Arroz, das quaes veniagas tem eſtas terras boa quantidade. Em todas eſtas ilhas ha muytos palmares, & ſearas de milho, & arroz. Fazemſe nellas muy-

Quiloa. Monfia. Zãzibar

viniagas deſta coſta.

muytas embarcações, muyto cayro, esteiras, & palhetes de palha fina, muytos & bõs pannos de seda, & algodão, & particularmente na ilha de Pate, onde ha grandes teçelões, & por esse respeito saõ muy nomeados os pannos de Pate, de que se vestem os Mouros fidalgos, & Reys desta costa, & tambem as molheres de algũs Portugueses.

Pannos de Pate.

¶ Cadahũa destas ilhas tem seu Rey Mouro, os quaes todos saõ vassallos del Rey de Portugal, & todos lhe pagão tributo em reconhecimento de vassallagem, o qual arrecada o capitão da costa em cada hum anno. Todos estes Mouros foraõ antiguamẽte estrangeiros nesta costa, como hoje nella saõ os Portugueses, porque saõ Arabes de nação, & sayraõ da Prouincia de Arabia Felix, da cidade de Larach, & vieraõ pouoar estas ilhas, & algũas terras da fralda do mar desta Ethiopia, onde fundaraõ grãdes & populosas cidades, & pouoações que hoje tem, & nellas viuem ha muitos annos jà como naturaes da terra, & quasi semelhantes aos mesmos Ethiopes, assi na cor do rosto, como em costumes. Todos estes Arabes seguem a seyta dos Persas, que he a interpretação q̃ Ale fez sobre a ley de Mafamede, no que vão muy desuiados da seyta dos Turcos, os quaes seguem a Omar interprete de contraria opiniaõ: polla qual rezão tẽ hũs aos outros em conta de herejes na obseruancia da mesma seyta de Mafamede; & essa he hũa das causas, porque o Xâ Ismael Sophi Grã Sultão de Persia he inimicissimo do Grã Turco, & traz sempre guerra com elle sobre a pretensão do summo Pontificado da seyta de Mafamede, allegando que lhe conuem legitimamẽte, por quanto segue a mais certa interpretação da ley que Ale fez, & o Turco lhe tem vsurpado o mesmo Pontificado, sendo hereje, & seguidor d'outra falsa interpretação.

Origem dos mouros de Ethiopia.

Causa das guerras do Persa cõ o Turco.

¶ E pera que esta differença de seytas melhor se entenda, he de saber, que depois da morte de Mafamede ouue algũas duuidas entre seus descendentes, sobre o entendimẽto da seyta que tinha deixado, polla qual rezão quatro parentes seus mais chegados, & que mais o cõmunicauão, querẽdo cadahũ mostrarse mais douto na

4. seytas de Mafamede.

na mesma ley, pretendendo cõ isso ser seu verdadeyro successor, escreuerão todos quatro sobre a ley, cadahum por seu modo differente, variando em muytas cousas: pollo que resultarão daqui quatro seitas, differente hũa da outra. Ale foy o primeiro que escreueo, & fez a seita chamada Immemia, seguida dos Persas, Indios, & Gelbinos de Affrica, & dos Arabes, que habitão as terras maritimas de Arabia Felix, dõde os Mouros desta costa procedem. Albubequer, foy o segũdo, que fundou a seyta Melchîa, seguida geralmente de todos os mais Arabes, Sarracenos, & Affricanos. Omar, foy o terceyro, que fez a seyta Anephia, seguida dos Turcos, Surianos, & dos Affricanos daquella parte chamada Zahara. Odmão, foy o quarto, que deyxou a seyta Baanephia, ou Xaphaya, como vulgarmente se chama, seguida tambem de algũs Mouros desta costa. De modo que os Mouros que seguem hũa seyta destas, tem aos mais que seguem qualquer das outras por hereges, cudando cadahum que a sua he a mais çerta seyta de Mafamede, mas todas ellas são infames, & deshonestas, & tão alheas da verdade, como he a noite escura, do claro, & fermoso dia.

Ale.

Albubequer.

Omar.

Odmão.

¶ A principal ilha de toda esta costa, foy antiguamente Quiloa, onde auia hũa muy nobre, & sumptuosa cidade, de soberbos edificios, como inda hoje se mostra em algũas misquitas muy grandes, que estão em pê, posto que muy dãnificadas. Nesta cidade moraua hum Rey, que era como Emperador, & senhor de toda esta costa atè Sofala, & em todas estas ilhas, & rios tinha trato, vassallos, & feytoria: mas hoje he hum Rey muy pequeno, & pobre, & agora a mais nobre ilha, & mais rica desta costa he a de Mõbaça, onde està a nossa fortaleza, em que reside o capitão da cõsta de Melinde, o qual antiguamente assistia o mais do tẽpo na cidade de Melinde, antes que se fizesse esta fortaleza de Mombâça.

Ilha de Quiloa.

Fortaleza de Mõbaça.

CAPITVLO SEGVNDO

¶ Da ilha de Pemba, & suas Empófias, & das ilhas de Lamo, & Pate.

DEfronte de Mombâça estàoutra ilha chamada Pemba, oito legoas ao mar pouco

Ilhã de Pemba, fertil.

pouco mais, ou menos afasta-
da da terra firme, a qual tẽ no-
ue ou dez legoas de cõprimen
to. He muy fertil de mantimẽ
tos, & em particular de arroz.
Tem muitas & grandes crea-
ções de gado vaccûm, polla
qual rezão val muy barato.
Toda esta ilha he cortada de
muitas ribeyras de agoa doce.
Tem muitos matos cheos de
larangeiras, & limoeiros sem
dono, deuolutos a quem quer
colher delles, & algũs saõ tão
çerrados, q̃ não ha quem possa
romper por elles. Tem muito
rica, & grossa madeyra, de que
se podem fazer muitas naos, &
nauios. E com ser hũa ilha tão
viçosa, fresca, & fertil, he mui-
to doentia.

¶ Nesta ilha morarão sem
pre muytos Portugueses, assi
mercadores casados, como sol
dados, & soffrião as doenças
da terra polla grossa & boa vi
da, que nella leuauaõ, por sua
grande abundancia, & fertili-
dade: & tinhão senhoreado
tanto aos Mouros da ilha, que
atè o comer do fogo lhe toma-
uão, particularmente os solda
dos vâdios, & ociosos, o que
fazião naõ porque lhe faltasse
cousa algũa, senaõ pollo não
cozinharem, ou por zomba-
rem das Mouras. E alem dis-
to lhe apanhauaõ tudo o que
dellas auião mister, sem pera is
so lhe pedirẽ licença, nẽ satis
fazerẽ cousa algũa. E taõ oppri
midos eraõ estes pobres Mou
ros com as perpetuas forças,
que lhe fazião os Portugue-
ses, naõ somente os morado-
res da terra, mas tambem os
mercadores forasteiros, que a
ella vinhão com suas fazen-
das, que não podiaõ viuer. Por
que a galinha do Mouro, que
entraua em casa do Christão,
não era mais do Mouro, & se
elle a pedia, respondialhe o
Christaõ, que a galinha fora
a sua casa, pera se fazer Chris-
tãa, & que lha não auia de dar.
E a mesma rapina lhe faziaõ
das cabras, & dos porcos,
que os Mouros alli criauão, pe
ra vender aos mesmos Portu-
gueses. Se o Christão passaua
polla porta do Mouro, & açer
taua de empeçar em algũa pe-
dra, ou daua algũa topada, ou
lhe socedia qualquer outro de
sastre, o pobre do Mouro, ou
Moura daquella casa lhe auia
de pagar todo o damno que re
çebeo, ou com roupa, ou com
galinhas, ou com fardos de
arroz, de modo q̃ ficasse o Chri
staõ satisfeito à sua vontade:

Empõsias de Pemba.

& outras mil forças, & trapaças como estas lhe fazião: âs quaes os Mouros chamão empôfias; de maneira q̃ eraõ mui nomeadas por toda esta costa as empôfias de Pemba.

¶ Não podẽdo os Mouros desta ilha soffrer tãtas forças & afrontas, como de contino recebiaõ dos Portugueses, determinaraõ leuantarse contra elles, & contra o seu mesmo Rey q̃ os sofria, & consentia, a qual determinação puseraõ em effeito, & hũa noite saltaraõ na pouoação dos Portugueses, & nas casas do seu proprio Rey, q̃ perto delles estaua, & mataraõ muitos, assi homẽs, como molheres, & mininos. E o Rey cõ algũs Portugueses q̃ puderaõ escapar deste assalto fugiraõ, embarcandose em Pangâyos, q̃ estauão no mar, perto da ilha, & se foraõ pera Mõbaça. E de então atè agora sẽpre estes Mouros de Pẽba estiueraõ leuãtados, & nunca mais quiseraõ obedeçer ao proprio Rey, nẽ menos consentir Portugueses na sua ilha. E posto que depois disso foraõ castigados por Matheus Mendez de Vasconcellos capitão desta costa, & o Rey metido de posse da ilha por força d'armas, com tudo tornarãose a leuantar, como oje estão, sem quererem obedecer a seu Rey natural, q̃ està na fortaleza de Mombâça, feyto Christão, & casado cõ hũa Portuguesa das orfãs que vão deste Reino pera a India.

Treição dos mouros de Pemba.

¶ Alem da cidade de Melin de està situada a ilha de Lamo, onde ha muita creação de asnos muy grãdes de corpo, mas muito moles, & de pouco seruiço. Perto de Lamo està a fermosa ilha de Pate junto da terra firme, a qual he muito fertil & grãde, & senhoreada de tres Reys, que viuem em tres cidades situadas dentro na mesma ilha, pouoadas de muitos Mouros, que saõ Pate, Sio, & Ampâza, tributarias a el Rey de Portugal. Està vltima cidade Ampâza foy antiguamente muito rica, & muy prospera, & de melhores edificios, que todas as mais cidades desta costa, & assi era pouoada de Mouros mais arrogantes & soberbos, & grãdes inimigos de Christãos: pola qual rezão foy castigada pollos Portugueses, destruida, & posta por terra, como se pode ver no capitulo seguinte.

Lamo.

Pate, Siõ & Ampâza.

Capi

¶ CAPIT. TERCEIRO,

¶ De hũa galè de Turcos que sayo do Estreito de Meca, a roubar a costa de Melinde, & do catiueiro de Roque de Brito.

Galè de Turcos.

NO anno do Senhor de 1585. sayo do Estreyto de Meca hũa galê de Turcos a roubar, & saquear a costa de Melinde, na qual vinha por capitão hum grande cossairo Turco de nação, chamado Mirâle Beque: & foy elle taõ venturoso, que fez quanto quis nas pessoas & fazendas dos Portuguefes, que estauão espalhados por toda esta costa, o que fez com muy pouco trabalho, porque os mais delles lhe foraõ entregues pollos Mouros, asſi pollo odio que tem ao nome Christão, como pollos escãdalos, que cadadia recebião dos mesmos Portuguefes. Neste tempo tinha saydo da capitanía desta costa de Melinde Roque de Brito Falcaõ, natural da cidade d'Euora, o qual fazendo sua viagem pera a India em hũa fusta sua, com corẽta mil cruzados seus em dinheiro, Marfim, Ambar, Cera, Breu, & muytos escrauos, foy ter à ilha de Lamo, na qual teue nouas da galè dos Turcos, & logo começou de temer o q̃ lhe podia soceder: mas o Rey da ilha (q̃ era Mouro, vassallo, & tributario à Coroa de Portugal) lhe disse q̃ não temesse, nẽ receasse a vinda dos Turcos, antes se deixasse ficar na sua ilha, porq̃ elle o defenderia, ou morreria cõ elle em sua defensaõ, & dos mais Christãos, q̃ vinhaõ em sua companhia, q̃ eraõ 40. pessoas Portuguesas, entre homẽs, molheres & mininos, afora muitos escrauos Christãos. Roque de Brito pareçendolhe q̃ as palauras do Mouro naõ eraõ fingidas, & q̃ era amigo seu, como sempre se mostrara, deixouse ficar na ilha: mas tanto q̃ os Turcos chegaraõ a ella, o trédo Rey os sayo a reçeber, & meteo na ilha, & foy tão infiel, & falso, q̃ os leuou onde os Christãos estauão, pera lhos entregar todos à prisaõ: mas o esforçado capitaõ Roque de Brito (posto q̃ tinha pouca gẽte cõsigo pera resistir a tãta multidão de Turcos, & Mouros) naõ se quis entregar, antes embraçando hũa rodella, & tomãdo hũa espada nas mãos, juntamẽte cõ çincõ Portuguefes, que o ajudaraõ, pelejou taõ valerosamente, que

Roque d Brito.

Treiçãõ do Rey d Lamo.

que em pouco espaço de tẽpo tirou a vida a muytos inimigos primeiro que lhe tirassem sua liberdade: finalmente depois de auer hũa muy trauada briga, & Roque de Brito ja mui mal ferido, então foy rendido, & catiuo, & logo curado pollos Turcos com muito cuydado, por respeito do resgate q̃ por elle esperauaõ de auer, & depois foy leuado a Constãtinopla, onde falleceo de sua doença. De modo que os Turcos leuaraõ desta costa muitas & grossas prezas, q̃ montarião ao todo cento & çincoenta mil cruzados, asi do que tomaraõ a Roque de Brito, & aos outros Portugueses, como tambẽ de dadiuas q̃ os Mouros desta costa lhe deraõ, & alem disso leuaraõ duzentas & sessenta pessoas catiuas, em que entrauaõ corenta Portugueses, que lhe foraõ entregues em diuersas partes desta costa, pollos Mouros della, falsos, & trẽdos.

Briga & prisaõ q̃ Roque q̃ Brito.

Preza q̃ os Turcos leuaraõ.

¶ Soube tão bem este bocado aos Turcos, que determinaraõ tornar a esta costa com mayor cabedal, & armada, pera nella fazerem hũa fortaleza onde se recolhessem, & fortificassem. O qual intento fauoreçião grandissimamente os Mouros desta costa, & mais ẽ particular os de Mombâça, & os de Ampâza, o que fazião ẽ odio dos Portugueses, & de elRey de Melinde nosso amigo, prometendo pera este effeito muitas dadiuas aos Turcos & todo o fauor, & ajuda q̃ lhe fosse necessaria. Com esta determinação se tornou o Turco pera o Estreito de Meca, leuando consigo a Roque de Brito, & a seus cõpanheiros, & a fusta que lhe tomou, cõ toda sua carga.

¶CAPITVLO QVARTO

¶ De hũa armada que veyo da India castigar os Mouros da costa de Melinde, & do martyrio de Ioão Rebello.

FIcou o estado da India reçeando a tornada dos Turcos a esta costa, & assentarem nella como tinhão comcertado cõ os Mouros falsos, & tredos da mesma costa: tudo a fim de lançarem os Portugueses fora destas terras. O qual intento, se viera a effeito, recebera o estado da India muito danno, & a fortaleza de Moçambique muita oppressaõ, por ficar na

mesma

mesma costa. Pollas quaes rezões, o Viçerey dom Duarte de Meneses ordenou logo mãdar hũa grossa armada, pera tomar vingança destas culpas, & castigar os Mouros daquella costa, polla treição que fizeraõ aos Portugueses ẽ os entregar aos Turcos, & em quebrar as pazes q̃ tinhão cõ Portugal, fauorecẽdo, & recolhẽdo os Turcos inimigos nossos em suas terras. Pera o qual effeito mandou Martim Affonso de Mello por capitão môr de hũa grossa armada de dous galeões, tres galês, & doze galeotas, em que foraõ 650. Portugueses, & por Sotacapitão Simaõ de Brito de Castro.

Armada q̃ vem da India pera esta costa.

Capitão môr. Martin Afonso de Mello.

¶ Partio toda esta armada de Goa aos 9. de Ianeyro, de 1587. (que he o tempo em q̃ se nauega da India pera esta costa) & fazẽdo sua viagem com prospero tẽpo, chegou a vista della aos 28. do mesmo mes, & querendo logo dar em Magadaxô çidade de Mouros, isenta, & soberba, passaraõ por ella de noite sem a poderẽ tomar, nem menos Braua, & outras pouoações desta costa: mas foraõ tomar vista de sete ilheos despouoados, que estão defronte da cidade de Ampâza, com a gente toda sãa, & desejosa de dar assalto naquella maldita cidade, mereçedora de todo o castigo que lhe logo veyo, porque alem de nella se entregarem algũs Portugueses com suas fazẽdas aos Turcos, socçedeo o caso seguinte. Hum dos Portugueses catiuos, chamado Ioão Rebello, adoeçendo na galle foy mãdado polo capitão mór dos Turcos a esta cidade, pera que lho curassem; mas os Mouros della em vez de o curarẽ lhe derão grauissimos tormentos, & lhe fizerão muytos opprobrios, & injurias, porque não quis deixar a ley de Christo, & fazerse Mouro (sendo cometido pera isso). E finalmente lhe ataraõ hũa corda ao pescoço, & o arrastaraõ por toda a cidade, o q̃ tudo este martyr soffreo com grande constãcia, sendo ja de mais de çincoẽta annos, respondendo sempre aos Mouros, que nunca Deos permitisse que elle empregasse tão mal sua velhiçe, seguindo a falsa ley de Mafamede, & deixando a seu verdadeiro Deos, Iesu Christo, em tempo que tinha mais necessidade delle: & assi morreo arrastado, & apedrejado, com muito contentamento, como caualleiro fiel de Christo.

Ioão Rebello marty.

Morte de Ioão Rebello

Estaua

¶ Estaua esta çidade de Ampâza em hum monte redondo, çercada em partes de vaza, & em partes de muro, & da parte do mar com grande, & grossa estacada de madeira. Era çidade de muy grande, & muy chea de gente, prospera, & rica: o Rey que a pessuya era muy poderoso, & muy enuejado de todos os Reys desta costa. Ao tempo que a nossa armada lançou anchora, veyo logo hũ batel de terra tomar falla della, cudãdo ser a frota dos Turcos, que vinha do Estreyto de Meca, como tinha prometido, mas achando o contrario, voltou muy ligeiramente, & tornou à çidade com a noua do que era. O Rey chamado Estâbâdur, entendẽdo muito bẽ que os Portugueses auião de pelejar com elle, & castigallo, pollas culpas que contra elles cometera, & que tinha pouca esperança de socorro de seus vizinhos, poys a todos tinha por inimigos, fez hũa falla a seus vassallos, da maneira seguinte.

Descripção de Ampâza.

¶ Bem vedes amigos quam inçerta he nossa vida, & saluação nesta hora, porque se fugimos pera a terra firme auemos de ser roubados, & por ventura comidos, ou catiuos dos Cafres. Os vizinhos que temos dẽtro na ilha da çidade de Pate, & de Sio, çerto he que nos não haõ de socorrer, nem ajudar, antes entregar aos Portugueses, de quem saõ amigos. Pollo que nos fica somente o remedio da espada, a qual ha de por em duuida esta contenda entre nôs & os Portugueses: & se vençermos, ficamos com muita honra, & nossa cidade com nossas familias, & fato seguro, & ficamos então põdo os pês sobre os pescoços de nossos inimigos, & se morrermos, mais val que seja pelejando com os Portuguẽses, q̃ saõ caualleiros, que naõ comidos pollos Cafres, & finalmente eu ey de pelejar atè vencer, ou morrer. Ditas estas palauras, & outras semelhantes rezões, & çertificado dos grandes, & principaes vassallos que tinha estarem todos no mesmo parecer: ordenouse logo hum solẽne juramento, em que todos jurassem de pelejar em defensaõ da patria, de seu Rey, & de suas familias, atè morrer na contẽda, o qual juramento se pode ver no capitulo seguinte.

Falla do Rey de Ampâza.

Cap.

¶ CAPITVLO QVINTO

¶ De como foy destruyda, & arrasada por terra a cidade de Ampâza pollos Portugueses.

TAnto que os Mouros de Ampâza se resolueraõ em pellejar com os Portugueses, & defender sua cidade, ordenaraõ hum solemne juramento, com mil superstições, da maneira seguinte. Tomaraõ hũa nouilha brãca sem malha algũa, & puseraõlhe os olhos pera o Nacête, lançando sobre ella arroz com casca, ramos, & vinagre, com çertas palauras; & depois disto lhe deraõ hum golpe no pescoço, da parte esquerda com hum terçado, do qual logo cayo morta. E porque cayo pera a parte onde estauão os Portugueses, ficaraõ muito alegres, tendose por senhores do campo, & vitoriosos: & abraçandose hũs com os outros tres vezes, & tocãdo o giolho do Rey cõ a mão, & pondoa na cabeça, remeteraõ aos Portugueses, que jà neste tempo cometião à cidade, polla ordem seguinte.

Solenne juramento dos Mouros

¶ Desembarcou a nossa gẽte em baixamar, parte polla lama, & parte pollã agoa, atè sayrem a hũa praya, onde fizeraõ tres bandeiras: A primeira leuaua o Sotacapitão Simão de Brito de Castro. A do meyo leuaua o capitão môr dacosta de Melinde. A terceira leuaua o capitão môr d'armada. E com esta ordem foraõ marchando pera a cidade, asi polla banda da praya, como polla parte da terra, onde auia infinitos Mouros, queestauão esperando aos Portugueses com muito esforço, & com elle os cometeraõ, & pelejaraõ varonilmẽte: mas durou pouco tẽpo sua resistencia, porque os nossos lhe romperaõ logo as tranqueiras, & foraõ entrando a cidade polla partè do mar com tanta furia, que os fizeraõ retirar. Por outra parte o capitão môr da armada foy rodeando a cidade, atè que tomou hum tezo alto, onde mandou tocar as trombetas, & ao som dellas foy cometendo grande numero de Mouros, que estauão juntos em hũ corpo com o Rey, & Principe pelejando como leões no terreiro dos paços, onde logo foraõ mortos muytos Mouros, entre os quaes morreo tambẽ o Caçis grande, que era como seu Bispo, chamado Atîbo, cuja morte

Ordẽ cõ q̃ pelejaraõ os Portugueses.

morte ficaraõ os Mouros mui desanimados, mas nem por isso deixaraõ de pellejar como esforçados pollo seu Rey que presente estaua, & â vista de suas molheres, & filhos, que tudo lhe acreçentaua o esforço, & vontade de pellejar. Porem não podendo resistir tanto à valentia dos Portugueses, o Rey cayo morto a seus pês, & muytos Mouros ao redor delle. Mas nem tudo isto bastou, pera os mais inimigos se darẽ por vencidos, antes se recolheraõ em suas casas, onde se fizeraõ fortes de dez em dez, & de vinte em vinte, & dalli se defendião muy valerosamente, fazendo muito damno aos nossos. Finalmente nada lhe valeo, pera escaparem do castigo que mereçião, porque foraõ mortos quasi todos, por respeito de hum pregão que se lançou entre os Portugueses, que não perdoassem a cousa viua, o qual se cumprio tão inteyramente, que foraõ mortas molheres, & mininos, bugios, papagayos, & outros animais innocentes, com tanta colera, quanta mereçião as culpas daquella cidade. E com tudo isto inda se catiuaraõ trezentos Mouros, & morreraõ à espada quatrocẽtos: & dos Portugueses morreraõ somente quatro homẽs, que foraõ Frãcisco de Sousa Rolim, dom Duarte de Mello, Vasco de Figueiredo, & Antonio Fernandez Malaca, & foraõ mal feridos 40.

Morte do Rey Estambâdur.

Estrago dos mouros.

¶ Depois que não ouue resistencia na cidade, logo se deu sacco em toda ella, o qual foy muy grosso, & de muita importancia: & depois que os Portugueses foraõ satisfeitos, se largou o sacco aos negros nossos amigos, & ajuntandose pera isso quasi quatro mil, dous dias inteiros acarretaraõ fato, & atè as portas das casas leuaraõ. O capitão mõr da armada armou muitos caualleyros neste lugar, & mandou tomar a cabeça do Rey leuantada na ponta de hũa lança, & que fossem rodeando, & correndo a cidade com este pregaõ, que se daua ao som de trombetas.

Sacco q̃ se deu à cidade.

¶ Iustiça que manda fazer sua Magestade neste traydor, & rebelde Estambâdur, Rey q̃ foy desta cidade, a qual manda seja queimada, & assolada pera sempre, pollas treições q̃ nella foraõ cometidas cõtra os Portugueses. E logo lhe puseraõ fogo, & a destruyraõ de maneira, que não ficou pedra sobre pedra.

Pregão da justiça.

Destruição da cidade.

pedra. E porque os Mouros naõ tornassem a pouoar aquelle sitio, foraõ cortados ao machado quantos palmares tinha em çircuito, que serião passante de oito mil palmeiras, que he a principal fazenda, & sustẽtação destes Mouros: de modo que não ficou alli mais que o campo raso, onde foy a soberba cidade de Ampâza.

¶ CAPITVLO SEXTO,

¶ De como foy castigada a cidade de Mombâça, & do mais que socedeo a esta armada.

Ornou a partir a nossa armada deste porto, & foy corrẽdo a costa, & sogeitando outra vez de nouo a cidade de Lamo, Lusiua, & outras, que estauão leuantadas, deyxãdoas tributarias a elRei de Portugal, como dantes estauão. E querẽdo o capitão môr castigar o Rey de Lamo, por entregar Roque de Brito aos Turcos, soube como era fugido polla terra dentro, & logo o declarou por leuantado. E daqui se fez à vella, & foy correndo a costa atè Melinde, cujos moradores ainda que Mouros, sempre foraõ nossos amigos, & conseruâraõ a lealdade que deuião aos Portugueses.

Parte a armada pera Melinde.

O Rey veyo logo à nossa armada, & entrou na galè Capitaina muy contẽte, & galante. Vinha vestido cõ hũa Cabaya de Damasco roxo, trazia na cabeça hũa touca branca, bordada de amarello, & perfilada de ouro, ferragoulo de grãa, calçoes Portugueses, alparcas ricas nos pês, & hũ terçado cingido, que elRey dom Manoel tinha mandado a seus antepassados. Era mancebo de vinte & quatro annos, de cor baça, & muy graue. Tanto que entrou na galè, assẽtouse na cadeira do capitão mór, que estaua na tolda, & mandou ao capitão môr quese assentasse, o q̃ fez em hum banco que alli estaua. A qui festejou muyto a vinda da nossa armada, & o bõ sucesso q̃ atè então tiuera. Os Mouros seus vassallos por festa jugaraõ em terra à choca, lutaraõ, & correraõ com grande contentamento.

Entra el Rey na nossa armada.

Festejà elRey a nossa armada.

¶ Algũs dias gastou a nossa armada neste porto, onde deyxou algũs feridos pera se acabarem de curar, & daqui se partio pera Mõbâça, indo em sua companhia elRey de Melinde com tres nauios seus, & leuando

do consigo muitos Mouros em fauor da nossa armada. Chegados ao porto de Mombaça, o capitão môr se foy a terra com toda a soldadesca, deixando toda a armada entregue a el Rey de Melinde, cousa que o Rey estimou grandemente. Os Mouros da cidade quiserão fazer rosto aos Portugueses, & pellejarão com elles cõ grande confiança, mas durou lhe pouco tempo seu atreuimẽto, porque logo nos primeiros encontros voltarão as costas com tanto medo, que nem dentro na cidade se derão por seguros, antes desemparãdoa de todo, fugirão pera os matos da ilha, onde se embrenharão, & os Portugueses lhe forão dãdo nas costas, & matando quãtos alcançauão: & juntamente entrarão a cidade, sem acharẽ resistẽcia nella, por estar toda despejada, & logo lhe puserão fogo, com que ardeo muyta parte della; & assi mais lhe derrubarão os muros quasi todos & totalmente ficâra posta por terra, se os Mouros não acudirão com bandeira de paz, pedindo misericordia, & concerto, o qual lhe cõcederão, & cessou a destruyção da cidade, & por isso derão quatro mil cruzados pera as despesas da nossa armada, & assi ficou Mombâça castigada cõ pouco damno dos Portugueses.

Castigo q̃ se deu a Mombaça.

¶ Depois de concluidas as cousas desta costa, partiose della Martim Affonso de Mello cõ toda sua armada, & foy correndo a mais costa atè o Estreito de Meca, & tomou porto na ilha de Sacotorâ (que està na boca do mesmo Estreito) onde se refez de agoa, & do mais necessario pera a armada. E dalli partio pera a fortaleza de Ormuz, onde chegou a saluamento, & nella adoeçeo de hũa graue infirmidade, & morreo. Pola qual rezão seu sogro, q̃ estaua nesta ilha, chamado Simão da Costa, homem de muito ser, leuou aquella armada em paz, & a saluamento a Goa. A cabeça delRey de Anpâza foy tambem leuada a Goa mirrada, & o Viçerey dom Duarte de Meneses a mãdou leuar por toda a cidade na ponta de hũa lança, com trombetas & tambores, & pregão diante que dezia: Iustiça que manda fazer elRey de Portugal nosso Senhor, ao Rey de Ampâza, chamado Estambâdur, por ser trẽdo aos Portugueses, com quem tinha pazes, & dar entrada

Tornase a armada pera a India.

Morte de Martim Aff. de Mello.

Pregão sobre Estãbâdur.

no

no seu Reino, & aos Turcos seus inimigos.

¶ CAPITVLO SETIMO

¶ De como Mirâle Beque tornou cõ quatro galès a esta Costa, & de como foy lançado do porto de Melinde

NO tempo que Martim Affóso de Mello veyo da India cõ sua armada castigar os Mouros leuantados, & tredos da costa de Melinde, estaua o Turco Mirâle Beque dentro no Estreyto de Meca, negoceando algũas galês pera tornar a esta costa, & tomar nella força, & assento, como tinha prometido aos Mouros della, mas não se pode áuiar tão de pressa como desejaua, polla muita falta de madeyra, que ha dentro no Estreyto, & por esse respeito se deteue algũs annos em se auiar pera esta vinda. Muyto mal sofrião os Mouros desta costa sua tardança, porque desejauão summamẽte sua vinda, pera os vingar dos Portugueses, de quem ficaraõ tão magoados, & castigados, como temos visto no capitulo atras, & não sofrẽdo tanta dilação, mandaraõ seus embaixadores dẽtro ao Estreito, com presentes, & cartas a Mirâle Beque, pedindolhe muito apressasse sua vinda, & viesse vingar as afrontas, perdas, & mortes, que tinhão reçebido dos Portugueses, & lançalos desta costa.

Embayxadados mouros a Miràle

¶ Por esta causa logo Mirâle se resolueo em vir, pera o que armou quatro galês, & a fusta que tinha tomado a Roque de Brito, & sayo polo Estreito fora no anno do Senhor de 1589. & veyo correndo a costa atè Magadaxô, cidade pouoada de Mouros, onde o receberaõ com muito aluoroço, & lhe deraõ muito dinheyro, pedindolhe quisesse dalli por diante ser seu protector, & defensor contra os Portugueses. Daqui tornou a dar vella, & veyo correndo as demais cidades, & lugares de Mouros desta costa, onde todos lhe deraõ dinheiro, hũs cõ medo, outros forçados, & outros por sua vontade, & desta maneira veyo atè Melinde, onde chegou hũa tarde jà quasi noite, & logo mãdou amaynar as vellas, & lançar anchora ao mar, com determinação de dormir alli aquella noite, & no dia seguinte cõbater a cidade,

Tornada đ Mirale à costa đ Melinde.

&

& fazerlhe todo o mal que pudesse, por quanto era de hum Rey grande amigo de Portugueses.

¶ Matheus Mendez de Vasconcellos (capitão que entaõ era desta costa) estaua neste tẽpo aqui em Melinde cõ el Rey & vendo que Mirâle tinha anchorado no porto, mandou logo trazer hũs falcões, & assestallos em cima de hũa coroa de area, que estaua no mar, perto das galês, & d'ally as mandou esbombardear denoite, & posto que fazia escuro, & os tiros fossem dados à ventura de acertar as galês, com tudo algũs pellouros deraõ nellas, de que os Turcos receberaõ algũ dãno: & por quanto não sabião donde lhe vinha o mal, nẽ se podião defender delle, nẽ podião offender a quẽ lho fazia, leuaraõ anchora, & foraõse na volta de Mombâça, sua vltima derrota, com tençaõ de se fazerem fortes nesta ilha, & d'alli sayrem com suas armadas pera destruyr Melinde, & lançar os Portugueses desta costa, o q̃ Deos não permittio por sua misericordia, atalhãdo as suas danadas tenções. Porque antes que estas galês saissem fora do Estreito, se soube em Melinde de sua vindá por espias, & vigias, que o capitão desta costa traz sempre no Estreito. E tẽdo esta çerteza, mandou hũa fusta com estas nouas à India, auisando ao Gouernador Manoel de Sousa Coutinho da vinda dos Turcos a esta costa com galês, pera que lhe socorresse logo com armada, antes que os Turcos chegassem, & fizessem primeiro algũ dãno.

Lãça Mateus mẽdez os Turcos de Melinde.

Auiso q̃ foy da costa à India.

¶ CAPITVLO OITAVO

¶ De como o Gouernador Manoel de Sousa Coutinho mandou hũa grossa armada da India socorrer a costa de Melinde, & do que lhe socedeo na viagem.

TAnto que o Gouernador teue estas nouas, temendo o muito damno, que os Turcos podião fazer na costa, negoceou logo hũa grossa armada, em que entrauão duas galeaças, çinco galês, seis galeotas de Traquête, seis Nauios, & hũa manchûa pera o seruiço da armada: & mandou por capitão môr della Thome de Sousa Coutinho seu irmão, com quem se embarcaraõ pera esta empresa nouecentos homẽs de pelleja. Negoçeadas todas

Armada da India.

todas as cousas neçessarias, partiraõ da barra de Goa aos 30. de Ianeiro, do anno do Senhor de 1589. com prospero vẽto, mas depois que se engolfaraõ no mar, tiueraõ tantas tormentas, q̃ hũa das galês abrio & arribou a Goa, fazendo muita agoa, & a mais armada alijou ao mar muita parte da carga que trazia, & apartandose as duas galeaças da mais frota de remo, ficaraõse no golfaõ, & os nauios, & galês vieraõ fazendo sua derrota pera a costa demandando a terra do deserto da Ethiopia, aonde chegaraõ a saluamento milagrosamente, porque vindo hũa noite marrando jà com terra, quasi metidos no rollo do mar, viraõ em terra dous fogos, de que ficaraõ marauilhados, asi por ser terra deserta, & deshabitada, como por lhe parecer que vinhão inda longe della, mas com tudo logo voltaraõ pera o mar, & desta maneyra atemorizados andaraõ toda a noite, sem saberem em que paragem estauaõ. Vindo a manhã, que foy em 20. de Feuereiro, tiueraõ vista da terra deserta, & achouse toda a armada, sem faltar vella algũa, saluo as duas galeaças q̃ tinhão ficado

Diuidese a armada com tormẽta

no golfaõ, pollo q̃ deraõ muitas graças a Deos, reconhecendo a merce que lhes tinha feyto, em lhe dar o sinal dos fogos, sem o qual toda a armada ouuera de dar à costa, & perderse. Com este contentamento foraõ correndo a costa, fazendo sua derrota pera Melinde, & o primeiro porto q̃ tomaraõ foy a cidade de Braua, pouoada de Mouros amigos nossos, ou fingidos, ou forçados, como saõ ordinariamente os mais desta costa. A qui acharão noua çerta de como os Turcos eraõ vindos do Estreito com quatro galês, & hũa fusta, & tinhão passado pera Melinde, indo tyrannizando os Reys da costa, & pedindolhe grandes tributos, a hũs quatro mil, a outros oito, & dez mil cruzados, conforme à posse de cadahum.

Saluase a armada por milagre.

¶ Sabida esta noua çerta de sua vinda, foy polla armada muy festejada, com toda a artelharia, trombetas, tambores, pifaros, & gritas em geral com grande alegria. E com ella mãdou o capitão môr leuar ãchoras, & dar vellas aos 22. de Feuereiro, & foy tomar o porto de Ampâza cidade de Mouros q̃ Martim Affonso de Mello auia dous ãnos tinha destruido

matandolhe o Rey, como fica dito. O Principe de Ampâza (que tinha outra vez pouoada esta terra, & remendado suas ruinas, & incendios) vendo a grossa armada dos Portuguesses, ficou assombrado, & mandou logo pedir seguro ao capitão môr, & licença pera vir à sua galè: a qual lhe deu, & veyo a ella, onde foy bem reçebido do capitão môr, & despedido com esperança de lhe fazer pazes da volta que fizesse, prouando elle ser amigo dos Portuguesses, & naõ ter reçebido, nem agasalhado os Turcos.

O Principe de Ampâza visita o capitão môr.

Daqui sayo o capitão môr, & foy tomar a ilha de Lamo, onde fez agoada, por ser a melhor de toda esta costa, & de pouco trabalho, por estar à borda do mar. Aqui estaua recado de Matheus Mẽdez de Vasconcellos capitão da costa, pera o capitã môr d'armada, em q̃ lhe daua cõta como as galês dos Turcos estauão metidas em Mõbâça, & como vinha nellas por capitão môr Mirâle Beque, de quẽ os Portuguesses desta costa tinhão reçebido tãtos males, como ficão ditos. Pollo q̃ lhe pedia muito não se detiuesse, porque se o Turco tiuesse nouas de sua vinda, auia de fugir. Sabida esta noua pollo capitão môr, mandou logo dar vella, pera ir à Melĩde, onde chegou a 3. de Março, & ahi foy reçebido com muito aluoroço, assi dos Portuguesses, como dos Mouros. Veyo logo Matheus Mẽdez à galê capitaina, & deu conta miudamente ao capitão môr do estado dos Turcos, & de como lhe defẽdeo q̃ não desembarcassẽ em Melinde, & estaua aparelhado das cousas necessarias pera esta guerra, & q̃ toda a tardãça nella era muito perigosa. Informado o capitão môr de todas estas cousas, mãdou logo lançar pregaõ, q̃ ninguẽ desembarcasse em terra. E tanto q̃ foy noite, elle somẽte cõ algũs fidalgos desẽbarcou, & foy visitar el Rey de Melinde amigo leal dos Portuguesses & leuoulhe hũ bõ presente, q̃ lhe mandaua o Gouernador da India, o qual reçebeo cõ muito gosto, & festa. Estaua aqui tambẽ el Rey de Pẽba, & o Prĩcipe, cõtra os quaes se tinhão leuantado seus proprios vassallos, & esperauão que os Portugueses os tornassẽ a meter de posse de seu Reyno, como fizeraõ, & adiante contarey.

Chega o capitão môr a Melĩde.

Visita o capitão môr a el Rey.

¶ Concluydas todas as cousas necessarias pa esta guerra, partio

partio o capitaõ môr com toda a armada, que era de quatro galès, sete galeotas, & oito nauios, em que entraua hũa fermoza galeota, & hum nauio, que Matheus Mendes tinha na costa, & leuou consigo o mesmo Matheus Mendes, & o Rey, & Principe de Pemba, pera o mandar meter de posse de seu Reyno. Forão nauegando ao longo da costa todo este dia, & a noite seguinte; & quando amanheçeo, acharãose defronte da barra de Mombâça, que foy hum Domingo sinco de Março: com cuja vista se alegrarão todos grandemente. Tanto que forão vistos pollos Turcos, que estauão em hũ forte: que ja tinhão feyto à entrada da barra, logo desparazão delle hũa grossa peça de artelharia, & embandeirarão o mesmo forte, mostrãdose guerreiros, & contentes com a uinda dos Portugeses. E tanto que a armada se foy chegando, começarão de a seruir com muytos pelouros de ferro coado, por amor dos quaes se abrigou a nossa armada com a mesma Ilha de Mõbaça, pera dalli se dar ordẽ à entrada do rio, q̃ parecia mais defficultosa do q̃ foy, como se vera no cap. seguinte.

Chegũão o capitão môr a Mõbâça.

¶ CAPITVLO NONO

¶ De como forão tomadas as galês dos Turcos, & destruyda Mombâça, & do mais sucesso desta guerra.

Tanto que o capitão môr Thomè de Sousa Coutinho se pos na barra de Mombâça, meteose em hũa barquinha, para dar ordẽ à entrada dos nauios, & mandou a Matheus Mendez capitaõ da costa, que fosse na dianteira com os nauios pequenos & a pos elle fossem as galeotas, ficando elle capitão môr na retaguarda com as quatro galês. Isto ordenado, leuouse toda a armada muy embandeirada, cõ tanta grita & aluoroço, ao som de trõbetas, pifaros & tambores, que parecia isto mais ser entrada de paz, & regozijo, q̃ conflicto de guerra. E desta maneira foraõ entrando todos os nauios em ala, & passando pollo forte dos Turcos, donde lhe tiraraõ muitos pelouros, mas quis Deos q̃ nenhũ mal lhe fizeraõ, de que os inimigos ficaraõ mui sẽtidos, & em particular Mirâle, que estaua no mesmo forte, & sẽpre cudou meter no fũdo os nossos nauios,

Entra a armada.

Brigadõ forte.

nauios, & com tudo esperou pollas galês, parecẽdo lhe que nellas por serem mayores empregaria melhor os pelouros: no que tambẽ ficou frustrado, porque tanto que a galê capitayna emparelhou com o forte, desparou nelle sua artelharia, & matoulhe o Condestable dos primeiros tiros, com cuja morte cessou o forte de tirar, & os inimigos, que nelle estauaõ, começaraõ de fugir pera a cidade. O que vendo Mirâle Beque, arrepellãdo as barbas, caualgou em hum cauallo, que alli tinha, & foyse com muita pressa pera a cidade, onde estaua o Rey da terra. Logo no mesmo tempo se sayo hũ mancebo fidalgo com çinco companheiros, & foraõ a terra em hũa barquinha, & cometeraõ o forte: onde acharaõ dous Turcos mortos, & dous viuos, que logo mataraõ, & tiraraõ as bãdeiras do forte (q̃ eraõ de seda muito fermosas) & tornaraõse outra vez a meter na galê, dõde sayraõ, com muita festa.

Esforço d 6. Portugueses

¶ Socedeo neste mesmo anno, que hũa nação de Cafres, chamados Zimbas, sayraõ de suas terras, que estão junto dos rios de Cuama, & vieraõ correndo meya Ethiopia, destruindo, matando, & comendo toda a cousa viua que achauão, assi gẽte, como animaes, & bichos: & desta maneira foraõ assolando todas as terras por onde passaraõ, atè chegarem defronte desta ilha de Mombâça, & assentarem seu arrayal na praya da terra firme, com determinaçaõ de entrarem na ilha, por hum passo, que de marê vazia se passaua cõ a agoa polla çinta, pera matarem & comerem os moradores de Mombâça, como tinhão feito aos de Quiloa, de que jà faley. E por este respeito os Turcos diuidiraõ sua armada, pondo duas galês & a fusta junto dos muros da cidade, & as outras duas galês neste passo, pera defenderem a entrada aos Zimbas, que eraõ mais de vinte mil homẽs, & cõ elles pellejauão quasi todos os dias no mesmo passo. Nesta conjunção entrou a nossa armada pollo rio dentro, como tenho dito.

Anno d 1589.

Liu. 2. cap. 21.

¶ Os nauios pequenos, que hiaõ diante com Matheus Mẽdez, remeteraõ logo às duas galês & fusta, q̃ estauão surtas jũto do muro da cidade, as quaes despararaõ nelles duas vezes toda sua artelharia, mas quis Deos q̃ nenhũ mal lhe fizeraõ, pollo

Briga dos nossos cõ os Turcos.

pollo que os nauios forão cõtinuando com seu acometimento,& a balroarão as galês com tanto impeto,que em menos de çinco credos as renderão, & tomarão, matando algũs Turcos,que quiserão resistir, porque os mais delles se lançarão ao mar,& nadãdo fugiraõ pera a çidade q̃ estaua muito perto,& foy tanto o animo dos Portugueses que se lançarão algũs anado no alcançe dos Turcos,& na praya matarão algũs à espada,& pera os recolher foy necessario lançarse hum capitão dos nauios a nado,& chegar a terra, & mãdallos recolher,& embarcar. Estas duas galês,& fusta estauão ricas,& tinhão ẽ si muyto ouro, prata, Ambar, Algalea, Marfim, roupas finas, & muytos escrauos,deque os nossos soldados ouuerão grandes despojos. Depois de rendidas estas duas galês,& fusta;mandou o capitão môr aos mesmos nauios que as renderão q̃ passassem auante com duas galês mais, & fossem ao passo onde estauaõ as outras duas galês dos Turcos,& pellejassem com ellas,& as tomassem.

Grãde esforçodos Portugeses.

As galês dos Turcos sãotomadas,& o forte destruido

¶ O capitão môr se deyxou ficar cõ duas galês,& dous nauios defronte da çidade dãdo ordem pera se tirarem as duas galês,& a fusta dos Turcos de junto da çidade pera o mar largo,como logo se fez, & depois disto mandou a Dom Francisco Mascarenhas com çem companheiros que fossẽ ao forte que estaua na barra,& lhe tirassem toda a artelharia que tiuesse:o q̃ se fez no mesmo dia posto q̃ cõ muyto trabalho por serẽ as peças muy grãdes,& pezadas q̃ erão esperas,& meas esperas,& hũa peça muy fermoza q̃ leuaua pelouro de 30. arratẽs.

¶ Os nauios q̃ passaraõ auãte ẽbusca das duas galês dos Turcos,q̃ estauão nopasso dos Zimbas,tãto q̃ chegaraõ a ellas,logo as abalroarão, & renderaõ posto q̃ cõ mais trabalho q̃ as primeyras, porq̃ nestas estaua todo o pezo, & amelhor gente dos Turcos,por causa dos Zimbas cõ q̃pellejauão. Mas ainda q̃ abriga fosse muy trauada nã morrerão mais q̃ quatro Portugueses,mas forã muitos feridos, & dos Turcos morreraõ quasi çẽto,& forão catiuos neste fragrãte mais de 70. afora os christãos q̃ vinhão a bãco nas galês q̃ logo foraõ soltos,& afora muytos escrauos de Portugueses q̃ se tornarão a seus donos. A

Brigados nauios cõ as galês do passo.

Catiuos, & artelharia que se tomou nas galês dos Turcos.

Acharãose nestas galés vinte & tres peças de bronze, entre as quaes estaua hum canhão forçado, peça muy fermoza, & grande, de ferro coado, & çinco peças mais de ferro, q̃ estauão açestadas no passo cõtra os Zimbas, para lhe defenderem à entrada na ilha.

¶ Estes Zimbas estauão na terra firme da outra parte do rio à mira vendo toda esta briga, que os Portugueses tinhão com os Turcos, donde tambẽ exercitauão sua crueldade, por que algũs Turcos, que fugiaõ das galês pera a terra firme cõ medo dos Portugueses, logo erão tomados pollos Zimbas, esquartejados, & comidos. Pol la qual rezão, vendo os Turcos opouco abrigo, que tinhaõ na terra firme, algũs delles se tornaraõ pera os nauios dos Portugueses escolhendo antes serem catiuos, q̃ comidos pollos barbaros Zimbas. Todo este dia se gastou em despojar as galês de muita riqueza que tinhaõ, em aferrolhar os catiuos, & em curar os feridos.

Os Zimbas comẽ os Turcos.

¶ Passado este dia, logo na noite seguinte veyo hum recado d' elRey de Mombaça à galêcapitaina, pedindo misericordia ao capitão môr. O qual lhe respondeo, que se elle entregasse os Turcos que tinha em sua companhia, então alcançaria o quepedia, & faria pazes com elle: pera o q̃ lhe daua vinte & quatro horas de espaço: & naõ querendo fazer o q̃ lhe pedia dentro nestetempo, escuzasse mandarlhe mais reposta, porque logo lhe auia de dar na cidade pondo a ferro, & fogo quanto nella ouuesse sẽ deixar pedra sobre pedra.

Recado q̃ elRey de Mõbâça mandou ao capitaõ môr.

¶ Ao outro dia polla manhã, sete de março, tempo em q̃ se acabauão as vinte & quatro horas de tregoas, vendo o capitão môr que naõ tornaua recado, nem reposta d' elRey, desembarcou em terra cõ quinhentos Portugueses muy bẽ armados, & guiados por hũa bandeira em q̃ estaua Christo crucificado, foraõ entrando na çidade sem acharem resistençia algũa, porq̃ todos os Mouros della erão fugidos, & embrenhados pollos matos da Ilha. Como o capitão môr vio q̃ naõ auia resistencia na cidade, mandou a saquear, & porlhe o fogo: & depois disto se veyo recolhendo aos nauios, & de caminho mandouqueimar hũa fermoza naõ, & outros muitos nauios dos inimigos q̃estauaõ

Desẽbarcão os Portugueses ẽ Mõbâça.

na praya da cidade varada em terra: & juntamente mandou quebrar os muros da cidade,& o forte que os Turcos tinhão feito na barra.

¶ CAPIT. DECIMO,

¶ De como foy catiuo Mirâle Beque, com os mais Turcos, por meyo dos Zimbas.

Embaxada q̃ os Zimbas mãdaraõ ao capitão môr.

Epoisque a cidade de Mombâça foy destruyda, vendo os Zimbas que jà os Portuguesés não tinhão alli que fazer, mandâraõ hum recado ao capitaõ môr, dizendo que elles eraõ seus amigos, & naõ queriaõ guerra com elle nem com gente sua, & pois os Portuguesés tinhão acabada sua empresa taõ honradamente,& com tanto danno de seus inimigos, que tambem elles querião acabar a sua, em q̃ estauaõ auia muitos dias, que era entrar na ilha de Mombâça,& buscar os Mouros que estauão escõdidos pollos matos pera os acabarem de matar, & comer. Naõ pesou ao capitaõ môr com esta embayxada, porque entendeo que os Mouros,& Turcos, que estauão escondidos na ilha com medo de serem comidos pellos Zimbas, fugiriaõ pera a praya, querendo antes o catiueiro dos Portuguesés com vida que serem mortos,& comidos pellos barbaros: como acõteceo, porque sabido o tempo em que os Zimbas auiaõ de entrar na Ilha mandou o capitao môr no mesmo algũs nauios,& barquinhas das galês que fossem ao longo das prayas da Ilha,& se posessem em paragem onde fossem vistas da gente da terra, o que os nauios fizerão cõ muita deligencia.

Entraõ os Zimbas ẽ mõbaça.

¶ Estando pois neste lugar virão vir grande multidão de gente fugindo pera a praya, & gritando pollos nauios que os tomassem, porq̃ os Zimbas lhe vinhão no alcançe pera os matar,& comer: pello que logo se chegarão a terra quanto puderão,& às espingardadas defẽderão os fugidos que se puderão chegar mais perto dos nauios: entre os quaes ueyo o capitão môr dos Turcos Mirâle Beque fugindo ençima de hũ cauallo cõ o qual se meteo pollo mar atè lhe dar a agoa pollo pescoço pedindo aos dos nauios q̃ o tomassem, como fizeraõ logo, posto que cõ algũ trabalho, porq̃ chouião sobre elle in

Fogẽ os Mouros de mõbaça dos Zĩbas pera os nauios dos Portugueses

Catiuase Mirâle cõ muytos Turcos.

infinitas frechas dos Zimbas, que o vinhão seguindo, & o desejauão matar, polla muyta resistencia que lhe tinha feito no passo em que pellejou com elles. Vieraõ mais cõ este capitão trinta Turcos honrados, entre os quaes vinha hum capitaõ das suas galês, homẽ de muyta feição, & hum Xarife, que era Prouédor da sua armada. Tomaraõ aqui mais passante de duzentos Mouros de Mõbaça, que escaparaõ da boca dos Zimbas. E não poderaõ recolher mais gente, por serem os nauios pequenos, & estarẽ ja metidos no fundo com esta, que se tinha embarcado. Era magoa ver afogar muitas molheres, & crianças, que por medo dos Zimbas se lançauão ão mar, escolhendo antes a morte d'agoa, q̃ a do ferro cruel dos Barbaros.

Laſtimoſo ſpectaculo.

¶ Depois que os nauios recolheraõ a gente que podião boamente leuar, voltarão pera a nossa armada, que estaua surta no meyo do rio, & foraõ despejando parte da gente pollos outros nauios, Mirâle Beque foy leuado à galê Capitaina, & tanto que entrou nella fez sua cortesia, & comprimentos ao capitão môr, como de seruo a senhor, & disse com muyto animo & prudencia: Não me espanto de minha aduersa fortuna, porque saõ sucessos de guerra: & mais quero ser catiuo de Christãos (de quem jà outra vez o fuy em Hespanha) que ser comido dos Zĩbas barbaros, & deshumanos. O capitão môr o recebeo com benignidade, dizẽdo, que fizera boa escolha, de que lhe não auia de pesar ao diante. Catiuouse aqui tambem hum filho, & hũ irmão del Rey de Quilife, que estauaõ com el Rey de Mombâça. O filho se resgatou, mas o irmaõ foy degolado, por se lançar da banda dos Turcos, como adiante direy. Neste dia que foraõ 15. de Março, chegaraõ os galeões à barra de Mombaça, os quaes tinhaõ ficado no golfaõ da India. O capitaõ môr lhe mandou logo recado da vitoria que lhe Deos tinha dado, a qual foy muy festejada nos galeões cõ hũa fermosa salua de artelharia. Neste mesmo dia chegou o Principe de Pate com a sua gẽte, porque assi lho tinha mandado o capitão môr, pera se ajudar della na terra se fosse necessario. E porque ja não auia que fazer, mandou que se tornasse pe

Pratica de Mirâle Beque.

Chegada dos galeões.

Vida do principe de Pate.

ra sua terra, & fosse de caminho dando as boas nouas da vitoria aos Reys da costa amigos dos Portugueses, o que elle fez de melhor vontade, que pellejar com Turcos & Mouros de Mombâça, que elle tinha por amigos.

Mãda o capitão mor meter ẽ posse de Pẽba ao seu Rey.

¶ Concluydas estas cousas de Mombâça, determinou logo o capitão mor de entender nas de Pemba; pollo que mandou a Matheus Mẽdez de Vasconçellos capitão da costa, q̃ fosse meter de posse o Rey de Pemba, que trouxera consigo de Melinde, o qual por rebellião, & leuantamento de seus vassallos estaua desapossado do Reino. Foraõ em sua companhia algũs nauios da armada, pera que se os da ilha não quisessem obedecer a seu Rey, fossem castigados, & o Rey metido de posse por força de armas. Mas tanto que Matheus Mendez chegou a Pemba, naõ achou resistencia, nem contradição algũa: antes muy pacificamente meteo o Rey de posse do seu Reyno, porque taõ grande era o medo que toda aquella costa recebeo cõ a vinda desta armada, que nenhũa cousa cometeraõ então os Portugueses, por difficultosa que fosse, que não alcançassẽ nella com muita facilidade.

Parte a armada pera Melinde.

¶ Não auẽdo jà que recear na ilha de Mombâça, nem que fazer em seu porto, entregou o capitão mor as galês dos Turcos aos capitães que as auiaõ de leuar pera a India, prouendoas de chusma, munições officiaes, & mantimentos, & mandou leuar toda a armada, fazendo sua derrota pera Melinde aos 22. de Março, & dahi a dous dias chegou à dita cidade, onde foy recebido com muyta festa, & alegria, assi do Rey como dos Mouros da terra. E logo o Rey, & o Principe, & Regedores de Melinde foraõ visitar o capitão mor à sua galê, & com grande admiração louuauaõ a merce que Deos fizera aos Portugueses, em lhe dar taõ breuemẽte hũa tão insigne vitoria. E depois que entraraõ na galê, & viraõ nella preso a Mirâle Beque cõ os mais Turcos, & Mouros nobres de Mombâça, ficàraõ pasmados, & disseraõ: Cõ os Portugueses não se tome ninguẽ, porque tarde ou çedo lho hão de pagar. Antes que el Rey de Melinde chegasse à galê disse o capitão mor a Mirâle Beque que fallasse a el Rey cõ muita

Visita el Rey de Melĩde o capitã mor.

cor

cortesia, & grauidade: ao que respondeo o Turco: Por mais que o asno se queira fazer cauallo sẽpre ade ficar asno: quẽrendo nisto dizer que hum catiuo pouca grauidade podia mostrar. No dia seguinte foy o capitão môr a terra visitar o Rey: onde foy recebido com muitas festas, musicas, tangeres, & bailos, & não se fartauão todos de louuar os Portugueses, & dar graças a Deos polla merçe, que lhes fizera em os liurar de tão grãde cossairo como era Mirâle. Aqui deixou o capitão môr a Matheus Mendes capitão da Costa com dous nauios mais da armada, & algũs soldados pera se defenderem dos Zimbas, que vinhão correndo a costa, & auião de passar por Melinde. Depois disto se despedio d'el Rey, & partio pera Lamo aos vinte & sete de Março, onde chegou o dia seguinte, & o que mais fez nesta costa se verâ no capitulo q̃ se segue.

Foy recebido oca pitão môr em Melinde cõ grãde festa.

¶ CAPITVLO ONZE

De como el Rey de Lamo foy preso, & justiçado cõ os mais Mouros leuantados da Costa de Melinde.

TANTO que o capitão môr chegou à Ilha de Lamo, & lançou anchora no seu porto, logo o Rey da terra o veyo visitar muy confiado à galê, como se fora leal, & verdadeiro amigo, & não tiuera entregue Roque de Brito aos Turcos cõ os mais Portugueses de sua companhia. Mas tanto que entrou na galê, logo o capitaõ môr o mandou prender nella, & o mandou por a banco, & depois chamou a cõselho todos os fidalgos, & capitães da frota, & sayo do conselho que o Rey de Lamo fosse degolado pera exemplo, & espanto dos outros Reys da costa. Desta Ilha se partio leuando ao Rei preso, & chegando a Pate mandou dizer ao Principe da terra, & ao Rey de Sîo & ao Principe de Ampâza q̃ viessem assistir à morte d'el Rey de Lamo, & trouxessem consiguo seus regedores, & todos os Mouros principaes de suas Cidades: o que inteiramẽte compriraõ. E depois de todos juntos mandou o capitão môr fazer hum cadafalso alto na praya, em cuja guarda mandou pôr duzentos soldados. Isto feito desembarcou em terra com

Prende o capitão môr a el Rey de Lamo na galê.

Recado q̃ o capitão môr mandou ao principe de Pate.

com grande estado acompanhado de todos os fidalgos, & capitães da armada, & logo mandou desembarcar os que auião de ser justiçados: o que tudo foi feito em hũa manhã seis de Abril de 1589.

Desẽbarca o capitão, & os que ande padecer em Pate.

¶ Desembarcados aquelles Mouros que auião de ser justiçados, sobirão logo ao Rey de Lamo no cadafalso, estãdo presẽtes todos os Principes Mouros, & Regedores, q̃ fica dito, & mandarão ao Rey que se lançasse em çima de hũa alcatifa, que estaua pera isso posta no theatro, o que elle logo fez. E deytado nella lhe cortarão a cabeça, dando primeiro o seguinte pregaõ ẽ lingoa portuges, & depois na lingoa da terra, pera q̃ todos os Mouros soubessem a causa de sua morte: Iustiça que manda fazer o muito alto, & poderoso Rey dom Felipe nosso Senhor, & em seu nome o senhor Thomê de Sousa Coutinho Capitão môr desta sua armada: mãda degollar este Rey de Lamo, por nome Banebaxîra, & confiscarlhe todos seus bẽs pera a Coroa de Portugal, por hora o achar metido de posse do Reyno de Lamo, contra justiça, & rezão, sẽdo elle tido, & auido por trêdo, & leuãtado como he, & entregar aos Turcos falsariamente a Roque de Brito, cõ quarenta Portugueses, entre homẽs, molheres, & meninos, & como rebelde se tornar agora confederar com os mesmos Turcos, & ajudallos. E porque isto seja notorio a todos os Reys desta costa, manda sopena de serem auidos por trêdos, & postos no mesmo lugar com as proprias penas, q̃ ninguẽ dê sepultura a seu corpo. Acabado este pregão lhe cortarão a cabeça.

Pregão da morte d'el Rey de Lamo

¶ Logo apos este Rey, foy subido no cadafalso o Irmão d'el Rey de Quilife, que foy achado em companhia dos Turcos em Mombâça: ao qual da mesma maneira cortarão a cabeça & alẽ disso o fizerão ẽ quartos pera os pẽdurarem em diuersas partes. Trouxerão logo os dous Regedores de Pate, que tinhão ido ao estreito de Meca em busca dos Turcos, que taõbem foraõ tomados em sua cõpanhia na Ilha de Mombâça: & por honra do sangue Real não quis o capitão môr q̃ fossem degollados em çima do theatro, senaõ ao pè delle sobre hum çepo, que pera isso lhe puserão no chaõ, onde foraõ degolla

Sam justiçados os leuantados.

gollados, & esquartejados, & postos seus quartos pollos muros da çidade, & lugares publicos. E como estes Regedores eraõ naturaes da mesma çidade, foy muy sentida sua morte. E as molheres, & parentes dauaõ por sua vida muito dinheiro, mas nada lhe valeo pera deyxarẽ de ser justiçados. Foy esta justiça couza, que asombrou todos os Reys, & Mouros desta costa, & tremião cõ medo de lhe poder a cada hum foçeder o mesmo castigo. E posto que todos o não teuesẽ no corpo, na bolça o sentirão: porque o capitão môr condenou aos Mouros de Pate em quatro mil cruzados peras as despezas da armada, porquanto tinhão recebido aos Turcos, dandolhe seu dinheiro sem pelejarem com elles, nem lhe defenderem a desembarcaçaõ no seu porto, podendo, como eraõ obrigados, conforme às pazes que tinhão feyto cõ os Portugeses. Alem disso lhe mandou quelogo quebrassẽ hũ fermoso baluarte, que tinhão de pedra, & cal, pois lhe não valeo pera se defenderem dos Turcos, porque pera os Portugueses não seruia, o q̃ os Mouros açeitarão, & fizerão, posto que não de boa vontade.

Penas ẽ q̃ o capitão môr cõdenou aos Mouros de Pate.

¶ ElRey de Sîo tambem foy preso na galê, & posto a banco, por duas causas: a primeira por receber os Turcos, & lhe dar dinheiro, a segunda por não ir a Mombâça como foy o Principe de Pate tendolho mandado o capitão môr, pera se ajudar delle contra os Turcos, pellas quaes culpas o condenou, que pagasse tres mil cruzados pera as despezas da armada, & mandasse quebrar os muros da sua çidade de Sîo, que todos erão de pedra, & cal & naõ foy solto da galê atè não comprir inteiramente esta pena que lhe tinhão dado.

Prizaõ d'elRey de Sio.

¶ CAPITVLO DOZE.

De como foy destruida a Ilha de Mandra, & das pazes que o capitão môr fez cõ os Reys da costa de Melinde, & sua tornada pera a India.

DEfronte de Pate, esta hũa Ilha chamada Mandra de muyto mao desembarcadouro, onde està hũa cidade pouoada de Mouros, os quais auia muyto tempo estauão leuantados sẽ quererẽ pagar as pareas que erão obrigados dar

a coroa de Portugal. E taõ soberbos estauaõ, que quando esta armada passou pera Mombaça, quis hum nauio della fazer agoada na mesma ilha, & os moradores della lhe disseraõ, que naõ desembarcassem em terra, porque em Mandra somēte o sol podia entrar. Polla qual rezaõ, depois de concluidas as cousas de Pate, & Sîo, mandou o capitaõ môr algũs soldados, com todos os nauios de remo, que fossem destruir, & pòr por terra a cidade de Mandra. Os quaes foraõ: & tanto que chegaraõ à vista da ilha, logo os Mouros della desempararaõ a cidade, pollo grande medo, que tinhaõ concebido dos Portugueses, & fugiraõ pera os matos da ilha. Polla qual rezaõ os nossos desembarcaraõ nella pacificamēte, & puseraõ a cidade por terra; & cortaraõlhe mais de duas mil palmeiras; q̃ he a môr guerra que se pode fazer a esta gente. E pera este effeito mandou o capitaõ môr aos Mouros de Pate, & de Sîo, que fossem na companhia dos Portugueses, com serrotes & machados, pera ajudarem a cortar as palmeiras da ilha: o que elles fizeraõ com muito gosto, por ganharē a vontade do capitaõ môr, & cobrarē a paz, & amizade dos Portugueses.

Mandra foy destruida

¶ Concluyda a destruyçaõ de Mandra, & junta toda a armada, partio o capitaõ môr do porto de Pate pera o de Ampâza, aos dez de Abril; onde assentou, & fez pazes cõ o Principe da mesma cidade; por achar que naõ tinha offendido aos Portugueses em cousa algũa: & pera isso mandou vir o Principe à sua galè: onde se achou tambē presente o Principe de Pate, & o Rey de Sîo, & todos os fidalgos, & capitães da frota, & diante de todos fez o Principe de Ampâza hum solenne juramēto em seu Moçapho, de guardar inteiramente o concerto das pazes. O qual era, que elle seria obrigado a dar em cada hum anno vinte escrauos pera as galês do estado da India, & naõ deyxaria entrar em suas terras homēs trêdos à coroa de Portugal. E sendo caso que viessem Turcos à costa, elle se ajuntaria com o Rey de Sîo, & Pate (pois eraõ todos vizinhos, moradores na mesma ilha, & vassallos d' el Rey de Portugal) & lhe defenderiaõ o porto, atè morrer na contenda: & âsi mais

Pazes cõ Ampâza

Tributō q̃ paga o Rey de Ampâza

mais lhe não dariaõ agoa, nem Pilotos, nem fauor, nem cousa algũa de suas terras, sopena de serem auidos por trêdos, & castigados como foy Mombâça, Mandra, & o Rey de Lamo. As mesmas condições de pazes, jurarão os Reys de Pate, & Sîo, com todos os seus Regedores. E o capitão môr em nome de sua Magestade prometeo de comprir, & guardar as ditas pazes comprindo elles o que tinhão jurado. Acabada esta çeremonia, foy jurado por Rey natural o Principe de Ampâza com muyta festa, som de trombetas, tambores, pifaros, & artelharia.

O mesmo tributo paga Pate, & Sîo.

¶ Postas as cousas desta costa nos termos, que tenho dito, partio o capitaõ môr deste porto com toda a armada pera a India, aos quinze de Abril leuando em sua companhia as galês, & fusta dos Turcos, & os catiuos, que tomou em Mõbâça. E desta maneira foy nauegando a tê a Ilha Sacotorà, onde chegou a vinte & oito de Abril: & tomando na ilha mantimentos, & agoa, mandou leuar anchoras, & largar as velas, & nauegar pera Goa: a onde chegou com prospero vento a dezaseis de Mayo, & achou na barra o Gouernador Manoel de Sousa, o qual tendo ja notiçia de sua vinda, o estaua alli esperando.

Parte a armada. pera a India.

¶ Tanto que a armada surgio no rio, veyo logo o Gouernador à galê capitayna muy allegre, dando graças a Deos polla merçe, que lhe tinha feito de tão gloriosa vitoria. Mirâle Beque se lançou a seus pès, & o Gouernador se leuantou da cadeira, & empè lhe disse que se leuantasse: & tornandose a assentar, lhe preguntou como estaua. Ao que o Turco respondeo; Como escrauo de V.S. Disselhe entaõ o Gouernador; Alegrayuos, & esperay ẽ Deos, que ja eu fuy catiuo de peor senhor, do que vos soys, que foy o Malauar, & agora estou neste estado que vedes: assi vos pode soceder a vos. A isto respondeo Mirâle; Senhor verdade he que eu sou catiuo mas sendoo de V.S. me tenho por grande senhor. No dia seguinte entrou a armada pera dentro, & foy reçebida, & festejada na çidade de Goa cõ muytas festas, som de artelharia, como tal vitoria mereçia. Mirâle Beque foy mandado pera Portugal, onde se conuerteo, & fez Christão: no que restaurou

Chegã esta armada a Goa

Comprimentos q̃ o Gouernador teue cõ Mirâle Beque

Foi festejada esta vitoria ẽ Goa.

Miralre feito Christão

rou pera sua alma todas as perdas & quebras, que tinha reçebido no corpo. Os mais Turcos, & Mouros ficaraõ seruindo nas galés do Estado da India.

¶ CAPIT. TREZE,

¶ De algũs Mouros feitiçeiros, que ouue na costa de Melinde, & da herua Dutrô, a que os Cafres chamão Herua feitiçeira.

NEsta costa de Melinde, deque vou falando, ouue grãdes feitiçeiros, & inda hoje ha muitos Mouros, que se prezão desta habilidade. Estando eu nesta costa, moraua na ilha de Zanzibàr hum grande feitiçeiro, por nome Chande, muy conhecido, & nomeado por suas obras diabolicas. Deste me contarão, q̃ tomãdolhe o Feitor do capitão da costa, q̃ alli residia, hũa embarcação, pera lha mandar a Melinde sẽ sua liçença, elle se foy à praya onde o Feytor a estaua carregando pera a mandar, & lhe pedio muito q̃ lhe não tomasse a sua embarcação, nẽ lha mandasse fora, porque tinha necessidade de fazer viagem nella muito çedo. Mas o Feytor zõbou disso, & não lha quis largar, dizendo que a auia mister pera o seruiço delRey (capa com que estes ordinariamente cobrem muitas forças, que nesta costa fazem aos Mouros della.) Vendo Chande a força que o feitor lhe fazia, foyse pera sua casa, jurando que o seu Pangayo não auia de sayr do porto sem sua licença. Sem embargo disso, o Feytor o ficou carregando, & auiando de marinheiros, & depois de aparelhado, mãdou leuar fateixa, & dar à vella, o que logo se fez, & a vella se encheo de vento muy bom que ventaua em popa, mas o Pangayo não se bolio, nem se moueo do lugar onde estaua, & assi quedo esteue posto à vella mais de hũa hora, ao que acodio o Feitor, & outros Portugueses, & Mouros que alli se acharaõ, todos admirados do caso nunca visto. Disse então hum daquelles Mouros ao Feitor, q̃ se desenganasse, porque o Pãgayo não se auia de bolir daquelle lugar, sem vontade de Chande seu dono. Polla qual rezão o Feytor se foy logo a casa de Chãde, & lhe pedio muito quisesse fretarlhe o seu Pangayo, pera o mandar a Melinde, porque

Chande feitiçeyro.

Grande feitiçaria.

porque importaua muito,& q̃ lho naõ tomara por lhe fazer força,ſenão polla neçeſsidade que delle tinha,& q̃ logo lho mandaria tornar,& lhe pagaria ſeu frete,& o ſeruiria tãbem outro dia no que ſe offereceſſe. Com eſtas rezões, & palauras brandas, que o Feytor lhe diſſe,ſe quietou eſte feitiçeiro, & ficou ſatisfeito. E logo ſe foy com elle à praya, onde eſtaua o Pangayo poſto à vella,ſem ſe querer bolir do meſmo lugar, & diſſelhe em alta voz:Pangayo vay em bora onde te manda o Sor̃ Feitor. No meſmo ponto que o Mouro acabou de dizer eſtas palauras,partio logo o Pãgayo do lugar onde eſtaua como hũa ſeta,& foy ſaindo polo rio fora, & fez ſua viagem a ſaluamento.

Feitiços gracioſos.

¶ Hum ſoldado Portugues fez hum agrauo a eſte Chande feitiçeiro, de que ficou muy magoado,mas elle por ſe vingar do ſoldado lhe fez hũs feytiços gracioſos, & foraõ taes, que todas as vezes que o ſoldado abria a boca pera fallar, antes que diſſeſſe algũa palaura,lhe cantaua hum gallo na barriga, ſayndolhe a voz do gallo polla boca tão claramente,que ſe ouuia muito lõge, de que o ſoldado andaua tão enuergonhado, que não ouſaua ſayr fora decaſa,nẽ fallar com peſſoa algũa, porque todos ſe rião delle,& lhe dauão matraca. Deſta maneira andou mais de hum mes,& juraua mil juramentos,que auia de matar o Chande,ſoſpeitando que elle lhe fizera algũs feitiços, por onde padecia o mal que tinha. Andando deſta maneira, foy aconſelhado que ſe foſſe a caſa do Chande, & ſe lançaſſe a ſeus pês, pedindolhe perdão do agrauo que lhe fizera, & q̃ em ſatisfação diſſo,ſeria muy grande ſeu amigo dalli pordiãte,& o ſeruiria no que lhe foſſe neceſſario, & que lhe pedia o curaſſe daquelle mal que tinha. E poſto que o ſoldado eſtaua indignado contra o feitiçeiro,& juraua de o matar, cõtudo a neceſsidade em que ſe via lhe fez mudar o parecer,& aceitou o conſelho quelhe derão, & foy a caſa do Chande, & pediolhe perdão,& remedio pera ſua infirmidade. O Mouro açeitou ſua ſatiſfação,& diſſelhe,que elle nãolhe tinha feito o mal que padecia, nem feytiço algum,mas que elle faria muyto pollo curar, & ſarar

daquel-

la infirmidade, & que se fosse embora pera sua casa, confiado em ter saude;o que o solda do fez,& tanto que chegou a sua casa nunca mais cantou como gallo,como atè aquella hora fazia,quando queria fallar.

Feitiçeyro de Melĩde.

¶ A Melinde veyo ter hum mercador da India cõ muitas mercodarias,& roupas,& hũa noite lhe furtaraõ hũa trouxa de canequins,q̃ valeria duzentos cruzados. Achãdo elle menos a trouxa, & não sabendo quem lha pudesse furtar, foyse hũa noite secretamente a casa de hum Mouro feitiçeiro affamado,que viuia em Melinde, & dandolhe cõta do furto que lhe tinhão feito,pediolhe muito lhe quisesse descubrir a sua trouxa,porque era homem pobre,& nella lhe leuaraõ muita parte de seu remedio, & q̃ por isso lhe daria vinte cruzados. O Mouro lhe respondeo, que elle era ja velho, & naõ vsaua daquella arte,mas que por ser obra de misericordia o seruiria no que pudesse,& que tornasse a ter com elle a noite seguinte âs mesmas horas. Tornando o mercador a noite seguinte como lhe mãdara o feitiçeiro,tornoulhe elle a pergũtar miudamente pollo furto que lhe fizeraõ, & o dia em que aconteçera, & depois disso se foy com o mercador a sua casa, onde lhe tinhão feito o furto, leuando consigo hũa peneira,& hũa tesoura,& pondo a peneira no meyo da casa, no lugar donde se tinha leuado a roupa,disse hũas çertas palauras,& começou de tanger cõ as pernas da tesoura, dando com hũa na outra,ao qual som deu a peneyra hũa volta no meyo da casa, & depois disso se sayo correndo polla porta fora, & o Mouro apos ella tangendo. O mercador fechou logo sua porta, & se foy depressa apos o Mouro, que hia tangendo,& a peneira correndo diante delle, & assi foraõ por duas ruas, atè que a peneyra chegou a hũa porta, onde parou, sem se mais bolir; & entaõ o Mouro a leuantou do chão, & bateo à porta, & acodindolhe de dentro outro Mouro, fez com elle que abrisse a porta, & aberta lhe disse: Hũa trouxa de canequins està nesta casa, a qual he deste Portugues q̃ vẽ comigo,mandaya logo aqui vir sẽ mais deteça, & ficarâ isto ẽ segredo,& senão sabeloá elRey & capitão,&custaruosha caro

Modo de descobrir o furto.

terdes furtos em vossa casa. O ladrão, que conheçia muito bem o feitiçeiro, teue grande medo delle, & sem mais replicas nem rezões, lhe entregou a roupa toda, sem faltar cousa algũa, & elle mesmo a leuou âs costas atè a casa do Portugues pedindolhe tiuesse segredo no furto, & desculpandose que elle a não furtara, senão hum marinheiro gẽtio do mesmo mercador, o qual lha leuara a sua casa pera dahi a vender. Esta historia me contou o mesmo Portugues mercador, estando eu na ilha de Quirimba. Outras muitas feitiçarias fazião estes Mouros semelhantes a estas, & particularmente em descubrir cousas perdidas, ou furtadas.

Herua Dutrò, Feitiçeira.

¶ Em muitas partes desta Ethiopia se cria hũa herua, a q̃ os Portugueses chamão Dutrô, & algũs Cafres Bãguinî, & por outro nome lhe chamão Machaya Moroy, q̃ he o mesmo q̃ herua feitiçeira, significando com este nome, q̃ seus effeitos saõ de feitiços. Esta herua he quasi semelhante â de Beringellas brauas, assi na folha como no fruto, & dentro nelle tem muita semente, da feyçaõ de gergelim: a qual moyda, & deitada no comer, ou beber, tira totalmente o juyzo a quem a toma: & de qualquer modo q̃ està quando come, ou bebe a tal semẽte, do mesmo anda 24 horas: quero dizer, q̃ se a pessoa quando come està alegre, tal fica, rindo sempre, & se està triste, chora todas as 24. horas & depois que torna em si, nada lhe lembra do que fez, nem disse em todo o tẽpo, nem menos dà fè do que lhe fizeraõ: & com esta semente dizem que se fazẽ muitos feitiços, & cousas muy mal feytas.

¶ CAPITVLO XIII.

¶ Dos Cafres Mosseguejos, & de seus custumes barbaros.

POlla terra dentro, que corre ao longo da costa de Melinde, habita hũa nação de Cafres, chamados Mosseguejos, muito barbaros, & muy esforçados, os quaes ha muyto poucos annos que começaraõ. Cujo principio, & origem foy de Pastores de vaccas, no qual officio & trato viuem inda hoje todos estes seus descendentes, & assi tem grandissimas creações de boys, & de vaccas.

O seu principal mantimento he leite das mesmas vaccas, as quaes tambẽ sangraõ muytas vezes, assi porlhe naõ abafarẽ & morrerẽ de gordas, como pera se sustentarẽ do proprio sangue. Do qual fazẽ hũa potagẽ misturada cõ leite, & bosta fresca das mesmas vaccas, & tudo isto junto, & quente ao fogo, o bebẽ, dizẽdo que os faz robustos, & fortes.

¶ Os machos de idade de sete, ou oito ãnos pera çima saõ obrigados a trazer a çabeça cuberta de barro pegado nos cabellos, & no couro da cabeça, detal modo q̃ lhe fica como outro casco, ou capaçete, muy bornido porçima, & quando se greta o barro, tornaõlhe a dar cõ outro molle porçima, & a cõçertallo de nouo cõ muyto primor, estimãdo muito sua perfeiçaõ. E ha Cafre, q̃ traz neste capaçete de barro çinco ou seis arratẽs de peso, & com elle dormẽ, & andaõ, como se naõ trouxeraõ nada. Este barro naõ podem tirar da cabeça, nẽ fallar em ajuntamẽto de homẽs velhos, nẽ entrar em cõselho, atè q̃ naõ matẽ algũ homẽ em guerra, ou briga justa. Polla qual rezaõ todos os mancebos pretendẽ que aja guerras, pera nellas se mostrarẽ, & fazerẽ caualleiros, & nobres, matando algũ inimigo nellas. E pera se saber q̃ o mataraõ, saõ obrigados depois da briga acabada, leuar diãte do seu capitão hũ sinal euidente do homẽ q̃ matarão: & os q̃ leuão mais sinaes destes, saõ tidos por mõres caualleiros, & esforçados na guerra, & por isso mais honrados, & estimados. Polla qual rezão logo o capitão os arma caualleiros, tirandolhes o barro da cabeça, & dalli por diante ficão gozando dos priuilegios dos outros caualleiros.

Pesada obrigação.

¶ A principal causa porque estes barbaros fazẽ isto, he porserẽ temidos de seus inimigos, vendo cõ quanto gosto entraõ na guerra, apostados a lhe tirar a vida, polla honra que disso lhe resulta, da qual saõ tão ambiçiosos, q̃ pellejão hũs cõ os outros, em porfia de quẽ ha de chegar primeiro ao inimigo q̃ cae ferido pera este effeito, não dando lugar pera que outrẽ lhe tire esta honra.

¶ O senhor da ilha de Macoloê me contou, q̃ achandose elle na guerra de Quilîfe (de que abaixo tratarey) vira estar dous Mosseguejos pegados em hũ Mouro, q̃ cayra no chão mal ferido,

Caso estranho.

ferido, em grande porfia ſobre qual delles o cortaria primeiro: & por outra parte o Mouro, que eſtaua ainda viuo, defendendoſe delles o melhor que podia. E finalmente hum dos Moſſeguejos que mais força teue leuou o que pretẽdia, & depois diſſo tornou à briga em q̃ andauão os mais cõpanheiros: a qual acabada, ſe foy diante do ſeu capitão, & lhe moſtrou o ſinal q̃ leuaua de ter morto homẽ na guerra, & foy armado caualleyro por iſſo, com outros muytos, que fizeraõ o meſmo na meſma guerra.

Brutalidade dos Moſſeguejos.

¶ Taõ barbaros ſaõ eſtes Moſſeguejos, q̃ guardaõ eſtes ſinaes de ſua valentia, pera depois ſe honrarẽ cõ elles nos dias de ſuas feſtas, em que ſe querem moſtrar, leuãdoos cõſiguo, pera que todos conheçaõ por elles ſua valẽtia, & caualaria, & ſejaõ eſtimados por iſſo. A meſma brutalidade permittẽ a ſuas molheres quando ſe haõ de achar em algũas feſtas, ou baylos: pera la ſerẽ eſtimadas, & conhecidas por molheres de homẽs honrados, & esforçados. Outras muitas brutalidades pudera cõtar deſta nação de Cafres, aſsi neſta materia, como em outros cuſtumes, & abuſos q̃ caſſo, por erẽ muy deshoneſtos, & incrediueis.

Os Abexins, & algũs Mouros ſeus vizinhos, & os Gallas Gẽtios deſta Ethiopia: todos tem eſte meſmo cuſtume dos Moſſeguejos, como refere o Patriarcha Dom Ioão Bermudez, no liuro que fez do Preſte Ioão. De modo, que deſte cuſtume vſaõ algũas nações deſta Ethiopia. Outra couſa quaſi como eſta ſe acha na ſagrada Eſcritura, no 1. li. dos Reys, onde ſe conta, q̃ Saul pedio a Dauid por lhe dar ſua filha Michol em caſamẽto, lhe trouxeſſe çẽ prepuçios de Philiſtheus, q̃ mataſſe na guerra: & elle lhe trouxe duzentos. O q̃ Saul fez (como diz Nicolao de Lyra explicando eſte lugar) aſsi porque por eſte ſinal ſe conheceſſe ſerem Philiſtheus os que Dauid matara na guerra, & não Hebreus, que eraõ circunçidados: como tambem por acrecentar o odio dos Philiſtheus cõtra Dauid, & elles lhe procuraſſẽ a morte, por quãto os circuncidaua: couſa q̃ elles grandemẽte abominauão. E como depois o filho de Salamão, & da Raynha Sabbâ veyo reinar neſta Ethiopia (como ja diſſe) couſa

cap. 18.

cousa prouauel he, q̃ traria de là este custume, & o mandaria vsar nesta Ethiopia.

¶ CAPITVLO XIII.

¶ De duas vitorias que elRey de Melinde alcãçou delRey de Quilîfe, & do de Mombâça, com ajuda dos Mosseguejos, & do capitão da Costa.

NO anno do Senhor de 1592. estando eu nesta costa, alcançou elRey de Melinde duas vitorias delRey de Quilîfe, & delRey de Mõbâça seu parẽte, cõ ajuda do capitão da costa, & seus soldados Portugueses, & cõ ajuda dos Mosseguejos seus vizinhos, & amigos. Quilîfe he hum rio, q̃ està entre Mõbâça, & Melinde, de q̃ era Rey hũ Mouro parente delRey de Mõbâça, o qual fazia tão roim vizinhança aos Mouros de Melinde, em odio dos Portugueses, q̃ consintia a seus vassallos fazerẽlhe mil forças, & agrauos. E era isto tãto, q̃ os moços, & negras de seruiço, não ousauaõ ir aos matos q̃ estão junto da cidade abuscar lenha, porq̃ nelles os salteauão roubauão, & espancauão os de Quilîfe. Vendo elRey de Melinde tanto desaforamento, & tantos agrauos, quantos cada dia recebia dos deQuilîfe, consultou este negocio cõ o capitão da costa, & assentaraõ ambos de lhe fazer guerra, & tomar vingança destas afrontas. E pera este effeito negocearaõ as cousas necessarias, & ajuntaraõ os Portugueses, & Mouros, q̃ auia em Melinde, & juntamente mandaraõ chamar os Mosseguejos, pera q̃ os viessem ajudar: o q̃ elles logo fizeraõ, & todos juntos forão a Quilîfe, onde acharão o Rey cõ sua gente entranqueirado, & fortificado, porq̃ jà tinha noticia de sua ida. Tanto q̃ os de Melĩde chegaraõ, forão cometendo a cidade, & os deQuilîfe lhe sayrão ao encontro, & começaraõ hũa cruel, & trauada briga, em q̃ todos pellejaraõ muy esforçadamente. Porẽ inda q̃ os de Quilîfe pellejauão por defender sua patria & familias varonilmente, cõ tudo os de Melinde os cometerão cõ tanta ventagẽ de animo, & esforço, que em breue tẽpo lhe fizerão virar as costas. E foy tãto o aperto em q̃ os puserão, q̃ os mais delles indo fugindo pera a cidade, se meterão em hũa estacada, onde se encrauarão nos estrepes, & abrolhos de pao, & ferro

Quilîfe Reino inimigo de Melinde.

Briga de Quilîfe.

ferro,q̃ alli tinhaõ metido, & ordenado, pera os de Melinde se espetarẽ. E neste passo foraõ mortos, & desbaratados quasi todos, juntamente cõ o mesmo Rey de Quilîfe. Alcançada esta vitoria, saquearaõ os de Melinde a cidade, leuando della muitos despojos, & catiuos, & depois disso a puseraõ por terra, & se tornarão pera Melinde muy contẽtes, assi polla vitoria q̃ tinhão alcançado, como por estarẽ desapressados de tão roins vizinhos, & inimigos. Algũs Mouros que pudaraõ escapar da briga, fugiraõ pera Mombâça desbaratados.

¶ Sabida por el Rey de Mõbâça a destruyção da cidade Quilîfe, & morte do Rey della, & de seus vassallos, sintio grandissimamente tal perda de parentes, & amigos, & logo determinou tomar vingança del Rey de Melinde. E pera isso ajuntou passante de çinco mil Mouros seus vassallos, & vizinhos, quasi contra võtade de todos elles, porque nenhũ queria pellejar cõ os Mouros de Melinde, por respeito dos Portugueses, q̃ estauão em sua cõpanhia, dos quaes entẽdião q̃ não auião de leuar a melhor, & por isso todos fazião muito

ElRei d' Mõbaça faz guerra a Melĩde.

porse escusar desta guerra. Mas o Rey q̃ estaua magoado, & tinha os desejos muy acesos da vingança q̃ pretẽdia tomar de Melinde, nũca quis desistir de seu intẽto: antes logo se pos a o caminho por terra, indo marchando cõ a sua gẽte ordenada & quasi forçada; & desta maneira chegou âs terras dos Mosseguejos amigos d'el Rey de Melinde, onde assentou seu arrayal; & determinou pellejar primeiro cõ estes barbaros, & desbaratallos, porq̃ entendia muy bẽ que se passasse auante, & lhe ficassem nas costas, q̃ lhe poderião fazer muito mal, por serẽ amigos del Rey de Melinde, & era çerto q̃ o auião de socorrer, & ajudar, como tinhaõ feito no tẽpo que alli foraõ os Zimbas, cõ cujo socorro foraõ destruidos, & desbaratados, ficando el Rey de Melinde vitorioso, como fica dito. Pollas quaes rezões se pòs logo ẽ feiçào de pellejar, & representou batalha aos Mosseguejos: os quaes tanto q̃ souberaõ de sua vinda tambẽ se fizeraõ prestes saindolhe ao encõtro como esforçados q̃ saõ, & cõ tanto impeto, que logo dos primeyros encontros fizeraõ fugir a môr parte dos Mouros que vinhão

lib. 2. cap. 21.

O Rey d' Mõbaça desbaratado.

a esta

a esta guerra forçados, ficando somente no campo elRey de Mombâça, cõ tres filhos seus, & algũs Mouros fidalgos, que com vergonha se deyxaraõ ficar, & não fugiraõ, os quaes todos alli morreraõ como esforçados pellejãdo cõ os Mosseguejos. E proseguindo estes barbaros a vitoria, foraõ no alcançe dos que fugiaõ, matando sempre nelles atè as terras de Mombâça, & dalli passaraõ à mesma ilha de Mombâça, onde entraraõ sem auer resistençia algũa, & catiuaraõ muitas molheres, mininos, & velhos, que não puderaõ fugir pera os matos da ilha. E depois que foraõ senhores da cidade, tomaraõ hum minino filho delRey de Mombâça, que ficou na ilha, & a gente principal, que puderaõ auer âs mãos, & meteraõ todos em duas embarcações, que acharaõ no porto da ilha, & puseraõlhe gẽte de guarda, & mandaraõ que fossem a Melĩde dar a obediencia & vassallagem ao Rey de Melinde, que auia de ser dalli por diante seu Rei, & senhor. E mandaraõ dizer ao mesmo Rey, que viesse tomar posse de Mombâça, que elles tinhão ganhado; contandolhe o mais sucesso da guerra q̃ tiueraõ cõ o soberbo Rey de Mõbâça, & como ficauão na ilha esperando q̃ fosse tomar posse della.

Os Mosseguejos tomaõ Mõbâça

¶ Bẽ differentes eraõ os pẽsamentos delRey de Melinde, o qual estaua na sua cidade, & o capitão da costa prestes com todos os Portugueses, & Mouros, q̃ se acharaõ alli naquelle tẽpo, esperãdo a vinda delRey de Mõbâça, q̃ sabião vinha por terra cõ maõ armada sobre Melinde, & atè então não tinhão notiçia do q̃ lhe sucedera no caminho cõ os Mosseguejos, antes se aparelhauão pera pellejar cõ elle quando chegasse. Estãdo pois desta maneira esperando a vinda delRey de Mombâça, chegaraõ ao porto de Melinde os dous nauios q̃ vinhão de Mõbâça mãdados pollos Mosseguejos, & desembarcando os embaixadores foraõ leuados a elRey de Melinde, que estaua na mesma praya cõ o capitão, & mais gẽte da cidade, cudando serẽ chegados os inimigos por mar, mas ficaraõ logo desassõbrados cõ as nouas q̃ os ẽbaixadores lhe deraõ da morte & destruição del Rey de Mõbaça, & de como os Mosseguejos ficauão na ilha, es-

Chegão as nouas da vitoria a Melinde.

esperando a ida del Rey de Melinde pera lha entregarem; & finalmente relataraõ todo o mais sucesso desta vitoria. El Rey de Melinde, & o capitão da costa, & os mais que presentes estauão, ficaraõ espãtados de tal sucesso, & caso não esperado, & naõ podião crer o q̃ ouuião, pareçẽdolhe ser sonho. Finalmẽte o Rey mandou desembarcar o minino filho del Rey de Mombâça, com todos os mais prisioneiros, q̃ vinhaõ nas duas ẽbarcações: os quaes chegando a terra se foraõ lançar aos pês del Rey, & elle os reçebeo benignamente, açeitandoos por vassallos, & amigos: & logo se começou de auiar, & em breue tempo se embarcou pera ir a Mombâça, leuando em sua companhia o capitão da costa, com todos seus soldados, & muitos Mouros de Melinde, & chegãdo à Ilha de Mombâça logo os Moçeguejos lhe entregaraõ a cidade com muyto gosto, festas, & alegrias. E de então atègora ficou esta ilha del Rey de Melinde, & passou sua casa pera ella, onde hora viue: deixando em Melinde seus gouernadores, & regedores postos de sua mão. Nesta ilha està hoje hũa fortaleza nossa, qne fundou & principiou Dom Francisco da Gama Conde da Vidigueyra, quando inuernou nesta ilha, indo de Portugal por Viçerey da India, no anno do Senhor de 1596.

prĩcipio da fortaleza de *Mõbâça* anno de 1596.

¶ CAPITVLO XV.

¶ Dos Maracatos, & Eunuchos desta costa, & das partes Orientaes.

IA temos visto as principaes cousas desta costa da Ethiopia, que ficão da Linha pera o Sul: resta agora relatar a mais costa que vay correndo da mesma Linha pera o Norte, atè feneçer no Estreito do mar Roxo. Esta costa he a mais esteril, & aspera, que se pode ver. Nella està situada a cidade de Braua, pequena, mas muito forte, pouoada de Mouros amigos dos Portuguezes, & vassallos del Rey de Portugal. He terra muyto quente, porque està hum grao somẽte da Linha Equinoctial da parte do Norte. E çerto q̃ lhe està muy bem o nome de Braua, porque tem hũa barra tão trabalhosa, & braua, q̃ não se pode tomar, nẽ entrar, senão

Braua cidade de mouros.

com muito risco,& perigo. Esta cidade não tem Rey, como as mais desta costa, mas he gouernada por Vreadores,ouGouernadores eleitos polla mesma Republica,como Veneza. Daqui por diante vay corrēdo esta costa pera o Nordeste cō a mesma braueza, atè a cidade de Magadaxò,situada em tres graos & meyo da banda do Norte. A qual cidade he grande,forte, & bē çercada de muro alto: tem muytos edificios de pedra de cantaria: he muy sumptuosa,& ornada de muytos Alchorões q̄ saõ torres das suas Mesquitas: os moradores della saõ Mouros soberbissimos,& ricos,& os mòres inimigos que os Portugueses tē nesta costa.

Gouernode Braua.

Magadaxò cidade dMouros.

¶ Polla terra dentro que fica entre Braua & Magadaxò habita hũa nação de Ethiopes a que chamão Maracatos,Gētios,muy pretos, & azeuichados,mas tē o cabello corredio & boas feições de rosto; saõ polidos,& bem entendidos,& muy semelhātes nos custumes aos Abexins,dos quaes cuydo não estão muito longe. Estes Maracatos custumão coser as femeas, quando saõ mininas de tenra idade, por naõ poderem conceber quando forem grandes,pollo que saõ muito estimadas: & ordinariamente fazem isto âs moças catiuas, pera asvenderem por mais preço, & assi valem mais que as outras,por serem mais castas, & terem a occasião tirada de serem roins molheres, & por esse respeito fião mais dellas seus senhores, entregandolhe suas despensas, & o gouerno de suas casas.

Maracatos Gentios.

¶ Custumão tambem estes Maracatos cortar os mininos catiuos,demodo queficaõ razos, pera os venderem por mais dinheiro. Este custume de cortar os mininos, quando saõ de tenra idade,he quasi gêral ē muitos Reinos, & Prouinçias do Oriente, pouoadas de Gentios,& particularmente nos Reynos de Bengala,onde fazem eunuchos aos mininos catiuos, pera os vēderem por mais dinheiro,& assi he, q̄ estes saõ mais estimados, & valem mais,que os outros,q̄ não saõ eunuchos: & isto não somente entre os Portugueses, mas tambem entre os mesmos Gentios,& Mouros,porq̄ destes se fião, & lhe entregão o seruiço,& guarda de suas molheres;particularmēte os Reis.

Cortão os mininos machos.

Valem muitoos eunucos na India.

&

& senhores, que nestas partes vsaõ de muitas. Alem disto os Reys, & Principes do Oriente estribão tãto nestes, que lhe entregaõ capitanias, & gouernos muy grandes, & de muita importancia. Em a çidade de Chaul de çima esteue muytos annos por capitaõ, & gouernador dos Mouros da dita cidade, hum Eunucho posto pollo Melique, homẽ terribilissimo, & de grande gouerno, o qual fez & sustẽtou guerra crudelissima contra os Portugueses de Chaul, & de muita parte do Norte, por espaço de tres annos, & fez aquella grande, & admirauel fortaleza sobre o Morro de Chaul, que os Portugueses depois tomaraõ quasi milagrosamente, como adiante contarey.

Eunuco de Chaul grãde capitão.

2. p. lib. 3 cap. 13.

¶ Destes Eunuchos ha muitos na China, muy honrados, & nobres por este respeito, porque destes se serue o Rey da China em sua Corte, & de suas portas adẽtro, & por estes saõ ordenadas & gouernadas todas as cousas do Reino. E porquanto estes hão de cõmunicar, & despachar com el Rey todos os negoçios de importancia, que acodem a elles de todas as Prouinçias da China, & entrar onde o Rey està com suas molheres, onde nenhum outro homẽ pode entrar: por tanto saõ todos Eunuchos, & logo de pequenos lhe manda el Rey ensinar todas as leys do Reyno, & mais sciençias neçessarias pera o gouerno da Republica, antes que entrem no paço, & depois q̃ saõ muy doutos nellas, & instruidos nas artes liberaes, então ficão suffiçiẽtes pera entrar no gouerno, & seruiço do Rey. E pera isto ordinariamente se escolhem os mais prudentes, & de melhor entendimento. Aos quaes depois de postos nesta dignidade chamão Loutiâs, como conta o Padre Fr. Gaspar da Cruz no liuro que fez da China. De maneira, que estes Eunuchos saõ tão estimados polla impossibilidade que tem de poderem gêrar, como as Maracatas da Ethiopia, polla que tem de não poderẽ conçeber: & tambem porque saõ mais fieis, mais castos, & limpos, & mais tirados de occasiões, & obrigações, que forção muitas vezes os homẽs, & as molheres a fazer muitos desmãchos, & injustiças, mouidos polla desordenada afeição.

Os eunuchos da China saõ nobres.

Loutiâs nome hõrado.

Cap.

¶ CAPITVLO XVI.

¶ Em que se dâ conta de toda a mais costa, & do deserto desta Ethiopia, atè o mar Roxo.

AVante da Cidade Magadaxò pera o Nordeste vay correndo à costa mais de 150. legoas, atè a ilha de Sacotorá, aqual costa he quasi toda deserta, & deshabitada, & tão esteril, que naõ tem hũa folha verde, nem fontes, ou ribeiras de agoa, senaõ grandes àreaes, & terra infructifera, pollo qual respeito lhe chamão o deserto da Ethiopia Oriental.

Deserto da Ethiopia.

Neste deserto se crião grandissimas aues, a q̃ chamão Emas, as quaes tem o estamago taõ calido, que gastão, & esmoem pedras, & ferro, como jà muytas vezes se tem experimentado. Estas quando voão ordinariamente naõ leuantaõ os pês do chão, por serẽ muy carregadas, mas vaõ correndo, & voando, com as azas abertas, leuantando, & abaixando hora hũa aza, hora outra, & desta maneira com ambas estẽdidas ao vẽto, como vellas, vão voando, & tocando de quando em quando cõ os pês no chão tão ligeiramente, como as outras aues o fazem voando pollos ares: & ordinariamente vaõ correndo, & voando, atrauessadas de ilhargà, como nao, q̃ vay polla bolina. Estas Emas saõ todas brancas, çinzentas, & os ouos que poem tambem saõ brancos, & tão grandes, q̃ leua cadahum quasi hũa canada: tem a casca muito dura, & grossa, fazem seu ninho emçima da area, onde crião somẽte dous filhos, como fazem os pombos.

Emas, aues do deserto.

¶ Neste deserto se perdeo a Nao Madre de Deos, q̃ Mathias d'Albuquerque sendo Viçerey da India mandaua pera Portugal, muy rica, & prospera: a qual partindo de Goa em Ianeiro de 1595. veyo demandar este deserto (como fazem todas as naõs que da India nauegaõ pera esta costa, por assegurarem a viagem: & depois de terẽ vista deste deserto, tornão a voltar pera o mar, & vão correndo a costa çinco, ou seis legoas, & mais, afastados de terra, atè chegarem aos portos pera onde nauegaõ. E as naos q̃ de Goa partem pera Portugal vem seguindo esta mesma derrota, atè passarem o Cabo Delgado, & Moçambique, & o Cabo de boa Esperãça. Mas esta

Nao Madre de Deos.

nao

nao de que agora fallo teue peor ventura que as outras, porque vindo demandar este deserto (fazendose o piloto inda lõge de terra) veyo marrar com ella hũa noite bem descuidada do que lhe podia soceder: & tanto que tocou em fundo, logo se fez em pedaços, & se afogou muita parte da gẽte que trazia, a qual foy indá menos oprimida de trabalhos, q̃ a que chegou a terra com vida, porque essa teue depois mais penosa, & lastimosa morte, ficando posta em hũa terra esteril, deserta, & deshabitada, sẽ mantimentos, sem agoa, & sem abrigo, nem repayro pera o grande calor do sol, que nesta paragem tão acesamente fere com seus rayos, q̃ pareçe abrasar a terra. De modo que neste deserto forão morrendo poucos & poucos, consumidos, & mirrados do sol, da fome, & da sede. Destes escaparão somente dezaseis, que fazendo logo seu caminho ao lõgo da praya, vierão ter a Magadaxô, sustentados com hũa pouca de agoa, & biscouto, que saluarão da nao, mas chegarão todos esfolados do sol, & negros, como Cafres; & taes, que mais representauão a figura da morte, q̃ a de homẽs viuos. Esta nao se perdeo por descuido do Piloto, que tambem acabou com ella, ou pollo enganarem as agoas, que correm grandissimamente do mar pera esta costa. Pollo que os Pilotos deuião de dar grandissimo resguardo a esta terra, muyto antes que se fizessem com ella, deixando de a vir buscar de noite, por fugirem a semelhantes desastres, como foy o desta nao, & de outras, que se virão jà no mesmo perigo.

Perdição da nao Madre de Deos.

Morte destes p[er]didos.

Os q̃ se saluarão

¶ No fim desta costa està hũa grande ponta de terra em doze graos largos da banda do Norte, a qual lança muyto ao mar pera o Leuante: & chamase Cabo de Guardafuy. Esta terra pollo sertão dentro he pouoada de algũas aldeas de Mouros pastores barbaros do Reyno de Adêl, cuja cidade principal, & cabeça de todo o Reyno, he Arar. Deste Cabo voltãdo pera dentro da enseada, antes que cheguem âs portas do mar Roxo, estão os portos de Methe, Micha, Barbora, Zeyla, lugares pouoados de Mouros do dito Reino: & a toda esta costa chamão Baragião. Zeyla he hũa cidade situada vinte & seis legoas antes q̃ cheguẽ

cheguem âs portas, na qual ordinariamente viue o Rey de Adêl, por ser porto de mar. Este Rey foy antiguamente vassallo do Preste Ioão, mas depois se leuãtou, & isẽtou delle, & deentão pera cà traz guerra com a Prouincia Ianamôra, sogeyta ao mesmo Preste, q̃ confina com o seu Reyno pollo sertaõ dentro. Lopo Soarez d'Albergaria, sendo gouernador da India, veyo cõ hũa grossa armada pera o Estreyto de Meca, & chegando ao porto desta cidade de Zeyla pacificamente, os moradores della o naõ quiseraõ reçeber, nem menos darlhe por seu dinheyro os mantimentos que pedia, pera prouimento da sua armada: polla qual rezão a mandou cõbater, & a entrou por força de armas, & a queymou toda.

¶ CAPITVLO XVII.

¶ *Da ilha Sacotorâ, & do sangue de Dragão, & do Aloè, ou Azeure, que nella se cria.*

O fim de toda esta costa da Ethiopia Oriental, que começa do Cabo de Boa Esperança, & feneçe no Estreito do mar Roxo, defronte do Cabo de Guardafuy, em doze graos da banda do Norte, jaz situada a ilha Sacotorâ, que por outro nome (segundo os escritores antigos) se chama Dioscorida. Esta ilha tem de çircuito mais de trinta legoas; he terra mõtuosa, & chea de muy grandes serras tão altas que se vaõ âs nuuens, & ordinariamẽte andaõ afumadas com neuoas, que quasi se não enxergaõ. He çercada em torno de fragosas, & altas penedias, pollo que em poucas partes tem desembarcadouro seguro. He terra muy seca, & esteril, onde se não pode semear cousa algũa, q̃ naça. Não choue nella mais que obra de hum mes, pollo qual respeyto he muy doentia, & quente, & em particular pera os estrãgeiros, que a ella vão ter.

Sacotorà ilha.

¶ Criaõse nesta ilha muytas heruas medicinaes, & de grande virtude, & em particular hũa que se chama Coto, cujas rayzes saõ muy excellẽtes pera o âr. Criase tambem grãde abundançia de herua babosa, da qual se colhe muito Aloë a que nesta costa chamão Azeure. Este se faz da maneira seguinte. Em çertos meses do anno vaõse os naturaes desta ilha

Coto herua.

Aloè, ou Azeure.

ilha aos lugares onde se cria esta herua, & daõlhe hum golpe em cada folha, por onde corre toda a humidade que tem, & nella se vay coalhando, como faz a rezina nas aruores, & dahi a algũs dias a colhem das folhas õde està pegada, a qual he muy verde, transparente, & fermosa; & muy medicinal. Gastase nas boticas, & serue pera purgas: os naturaes se curaõ com ella, & tambem a vendem aos mercadores que vão ter a esta ilha, por preço accõmodado.

¶ Colhese tambẽ nesta ilha muito sangue de Dragaõ, que a terra dâ em grande abundançia. Deste sangue tem algũs autores diuersas opiniões. Plinio diz, que o verdadeiro sangue de Dragão he o q̃ corre, & se coalha das feridas do Dragão, quãdo ficà mal ferido das brigas, que tem muitas vezes com o elefante: o que he falso nesta ilha, porque nella não ha Elefantes, nem Dragões, & ha muito & fino sangue de Dragaõ. Esta opinião de Plinio refuta tambem Mathiolo Senense, escreuendo sobre Dioscorides: onde diz, q̃ se o sangue de Dragaõ fora verdadeyro sangue de animal, tanto q̃ cayse no chão, logo se ouuera de fazer preto, como faz o mais sangue, & tomar algũa area, ou pò da terra, & naõ ficar tão limpo, vermelho, & transparẽte, como vemos que elle he. Outros disseraõ que o sangue de Dragaõ era hũa çerta especie de vermelhão, muito fino, & apurado. O que tambem he falso, porque o verdadeiro vermelhaõ he mineral, & tirase de minas, que estão debayxo da terra (posto q̃ aja outro artificial) & deste sãgue de Dragaõ sabemos o contrario, pola experiencia que oje temos, do q̃ se çolhe nesta ilha, o qual se estilla de hũas aruores muy grandes, q̃ nella se criaõ, chamadas cõmummẽte Dragões, & dellas se congella este licor ao modo de resina, feyta em lagrimas muy vermelhas, & trãsparentes. E como isto seja trato & veniaga dos moradores desta ilha, sangraõ estas aruores muitas vezes, dãdolhe golpes na casca, onde acode a humidade que tem, & alli se coalha, & faz em resina vermelha, & dura, do modo que tenho dito: & este he o verdadeiro sangue de Dragaõ, de que se vsa nas boticas. Esta mesma opiniaõ he de Mathiolo, & de Amato

Sangue de dragão.

estillase de aruores.

mato

mato Lusitano, o qual diz que nas ilhas Canarias, & na ilha da Madeyra se criaõ tambem estas aruores, a q̃ chamão Dragões, de que se tira esta resina, chamada sangue, por ser muito vermelha, a qual he semelhãte a esta de Sacotorâ.

Ilhas, q̃ tẽ sãgne de Dragão.

¶ Em algũs valles desta ilha, & ao longo de algũas ribeyras que tem de agoa doce, se crião tamareiras, q̃ daõ muitas, & boas tamaras: nos quaes lugares os moradores da terra semeão tambẽ algũs legumes, & abobaras, porque em todas as mais partes da ilha não se pode semear cousa algũa, por ser a mais aspera & fragosa terra, que se pode imaginar. Nos matos desta ilha se crião gatos d'Algalea, porcos monteses, veados, & asnos syluestres. Tãbẽ ha muitas creações de vaccas, cabras, & ouelhas, que os naturaes da ilha criaõ, & apaçentão toda sua vida, porque não tem outra mais que serem pastores, & por esse respeito os Mouros lhe chamão Biduins, que na lingoa Arabica quer dizer pastores de gado. No mar que çerca esta ilha se cria infinidade de peyxe de diuersas castas, muyto gordo, & saboroso, posto que não he muito sâdio, do qual se sustentaõ os Biduins que viuem ao longo das prayas, mas os que viuem pol la terra dentro, mantemse de leyte, manteyga, tamaras, & da carne de animaes que matão, & do gado q̃ lhe morre, & tambẽ de algũas frutas syluestres, que os matos criaõ: & cõ esta pobreza, & aspera vida que tẽ viuem tão contentes, como se foraõ os mais ricos homẽs de todo o mundo. Saõ muy pusillanimes, & de fraco coração, porq̃ facilissimamente se deyxão dominar dos Mouros Arabios seus vizinhos da cidade Caxem, situada na terra firme de Arabia Felix: os quaes senhorearaõ esta ilha, sem os moradores della lhe resistirem, antes lhe pagão vassallagem, & tributo: & por este respeito viuem aqui de presidio sempre algũs Mouros Arabios de Caxẽ, os quaes moraõ ao longo do mar em tres pouoações pequenas, onde nenhum Biduim habita.

Frutos, & creações de Sacotorà.

Biduim, que significa.

¶ No anno do Senhor de 1507. forão estes Biduins libertados da sogeyção destes Mouros por Tristão da Cunha & Affonso d'Albuquerque, os quaes indo de Portugal, cadahum cõ sua armada pera a India,

Biduins libertados por Portugueses.

dia, chegarão ambos juntos a esta ilha, onde actualmente estaua Abrahemo filho del Rey de Çaxêm, com muita gente de guarnição, em hũa fortaleza q̃ tinha feita na mesma ilha, dõde oprimia & tyrannizaua os moradores della. Sabido isto pollos dous capitães, mandaraõ dizer a Abrahemo, que largasse a fortaleza, & se fosse em paz, deixando libertos os moradores daquella ilha, que dizião serem Christãos, & viuião tyrannicamẽte dominados pollos Mouros, sem justiça, nẽ direyto. A este recado respondeo Abrahemo, que não conheçia dominio, nẽ tinha obediencia mais que a seu pay Rey de Caxêm, & que todos os mais Principes, & capitães desprezaua, & tinha em pouca conta. Esta soberba reposta sentiraõ muito os nossos capitães, & logo desembarcaraõ na ilha cõ seus esquadrões de soldados armados, & os Mouros lhe quiseraõ defender a praya cõ muito impeto, & esforço, mas o dos Portugueses era tão desigual, & auẽtejado, que os Mouros sẽtindo sua grande melhoria, forão logo desemparando as prayas, & deyxando muyta parte dellas semeada de corpos mortos, & os mais quẽ puderaõ escapar da morte, se recolherão â fortaleza, mas nem ella lhe valeo, porque os Portugueses a escalarão, & entrarão, & matarão quantos dẽtro estauão. Alcançada esta vitoria, forão chamados estes Biduins pera se lograrem della, & da liberdade que os Portugueses lhe tinhão alcançado: pollas quaes cousas dauão todos muitas graças a Deos, & agardecimentos a quem os tirara do catiueyro, & jugo dos Mouros em que estauão. Nesta fortaleza ficarão logo algũs Portugueses pera sua guarda, mas pollo tempo em diante a puserão por terra, & se foraõ pera a India, por acharem quẽ era cousa de muito pouca importançia, & a Christandade que cudauão auia nos moradores da ilha de muito menos, pois nenhũa cousa tinhão de Christãos, antes muitas de Gẽtios, & Mouros, como direy no seguinte capitulo. Depois que os Portugueses desempararão esta ilha, tornarão a senhoreala os Mouros de Caxẽ sem contradição algũa dos naturaes da terra, & nella viuem hoje pollas fraldas do mar, como tenho dito.

Briga de Portugueses & Mouros

¶ Outras ilhas pequenas estão pegadas a esta de Sacotorâ, pouoadas de Gentios baços, mais barbaros a meu ver que todas as nações do mũdo, porque naõ tem, nem querem trato, ou cõmercio com gente algũa, viuẽ pollos matos embrenhados como syluestres animaes, de cujas frutas se sustentão, & de bichos, & feras q̃ matão. Nestas ilhas dizem q̃ ha muitas minas de fino vermelhaõ, que se leua daqui pera muitas partes do Oriente.

Vermelhão.

¶ CAPITVLO XVIII.

¶ De como o glorioso Apostolo S. Thomè veyo ter â ilha de Sacotorâ, & da Christandade que nella fez, & dos custumes que hoje tem os naturaes della.

Depois que os sagrados Apostolos foraõ mandados pollo Spiritu santo a prêgar o Santo Euangelho pollo mũdo, repartindo entre si as Prouinçias a que cadahũ auia de ir, coube ao glorioso S. Thomè Apostolo esta parte Oriental, onde ha muytas, & muy diuersas nações, & castas de Gentios, os mais delles barbaros, & idôlatras. Partindo pois de Hierusalem com esta empresa, veyo ter (segundo pareçe) ao mar Roxo (que he distançia quasi de oitẽta legoas) onde se embarcou pera ir à India, & saindo pollo Estreito fora, veyo tomar a ilha de Sacotorà, onde a nao deu à costa com hũa grande tormenta que lhe sobreueyo, estãdo surta no porto da mesma ilha. O q̃ não careçeo de mysterio, & misericordia que Deos quis vsar cõ os naturaes desta ilha, porque vendose o Apostolo sem nao pera seguir sua viagem, ficouse na ilha, & prêgou o santo Euãgelho, & conuerteo, & baptizou os moradores della, & juntamente fez algũas igrejas, ajudandose pera isso da madeyra da sua nao, que tinha dado à costa, das quaes dizem que ainda hoje se conserua hũa igreja que està em pê por memoria do Apostolo que a fez. Depois que este glorioso santo teue a gente desta ilha conuertida, ordenoulhe ministros, que cultiuassem, & sustẽtassẽ esta Christandade, & embarcouse pera a India, & indo correndo a costa de Arabia, foy ter ao Estreito da Persia, onde se deixou ficar algũs annos, & prêgou por aquellas partes entre os Persas,

S. Thomè vẽ a Sacotorà.

Faz cõuersaõ na ilha.

Prêga ẽ Persia.

ſas, Medos, & Parthos, conuertendo algũs Gentios à fè de Ieſu Chriſto. E dalli ſe tornou a embarcar pera a India, onde chegou a ſaluamento, & nella fez a Chriſtandade que hoje està nas ſerras do Malabar, de q̃ adiante fallarey algũa couſa.

¶ Os Chriſtaõs que ficaraõ em *Sacotorâ* foraõ continuando, & perſeuerando muitos annos na doutrina que S. Thomè lhe tinha enſinado, atè q̃ o Patriarcha de Babilonia veyo ter conheçimento delles, & tomou poſſe deſta Chriſtandade mandandolhe Biſpos que a regeſſem, & cultiuaſſem: o que fizeraõ muitos annos com grande augmẽto da verdadeira ley & fè de Chriſto noſſo Senhor: mas depois q̃ eſtes Biſpos aceitaraõ a falſa doutrina de Neſtor, eſſa meſma foraõ enſinando aos moradores de Sacotorâ, atè o tempo em que foraõ dominados pollos Mouros Arabios de Caxêm, que os oprimiraõ, & tyrannizaraõ de maneira, que lhe não deyxaraõ vir mais Biſpos de Babylonia: & por eſta falta q̃ tiueraõ de Paſtores, que os apaçentaſſem no Chriſtianiſmo, foraõ pouco & pouco perdendo a doutrina, & ceremonias Chriſtãs.

Quedoutrina tiueraõ.

Como pderaõ a fè.

Alem diſſo com a liança que tiueraõ por via de caſamento cõ os Mouros Arabios, foraõ tomando muitos cuſtumes, & ceremonias ſuas, & tão eſqueçidos eſtão jà do Chriſtianiſmo, que nem o nome tem de Chriſtãos, nem menos ſaõ Mouros, nem Gentios, mas de cada ley tem ſeu pouco. Porque como Chriſtãos tem igrejas como as noſſas, jejuão, & vão fazer oração â Cruz, que tẽ emçima do altar, a que adoraõ. Como Mouros çircũçidão os filhos, & naõ vſaõ de baptiſmo, & fazẽ grande feſta o dia q̃ apareçe a Lua noua. Como Gẽtios adoraõ a lua, tendoa por Deos, que lhe dà as nouidades & a creação dos gados, & por eſſe reſpeito lhe fazem ſacrifiçios do meſmo gado em çerto tempo do anno, com grandiſsimas feſtas, muſicas, & baylos. Chamão âs ſuas igrejas Mocâmos, & aos ſacerdotes Hodâmos. As molheres todas ſe chamão Marias, nome çerto q̃ pareçe lhe ficou cõmum a todas do tempo que eraõ Chriſtãs, poſto pollo glorioſo Apoſtolo S. Thomè, em memoria da Virgem Maria noſſa Senhora, da qual eſtes barbaros hoje nã tem notiçia, nem conheçimento de

Varias ſeitas q̃ ſeguem.

Nome q̃ vſaõ.

to de Iesu Christo nosso Sñor, nem de sua sacratissima payxão, & morte: nem menos os mysterios da Cruz, q̃ venerão & adoraõ, sem saberem o porq̃ lhe fazem a tal adoração, nem o que significa. E sendo preguntados por isso, respondem, que adoraõ aquella Cruz, ou aquelles dous paos armados naquella figura, porque seus antepassados a adoraraõ, & lhe deyxaraõ ley que a adorassem, & venerassem como cousa diuina, o que fazẽ sem auer falta nisso, & nenhũa outra figura tem, nem imagem, que adorem nas suas igrejas. Queira nosso Senhor abrir caminho a esta Christandade, que o Apostolo S. Thomè principiou, & cultiuoupera que se torne a reduzir a seu principio santo, & ao verdadeiro Christianismo, que tem perdido.

Adoraõ a Cruz.

Não vsão imagẽs.

¶ CAPITVLO XIX.

¶ *Dos custumes barbaros destes Biduins.*

TOdos estes Biduĩs se prezão de feytiçeyros, pollo que saõ muy dados a encantamentos, & arte Magica, & a ensinão hũs aos outros, & tem isto por tradição antigua de seus antepassados, cousa muy difficultosa entre elles de aprender, pollo que nenhũ he perito nesta diabolica arte. Careçem de todo genero de escolas, & sciençias. Não tem moeda, mas trocão hũas cousas por outras. Não tem pouoações em que morem juntos, antes viuem espalhados polla ilha em couas, & lapas, que tem feito pollas serras, onde se recolhem com seus gados. Não vsaõ de nauios, nem nauegaõ pollo mar. Tem feyto ley entre si, que não tenhão cõmerçio com outra nação, nem que gente estrangeira viua entre elles, nem aceytem custumes, ou ley algũa, mais q̃ a sua brutal, que dizem lhe ficou de seus antepassados. Geralmente saõ todos elles grandissimos ladrões, que furtão o gado hũs aos outros, polla qual rezão se matão, & não tẽ pena por matarem o ladraõ, mas se o ladraõ foge pera a igreja não morre, porem se o apanhão fora della, cortãolhe a mão direita por justiça. Esta pena de cortarem as maõs aos malfeitores he muy cõmua entre estes barbaros. Cortão a mão direita a todo aquelle q̃ quebra

Castigo q̃ dão aos malfeitores.

quebra o jejum da Quareſma, & ao que achão,ou ſabem que naõ he çircuncidado. Os ſeus ſacerdotes trazem hũa cruz de pao pequena comſigo por ſua diuiſa, & ſe conſentem que al guem lhe ponha a maõ, ou an dão ſem ella, cortãolhe a mão direita. Se algũa peſſoa que naõ he ſaçerdote toma a cruz na mão, cortaõlha logo ſem re miſſaõ; & por outras ſemelhan tes culpas daõ eſta pena, pol la qual rezaõ muitos delles tẽ as maõs, & os dedos cortados, os quaes tambem lhe cortão por culpas mais leues. Os ſe us juyzes & gouernadores ſaõ os ſacerdotes, & eſtes julgaõ ſuas cauſas, & daõ nellas ſen tença final como lhe pareçe, ſem auer apellaçaõ, nem agra uo. Eſtes ſacerdotes não di zem miſſa, nem rezaõ o offi cio diuino, nem menos tem no tiçia diſſo: ſomẽte ſeruem nas igrejas de çircuncidarem os mininos, & de rezarem çer tas orações; & eſtas enſinaõ os ſacerdotes aos que lhe haõ de ſoceder no officio, a qual oraçaõ fazem duas vezes cada vinte & quatro horas, que he quando ſae a Lua, & quando ſe poem. Tambem fazem pro ciſsões ao redor da igreja hũa vez em cada mes, quando apa reçe a Lũa noua. Todos jeju aõ a Quareſma, a qual começa em a Lua noua de Abril, & du ra ſeſſenta dias, nos quaes naõ comem peixe, nem carne, nem couſa de leyte. As molheres naõ podem entrar na igreja, nem os mininos, que eſtiuerẽ por çircuncidar. Cadahũ vay à igreja ſe quer, porque ninguẽ he obrigado a iſſo contra ſua vontade.

Os ſacerdotes ſaõ juizes.

Officios dos ſacerdotes.

¶ Duas caſtas de Biduins ha neſta ilha, hũs que proçe dem de Mouros Arabios, & de molheres naturaes da ilha Biduinas, os quaes viuem ao longo das prayas, & geralmẽ te ſaõ peſcadores. Outros ſaõ Biduins, ſem miſtura de ſan gue Mouriſco, os quaes habi taõ polla terra dentro, & vi uem de criar, & apaçentar ſeus gados, & eſtes ſaõ mais aluos, & mais bem aſſombrados, que os peſcadores. E todos ſaõ al tos de corpo, & bem deſpoſtos. Nũca cortão o cabello da bar ba, nem da cabeça, antes ſe pre zaõ de o trazer muy creçido, ſolto, & atado atras como mo lheres. Veſtem pannos groſ ſeyros, & aſperos, que elles meſmos teçem de laã de ca bras, çingindoſe com hum pan no

Duas caſtas de Biduins.

Trajos dos Biduins.

no da çintura pera baixo, & outro mayor pollos hombros como capa, do qual modo andão asi homes, como molheres. Vsaõ de fundas, com que mataõ passaros, & lhe seruem de armas, & tambẽ vsaõ de espadas curtas todas de ferro, que trazem penduradas nos çintos. Tem quantas molheres querem, & todas as vezes que as querem repudiar o fazem, & tomão outras; o qual custume tomaraõ dos Mouros desta costa, que fazem o mesmo. Podem perfilhar quantos filhos alheos quiserẽ, os quaes ficão herdeiros igualmente cõ os seus filhos legitimos. Cada gêraçaõ tem hũa coua muito funda, onde lanção os seus defuntos, sem os cubrirem de terra, & aos doentes que jà estaõ mal, & desconfiados da vida, não aguardaõ que acabem de morrer, mas antes que espirem os lançaõ dentro nas couas, dizendo que tanto monta estar jà morto, como estar pera morrer. Outras muitas brutalidades, abusos, & superstições tem estes barbaros, muy alheas do Christianismo, por õde se enganão algũas pessoas desta costa, que cõmummente lhe chamão Christaõs.

¶ CAPITVLO XX.

¶ Do Estreito do mar Roxo, ou Vermelho, & das opiniões que ha sobre este nome, & da causa porque he vermelho.

O Mar Vermelho, ou Roxo taõ afamado, se conhece por tres nomes. O primeiro, & mais gêral que tem nas partes do Oriente, he Estreito de Meca, por respeito da cidade Meca, situada perto deste mar, onde jaz sepultado o corpo do maldito Maphamede. O segundo he Estreito do mar Arabico, por quanto çinge com suas agoas muita parte das prayas de Arabia. O terceiro nome por que se nomea cõmũmẽte nesta Europa, & em muitas partes d'Africa, & Asia, he mar Vermelho, ou Roxo: sobre q̃ ha muitas opiniões, assi ẽtre os escritores, como entre os Mouros destas partes, os quaes dizem que he vermelho por causa de ter o fundo de barro vermelho, & q̃ sendo a mesma agoa branca & clara, parece vermelha, por respeito de ter o fundo vermelho. Outros Mouros dizem que se faz vermelho no tempo das inuernadas, com as muitas agoas que rece-

3 nomes do mar Roxo.

recebe vermelhas, a qual cor tomão de algũas terras de barro vermelho porõde passaõ, atè se meterẽ neste mar. No que elles cuydaõ ter algũa rezaõ, & probabilidade, por quanto muytas terras que correm pollo sertaõ dentro da parte de Arabia saõ de barro tão vermelho como sangue, & asi no tẽpo do inuerno tomão as agoas a cor deste barro poronde correm, em tanta maneira, q̃ quando se vem meter neste mar parecem sangue, & particularmẽte as q̃ vem corrẽdo pollas terras circunstantes ao monte Sinay, onde està sepultada a gloriosa S. Catherina martyr. Tãbem da outra parte da Ethiopia ha muitas terras barrentas & tingẽ as agoas que por ellas passaõ, & asi tintas se vem meter neste mar. Mas ainda que tudo isto seja verdade, não podẽ estas enxurradas fazer tanto effeito no mar, q̃ o tingão mais que ao lõgo das prayas, & isto somente em quanto duraõ as inuernadas, que he muito pouco tempo, & a vermelhidaõ que se vê neste mar, naõ he somente pollas bordas delle, & no inuerno, mas tambem pollo meyo, & em todo o tempo, quãdo o ceo està sereno, & reuerbera o sol nelle com seus rayos. Plinio, Aristoteles, & Pomponio Mella, dizem, que este mar Vermelho tomou o nome de hum Rey que morana nas suas prayas, chamado Erythreo, que quer dizer Vermelho. Quinto Curcio, & outros Autores affirmão que tẽ este nome porcausa do sangue que os Egypcios nella derramaraõ, quando alli morreraõ afogados, indo no alcançe dos filhos de Israel, denotando cõ este nome de Vermelho, o grãde castigo, & mortes, que tiueraõ neste mar, as quaes se declaraõ mais ao viuo por sangue, que significa crueza, & q̃ por isso lhe chamarão Vermelho.

lib. 5. c. 2. lib. Meth. c. 14. Põponio Q. Curt. lib. 9.

¶ Mas todas estas opiniões que tenho referido deste mar Vermelho (posto que algũas sejão de tão graues autores) se podem refutar, & desfazer com a seguinte, verdadeyra, çerta, & verificada polla experiencia. Este mar nunca teue, nem tem as agoas vermelhas, mas com tudo algũas vezes apareçem ruyuas em muitas partes delle, por causa do muyto coral vermelho que tem naçido pollo fundo daquellas mesmas partes: & por essa rezam não

verdadeira opiniaõ do mar Roxo.

não appareçe todo da mesma cor, senão somente naquelles lugares onde ha este coral, que faz parecer a mesma agoa vermelha, ou roxa com a reuerberaçaõ do sol quando as agoas estão claras. Esta experiençia fez dõ Ioão de Castro quando veyo a este mar, em hũa grossa armada da India, da qual elle depois foy gouernador. Este prudẽte capitaõ correo de proposito quasi todo este mar Roxo, como elle conta nos seus cõmentarios Geographos, que fez de todas estas terras: & nos lugares onde via estas māchas vermelhas, mandaua mergulhar algũs homẽs grandes mergulhadores, que jà leuaua pera este effeito, os quaes indo abaixo ao fundo do mar pera fazerem experiencia daquella vermelhidão, trouxeraõ muytos pedaços de coral vermelho, q̃ arrancaraõ do fundo, & affirmaraõ que toda a mais vermelhidão que apareçia, era coral vermelho.

Experiẽcia de D. Ioão de Crasto.

¶ Na entrada deste mar Roxo està situada a ilha Babelmãdêl, que o faz diuidir em dous canaes, a que chamão portas: a que fica da parte da Ethiopia tem çinco legoas de largo por onde as naos podem entrar, & sayr francamente: a outra boca da parte da Arabia, he de legoa & meya, pouco mais, ou menos, & tem muitos secos, & areas, que empedem a nauegação a grandes embarcações. A terra firme da Ethiopia, que està defrõte desta ilha faz hũa ponta, a que chamão Rosbêl: & da parte da Arabia faz outra chamada Arâ. Daqui pera dentro vay correndo este mar atè Suês, vltima terra deste Estreito: que he distancia de quatrocentas legoas de comprido, & de largo quarenta. Das portas pera dentro deste mar, atè a ilha do Camarão ha muytos bayxos polla qual rezão se não pode nauegar senão de dia: mas do Camaraõ atè Suês he o mar limpo, & tẽ fundo de vinte & cinco, atè cincoenta braças, & podese nauegar por elle denoite, sem perigo de bayxos.

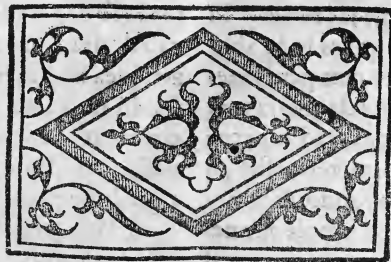
Portas do mar Roxo.

Discripsaõ do mar Roxo.

¶ Das portas pera dentro està hum porto na Ethiopia, chamado Beliê, pouoado de Mouros do Reyno de Angâli, q̃ confina cõ o de Adêl. Destes dous Reinos pera dẽtro do sertão està hũa grãde Prouĩcia repartida em 24. senhorias pouoadas de Mouros, a que chamão Dobâs, de que jà faley, q̃

saõ

ſaõ fronteiros da Prouincia Ianamôra, pouoada de Chriſtãos ſogeitos ao Preſte Ioão, com quem ordinariamente trazem guerra. Por eſta coſta do mar Roxo açima, da parte da Ethiopia, eſtaõ os portos de Dalâça, Arquîco, & da ilha de Mâçua, por onde facilmẽte ſe pode auer entrada pera os Reynos do Preſte. As terras q̃ correm ao longo deſtas prayas, muytas dellas ſaõ pouoadas de Mouros Alarues, paſtores de vaccas, & muitas deſertas, onde ſe crião bichos peçonhẽtos, & feras, como ſaõ tigres, leões, onças, adîbes, & muita caça de lebres, perdizes, & porcos. Os lugares pouoados ſaõ fertiliſsimos, & abundantes de mantimentos, & legumes. Finalmẽte neſtas prayas do mar Roxo feneçe a Ethiopia Oriẽtal, de que temos fallado.

¶ LAVS DEO OPT. MAX.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

TABOADA DOS CAPITVLOS DESTA PRIMEIRA PARTE da Ethiopia Oriental.

LIVRO PRIMEIRO

cap.

LIVRO SEGVNDO.

Liuro

LIVRO TERCEIRO.

LIVRO QVARTO.

Aquaxumo,

LIVRO QVINTO.

Este he o verdadeiro num. dos cap. q̃ dentro no liuro vão errados.

¶ Eũtes in mundũ uniuersum, prædicate Euãgelium omni creaturæ. Marc. 16.

¶ Opus fac Euangelistæ, ministerium tuum imple. 2. Timoth. 4.

Ardebat, quasi facula, pro zelo pereuntium.

Pugnat verbo, & miraculis, missis per orbem fratribus.

VARIA HISTORIA DE COVSAS NOTAVEIS DO ORIENTE.

E da Christandade que os Religiosos da Ordẽ dos Prègadores nelle fizerão.

SEGVNDA PARTE.

COMPOSTA POLLO P. Fr. IOAM dos Santos da mesma Ordem, natural da cidade de Euora.

DIRIGIDA AO EXCELLENTISSIMO Senhor Dom Duarte, Marques de Frechilla, & Malagon, &c.

¶ Impressa no Conuento de S. Domingos de Euora com licença do S. Officio, & Ordinario, & Priuilegio Real.
Por Manoel de Lyra. Anno de 1609.

☞ Super montem exelsum, ascende tu, qui euangelizas Sion. Isa. 40.

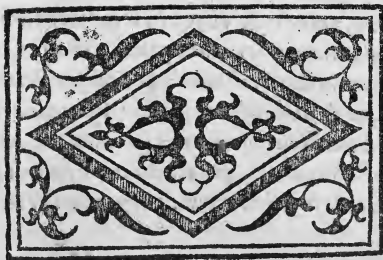
PROLOGO DA SEGVNDA PARTE.

VENDO de tratar nesta ſegunda parte de algũas couſas notaueis do Oriente, & particularmente da Chriſtandade da Ethiopia Oriental, que os Religioſos da Ordem dos Prègadores nella tem feito, & vão fazendo, (pois ja tenho tratado na primeira parte de ſuas terras, & gentes) pareceome couſa conueniente dar principio a eſta ſegunda com hũa breue relação dos primeiros Religioſos deſta ſagrada Ordem, que forão prègar o ſanto Euãgelho a muytas partes deste Oriente, onde eu tambem fuy para ſeguir ſuas piſadas, & os ajudar na obra da conuerſão das almas, inda que indigno de me contar no numero de tão zeloſos, & virtuoſos varões.

¶ E por quanto os ditos Religioſos tem trabalhado tanto neſta vinha dô Senhor, que ſe não pode dignamẽte eſcreuer o fruyto que nella fizerão com ſua doutrina, ſenão em muytos liuros, & com outro eſtillo mais alto do q̃ em mim ha me contentarey ſomẽte cõ dar eſta breue relação da Chriſtandade que fizerão em Armenia, India, Ethiopia, & terras do Abexìm: & da morte glorioſa que algũs delles reçeberão da mão dos infieis, polla fè de Ieſu Chriſto, que prègauão com tanto zelo, & feruor, que bem ſe pode cuydar, que poſſuyão aquelle ſpirito, & palauras que Deos por Eſaias prometeo aos prègadores Euangelicos, & ſe cantão no officio do Patriarcha S. Domingos, Spiritus meus qui eſt in te, & verba mea, quæ poſui in ore tuo, non recedẽt de ore tuo, & de ore ſeminis tui, dicit Dominus, àmodo, & vſque in ſempiternum: Iſai. 59.

¶ Deſtas couſas tratarei breuemente, como tenho dito, quanto baste pera teçer & ordenar as da Christandade da Ethiopia Oriental, em que reſidi onze annos, & do que nella nos ſocedeo: deyxando a relação mais copioſa das obras deſtes Religioſos, pera a Chronica dos ſantos, & varões illuſtres desta noſſa Prouincia, que cada dia com o fauor diuino eſperamos que ſaya a luz; onde ſe podem ver mais largamente as marauilhas q̃ Deos por elles obrou.

¶ Tem eſta ſegunda parte quatro liuros. No primeyro tratarey dos Religioſos eminentes em virtudes, & letras, que paſſarão a prègar a Fè nestas partes do Oriente antes que foſſem deſcubertas pollos Portugueſes.

No segundo, dos que foraõ a ellas depois de conquistadas por elles. No terceiro, da viagem que fizemos deste Reino, atè entrar nas terras, & Christandade da Ethiopia Oriental; & de passagem fallarey em algũas perdições de naos da India, que fizeraõ naufragio nesta costa. No quarto, de algũas cousas notaueis, que ha nas terras de Goa, Chaul, & Côchim, por serem as principaes, que os Portugueses possuem na India. Dos costumes dos Bramenes, & Iogues, que nellas habitão. Dos primeiros descubridores, & conquistadores da India, & Viçereis que nella ouue atè o anno de 608. Dos Capuchos, & Iapões, que foraõ crucificados em Iapaõ, por prègarem a fè de Christo. De duas victorias insignes, que os Portugueses alcançaraõ dos Mouros em nossos tẽpos. Da Christandade de S. Thomé. E finalmente das cousas notaueis que nos socederaõ na viagem da India atè este Reyno.

LIVRO PRIMEIRO, DE VARIA HISTORIA, DA CHRISTANDADE ORIENTAL.

No qual ſe dà hũa breue relação de algũs Religioſos inſignes em virtude,& letras,da Ordem dos Prêgadores, que paſſaraõ às partes Orientaes,antes que foſſem deſcubertas pollos Portugueſes,& das mortes glorioſas, que algũs tiueraõ,& martyrio que outros receberaõ da mão dos infieis polla fè de IESV Chriſto noſſo Saluador, que prêgauão,andando occupados no miniſterio da Chriſtandade.

¶CAPIT. PRIMEIRO,

¶Dos primeiros Religioſos da ordem dos Prêgadores, que paſſaraõ âs partes do Oriente, & foraõ ao Cathayo por Embaixadores do Papa Innocencio 4.

ANtes q̃ o Sereniſsimo Rei D. Manoel de glorioſa memoria mandaſſe deſcubrir as partes Orientaes,& ſe conquiſtaſſẽ nellas tantas Prouincias,& Reinos, como hoje eſtão conquiſtados, & ſenhoreados pollos Portugueſes,cõ muita fama,&gloria de ſeu nome,digna de immortal memoria:foraõ eſtas terras deſcubertas,& piſadas pollos Religioſos dos Patriarchas S.Domingos, & S. Franciſco:os quaes mouidos cõ o zelo da conquiſta ſpiritual,paſſaraõ a eſtas partes a prêgar a ley Euangelica, como claramente nos cõſtá do Itinerario de Marco Paulo Veneto,no lugar em que trata da Prouincia Tartarea, ou Mangâlia,& da gêração,& principio dos Mogôres habitadores deſtas terras,como refere Diogo do Couto por eſtas palauras: *Da Prouincia Tartarea, ou Mangâlia nos deraõ noticia confuſamente o Padre Fr. Anſelmo da ordẽ de S. Domingos, & o P. Fr. Odorico de Friuoli, da ordẽ dos Menores, os quaes na era de 1247. o Papa Innocencio IIII. mãdou por embaixadores ao graõ Caõ ſenhor do Cathayo, q̃ era Chriſtão.* Atè aqui Diogo do Couto. Eſte grão Cão dizẽ q̃ inda hoje he Chriſtão. Foy eſta embayxada duzentos & cincoenta

Dec. 4. da India liu. 7. c. 1.

Embayxadores do Papa ao graõ Cão.

coeta & hum annos antes que as Indias Orientaes fossẽ descubertas pollos Portugueses. De maneira q̃ estes dous Religiosos foraõ os primeiros que descubriraõ, & nos deraõ lume destas terras do Oriente, que depois delles auiaõ de ser possuidas, & pouoadas de Christãos, como outros dous fidelissimos filhos de Israel Caleb, & Iosue foraõ descubrir a terra de Promissão, que o mais pouo possuyo depois, & se logrou dos frutos de seu trabalho.

Numer. 13 & 14.

¶ No anno do Sñor de 1598 no mes de Iulho, estando o Padre Xauier da Cõpanhia de Iesu na corte do graõ Mogòr, em Laòr cõ o Principe, chegou alli hũ Mouro mercador natural de Comercão, de idade de 60. annos, & disse ao Principe que vinha do Cathayo, & q̃ sabia as cousas daquelle Reino, por residir nelle treze annos. O Principe lhe mandou q̃ na verdade relatasse tudo o q̃ sabia, & lhe fosse preguntado, cuja relaçaõ o padre Xauier escreueo & mandou à India, & o tresllado della he o seguinte.

¶ Primeiramente, Vayse de Laòr ao Reyno de Acano, & dalli ao Tabete pequeno, q̃ he de hum Rey Mouro amigo do Achao, & dalli ao Tabete grã de, õde dizẽ auer muitos Christãos, & dalli a Coscar, & dalli ao Cathayo cõ chapas destes Reys, que saõ as prouisões, ou cartas de seguro, q̃ daõ aos passageiros. Sera caminho de çinco meses de Laôr atè o Cathayo. Primeiro q̃ entrem naquelle Reyno se leua recado polla posta ao Rey, no qual se gasta hũ mes, & vindo licẽça sua, entaõ entraõ seguramente, sem a qual ninguem entra.

caminho da India atè o Cathayo.

¶ O Rey he Christaõ, & todo o seu Reyno, tirando algũs pouos q̃ tem de Iudeus & Mouros. Viuẽ os Cathayos em grã de quietação, & segurãça, polla muita & boa justiça que tẽ, & se guarda igualmente a todos. O Rey he poderoso, tem muita, & boa gente de guerra, & quatroçẽtos elefantes, que tambem deuem ser de guerra. Tem mil & quinhentas cidades, afora villas & lugares, nas quaes tẽ sempre presidio.

O Cathayo Christão.

¶ Tem igrejas muito fermosas, & todas de tres naues muy cõpridas. Os clerigos vestem preto, & trazẽ barretes redondos, & grandes barbas. Cada igreja tem hũ padre mayoral, a que todos obedeçem.

Igrejas & sacerdotes do Cathayo

¶ Ninguẽ chega a fallar cõ

o Rey senaõ por petições, & hum seu priuado dà a reposta por mandado do Rey. Algũas vezes vio este Mouro a el Rey ir â igreja, & preguntandolhe eu se se çircũcidauão, disse que não, senaõ que depois de naçidos dalli a poucos dias os leuauão à igreja, & os lauauão cõ agoa, q̃ pareçe he o baptismo.

Baptismo dos Cathayos.

¶ Tẽ nas igrejas imagẽs de vulto, & pinturas, asi da Virgẽ nossa Sñora, como de Christo, & de santos: & preguntado como sabia elle, ou conheçia as taes imagẽs? respõdeo q̃ de Dîo, & de Cõstantinopla, & de outras cidades de Christãos tiuera notiçia daquellas imagẽs & as vira, q̃ eraõ semelhantes âquellas do Cathayo.

Imagẽs do Cathayo.

¶ Os Christãos quando se casaõ, fazẽ logo suas couas, & jũtamente duas caixas em q̃ haõ de meter seus corpos, nas quaes se metẽ cada tres dias, chorando qual delles ha de ser o primeiro q̃ ha de pouoar aquella casa, & por ventura que o fação por se lembrarẽ da morte.

Memoria da morte.

¶ Disse mais que auia muitas molheres recolhidas, q̃ nunca casauão, & asi mesmo muitos padres, & q̃ todos estes se sustentauão cõ esmolas do Rey; & o mesmo as igrejas. A terra he muy fertil de mantimẽtos, & de todo o genero de fruitas, maçãs, peros, marmellos, romãs, & muita fruita d'espinho.

Religiosos do Cathayo

¶ Tẽ grandes minas de prata, & cõ ella cõpraõ todas as cousas, por pesos q̃ tem pera isso. Tem muito almiscar. Atè aqui saõ palauras da informação q̃ mandou o Padre Xauier à India, como fica dito.

Minas de prata.

¶ D'algũas cousas desta informação se collige, q̃ a Christandade do Cathayo, se he ãtigua como dizẽ, ao menos q̃ foy reformada por sacerdotes de Europa, & não pollos de S. Thomè da India: porque primeiramẽte os do Cathayo baptizão os mininos naçidos de poucos dias, como nòs fazemos: os clerigos trazẽ barretes, & barbas cõpridas, ao modo de Italia, as quaes cousas todas não fazião, nẽ traziaõ os Christãos de S. Thome: & finalmẽte por terem Religiosas recolhidas, q̃ professão castidade, o q̃ não auia ẽtre os Christãos da India, pois todos eraõ casados. Colligese logo, q̃ esta Christandade foy reformada por sacerdotes de Europa, & que estes com muita probabilidade foraõ frades de S. Domingos, & de S. Frãcisco, pois la foraõ ẽuiados

 pollo

pollo Papa Innocençio IIII. como fica dito. Porque atè os Religiosos de S. Domingos, & de S. Francisco, q̃ foraõ martyrizados ẽ Tanâ, como adiante direy, tambẽ pareçe q̃ sayrã de Italia pera irẽ ao Cathayo, & deuião ter lâ Prouinçias pera onde fossẽ enuiados. E pois nos consta que inda hoje ha lâ Religiosos, he muito prouauel que seraõ da ordem de S. Domingos, & de S. Francisco, & não tratariaõ mais atè agora, nem se cômunicarião com os de Europa, pollas grãdes guerras que de então pera cà ouue em Turquia, & Persia, & outros muitos Reinos de Asia.

¶ CAPITVLO II.

¶ Da Christandade de Armenia, fundada pollo Bispo dom Frey Bertholameu de Parma Bolonès, Religioso da Ordem dos Prêgadores.

O tempo q̃ os dous Embayxadores do Papa tornaraõ do Cathayo, floreçia em virtudes, letras, & pulpito, o Padre Fr. Bertholameu de Parma da ordem dos Prègadores, natural de Bolonha. Pollas quaes partes o Papa Innocencio IIII. lhe era muy affeiçoado, & desejando honrallo com as dignidades da Igreja, o fez Bispo titular da çidade & Prouinçia Narsiuan, situada ẽ Armenia mayor, tres jornadas da Cidade Tauris, que então era cabeça do Reino da Persia. A qual dignidade o Padre não quis logo açeitar, por sua muita humildade, mas vendo que o Sũmo Pontifice insistia nisso por lhe fazer a vontade a aceitou, cõ tenção de se sacrificar a Deos em buscar as ouelhas infieis, & barbaras, que lhe dauão em terras taõ remotas, onde tinha mais certa sua morte, que a obediençia que lhe era deuida, como a Pastor daquella Prouincia. Vendose pois cõ a dignidade Pastoral, & sem ouelhas presentes, que pudesse apacentar, pedio logo a benção ao Sũmo Pontifice, & partiose de Roma a esta empresa, leuando por seu companheiro o Padre Fr. Pedro de Aragão, da mesma ordem, varaõ perfeito em virtudes, & letras: & ambos cometeraõ esta viagẽ mui aluoroçados, & em particular o Bispo, que ardia no desejo de buscar suas ouelhas desgarradas, & perdidas, pera ver se achaua algũas, que o reconhecessem

Fr. Bertholam. d Parma Bispo d Armenia.

F. Pedrõ de Aragão.

çessem por seu Pastor,& fossem por elle apaçentadas cõ a doutrina da Igreja Catholica. Embarcaraõse em Veneza pera Candia, & dahi, passando por Chipre, foraõ tomar porto em Soria, donde se foraõ a Hierusalẽ visitar o santo Sepulchro, & os mais lugares sagrados d' aquellas partes. Daqui se partiraõ por terra apè,& finalmẽte depois de passarem muitos trabalhos, & difficuldades nesse caminho, assi por terra, como por mar, entraraõ pollos Reynos da Persia,& chegaraõ à Prouincia de Narsiuan, vltimo fim de sua jornada, no anno do Senhor de 1253. como cõsta dos liuros que andão impressos em lingoa Italiana por mandado do Papa Clemẽte 8. os quaes foraõ trasladados de hum transumpto authentico, q̃ lhe veyo de Armenia, tirado do proprio original, que està no archiuo daquelle Arçebispado. E posto que Ioão Boterò diga que o Padre Fr. Bertholameu foy eleito em Bispo de Armenia no anno de 1337. pollo Papa Ioão 22. com tudo Serafino Razzi conforma com o que tenho dito açima, & isto he o que se deue ter.

Botèro, lib. 2, 3, p.f. 132.

Serafino Razzi.

¶ Tanto que estes dous Religiosos chegaraõ a estas terras, logo começaraõ a prêgar a ley Euangelica,& Catholica publicamente com grande cõstancia,& feruor, que o Spiritusancto lhe ministraua. E perseuerãdo neste officio muitos dias, foy Deos seruido, que se cõuertesse o Patriarcha de Babylonia schismatico, que atè então seguia os erros do falso Nestor,& depois de reduzido à doutrina da Igreja Romana, & à obediençia do Papa, tomou o habito da Religiaõ do Padre S. Domĩgos, o qual lhe deitou o Bispo dom Fr. Bertholameu com muito gosto,& nelle perseuerou atè a morte com grandes mostras de sancto. Da mesma maneira se conuerteo o Patriarcha, que os Nestorianos em lugar deste elegeraõ; o qual tambem tomou o habito de S. Domingos: com cujo exemplo se conuerteraõ muytos Nestorianos. Pera consolação dos quaes o sancto Bispo traduzio muitos liuros de Latim na lingoa Armenia, como foy o Breuiario, & Missal da ordem de S. Domingos, & algũas obras de S. Thomas, & outros liuros deuotos,& tocantes à edificação & doutrina espiritual dos nouos fieis: cuja

conuersaõ foy em tanto creçimento, que hũs persuadião, & inçitauaõ aos outros a seguir a doutrina do santo Bispo. E muitos destes reçeberaõ o habito de S. Domingos da maõ do mesmo Bispo, o qual elle lhe daua como Prouinçial, q̃ era desta Prouincia, & saõ inda hoje todos os Bispos q̃ lhe soçedem, que agora tem titulo de Arçebispos de Narsiuan.

De modo, que neste seruiço de Deos foraõ estes Religiosos continuando, & fazendo tanto fruito nas almas, & no acreçẽtamento da Religião, que em poucos annos edificaraõ vinte & çinco Conuentos de Religiosos da sua Ordẽ, situados em diuersos lugares, & pouos de Armenia, onde os Religiosos administrauaõ os Sacramẽtos aos mais Christaõs seculares, obediẽtes à Igreja Romana, como seus Curas, & Pastores, que saõ nestas partes, onde não ha outro Arcebispo, nẽ Ecclesiasticos, mais que Religiosos de S. Domingos. Pollo que se deue notar, que toda a Christandade que nestas partes ha, sojeita, & obediente à Igreja Romana, foy feita, gouernada, & sustentada pollos Religiosos da Ordẽ dos Prêgadores desta Prouĩcia de Narsiuan, os quaes se conseruão tambem em hũas sete aldeas, q̃ estaõ alẽ da çidade Iulfar, porque todos os mais Armenios que viuem nestas partes foraõ atè agora schismaticos herejes Nestorianos, & inimigos da Igreja Romana, & obedientes ao Patriarcha de Babylonia, como saõ os que moraõ dẽtro em Iulfar, que estão trinta legoas de Tauris: & muito mais os que agora trouxe o Xâ pera a Persia de dẽtro da terra dos Turcos.

25. Conuẽtos de Religiosos.

¶ CAPITVLO III.

¶ Das persiguições que os Christãos de Armenia padeçerão por via dos Turcos. E do martyrio do Bispo D. Fr. Bertholameu, & d'outros Religiosos de S. Domingos.

Stando esta Christandade, & noua vinha do Senhor tanto auante, como tenho dito, com grande enueja dos Nestorianos, induzidos pollo inimigo da saluação do mundo, soçedeolhe hũa grandissima persiguição, em q̃ muytos Christãos foraõ martyrizados polla fè Catholica, com cujo

cujo sangue ficou esta Igreja de Armenia tão bem fundada, & fortalecida, que inda hoje està em pè, firme, & constante ẽtre barbaras nações de Mouros, & Gentios. A causa destas mortes foraõ os Turcos, os quaes vindo com grãde poder contra o Rey da Persia, entraraõ polla Prouincia de Narsiuan conquistando muita parte della, & fazendo grandes estragos, assi nas pouoações, como nas pessoas dos Christãos seus habitadores, martyrizando muytos, que naõ quiseraõ ser Mouros: ẽtre os quaes martyrizaraõ o Bispo dom Fr. Bertholameu de Parma, que como capitão, & bom pastor se pos diante de suas ouelhas pera as defender, & tirar da boca dos lobos carniçeiros, & dar o sangue, & vida por ellas. E assi padeceo martyrio com seu cõpanheiro o Padre Fr. Pedro d'Aragão, em dia de nossa Senhora da Assumpção, & jaz sepultado em a cidade Carnà, hũa jornada de Narsiuan, no Conuento de nossa Senhora da Assumpçaõ da sua ordem, onde està muy venerado, & faz muytos milagres. Outros muitos Religiosos foraõ martyrizados, que de boa vontade se offereceraõ ao martyrio polla fè de Iesu Christo, & teraõ alcançado o premio de seus trabalhos. Os que desta persegui çâo ficaraõ com vida não escaparaõ da sojeição, em que viueraõ muitos annos, quasi como catiuos dos Turcos, a quẽ ficaraõ sojeitos com grandes tributos, & oppressão, atè que o Rey da Persia tornou a cobrar suas terras (& lãçados os Turcos dellas por força de armas) ficaraõ os nossos Christãos com a liberdade que dantes tinhão, sendo vassallos do Persa, & seus tributarios, sem oppressaõ algũa dos Turcos.

Martyrio dos christãos de Armenia.

Martyrio do Bispo D. fr. Berth.

¶ Desta quietação gozaraõ estes Christãos algũs annos, atè que segunda vez tornaraõ os Turcos a entrar pollas terras de Persia, tornando a sojeitar, & tyrannizar a Prouincia de Narsiuan cõ muito mayor estrago, & com mais mortes q̃ dantes: no qual tempo martyrizaraõ o Arcebispo de Narsiuan D. Fr. Nicolao Fridonix, & o Prior do Conuento de S. Ioão, chamado Fr. Raphael, & o padre Fr. Matthias, & outros muitos Religiosos, todos da ordem dos Prẽgadores, & juntamẽte algũs Christãos seculares deste Arcebispado. De

Segunda persegui ção.

Arcebispo F. Nicolao. F. Rafael, F. Matt. mart.

maneira

maneira, que por causa destas perseguições se foy desbaratã do esta Christandade,& os Cõuentos,que nella tinhão os Religiosos de S. Domingos, que não ha hoje tantos, & os Religiosos q̃ nelles viuẽ,serão 150. pouco mais, ou menos, & os mais Christãos seculares desta Christandade seraõ ao presente setenta mil entre homẽs, molheres, & mininos, posto que antiguamente foraõ muytos mais, ajudãdo esta destruição os Nestorianos,que como crueys inimigos nossos acompanhauão os Turcos em todos estes maleficios. Mas hoje polla bondade de Deos està esta Christandade fora da oppressaõ dos Turcos, & sojeita ao Persa,que lhe faz muitos fauores, & querera Deos por sua misericordia, que và cadadia de bem em melhor pera honra & gloria de seu santo nome.

Setenta mil Christãos em Armenia

Todos estes Religiosos (por ley do Sophì) saõ obrigados a trazer Turbantes na cabeça, pera se conformarem com os mais naturaes da terra,& posto que tragão os capellos com o habito, não nos poem na cabeça por guardarem esta ley.

¶ Toda esta informação alcancei do Arcebispo de Armenia,que atè agora foy desta igreja de Narsiuan, chamado Dom Fr. Azarias Fridonix da mesma ordem,muy grande Religioso,muy austero,& penitẽte,& obseruantissimo no rigor desta sagrada Religião: o qual teue grande parte nesta segunda perseguição, porque sendo tomado pollos Turcos, sabendo que era Prior de hum Cõuento, & Vigayro, & parente do Arcebispo dom Fr. Nicolao Fridonix,que jà tinhão martyrizado, o puseraõ a tormento em hũa cruz, onde esteue atado cinco horas, & em todo este tempo lhe deraõ muitas pancadas,& feridas,& finalmente o deyxaraõ por morto, & daqui foy tirado pollos Christãos,& curado secretamente, atè que sarou. Os sinaes das feridas vi eu, & muitos Religiosos desta Prouincia de Portugal,onde elle esteue pera se embarcar pera a India, pousado no conuento de S. Domingos de Lisboa, no anno do Senhor de mil, & seiscentos, & seis, determinando passar da India à Persia ao seu Arcebispado,donde tinha saydo polla via de Turquia,a dar a obediencia ao Papa,como tem de obrigação fazer cada tres annos,

Informação do Arçebispo de Armenia.

Os Arçebispos de Armenia cada tres ânos dão obediencia ao Papa.

nos estes nossos Arçebispos de Armenia,ou por si, ou por outrem. E a causa porq naõ tornou a voltar polla mesma via de Turquia,foy por estarem esses caminhos impedidos com as guerras q̃ o Persa hoje traz cõ o graõ Turco,& temer que o matassem no caminho. Este Arçebispo me contou a hystoria relatada, affirmandome q̃ assi a tinhão em Armenia escrita, & guardada no archiuo de seu Arçebispado. Não fez a viagem que determinaua fazer aquelle anno pera a India, por não irem nelle as naos,impedidas pollos Ollandeses: & por esse respeito se tornou pera Roma, onde falleçeo no anno de 1607. acabando os trabalhos de sua peregrinaçaõ com muitas mostras de santo, digno de ser chamado martyr como outro Hero Philosopho Alexandrino, a quem S. Gregorio Nazianzeno honra com este nome,sò porque foi desterrado polla fè de Christo,mostrando nisto,que todos os que saõ perseguidos,& padeçẽ por ella, posto que actualmente não morraõ nos tormẽtos, saõ dignos deste glorioso nome.

Morte deste Arçebispo.

Orat. 25

¶ CAPITVLO IIII.

¶ De hũa relação que os Padres de S. Agostinho, que foraõ a Persia, mandaraõ ao Arçebispo de Goa Dom Frey Aleyxo de Meneses.

NO anno do Senhor de 1604. foy por ẽbayxador ao graõ Sophi Rey da Persia por mandado do Papa Clemente VIII. o Padre Francisco da Costa, em cuja companhia foraõ dous Religiosos do glorioso padre S. Agostinho,que la ficaraõ,& saõ muy fauorecidos do Rey,& tem jà casa fundada em Aspaõ cidade principal, & residencia da corte, onde os Religiosos dizẽ missa,& sem impedimento algum fazem Christandade. Os quaes escreuendo sua jornada, & o sucesso das guerras do Sophi com o Turco do anno de 1603. atè o de 604. escreuerão juntamente o q̃ viraõ da Christandade de Armenia,& mandaraõ a relação de tudo ao Arçebispo de Goa,Dom Fr. Aleyxo de Meneses, cujo treslado he o seguinte,somente do que toca à Christandade dos Religiosos de S.Domingos.

¶ Estando nos em Iulfar, entraraõ

entraraõ polla porta do Embayxador quatro homẽs com ſuas toucas, & cabayas, & por çima das cabayas hũs eſcapularios brancos, & por capas hũ modo de gabões de mangas pardos, os quaes vinhaõ de hũas aldeas, que eſtauão dalli a tres ou quatro legoas, pedir ao Embayxador que fallaſſe por elles ao Xà, que lhes aliuiaſſe o graue jugo com que o Turco os tinha opprimido. Eſtes eraõ todos ſacerdotes, & frades da ordem de S. Domingos, & obedientes à Igreja Romana conforme a ſua informação, da qual ha perto de trezẽtos annos que lhe vem os Prelados, & por eſſa rezão ſe chamão Francos, ẽ differença dos outros Armenios, que obedecẽ ao Patriarcha dos Armenios, & ſaõ ſchiſmaticos. Deſejey eu de ver as ſuas igrejas, & Chriſtandade, & vendo que o Embayxador não queria torcer duas legoas de caminho, me adiantey hũa jornada com meu companheiro, & tres ſoldados, & me fuy com eſtes quatro padres, & chegamos o meſmo dia âtarde a hũa aldea grãde, ou pera melhor dizer villa, & pollas ruas ſayraõ os Chriſtáos a nos beijar a mão. Chegados â igreja, nos ſayraõ a rẽçeber todos os padres, ꝗ erão ſete, com muito amor. Entrando nella, achey logo agoa benta (de que os ſchiſmaticos Armenios não vſaõ) & a igreja, & os altares ao noſſo modo. Feita com alegria oração, por ver a fè de Chriſto com perfeição no meyo de Turquia, os padres nos leuaraõ â ſanchriſtia, onde nos moſtraraõ as mitras, & ornamentos do ſeu Biſpo, ꝗ auia dous annos era morto, algũs delles ricos, mas jà gaſtados, & nelles as armas dos Papas que lhos deraõ. Moſtraraõnos hũa cruz de prata grande, feita em Roma, cõ muitas reliquias, aſsi do ſanto lenho, como de outros ſantos, ꝗ todas vieraõ de Roma. Viſto iſto, nos leuaraõ a dar hũa pobre refeição. Eu lhes pedi que mandaſſem deitar hum pregaõ na aldea, que ao outro dia ſe ajũtaſſem todos na igreja, porque lhe queria dizer miſſa, & ouuir outra ſua, & fallar com elles algũas couſas: & aſsi ao outro dia ſe encheo a igreja de gente daquelles pobres, & perſiguidos Chriſtãos, & cõ muita deuação ouuiraõ a minha miſſa, & ella acabada, diſſe o Prior miſſa cantada de tres; com todas

Veſtido dos Religioſos.

Dominicos đ Armenia.

Igreja dos Armenios.

Cruz de reliquias.

Miſſa dos Armenios.

das as çeremonias Romanas; sẽ differẽça algũa, saluo na lingoa, que he Armenia, & mostrar o sacerdote depois da Epistola a cruz ao pouo, cantando hum Hymno, & adoralla o pouo cõ muita deuaçaõ. Acabada a missa, fiz eu hũa breue pratica, consolandoos de seus trabalhos, & animandoos a padeçer por Christo, & por sua santa fè. E acabada a pratica, todos os que alli vieraõ, se chegaraõ a mim, hũs beijãdo o habito, outros a mão, & outros os pês, com grande aluoroço, porq̃ não tinhaõ visto naquellas terras outros padres Francos. Depois disto nos recolhemos, & eu pregũtey aos padres o principio de sua Christandade, & quãtas aldeas auia de Francos, & quaes eraõ os ministros dellas? Respondeome o Prior, que auia muito perto de trezentos annos que viera alli ter hum sacerdote chamado Bertholameu, o qual prêgaua a fè de Iesu Christo, & cõuertendo algũas daquellas aldeas, se fora a Roma, dõde tornara feito Bispo, & continuando com sua prẽgação, tendo jà cõuertidas sete aldeas, em hũa que ainda era ametade de infieis, lhe deraõ peçonha, & o mataraõ, & que este bemauenturado padre os ensinara a ser obedientes à Igreja Romana, donde atè então lhe vinhão os Bispos, os quaes sempre eraõ dos frades naturaes daquellas terras de Armenia, porque morto o Bispo, dous frades hião a Roma, & hũ delles vinha consagrado em Bispo, como auia dous annos q̃ eraõ idos dous a Roma, & por causa das guerras com que estaua o caminho impedido não vinhão.

Deuação dos Armenios.

Morte do Bispo

¶ O seu modo de Religião não he da perfeição de Europa: Os tres votos, segundo o q̃ pude alcançar, cuido q̃ os guardaõ no essencial: o prouimẽto dos ministros pera as aldeas, he dos mesmos padres, & ẽ cadahũa aldea està hum, ou dous que as cura. O Bispo he Prior sempre delles, & em sua ausencia deyxa sempre hum por Prelado, aque todos obedecem como a Prior. Eu quis ver algũas de suas igrejas dasque estauão mais perto, & chegando a hũa, meya legoa nos veyo a receber hum padre velho por nome Fr. Dominico, que pareçia hum santo, & creo que o sera. Este depois de çerta oração, nos mostrou hũ braço inteyro atè o cotouello, com sua mão, do glo-

Guarda dos 3. votos.

Braço de S. Iudas Thadeo.

glorioso Apostolo São Iudas Thadeo, que nesta Persia foy martyrizado. Estaua a santa reliquia pobremente encastoada ẽ pao, por se euitar ser roubada dos Turcos: viase em partes a cana do braço. Asi mais nos mostrou hũa cruz de ferro larga, & grossa, a qual o santo Apostolo fez com suas maõs, estendendo o ferro como se fora cera: *Mirabilis Deus in sanctis suis*. Nesta igreja estaua sepultado o Beato Bertholameu, cuja sepultura nòs vimos: tiraõ os Christaõs della terra com q̃ saraõ de algũas infirmidades. Achey mais no altar hum retabolo de S. Ioão Baptista, feito em dous pedaços, & hũ da Virgem nossa Senhora cõ seu bento filho. Estaua a taboa hum pouco torta, porque o quiseraõ tambem quebrar os Turcos, & não podendo, lhe deraõ muitas cutiladas, & cõm a ponta da espada tiraraõ os olhos â mãy, & ao filho. Os padres lhe tinhão grande deuaçaõ, & reuerençia, & dizião que fazia milagres. Estes padres saõ pobres, & suas igrejas pobrissimas, mas simples, & virtuosos.

Cruz d̃ ferro, q̃ fez S. Iudas.

Sepultura do B. Bispo.

Imagẽ q̃ fazia milagres.

¶ Dahi a hũa legoa me disseraõ os padres que tinhaõ o ferro da lança que passou o lado de Christo nosso Redemptor: não foy possiuel por entaõ ir vello, por quanto o Embaixador era passado hũa jornada adiante, mas disse eu aos padres que da volta tornariamos por alli, como tornamos, & fomos a hũa aldea que estaua ao pê de hũa serra cuberta de neue. Na igreja que era pequena, achamos hum dos padres, virtuoso no que pareçia, & acompanhauanos toda a gẽte da aldea. Feita nossa oraçã o, pedimos ao padre que nos mostrasse a santa reliquia. O padre com muita deuaçaõ nos leuou â Sanchristia, onde sobre hum altar estaua posto hũ caxilho de pao, com suas portas fechadas com hũ çadeado, em que estaua o santo ferro. O padre em tocando com a chaue no cadeado começou a derramar muitas lagrimas com soluços, & em abrindo a porta do caxilho, se pos de joelhos, sem querer tocar na reliquia, & como eramos muitos, não se podia ver bem. Conheçendome eu tambem por indigno de tocar taõ santa reliquia, cõsiderando por outra parte como Christo nosso Senhor me fizera merçe de deyxar tocar seu sagrado corpo no sacrifi-

Ferro da lãça de Christo, ou de S. Iudas.

cio

cio da missa cõ minhas indignas maõs, tomei o ferro sagrado nellas, & leuantandoo, comecei a cantar *Te Deum laudamus*, com meu companheiro cõ muitas lagrimas, & com o bater dos peitos qualquer duro coração se compungiria. Alli tomamos a medida do santo ferro com algũas folhas de papel, das quaes mandey hũa à V.S. Agora direy à probabilidade q̃ tenho d'este ser o ferro santo da lança. Primeiramente pollo testemunho dos Padres, q̃ por tradição de perto de 300. annos tem q̃ foy furtado por hum frade seu de hũa igreja dos Armenios, onde estaua. Mais affirmaõ os Padres, que auendo peste algũas vezes, em o tirando em procissaõ, cessou logo, & tocãdo cõ elle ẽ algũs ẽfermos, receberaõ saude. O que eu vi foy sayr do santo ferro hum cheyro muy suaue, & causar tanta compunçaõ, que naõ pode deyxar de ser cousa santa. Eu lhe disse, que sabia q̃ eraõ vexados dos Mouros por diuidas, polloque nôs lhe dariamos dinheiro cõ que as pagassem todas, & com que ficassem contentes, & que nos dessem aquelle santo ferro. O Prior me respondeo, q̃ ainda que lhe desse aquella serra d'ouro, & que primeiro cortarião as cabeças a elles todos que deixalo leuar a ninguem. Tambem disseraõ os Padres, que o Summo Pontifice o pedira a hum Bispo seu, & que elle lhe respondera, que aquelle santo ferro era occasiaõ com seus milagres de muitos infieis se conuerterem, & os fieis se conseruarem entre os Turcos, & que se sua Santidade queria que lho trouxesse, que o faria: mas q̃ o Papa ouue por bem ficasse alli. E assi conforme a estas circunstancias, tenho pera mĩ que se o ferro da lança de Christo nosso Senhor não està em Roma, ou entre as reliquias que tẽ el Rey de França (onde dizem que elle està) que sem falta he este que vimos. Atè aqui saõ palauras da relação que os Padres de S. Agostinho mandaraõ da Persia. E quanto ao ferro da lança de q̃ fallão, pareceme q̃ se naõ he o q̃ dizẽ, serà o da lãça cõ q̃ mataraõ a S. Iudas Thadeo, q̃ foi martyrizado nestas terras.

Milagres deste ferro.

¶ A relação acima he muy conforme em muitas cousas cõ a q̃ me deu o Arcebispo Azarias. E posto q̃ differe no modo do martyrio do Bispo D. F.

Bertholameu,dizendo que foi morto pollos infieis cõ peçonha:cõ tudo não se enganaraõ os Religiosos q̃ deraõ a tal informaçaõ:porq̃ o mesmo Azarias me contou, q̃ os schismaticos Armenios por duas vezes deraõ peçonha ao dito Bispo, & da vltima vez q̃ lha deraõ, estaua elle por essa causa muito doente,& nesse tẽpo entraraõ os Turcos a primeira vez nestas terras cõ maõ armada, &entaõ o mataraõ em odio da Fè,sabendo q̃ era o Prelado,& cabeça desta Christandade:cõ tudo tambẽ se pode dizer q̃ foi ajudada sua morte pollos schismaticos cõ a peçonha que lhe deraõ,pois cõ ella o chegaraõ a termos de morte:mas a verdade he que foy morto pollos Turcos,como fica dito.

¶ Alẽ destas perseguições q̃ padeceraõ estes Christaõs por via dos Turcos, apõtarei aqui outra q̃ neste passo me lembra, me contou tambẽ o mesmo Arcebispo Azarias, pera que se entenda com quanto trabalho & perigo das vidas estes Religiosos, & os mais Christaõs desta igreja sustentaraõ a Fè, & o Christianismo,& cõ quanta rezão se deuem louuar. O caso foy,que no tempo que os Turcos entraraõ a segũda vez nestas terras, entraraõ tambem no Conuento dos Religiosos, em conjunção que estaua dizendo missa o Padre Fr. Azarias (que nesse tempo era Prior desta casa) & foraõse ao altar, onde elle estaua, & lhe disseraõ que logo lhe fosse dar palha,& ceuada pera os cauallos,& que lhes fosse fazer da comer à cozinha. E respondendolhe o Padre, que lhe deixassem acabar a missa, & que logo iria, elles o arrastaraõ polla igreja,& lhe deraõ muitos couçes, & hum delles lhe tirou com hum espeto, que jà trazia da cozinha, & lho pregou em hũa ilharga; de que o Padre esteue à morte, & lhe ficou hum grande final da ferida,que nos lhe vimos estando elle neste Reino.

F. Azarias atormetado.

¶ Podemos logo dar muitas graças a nosso Senhor,que sustenta esta Christandade atè agora,que os Religiosos de S. Domingos plantaraõ em Armenia,tendo tanta contradição, & perseguições polla conseruar entre Turcos, & Mouros,& schismaticos Armenios.

Capi

¶ CAPITVLO V.

¶ Da Inquisição de Armenia, Tartaria, & Russia, cometida aos Religiosos de S. Domingos: no qual per ocazião se trata de como S. Domingos foi o primeiro Inquisidor gêral q̃ ouue na Christandade.

Onta o insigne Luis de Paramo Boroxense Inquisidor de Sicilia, q̃ Alberto Castellano entre outras Bullas dos Papas, que imprimio em Veneza no anno do Senhor de 1516. faz mẽção de oito, ou noue Bullas passadas por Gregorio vndeçimo, do 4. ãno de seu Pontificado, atè o oitauo que foi do anno de 1379. & da confirmação da Ordem do Patriarcha S. Domingos, cento, & sesenta, & dous annos, nas quais Bullas entre outras couzas se contẽ como os Religiosos de S. Domingos andauão pregando a palaura de Deos, offereçidos a muitos trabalhos, & persiguições entre os Barbaros, & infieis, que viuem nas partes do Oriente, do Norte, & do Sul, & que tem edificados Conuentos em VValachia, Tiro, ou Trapizonda, & noutras partes do mundo remotissimas. E assim mais, que foraõ mandados pollo mesmo Papa Gregorio, muitos Religiosos da mesma Ordem, a esta santa empreza, & por seu Prelado, o venerauel padre Fr. Helîas Petit Gallo, o qual alem de ser mui docto nas diuinas letras, era mui insigne, & dotado de muitas virtudes.

Lib. 2. de Origine officij inquisitionis. tit. 2. c. 19 in 6 ętate mũdi.

Bulla en q̃ se relata a pregaçã dos religiosos d̃ S. Domĩgos por todo mũdo.

¶ Alem destas Bullas refere o mesmo Autor outra de Vrbano VI. da qual consta, que Gregorio vndeçimo mandou âs partes do Oriente por Inquisidor gêral o padre Fr. Ioão Gallo da mesma Ordem: & o Papa Vrbano na mesma Bulla declara, que morrendo este Fr. Ioão Gallo naquellas partes, o Gêral da Ordem dos Prêgadores possa nomear, & eleger ẽ seu lugar tres Inquisidores: hum em Armenia, & Georgiana, outro em Greçia, & Tartaria, o terçeiro em Russia, & ambas as VValachias. Pollo q̃ se mostra claramente, q̃ a autoridade do Santo offiçio da Inquisiçaõ se estende por todas as partes do mundo, & que os mereçimẽtos dos Religiosos da Ordẽ dos Prêgadores saõ mui grandes, & dignos de louuor, pois

Fr. Ioão Gallo Inquisidor de Armenia Tartaria, & Russia.

pois ã dilataraõ atè as mais remotas partes do descuberto onde pugnaraõ polla Fè, & ã defenderaõ, como Prêgadores & Inquisidores Apostolicos q̃ eraõ, arriscando por ella suas vidas & pessoas cõ grande cõstancia, & zelo da Fè, o qual herdaraõ do glorioso Padre S. Domingos, primeiro Inquisidor gêral q̃ ouue na Christandade, como se pode ver largamente em Luis de Paramo allegado, onde conta q̃ o P. S. Domingos foy instituido Inquisidor gêral contra os herejes Albigẽses de Tolosa, pollo Papa Innocẽcio III. no ãno de 1216. inda q̃ o Doutor Salzedo diga que foy instituido Inquisidor gêral no anno de 1200. Alẽ destes autores, todos os que escreuem desta materia concordão que o glorioso Patriarcha S. Domingos foi o primeiro Inquisidor gêral q̃ ouue na Christandade: entre os quaes se podem ver Camillio Campegio, & Francisco Pegna. E ainda q̃ naõ ouuera outras rezões efficacissimas, bastaua pera proua disto, ver q̃ antes do tẽpo do P. S. Domingos se naõ faz menção algũa de Inquisidor Apostolico no S. Officio, nẽ em Decretos de Concilios, & Sũmos Põtifices, nem ẽ igrejas Cathedrais, & Religiões mais antiguas, nem nos tratados das penas com que se castigaõ os herejes, nem finalmẽte em quaesquer historias, assi Ecclesiasticas, como profanas. E assi no Concilio gêral Lateranense, celebrado por Innocencio III. no anno de 1215. tratandose do juyz da heregia, nenhũa mẽçaõ se faz de Inquisidores Apostolicos, & somẽte se comete esse officio aos Bispos: dõde se vè claramente, q̃ antes q̃ Innocencio III. que fez Inquisidor ao Padre S. Domingos, naõ auia na igreja Catholica Inquisidores: o que se confirma tambem polla Bulla que o Papa Xisto IIII. passou na Canonizaçaõ do glorioso Padre S. Pedro Martyr, onde diz, que por Innocencio III. & por seu sucessor Honorio III. foy cõmetido este officio de Inquisidor dos herejes ao Padre S. Domĩgos primeiro que a todos os q̃ ouue na igreja Catholica, & por essa rezão encomenda o Papa na mesma Bulla, que depois do Padre S. Domingos seja venerado pollos Inquisidores S. Pedro martyr, como seu padroeyro.

S. Domĩgos primeiro Inquisidor

vbi sup. tit. 1. c. 1 & 2.

in Pract. crim. canonica, cap. 114.

3. p. Direct. cõ. 32. vers. officiũ, ti. Quod Inquisitores.

Cap.

¶ CAPITVLO VI.

¶ *De algũs Religiosos da Ordem dos Prêgadores, que socederaõ no officio de Inquisidor ao glorioso Padre S. Domingos.*

TAnto q̃ o glorioso Patriarcha S. Domĩgos cheo de milagres foy gozar da bêauenturança eterna, se cometeo o officio de Inquisidor aos religiosos Prêgadores seus filhos, como por direita herança: & por muitos tẽpos o exercitaraõ com authoridade dos Sũmos Põtifices, cõ tanta diligencia, & feruor, quãta se esperaua de filhos de tal pay, pellejando cõtra os herejes, atè derramarẽ seu sangue, assi polla Fè, como polla cõseruação do S. Officio. E ainda q̃ meu intẽto seja tratar neste liuro somẽte dos Religiosos desta Ordẽ, q̃ habitaraõ as partes do Oriẽte: com tudo pera deuação dos fieis, não deixarey de nomear aqui algũs Inquisidores mais insignes, que socederaõ neste officio ao glorioso Padre S. Domingos, que saõ os seguintes.

Fr. Conrado martyr.

¶ O P. Fr. Cõrado Cõstãtiẽse Prothomartyr desta ordẽ, Prouincial da Prouĩcia de Germania, do qual escreue Luis de Paramo, q̃ foy o primeiro Inquisidor gêral da Germania, instituido pollo Papa Gregorio IX. no anno de 1228. Este insigne varaõ estando prêgando na mesma Prouincia em hũ grande auditorio, foy morto pollos herejes: de cujo martyrio diz muitas cousas Leãdro, & Ruperto Lycio Bispo de Aquitania, no sermão de S. Domingos, & S. Antonino.

Leandro lib. 2. vir. illust. 3. p. hist. tit. 23.

F. Pedro Sillano.

¶ Acerca do anno do Sñor de 1233. o Papa Gregorio IX. fez Inquisidor de Tholosa o P. Fr. Pedro Sillano da Ordẽ dos Prêgadores, que acompanhou o glorioso Padre S. Domingos quando foy ao Concilio Lateranense, no qual officio trabalhou tanto, que alcançou nome de grande Inquisidor. Edificou o Mosteiro Lemonico, donde tornandose pera Tholosa, falleceo com marauilhosos sinaes de santidade & inteireza de vida, aos 22. de Feuereiro, do anno do Sñor de 1257.

Fr. Guillelmo.

¶ Fr. Guillelmo Arnaldo natural de Mõtpillier, celebre ẽ prudẽcia & santidade, excellente Doutor ẽ Canones, Inquisidor da Prouincia de Tholosa, foy morto polla fè catholica ẽ

Amoneto, em casa de Raymundo Conde hereje, aos 28. de Mayo, de 1242. annos.

F. Bern. F. Garcia mar.

¶ Fr. Bernardo de Pegnaforte, & F. Garcia Aura, cõpanheiros no officio do S. Inquisidor Arnaldo, foraõ martyrizados pollos herejes no mesmo tẽpo.

F. Robal do santo.

¶ Fr. Robaldo de Milaõ foi Inquisidor de Tholosa do anno do Sñor de 1252. atè o anno de 1258. no qual tẽpo conuerteo muitos herejes à fè Catholica, & resplandeceo cõ tantos milagres, & sinaes de santidade, que hũ herege o foy tentar, cuidando do q̃ seus milagres eraõ falsos & lhe disse se queria sarar hum enfermo q̃ trazia consigo: & o santo posto q̃ visse sua pouca, & fingida fè, se pos em oração, & sarou o enfermo. Com cujo milagre o hereje ficou confuso & se cõuerteo à fè Catholica.

S. Pedro mar. Veronense.

¶ S. Pedro Veronẽse exercitando mui diligentemẽte o S. officio de Inquisidor, q̃ o Papa lhe tinha cometido, foy morto pollos herejes entre Como, & Milaõ, no anno do Senhor de 1252. jaz sepultado em Milaõ em S. Eustorgio, o qual mais vẽçeo os herejes sendo morto, cõ infinitos milagres q̃ fazia, q̃ sendo viuo. Foi canonizado em Perusio pollo Papa Innocencio IIII. Este santo martyr he venerado do tribunal da S. Inquisição, como Patrono seu q̃ he. Sua festa se çelebra aos 29. d'Abril, & em Roma com muito mais solẽnidade pollos Reuerendissimos Cardeaes Inquisidores gêraes, q̃ neste dia se ajuntão em sua capella, que està no Conuento da Minerua, da Ordẽ dos Prêgadores, onde assistẽ todos os mais officiaes da S. Inquisição, como mãdou o Papa Pio V. nó anno do Sñor de 1569. A esta imitação se ajuntãõ os tribunaes de todas as Inquisições nos conuentos de S. Domingos, pera çelebrarem este dia, assistindo à sua missa, & prêgação. E como protector da S. Inquisiçaõ se pinta este santo em suas insignias cõ hũa cruz de seda vermelha, tecida com ouro, que he insignia de martyrio.

Fr. Raynero, açoute de herejes.

¶ Fr. Rainero Sacono Placẽtino, foy Inquisidor na Prouincia de Milão, acerca do anno do Sñor de 1258. Foy taõ seuero, & aspero contra os herejes, q̃ destruyo totalmẽte Gata, onde os herejes habitauão, o q̃ acõteceo como tinha profetizado o glorioso S. Pedro martyr, sendo Inquisidor desta mesma Prouincia.

Fr.

Fr. Poncio.

¶ Fr. Poncio Inquisidor Apostolico na Prouincia de Cathalunha, foy morto pollos herejes cõ peçonha polla constãcia, & inteireza da fè, & sepultado pollos Catholicos na Sè da cidade de Mõtpillier no anno do Sñor de 1262. onde està mui venerado, pollos muitos milagres que faz.

F. Pedro Fiel mar.

¶ Fr. Pagano, por outro nome Fr. Pedro Fiel, he contado entre os primeiros Inquisidores Apostolicos: foy morto pollos herejes ẽ odio da fè Catholica, dia de S. Esteuão primeiro martyr, no anno do Senhor de 1279.

Fr. Guillelmo.

¶ Fr. Guillelmo Costa Inquisidor no Reino de Cathalunha em tempo de Benedicto Papa XI. pouco depois do anno do Sñor de 1304. entregou ao braço secular pera serem queimados muytos herejes, conuẽcidos neste crime.

F. Nicol. Roselli Cardeal.

¶ Fr. Nicolao Roselli Mestre em S. Theologia, & Prouincial de Aragaõ, varaõ mui santo, & douto, foi instituido Inquisidor gêral em todo aquelle Reino no tẽpo de Clemẽte VI. E depois no ãno de 1356. foi Cardeal do titulo de S. Xisto pollo Papa Innocencio VI.

¶ CAPITVLO VII.

¶ Em que se prosegue a materia do capitulo precedente dos Inquisidores, successores do Padre S. Domingos.

Fr. Nico. Eymerico.

FRei Nicolao Eymerico Tarraconense M. em S. Theologia, & mui douto no direito Canonico, & Ciuil, floreceo no tempo de Vrbano V. & Gregorio XI. & de Pedro IV. Rei de Aragaõ: foy instituido Inquisidor gêral acerca do anno do Sñor de 1358. como elle mesmo diz na 2. parte do Directorio. Escreueo muitos liuros, assi sobre as sciencias Physica, & Logica, como sobre os Euãgelhos, & outras muitas cousas, entre as quaes tem o primeiro lugar o liuro insigne chamado *Directorium Inquisitorum*, muy proueitoso pera os Inquisidores conhecerem as heregias, & as extirparem, & saberem as penas que se hão de dar aos herejes, sem auer excepção de pessoa.

q. 47. nu. 7. vers. Qualiter.

Fr. Nicolao, & Fr. Ioão martyres.

¶ Fr. Nicolao, & Fr. Ioão, ambos Hũgaros, & ambos Bispos, & Inquisidores: foraõ mortos pollos herejes, Fr. Nicolao foy esfolado, & F. Ioão apedrejado, & trespassado cõ hũa espada polla fè Catholica.

¶ Frey Antonio Pauono, & Fr. Bertholameu Cerueiro Inquisidores em Sauiliano, foraõ mortos pollos herejes, em odio da santa fè q̃ defendião.

F. Antonio, & F. Bertholameu martyres.

¶ Frey Bertholameu Podio foy Inquisidor em Catalunha acerca do anno do Senhor de 1400. castigou muitos herejes, & destruyo muitas heregias, das quaes foy autor Pedro Ollerio.

F. Berto. Podio.

¶ Frey Bertholameu Lapaccio Florentino, foy instituido Bispo Coronense, & achouse no Concilio Florentino, que celebrou o Papa Eugenio 4. no anno do Senhor de 1441. & depois foy mandado por Inquisidor a Polonia, & âs duas Pannonias, contra os hereges daquellas partes. Floreçeo no anno de 1430. & faleçeo no cõuento de S. Domingos de Florença.

F. Bertolameu Lapacio Bispo.

¶ Frey Conrado Inquisidor de Catalunha, foy martyrizado pollos herejes em odio da fè Catholica.

F. Conrado mart.

¶ Frey Pedro Cadereta Inquisidor Apostolico no prinçipado de Catalunha, foy morto pollos herejes, auẽdose em seu officio com grande inteyreza; & louuor: & foy enterrado pollos catholicos honradamente.

F. Pedro Cadereta mart.

¶ Frey Pauono Seuiliano, & Frei Antonio, Inquisidores Apostolicos, foraõ mortos pollos perfidos herejes.

F. Pauono, & Fr. Anton. mart.

¶ Frey Paulo Inquisidor de Dalmacia, foy queymado pollos herejes polla fè Catholica como refere Frãcisco Diaceto no vltimo capitulo da vida de S. Domingos.

F. Paulo mart.

¶ Frey Pôcio Prior Prouincial de Tolosa, & Inquisidor Apostolico, faleceo a 16. de Iulho, de 1546. & resplandece cõ muitos milagres.

F. Pôcio santo.

¶ Frey Ioão Eschenfeld Inquisidor de Praga, estando pera prêgar no seu conuẽto hũa sesta feira da Payxão, foyse hũ hereje a elle, & pediolhe que o confessasse, & o padre o leuou â sua cella pera isso, & quando depois o foraõ chamar pera ir prêgar, o acharaõ morto na cella com muitas punhaladas, que o hereje lhe deu, & fugio. Isto se referio no Capitulo gêral da nossa Ordẽ, celebrado em Roma no anno de 1580. como o escreue o P. Gêral da mesma ordem Frey Vicẽte Iustiniano.

F. Io. Eschenfeld mart.

¶ Frey Guidoto de Sexto, primeiro Inquisidor de Lombardia, fez queymar naquella Prouincia quasi infinitos herejes,

F. Guidoto.

rejes, & confiscarlhe suas fazendas, cõforme aos sagrados Canones, pollo que era muy temido dos herejes, & taõ excellentemẽte exerçitou este officio, que de entaõ atè agora por seu respeito sempre nesta Prouincia lhe socederaõ no mesmo officio os Religiosos da ordem dos Prêgadores.

Fr. Miguel Ghisle-rio Papa Pio V.

¶ Frey Miguel Ghislerio, Inquisidor em Como, cidade de Lõbardia, passou nella grandissimos trabalhos, & persiguições, ordenadas pollos herejes, & depois foy Bispo Nepesino, feito por Paulo IIII. & Cardeal chamado Alexandrino, no ãno do Senhor de 1557. E finalmente foi Papa chamado Pio V. no ãno de 1566. aos 7. de Ianeiro; cuja vida marauilhosa, & obras heroicas, escreuem muitos autores. Faleçeo no anno de 1572. aos 4 de Mayo.

F. Vicente de Lisboa, Inquisidor de Espanha.

¶ Frey Vicente de Lisboa, Prouincial de Hespanha, foy instituido Inquisidor della, & depois de Portugal pollo Papa Bonifacio 9. no anno do Senhor de 1408. A este & a seus sucessores Prouinciaes da mesma Prouincia concedeo o mesmo Papa Bonifacio pudessem instituir Inquisidores de Portugal como lhe parecesse: o q̃ consta de sua bulla, que està no archiuo do nosso Conuento da Batalha.

Inquisidores de Portug.

¶ Não fallo aqui dos Inquisidores de Portugal, que ouue mui insignes em letras, & virtudes, como foy o P. Fr. Hieronymo d'Azãbuja, Fr. Iorge de Sãtiago Bispo d'Angra, Fr. Manoel da Veiga, & outros, nem dos mais Inquisidores desta ordem, que ouue em diuersas partes do muũdo, & inda oje viuẽ, exercitãdo o mesmo ofiçio; porq̃ seria temeridade querer ẽ vaso pequeno cõprehender agrãdeza do mar Oceano: mas sòmente estes quis aqui apontar pera mostrar que os Religiosos desta sagrada Ordem saõ columnas, & fortissimos propugnaculos da Igreja Catholica, os quaes com seu proprio sangue quebrantão o furor dos herejes, & com sua doutrina reprimem seus atreuimentos. Estes (como diz o insigne Paramo) saõ os rayos da milicia Christã, mais excellentes que os dous *Scipiões*, Mayor, & Menor, aos quaes o Poëta poẽ este nome, não com tanta rezão, cõ quãta estes Religiosos podem, & deuẽ ser chamados.

vbi sup.

¶ Resta agora falar do martyrio

tyrio do Beato Fr. Filippe, da ordem deS. Domingos, Inquisidor gêral das terras do Abexîm, o q̃ farey nos capitulos abayxo.

¶ CAPITVLO VIII.

¶ De oito Religiosos da ordem de S. Domingos, q̃. de Roma passaraõ ao Preste Ioão a prègar o S. Euangelho tirado da Chronica da Ordẽ, cõposta por Seraphino Razzi.

AVendo de falar neste capitulo do Martyr Filippe, Inquisidor gêral do Abexîm, conforme â ordem que leuo dos Inquisidores, de q̃ vim falando: quero (pera mais clareza desta hystoria) relatar primeiro como os Religiosos do P. S. Domingos entraraõ naquellas terras, & pera que effeito.

¶ Gouernãdo a Igreja de Deos o Papa Ioão XXII. se offereceraõ muitos Religiosos desta sagrada Religiaõ, no anno do Senhor de 1316. pera irem prêgar o santo Euangelho a diuersas partes do Oriẽte. Dos quaes o Gêral da mesma Ordem (que entaõ era o Padre M. Fr. Berengario) escolheo oito de vida, & sciẽcia approuada: & por elle apresentados ao Papa, & recebida sua bençăo, partiraõ de Roma cõ bastantes poderes, & priuilegios do mesmo Papa, & Mestre da Ordem, pera poderem fundar Mosteiros, assi de frades, como de freiras, & reçeber ao habito nouiços: & pera esse intento leuaraõ em sua companhia hũa freira do terceiro habito da mesma Ordem, Matrona venerauel, & de grande respeito, assi por sua idade, como por sua muita virtude, a qual se chamaua Soror Clara, & na lingoa dos Abexîns Imâta. Dos frades não consta como se chamauaõ na nossa Europa, mas por escrituras antiguas se sabe, que na lingoa dos Abexîns se chamauaõ Arghai, Grimahc, Luanos, Panthaleon, Samá, Aleph, Assê, Agûloa. Chegaraõ estes Religiosos a Hierusalẽ, & depois que visitaraõ os lugares santos, consultaraõ com os Religiosos de S. Domingos, q̃ entaõ alli residiáo, pera que terras iriaõ, onde fizessem mais fruito na conuersaõ das almas: & assentaraõ q̃ fossem às terras do Abexîm, de que he senhor o Preste Ioaõ; por auer nellas muitos erros, & abusos no Christianismo.

Razzi, Chron. de S. Doming. fo. 299. Paramo, liu. 2. de ori. Inq. to. 2. cap. 19. fol. 137.

Nomes de 8 Religiosos, q̃ forão ao Abexim.

Logo

Logo se partiraõ pera aquelles Reynos, caminhando por Egypto,& terras de Ethiopia. E tendo algũa noticia da lingoa Chaldea, aprenderaõ em breue tempo a dos Abexîns; sendo ella difficultosa de tomar. Chegãdo pois a esta terra por elles escolhida naõ sem particular instincto diuino, começaraõ de prêgar publicamẽte com grande feruor de spirito, exhortãdo os ouuintes ao desprezo do mundo,& de suas vaydades,& a guardar os preceitos diuinos, em que elles tinhaõ muitos erros, & abusos, posto que fossem Christaõs. E tanta foy a graça,& virtude q̃ Deos pôs em suas palauras, acõpanhadas com grande exemplo de suas vidas, que prouocaraõ muitas pessoas a deyxar o mundo,& pedir o habito de S. Domingos:& ganharaõ tanto as vontades aos Reis,& senhores daquellas terras, q̃ em breue tempo lhe edificaraõ cõuentos. O primeiro se fez na Prouincia Torate, & puseraõ-lhe nome Alleluya (como tambẽ refere Luis de Paramo;) & Francisco Aluares diz que lhe puseraõ este nome porque hũ Religioso santo ouuio cantar naquelle lugar os Anjos a Alelluya, & nestes Conuentos entraraõ tantos Religiosos, que chegou o numero dellesa muitos milhares,& naõ foraõ menos os das freiras, onde auia muitas,& nobres dõzellas mui obseruantes na Religiaõ, em que as fundou a Madre Soror Clara, por cujo respeito todos os Mosteiros das freyras se chamauaõ de S. Clara. E cõ todos estes Mosteiros serẽ fundados em muita obseruancia regular, com tudo deputaraõ logo o principal delles, a que chamaõ Blurimanos (que quer dizer casa de santos) pera ser recollecto, onde se guardasse a regra do Padre S. Domingos, cõ todo o rigor, & inteireza; & assi eraõ tidos os Religiosos delle em grãde reputaçaõ. Este cuido que he o Mosteiro, a que o padre Francisco Aluarez chama Brilibanos, no seu liuro que fez do Preste Ioaõ, do qual diz mil marauilhas, & q̃ o Prelado deste he o mayor que ha nestas partes, tirando o Patriarcha.

Chegão, & pregaõ no Abexĩ

Cõuẽto da Alleluya.

Paramo, vbi sup.

cap. 40.

Cõuẽto de Blurimanos.

Cap. 66.

¶ Os Religiosos deste Conuento tem tres maneiras de vida religiosa, s. actiua, cõtemplatiua,& mixta, que participa de ambas. Dentro da çerca (que he muy grande) està hum hospi-

Tres exercicios dos religiosos.

hospital, de que tem cuidado çertos Religiosos, agasalhando nelle peregrinos, & pobres cõ muita charidade: aqui residem os que a obediencia manda exercitar na vida actiua. Em outra parte da mesma çerca estão hũas cellas muito pequenas, distantes hũas das outras, metidas entre aruores syluestres, brenhas, & furnas, onde residem outros Religiosos em muita oração, & contemplação, guardando continuo silençio. Algũs comem somente heruas: outros trazem çingidas çintas de ferro sobre a carne nua: algũs jejuão muytos dias a paõ & agoa: & outros continuamente, fazendo vida solitaria, como antigamẽte faziaõ os Monjes do Egypto, & Thebas. Os mais Religiosos estão no Conuento occupados no Coro, estudo, confissões, prêgações, & no mais, q̃ a santa obediençia lhes manda. E neste modo de proceder não escolhe cadahum a vida que deseja, antes pera que os exerciçios sejaõ mais meritorios, saõ tomados polla obediencia, da maneira seguinte. Todos os annos fazem Capitulo neste Mosteiro, & nelle elegem com muita igualdade os que haõ de assistir aquelle anno no hospital, guardando a vida actiua, como Martha, & os que hande ir à contemplatiua, ao hermo como Magdalena, pera que todos se exercitem, & participẽ de hũa & outra cousa, & os mais ficão no Conuento, seguindo as cõmunidades, onde tambem fazẽ suas penitencias mui grandes. De modo que o nome do Mosteiro, diz muito bem cõ o exercicio dosque nelle viuẽ, chamãdose casa de santos. Frãcisco Aluarez fallando dos Religiosos destas partes, diz que hũs delles trazem capas como os de S. Domingos.

Vida penitente destes religiosos.

¶ CAPITVLO IX.

¶ Da vida do beauenturado Fr. Thacleay Manoth, da Ordem de S. Domingos, Abexim de nação.

Os primeiros nouiços q̃ tomaraõ o habito no Conuento de Blurimanos das maos de F. Arghay (q̃ em lingoa Chaldea quer dizer Padre velho, porque este era o mais antigo, & Presidente dos que vieraõ de Roma) foy Fr. Thacleay Manoth, que quer dizer fruito Apostolico, ou planta

Primeiro nouiço.

ta fructifera, o qual era de mui nobre gêração. A sua mãy chamauaõ Sarra, & a seu pay Sacasab, que significa Graça de Deos, naturaes da cidade de Sceuah. Este Religioso floreceo em vida santa, & muitos milagres: resuscitou hum morto, deu vista a hum cego, pês a aleijados, ouuir a surdos, & falla a mudos: deitou o demonio fora de muitos corpos: mãdou ao demonio que seruisse sete annos aos frades, o que cũprio inteiramente, acarretando agoa, cortando lenha, & tangendo o sino. Foy aqui eleito Prior, & deitou o habito a muitos moços fidalgos, nobilissimos, & delles filhos de Reys. Teue tambem spirito de Prophecia. Sete vezes se disciplinaua cada dia, conforme ao numero das sete horas Canonicas. Nũca comeo carne, nem estando doente. A môr parte da noite gastaua em vigilia, & oraçaõ, na qual muitas vezes se arrebataua, & ficaua em extasi, & o mesmo quando dezia missa, & nella algũas vezes o viaõ leuãtado no ar. Conuerteo â Fè todo hum Reyno inteyro de Mouros, chamado Dalmuth, & edificou nelle Conuentos da Ordem de S. Domingos, & foy grande parte pera isso conuerterse o mesmo Rey, o qual elle baptizou. Foy o Senhor seruido de o leuar pera si depois de gouernar este Mosteiro muitos annos, auendo quarenta que recebera o habito.

Milagres de Fr. Tacleay.

Na hora de sua morte estauaõ os Religiosos ao redor de sua pobre cama, tristes, & desconsolados, chorando seu desemparo, os quaes elle consolou com mui amorosas palauras, dizendo: Mais rezaõ tẽdes de vos alegrar, pois vedes o fim de meus trabalhos, porque cõfio na misericordia de Deos, q̃ elles acabados se chegara o prĩcipio de meu descanso; & pois os Anjos & santos me estaõ esperãdo no ceo cõ alegria, naõ he rezaõ que vos celebreis minha morte com lagrimas, porq̃ ja nesta pobre cella vejo a Iesu Christo, & a sua sacratissima mãy, com muitos santos.

Morte de F. Tacl.

Ditas estas palauras, deu o spirito ao Senhor, & no mesmo instante foy chea a cella de marauilhoso cheyro, & ouuiraõse cantos, & musicas Angelicas. Socedeo seu ditoso trãsito na mesma noite da Resurreição do Senhor, do anno de 1366. posto que celebraõ sua festa naquellas partes a dezoito de

Agosto,

agosto. Como foi diuulgada sua morte concorreo logo ao Conuento muita gente, & cada hum trabalhaua por chegar primeiro a beijarlhe o habito, do quallhe romperão gran de parte, & leuarão por reliquias. Foi sepultado com muita pompa, & metido em hũa arca, da qual sepultura logo manou hũa fõte perenne de agoa clara, aqual daua saude adoentes de diuersas infirmidades. Quarenta dias depois de sua morte apareçeo a Fr. Philippe que lhe soçedeo no Priorado, & a Fr. Elsa, & lhes reuelou a muita gloria de que estaua gozando.

¶ CAPITVLO X.

¶ Da vida do bemauneturado Fr. Philippe, da Ordem de S. Domingos, Inquisidor geral, & martir, Abexìm.

Paramo, vbi sup. fol. 237. Razzi vbi sup. fol. 307.

FREY Philippe Inquisidor Gèral das terras do Abexîm foi filho de Glareaças Rey de Sceuah, hum dos sesenta Reys vassallos do Preste Ioaõ. Sendo de hum anno vestiraõlhe por deuação o habito de S. Domingos, & sendo ja de idade pera poder aprender, & estudar, pedio el Rei ao Prior de Blurimanos Fr. Tecleay Manoth o mandasse ensinar no seu Mosteiro, onde residio atè idade de vinte & hum annos, & tanto se affeiçoou ao habito, que com instancia o pedio & recebeo. Foy muy docto na liçaõ da sagrada escritura, & com ser de sãgue Real, & grã de letrado era mui humilde. Quando tomou ordẽs de missa era ja tão exercitado na oração & contẽplação, q̃ quando cantou missa noua se enleuou nella demaneira que se arrebatou, & leuantou no ar. Todo o tempo que lhe restaua do seguimento da communidade gastaua no estudo, ou na oração, & contẽplação. Dormia muy pouco, comia hũa sò ves no dia, era mui amigo de estar sò, & de guardar silençio, nunca depois de ser frade comeo carne, tomaua disciplina todos os dias, trazia çinta de ferro, & sendo taõ rigurosó pera consigo, era mui mauiozo pera os seus frades procurando sempre sua consolaçaõ: era mui caritatiuo pera os pobres.

Milagre do fogo.

¶ Sendo Prior apegouse o fogo na chumine da cozinha do conuento, & por algũas partes começaua ja de arder, mas

aço

acodindolhe o apagou somente cõ lhe fazer o sinal da Cruz, & andãdo a labareda muy acesa pollo dormitorio, onde elle tambem tinha sua cella, em todas pegou, & queimou algũa cousa, & somente na sua não tocou. Caminhando hum dia por hum lugar deserto, & leuando em sua companhia quasi trinta pessoas, não auia entre todas ellas quem leuasse alforge, & apertados da fome, comeẽçaraõ de murmurar do padre, dizendo que os leuaua a morrer por tal charneca, sem mandar leuar de comer. O santo Prior, que hia diante de todos enleuado em suas contemplações, soube por spirito do Senhor, que murmurauaõ delle sobre o comer, & logo se recorreo à sua costumada oração, & subitamente appareceo hũ Anjo do Senhor, que trouxe muito Mannà, de que comeraõ todos.

Rei adultero repredido.

¶ Hũ Rey vassallo do Preste Ioão, sendo casado, & tendo a molher viua, esquecido de sua saluação, & escandalo que daua a seus vassallos, casouse com outra. Vindo isto à noticia do Patriarcha, cõmunicou este negocio com o P. Fr. Philippe, q̃ era Inquisidor geral daquellas partes, & com outros Priores da mesma Ordẽ, Inquisidores daquellas Prouincias: & assentaraõ que secretamente amoestassem ao adultero Rey, que se emendasse & pois era Christão não cometesse publicamente taõ grande peccado. A qual amoestação se lhe fez: mas elle a tomou tão mal, que em lugar de se emendar, ficou peor, & perseuerou no mesmo mão estado em que estaua. Vendo o conselho da santa Inquisição q̃ não aproueytarão suas branduras, & bom cõmedimento que cõ elle tiueraõ, põdo os olhos em Deos, & lançado o temor fora, procederaõ contra elle juridicamente, & foy declarado por excõmungado. Tanto que o disseraõ à el Rey, bramia como leaõ, & cheyo de furor diabolico, se foy aõde estauaõ os Inquisidores fazendo mesa, & os mandou espancar, & lançar fora da casa do S. Officio: polla qual rezaõ mandaraõ os Inquisidores fixar excommunhão mayor cõtra elle, nas portas das igrejas, & da cidade, & juntamente puseraõ interdicto em todo o Reino, & sayraõse delle, & foraõse pera outro. Durou o interdicto tres annos,

Paramo. vbi sup.

Padecẽ polla fè os Inquisidores.

annos sem o Rey nunqua se querer emendar, & em todos elles nunqua choueo, nẽ se colheo fruito em todo a quelle Reino, & pereçeo muita gente â fome, & nem com tudo isso se quis o Rey emendar. Polla qual rezão o Patriarcha, & o Inquisidor Fr. Philippe ajuntarão hum exerçito, & apregoarão guerra contra o obstinado Rey, como cõtra quẽ sẽtia mal da fè. Vẽdose elle excomũgado & tão perseguido, appellou pera o Emperador Preste Ioaõ, allegando que o seu caso era ciuel, & por isso lhe pertençia conheçer delle. O Preste lhe reçebeo a appellação, & mandou çitar as partes que appareçessem diante delle em çerto tempo. O Patriarcha, & os Inquisidores appareçerão pessoalmente, & por parte do excõmungado appareçeo hum saçerdote chamado Samuel, a quem elle fez seu procurador, homem altiuo, & inquieto, & procedendose juridicamẽte no caso, pronunçiou el Rey sentença em fauor dos Inquisidores, mas nem com isso desistio Samuel da causa, queixandose que se vsara de muito rigor com hum Rey, & que os Inquisidores erão inquietadores da paz daquelle Reyno. Vẽdo os Inquisidores seu atreuimento, pronũçiaraõ huã temerosa sentença contra elle nesta forma. A lingoa de Iesu Christo, & dos seus Apostolos S. Pedro, & S. Paulo, & de toda a corte do Parayso te amaldiçõe a ti, & a teu Rey adultero. Com esta triste noua se foy logo Samuel, & cõtou ao Rey tudo o que passaua, & acrecentando peccado a peccado, administroulhe os Sacramentos, & dissellhe Missa, naõ obstante as censuras, cõ q̃ hũ & outro andauaõ ligados, & o interdicto, que estaua posto. Mas naõ lhe tardou muitos dias o castigo de Deos, porq̃ alem de se encher de lepra, lhe inchou o ventre em tanta maneira, q̃ arrebentou, como outro Iudas.

Estão aju izo diãte do Preste

Setença contra Samuel.

¶ Com a morte deste maldito Samuel ficou o pouo muĩ espantado, & vendo taõ admirauel, & justo castigo de Deos & as necessidades, q̃ padecia o Reino pollas culpas do Reĩ começaraõ inquietarse, & quererse leuãtar cõtra elle; o qual sabendo isto, & reçeando q̃ se lhe leuantasse o Reyno todo, fingio ter arrependimento de sua culpa, & mandou logo embaixado

bayxadores ao Patriarcha, & aos Inquisidores, pedindolhe com muita humildade, que se contentassem com os rigores que contra elle tinhaõ vsado, & pois ja confessaua sua culpa, lhe leuantassem o interdicto, & os Religiosos se tornassem seguramente pera seus Mostei ros, assi pera o absoluerem das censuras, como pera se quietar o Reino. Cuydando o Patriarcha, & Inquisidores que isto era pedido de coração contrito, & não fingido, vsaraõ com elle da misericordia que pedia, & tornandose os Religiosos pera seus Conuẽtos, entrarão na cidade, onde foraõ recebidos de todo o pouo com muita alegria, & principalmente o Padre Fr. Philippe, que em letras, zelo da fè, & santidade, era o principal de todos: ao qual recebeo el Rey com palauras asperas, & naõ podendo encubrir mais tempo, o odio q̃ lhe tinha, nem seu fingido arrependimento, leuado de hũa furia infernal, mandou aos soldados de sua guarda, que o despissem, & o açoutassem cruelmente, o que logo fizeraõ, deyxandoo quasi morto, & assi foy leuado pollos seus frades ao Conuento, & com muitos remedios q̃ lhe fizeraõ cõualeceo, & sarou.

Era amado de todos.

¶ Sabendo este maluado Rey, q̃ o P. F. Philippe estaua saõ, cheyo de sobeja ira se foy ao Conuento de Blurimanos, acõpanhado de sua guarda, & o mandou amarrar, & açoutar tanto, atè q̃ o matou. No mesmo instante que deu a alma a Deos (q̃ foy a 4. de Nouẽbro) se ouuiraõ musicas, & cantares Angelicos, & sayo logo do seu corpo suauissimo cheiro. Não ficou o sacrilego & homicida Rey sem particular castigo de Deos, nem seus ministros, por que no mesmo dia, saindose ao campo pera se recrear, estando o ceo muy sereno, & claro, subitamente se toldou o tempo, afuzilando com temerosos troões, & delles sayo hum espantoso rayo, que o abrasou, & a quantos com elle estauão. Por intercessaõ do seu seruo, & martyr Fr. Philippe fez nosso Sñor muitos milagres depois de sua morte, dando saude a muitos doentes, & liurando muytos endemoninhados, & resgatando catiuos.

morte do P. F. Philippe.

¶ CAPITVLO XI.

¶ Da vida do Bemauẽturado Frey Elsa, da Ordem de S. Domingos, Abexim de nação.

Naceo

Razzi vbi sup. fol. 314.

Aceo o bemauenturado Fr. Elsa na famosa cidade Sabbâ: seus pais eraõ nobilissimos, & muy deuotos Christaõs. Puseraõlhe nome Elsa, que em sua lingoa quer dizer Eliseu: & sendo de idade de seis annos o meteraõ no Cõuento de Blurimanos, peraque aprendendo as letras, aprendesse tambem os bõs custumes: o qual satisfazẽdose da vida santa dos Religiosos q̃ nelle auia tomou o habito no mesmo Cõuento, sendo ainda de pouca idade, & nella jejuaua muytas vezes, sem comer mais q̃ hũa vez ao dia, & algũs passaua sẽ cousa algũa. E por sua pureza de vida, & muy profunda humildade, ouuerão os frades dispensação pera elle tomar Ordẽs de Missa, não tendo mais q̃ 20. annos de idade. Como foy sacerdote o mandarão pera a cõpanhia dos q̃ se exercitauão na vida cõtẽplatiua, onde teue grandes raptos, & recebeo muy particulares fauores de Deos, & muitas vezes quando celebraua o viāo leuantado da terra, todo enleuado no Ceo. Por morte do Inquisidor Frey Philippe lhe socedeo nos officios de Prior, & Inquisidor, os quaes administrou com muita prudẽcia, & virtude. Custumaua muitas vezes depois de Matinas (q̃ dizia cõ seus frades à meya noite) meterse na agoa fria de hũa ribeira q̃ corria por dẽtro da sua cerca, & alli estaua em penitẽcia atè q̃ tangião à Prima. Tomaua cadadia sete disciplinas. Depois que foy Prior, o Preste Ioão o tomou por seu cõfessor: & hũ dia foy chamado por elle pera disputar cõ hũ hereje q̃ tinha preso: & antes q̃ fosse, se pos em oração, encõmendandose muito a Deos, pedindolhe q̃ o ajudasse a cõuẽcer aquelle inimigo de sua santa fè, & da Virgẽ nossa Senhora, pois não cria ser ella mãy de Deos; & tanto se enleuou na oração, & contemplação, que se leuantou no âr em rapto mais de hũa vara de medir.

Faz aspera penitẽcia.

¶ Tanto que chegou diante do Preste, trouxerão alli o blasfemo hereje, mui confiado em suas letras sophisticas: & o santo Inquisidor disputou cõ elle, & o cõfundio, & venceo diãte do Preste, & de toda sua Corte: mas nẽ cõ tudo isso se quis dar por vencido, nẽ abjurar sua heresia, ficando nella pertinas, polla qual rezão o Preste Ioão

Vẽce hũ herege ẽ disputa.

o mandou logo lançar aos leões famintos, os quaes o despedaçaraõ, & comeraõ. E porque aos maos nunqua faltaõ defensores, murmurouse muyto na Corte de taõ cruel sentença, & de praça diziaõ algũs maos homẽs, que se lançassem Frey Elsa aos leões, por mais santo que fosse, tambem seria despedaçado, & comido, & q̃ se o não matassem, entaõ veriaõ claramente ser verdadeyra sua doutrina, & falsa a do q̃ chamauão hereje. Soube o Preste desta murmuraçaõ, & pedio a seu confessor (de cuja virtude & santidade naõ duuidaua) q̃ por honra de Deos, & de sua sacratissima mãy, entrasse na cerca dos leões, pera que todos os murmuradores ficassẽ confundidos. Fez elle o que el Rey lhe pedia, por particular mouimento que pera isso teue do Spiritosanto, & encõmendandose a Deos, & fazendo o sinal da Cruz, chamando pollo nome de Iesu, & da virgem Maria nossa Senhora, entrou na casa dos leões, os quaes em o vendo se chegaraõ a elle, & o receberaõ cõ muita festa, & reuerencia, & se deitaraõ a seus pês, como se foraõ mansos cordeiros. Todos os q̃ viraõ este admirauel spectaculo derão muitas graças a Deos, & a sua santissima mãy, & tiueraõ dalli em diãte mui grande opinião da virtude, & santidade de seu seruo Fr. Elsa. Foi nosso Senhor seruido leuallo pera si em idade de setenta & quatro annos, auendo quarenta que era Prior, & Inquisidor, a qual morte elle conheceo hũ anno antes por diuina reuelação, & a disse, que foy em dia da Assumpção de nossa Senhora, em cujo transito não faltaraõ muitos milagres pera confirmação de sua santidade, & tambem em sua vida fez algũs: Resuscitou dous mortos a hõra, & gloria de Deos.

Entra no lago dos leões, sẽ receber dano.

Morte, & milagres de Fr. Elsa.

¶ CAPITVLO XII.

¶ Da vida do Beato Frey Samuel, da Ordem de S. Domingos, Abexim de nação.

Aceo o beato Frey Samuel na cidade Essumin, sojeita ao Imperio do Preste Ioão, seu pay se chamou Esteuão, & sua mãy Isabel, gente muy nobre, & deuota. Sendo Samuel de dezoito annos, recebeo o habito de S. Domĩgos da mão

Razzi vbi sup. fol. 319.

Vida penitente.

mão de Fr. Thacleay Manoth Prior de Blurimanos. Tanto que entrou na Religião, logo se exercitou por sua humildade nos officios mais bayxos da casa. Seruia na cozinha, acarretaua agoa, & varria o Conuento. Comia hũa sò vez no dia, & de hũa sò cousa. E muitos annos continuou esta vida no Mosteyro, mas depois desejando mais quietação, alcançou licença de seus Prelados (não mudando o habito) pera se ir recolher em hũ grande deserto com hum cõpanheyro, onde perseuerou em vida solitaria, fazendo muita penitencia, comendo heruas cruas perpetuamente. Dormia tão pouco, que algũas vezes ajuntaua as noites com os dias, orando em contemplação. No tempo dos frios se metia muytas vezes em hum rio atè a cinta, onde estaua em penitencia desde Matinas, atè hora de Terça, cantando Psalmos, & Hymnos ao Senhor. A cada hora Canonica tomaua hũa aspera disciplina. Ministrando hũa vez o santissimo Sacramẽto da Eucharistia a hũ doente, (estando ainda no Mosteyro) socedeo não o podẽdo o doente reter no estamago, vomitar as especies Sacramentaes no mesmo calix, q̃ o B. Samuel tinha na mão, & porque elle estaua ainda em jejum cõ proposito de dizer Missa, consumio as mesmas species cõ muita quietaçaõ, & deuação. Contentou a Deos tanto este acto de virtude, que lho mandou agardecer por hum Anjo.

Foy viuer ao deserto.

Caso estranho.

Comungaua da mão dos Anjos.

¶ Estando no hermo algũas vezes lhe trazia hum Anjo a sagrada cõmunhão, de cuja mão a recebia. Todas as feras d'aquelle hermo lhe obedecião, reconhecendo sua santidade: & particularmente hũ leão q̃ o visitaua a muitas vezes, & acõpanhaua. E sendolhe necessario algũas vezes passar o rio Nilo, queestaua perto d'alli, assentado no leão passaua da outra banda sem perigo algũ. Outra vez sendolhe necessario passar o mesmo rio, & não tendo em que o passar, fez o sinal da Cruz sobre as agoas, & passou por ellas à outra bãda, passeando como sobre terra firme. Tẽdo viuido neste hermo 40. annos, & determinando acabar nelle a vida, apareceolhe hum Anjo, & disselhe da parte de Deos, que se tornasse pera a sua patria, na qual edificaria hum Mosteyro, em

Passaua o Nilo sobre hum leão.

Passou porcima das agoas

Falauão os Anjos com elle

que

que receberia muytos filhos ſpirituaes, & logo ſe pos ao caminho, & fez hũ grande Moſteyro na ſua terra Eſſumin, onde pollo diſcurſo do tẽpo deytou o habito a quatrocentos nouiços. Daqui foy tirado, & feito Prior no Moſteiro de Blurimanos, deyxando neſte por Prior o companheiro que tiuera no hermo.

¶ Em hũa terra deſta Ethiopia auia hũa moça, a quem ſua ama chamaua muitas vezes cadella, & vendoſe ella muy affrontada com eſte nome, & ouuindo fallar dos milagres de Frey Samuel, com muyta deuação ſe encomendou a elle, poſto que era Gentia, pedindo lhe muito que a liuraſſe deſta affronta: & perſeuerando muitos dias neſta oração, foy leuada por hum Anjo ao Moſteyro do Padre Frey Samuel, & deyxoua dentro na igreja. Sabendo o Padre a cauſa de ſua vinda, & quem a trouxera de tão longe, logo a baptizou, & a fez receber em hum Moſteiro de Freyras da meſma Ordem, & lhe deitou o habito por ſuas mãos. Perſeuerou ella neſta Ordem atè a morte, em grãde pureza de vida, & ſantidade, & chamouſe Soror Arſenia.

Conuerſaõ de hũa Gentia.

Hum Mouro do Eſtreito de Meca nauegando pollo mar de Arabia, vendoſe ẽ hũa gran de tormenta, bradou por Mafamede, & vendo que lhe naõ ſocorria, chamou grandemente por Fr. Samuel, de quem ouuia contar muitas marauilhas & milagres. Subitamente lhe ventou proſpero vento, com q̃ fez ſua viagẽ: & lembrandoſe do beneficio que tinha recebido do ſanto, foy viſitar o ſeu ſepulchro (porque jà neſte tẽpo era fallecido) & foy noſſo Senhor ſeruido de o acabar de conuerter neſta Romaria, & baptizandoſe, perſeuerou na Fè atè a morte. Finalmente faleceo eſte beato Fr. Samuel cheyo de muitos annos de idade, & de muitos merecimentos, aos doze de Dezembro, no qual dia viraõ muitos Chriſtãos os ceos abertos, & a Ieſu Chriſto com ſeus ſantos leuar ſua alma pera a gloria, da qual noſſo Senhor por ſua infinita bondade, & miſericordia nos faça participantes. Amen.

Saluou hũ Mouro da tormenta.

Morte d' f. Samuel

¶ CAPITVLO XIII.

¶ Da vida, & martyrio do beato Fr. Thaclauareth da Ordem de S. Domingos, Abexim de nação.

 Naceo

Razzi vbi sup. fol. 324.

NAceo o deuoto Padre Frey Thaclauareth na Prouincia Sabbaîm. Foy filho de hum principal senhor Abexîm, & de hũa irmã do Preste Ioão, chamada Lena. Sendo de idade de oito annos foy entregue aos Religiosos de S. Domingos d'aquella Prouincia, pera que lhe lançassem o habito, & o criassem nelle, pera ser frade. Desque recebeo o habito, sendo desta idade, logo começou de se exercitar nos jejũs, orações, & abstinencias da Ordem, tanto que depois veyo a jejuar vinte annos continuos a paõ & agoa. Aprendeo com muita diligencia as letras, & nellas sayo muy douto. Era tambem muy prompto na obediencia, & tão humilde, que por força lhe fizeraõ tomar Ordẽs de Missa, achandose indigno de taõ grã dedignidade. E dizendo Missa, algũas vezes viraõ os Religiosos na hostia que leuantaua, a Christo nosso Senhor em figura de minino estando no Presepio, naõ tendo a hostia d'antes a tal figura. Alcançou licença pera se ir ao hermo, onde morou algũs annos, & nelle lhe aconteceo o caso seguinte.

Abstinẽcia do P. f. Thaclauaret.

Hum homem encontrou com outro seu inimigo em hum caminho, que hia pera o deserto, & saltando com elle o matou, & lhe comeo o coraçaõ, por satisfazer ao odio q̃ lhe tinha. Isto feito, foy seu caminho, & chegou â hermida onde residia o Padre Frey Thaclauareth, & depois de fazer oraçaõ, o Padre se veyo a elle, & o saudou, & juntamente o reprehendeo do maleficio que cometera no caminho, affeandolhe muyto o peccado que nisso fizera contra Deos, & seu proximo. Ficou o homicida taõ contrito com esta reprensaõ, que logo se lançou a seus pês, chorando muytas lagrimas, & pedindolhe que pois nosso Senhor lhe reuelara seu peccado, que elle cuydaua ser occulto, lhe alcançasse do mesmo Senhor perdaõ delle, porque lhe pesaua muyto de o ter offendido. Fez o santo oração por elle por espaço de quarẽta dias, & foilhe reuelado, q̃ a diuina Iustiça naõ permittia ficasse sem castigo tal peccado. Tornou o Religioso a continuar sua oraçaõ outros quarẽta dias, & no fim delles lhe appareceo Christo N.S. & lhe disse q̃ naõ rogasse por tal homẽ.

Tinhã spirito de profecia.

Respõdeolhe o Religioso: Ah Senhor, lembreuos que fostes crucificado, & morto pollos peccadores, naõ desprezeis aoraçaõ deste humilde penitente, & contrito, nem eu cessarey, nem me apartarei daqui atè que lhe perdoeis, & tornou a insistir na mesma oração outros quarenta dias: no fim dos quaes lhe foy reuelado, que o Senhor lhe perdoaua sua culpa. Em todos estes cento & vinte dias perseuerou este homicida neste hermo chorando, & orando, & comendo somente heruas cruas: & como teue alcançado perdão de seu peccado, pedio ao Padre que lhe lançasse o habito, em o qual fez profissaõ, & nelle perseuerou atè a morte com muyta aspereza, & mostras de santidade.

Alcãçou perdão a hũ peccador.

¶ Indo hum dia este Padre por hum caminho deste deserto, appareceolhe Christo nosso Senhor em figura de pobre, & pediolhe esmola. Respondeolhe o Padre, que naõ tinha ao presente que lhe dar, mas se quisesse ir atè a sua hermida partiria com elle da pobre refeyção que tinha. Christo nosso Senhor lhe respondeo; Como poderei ir comtigo, se ves que estou fraco, & doente? Tornoulhe o Padre a dizer: Não te canses, que eu te leuarei. E chegandose a elle, o tomou ás costas, & começou a caminhar pera a sua hermida: & tendo jà caminhado hum pedaço, pediolhe o pobre que o pusesse no chão: o Padre o fez logo, & nisto desapareceo o pobre, ficando elle muyto consolado por hũa parte, & polla outra magoado de não conhecer a Christo, quando o tinha em seus braços.

Aparece lhe Christo.

¶ Estando ainda no Conuento, faltou o paõ em hum dia de Pascoa pera comerem os Religiosos, & sabendoo elle, se pos em oração, na qual lhe appareceo hũ Anjo, & lhe apresentou hũa vasilha cheya de Mannâ, do qual comeraõ todos, & celebraraõ a festa da Pascoa com muita alegria, dando muitas graças a Deos, por lhe dar manjar do ceo.

hũ Anjo lhe dà pá do ceo.

¶ Pouco tempo antes de sua morte, lhe appareceo Christo nosso Senhor, & lhe disse, que fosse prêgar o Euangelho a hum Reyno vezinho da sua hermida, reuelãdolhe que nelle auia de ser martyrizado. O bemauenturado Padre fez logo o que o Senhor lhe mãdou.

Reuelação de Deos.

E prêgando neste Reyno fez grande fruito nas almas com sua doutrina,& exemplo. Soccedeo pollo tempo em diante, q̃ dando a cõmunhão hum dia â Raynha daquella terra debayxo d'ambas as especies de paõ &vinho, como he custume naquellas partes, depois de lhe dar o corpo do Senhor, querendolhe dar o sangue com o calix, a Raynha deixou cayr os cabellos dentro de proposito, de modo que se lhe molharaõ no sangue, molhando jũtamente o rosto com elles. Vendo o Religioso sua desenuoltura, mouido de zelo, & honra de Deos, cortoulhe cõ hũa tesoura todos os cabellos que tocarão no sangue, & rapoulhe a testa, que tinha molhada, com hum caniuete, & meteo tudo dentro no sacrario. Tornando a Raynha pera sua casa, queyxouse a elRey com muitas lagrimas da afronta que lhe o Padre fizera, de que elle ficou muy indignado: & cheyo de furia infernal se foy ao Mosteiro, & depois de tratar o Padre muito mal de palauras afrontosas, lhe mandou dar tanta pancada, atè que o matou: & desta maneira deu o spirito a Deos, & o malauenturado, & homicida Rey foy morto cõ hum rayo do ceo, que o abrasou dahi a poucos dias.

Zelo de F. Thlacauareth

morte de Fr. Thlacauareth

¶ CAPITVLO XIIII.

¶ Do beato Fr. Andre da Ordem de S. Domingos, martyr, & Abexim de nação.

NAceo o bemauenturado Fr. Andre na cidade Sceuah, foi sobrinho de hũ Preste Ioão. Logo de pequeno deu claros sinaes do muito que o Sñor auia de obrar nelle pollo discurso de sua vida, & ditosa morte. Folgaua muito de ouuir fallar de Deos, era inclinado a fazer obras de misericordia. Sendo de vinte annos tomou o habito da Ordem de S. Domingos da mão do bẽauenturado martyr Fr. Philippe, sẽdo Prior de Blurimanos: foy muy obseruante, & puntual na guarda de todas as ceremonias da Ordem, muy abstinẽte no comer, & beber. Em algũas Quaresmas jejuou, sem comer toda a somana mais que ao Domingo. Celebraua com muita deuação de spirito. Prêgaua com muita graça, porque era grande Rhetorico, & muy douto. Foy eleito em Prior de Blu-

Marauilhosa vida do P. F. Andre

Blurimanos, & socedeo a Fr. Elsa, asi no Priorado, como no officio de Inquisidor, & am bos administrou com grande inteireza, & exemplo de sua vi da. Sẽdo Prior, & faltandolhe hum dia o pão pera jantarem os Religiosos (q̃ erão muitos) elle cheyo de fè, & de confian ça, mandou que se assentassem todos à mesa, & do pão q̃ auia fez pera cadahũ sua fatia mui to delgada, demodo que abran gesse a todos, & postas na me sa, leuantou os olhos ao ceo, & benzeo o pão, & comendo to dos delle ficarão muy satisfey tos, & sobejou muito pão, que derão aos pobres. Outra vez cõuerteo a agoa em muito bõ vinho. Veyo à sua noticia que hum Rey Christão mais de no me que de obras, com grande perjuyzo de sua conciencia, & escandalo do pouo, tinha duas molheres, & porque este era do districto de sua jurdição, foy ao seu paço, & com muita man sidão, & comedimento, lhe es tranhou em segredo aquelle peccado tão feo, & tão publi co: & não se emendando com esta amoestação, tornou outra & muitas vezes a amoestallo, & quando vio que nada apro ueitaua com sua brandura, & secretos auisos, então o repren deo com muita seueridade pu blicamente. Sintio el Rey mui to esta reprehẽsaõ, & mandou a hum dos que presentes esta uão que o matasse, & querendo o sacrilego ministro obedecer a tão peruerso mandado, leuã tou o braço com a espada nua pera o matar, mas por juizo de Deos o braço lhe cahio com a espada no chão, como se alguẽ lho decepara. Vendose o mi serauel sem braço, deytouse aos pês do santo, pedindolhe perdaõ de seu atreuimento. O santo lhe ajuntou o braço ao hombro com suas maõs, & fa zẽdo oraçaõ por elle, sarou mi lagrosamente, & ficou saõ co mo dantes: mas não faltou ou tro ministro de Satanas, q̃ (por fazer a võtade ao Rey) leuou de hũa espada, & fendeo a ca beça ao bemauenturado Frey Andre, da qual ferida logo ca hio morto, & na terra em que sua cabeça tocou em caindo, se abrio hũa fonte de mui cla ra, & gostosa agoa, na qual la uandose muitos doentes, sara raõ de suas infirmidades, & fez nosso Senhor, por elle outros muitos mi lagres.

Acrecentou miraculosamente o paõ.

Conuerteo agoa ẽ vinho.

Castigo de Deos.

milagres

morte do P. F. Andre.

Cap.

¶ CAPITVLO XV.

¶ Da vida da gloriosa santa Clara, Freira da Ordem de S. Domingos, Abexim de nação.

As terras do Abexîm ouue hum Rei sojeyto ao Preste Ioão, mui Catholico, & bom Christão, chamado Scioasaflam, ao qual naceo hũa filha na cidade Sceuah, muyto fermosa: a qual foy chamada Zemedemarea, q̃ em nossa lingoagem quer dizer Clara, & bem disse sua santa vida cõ seu nome, & fermosura, porq̃ foy muy clara & fermosa em sua alma. Logo de pequena se afeiçoou aos santos que guardaraõ limpeza virginal, & mouida com seu exemplo, determinou conseruar sua pureza, pois tanto agradaua a Deos. Este proposito teue muyto tempo encuberto, por seu pay, & mãy o não saberem: porque (como elles naõ tinhaõ outro filho, nem herdeiro do Reino) temia que a obrigassem a casar por força, & por este respeito pedia muito a Deos que a ajudasse. Sendo ja de idade que se começaua de publicar sua estremada fermosura, & virtude, mandou hum Rey pedilla por molher a seu pay, pera hum filho que tinha, vnico herdeyro de seu estado. Aceitou o pay a embaixada com muito contentamento, & pera lhe dar reposta, perguntou â filha se estaua alegre de tal casamento? A qual cheya de diuino spirito, respondeo, q̃ ella tinha offerecido sua virgindade a Deos, Rey dos Reys, & esposo das santas virgẽs, & naõ auia de receber outro. Ficou o pay muy turbado cõ tal reposta, & determinou tiralla deste proposito, louuãdolhe o estado do matrimonio, que fora instituydo por Deos no parayso terreal, & que era hum dos sete Sacramentos da Igreja. A estas rezões esteue a Princesa muy attenta, & com humildade respõdeo: Bem sey que o estado dos casados he santo, & bom, com tudo a pureza virginal, amada & louuada pollo mesmo Deos he muito milhor: por tanto rogo muito a vossa Alteza me naõ queira apartar deste santo proposito que tenho. Por entaõ naõ quis o pay apertar mais cõ ella, determinando fazello outro dia.

Clara engeita o casamento.

¶ Considerando a discreta virgem, que seu pay naõ auia de cessar de a importunar cada

dia,

dia com o casamento, & q̃ naõ estaua segura no seu paço, determinou fugir. E encomendandose a Deos cõ muita deuaçaõ, & fazẽdo o sinal da cruz, se sayo do paço, & cidade hũa noite, & caminhou pera onde o spirito a guiaua, atè chegar a hum rio mui caudeloso, chamado Gũmarra, onde parou pollo naõ poder passar: & estando aqui o dia seguinte, sem saber o que fizesse, virou os olhos pera o caminho por onde viera, porque sentio tropel de gente de cauallo, & vio vir algũs criados de seu pay, que lhe vinhaõ no alcance, porque tanto que se ella achou menos no paço, logo seu pay mandou por diuersas estradas gente de cauallo polla posta, que a fossem buscar, & a trouxessem. Vendose a virgem neste aperto, tendo por diante o rio, que naõ podia passar, & por detras os caualleiros pera a prenderem, leuantou os olhos ao ceo, & com lagrimas pedio a seu esposo Iesu que a fauorecesse nesta necessidade. Naõ tardou elle cõ sua ajuda, porque subitamente se apartaraõ as agoas (como antiguamẽte fizeraõ as do mar Roxo, pera passarem os filhos de Israel) & deraõ caminho â menina afflicta: a qual fazẽdo o sinal da Cruz, passou o rio a pê enxuto â outra banda, & elle se tornou logo a seu custumado curso. Vendo os caualleyros (que jà estauaõ perto) taõ grande milagre, & naõ se atreuendo a passar o rio, tornaraõse pera o paço, & contaraõ a elRey o que passaua: o qual entendendo que era vontade de Deos o que sua filha fazia, quietou, particularmente quando lhe disseraõ que hia aõ Mõsteyro de Blurimanos, buscar o grãde seruo de Deos Fr. Thacleay Manoth.

Foge de casa do pay.

Diuidese as agoas, & dãolhe passagẽ.

¶ Depois que a menina se vio fora deste perigo, deu muitas graças a Deos, & foy continuando seu caminho pera o Cõuento de Blurimanos, aonde o Spiritosanto a guiaua, & antes que là chegasse, appareceo o Anjo do Sñor ao Prior, & dissellhe como aquella Princesa fugira de casa de seu pay, & o hia buscar, pera lhe pedir o habito do Mosteyro das freiras de Bedenâgli, & que elle lho desse, porque esta era a võtade de Deos. Não tardou muito em chegar a deuota donzella, & entrando na igreja mandou chamar o Prior, & descobriolhe sua tenção, & cuja filha

Aparece o Anjo ao Prior.

Chega a Blurimanos.

lha era. Louuoulhe o Prior seu santo proposito, animandoa, & consolandoa: & com tudo pos lhe diante os rigores da Ordẽ, & as obrigações que sobre si queria tomar, & achãdoa muy determinada em leuar ao fim seu intento, a mandou leuar ao Conuento das Freiras de Bedenâgli, que era dalli meya legoa, & foy o primeiro que se edificou naquellas partes, por industria de Soror Imâta, de quem atras fiz mẽçaõ, ao qual vaõ todos os dias çertos frades de Blurimanos pera dizerem missa, & tornãose a jantar ao mesmo Mosteiro. Saõ estas Religiosas muy obseruantes, & recolhidas, & mui veneradas de todos.

Cõuẽto de freiras

cap. 1.

¶ Neste Conuento lançarão o habito à Princesa Clara, & logo começou de seruir a Deos, não como menina de pouca idade, senão como hum antigo padre do hermo. Foyse custumando a jejuar, tãto que veyo a não comer mais que ao Domingo heruas cozidas, & isto continuou por espaço de cincoenta annos, que viueo na Ordem. Dormia muito pouco, porque o mais do tempo gastaua em oração. Fezlhe o demonio muitas perrarias, & apa recialhe em diuersas figuras, mas fazẽdolhe o sinal da Cruz logo desaparecia. Por outra parte recebia muitos fauores, & consolações do ceo. Estando hum dia contemplando na Paixão de Christo, teue grandissimo desejo de ver os lugares sagrados de Hierusalem. Fezlhe seu diuino esposo a võtade, & foy arrebatada em spirito, & visitou aquelles lugares santos com muita consolação de sua alma. Isto mesmo lhe acõteceo outras vezes, porque de ordinario se enleuaua na oração. Algũas vezes lhe trazião os Anjos pão, & mannâ que comia, & de suas mãos recebia muitas vezes o santissimo Sacramento. Teue dom de prophecia, & graça de conhecer os pensamentos. Querendo seu pay fazer hũa guerra aos Mouros, escreueolhe ella que desse batalha, porq̃ sem duuida alcançaria hũa grande victoria, como alcançou, o que tudo soube por hum Anjo que lho reuelou. Dahi a tempos tornou seu pay a dar outra batalha, & ficou catiuo em poder dos Mouros, & foy cometido que deyxasse a Fè, mas elle o não quis fazer, polla qual rezão foy morto. E tudo isto vio sua

Toma o habito Clara.

Faz aspera penitẽcia.

Fauores q̃ recebe de Deos.

Reuelações que tem

ſua filha em ſpirito, & que os Anjos leuauão ſua alma ao ceo com grande alegria: & tornando em ſi deſta reuelação, em que eſtaua enleuada, deu conta de tudo o que vira a ſeu confeſſor com grande alegria de ſeu coração.

¶ Chegandoſe jà o fim de ſua penitente, & innocente vida, adoeceo grauemente, & pedio com muita inſtancia os Sacramentos, & depois de os receber mui deuotamente, acompanhada de Anjos, ſe foy ao ceo, aos treze dias de Iulho, auendo cincoenta annos que recebera o habito. Foy muytos annos Prioreſſa do ſeu Moſteyro. Na hora de ſeu falecimento ouuiraõ as Freyras hũa voz que dizia: Vem eſpoſa minha, entra no thalamo de teu celeſtial eſpoſo. E algũas dellas viraõ ſua alma ſer leuada ao ceo em companhia de muytos Anjos.

Morte d' Clara virgem

¶ Temos viſto quantas marauilhas Deos obrou pollos Religioſos do Padre S. Domingos, na Chriſtandade que fizeraõ nas terras do Abexîm: dos quaes trata Serafino Razzi, & Luis de Paramo, como tenho dito. E não duuido que aja ainda nas meſmas terras Religioſos deſta ſagrada Ordem, tão penitentes, & ſeruos de Deos, como eſtes forão: pois ha muyta probabilidade que viuem, & reſidem nellas, não ſomente nos Conuẽtos de Blurimanos & de Alleluya, que elles fundaraõ, como fica dito, pois temos noticia de eſtarem ainda em pè, & pouoados de Religioſos, mas tambẽ em outras Prouincias deſte Abexîm, conforme à informação que me deu deſtas terras Hieronymo Cherubim, de quem já faley: o qual me affirmou, que na ilha Siene ſituada no rio Nilo, onde elle eſteue, auia Conuentos, & Religioſos de S. Domingos, o q̃ ſabia, por lhe ver trazer o ſeu habito. Iſto confirma, & verifica o Padre Franciſco Aluares no liuro que fez do Preſte Ioaõ: dizendo que naquellas terras auia muitos Frades, & que hũs delles traziaõ capas como as que trazem os Religioſos de S. Domingos. E não dís mais delles. E por aqui concluamos cõ os Religioſos do Abexîm, & falemos daqui por diante dos que paſſaraõ â India antes que foſſe deſcuberta pollos Portugueſes.

Vbi ſupra.

Franciſco Alu. cap. 40. & 66.

1. parte li. 4. cap. 1.

Cap. 29.

¶ CAPITVLO XVI.

¶ *Dos primeiros Religiosos que passarão â India Oriental, antes que fosse descuberta pollos Portugueses, & do martyrio que nella receberão.*

O Primeiro Religioso da Ordẽ dos Prêgadores, que passou â India Oriental, antes q̃ fosse descuberta pollos Portugueses, foy o Padre Frey Iordaõ, prêgador muy docto, em cuja companhia foraõ juntamente quatro Religiosos da Ordem dos Menores, como largamente conta o Padre Frey Marcos na Chronica de S. Francisco: cujos nomes saõ Frey Thomas de Tolentino, Fr. Iacome de Padua sacerdotes: Frey Demetrio, & Fr. Pedro, irmaõs leygos. Os quaes no anno do Senhor de 1320. passaraõ ao Reyno da Persia, a hũa cidade principal chamada Tauris, com desejo de prêgar a fè de Christo nosso Senhor aos Mouros, & Gentios daquellas partes, & receber martyrio por ella. E não lhe socedendo alli como elles desejauão, foraõ demandar a Ilha de Ormuz, com determinação de passar à igreja de S. Thome Apostolo, situada na costa de Charamandel, em a cidade Moleâpor, que por outro nome se chama Salamina, pera o que se embarcaraõ em hũa nao de Mouros, que fazia sua viagem pera a dita costa. Mas socedendolhe os ventos contrarios, forão tomar o porto da ilha de Tanâ, que està jũto da terra firme da India, entre as cidades de Baçaîm, & de Chaul: na qual ilha estaua hũa cidade pouoada de Mouros, & Gentios vassallos do Soldão da Persia, cujo gouernador então era hum Mouro chamado Melique, & Cassis mayor outro chamado Cadî, o qual era como Bispo dos Mouros.

Liu. 7. c. 85.

Embarcãse em Ormuz pera S. Thome.

¶ Tanto que a nao lançou anchora no porto da ilha, desembarcarãose os Religiosos, & foraõ pousar em casa de hũ Nestoriano, que viuia na mesma ilha casado, & fora alli ter da Persia, com outros mercadores Nestorianos, os quaes ainda que professaõ a ley de Christo, tem muitos erros nella. Nesta casa estiueraõ oito dias, nos quaes os Nestorianos lhe pediraõ muito, que algum delles quisesse passar â terra firme, a hũa cidade que nella estaua, chamada Parroch, onde

auia muitos Nestorianos, que não tinhão da ley de Christo, mais que o nome, porque nem se baptizauão, nẽ fazião obras de Christãos, pera que lhe prêgasse, & os instruisse na Fê, & baptizasse. E por conselho de todos foy o P. Fr. Iordão a esta empresa, porque sabia muyto bem a lingoa da Persia, & leuou consigo dous daquelles Nestorianos, que sabião muyto bem a lingoa da India, tomando occasião do q̃ estes lhe offerecião, pera ir prêgar a verdadeira ley de Christo nosso Senhor, & apartallos da falsa seita de Nestorio, em que foraõ criados. Entrando pois em hũa barca, chegaraõ à cidade Parroch, onde o Padre prêgou & baptizou muitos. Mas depois de estar alli dezaseis dias foy auisado pollos mesmos Christaõs, que se escondesse, & fugisse, porque os quatro Religiosos seus cõpanheiros eraõ presos na ilha de Tanâ, onde ficarão. Ao que o Padre Fr. Iordão respõdeo: Nũca Deos queira q̃ eu fuja, & deixe meus companheiros presos. E logo no seguinte dia se tornou pera a ilha de Tanâ, onde achou q̃ os Religiosos seus companheiros eraõ martyrizados polla fè de Christo dous dias depois que delles se apartou, & que foraõ mortos por mandado de Melique Gouernador da cidade, mais à requerimẽto do Cassis Cadî, que por sua vontade, por lhe parecerem os ditos Religiosos innocẽtes, & santos. Cujos corpos forão lançados em hum campo, sem auer quẽ ousasse enterrallos com medo dos Mouros. No qual estiueraõ catorze dias, & no fim delles chegou o Padre Fr. Iordão & os enterrou no mesmo lugar com muito sentimento de perder seus companheiros, & com veneração daquellas reliquias, poys não duuidaua que as almas q̃ naquelles corpos moraraõ, estarião no ceo gozando da vista de Deos, premio de seus trabalhos, & martyrio. Todo o sucesso do martyrio destes Religiosos escreueo o Padre Frey Iordão, & diuulgou estas nouas por todas as partes que pode, pera quẽ se soubesse da beauenturada morte destes seus companheyros, & os Christaõs louuassem a Deos em seus santos.

O P. Fr. Iordão prêgou, & baptizou em Parroch.

Martyrio de 4. Frades menores

¶ Depois que o Padre Fr. Iordão enterrou os corpos destes martyres, deixouse ficar na ilha de Tanâ, onde esteue mui

to tempo sem o Melique lhe fazer mal algum, nem consentir que lho fizessem, porq̃ via nelle marauilhosos sinaes de santidade, & sabia que tinha rendido os corações dos moradores da ilha Gentios, pollas excellẽtes obras que entre elles fazia, dando vista a cegos, pês a coxos, & saude a enfermos, per onde era de todos muy estimado, & venerado, & o mesmo Melique lhe tinha muyto respeito. As quaes cousas não podião soffrer os Mouros da ilha, particularmente o Casis Cadî, & outro Mouro nobre grande inimigo dos Christãos chamado Oseph, antes muitas vezes persuadião o Gouernador, que mandasse matar aquelle Casis Christaõ por honra de Mafamede, porque se o não mataua, muitos Mouros, & Gẽtios se auiaõ de fazer Christaõs, polla prêgaçaõ, & milagres que obraua. Polla mesma rezaõ lhe respõdia o Melique que o naõ auia de matar, pois elles confessauaõ que o Padre fazia boas obras, & que tal homẽ naõ merecia morte, senaõ ser muito estimado, & venerado, & desta maneyra se liuraua dos queyxumes, que cada dia os Mouros lhe fazião.

milagres do P. F. Iordão.

¶ CAPITVLO XVII.

¶ Do martyrio do Padre Fr. Iordaõ, da Ordem dos Prêgadores, & da imagem que os Gentios lhe fizeraõ na ilha de Tanâ, & como foy achada.

Endo o Casis Cadî, & os mais Casizes, que o Padre Fr. Iordão continuaua cõ sua prêgação, & conuertia muitos Gentios à fê de Christo, foraõse a casa do Gouernador, como cães rayuosos clamando com grandes queyxas, entre as quaes a principal que fazião do Padre, era, q̃ blasfemaua de Mafamede, abominando sua Seita, & que os afrontaua a todos, & que tudo isto fazia com fauor de Melique, pois o consentia, & não permittia que o castigassẽ polla soltura de suas palauras; & que por causa d'elle Gouernador ficaua a ley de Mafamede muy abatida naquella ilha. E tantas cousas destas lhe disseraõ, que o dobraraõ, & de importunado deu licença a Cadî que o castigasse, & fartasse jà sua vontade: o que fez mais constrangido de medo de o accusarem a elRey, que por sua vontade, porque era bem inclinado,

Accusações dos Mouros

nado, & amigo do Padre. O Cadî, que outra cousa não desejaua, tanto que teue licença do Gouernador, ajuntou grande numero de Mouros, & deu em casa do padre Fr. Iordão, & alli lhe derão muitos couces, & bofetadas, & lhe atarão hũa corda ao pescoço, & o leuarão arrasto atè o campo, onde o acabarão de matar cõ pedradas. A qual morte o glorioso Martyr desejaua muyto padecer por Iesu Christo nosso Saluador, a quem tanto amaua & seruia. E quãdo vio sua hora chegada, a recebeo cõ mayor gosto, que o que tinhão os carniceiros lobos, que lha dauão, porque com ella esperaua alcançar a vida eterna, & a vista daquelle Senhor, por quem morria.

Martyrio do P. Fr. Iordão.

¶ A gente popular da ilha, particularmente os Gentios, sentirão muito a morte do seu santo padre, de quem tinhão recebido tão boas obras. Pollo qual respeyto lhe fizerão hũa imagem de pao, de comprimẽto de hũ palmo, tirada pollo natural do mesmo padre, vestida com seu habito cõ as mãos debaixo do escapulario, & o capello posto atè o meyo da cabeça, como ordinariamẽte andaua sendo viuo, & puserão esta imagem entre os seus santos, no seu Pagode, que he a sua igreja, onde o tinhão, & venerauão por santo. Este Pagode pollo tempo adiante arruinou & cayo, como outros muitos fizerão depois da entrada dos Portugueses na India, sẽ auer quem mais os leuantasse. Pollo que ficou esta imagẽ enterrada debaixo das pedras, & caliça muitos annos. Soccedeo depois correndo os tempos, q̃ hum Antonio de Sousa, & sua molher Dona Maria Pereira, fidalgos nobres, & honrados, moradores na ilha de Tanà, vierão a possuir esta aldea, onde estaua o Pagode, que dissemos do qual estauão ainda leuantados hũs pedaços de paredes velhas: onde querendo elles fazer hũas casas pera recolhimẽto da sua gente, & da fabrica daquella aldea, mãdarão tirar de dentro toda a pedra, & caliça, & alimpar o vão da casa, & indo cauando, forão dar cõ a imagem de hum frade de S. Domingos, que alli estaua enterrada, a qual era de pao muy aluo, a que os naturaes da terra chamão pao Euo. Esta imagem era de feytio muyto primo, & tinha o rosto muito fermoso,

Imagem do P. Fr. Iordão.

Achase a imagẽ do P. Fr Iordão.

moſo, liſo, & limpo, como ſe âquella hora fora enterrada, auendo muitos annos que alli eſtaua. O que não carece de grande miſterio

¶ O caſo pos em grãde admiraçaõ os ſñores da terra, & os mais q̃ preſentes ſe acharaõ vẽdo hũa imagẽ de Religioſo de S. Domingos enterrada ẽ hũs pardieiros tão antigos em terra de Gentios, taõ diſtante de Chriſtaõs, & Religioſos. Pollo que mandaraõ logo chamar os Gẽtios antigos daq̃lla ilha, & perguntaraõlhe q̃ memoria tinhão d'aquellas ruinas, & que imagem era aquella, que alli acharaõ enterrada: os quaes responderaõ, que naquelle lugar ouue antiguamente hum Pagode de ſeus antepaſſados, & aquella imagem era de hum homem ſanto, que fora antigamente ter âquella ilha, & andaua veſtido com habito branco, & cappa preta, & que fizera naquella terra muitos milagres, & fora morto pollo Caſſis della, que era Mouro, contra vontade de todo o pouo, que o veneraua, & tinha por ſanto; & contaraõ toda a mais hiſtoria acima referida, que dizião ter ouuido a ſeus antepaſſados.

¶ Eſta imagem guardou aquella nobre fidalga dona Maria Pereira, & a tinha muito venerada. Socedeo que dahi a algũs annos foy ter â ilha de Tanâ o padre Frey Aleyxo de Setuual, Prior que entaõ era de S. Domingos de Chaul, padre velho de muita authoridade, & verdade, & pouſando em caſa do dito Antonio de Souſa, de quem era muito amigo, vieraõlhe a contar a hiſtoria da imagem que tinhão achado no Pagode dos Gentios, relatandolhe tudo como fica dito. E o padre lhe pedio muito, que lhe moſtraſſẽ a imagem: & dona Maria Pereira a foy tirar de hum caixão, onde a tinha guardada, & muy eſtimada, & a deu ao padre. O qual depois de a ter em ſeu poder, lhe pedio muyto que lha deſſem, pera a leuar ao ſeu Conuento de Chaul. E os ditos ſenhores o ouuerão por bem, poſto q̃ moſtraraõ muyto ſentimento de atirarẽ de ſi, & ficarẽ ſem ella O padre a leuou conſigo a Chaul, onde a teue ſempre muy eſtimada, & venerada.

O P. Fr. Aleyxo trouxe eſta imagẽ pera Chaul.

¶ Demaneira, q̃ os Religioſos deſtas duas Ordens foraõ os primeiros que paſſaraõ â India Oriẽtal, & a regaraõ com ſeu

Os Religioſos d̃ S. Domĩgos, & S. Frãciſco primeyros que foraõ â India.

seu sangue derramado polla fè de Iesu Christo, que confessauão, & prêgauão, o qual da terra estaua dando brados ao Ceo, não como o sangue de Abel polla vingança de Cain, nẽ como o sãgue do sacerdote Zacharias pollo castigo & destruiçaõ de Hierusalẽ, senão â imitaçaõ do precioso sangue daquelle innocentissimo cordeiro, q̃ da Cruz estaua bradando ao Padre eterno perdoasse âquelles q̃ tão cruelmente lhe tirauão a vida: assi o sãgue destes santos Martyres semeado por esta terra da India, bradaua, & pedia q̃ viesse a lume o fruito de sua sementeira, q̃ era ficar o conhecimento da Fè, porq̃ fora derramado, impresso nos corações daquella Gentilidade, que de tão longe foraõ buscar, pera lhe ensinar o caminho da verdade. Cujos brados naõ foraõ frustrados, ãtes ouuidos do piedoso Deos, que foy seruido, & quis que nacesse, & se criasse nestas mesmas terras hũa grandissima Christãdade como agora esta, porque sẽdo Tanâ hũa pouoação pequena, tem Religiosos de S. Francisco, de S. Agostinho, da Companhia, & de S. Domingos, aos quaes a Camara deu chaõ, & o pouo esmolas com que tem feito hũa igreja da inuocação de nossa Senhora do Rosario, & hum Conuento competente, onde viuem os nossos Religiosos. O que tudo se pode attribuir aos merecimentos destes santos Martyres, primeiros fundadores daquella Christandade, pois vemos, q̃ os mais Religiosos & Christãos, q̃ depois delles foraõ a estas partes, hoje as vaõ possuindo, & logrãdose do fruito de seu Martyrio. De maneira q̃ temos visto como os Religiosos de S. Domĩgos foraõ prêgar o S. Euangelho âs partes Orientaes, muito tẽpo antes que a viagem da India fosse descuberta pollos Portuguezes, indo hũs a Tartaria, outros pera Armenia, outros pera o Abexîm, & estes vltimos pera a India, como tenho dito. Resta agora falar dos Religiosos q̃ foraõ a este Oriente depois que foi descuberto pollos Portuguezes: o que farey breuemente no liuro q̃ se segue.

Gene. 4.

2. Paral. capi. 24.

Luc. 23.

¶ FIM DO PRIMEIRO LIVRO.

LIVRO SEGVNDO, DE VARIA HISTORIA, DA CHRISTANDADE ORIENTAL.

No qual se dà hũa breue relação de algũs Religiosos insignes em virtude, & letras, da Ordem dos Prêgadores, que passaraõ âs partes Orientaes, depois que foraõ descubertas pollos Portugueses, & das mortes gloriosas, que algũs delles receberaõ da mão dos infieis polla fè de IESV Christo nosso Saluador, que prêgauão, andando occupados no ministerio da Christandade.

¶ CAPIT. PRIMEIRO,

¶ Dos primeiros Religiosos da Ordẽ dos Prêgadores, que passaraõ â India Oriental, depois de descuberta pollos Portugueses.

Anto q̃ el Rey D. Manoel descubrio as Indias Oriẽtaes, logo se começou a accender nos corações dos Religiosos deste Reyno de Portugal, & particularmente nos da Ordẽ do glorioso Patriarcha S. Domingos, hũa feruente charidade, & zelo de saluar as almas daquelles q̃ nouamẽte estauaõ cõquistados nos corpos, & nas terras, imitãdo nisto, como verdadeiros filhos, a seu Padre S. Domingos, que continuamẽte andaua ardẽdo em zelo da saluação das almas. Pollo q̃ se offerecerão logo a esta noua empresa muytos Religiosos da mesma Ordẽ, deixando a quietação de suas cellas, desnaturãdose de suas patrias, parentes, & amigos, tendo em pouco os trabalhos do mar, & perigos, q̃ em taõ cõprida viagẽ, & terras tão estranhas, & distantes lhe podião soceder. E assi era rezão que fossem elles dos primeiros, pois de direito lhe estaua deuida esta conquista spiritual, da qual seus antepassados Religiosos da mesma Ordẽ tinhão tomado posse muito tẽpo antes q̃ fossem descubertas pollos Portugueses, & demarcado suas terras com seu martyrio, & sangue, como fica dito.

Os Religiosos de S. Domĩgos se offerecem pera ir à India.

¶ O

¶ O primeiro Religioso Portugues da Ordem dos Prêgadores, q̃ acho ter passado a prêgar a esta noua cõquista, foy o P. F. Rodrigo Homẽ, Religioso de muita authoridade, & reputaçaõ: o qual estaua jâ na India no anno de 1503. quando Affonso d'Albuquerque foy a primeira vez a essas partes, como se pode ver em seus Cõmẽtarios, onde se refere o seguinte.

F. Rodrigo Homem.

1. p. cap. 2

¶ Vendo Affonso d'Albuquerque as muitas differenças q̃ tinha cõ Francisco d'Albuquerque seu primo, acerca da primeira fortaleza q̃ el Rey D. Manoel mãdou fazer a ambos em a cidade de Côchim, & vendo q̃ se naõ podia conformar cõ elle, mandou chamar o padre Fr. Rodrigo da Ordem de S. Domingos, & deulhe conta do q̃ passaua, & pediolhe muito que quisesse dizer missa na igreja noua, que tinha feito na fortaleza, porque se queria ir a Coulão carregar suas naos, pera se tornar a Portugal, & seu primo Francisco d'Albuquerque ficasse embora, & fizesse o que quisesse. O padre Fr. Rodrigo lhe disse, que se espantaua muyto entre hũs homẽs tão honrados, & tão parẽtes, auer tantas differenças. E cõ tudo foise cõ elle á fortaleza, & disse a primeira missa na sua igreja noua: & acabada a missa andaraõ em procissão por dentro della, & puseraõlhe nome o Conuento de Christo. E depois disso, vendo o padre q̃ não podia concertar as differenças, que auia entre os dous primos, embarcouse com Affõso d'Albuquerque, & foyse cõ elle pera Coulão. Donde partindose Affonso d'Albuquerque pera Portugal com suas naos carregadas, encõmendou muito ao padre Fr. Rodrigo o gouerno, & administraçaõ de hũa igreja de Christaõs de S. Thome, que na dita cidade achou, da inuocação de Nossa Sñora da Misericordia, onde o P. ficou. E o q̃ nella fez se pode collegir dos mesmos Cõmẽtarios, onde se refere o seguĩte

primeira missa na igreja noua de Cochim.

Igreja de Christãos ẽ Coulão.

1. p. ca. 4

¶ Nesta igreja deixou Affõso d'Albuquerque o P. Fr. Rodrigo, da Ordẽ de S. Domingos, por principal della, & elle teue tão bõ cuidado de sua administração o tẽpo q̃ nella esteue, q̃ cõ sua doutrina, & bõ exemplo tornou muitos Gentios à Fè de Christo, baptizou, & fez muitos Christaõs de idade de trinta, & 40. annos. Atè aqui he dos Cõmmẽtarios.

Segũndo religioso q̃ entrou na India.

¶ O segundo Religioso da Ordem dos Prêgadores, que andaua na India em companhia dos primeiros conquistadores, se collige claramente dos Cõmentarios de Affonso d'Albuquerquè, onde se refere o seguinte. ¶ Quando Affonso d'Albuquerque tomou a cidade de Goa a primeyra vez, q̃ foy aos 16. de Feuereiro do anno do Senhor de mil & quinhentos & dez, leuaua em sua companhia hum padre de S. Domingos, o qual hia na dianteira de todo o arrayal, cõ hũa Cruz leuantada nas mãos, & logo detras da Cruz se seguia a bandeira Real, que era de setim branco, com as armas de Portugal, & toda a mais gente seguia estes dous estendartes: o numero da qual era mil Portuguefes, & duzentos Malauares, que Affonso d'Albuquerque leuou consigo de Côchim, pera se ajudar delles.. Atè aqui saõ palauras dos Cõmentarios. De modo q̃ neste tempo andaua este Religioso na India em cõpanhia de Affõso d'Albuquerque, cujo nomé não declara aqui o Chronista. Mas Damião de Goes na Chronica del Rey D. Manoel côta, q̃ quando Affonso d'Albuquerque que tomou Goa da primeyra vez, mandou por embaixadores ao Xeque Ismael, Ruy Gomez de Carualhosa, & o Padre Fr. Ioão da Ordẽ de S. Domingos, na qual jornada o Carualhosa foy morto em Ormuz pollos Mouros cõ peçonha secretamẽte, & o padre Fr. Ioão se tornou pera Goa. Dõde parece q̃ este he o mesmo Religioso de q̃ se faz menção nos Cõmẽtarios, pois esta embaixada se fez logo depois da tomada de Goa. E tambẽ he de crer, q̃ em companhia deste Religioso andarião outros da mesma Ordem.

1.p.c.21

3.p.c.4.

¶ O terceiro, & quarto Religiosos desta Ordẽ, q̃ passaraõ de Portugal a estas partes da India, a prêgar o Euãgelho, forão o P. Fr. Ioão de Haro, & o P. Fr. Luis da Vitoria, ambos letrados, & bõs prêgadores: os quaes mandou el Rey D. Ioão III. a prêgar à India no anno de 1522. De Fr. Ioão de Haro faz mẽção Castanheda, & Diogo do Couto na 4. Dec. onde diz, q̃ Lopo Vaz de S. Payo pedio ao padre Fr. Ioão lhe declarasse, se estaua elle dito gouernador legitimamẽte na gouernança da India, & cõ o parecer q̃ lhe deu q̃ si estaua, quietou a

Fr. Ioão de Haro. Fr. Luis da Vitoria.

liu. 7. da India, c. 14.

Dec. 4. li. 1. cap. 10

conciencia, & não desistio do cargo, & gouerno do dito esta do. E em outro lugar da mesma Decada dis, que no mesmo tempo foy eleyto o P. F. Luis da Vitoria por juiz desta causa com cinco fidalgos mais, o qual Padre era da Ordem de S. Domingos, & outro de S. Francisco, chamado Fr. Ioão d'Aluî; pera que todos sete juntamente julgassem, & dessem sentença sobre as differenças que auia entre Lopo Vaz de S. Payo, & Pero Mascarenhas acerca da gouernança do Estado da India, como de feito deraõ, & julgaraõ que Lopo Vaz de S. Payo era o verdadeiro, & legitimo Gouernador. De maneira que neste tempo andauão na India prêgando o P. Fr. Ioão de Haro (a quem Diogo do Couto chama Fr. Ioão de Hayo) & o Padre Frey Luis da Vitoria da Ordem de S. Domingos, ambos doutos, & bôs Prêgadores.

Liu. 3. c. 7. Iuy zes da causa de Lopo Vaz, & P. Mascarenhas

F. Pedro Coelho.

¶ O quinto Religioso da Ordem dos Prêgadores, que passou a esta noua conquista, foy o Padre Frey Pedro Coelho, natural de Santarem, muy bom letrado, & grande prêgador. O qual no anno do Snõr de 1539. foi enuiado por el Rei dom Ioão Terceiro, com tres Religiosos mais da mesma Ordem seus companheiros, pera que da India fossem ao Preste Ioão em cõpanhia do Patriarcha de Alexandria Dom Ioão Bermudez, o qual no mesmo anno partio deste Reino pera aquellas partes por ordem do Papa Paulo III. mas não veyo a effeito sua ida com o Patriarcha por justas causas, que pera isso ouue: pollo que ficou o Padre Frey Pedro Coelho na India com seus cõpanheiros prêgando, & fazendo officio de varões Apostolicos.

¶ CAPIT. SEGVNDO.

¶ Dos primeiros Religiosos da Ordẽ dos Prêgadores, que foraõ â India em communidade a fundar Conuento.

OS primeiros Religiosos de S. Domingos, que foraõ de Portugal â India Oriental em communidade a fundar casas de sua Ordẽ, forão o P. Fr. Diogo Bermudez Vigairo gêral, & doze Religiosos que leuou consigo, no anno do Senhor de 1548. (gouernando a India Garcia de Sâ) a imitação do sagrado Collegio de IESV Christo nosso

F. Diogo Bermudes.

Senhor, a quem pretẽdiaõ imitar em todas suas obras. Entre estes doze foy o Padre Fr. Frãcisco de Macedo, varaõ muy virtuoso & docto. Este foy o primeiro, que na India ensinou Artes, & Theologia, a qual se leo em S. Domingos de Goa, muytos annos antes que se lesse em outra parte, ou Collegio algum da India. Na mesma companhia foy tambem o Padre Fr. Gaspar da Cruz, natural da cidade d'Euora, Religioso de muita virtude, & bõ Prêgador. O qual foy o primeiro Religioso que passou aos Reinos de Camboja com tenção de fundar nelles casa, & prêgar o Euangelho aos Gentios d'aquellas terras. O q̃ por então naõ veyo a effeito por algũs impedimentos, & grandes impossibilidades, que achou no Rey da terra, & nos Bramenes que saõ os seus religiosos, como o dito Padre aponta no seu liuro que fez da China. Polla qual causa passou logo dalli aos Reynos da China com o mesmo intento: & elle foy o primeiro Religioso, q̃ entrou, & prêgou naquelle grãde Reino, posto que o Padre Francisco Xauier da Companhia de Iesus foy pera entrar nestes di-

Fr. Francisco de Macedo primeiro q̃ leo na India.

F. Gaspar da Cruz, primeiro q̃ entrou em Camboja.

tos Reinos no anno do Sñor de 1552. mas antes que la chegasse falleceo na ilha de S. Giaõ, que està perto da China, & assi não entrou nella. Mas o Padre Fr. Gaspar da Cruz entrou por muitas partes daquelles opulentos Reynos, & prêgou nelles no anno do Senhor de 1556. do que tudo fez hum liuro, em que cõta miudamente todas as cousas da China, & as do Rey de Ormuz, aonde tambem foy a prêgar o Euangelho, depois de tornar da China. O Padre Mendoça no liuro que fez da China, diz que o Padre Frey Gaspar da Cruz da Ordem de S. Domingos andando na China prêgãdo, entrou hum dia no Templo dos Chinas, & lhe derrubou os Idolos, estando presentes muitos delles, põdose a risco de o matarem. O que vendo todos os circũstantes, remeteraõ ao Padre pera o matar: mas elle lhe deu taes rezões contra o erro em q̃ estauão, adorando paos, & pedras, que ficaraõ conuencidos de modo, que nenhũ mal lhe fizeraõ. Isto mesmo conta o Padre F. Gaspar de si, no seu liuro da China.

F. Gasp. Primeyro q̃ prègou na China.

Liu. 2. c. 3.

F. Gasp. deitou os idolos por terra.

Cap. 27.

¶ Este Padre tornando da India pera Portugal, se offere-

ceo no tempo da peste grande de Lisboa, que foy no anno de 1569. pera confessar, & curar os enfermos que auia na dita cidade, juntamente com o Padre Fr. Isidoro Altamirano, & o P. Fr. Belchior de Monsanto da mesma Ordem, & cadahum delles trazia por seu cõpanheiro hum irmão leigo, q̃ os ajudaua a visitar os enfermos, cõ doces, cõsolações, & remedios asi spirituaes, como corporaes, diuididos pollos bayrros de Lisboa, que cadahum tinha à sua conta, & neste ministerio andaraõ em quanto a peste durou, exercitando esta obra de charidade: & acabada a peste de Lisboa, se foy o Padre Fr. Gaspar a Setuual pera o mesmo effeito, onde esteue atê se acabar a peste, & no fim della adoeceo do mesmo mal, & morreo, como elle mesmo tinha certificado em sua vida, dizendo que tambem elle se feriria, & morreria da mesma peste, & que depois de sua morte nenhũa pessoa mais adoeceria deste mal, como aconteceo: de modo que elle foy o derradeiro que adoeceo, & morreo do mal da peste em Setuual, & dalli o leuaraõ a enterrar ao Conuẽto de S. Domingos de

Morte do Padre Fr. Gaspar.

Azeitão, donde era filho. E nesta obra, & seruiço de Deos tão heroyco acabou seus dias, & trabalhos. Neste tempo q̃ falleceo me affirmou hũa pessoa de credito, que estaua jâ eleito por el Rey dom Sebastião por Bispo de Malaca, mas a morte lhe atalhou esta dignidade nesta vida miserauel, pera Deos lhe dar outras mayores na vida eterna.

¶ Estes doze Religiosos fizeraõ o nobre Conuento de S. Domingos de Goa, em que agora residem ordinariamẽte cincoẽta Religiosos, & jâ chegaraõ a morar nelle setenta. D'aqui foraõ fundar outros dous Cõuentos, hũ na cidade de Chaul, outro em a de Cochim: em cadahum dos quaes residem cõmummente trinta Religiosos, pouco mais, ou menos.

S. Domĩgos de Goa.

S. Domĩgos de Chaul.

S. Domĩgos de Cochim.

¶ Depois que estes Padres tiueraõ assento nas tres principaes cidades da India, os mais Religiosos da mesma Ordem, que foraõ de Portugal dahi por diante naõ descansaraõ, nem se descuidaraõ da empresa, que tinhão tomado â sua conta, antes cadahum por sua parte fazia muyto por aumentar, prêgar, & dilatar a Fè por

todas

todas as mais partes da India, com zelo de saluar, & ganhar almas pera Christo nosso Sñor, que as tinha redimido. Polla qual causa se forão espalhãdo por todas as partes, & lugares da India, & polla ilha de Goa, que toda estaua pouoada de Gentios idolatras, onde fizerão a Christandade, que se pode ver no capitulo seguinte.

¶ CAPITVLO III.

¶ Da Christandade, que os Padres de S. Domingos tem feito na ilha de Goa.

VEndo os Padres de S. Domingos, que residião na cidade de Goa a muyta Gentilidade que auia em toda a ilha, fizerão com o Gouernador dom Pedro Mascarenhas (que naquelle anno, que foy o de 1553. tinha ido de Portugal pera gouernar a India) que repartisse as aldeas de Goa, em que viuião estes Gentios, & cometesse a conuersão dellas aos Religiosos, que jà estauão na India, pera que hũs & outros tomassem as quelhe coubessem à sua conta, & fossem entrando por ellas, prêgando, conuertẽdo, & baptizando a todos os q̃ pudessem: o que logo fez o dito Gouernador D. Pedro, repartido a Christãdade da ilha pollos Padres de S. Domĩgos, & da Companhia, que jà neste tempo la estauão: & de trinta aldeas de Gentios, que na ilha auia, ficarão quinze à cõta dos padres de S. Domingos, todas quasi em hum direito, da aldea de Morumbîm o grande, atè a aldea de Taleygão, entre as quaes logo os nossos padres fizerão quatro igrejas, pera que residindo nellas de mais perto, & com melhor cuidado fossem prêgando, conuertendo, & trazẽdo ao rebanho da Igreja Catholica aquellas brauas, & syluestres ouelhas, que della andauão apartadas.

Repartição da Christandade de Goa.

¶ A primeira, & mais nobre igreja (que he da inuocação de S. Barbara) fundou o Padre Fr. Aleyxo de Setuual na primeira aldea, chamada Morumbîm o grande, na qual o mesmo padre residio tres annos, & nelles baptizou passante de sete mil almas. Outra igreja foy fundada na aldea de Carâpor da inuocação de S. Cruz. Outra igreja fizerão na aldea de Taleigão, da inuocação de S. Miguel. E a quarta igreja finalmente fizerão na aldea de

Igreja de S. Barbara.

S. Cruz

S. Miguel.

Sirdão

Sirdão, do Orago de S. Maria Magdalena. Nas quaes igrejas os padres de S. Domingos fizerão muytos milhares de Christãos, & inda hoje vão fazendo, & continuando no ministerio desta Christandade de tal maneira, que jà nestas aldeas não ha Gentios, senão muyto poucos, & esses ainda vem da terra firme de nouo a viuer na ilha, os quaes tambẽ se vão fazendo Christãos. Os padres que residem nestas igrejas ensinão a ler, & escreuer, & a doutrina Christã a todos os mininos daquellas aldeas: & todos elles, assi machos como femeas atè idade de dez annos saõ obrigados a vir cada dia polla manhã à igreja, onde ouem Missa, & depois se lhe enusina toda a doutrina cantada em voz alta, dizendo dous mininos dos mais destros, & respondendo os outros. Em cada aldea destas ha hum meirinho da doutrina, o qual cada dia polla manhã tem cuydado de tanger hũa campainha por toda a aldea, & todos os mininos della se ajuntão em hum certo lugar, & dalli vão ẽ procissão cantãdo a doutrina atè a igreja, & da mesma maneyra se tornão da igreja pera suas casas: & se algum minino falta, he apontado pollo meyrinho, & castigado pollo padre, pollo qual exercicio tão continuo, andão estes mininos taõ destros na doutrina, que a sabẽ toda muito bem de côr. Em cada hũa destas quatro igrejas se ajuntarâõ cada dia à esta doutrina mais de cem mininos, como eu vi por muitas vezes, os quaes todos saõ jà Christãos, filhos, & netos de Christãos, entre os quaes ha gente muy honrada, & rica, & muitos delles tem casadas suas filhas cõ Portugueses.

S. Maria Magdalena.

Como se ensina a doutrina aos mininos.

¶ Neste tempo que se começou esta Christãdade, tinha tomado o habito ẽ S. Domingos de Goa Simão Botelho d'Andrade (que depois de Religioso se chamou Frey Simão Botelho) o qual era homem fidalgo muy hõrado, & de grande prudencia, & gouerno, & como tal foy doze annos Vêdor gêral da fazenda del Rey em toda a India, & depois foy capitão de Malaca, & tinha tanta authoridade, que os Gouernadores da India não fazião cousa de importancia sem seu parecer, por mandado expresso dèl Rey de Portugal. Pollo qual respeito foy mui sentida

Fr. Simão Botelho.

sua

ſua entrada na Ordem do Gouernador D. Pedro Maſcarenhas, que neſſe meſmo tempo chegou à India, & peſoulhe muito de o achar feito Religioſo, porque vinha de Portugal deſcanſado, cuidando que o tinha no Eſtado, pera ſe acõſelhar com elle nas couſas tocantes ao gouerno, como tinhão feito ſeus anteceſſores. E aſsi tanto que chegou à cidade de Goa, dahi a poucos dias foy a S. Domingos, & entrando em caſa de nouiços, fallou toda hũa manhã com o dito Fr. Simão ſobre as couſas do Eſtado da India. E por ſeu parecer fez o dito Gouernador outro Vêdor da fazenda, & outros officiaes, como conuinha ao bom gouerno do Eſtado. E todas as vezes que ſocediaõ couſas de importancia, o Gouernador hia logo a S. Domingos, aconſelharſe com Fr. Simaõ, em quanto foy nouiço, & depois de profeſſo, o mandaua chamar muytas vezes pera o meſmo effeito. Neſta meſma reputaçaõ foy tido de todos os mais Gouernadores da India. E o Viçerey Dõ Conſtantino o leuou conſigo, quando foy tomar Iafanapataõ, pera neſta empreſa ſe ajudar de ſeu conſelho, como ajudou. Eſte padre com ſua induſtria, valia, & ajudas, que teue dos Viçe Reis, fez o nobre tẽplo de S. Domingos de Goa que he o melhor, & mais ſumptuoſo, que ha em toda a India. Foy muyto virtuoſo, & muy grande Religioſo. Faleceo em Goa, ſendo ſacerdote, & antes que falleceſſe pedio os ſantos Sacramẽtos: & quando lhe deraõ o da Extremaunção fez hũa pratica a todos os Religioſos da dita caſa, que preſentes eſtauão, com que a todos eſpantou, & conſolou muito: & deſta maneira deu ſua alma a Deos.

Igreja de S. Domĩgos de Goa, fundada por F. Simão Botelho.

¶ CAPIT. QVARTO.

¶ Em que ſe trata breuemente da Chriſtandade q̃ os padres de S. Domingos tẽ feito nas ilhas de Solòr, & Timòr.

NO meſmo tẽpo em que ſe começou a Chriſtandade da ilha de Goa, foraõ outros Religioſos deſta ſagrada Ordem pouoar hũa caſa, q̃ o P. Fr. Gaſpar da Cruz tinha fundada em Malaca, onde agora reſidem ordinariamente cinco, & ſeis Religioſos, & dalli foy,

foy o P. Fr. Antonio da Cruz, cõ tres cõpanheiros, por mandado do Bispo de Malaca D. Fr. Iorge de S. Luzia, no anno do Senhor de 1561. âs ilhas de Solòr, que estão em 8. graos da bãda do Sul, & de Malaca 480 legoas, & saõ tres ilhas em triangulo, s. Solòr, Lamalla, Lobaballa, & nellas baptizou muitos Gẽtios, entre os quaes fez Christão o sñor da ilha de Solòr, a que chamão Sangue depate; & dalli mandou Religiosos â ilha do Ende, que saõ trinta legoas de Solòr, & à ilha de Timòr, que jaz pera o Sul 20. legoas de Solòr, onde foraõ bem recebidos, & fizeraõ grande fruito. Destas ilhas tinha jà tomado posse o padre Fr. Antonio Taueiro, que foy o primeiro Religioso que nellas entrou, & fez Christandade: do qual diz o P. Fr. Gaspar da Cruz no Prologo que faz do liuro da China, que jà quando elle passou de Camboja pera a China (que foy no anno do Senhor de 1556.) tinha este padre feyto na ilha de Timòr passante de cinco mil Christaõs, & na ilha do Ende outra muyto grande copia delles.

F. Antonio Taueiro.

¶ Esta Christandade de Solòr, & Timòr, foy crecendo em tanta quantidade, que saõ innumeraueis os Christaõs, que de então atè agora se fizeraõ, & se vão fazendo cada dia por todas aquellas ilhas: entre os quaes se fizeraõ tambẽ Christãos os prĩcipaes dellas, & em particular o Principe legitimo herdeiro do Reino de Timòr, que o padre Frey Belchior da Luz Religioso desta Ordẽ cõuerteo, & cathechizou, & trouxe consigo a Malaca, onde foy bem recebido pollo capitão, & mais pouo da fortaleza, & particularmẽte pollos mercadores, q̃ de Malaca vaõ â sua ilha de Timòr, a buscar Sãdalo porque o conheciaõ, & sabião quem elle era: & foy baptizado em Malaca pollo Bispo D. Ioaõ Gayo Ribeiro. Este Principe tornou o P. Fr. Belchior leuar â sua ilha, onde foy muy bẽ recebido pollo mesmo Rey Gentio seu pay, o qual tinha tanta reuerencia, & acatamento ao dito padre, como se fora seu Prelado. O mesmo respeyto tẽ todos os moradores destas ilhas, assi Christaõs, como Gẽtios, aos nossos Religiosos que nellas andão, & particularmente aquelles, que viuẽ mais perto das igrejas, em que os ditos padres residem.

O Principe de Timor se fez Christão.

Fr. Belchior da Luz.

Estas

Estas igrejas atè o anno de 1599.eraõ dezoito,as quaes estaõ espalhadas por aquellas ilhas, & em cada hũa dellas ha grandes freguesias, & pouoações de Christãos ja feitos, & outros muitos,que cada dia se vaõ fazendo com muito trabalho,& vigilancia dos padres, que os sustentão na Fè, & defendem dos Mouros da Iaoa, que alli vem muitas vezes em suas embarcações:os quaes antes que os Padres de S.Domĩgos alli entrassem tinhão tomado posse da gente destas ilhas,& a muitos tinhaõ feyto Mouros, os quaes os padres tornaraõ a conuerter, & fazer Christaõs, tirandoos da boca dos lobos,como bós pastores: o que os Mouros sofriaõ muyto mal,& fazião muyta guerra aos padres, & aos mesmos Christaõs nouamente conuertidos,&desembarcando em as prayas destas ilhas, salteauão as pouoações,& as igrejas, & roubauão,&matauão quantos podiaõ,& tornauaõ a fugir pera a sua terra.

perseguẽ os Mouros da Iaoa os Christã-os.

Fortaleza de Solòr.

¶ Por respeito destes Mouros fundou o padre Fr. Antonio da Cruz hũa fortaleza em a ilha deSolòr,de pedra,&cal, onde ha peças d'artelharia, q̃ os Vicereis lhe mandaraõ dar pera defensaõ sua, & da Christandade. Nesta fortaleza tinhaõ os padres hum capitaõ posto de sua mão(o qual agora he prouido por elRey, pollo muyto crecimento em que foy esta capitania) & juntamẽte tinhaõ soldados,que sustentauaõ â sua custa,& dos Christaõs da terra,os quaes corrião todas aquellas ilhas,& tinhão muitas brigas com os Mouros que nellas auia,matãdo a hũs, & lançando fora dellas a outros por força d'armas: & era a guerra tão crua, que atè os mesmos padres, que residião pollas igrejas,tinhaõ consigo algũa gente pera sua guarda: mas jà agora polla bõdade de nosso Senhor não ha Mouros nestas ilhas,q̃ estoruẽ a Christandade. A todos estes trabalhos, & perigos se offereceraõ estes Religiosos polla saluação das almas, padecendo alẽ disso muitas fomes,& roim tratamẽto de suas pessoas, pollas terras em si serem pobres, & muito faltas de mantimentos, & do mais necessario pera passar & sustẽtar a vida. Do principio desta Christandade de Solòr,atè o anno de 606.eraõ passados a ella 64. Religiosos.

Nesta

Casa de S. Domingos de Solòr.

¶ Nesta ilha de Solòr tem os nossos padres hũa casa, que he Seminario, & cabeça de toda esta Christandade, a qual està dentro na fortaleza, que elles fizeraõ á sua custa, como fica dito. Aqui reside o Vigairo gêral de toda esta Christandade, com tres, ou quatro Religiosos, & daqui manda visitar & prouer as mais igrejas, que estão espalhadas pollas outras ilhas, & os padres que nellas residem. Dentro nesta casa de Solòr tem feito os nossos padres hum Collegio, em que recolhem muitos mininos de todas estas ilhas, os quaes trazẽ vestidos com hũas opas brancas, & alli lhe ensinão toda a doutrina Christã, & todos os bõs custumes, & ler, & escreuer, & Latim: o qual hia em grande crecimento, & no tempo que eu na India estaua auia nelle mais de cincoenta mininos.

Collegio de Solòr

AS IGREIAS DE SOlòr saõ as seguintes.

1 NOssa Senhora da Piedade, que està dentro na fortaleza de Solòr de que agora fallamos: a qual he freguesia dos Portugueses, assi moradores da ilha, como estrangeiros q̃ a ella vaõ. Tem dous mil Christãos.

2 S. Ioão Baptista, Igreja, & freguesia dos naturaes da terra, que està na pouoação em que elles com o senhor da terra viuem, & està da parte esquerda da fortaleza.

3 S. Ioão Euangelista, freguesia da pouoação Lamaqueira, na mesma ilha de Solòr. Tem duas mil almas Christãs.

4 A Igreja da Madre de Deos, na terra de Solôr, chamada Guno. Tem mil almas Christãs.

5 Na ilha Lamalla, defronte de Solòr, na pouoação chamada Carmâ, està a igreja da inuocação do Spirito santo. Tem mil & trezentos Christãos.

6 Na ilha Grande, que he de 45. legoas de comprido, na ponta da terra chamada Seruîte, està a pouoação Lauunana, & nella a igreja de S. Lourenço, dõde era Vigayro o P. Fr. Francisco Calassa, que nella foy morto, como a diante direy. Tem mil almas Christãs.

7 A igreja de Nossa Senhora na mesma ilha, adiante de Lauunana, na pouoação chamada Larantûca. Tem mais de mil almas Christãs.

8 Nossa Senhora da Esperança na mesma ilha em a pouoação Bayballo. Tem mais de mil almas

mas Christãs.

9 S. Luzia, na mesma ilha, em ã pouoação Siqua, onde ha tres mil vizinhos, dos quaes saõ Christãos mais de mil.

10 A igreja de Pagua, que he hũa pouoação adiante hũa legoa de Siqua. Tẽ mais de mil Christãos.

11 Nossa Senhora dà Assumpção na pouoação Queua. Tem poucos Christãos.

12 S. Pedro Martyr no porto Lena. Tem muitos Christãos.

13 S. Domingos na ilha do Ende dentro na fortaleza, que o Padre Frey Simão Pacheco mandou fazer em a pouoação dos Numbas, com cinco balluartes pera recolhimẽto, & defensaõ dos Christãos, que os Mouros, & Ollandeses, por alli vaõ roubar, & matar.

14 Santa Maria Magdalenã, na pouoação Charabòro, que està à mão direita desta fortaleza.

15 Santa Catherina de Sena, na pouoação Curelallos, que està à mão esquerda da fortaleza.

Auera nestas tres igrejas da ilha do Ende, oito mil Christãos, bõs, leaes, & amigos dos Padres, & Portugueses.

16 17 18 Outras tres igrejas tem os nossos Religiosos fundadas nesta Christandade, a que não pude saber os nomes, em que tambem residem, & fazem Christandade.

¶ CAPIT. QVINTO.

Das gloriosas mortes, que algũs Religiosos da Ordem dos Prègadores receberaõ polla Fè de Christo, & por respeito da Christandade de Solòr, em que andauão occupados.

IA fica dito no capitulo passado, quantos trabalhos, fomes, & perigos padeceraõ os Religiosos da Ordem dos Prègadores logo no principio, & fundação desta Christandade das ilhas de Solòr. Agora relatarey aqui breuemente a morte que algũs padeceraõ pollo augmẽto da Fè, & Christandade destas ilhas. O primeiro foy o padre Frey Antonio Pestana, grande Religioso, & seruo de Deos. O qual estãdo em hũa destas ilhas por Vigayro de hũa igreja desta Christandade, cultiuando, & doutrinando grande numero de Christãos, que tinha cõuertido, & baptizado, vieraõ os Mouros da Iaoa desembarcar secretamente na ilha, em que elle estaua, & derão logo sobre a igre

Fr. Antonio Pestana martyrizado pollos Iaos.

a igreja, ōde ō tomarão, & mal tratarão, nã osomente de palauras infames, mas tambem de muitas bofetadas, pancadas, & couçes: & depois disso o leuarão preso, arrastandoo atê a praya, ōde tinhão seus nauios, & alli lhe fizeraõ justiças nouas, & crueis martyrios; hum dos quaes foy encrauaremlhe todos os dedos dos pês & mãos com canas agudas, & finalmente o degollaraõ, confessando elle sempre, & prêgando a fê de Iesu Christo, por quem morria.

Fr. Simã das Mōtanhas martyrizado polos Iaos.

¶ O segundo Padre que os Mouros matarão nesta Christandade, foy o Padre F. Simão das Montanhas, o qual tambē foy salteado por estes infieis; mas primeiro que o matassem foy socorrido de muitos Christãos da ilha, que acudiraõ, como fieis que eraõ, a defender sua igreja, & seu pastor; o qual nesta briga andaua entre elles com hũa Cruz nas mãos, animando, & confortando os ditos Christãos a pellejar, & morrer polla Fê de Iesu Christo. E finalmente aqui foy morto âs lançadas, & depois da briga enterrado pollos seus fregueses cō muita veneração, & sētimēto de perderē tal pastor.

Fr Frãcisco Galassa.

O Padre F. Francisco Calassa natural da cidade de Goa, residia na ilha grande, de que atras falley, na igreja de S. Lourenço, situada na pouoação Lauunana, ōde trabalhou tanto na vinha do Senhor cō sua prêgação, que conuerteo todos os moradores de hũa aldea chamada Tropobolle, que estaua distante da sua igreja mais de meya legoa: & querendoos trazer pera junto da igreja, asi pollo trabalho que elles tinhão de vir a ella de tão longe, como pollos ter mais perto de si, ōde os pudesse doutrinar, & cathequizar mais cōmodamente, consentiraõ elles nisso, & assentaraõ passarse pera junto da praya, mais perto da igreja. O que he facil a estas gentes, porque allem de serem muy pobres, & terē pouco q̃ mudar, as casas em q̃ viuē saõ demadeira, cubertas de palmas, ou de palha, q̃ elles desmãchaõ muitas vezes, & as mudão facilmēte de hũ lugar pera outro: mas como estes geralmēte saõ varios, & incōstātes, mudaraõ o parecer, & não se passaraõ como tinhão prometido, nē taõpouco vieraõ â igreja o Domingo seguinte. Vēdo o Padre sua frieza, se foy a

Tripoboll e, pera fallar cõ el-
les, & ſaber a cauſa deſta noui
dade. E não quis entrar na po
uoação polla naõ aluoroçar
cõ ſua ida, mas ficouſe fora, &
mandou o ſeu meirinho, q̃ le-
uaua conſigo, q̃ foſſe a ella, &
chamaſſe o Sanguedepate(q̃ he
como capitão)& os velhos da
terra, q̃ vieſſem alli ter cõ elle
pera lhes fallar. Foy o meiri-
nho, & não achou em toda a al
dea mais q̃ hũa velha, may do
Sanguedepate, porque os mais
eraõ idos à ſeu trabalho, & ou-
tros ſe eſconderaõ por não ſe-
rẽ achados. Diſſe entaõ o mey
rinho à velha, q̃ o P. a mandaua
chamar: & ella lhe reſpondeo,
q̃ naõ queria la ir. Polla qual
rezão pegou della, pera a leuar
preza. A qual vẽdo q̃ a querião
leuar por força, começou de
gritar, como he ſeu cuſtume: a
cujos gritos acodiraõ os q̃ eſta
uão eſcondidos, & deraõ ſobre
o meirinho cõ tanto impeto, q̃
o mataraõ logo, & depois que
o tiueraõ morto: começaraõ de
recear o caſtigo que merecia o
maleficio q̃ tinhão feito, & aſſẽ
taraõ de fazer outro peor, que
era matar o meſmo Padre, &
dous moços q̃ tinha cõſigo, pe
ra q̃ não ouueſſe quẽ leuaſſe no
uas a Solòr do q̃ tinhão cõmet
tido, & quando ſe ſoubeſſe da
falta do Padre, & dos mais, diſ
ſeſſem todos, q̃ hũa noite deſa
pareceraõ da ilha, & q̃ tinhão
pera ſi que eraõ idos a Solòr,
como algũas vezes fazião: &
que pois la naõ eſtauaõ, lhe pa
recia, q̃ algũs Mouros da Iaoa
deſembarcariaõ na ilha de
noite, & que darião em caſa do
Padre, que eſtaua perto da pra
ya, & o leuariaõ catiuo com os
mais que faltauaõ, ou os dey-
tariaõ no mar, como a inimi-
gos de ſua ſeita. Eſta diaboli-
ca determinaçaõ pareceo bem
a todos, & logo a puſeraõ em
effeito, indo embuſca do Pa-
dre: & tanto que chegaraõ a el
le, o atraueſſaraõ com as lan-
ças, & dardos que leuauaõ, &
a hum dos ſeus moços, que a-
codio à reuolta, & os mata-
raõ. O outro moço fogio, &
foiſe embrenhar pollos matos
onde eſteue algũs dias ſem ſer
achado, atè q̃ teue modo pera
paſſar a Solòr, onde contou o
ſuceſſo laſtimoſo, que de todos
foy mui ſentido, & chorado.

Morte do P. Fr. Frãciſco Calaſſa.

¶ O capitaõ de Solòr, q̃ en-
tão era Antonio de Vilhegas,
deſejoſo de tomar vingança
dos leuantados deſta ilha, lo-
go ſe fez preſtes, & paſſou a el
la com todos os ſoldados que

auia

auia na terra, & deu na dita aldea, onde matou quãtos foraõ achados, e queimou, & arrazou toda a pouoaçaõ, & tornouse pera Solòr. Isto feito, acabou o seu tẽpo de capitão, & socedeolhe no cargo Antonio Andrîa: o qual sabẽdo depois que auia ainda naquella ilha muitos culpados na morte do Padre, q̃ escaparaõ do primeyro encõtro, teue tal ardil, que por manha os prẽdeo, & enforcou a todos, assi por seu castigo, como pera exẽplo dos mais Gentios, & tambẽ por estes serẽ de ma casta, & procederẽ de Mouros, q̃ facilmente se leuantaõ, & deixaõ a Fê, o q̃ não tem outras muitas castas de Gentios, q̃ ha por estas ilhas ja conuertidos, porq̃ os mais delles saõ muito bõs, & fieis Christãos. Esta foy a morte do P. Fr. Frãcisco Calassa, q̃ recebeo pollo augmento desta Christandade em q̃ tanto tinha trabalhado, procurando sempre o bẽ spiritual pera suas ingratas ouelhas, q̃ em pago de taõ boas obras, lhe deraõ acruel morte q̃ tenho dito no ano de 1598. Tres dias antes q̃ socedesse este caso, as ondas, & mares, q̃ vinhão bater na praya destas ilhas, todas eraõ de agoa vermelha como sangue, q̃ parecia pronosticarẽ a morte do dito P. q̃ foi cousa de grãde admiração, por não acõtecer naquellas partes outra semelhante.

¶ No anno de 1599. socedeo na ilha de Solòr o caso seguinte, sendo capitão da fortaleza Antonio Andrîa. Hũa legoa da fortaleza de Solòr esta hũa aldea chamada Lamaqueira, q̃ foy pouoada antiguamẽte de Gẽtios, & agora saõ ja todos Christãos, posto que maos, & pouco fieis, porq̃ procedem de hũa certa gêraçaõ malissima. Os moradores desta aldea tiueraõ algũs castigos, q̃ o capitão lhe deu, por serem maos, & desobediẽtes: pollo q̃ se indignaraõ grandemẽte, assi cõtra o capitão, como cõtra os Padres de S. Domingos, que andauão na quella Christãdade, cuidando que por seu conselho foraõ castigados; & cõjuraraõ todos secretamẽte de se leuantar contra a fortaleza, & matar os Religiosos, & o capitão. Pera o qual effeito sayraõ de sua aldea hum dia dissimuladamẽte, & hũs delles se foraõ por em hum monte, chamado Guno, perto da fortaleza em çilada, onde mataraõ logo o P. Fr. Ioão Trauaços, natural da Batalha,

Treição dos de Solòr cõtra a fortaleza.

Morte do P. F. Ioão Trauaços.

lha, que alli estaua por Vigayro de hũa igreja da inuocação da Madre de Deos. Outros vierão ao Conuento dos Religiosos de S. Domingos, onde matarão hum irmão leigo, chamado Fr. Belchior, q acharão na igreja. Outros forão a casa do capitão, mas elle sentindo o aluoroço, de tal maneira se escõdeo, que o não puderão achar. Pollo que logo dalli se forão à fortaleza, & fecharão as portas por dẽtro, cuidando que ja estauão senhores della. Neste leuantamento forão mortos estes dous Religiosos somente, porque os mais, tanto que sentirão a treyção, logo se fecharão, & segurarão quanto foy possiuel. Mas sempre os inimigos leuarão seu danado intẽto ao cabo, se o capitão lho não atalhara, entrando na fortaleza com todos os Portugueses que auia na terra, por hum postigo secreto, de que os inimigos se não precatarão, q ficou aberto, & por alli deu nelles com tanto impeto, & valentia que os desbaratou, & matou os mais delles, & castigou os que ficarão de maneyra, que bẽ caro lhe custou sua rebellião, & leuantamento. Foy isto no anno do Senhor de 1598. aos doze de Agosto.

Morte do irmão F. Belchior.

Entrão os nossos a fortaleza.

¶ Algũs destes inimigos q fugirão desta briga encontrarão ao longo de hũa praya fora da pouoação com dous mininos do Seminario, nos quaes executarão o furor de sua dannada tenção, arrancandolhe os olhos, & a lingoa, & cortandolhe os braços, porque não quiserão negar a fè de Christo sẽdo cõmetidos pera isso. Foy mais martyrizado Lourenço Gonçalues meirinho da igreja Lamaqueira, o qual sendo tomado pollos Lamaqueiras, & vendido aos Mouros da ilha Galeçio, q està dalli 15. legoas elles o matarão, porq não quis ser Mouro, & arrenegar da Fê.

Martirio dos mininos do Seminario.

Martirio do meirinho.

¶ Forão mais mortos nesta Christandade de Solòr o P. F. Hieronymo Mascarenhas pollos infieis Macassâs, na ilha de Paguahũa das de Solòr. E o P. F. Paulo de Mesquita, o qual vindo da Christandade de Solòr pera Malaca, foi morto no mar pollos Ollãdeses, & podẽdolhe dar a vida, como fizerão aos mais do seu nauio, a elle a não derão por ser Religioso. O P. F. Gaspar de Sà, & o P. Fr. Manoel de Lãbuão, vĩdo da Christãdade de Solòr, derão á costa ẽ Samâtra, onde forão mortos pollos

Morte do P. Fr. Hieronymo Mascarenhas

Morte do P. Fr. Paulo de Misquita.

Morte dos P. F. Gasp. de Sà, & Fr. Man. de Lãbuão.

pollos Mouros do Dâchẽ, inimigos de nossa santa Fè.

¶ Allem destes Religiosos, q̃ foraõ mortos andãdo no seruiço desta Christãdade pollos infieis, & leuantados, fallecèraõ outros nella, q̃ foraõ grandes seruos de Deos, perfeitos ẽ virtude, & de vida penitente. Estes foraõ o P. F. Antonio da Cruz, q̃ fundou esta Christandade, o qual he tido por santo, & dizẽ que fez algũs milagres em sua vida. O P. Fr. Simão das Chagas, varaõ muito virtuoso, tido de todos por santo: do qual se conta, q̃ faz muitos milagres. Os Christaõs, & os mesmos Gentios destas ilhas chamaõ por elle nos perigos, & tormentas do mar, em q̃ se achaõ attribulados, nas quaes dizem q̃ lhes appareceo jà algũas vezes, & os liurou de muitos perigos. Fr. Belchior d'Antas tido por santo em Solôr, dizem q̃ fez milagres em sua vida. Fr. Aleixo jrmão leigo, tido por santo em Solòr.

¶ CAPITVLO VI

¶ Dos Religiosos da Ordem de S. Domingos, que foraõ prêgar o Euangelho ao Reino de Syão, & do martyrio do P. Fr. Hieronymo da Cruz.

Depois que a Christandade de Solòr foy crecendo, & multiplicando, como temos visto, determinaraõ os ditos Religiosos tomar outras empresas nouas, & fazer noua sementeira da palaura do Senhor, pera que asi pudessem colher de todas as partes almas conuertidas â Fè (fruta de que Deos tanto se paga.) Pollo que dahi a poucos annos foraõ mandados ao grande Reyno de Syão o Padre Fr. Hieronymo da Cruz, & o Padre Fr. Sebastião do Canto, ambos Prêgadores, & dotados de muitas virtudes: os quaes foraõ os primeiros Religiosos, que entraraõ naquelle Reyno, & nelle recebeo martyrio o padre Frey Hieronymo da Cruz, como podemos logo ver, & collegir do tresllado de hũa carta, que o P. Mestre Fr. Fernando de S. Maria escreueo de Goa ao Reuerendissimo Padre Mestre Gêral de toda a Ordem dos Prêgadores, que estaua em Roma: cujo tresllado he o seguinte, traduzido de Latim, em nossa lingoagẽ.

¶ Carta do P. M. Fr. Fernando de S. Maria pera o Mestre Gêral da Ordem dos Prègadores.

¶ *Ao Reuerendissimo Padre Mestre Gèral de toda a Ordem dos Prègadores, o amado filho Fr. Fernando de S. Maria deseja muita saude em o Senhor.*

OS dias passados, estando eu por Vigairo da casa de S. Domingos de Malaca, no anno do Sñor de mil, & quinhentos, & sesenta, & sete, mandey hũas cartas dirigidas a Portugal, pera que dahi as mandassem a vossa Reuerendissima Paternidade: nas quaes lhe daua conta de todas as cousas, que o Senhor tem obrado por meyo dos nossos Frades cõ os Gẽtios no ministerio do sagrado Euãgelho, no q̃ cadadia mais nos alegramos & dizemos cõ S. Paulo: *Benedictus Deus, & Pater Dñi nostri Iesu Christi, qui benedixit nos in omni benedictione spirituali in cælestibus, in Christo Iesu.* Estãdo nesta terra (como tenho dito) mandei algũs Religiosos à Christandade de Solòr, & do Ende: onde crecreo tanto o numero dos Christãos nouamẽte conuertidos, q̃ ja passão os baptizados de cincoenta mil, & cadadia este duro, & amargoso zambujeiro da Gẽtilidade inculta, se vay enxertando, & cõuertendo ẽ fructifera oliueira, q̃ bẽ parece estenderse aqui o cũprimẽto do dito do Propheta: *Lætabitur deserta, & inuia, & exultabit solitudo, & florebit quasi lilium.* Neste tempo fuy chamado pera ler Theologia em Goa, cousa que muito senti, porq̃ determinaua passar ao grãde Reino de Syão & gastar o restante de minha vida nesta noua semẽteyra, & trabalhar tambẽ nesta vinha do Sñor. Mas vendo q̃ não podia cõseguir esta vontade, mandei logo em meu lugar o P. F. Hieronymo da Cruz, & o P. F. Sebastião do Canto, ambos Prègadores, & dotados de muita doutrina, virtudes, & santidade. Os quaes chegarão ao dito Reino a saluamento: onde forão bẽ recebidos pollos naturaes da terra, cõ muita hõra, & gasalhado, sabẽdo jà por informação dos Portugueses q̃ la estauão, q̃ os padres erão dedicados ao culto do verdadeiro Deos: E logo lhe derão hũas casas no melhor lugar da cidade, pera se recolherem, & celebrarẽ os officios diuinos, como de feito logo começarão de celebrar: & juntamẽte aprenderão a lingoa da terra cõ tanto cuydado, que em breue tẽpo a souberão tão bem, como se forão criados nella, (cousa que a todos

Eph. 1. Isai. 35.

todos pos em grande admiração) & tanto q̃ a souberaõ, logo começaraõ prêgar publicamẽte a doutrina do santo Euãgelho na mesma lingoa da terra. Pollo qual respeito vinhaõ ter cõ os padres muitos Gẽtios nobres, & algũas molheres principaes, & os mesmos sacerdotes dos idolos, cõ desejo de ouuir a noua doutrina, de q̃ ficauaõ taõ satisfeitos, que logo aquella feroz Republica de idolatras começou honrar os Religiosos, dizẽdo q̃ eraõ verdadeiros amigos de Deos. E atè os Gẽtios Religiosos, q̃ fazẽ vida solitaria naquellas partes, & viuẽ de esmollas, & saõ grandes penitẽtes, mortificando, & reprimindo suas paixões & fazẽdoas obedecer â rezaõ, buscauaõ os nossos Religiosos & se deitauão a seus pês, reconhecendoos por seruos do verdadeiro Deos, & por esse respeito lhe faziaõ muitas hóras.

¶ Naõ soffrendo tanto bẽ o demonio, inimigo da saluaçaõ das almas, começou a inquietar os Mouros da terra contra os padres, & accẽderlhe seu coraçaõ cõ hũ odio mortal, q̃ d'alli por diante naõ fazião mais, que buscar inuenções pera os matar, como a grandes inimigos, & cõtrarios de sua deprauada seita. E vẽdo q̃ naõ achauaõ modo pera isso, assentaraõ de affrontar os Portugueses mercadores, q̃ morauaõ junto dos Religiosos, de tal modo q̃ viessem âs pancadas, porq̃ logo os padres auião de sair fora, & acodir (como era seu custume) pera os apartar, & apaziguar, & q̃ entaõ poderião nesta enuolta executar sua danada vontade, dandolhe cruel morte. E pera q̃ melhor pudessem effeituar seu intẽto, sobornaraõ algũs Gentios cõ muito dinheiro, pera os terem de sua banda em fauor do sacrilegio que determinauão fazer. Estãdo pois assi determinados pera o maleficio, ordenaraõ hum grande aluoroço, & discordia cõ os ditos Portugueses, de tal maneira q̃ leuaraõ das armas, & ouue feridos de parte a parte. Os padres, q̃ estauão recolhidos em sua casa, ouuindo as gritas, & clamores do pouo, & & sabẽdo a briga q̃ auia entre os Mouros, & Christaõs, foraõ se logo a elles com tenção de os apartar, & quietar, pera q̃ se não matassẽ: mas tãto q̃ foraõ vistos pollos Mouros (q̃ outra cousa naõ esperauão) deixaraõ a briga, & remeteraõ a elles,

& atrauessarão o padre Frey Hieronymo da Cruz com hũa lança, de que logo cayo morto: & ao padre ſeu companheyro deſejarão fazer o meſmo, mas não puderão, porque lhe acodirão os Portugueſes, & o tiraraõ da mão dos Mouros, poſto que tão maltratado, & ferido na cabeça de hũa pedrada, que eſteue muito perto da morte. Os mais Gentios da terra vendo a crueldade, & diabolico feito dos Mouros, atroauão toda a cidade com clamores, & gemidos: os mininos com muitas lamentações bradauão, dizendo: Va pa Beta, Va pa Beta, que quer dizer, Padre meu, Padre meu. Os grandes & nobres da terra cobrião ſuas cabeças de cinza, ſinal com que manifeſtauão o grãde ſentimento que tinhaõ da morte do ſeu padre. A gẽte popular raſgaua ſeus veſtidos, moſtrando niſſo a triſteza de ſeu coração. Finalmente ajuntouſe grande concurſo de Gentios, & antes que ſepultaſſem o corpo do ſanto Martyr, todos lhe beijaraõ os pês, & as maõs com muyta deuação.

Martyrio do P. F. Hieronymo da Cruz.

¶ O Rey de Syaõ (que eſtaua dalli dez dias de caminho) tanto que ſoube do maleficio, que ſe tinha cõmettido no ſeu Reino cõtra os padres, que elle muyto eſtimaua, recebeo diſſo tanta payxão, que logo mandou tirar deuaſſa do caſo, & prender todos os malfeitores, aſsi Mouros, como Gentios; & os Mouros mandou lãçar aos elefantes brauos, que os deſpedaçaraõ, & aos Gentios, a hũs mandou cortar a cabeça, & a outros menos culpados, deſterrar pera todo ſempre de ſeu Reino. Neſte tempo, que ſe executauão eſtas juſtiças, o padre Fr. Sebaſtião eſtaua jà melhor das feridas, que os Mouros lhe tinhaõ dado, & naõ ſoffrendo ſeu pio coraçaõ fazerẽſe tantas juſtiças de ſeus inimigos, foyſe lançar aos pês do Preſidente, que as executaua, & pediolhe com muita inſtancia, que ſobreſtiueſſe com o caſtigo dos culpados, atè elle ir fallar com el-Rey, a pedirlhe perdaõ pera aquelles, q̃ eſtauão por caſtigar. A qual petição lhe concedeo o Preſidente, & ſobreſteue cõ a execuçaõ do caſtigo. Pollo que o padre ſe pos logo ao caminho, & depois d'algũs dias chegou à corte do Rey. O qual ſabendo de ſua vinda, mandou que vieſſe perante ſi, & o rece-

Sentimẽto do rei de Syão, na morte do P.

Caſtigo q̃ ſe deu aos q̃ mataraõ o Padre.

beo

Recebe o Rey d Siaõ bẽ ao P. Fr. Sebastião.

beo com muita benignidade, & preguntoulhe o que queria. Ao que o P. respondeo: Quero que vossa Alteza ouça este seu seruo, & lhe conceda bom despacho no que pede. O Rey lhe tornou, dizẽdo que fallasse, & pedisse o que quisesse, porque tudo lhe cõcederia, quanto fosse em sua maõ. Então lhe disse o padre: Peçouos Senhor, que perdoeis aos culpados na morte de meu companheiro, que estão inda por castigar, & baste ja o castigo que tendes dado aos outros, que saõ mortos, & desterrados, porque me naõ soffre o coração ver tãtos males nos corpos daquelles a quem nôs desejamos saluar as almas. O Rey ficou marauilhado de sua naõ esperada petiçaõ, & esteue hũ pouco suspenso, & logo lhe tornou, dizẽdo; Certo grande bõdade he a vossa, & boa gẽte soys vosoutros, pois taõ facilmente perdoais a vossos inimigos: & naõ somẽte lhe perdoais, mas tãto à vossa custa lhe procuraes o perdam. E pois assi quereis que seja, eu vos concedo o que pedis, com tanto que vos me cõcedais de boa vontade, o que vos quero pedir, que he ficardes nestes meus Reinos, & na minha Corte, onde espero de vos fauorecer como mereceis. E logo lhe mandou dar aposento, & bom gasalhado. E despachou hum correo ao Presidente, dizendo que cessasse do castigo que estaua por fazer, por quanto tinha perdoado aos malfeitores por intercessaõ do P. Frey Sebastiaõ: cousa que pos em grande admiraçaõ asi a Mouros, como a Gentios, vendo hũ acto tão heroico, & pio, como era o que tinha feito o dito padre: & todos à hũa voz louuauão sua bondade, & santidade, & de nouo começaraõ sentir a morte do padre Fr. Hieronymo, dizendo que naõ eraõ dignos de ter em sua companhia taes varões, & seruos de Deos. E o mesmo Rey dalli pordiante estimaua tanto o Padre Fr. Sebastião, como se fora cousa vinda do Ceo.

Cõcede o Rey o perdão q o P. pede.

Nouo sẽtimento da morte do P. Fr. Hieronimo.

¶ Quando estas nouas me vieraõ por cartas, certo que as senti na alma, tanto, que o não sey encarecer a V. Reuerẽdiss. Paternidade, polla grande falta que tal padre ficou fazendo nestas partes, onde eu esperaua que fizesse grandissima sementeira da palaura Euangelica. Por outra parte me consolo, pois o piedoso Deos quis

coroar

coroar de sua gloria no Ceo este santo confessor de seu nome por via do Martyrio que recebeo na terra. Finalmẽte depois de passar hũ anno os Portugueses que naquelle Reino andauaõ, trouxeraõ as santas Reliquias de seus ossos a Malaca, onde o Bispo, & o capitão da fortaleza os receberaõ com hũa solenne procissaõ de todos os Religiosos, clerigos, & mais pouo; & foraõ trazidos com muita veneraçaõ ao nosso Conuento, onde lhe demos sepultura, depois que celebramos hũa solenne Missa.

Recebimẽto q̃ se fez ẽ Malaca âs reliquias do P. Fr. Hieron.

¶ Depois disto mandei outro Religioso, dos que estauão comigo em Malaca, que fosse ao mesmo Reino de Syão, & logo me torney pera Goa: onde agora fico lendo Theologia, com grande dor do meu coraçaõ, porque o meu animo, & desejo foy sempre de plantar a Fè, & diuulgar o nome do Senhor por aquella vasta região da Gentilidade, principalmente no Reino de Bima, & de Butûm, nos quaes naõ duuido, q̃ se possa plantar hũa noua igreja Catholica. Polla qual rezaõ, hũa vez, & outra peço cõ muitos rogos a V. Reuerendis. P. queyra fauorecer o desejo deste seu filho nesta parte, em q̃ entendo fara hũ grande seruiço a Deos, que he darme hũa licença de letra sua, & confirmada com seu sello, em que me tire desta occupaçaõ, em que fico, â qual podẽ satisfazer outros Religiosos muy doctos, que ha nesta nossa Congregaçaõ, & a mim mandarme pera exercitar o officio de varaõ Apostolico entre estes Gẽtios. E posto que pera fazer hũ taõ grãde officio, eu seja minino, & naõ saiba fallar, com tudo, o nescio da casa de Deos he mais prudente, & o mais fraco he mais forte, que todos os homẽs do mundo, porque poderoso he Deos pera estender sua maõ, & tocar minha boca, & abrasar os beyços do homem gago com o fogo acceso de seu Sanctuario, pera que assi fique poderoso pera cometer as mayores empresas do mundo. Torno outra vez a pedir, queira consolar esta minha alma nisto, que taõ affincadamente pede, & deseja. E se lhe parecer que he justo concedermo, tambem peço me dê licença, pera escolher hum padre, ou dous desta Congregação mais zelosos no seruiço de Deos, pera leuar comigo, porque està dito

Ierem. 1.

Isai. 6.

Ecclesiastes 4. dito: *Væ soli, quia cum ceciderit, non habet subleuantem se.* O Sñor Deos todo poderoso nos conceda possuyr aquelle Reyno, no qual sò està aquelle bẽ, em que se encerrão todas as cousas. Amen. De Goa, anno do Sñor de 1569. aos 26. de Dezembro. Deste padre Mestre Fr. Fernando de S. Maria tratarey adiante mais largamẽte.

¶ CAPIT. SETIMO

¶ Dos Religiosos da Ordem dos Prêgadores, que foraõ prègar o Euangelho aos Reynos de Camboja.

Nam descansauaõ os Religiosos do Patriarcha S. Domingos, nẽ se contentauão com as empresas da Christandade, que tinhão tomado, antes se esforçauão cada dia mais em o Senhor, pera dilatarẽ sua Fè naquellas partes, onde não tinha entrado inda seu conhecimento: & pera esse effeito passarão algũs ao Reyno de Camboja (que confina com o de Syão.) O primeiro que nelle entrou, & prêgou foy o P. Frey Gaspar da Cruz de quem ja tenho tratado. O segundo foy o padre Frey Lopo Cardoso, varão muyto virtuoso, & grande Religioso, & por seu companheiro o padre Frey Ioão Madeyra, tambem Prêgador, natural da cidade d'Eluas. Tanto que chegaraõ à Camboja, o Rey da terra os recebeo benignamente, & os fauoreceo muito: & elle em pessoa lhe escolheo hum sitio, onde fizessem sua casa, dandolhe licẽça, que celebrassem Missa, & que pudessem prêgar & fazer Christãos da gente de seus Reinos, os que o quisessẽ ser: & asi o mandou apregoar por toda a terra à petição dos ditos Padres. Os quaes fizerão no mesmo lugar q̃ lhes el Rey tinha dado, hũa igreja com ajuda do mesmo Rey, & dos Portugueses que la residião, & todos ajudauão estes nouos, & santos principios. Aqui estiueraõ estes padres algũs annos, em q̃ fizeraõ algũs Christãos. A estes socederaõ os padres Fr. Reginaldo de S. Maria, Fr. Syluestre de Figueiredo, Frey Gaspar do Saluador, Frey Antonio d'Orta, Frey Antonio Caldeyra. Os quaes baptizaraõ mais de trezentos mininos, com fauor que o Rey da terra daua pera isso. Os sacerdotes dos idolos o sofrião tão mal, que matarão hũ Camboja

Marginal notes: F. Gasp. da Cruz. — Fr. Lopo Cardoso — Fr. Ioão Madeira — Igreja de Cãboja.

boja, porque se tinha baptizado, & feito Christão, de que os padres ficaraõ mui sentidos. Porem sabendo o Rey o que passaua, mandou matar os homicidas ẽ fauor da nossa Christandade.

¶ Depois que o P. Fr. Lopo Cardoso se veyo de Camboja, foy mandado pera a igreja de nossa Senhora dos Remedios, que he casa da mesma Ordem, & està meya legoa de Baçaim, onde esteue algũs annos viuendo santamente, & dalli o fizeraõ Prior de Cóchim, & vindo a Goa a hum Capitulo, falleceo nelle, & jaz sepultado em hum lanço do claustro de S. Domingos da dita cidade, & sobre sua coua estão cinco azulejos, postos em cruz, em memoria & veneraçaõ sua. Este claustro escolheraõ os Religiosos deste Conuento pera sepultura dos que nelle fallecessem, & não se enterraõ ao presente no Capitulo, por quanto a terra delle come mal os corpos, por rezão dos muitos que alli estão enterrados.

Fallecimẽto do P. F. Lopo Cardoso.

¶ De todos os Religiosos, que foraõ a Camboja, o padre Frey Syluestre cõtinuou mais tempo na sua Christandade, & residio nella muitos annos, sẽ nunqua o Rey della o querer deyxar tornar pera a India, polla muyta affeição que lhe tinha. E pera mostrar o muyto que estimaua os Religiosos de S. Domingos, mãdou fazer duas cruzes, de dous mastos, demais de 25. palmos cadahũa de comprido, oitauadas, & mui bem lauradas, & douradas, cõ mil lauores & debuxos, do proprio feitio, & modo das rodellas da China douradas. Estas duas Cruzes mandou este Rei em hũa nao aos Religiosos de S. Domingos de Malaca, muy bem negoceadas, & cubertas de algodão, & de pannos, por se não dannificarem. As quaes receberaõ os nossos Religiosos com muita festa, & aruorarão hũa dellas defrõte da porta da igreja do nosso Conuento de Malaca, & a outra mandaraõ em outra nao pera a casa de S. Domingos de Côchim, onde tambẽ foy recebida pollos padres della com muita festa, & aruorada no terreiro defronte da porta da nossa igreja com hum pê de pedra, que lhe fizeraõ muito fermoso. E inda hoje ãbas estão nos mesmos lugares, muito fermosas, sem macula algũa.

Fr. Syluestre.

Duas cruzes q̃ fez o Rey de Cãboja.

¶ Deste Padre Fr. Syluestre

refere o Padre Mẽdõça da Ordem do glorioso S. Agostinho no Itinerario do Nouo mũdo as palauras seguintes, tresladadas de Castelhano em Portugues. No Reino de Camboja està hum Religioso da Ordem de S. Domingos, chamado Frey Syluestre, a quem Deos leuou a esta terra, pera remedio das almas, & saluação dos moradores della: porque sempre se occupa em prègar o santo Euangelho, pera o que tem licença do Rey da terra, & pera fazer igrejas, sem contradiçaõ algũa, sendo pera isso ajudado do proprio Rey cõ grandes esmolas, & por seu consentimento tem aruorado por todo o Reino muitas cruzes: as quaes saõ muy veneradas, & reuerenciadas dos Gentios. E o mesmo Padre he tão venerado neste Reyno, como outro Patriarcha Ioseph ẽ o Egypto, & asi tem o segũdo lugar d'aquelle Reyno, & todas as vezes que o Rey lhe falla, o manda assentar em cadeyra (cousa que a ninguẽ faz) & allem disso tem outros muitos priuilegios do Rey. E sem falta que se tiuera mais ajudadores, fizera muito mais fruito na conuersaõ das almas, do que faz, por ser sò. Algũas vezes os tẽ mãdado pedir a Malaca, & atè agora lhe não foraõ dados, polla falta que delles ha na dita fortaleza. Ate aqui he do Itinerario. Depois disto foraõ a Camboja o P. Fr. Iorge da Mota, & o Padre Frey Luys da Fonseca, estando inda là o Padre Fr. Syluestre.

Cap. 21.

Gen. 41.

¶ Neste tempo veyo o Rey de Syão cõ guerra sobre Camboja, & venceo o Rey della, & o pos em fugida, & juntamente lhe leuou muyta gente catiua pera Syão; entre os quaes foraõ tambem os Padres, & outros Portugueses, que no mesmo tempo se acharaõ com o Rey de Camboja nesta guerra: & todos hião presos, & muy receosos de os matarẽ, ou pollo menos de viuerem toda sua vida em catiueiro. Mas este Rey muy differentemente se ouue do que elles imaginauão porque tomou tanta affeição aos Padres, & em particular ao Padre Frey Iorge da Mota, q̃ o fez a segunda pessoa do seu Reino, asi no gouerno, como na reuerẽcia que mandaua lhe tiuessem todos, & era ẽ o Reyno de Syão como outro Frey Syluestre em Camboja, de maneira que por seu respeito soltou

Catiueiro dos P. F. Syluestre, F. Iorge, & Fr. Luis.

Os Religiosos sã reuerenciados do Rey de Syão.

tou o Rey a todos os Portugueses q̃ tinha catiuos, & deulhe liberdade pera se poderem ir pera a India, & seguro Real a todos os que quisessem tornar a seu Reino com suas mercadorias, como faziaõ ao Rey no de Camboja. E aos padres teue sempre em muita estima, & nunca os quis largar, nẽ darlhe licença pera que se fossem pera a India, atè que não mandassem vir de là outros da mesma Ordẽ, que ficassem em seu lugar no Reyno de Syão. Pollo qual respeito, querendose tornar pera a India, escreueraõ ao padre Vigairo gêral da mesma Ordẽ, que estaua em Goa, tudo o que tinhão passado cõ o Rey de Syão, pedindolhe muyto quisesse mandar algũs Religiosos, pera ficarẽ naquelle Reino em seu lugar, & com isso satisfazerem ao Rey de Syão, & elles se poderem tornar pera a India, quietar, & descansar de tão larga peregrinação, como tinhão feito. Polla qual rezão o P. Vigairo gêral Fr. Hieronymo de S. Domingos, mandou logo no anno seguinte (que foy o de 1600.) o padre Fr. Pedro Lobato, & o padre F. Hieronymo Mascarenhas, pera ficarem no Reyno de Syão, em lugar dos que là estauão. E chegando a Malaca, souberaõ como o Padre F. Iorge da Mota morrera no mar vindo por embaixador do Rey de Syão, a tratar com o capitão de Malaca negocios do mesmo Rey. E o P. Fr. Syluestre era tornado pera Camboja, & o P. F. Luis morto em odio da Fè por hum Mouro, estando elle dizendo Missa em Syão. Pollas quaes rezões por então se ficaraõ em Malaca, & não passaraõ a Syão, por não saberem como estauão as cousas daquelle Reyno.

Os PP. F. Pedro Lobato, & F. Hieronimo Mascarenhas vão a Syão.

Morte dos P. F. Iorge, & Fr. Luis

Relação da cidade de Angòr.

AInda que pareça desuiarme da hystoria, q̃ tratey neste capitulo, da Christandade de Camboja, cõ tudo não deixarey de dizer algũa cousa de hũa cidade que neste Reino se achou, estando eu nestas partes, por ser hũa cousa estranha, & admirauel.

¶ No tempo que o P. Fr. Syluestre andaua no Reyno de Camboja, se descubrio hũa cidade, a que chamão Angòr, situada duzentas legoas polla terra dentro, começando a cõtar da entrada do rio: a qual estaua despouoada, cheya de mato, & herua, & habitada de bes

trâs feras. Tinha hũa muralha de quatro legoas em roda, toda de pedra de Cantaria, posta hũa sobre outra sem cal. Da banda de dentro tinha grande entulho, que chegaua atê o alto do muro, & da banda de fora hũa caua muy funda, de largura de hũ tiro de espingarda, chea de agoa. Auia dentro nella ainda hũa rua muito larga, cõ sinaes de grandes edificios, mas jà todos derrubados. Esta ua no meyo della hum grande Templo dos Idolos, & fora da cidade muitos, hum dos quaes tinha noue claustros, & neste se acharaõ mais de doze Idolos, todos de ouro moçiço, & algũs como mininos de dez annos. Tinha quatro portas, & todas com suas pontes, que atrauessauão a caua, de pedraria, com figuras de pedra lauradas, de muito feitio. Nunca se soube da fundação desta cidade, nem da causa porque se despouoou, que he hũa cousa admirauel, & muito mais não auer pedra em todo este territorio, & auerse de trazer pera este edificio dalli a trĩta legoas, onde somente ha pedra cõ que se podia edificar. Vão a esta cidade com embarcações, & perto della desembarcão em hũas prayas, que atè então erão matos desertos, & muy cerrados, habitados de feras. E hoje ja estão esmoutados, & feitos caminhos pera a cidade, aonde o Rey de Camboja se passou cõ sua corte, & nella viue. Os nossos Religiosos estiuerão nella, & os Capuchos de S. Francisco, q̃ me contaraõ estas cousas, & muita gente da India tẽ la ido.

¶CAPITVLO VIII.

¶Da fundação da casa de S. Domingos de Moçambique.

DEpois que os Religiosos da Ordẽ dos Prêgadores plantaraõ a Fè de Christo em algũas partes da India, como fica dito, desejosos de a dilatar pollas mais partes do Oriente, passarão âs da Ethiopia Oriental, pera nellas cultiuarem o mato da inculta, & agreste Gentilidade. Estes foraõ os Padres Fr. Hieronymo do Couto, & Frey Pedro Vsus Mâris: os quaes fundarão logo hũa casa na ilha de Moçambique, em que morassem ordinariamente seis, ou sete Religiosos. Isto foy no tẽpo que veyo ter a esta ilha o

Conde

Conde d'Atouguia dom Luis d'Attaide, quando foy a segunda vez por Viçerey da India, que foy no anno de 1577. Os quaes padres vieraõ alli da India dirigidos, pera irem â ilha de S. Lourenço, que entaõ se mandaua descubrir, & conquistar, pera nella prêgarem & fũdarem casas, em que residissem Religiosos da mesma Ordem pera o mesmo effeito. O que então se não pode executar, por senão fazer esta conquista nem o estado da India estar poderoso, pera fazer tantas despesas, & gastos, como pera tal empresa era necessario. Pollo que o dito Conde Vicerey deixou os Padres em Moçambique, dandolhe ordem, pera que fizessem primeiro assento na dita ilha, escolhẽdolhe elle em pessoa o sitio, pera se fazer o Conuento, que os Ollandeses destruiraõ (como fica dito) a qual casa seria fundamento, & seminario de toda esta Christandade, & que d'alli poderião os Padres ir a todas as partes, asi à ilha de S. Lourenço, quando se conquistasse, como a toda esta costa da terra firme, do Cabo Delgado, atè o Cabo das Correntes, a prêgar o santo Euangelho.

Dõ Luis d'Attaide principiou a casa de S. Domingos de Moçambique.

¶ Estes justos, & prudentes intentos deste Viçerey não foraõ mal fũdados, antes todos se cumpriraõ, & puseraõ em effeito: porque da mesma casa foraõ logo os Padres de S. Domingos cõtinuando cõ a Christandade, & prêgação do Euangelho por todas estas partes; dos quaes hũs foraõ à ilha de S. Lourenço (como adiante diremos) outros foraõ à ilha do Cabo Delgado, & fizeraõ com Diogo Rodriguez Correa senhor da ilha de Quirimba, que fizesse na mesma ilha hũa igreja, como fez, muito fermosa, da innocaçaõ de Nossa Senhora do Rosario, a qual deu â Ordem de S. Domingos, com terras, & palmares, que estão ao redor della, com obrigaçaõ de duas missas rezadas cada semana. A qual igreja os Padres de S. Domingos aceitaraõ cõ a dita obrigaçaõ: & atè agora tem residido nella, & tem feito muitos milhares de Christãos. Nesta igreja estiue eu dous annos, & a Christandade que nella fiz direy adiante em seu lugar.

Igreja de Quirimba.

¶ Outros Religiosos desta casa de Moçambique foraõ inuiados aos rios de Cuama, onde viuião os Christãos que la andauão,

Estado em q̃ os Padres acharaõ os Rios de Cuama.

andauão, como se o não foraõ nem professaraõ a guarda da ley de Deos, comendo sempre carne às sestas feiras, sabbados & quaresmas, hũs por não saberem quando era dia de peyxe, ou de carne, nẽ terem quẽ lho lembrasse: outros por não quererem saber estas cousas, a que estauão obrigados. E a tanto chegaua o descuido desta gẽte, que os moradores de Sena tinhaõ em hũa hermida, q̃ auia na terra, sobre o altar humpainel, no qual estaua pintada Lucrecia Romana, assi como se pinta nua, atrauessada com hũa espada pollos peitos, â qual se encõmendauão, cuidando q̃ era S. Catherina Martyr: de que se magoaraõ muyto os primeiros Padres, que alli foraõ desta sagrada Ordẽ, vendo em gente Christã tanto descuido, & ignorancia nas cousas da Christãdade. Pollo que foraõ logo estranhando, amoestando & prẽgando aos moradores destas partes, & tirãdolhe pouco & pouco muitos maos custumes, em que estauão arreigados, atè os trazer ao conhecimẽto dos erros em que viuião, & à obseruãcia da ley que professauão, como Christãos tementes a Deos. De modo, que em todas as cousas da Religiaõ Christã não tem agora estas terras differença algũa das que estaõ metidas no amago da Christandade. Estes mesmos Padres fizeraõ logo hũa igreja em Sena, da inuocação de Santa Catherina de Sena, com duas Confrarias mais, hũa de Nossa Senhora do Rosario, & outra de I E S V, com suas imagens muito deuotas, & curiosas, que mandaraõ vir da India.

Igreja de Sena.

¶ Fizeraõ mais hũa igreja em Tete da inuocação de Santiago, & nella outras duas Cõfrarias, hũa de Nossa Senhora da Conceição, & outra de S. Antonio de Padua. As quaes igrejas ornarão de muitos ornamentos, & cousas necessarias pera o culto diuino. E assi fizerão muytos milhares de Christãos dos Gentios da terra: entre os quaes baptizaraõ algũs Reys vizinhos de Sena, & de Tete. E os moradores destes Rios confessauão publicamente, que a Christandade destas partes se deuia toda ao trabalho, & vigilancia dos Padres de S. Domingos. Nestas igrejas estiue eu tambem hum anno, & a Christandade q̃ nellas fiz contarei adiante.

Igreja de Tete.

F Desta

¶ Desta casa de Moçambique forão algũas vezes Religiosos da dita Ordem a visitar toda esta costa, assi de Sofâla, & Rios de Cuama, como das ilhas de Quirimba, & costa de Melinde, com poderes de Visitadores dos Arcebispos de Goa, de cujo Arcebispado he toda esta costa. Hũ dos quaes foy o Padre Frey Hieronymo de S. Agostinho, irmão do Padre Mestre Fr. Antonio de S. Domingos da mesma Ordem, Lente jubilado na Cadeira de Prima de Theologia da Vniuersidade de Coimbra. Outro foy o Padre F. Diogo Cornejo, natural da India, da cidade de Chaul. Outro foy o Padre Presentado Frey Esteuão da Assumpção. Outro foy o Padre Frey Manoel Pinto: todos Religiosos de muita authoridade, prudencia, & virtude. Os quaes nestas visitações (que cadahum fez por sua vez, & algũs duas vezes, & mais) fizeraõ muitos seruiços a Deos, emendando muitos vicios, reprendendo muytos peccados publicos, & maos custumes, que auia em todas estas partes. De modo q̃ esta casa de S. Domingos de Moçambique he Seminario, do qual se prouem todas estas Christandades da Ethiopia, q̃ tenho apontado, onde se faz muito seruiço a Deos & a elRey nosso Senhor.

F. Hieronimo de S. Agost.

f. Diogo Cornejo

F. Esteuã da Assũpção.

f. Manoel Pinto

¶ CAPITVLO IX.

¶ Que trata dos Padres Fr. Nicolao do Rosario, Fr. Ioão de S. Thomas, & F. Ioão da Piedade, que os infieis mataraõ andando na Christandade da Ethiopia.

SEndo capitão da fortaleza de Moçãbique o Alferez môr D. Iorge de Meneses, no anno de 1587. determinou mandar hũ nauio â ilha de S. Lourenço, a tratar cõmercio cõ os moradores della, & assentar pazes cõ elles: pera bẽ das quaes pedio aos Padres de S. Domingos, q̃ morauão em Moçãbique, quisesse algũ delles ir no dito nauio, pera mais segurança dos Mouros da mesma ilha; porq̃ inda que infieis, dão muito credito aos Religiosos, tẽdoos por gẽte de boa cõsciencia, & q̃ não tratão enganos, nẽ falsidades. Pera o qual effeito se offereceo o Padre Frey Iohão de S. Thomas, que ja tinha feito muitos Christãos em a ilha de Quirimba, & era

F. Iõ. de S. Thom. vay prẽgar â ilha de S. Lour.

Reli

Religioso de vida muy exemplar, Prêgador Euãgelico. Chegado o tempo da partida, embarcouse o Padre no nauio cõ intento de nesta empresa se sacrificar a Deos, & ver se podia naquella ilha tambem fazer sua mercancia, que era a cõuersaõ das almas, & augmento da Christandade. Partidos pois, chegaraõ à ilha de S. Loureço, onde por via, & meyo do Padre se fez todo o resgate, & se tratârão, & apaziguarão as cousas demaneira, que elle se ficou na ilha, mouido com o desejo que tinha de conuerter aquellas gentes, que alli se perdiaõ por falta de quem lhe ensinasse o caminho da saluaçaõ, & o nauio se tornou pera Moçambique, muy satisfeito do bom successo da viagem. O Padre ficando sò na ilha, começou de ensinar, & prêgar a fè de Christo aos Gentios da terra, com grandes esperanças de fazer muito fruito em suas almas.

ficou na ilha fazendo Christãdade.

Mas os Mouros, que tambem morauaõ na mesma ilha, o não puderaõ soffrer, & dissimularaõ sua payxão por algũs dias, determinando de o matar com peçonha secretamẽte, por naõ quebrarem as pazes, que nouamente tinhaõ feyto com Moçambique. A qual determinaçaõ, & deprauado intento puseraõ em effeito, deytando peçonha na agoa, que o Padre auia de beber. Da qual tanto que bebeo, logo sentio em si seus effeitos, com grandes agastamentos. Mas antes que morresse, conhecendo ser ja chegada sua morte, chamou algũs Cafres da terra seus amigos, & pediolhe muyto, que tanto que elle morresse, enterrassem seu corpo. E logo se começou aparelhar pera morrer, encomendandose muito a Deos, & offerecendolhe aquella morte, que recebia da maõ dos infieis por seu amor, & pollo augmento que pretendia fazer naquella Christandade; & dahi a pouco falleceo. Os Cafres daquella pouoação sentiraõ muyto sua morte, & maldiziaõ aos Mouros, que foraõ causa della. Enterraraõ seu corpo junto da praya entre hũs penedos grandes, que alli estão: & sua alma estara na gloria, gozando da visaõ de Deos, pois por dilatar, & augmentar sua santa Fè, & dâlla a conhecer aos barbaros, que a naõ sabiaõ, prêgandolhes o santo Euangelho, se offereceo aos trabalhos, & morte que padeceo.

Morreõ de peçonha q os Mouros lhe derã.

F.Nicolao do Rosario

¶ Outro Padre da mesma Ordem, chamado Fr. Nicolao do Rosario, foy desta casa de Moçambique prêgar aos rios de Cuama, no anno do Senhor de 1592. o qual era muy gran de prêgador, & dotado de mui ta virtude, & por tal tido não somente da gente destes Rios, mas tambem de todos os que o conhecião, & conuersauão, & muito mais da gente da per dição da Nao S. Thome, na qual tambem se achou, indo da India pera Portugal. E em to dos os trabalhos desta perdi ção (que foraõ infinitos) se ou ue como verdadeyro seruo de Deos, soffrendo todos cõ muy ta paciencia, & grande constan cia, animãdo com seu exemplo & amoestações aos outros, que não desfallecessem: & no exte rior mostrou muito bẽ os qui lates da virtude, que tinha no interior. Este Padre depois de vir desta perdição, foy a estes rios, como tenho dito, em os quaes andaua prêgando, & fa zendo officio de varaõ Aposto lico. Neste tẽpo succedeo hũa guerra entre os Portugueses destes rios, & hũa nação de Ca fres, a q̃ chamao Zimbas, muy Barbaros, & crueys, os quaes comião carne humana, & fa zião muytos males, & muyto mayores se esperaua que fizes sem. Pollo qual respeito o ca pitão de Tete, que então era Pero Fernandez de Chaues, com a mayor parte dos Portu gueses que auia na terra, deter minou lançar fora estes Cafres dos lugares que tinhão toma dos por força aos Cafres vizi nhos destes rios, & tornallos outra vez a seus donos. Posta sua ida em conclusaõ, pedio o capitão muito ao Padre Fr. Ni colao o quisesse acompanhar neste caminho, pera sacramen tar a gente desta companhia. O que elle aceitou, & fez com muito gosto, parecẽdolhe que nisso fazia muito grande serui ço a Deos, & aos Portugueses. Mas neste caminho morreraõ quasi todos âs frechadas em hũa çilada, q̃ os Cafres lhe fi zeraõ (como largamente atras fica cõtado.) & o Padre Frey Nicolao, que ficou inda viuo, posto que muito mal ferido, foy preso & leuado â sua pouoa ção, & atado de pês, & mãos a hum pao, o assetearaõ, & aca baraõ de matar cruelmente âs frechadas, por ser Religioso, a quem elles chamão Caçiz, dizendo q̃ os Portugueses não fazião aquella guerra senão

1.p. liu. 2.cap.18

por

por seu cõselho, porq os Christãos não fazem semelhantes cousas sem conselho, & parecer de seus Caçizes. Desta maneira acabou este Religioso, como outro S. Sebastião, todo atrauessado de frechas, prêgando sempre, & confessando a Fè de Christo, por quem morria. Depois de morto, os mesmos Cafres o fizeraõ em pedaços, & o repartirão entre si, & o comeraõ cozido. Mas sua alma terà ja alcãçado o premio dos trabalhos, & morte que soffreo por amor de Deos.

foi comido dos Cafres.

¶ Desta casa de Moçambique que foy mandado pera a Igreja de Sena o P. F. Ioão da Piedade, onde se occupaua no seruiço daquella Christandade. Neste tẽpo socedeo, q̃ hum Cafre Gentio, chamado Sanapâche, senhor de hũas terras dos Rios de Cuama (vẽdose opprimido de seus inimigos) fugio pera Sena ao abrigo, & emparo dos Portugueses; & pera os mais obrigar, & ter de sua parte, se fez Christão, & o P. Frey Ioão da Piedade o catechizou, & baptizou. Mas como este Cafre se conuerteo (segũdo depois mostrou) mais por respeito da necessidade, em q̃ estaua, q̃ com desejo de sua saluação, tornou a fugir pera suas terras por certa occasião q̃ teue, & leuantouse cõtra os Portugueses, declarandose por seu inimigo, & fazendolhe todo o mal q̃ podia. Nesta conjunção vindo o P. Fr. Ioão pollo rio ẽ hũa embarcação, este Cafre lhe sayo ao encontro, & o matou cruelmẽte, em pago de o fazer Christão, & de lhe dar conhecimento de Deos. De maneira q̃ a estes perigos, & mortes andão ordinariamente offerecidos os nossos Religiosos, que nesta Christãdade se occupaõ polla augmentar, & dilatar.

Morte do P. F. Ioão.

¶ CAPIT. DECIMO

¶ Das mais casas, & Conuentos, que os Religiosos da Ordem dos Prêgadores fundaraõ nas partes Orientaes.

IA temos visto de quanta importãcia foraõ as casas, q̃ os Religiosos de S. Domingos fundaraõ em Malaca, & Moçãbique, dõde sairaõ tantos Padres a prêgar a Fè pollos Reynos de Solòr, Timòr, Ende, Syão, & Camboja, & pollos Reynos da Ethiopia, como fica dito. Resta agora saber q̃ os mais Religiosos da mesma Ordem, que andauão na India tam-

tambem trabalhauão, não sòmente na mesma prêgação, & doutrina do Euangelho, mas tambẽ na fundação de outras casas, Conuẽtos, & Collegios. Dos quaes hũs foraõ fundar o Conuento de Dio, em q̃ viuẽ dez Religiosos. Pera a cidade de Baçaim foraõ outros, onde fizeraõ hũa casa da inuocação de S. Gõçalo, em q̃ moraõ seis & sete. Outros fundaraõ duas casas, hũa em Maim, & outra ẽ Tarâpòr, em cadahũa das quaes viuẽ somẽte dous Religiosos, por causa das obras que se vão fazẽdo em ambas. Outros dous Religiosos residem sempre na igreja de nossa Senhora dos Remedios, q̃ tambem he da nossa Ordẽ, a qual està meya legoa de Baçaim, polla terra dẽtro, casa de muita Romagẽ, onde a Virgem nossa Senhora tẽ feito, & faz cadadia muitos milagres. Pola qual rezão não sòmente os Christãos, mas tambem os Gentios daquella terra lhe tẽ muita deuação, & lhe leuão azeite pera acender sua alampada, & lhe vaõ pedir o remedio, q̃ todos nella achão pera suas doenças, & infirmidades; & por esta mesma rezão muitas pessoas nobres de todas as cidades do Norte, & ainda da cidade de Goa, q̃ està dalli oitenta legoas, lhe promettem nouenas, q̃ vaõ cumprir a sua casa, & muitas molheres honradas tomaõ por deuaçaõ varrerlhe os degraos do seu altar com os cabellos, por lho terem assi prometido em muitas pressas, & necessidades, em que a Virgem cõmũmente lhe socorre. Outros dous Religiosos residiraõ muitos annos na igreja dos Reis Magos, q̃ està pollo rio acima de Còchim, onde os Portugueses tem hũa fortaleza q̃ chamão o Castello, na qual os Padres desta Ordẽ fizeraõ muita Christãdade, & depois largaraõ o ministerio desta igreja ao Bispo, pollas muitas forças, & tyrannias q̃ certos moradores da terra faziaõ, perdendo a reuerencia, & respeito q̃ deuiaõ ter aos ditos Padres, & a suas amoestações. Pollo q̃ deixada esta igreja, se vieraõ pera S. Domĩgos de Côchim, onde tem augmentado a cõfraria de nossa Senhora do Rosario, que alli seruiraõ muitos annos os Malauares Christaõs, cõ muita veneraçaõ, & deuaçaõ, & hoje a seruem os Portugueses cõ a mesma, & atẽ de modo, q̃ naõ ha em toda a India cõfraria mais rica q̃ esta.

S. Domĩgos de Dio.

Cõuẽto de Baçaim.

Casas de Maim, & Tarâpòr.

N. S. dos Remedios.

Reis Magos.

Outros

¶ Outras duas casas tiueraõ os Padres de S. Domĩgos, hũa em a fortaleza d'Ormuz, onde residiraõ muitos annos. Outra em a fortaleza de Chale, aqual os Malauares cercaraõ, & puseraõ em tanto aperto de fome que o capitão della lha entregou a partido: & foy, q̃ deyxariaõ os inimigos sair toda a gẽte da fortaleza liuremente. O que posto em effeito, tomaraõ os Malauares posse da dita fortaleza, & logo a derrubarão, & puseraõ por terra, & assi estâ atè hoje despouoada: & a casa d'Ormuz largaraõ aos Padres de S. Agostinho, os quaes inda hoje conseruão nella a confraria do glorioso S. Gonçalo de Amaranthe, que alli ficou em muita veneração, & tem feyto muitos milagres.

Casas de S. Domĩgos e Ormuz, & Chale.

¶ Depois de todas estas casas sobreditas, fundaraõ os Padres da nossa Ordem hũa casa na China, na ilha de Machao, onde os Portugueses tem hũa nobre pouoação, na qual reside o Bispo da China. Nesta casa viuem cinco, ou seis Religiosos: a qual fundou o Padre Presentado Frey Antonio Arcediano Hespanhol, Religioso de muito exemplo, virtude, & letras, que alli foy ter cõ dous companheiros, que foraõ os Padres Frey Alonso, & Frey Bertholameu, indo das ilhas Philippinas, õde os Religiosos de S. Domingos tem Conuentos; & feyto muita Christandade: das quaes foy primeiro Bispo Dom Frey Domingos de Salazar Religioso muy docto da Ordem dos Prêgadores; eleito por el Rey Philippe II. que Deos aja, & consagrado em Madrid no anno de 1579. Tornando pois ao Padre Fr. Antonio Arcediano, depois q̃ fundou a dita casa de Machao; mandou à India chamar os nossos Religiosos Portugueses, que fossem tomar posse della, como fizeraõ: & nella residem hoje, como fica dito. E o Padre Frey Antonio se veyo pera Goa com seus companheyros, onde leo muytos annos Theologia muy doctamente, & depois se tornou pera Hespanha polla via de Portugal, onde chegou a saluamento. E finalmente estando lêdo Theologia no Collegio de S. Domingos de Alcala de Henares, falleceo, deixando grande satisfação de suas virtudes, & letras. Pollo que foy muyto sentida sua morte de todos os Religiosos da Ordem.

Casa de S. Domĩgos na China.

D. F. Dõmingos de Salazar 1. Bispo das Philippinas.

¶ Depois desta casa fundaraõ os Padres da dita Ordem hum Collegio em a cidade de Goa, junto ao rio, lugar muy sadio, & apraziuel. O qual Collegio he da inuocação de S. Thomas de Aquino, & nelle residem ordinariamẽte quarenta estudantes cõ seu Prior, & Leitores de Artes, & Theologia.

Collegio de S.Th. em Goa.

¶ Outra casa tinhão os nossos Religiosos principiada em a cidade de S. Thome, da inuocação de nossa Senhora do Rosario, & o anno de 1603. foraõ dous da mesma Ordem acabar a dita casa, pera nella residirẽ dahi por diante, prêgarem, & sacramentarẽ, como nas mais fazem. O que puseraõ em effeito à petição & rogo dos moradores da cidade, & hoje ja estão nella cinco, ou seis, & tem bastante sustentação.

Casa de S. Domĩgos ẽ S. Thome.

¶ No anno de 1603. foraõ chamados os Religiosos desta sagrada Ordem pollos moradores de Bengala, pedindolhe com muita instancia quisessem ir ao dito Reino fundar casas, & morar nellas, pera doutrinar aquelles pouos tão faltos de remedios spirituaes, prêgãdolhe, & administrandolhe os Sacramentos. O que visto pollos Religiosos, ordenaraõ logo mandar algũs padres, pera satisfazerem a tão justa petição, & deuação, q̃ mostrauão ter à Ordem de S. Domingos. E foraõ a esta empresa o P. F. Belchior da Luz, & o P. Frey Gaspar da Assũpçaõ: os quaes chegando la a saluamento, foraõ muy bem recebidos, & logo ordenaraõ a fundaçaõ de hũa casa com ajuda de todo o pouo.

Casa de S. Domĩgos ẽ Bẽgala.

Os PP. F. Belchior. & Fr. Gaspar, vão a Bẽgala.

¶ Tanto que o Rey do Arrecão soube, q̃ estauaõ Padres de S. Domingos em Bengala, mandou chamar o Padre Frey Belchior da Luz, & o recebeo com grandes honras, fazendo lhe muitas merces, pretendendo tratar por sua via pazes, & amizade com os Portugueses, porque a desejaua muito: & pera isso lhe pedio que fosse a Goa tratar este negocio com o Viçerey. E fazendo elle esta viagem, tomou Bengala de caminho, pera ver em que estado estaua o padre Frey Gaspar seu companheiro, & a casa que tinha principiada: & andãdo nestes rios em seruiço d'aquella Christandade, perdendose o batel em que hia, se affogou. O P. Fr. Gaspar vendo se sò, & falto de algũas cousas necess-

O P. Fr. Belchior vay ao Arrecão.

Morte do P. F. Belchior.

necessarias pera esta Christan dade, vindo a Goa a tratar del las com o Viçerey, & com o P. Vigayro gêral, foy tomado na viagem, de hum nauio de Malauares, & morto em odio da Fè, porque dando a vida aos mais que tomaraõ, a elle a tiraraõ por ser Religioso, & defensor da ley de Christo.

O P. Fr. Gaspar morto pollos Malauares.

¶ No anno seguinte foraõ tambem Religiosos desta sagrada Ordẽ pera Pegû, onde agora estaõ cinco, & tem fundado duas casas, hũa na ilha de Syriào, da inuocação de S. Thomas, que se vay fazendo com muita pressa, & tem ja cellas pera morarem os Religiosos, & segundo seus principios sera hũa casa muito grande: onde tambem se faz Seminario pera criação de moços, & ja nelle estaõ algũs, a quem os Religiosos ensinão a ler, escreuer, Latim, Canto, & bõs custumes. O Vigayro desta casa, que corria com suas obras, era o P. Fr. Antonio d'Oliuares, bom letrado, & Prêgador. E o Vigayro gêral desta Christandade, era o Padre Frey Francisco da Annunciação: o qual tem feito muito seruiço a Deos nesta terra, & foy dos primeiros q̃ nella entraraõ em companhia de Filippe de Brito Nicote, por outro nome Changa, o qual ganhou o Reino do Arrecão por força de armas, & agora dizẽ q̃ he Rey de todo elle. Este Padre no anno de 1607. veyo a Goa por terra no inuerno, por via de S. Thome, a negocios d'aquella Christandade, offerecendose a muytos trabalhos pollo seruiço de Deos, & del Rey nosso Senhor. Algũs annos depois de estarẽ neste Reino os Religiosos de S. Domingos, foraõ la os da Companhia & os de S. Francisco. As mais particularidades não soube atê agora.

Casas em Pegû.

¶ No mesmo anno de 1604. foraõ pedidos com muyta instancia de Negapatão Religiosos desta sagrada Ordem, pera que fossem fundar casa na dita cidade: a cuja petição differiraõ, & aceitaraõ a casa, que os moradores della lhe fazem, & sustentão à sua custa quatro, ou cinco Religiosos.

Casa em Negapatão.

¶ No anno seguinte de 1605 foraõ pedidos Religiosos desta Ordem da ilha de Ceylão, onde foy mandado o Padre F. Manoel da Gama natural da cidade de Cochĩ, bõ Prêgador, & Religioso muy obseruante, com outro companheiro sacer dote,

Casa em Ceilão.

dote: os quaes foraõ bem recebidos, & fundaraõ logo casa em que viuem, & tem instituida nella a Confra ia do Rosario, que he de muita deuação.

¶ De maneira, que estes nouos cõquistadores d'almas tomaraõ tanto a peito esta santa empresa, que em muito poucos annos prêgarão a ley Euãgelica, & dilatarão a fè de Christo nosso Senhor pollas mais remotas partes do Oriente, & aproueitaraõ tanto no ministerio da Christandade polla misericordia de Deos, que tem feito nestas casas, que atras ficão nomeadas, muitos milhares de Christãos. Queira nosso Sñor augmentar sua Fè nestas partes, pera honra, & gloria sua, & abatimento da perfida seita de Mafamede, que està semeada pollos mais destes Reinos.

¶ CAPITVLO XI.

¶ De algũs Religiosos da Ordem dos Prêgadores, que foraõ inuiados â India Oriental por Bispos.

SEmpre os Religiosos desta sagrada Ordem foraõ continuando nesta conquista spiritual da India: entre os quaes entraraõ varões muy eminentes, asi em virtudes, como em letras. Dos quaes algũs forão inuiados pollos Reys de Portugal pera Bispos da India, pera que com sua doutrina, & virtude apaçentassem, & gouernassem o nouo rebanho das ouelhas, que seus antepassados tinhão ganhado, & conuertido a a Iesu Christo.

¶ O primeiro foy Dõ F. Iorge Themudo, que foy o primeiro Bispo de Cochim, & depois o segundo Arcebispo de Goa, por renunciação do Arcebispo Dom Gaspar, que foy o primeiro. Este Dom Frey Iorge se ouue asi no Bispado, como no Arcebispado com muyta vigilancia, & zelo da saluação de suas ouelhas, apacentandoas com doutrina, exemplo, & santos custumes, como se esperaua de tão grande Religioso, como elle era. Falleceo em Goa, & jaz sepultado honradamente na Sè da dita cidade.

D.F. Iorge Themudo.

¶ No mesmo anno foy tambem Dom Frey Iorge de S. Luzia por Bispo de Malaca: o qual foy tambem o primeiro Bispo daquella terra. Este Bispo, tãto que chegou a Goa indo de Portugal, gouernou primeiro o dito Arcebispado por mandado

D.F. Iorge de S. Luzia.

dado del Rey, atê ir de Portugal o Arcebispo Dom Gaspar, que foy logo no anno seguinte. E tanto que elle tomou posse do Arcebispado, logo D. Fr. Jorge se foy pera o seu Bispado de Malaca. Deste santo Bispo se contão muitas cousas, q̃ no juizo dos bem intencionados foraõ tidas por notaueis merces, & fauores do ceo, assi no cerco grande de Goa, em tempo do Viçerey dom Luis d'Attaide, como estando em Malaca: das quaes apontarey somente algũas.

¶ Estando este seruo de Deos em Goa no tẽpo do cerco grande, & sabendo hum dia que o Viçerey D. Luis d'Attaide estaua mui enfadado, & opprimido polla infinidade de Mouros que o Idalcão tinha juntos pera entrar na ilha de Goa (com cuja cõparação o numero dos Portuguesses era muito pequeno, pera lhe poderem resistir) sayose de sua casa, & foy visitar o Viçerey, & dissellhe as palauras seguintes: Não se canse V. S. nem se pene por ver tãtos inimigos contra si, antes se alegre, & dè muitas graças a nosso Senhor, porque amanhã terá hũa gloriosa vitoria contra todos elles, de modo q̃ larguem o cerco, com muita confusaõ, & vergonha sua, & se recolhão pera suas terras, deixando muita parte de seus companheiros mortos na batalha, q̃ ha de custar muito pouco sangue de Portuguesses. Cõ estas palauras ficou o Viçerey muy animado, & confiado, porq̃ bẽ conhecia que hum tal Prelado a quẽ elle, & todos tinhão por santo, não affirmaua semelhantes cousas sem spirito de Deos, & que por suas orações alcançaria vitoria de seus inimigos, como de feito alcançou, porq̃ aquella noyte cometeraõ os Mouros a entrada da ilha de Goa por hum passo secco, & lançando muitos Mouros em hũa ilha (que de então atè agora se chama dos mortos, pollos muitos infieis que os Portuguesses nella mataraõ) quis nosso Senhor, q̃ todos fossem vencidos, & mortos à espada. De modo que o inimigo vendo a melhor de sua gente morta, & sua força destruida, leuantou o cerco, & fugio vergonhosamente, ficando a fè de Christo exalçada, & o nome Portugues com muita gloria de tão honrada vitoria.

¶ Depois que este varaõ de Deos foy pera Malaca gouernar

nar o seu Bispado, lhe fez nosso Senhor muy notaueis merces em muitas occasiões. A primeira foy amaldiçoar os Reymões (que he hũa especie de feras muito mais crueis, & carniceiras, & de muito mais medonha, & espantosa catadura, que os Tygres) os quaes eraõ tantos naquelles matos de Malaca, que ninguẽ ousaua sayr da cidade a buscar lenha, porque sayão do mato estas feras, & matauão, & comião muita gente. E taõ crueis eraõ, que dentro â cidade vinhão de noite apanhar a gente, que achauaõ descuydada. Mas tanto q̃ este santo varaõ entrou em Malaca, & soube o estrago, que os Reymões fazião nella, foyse â entrada do mato com Cruz leuantada, & agoa benta, & benzeo todos os matos, & amaldiçoou os Reymões, mandandolhe da parte de Deos, que não viessem alli mais, & de então atè agora nunca se mais viraõ no termo, & cõfins de Malaca.

Reimões de Malaca, que o Bispo afugẽtou

¶ Hũa molher de Malaca pretendeo matar este seruo de Deos, porque lhe tolhia certos tratos illicitos que tinha. E pera isso fez hum manjar de leite & açucar, a que na India chamão Syricaya (que he hum comer muito excellente) & deytoulhe dentro peçonha, & ordenou por terceira pessoa, que esta iguaria fosse presentada na mesa ao Bispo, quando jantasse: mas elle tanto que a vio diante de si, disse que a tomassẽ & lançassem no rio, ou a enterrassem, & q̃ ninguem comesse della: naõ querendo com tudo dizer que tinha peçonha, por naõ infamar quem tanto mal tinha ordenado. O que vẽdo o despenseyro do Bispo mandou tirar a iguaria da mesa, dizendo que lha guardassem, pera elle mesmo por em effeito o que o Bispo mandaua; & depois disso comeo della, parecendolhe, que o Bispo deixaua de a comer por ser muito deliciosa, & naõ teria outro mal. Mas tãto que comeo, logo sentio em si os effeitos da peçonha da qual inchou, & morreo em breue tempo.

Como o Bpõ foi liure da peçonha q̃ lhe dauão.

¶ CAPITVLO XII.

¶ De outros successos do Bispo de Malaca D. Fr. Iorge de S. Luzia.

Estando este Bispo em Malaca, disse hum dia ao capitaõ da fortaleza, que se aparelhasse

lhasse pera resistir aos inimigos, que não tardariaõ muito: porque elle os via da sua janella vir jà muito perto. O capitaõ mandou logo vigiar o mar pera ver se descubriaõ a dita armada, no que se gastou muita parte do dia, sem verem cousa, que pudesse fazer mal a Malaca. Pollo que algũs soldados começaraõ logo motejar do Bispo, dizendo que sonhara o auiso que dera. Mas o prudente capitaõ, naõ fez pouco caso delle, sabendo que tal homem naõ dizia semelhantes cousas no âr, & sem fundamento. Pollo que se apercebeo, & pos suas vigias necessarias no mar, & mandou, que todos estiuessem prestes com suas armas, o que foy bem necessario pera saluaçaõ da cidade: porque os inimigos chegaraõ logo na madrugada seguinte, & desembarcaraõ cõ muita ousadia, parecendolhe que tomauaõ a gente de Malaca descuidada, & que podiaõ fazer sua presa muyto a seu saluo. Mas naõ lhe succedeo como cuidauaõ, porque os nossos (auisados ja dos vigias) estauaõ esperando sua vinda com as armas nas mãos: & tanto que forão desembarcando em terra, logo lhe sayrão ao encontro, & matarão muitos inimigos, & os mais q̃ ficarão com vida ouuerão por grande sorte tornarse a embarcar. E assi logo se tornou a dita armada enuergonhada, & afrontada pera Samâtra donde tinha saydo, com muita parte menos da gente que trazia.

Quando este seruo de Deos renunciou o Bispado, estauão no porto duas naos de caminho pera Goa, hũa dellas noua & muito fermosa, em q̃ todos se embarcauão, & outra velha, & pouco estâque, onde ninguẽ se queria meter. Mas o Bispo deixou a nao noua (na qual o capitão della lhe daua os melhores gasalhados) & escolheo antes a nao velha, dizendo que a tinha por mais segura, & que nella esperaua em Deos chegar a Goa mais depressa, & a saluamento. O que socedeo assi como elle tinha dito, porque a nao noua em que se não quis embarcar se perdeo na dita viagem cõ quantos nella vinhão, & a do Bispo chegou a saluamento.

¶ Aconteceo mais nesta viagem, que estando a nao em q̃ o Bispo auia de ir no porto de Malaca, pera dar vella, mãdou o capitão mòr daquelle mar, que

(que entaõ era Matthias d'Albuquerque) tomarlhe a mayor parte dos marinheiros da nao, dizendo, que os auia mister pera a sua armada, com q̃ andaua correndo aquella costa: o que fez porque o Bispo se não pudesse ir, deixando Malaca taõ desemparada de sua presença. Mas o Bispo vendo que lhe impedião a partida por aquella via, mandou a terra chamar os irmãos da Confraria de Nossa Senhora do Rosario, que eraõ da gente da terra. Os quaes entrando na nao, com elles leuãtou as vergas, & leuou as anchoras, & deu â vella. E depois que foy mareado, despedio os irmaõs da confraria, pera q̃ se fossem pera terra no batel, & elle veyo fazẽdo sua viagem cõ o Piloto, & Mestre da nao, & muito poucos marinheiros. Mas quis nosso Senhor fauorecer a viagẽ do seu seruo de tal maneira, que a nao veyo de Malaca atè o porto de Côchim sẽ amainar as vellas, que saõ quinhentas legoas de mar muy cheo de baixos, & perigos, & cõbatido de trouoadas, & ventos, que nelle cursaõ, hora de hũa parte, hora de outra. Pollo qual respeito as naos desta carreira ordinariamente amainão as vellas forçadas dos tempos contrarios. Os quaes não teue esta nao, porque se os tiuera & fora obrigada a amaynar as vellas, não auia gente na dita nao, que lhas pudesse outra vez leuantar, & assi ficara no meyo do mar sem se bollir, & sem caminhar, & finalmente acabara nella toda a gente. Mas Deos não quis que o seu seruo tiuesse semelhãtes perigos. Outras marauilhas se contaõ deste seruo de Deos, q̃ fez em sua vida, q̃ aqui não ponho, porque meu intento não he mais, que dar hũa breue relação dos Religiosos Prêgadores do Oriente, como no principio disse. Finalmẽte viueo este varaõ de Deos algũs annos em Goa, no Conuento de S. Domingos, cõ summa pobreza monastica, & vida austêra, sẽdo pera todos hũ exemplo de virtude, & santidade. Falleceo no mesmo Conuento, & estâ sepultado no Capitulo da mesma casa.

Força da deuação do Rosario.

Cõ poucos marinheiros nauegou.

¶ CAPITVLO XIII.

¶ De outros Bispos da Ordem dos Prêgadores, que passaraõ â India Oriental.

Depois que D. Fr. Iorge Themudo Bispo de Côchim foy

foy eleyto em Arcebispo de Goa, mandou el Rey dom Sebastião o Padre Frey Hērique de Tauora à India por Bispo de Cóchim. Este Padre era irmão do Bispo do Funchal D. Fr. Fernando de Tauora, tambem Religioso da mesma Ordẽ, de nobre gêração. Os quaes ambos forão eleitos em Bispos no mesmo tempo pollo dito Rey. Este Dom Frey Henrique Bispo de Côchim, depois de gouernar seu Bispado algũs annos, foy Arcebispo de Goa; em cujo gouerno esteue algũs tempos, no fim dos quaes determinou de visitar pessoalmēte seu Arcebispado. Pera o que se embarcou, & foy visitar logo o Norte. E tendo ja visitado todas suas cidades, & fortalezas, veyo ter à Chaul, onde lhe derão peçonha, por ser mui to inteyro, & riguroso em reprender, & castigar peccados publicos. Da qual peçonha morreo, & jaz sepultado ẽ hũa sepultura, que està no Cruzeyro de S. Domingos de Chaul, na parede junto do altar de N. Senhora do Rosario. O companheiro do Arcebispo Religioso da mesma Ordem, que ajudou a comer da peçonha, não morreo della, mas pelouse todo, & esteuē muito mal.

D. F. Hẽrique de Tauora, 2. Bispo de Cōchim.

Foi tambẽ Arcebispo de Goa.

Foi morto cõ peçonha.

¶ Gouernando Francisco Barreto o estado da India (que foy no anno do Sñor de 1556.) veyo ter a Goa por via de Ormuz hum Bispo Religioso da Ordem dos Prêgadores, natural de Malta, chamado D. Frey Ambrosio de Melita. O qual foy mandado pollo Papa Paulo III. com poder de Legado à latere pera todas as partes dos infieis, onde quer que se achasse, assi por elle ser homem mui douto, & Mestre ẽ santa Theologia, como por saber muyto bem a lingoa Arabica, como sabem ordinariamēte os mais dos naturaes de Malta. Este foy mandado em companhia de hum Patriarcha Basilio, que neste tempo veyo a Roma dar obediencia ao Papa, ao qual o dito Summo Pōtifice fez muytas honras, & o tornou a mandar, & com elle este Bispo, pera instruir aquella Christandade de nos custumes, & ceremonias da Igreja Romana: Chegado pois o Patriarcha â sua terra, foy morto por seus proprios subditos com peçonha: por cuja morte fez o Bispo logo outra eleição de Patriarcha com os mesmos naturaes, & a mādou confirmar pollo Papa, por

D. f. Ambrosio d Melita Bispo.

por hum seu irmão, que leuara consigo, tambem Religioso de S. Domingos, chamado Fr. Matheus. E tardando muito a confirmação, & não sabendo o Bispo a causa de tanta tardança, nem que seria feyto de seu irmão, que fora embusca della, temendo juntamente a gente da terra, de que se não fiaua, antes temia que o matassem, como tinhão feito ao seu Patriarcha com peçonha, determinou tornarse pera Europa. E parecendolhe que polla via da India tinha melhor commodo pera isso, veyo ter a Ormũz com outro companheiro, chamado Fr. Antonio, tambem da mesma Ordem, que leuou cõsigo de Roma. E de Ormuz se ẽbarcarão pera a India onde forão bem recebidos, por causa dos Breues authenticos, que o Bispo leuaua do Papa, q̃ declarauão quem elle era, & a dignidade que tinha. E residirão ambos em a cidade de Goa dous annos no Conuẽto de S. Domingos, onde o Bispo se offereceo por sua humildade pera ler Theologia, como leo quasi todo o tempo que alli esteue. E juntamente prêgaua muitas vezes na mesma cidade cõ muito spirito. No fim deste tempo

Leo em S. Domĩgos de Goa.

pretẽdeo embarcarse pera Portugal, & pera isso foy ter a Côchim, onde adoeceo de febres, & falleceo no Conuento de S. Domingos, & nelle jaz sepultado. E asi acabou os trabalhos de sua peregrinação, com muitas esperanças de alcançar o descanso eterno. O Padre F. Antonio seu companheiro embarcouse d'alli pera Portugal, onde chegou a saluamento, & depois se tornou pera Roma, a dar conta ao Summo Pontifice de todo o successo de seus caminhos, & o Papa o fez Bispo de Vienna.

Morte do Bispo D. F. Ambrosio.

Fr. Ant. Bispo de Viena.

¶ No anno do Senhor de 1583. foy mandado à India por Arcebispo de Goa D. Frey Vicente da Fonseca, por el Rey Philippe primeyro de Portugal. O qual era Religioso da mesma Ordem, natural de Lisboa, de nobre gêração, & de muyto grandes partes, asi de pulpito, & letras, como do officio de Pastor, porque era muy solicito, & zeloso da saluaçao de suas ouelhas, & grande castigador de vicios, & peccados publicos. Pollo qual respeito, foy muy perseguido de algũas pessoas poderosas, a quem tolhia certas conuersações illicitas, que tinhão; as quaes não se

D. F. Vicente da Fonseca Arceb. de Goa.

se podendo vingar na propria pessoa do Arcebispo, o fizeraõ em seus criados publicamente, pretendendo com isso affrontallo, mas elle tudo soffreo com generoso, & firme animo, & nem por isso deyxou de fazer seu officio ẽ castigar peccados publicos: porque neste tempo, em que os maos cuydauão, que o bom pastor deyxaria de o ser, & dissimularia suas culpas, nesse mesmo mandou vir perante si hũa molher solteyra, que era causa de todos estes males, assi por sua grande fermosura de rosto, como por sua demasiada deshonestidade. A qual se negoceou & compos pera este dia com muitos affeites, & ricos vestidos, que tinha, dizendo âs pessoas de sua casa: O Arcebispo me manda chamar, & cuyda que me ha de prender, mas elle he o que ha de ficar prezo de minha vista. E desta maneyra com grande confiança em seu parecer, & fermosura, & muy acompanhada de pagens, entrou polla sala do Arcebispo; onde elle a veyo receber com muyta cortesia, cuydando que era outra pessoa nobre. E preguntandolhe quem era, & que queria: Respondeo, que era hũa molher que vinha a seu chamado, & dizendolhe o seu nome, lhe tornou o Arcebispo com muyta colera; Certo que mal dizem vossas obras com o nome que tendes de tão grande santa como foy santa Vrsula, honra, & cabeça de onze mil virgens: mas vos soys cabeça das mais deshonestas molheres, que ha no mundo, instrumento, & laço do demonio, que não tendes pejo de apparecer diante de mim dessa maneyra. E tanta foy a payxão que o Arcebispo disso tomou, que se desautorizou, & leuou de hũa cana de Bengala, que tinha na mão, & com ella lhe deu tres ou quatro pancadas, diante de toda a gente que estaua na sala. E com este castigo publico a mandou lançar polla porta fora, affrontada, & frustrada de seus intentos deshonestos. E certo que foy este castigo muy grande parte pera esta molher se emendar, & viuer melhor d'alli por diante, do que ate então tinha viuido. Este Prelado, depois de gouernar seu Arcebispado alguns annos com o zelo, & inteireza de justiça, que temos contado (tornandose a embarcar pera este Reino a tratar cõ

Reprensaõ publica q̃ deu a hũa molher.

elRey muitas cousas importãtes pera o bem do Estado, & Christandade da India) falleceo no mar em hũa paragem, a que chamão a Volta do Sargaço: & aqui foy lançado. E desta maneira acabou os trabalhos desta miserauel vida, muyto confiado em Deos lhe dar a eterna.

Falleceo vindo pera Portugal.

¶ CAPITVLO. XIIII.

¶ De outros Bispos, & algũs Inquisidores desta Ordem, que passarão â India Oriental.

O anno do Senhor de 1583. foy mandado à India por Inquisidor o muyto docto, & virtuoso Padre Frey Gaspar de Mello, Mestre em Theologia. O qual ja tinha ido outra vez à India por Vigairo gêral da Cõgregação dos Frades Prêgadores. E depois de os gouernar com muita prudẽcia quatro annos, tornou a este Reyno, pera nelle com mais quietação gastar o restante de sua vida, como fez algũs annos, com grandes mostras de virtude; & no fim delles o tornou elRey Philippe I. a mandar â India com o officio de Inquisidor, como tenho dito. A cujos nouos trabalhos, & perigos não resistio, antes abayxando a cabeça ao jugo, & obediencia, que lhe punhão seus Prelados, aceitou o cargo, parecendolhe q̃ nisso fazia grande seruiço a Deos. Nesta viagem padeceo tãtos trabalhos, & infirmidades, que chegando a Goa em breue tempo falleceo, & jaz sepultado no Capitulo de S. Domingos da mesma cidade.

F. Gasp. de Mello Inquisidor.

¶ Deste Padre se affirmaua em seu tempo ser dos melhores Theologos, que auia em Portugal, muy claro, & resoluto em todas as materias, que leo muitos annos em S. Domingos de Lisboa, no Conuento da Batalha, no Collegio de S. Thomas de Coimbra, & na Vniuersidadeda mesma cidade pollo Padre Mestre Frey Martinho de Ledesma da mesma Ordem, Lente jubilado na Cadeyra de Prima, muy conhecido nas escolas pollos liuros que compos. Não imprimio o Padre Frey Gaspar seus escritos, por ser atalhado da morte, que lho impedio: mas de suas materias, & escritos se aproueitão inda hoje muito os Theologos, por sua grande erudição.

¶ No anno do Senhor, de 1585. mandou o mesmo Rey por Inquisidor à India o Padre Presentado Frey Thomas Pinto, Religioso da mesma Ordem de S. Domingos, varaõ muy docto, & de grande habilidade. O qual tambem leo Theologia em Portugal nos Conuentos da mesma Ordem. Este Padre indo pera a India se perdeo nos bayxos da Iudia em a nao Santiago, de que erá capitaõ mór Fernaõ de Mendôça. Na qual perdiçaõ se ouue como verdadeyro filho de S. Domingos, prêgando, animando, & confessando a môr parte da gête, que alli acabou. E de cima destes baixos se saluou no batel da nao com outros Portugueses, & foraõ ter a terra de Cafres, onde foraõ catiuos pollos mesmos Cafres & no catiueiro padeceraõ muitos trabalhos, & fomes. E o Padre Frey Thomas Pinto foy muy grande parte pera os passarem, & soffrerem com paciencia, pollas continuas praticas spirituaes, & de consolação, que lhe fazia. Finalmente passando por todos estes trabalhos (como mais largamente contarey adiante) foy ter a Moçambique: & d'ahi se tornou a embarcar pera a India, onde viueo algũs annos, assistindo no Tribunal da santa Inquisição, que está em Goa, & depois disso falleceo, & jaz sepultado em S. Domingos da dita cidade, no Capitulo.

Fr. Thō. Pinto inquisidor

Liu. 2. cap. 20.

¶ No anno de mil & seiscẽtos & tres foy eleito em Bispo de Congo o Padre Frey Antonio de S. Esteuaõ natural da cidade de Lisboa, Religioso de muyta virtude, & Prêgador insigne, o qual tambem tinha passado â India Oriental, & nella prêgado o santo Euangelho com muyto spirito, & zelo da saluação das almas. E depois de tornar da India, & prêgar em Lisboa com muita fama, & applauso de todo o pouo, ardendo a cidade em peste no anno de mil & quinhentos & nouenta & noue, elle se offereceo pera estar na casa da saude da dita cidade, mouido de compaixão, & charidade de seus proximos, porque soube padecerem na dita casa grandes necessidades spirituaes. E offerecido a este tão heroyco sacrificio, & seruiço de nosso Senhor, esteue todo o tempo, que a peste durou, que foy por espaço de dous ãnos, No qual tempo cõtinuou sempre cõ as

D. F. Antonio de S. Esteuã

obras de charidade cõ outros cõpanheiros que teue da mesma Ordem, confessando, sacramentando, & finalmente curando a muitos milhares de doentes, que na mesma casa estiueraõ, & morreraõ. Passada esta peste, o tomou el Rey nosso Senhor por seu prêgador da sua capella: & depois o leuou consigo o Arcebispo d'Euora Dõ Theotonio de Bragãça à Corte de Castella, pera se aconselhar com elle sobre negocios de muita importancia, a q̃ hia. Tornando de Castella, foy eleito em Bispo de Congo, & Angola, como fica dito, pera onde foy, & chegou a saluamẽto, & foy muito bem recebido do Rey de Congo, & dos Portugueses, que naquellas partes andão.

Dõ Frey Ioão da Piedade.

¶ No mesmo anno foy eleyto em Bispo da China o Padre Presentado Frey Ioão da Piedade natural d'Abrantes. O qual tinha ja ido â India, & nella leo muitos annos Theologia no Collegio de S. Thomas da mesma Ordem, que està em Goa, & depois foy Prior do dito Collegio, & fez muita parte delle, & finalmẽte foy Prior do Conuento de S. Domingos de Goa: donde se tornou pera Portugal, tendo gastado na India dezaseis annos. E estando recolhido em o Conuento de S. Paulo d'Almada da mesma Ordem (onde viuia muyto quieto, & consolado) foy eleyto em Bispo de Machao, como fica dito, por el Rey Philippe II. de Portugal, & obrigado por obediencia de seus Prelados, que aceitasse o dito cargo. Ao que se elle offereceo, & aceitou nouos trabalhos, que taõ comprida viagem taz consigo. Partio pera as ditas partes no anno do Senhor de mil & seiscentos & cinco, no qual chegou a saluamento a Goa: & dahi se tornou a embarcar no seguinte anno em companhia do Vicerey Dom Martim Affonso de Castro, quando foy socorrer Malaca, q̃ os Ollandeses tinhão cercado; & na batalha naual que cõ elles teue, o Bispo D. Fr. Ioão se ouue como verdadeiro filho de S. Domingos, andando em hũa embarcaçaõ pequena de Galeaõ em Galeaõ por entre os pelouros, curando os feridos, com ouos, pannos, fios, & outras mêzinhas, q̃ elle por suas maõs administraua com muita charidade, o que foy grandemẽte louuado em toda a armada:

na qual tambem foraõ outros Religiosos de S. Domingos, que juntamente se occuparaõ nas mesmas obras de charidade, confissões, & cura dos enfermos.

¶ CAPITVLO XV.

¶ Em que se dâ hũa breue relação dos Vigairos gèraes desta Ordẽ, que ouue na India Oriental.

O Primeiro Vigairo gêral que passou à India, foy o Padre F. Diogo Bermudez com doze Religiosos, no anno de 1548. sẽdo Gouernador da India Dõ Garcia de Sâ, & Prouincial desta nossa Prouincia o Padre Mestre Fr. Fancisco de Bobadilha. Gouernou a Congregação onze annos, & em seu tempo se edificaraõ os Conuentos de S. Domingos de Goa, Chaul, Côchim, Malaca, & a casa de S. Barbara, que està na ilha de Goa.

1 F. Diogo Bermudez.

2 ¶ O padre Frey Antonio Pegado Mestre em Theologia muy douto, & de muyto grande prudencia, & gouerno, foy mandado à India por Vigairo gêral. O qual por sua virtude & letras era muy estimado dos Gouernadores da India, & em todas as cousas de pezo, & importancia se aconselhauão cõ elle. Gouernou quatro annos.

F. Anton. Pegado.

3 ¶ O Padre Frey Manoel da Serra foy o terceiro Vigayro gêral. Gouernou quatro annos com muita prudencia.

F. Mañ. da Serra

4 ¶ O Padre Fr. Antonio Pegado socedeo a este padre no gouerno, por cõmissão, que pera isso lhe foi desta Prouincia. E desta segũda vez gouernou somente dous meses, porque foy nosso Senhor seruido de o leuar neste tempo pera si.

Fr. Ant. Pegado.

5 ¶ O padre F. Manoel da Serra tornou a soceder por morte do padre Fr. Antonio no gouerno da Cõgregação, por ser entaõ Prior do Conuento de Goa, & auer hũa Ordenação naquella Congregação, que o Prior de Goa socedesse no gouerno ao Vigairo gêral, q̃ morresse na India antes de ir outro de Portugal. Gouernou desta segunda vez dous annos.

F. Mañ. da Serra

¶ Deste padre se conta, que estando morador na igreja de Santa Barbara, que he casa da mesma Ordem, que està na ilha de Goa, chegaraõ â India as naos que foraõ deste Reino, que leuauão as tristes nouas da perdição del Rey Dom

Sebastião em Affrica. As quaes sendolhe leuadas, dizem que deu hum grãde suspiro, & cayo da outra parte sem fallar mais palaura, & logo falleceo: como outro Sacerdote Heli com as nouas da perdição dos filhos de Israel, & do catiueiro da arca do Testamento.

1. Reg. 4

6 ¶ O Padre Frey Francisco d'Abreu socedeo a este no cargo de Vigayro gêral. O qual foy homem de muita authoridade, gouerno, & prudencia. Gouernou quatro annos.

F. Fracisco d'Abreu.

7 ¶ O Padre Frey Gaspar de Mello Mestre em Theologia; do qual tenho ja fallado no capitulo 16. que trata dos Inquisidores desta Religiaõ, que ouue na India. Gouernou quatro annos.

F. Gasp. de Mello.

Liu. 2.

8 ¶ O Padre Fr. Bernardino d'Almeida gouernou esta Congregaçaõ quatro annos com muyta prudencia. Em seu tempo se fez a casa dè nossa Senhora dos Remedios de Baçaîm.

Frey Bernardino d'Almeida.

9 ¶ O Padre M. F. Fernando de S. Maria, muy docto, & grande Religioso. O qual foy muitas vezes Prelado na India, & leo muito tempo nella Theologia, & finalmente sendo ja de perto de setenta annos foy Vigayro gêral da Congregaçaõ da India, & gouernou com muita prudencia, & virtude todo o seu tempo. No fim do qual seis meses antes que acabasse adoeceo de hũa graue infirmidade, de que esteue por muitas vezes desconfiado dos medicos, mas elle nunqua desconfiou de si, & sempre disse, que não auia de morrer, atè naõ ir outro Vigairo gêral de Portugal, a quem entregasse o gouerno da Congregação, affirmando isto muitas vezes. E desejaua este varaõ de Deos isto, por entender, que era sua vida necessaria pera bem d'aquella Congregação, atè ir outro Vigayro gêral de Portugal; & o Senhor Deos lhe cumprio seus desejos, porque estando (como tenho dito) seis meses em hũa cama, cadadia pera morrer, não falleceo senão o mesmo dia q̃ chegou a Goa o Padre Frey Hieronymo de S. Thomas, que de Portugal foy por Vigairo gêral. O qual tanto que entrou no Conuento de S. Domingos de Goa, foy logo visitar ao padre Frey Fernando enfermo, & elle vendo Vigayro gêral nouo, leuantou as mãos ao ceo, & disse cheo de alegria, como outro santo Simeão, *Nunc dimittis*, &c. & assi

logo

logo pedio o Sacramento da Extrema vnçaõ, que o mesmo Vigayro gêral nouo lhe deu. E dahi a poucas horas falleceo com vniuersal sentimẽto de todos os Religiosos. Foy isto no anno de 1586.

Fr. Hieronymo de S. Thom. 10 ¶ O P. Fr. Hieronymo de S. Thomas socedeo neste cargo ao padre Mestre Fr. Fernando de S. Maria, & gouernou sete annos. Em sua companhia foraõ 24. Religiosos à India, de cuja viagem tratarey adiante mais largamente. Em seu tempo se fez a casa da China.

F. Frãcisco de Faria. 11 ¶ O padre Fr. Fancisco de Faria Religioso de muita virtude, & humildade. Do qual tratarei adiante mais largamẽte, quando fallar no Collegio de S. Thomas, que elle edificou em Goa. Gouernou cinco annos. Liu. 3. c. 16.

Fr. Hier. de S. Domingos. 12 ¶ O Padre Fr. Hieronymo de S. Domingos socedeo neste officio por morte do P. F. Frãcisco de Faria. Gouernou quatro annos.

F. Anton. Leão. 13 ¶ O Padre Frey Antonio Leão foy de Portugal com este cargo, & gouernou somente seis meses, & falleceo em Goa.

F. Ant. d'Orta. 14 ¶ O Padre Frey Antonio d'Orta socedeo a este padre. Gouernou anno & meyo, & tambem falleceo antes que fosse outro de Portugal. Em seu tempo se fez a casa de Negapatão, & foraõ Religiosos a Pegû, & a S. Thome.

F. Domingos Picò. 15 ¶ O Padre Frey Domingos Picó natural de Côchim lhe socedeo no cargo. Em seu tempo se começou a casa de Tanà. Gouernou dez meses somente porque foy outro de Portugal.

F. Ant. de Siqueira. 16 ¶ O Padre Fr. Antonio de Siqueira foy de Portugal com este cargo de Vigairo gêral. Vay em quatro annos que gouerna cõ muyta prudencia, & Religião.

F. Th. de Siqueira. 17 ¶ O Padre Fr. Thomas de Siqueira, varaõ de muita virtude, & exemplo, partio deste Reino pera a India com o mesmo cargo em Março de 608. de quẽ se espera q̃ gouerne aquella Congregação com o zelo, & Religião que sempre teue.

¶ Outros Religiosos partiraõ deste Reyno pera a Congregação da India por Vigayros gêraes, que por fallecerem na viagem os naõ conto entre os outros, que a gouernaraõ.

¶ CAPITVLO XVI.

¶ De outros Religiosos da Ordem dos Pregadores, eminẽtes em letras, & virtude, que passaraõ à India.

Lem destes Padres, que atras ficão nomeados, foraõ tambem a estas partes do Oriente outros muitos Religiosos da mesma Ordem, muy graues, & bõs letrados, Prêgadores insignes, & dotados de muitas virtudes. Os quaes cõ sua vida, letras, & santos custumes illustraraõ muito as partes da India, & as allumiaraõ com sua doutrina, lendo, & ensinando, prêgando, & conuertendo â nossa santa Fè muitos milhares de Gentios, & Mouros: do q̃ se podião fazer grandes chronicas.

Fr. Ignacio da Purific.

¶ Entre estes foy o Padre Frey Ignacio da Purificação, grande Religioso, tido por santo, assi por sua vida obseruantissima, & singulares virtudes, de que era dotado, como pollo grande zelo, que tinha da saluação das almas. Este Padre prêgando hum dia na igreja de S. Domingos de Côchim com grande spirito, como custumaua, do pulpito foy tirado acabando de prêgar, quasi morto, & no mesmo dia falleceo, com grandes mostras de santidade. Este glorioso Padre anda no Cathalogo, & Martyrologio dos santos desta sagrada Ordẽ.

Fr. Diogo d' Ornellas.

¶ Foraõ mais a esta spiritual conquista o Padre Fr. Diogo d'Ornellas muy grande Religioso, & seruo de Deos, que foy dos primeiros doze, q̃ passaraõ à India.

Fr. Francisco de Robles.

¶ O Padre Fr. Francisco de Robles Castelhano, varaõ mui perfeito em virtudes, letras, & pulpito.

Fr. Ioão de Roboredo.

¶ O Padre Fr. Ioão de Roboredo, muyto bom prêgador, & letrado. O qual leo muitos annos Theologia em S. Domingos de Goa, & depois teue o grao de Presentado.

Fr. Seb. de Vargas.

¶ O Padre Fr. Sebastião de Vargas Presentado, grande prêgador, & letrado. O qual muitos annos leo ẽ Goa Theologia, não somente no Conuento de S. Domingos, mas tambẽ no de S. Francisco aos Religiosos da dita casa. Os quaes neste tempo não tinhão inda Religiosos da sua Ordem naquellas partes, que lhe pudessẽ ler, como agora fazem muy doctamente.

Fr. Esteuão da Assũp.

¶ O Padre Frey Esteuão da Assumpção Presentado, & bõ letrado. O qual leo tambem na India Theologia, & depois disso foy visitar as partes de Moçambique, ilhas de Quirimba, & a costa de Melinde, à petição

tição do Arçebispo de Goa, & dos Inquisidores, leuando os mesmos poderes, que pera isso lhe concederaõ. E nesta visita que fez emẽdou muitos erros, & castigou muitas culpas com muita prudencia, & inteireza.

Fr. Ped. d'Euora

¶ O Padre Frey Pedro d'Euora, que tambem leo na India muitos annos Theologia, & fez nella muito bõs discipulos & doctos na mesma sciencia.

Fr. Diog. d' Aueiro.

¶ O Padre F. Diogo d'Aueiro varaõ tido por santo, & perfeito em virtudes.

Fr. Thomas do Spirito sancto.

¶ O Padre Fr. Thomas do Spiritosanto, tido em toda a India por santo, assi dos Religiosos, como do pouo. Pollo qual respeito os Viçereis da India do seu tẽpo estimauão muito sua amizade, & conselho. E asi todos os negocios de importancia communicauaõ cõ elle. Este Padre sendo Prior de S. Domingos de Goa, fez o Conuento de S. Domingos de Pangim com sua industria, & esmolas, que lhe fizeraõ, & merces do Viçerey D. Duarte de Meneses. No qual Conuento estiueraõ moradores trinta Religiosos algũs annos, & depois se veyo a derribar, & desmanchar por certas causas, que os Religiosos pera isso tiueraõ, & em seu lugar fizeraõ na cidade de Goa o Collegio de S. Thomas, que tem o mesmo ordenado delRey, & rendas, q̃ tinha Pangim. Este padre foy Deputado do S. Officio na India. Foy muyto grande Religioso, mui austero pera sua pessua, & muy penitente.

Fr. Thomas da Coua.

¶ O Padre Fr. Thomas da Coua, varaõ muy perfeito em virtudes: o qual depois de ser Prior do Conuento de Chaul, estando em Mangalòr por Vigayro, falleceo, & essa mesma noite viraõ os Gentios ir sua alma ao ceo cõ grande resplandor, em companhia da Virgem nossa Senhora, & de muytos santos: & no dia seguinte diuulgaraõ estas nouas por toda a terra, com o que muitos delles se conuerteraõ.

Fr. Luis de Medeiros.

¶ O Padre Fr. Luis de Medeiros, varaõ mui virtuoso: sendo Prior de Côchim fez crecer o trigo do celeyro, & orando diante de hum retauolo, elle se lhe veyo pòr nas mãos. Morreo em Côchim, sendo eleito em Prior de Goa.

Fr. Ioão Soares.

¶ O Padre Frey Ioão Soarez Religioso de muita virtude, foy morto pollos Gentios, do Sanguisel em cõpanhia de Dom Gileanes.

Fr. Simão da Piedade.

¶ O Padre Fr. Simaõ da Piedade vindo em hum nauio de Côchim pera Goa, foy tomado, & morto pollos Malauares Mouros inimigos de nossa Fè.

Fr. Pedro irmão leigo.

¶ O irmaõ Fr. Pedro leigo, foy morto em hũa batalha, q̃ os Mogores tiueraõ ẽ Dâmão com os Portugueses, indo em sua companhia com hũa Cruz leuantada nas maõs.

F. Pedro Vsusma.

¶ O padre Fr. Pedro Vsusmaris, vindo de Chaul pera Goa, foy morto pollos Malauares.

¶ Outros muitos Religiosos desta sagrada Ordem de muitas letras & virtude foraõ a esta spiritual conquista, os quaes aqui naõ aponto por abreuiar: mas somente fallarey de vinte & quatro Religiosos q̃ deste Reino foraõ inuiados â Christandade de Solòr, & da Ethiopia Oriental, por eu tambem ir em sua companhia, & participar de seus trabalhos: & o que nesta viagem nos socedeo se pode ver pollo discurso da historia seguinte.

¶ CAPITVLO XVII.

¶ De vinte & quatro Religiosos da Ordem dos Prêgadores, que foraõ de Portugal offerecidos pera as Christandades de Solòr, & da Ethiopia Oriental.

IA temos dito, como no anno do Senhor de 1585. vieraõ da India cartas do Bispo de Malaca Dom Ioão Gayo Ribeiro ao Cardeal Alberto, que entaõ gouernaua este Reino de Portugal, & ao Prouincial da Ordem dos Prêgadores deste Reino, em q̃ lhes declaraua a grande Christandade que os padres da mesma Ordem faziaõ nas ilhas de Solòr, & Timòr, & do Ende, & do grande augmento, em q̃ a tinhaõ posto, & que naõ bastauaõ os que nesse ministerio andauaõ occupados; & assi se deixaua de fazer muita mais Christandade, por ser grande a sementeira, & poucos os obreiros, & naõ poderem acudir a tanto. Pollo que amoestaua, & pedia muito, fossem de Portugal padres da dita Ordem a socorrer esta necessidade. Estas cartas por descuido que ouue em quẽ as trouxe, se detiueraõ atè dous dias antes do Natal, & entaõ se deraõ ao Cardeal, & ao nosso Padre Prouincial, que nesse tempo era o Padre Mestre Frey Hieronymo Correa. E vistas por elles, as mãdaraõ ler em Capitulo aos Religiosos do Conuẽto de S. Domin

1. p. cap. 3. ol. 5.

Domin

Domingos de Lisboa. Pollo q̃ se offereceraõ logo cinco Padres pera se embarcar no Galeão Reis Magos, que estaua pera partir pera Malaca o dia seguinte, q̃ era vespora de Natal. Estes cinco Padres eraõ, o P. Mestre Fr. Thomas de Brito, muy douto, que actualmente estaua lendo Theologia em S. Domingos de Lisboa. O Padre Presentado Fr. Francisco de Matos muy habil, que juntamente estaua lendo Artes no mesmo Conuento. O P. Frey Luis de Brito. O Padre Frey Francisco da Cunha. E o Padre Frey Gaspar Teixeira, todos letrados, & Prêgadores de muitas partes, & grandes esperanças. Dos quaes hia por Presidente o Padre M. F. Thomas de Brito, com muitos fauores, & priuilegios do Cardeal. Embarcados pois no dito Galeão (de que era capitaõ Ioão Gago d'Andrade, piloto Andre Lopez, & Mestre Antonio Correa) não puderão partir da Barra de Lisboa senaõ vespora de Reys do Anno de 1586. A qual viagem foy muy trabalhosa, & padeceraõ nella muitos infortunios, assi dos tempos contrarios, como por via de ladrões Ingreses, com duas

Fr. Thomas de Brito.

Fr. Francisco de Matos.

Fr. Luis de Brito.

F. Fracisco da Cunha.

F. Gasp. Teixeyra.

naos dos quaes pellejaraõ, & tiueraõ taõ cruel briga, q̃ abalroando o Galeão com as naos vieraõ à espada, & pellejaraõ obra de duas horas, auendo feridos, & mortos de parte a parte; & vendo os ladrões a pouca esperança que tinhão de leuar a melhor dos nossos, desaferraraõ o Galeão, & se fizeraõ noutra volta, & os do Galeaõ foraõ continuando sua viagem: & a cabo de seis meses chegaraõ a Moçambique, por causa dos ventos contrarios que tiueraõ.

¶ Depois de partidos estes cinco Religiosos, foraõ leuadas estas cartas do Bispo de Malaca pollos nossos Conuentos desta Prouincia de Portugal, & lidas aos Religiosos della. E logo se offereceraõ pera esta noua empresa muitos, particularmente no Collegio de Coimbra, donde sayraõ algũs Collegiaes de grande habilidade, & vieraõ a Lisboa pera se embarcarem nas naos, que se auiauão pera ir à India, como de feito embarcaraõ dezanoue por todos, em cõpanhia do Padre Frey Hieronymo de S. Thomas, que nesse anno foy pera a India por Vigayro gêral da Congregaçaõ dos Frades

des Prègadores. Estes Religiosos se repartiraõ em duas naos, q̃ eraõ a nao Reliquias, & a nao S. Thome Capitaina, na qual hia por capitaõ môr Dom Hieronymo Coutinho, piloto Aluaro de Villasboas, & Mestre Antonio Negraõ. Nesta nao se embarcaraõ com o padre Vigayro gêral 13. Religiosos, s. O P. Presentado F. Ioão da Piedade, que agora he Bispo da China. O padre Fr. Hieronymo de S. Domingos, o qual depois de estar na India treze annos foy eleyto ẽ Vigayro gêral da Congregaçaõ da mesma Ordem. O P. Fr. Domĩgos da Visitação, Religioso muy virtuoso, & docto, o qual leo Artes tanto que chegou â India, & depois Theologia. O Padre Fr. Serafino de Christo. O padre Fr. Cosmo Carreira. O padre Fr. Ioão Lopez. O padre Fr. Ioão de S. Paulo Framengo de nação. O Padre Fr. Ioão Frausto. O padre F. Diogo. O padre Fr. Pantaleão da Sylua. O irmão Fr. Domingos leigo. E eu, a quem coube tambem a sorte de acõpanhar nesta viagem taõ virtuosos, & graues Religiosos, & fiz este Roteyro pera lembrança das muytas & grandes merces, que Deos nos fez em tão larga peregrinação. Em a nao Reliquias se embarcaraõ os padres Fr. Domingos Gomez, Frey Francisco da Sylua, Fr. Diogo Barreira, Fr. Hieronymo Lopez, Fr. Miguel dos Anjos, & o irmão Fr. Antonio de S. Iorge leigo.

¶CAPITVLO XVIII.

¶Do que nos aconteceo na viagem de Portugal, atê o Cabo de Boa Esperança.

PArtimos da barra de Lisboa aos treze d'Abril de 1586. indo nesta frota cinco naos, s. a nao Capitaina S. Thome, a nao Caranjà, a nao S. Philippe, a nao *Saluador*, & a nao Reliquias. Aos dous dias de viagem chegamos a hũa paragem do mar, a que os mareãtes chamaõ Val das Egoas, onde achamos grandes vẽtos, & mares empolados, & por elles fomos nauegando cinco dias. E aos vinte de Abril chegamos â ilha da madeira: & do Portosanto veyo hum batel de pescadores â nossa nao, q̃ nos deraõ algum pescado, & leuaraõ pera terra algũs soldados enjoados, q̃ alli quiseraõ ficar.

Aos

¶ Aos dez dias de Mayo chegamos à Linha Equinoccial: onde tiuemos muytas calmarias, trouoadas, & chuueiros, q̃ nos tratarão muito mal, & nos romperão as velas da çeuadeyra por duas vezes. Outra vez nos deu hũa grande trouoada de noite, que nos leuou a vela grande da gauea. E cõ està trouoada se apartarão todas as naos, q̃ atè então tinhaõ vindo juntas, & cada hũa foy pera seu cabo: de modo q̃ quando veyo polla manhã nenhũa vio a outra, nẽ se ajuntarão, senão em Moçambique. Finalmẽte a cabo de oyto dias q̃ alli andamos muy enfadados, entrou o vento gèral, cõ que passàmos a Linha do Norte pera o Sul, aos 18. dias do mes de Mayo. E nesta paragẽ se nos corrõperão os mais dos mãtimẽtos.

Chegamos à Linha.

¶ Aos tres dias de Iunho vimos hũa ilha deserta em altura de 23. graos da bãda do Sul, de serras muy altas, & muy cheas de aruoredos. Teria mais de hũa legoa de cõprido, & meya de largo. Por jũto da qual passamos hũa manhã sẽ ser conhecida do piloto, nẽ dos marinheiros. Passada esta ilha, tiuemos alguns dias de calmaria, & no fim delles hũ grande temporal de ventos furiosos; cõ que fomos nauegando polla bolina escaça cõ muyto trabalho. E foy o tempo tanto, q̃ nos quebrou a verga do masto grande pollo meyo, & rompeo a vela grande em pedaços. Mas quis Deos q̃ não pirigassemos ẽ outra cousa mais, & tudo se cõcertou passada a tormenta: & fomos outra vez continuando nossa viagem.

Ilha deserta.

¶ Chegamos ao cabo de Boa Esperança (que esta em 34. graos, & meyo da banda do Sul) o primeiro dia de Iulho, onde nos acalmou o vẽto. O mesmo dia à tarde, & toda aquella noyte, & parte do dia seguinte pescarão os marinheiros, & tomarão infinidade de Pescadas, Ruyuos, Cações, & outro pexe de diuersas castas: com que aliuiamos muyta parte das fomes, enfadamentos, & trabalhos do mar.

Cabo de Boa Esperança.

¶ No dia seguinte atarde nos entrou bõ vento em popa, com que fomos nauegando pera Moçambique com muyto aluoroço, & alegria.

¶ CAPITVLO. XIX.

¶ Do Corpo santo, que vimos, & do mais, que nos soccedeo atê Moçambique.

Depois

DEpois q̃ passamos o Cabo,como fica dito, fomos nauegãdo com bõ tempo tres ou quatro dias,atê chegarmos a hũa paragem, a que os mareãtes chamão Terra do Natal(q̃ começa em 32.graos, & acaba ẽ 34.da banda do Sul) onde nos veyo hũa grande tormenta em poppa, com a qual (amainadas todas as velas, & somente com a vela de correr cingida no castello de proa) fomos nauegando quasi sempre allagados com os mares, que entrauão na nao: & era o vẽto tanto,que andaua a nao sò cõ esta vela que disse,setenta, & oitenta legoas cada sangradura,que he cada 24.horas.

¶ A segunda noite da tormenta(que foy aos 9. dias de Iulho)estando nôs bem atribulados,& quasi desconfiados da saluação,a horas de meya noyte pouco mais,ou menos, nos appareceo o Corpo santo em a verga do masto grande,em figura de hũa faisca de fogo muito clara, & resplandecente, & d'alli à vista de todos se foy pòr sobre o masto da mezena, onde o saluou o piloto da nao, da cadeyra,em que estaua gouernando,dizendo: Salue Corpo santo, Salue: Boa viagem, Boa viagem. E toda a mais gente da nao, que presente estaua,respondeo da mesma maneira: Boa viagem, Boa viagem, com muitas lagrimas de alegria. Neste lugar esteue esta luz resplandecẽte hum grande espaço de tẽpo, & dalli desappareceo à vista de todos.

Corpo santo.

¶ Os mareantes desta carreira tem pera si com grande fê,que esta luz que lhe apparece nas tormẽtas,he S.Pero Gõçaluez Telmo, natural de Palencia cidade de Castella velha, Religioso que foy da Ordẽ de S.Domingos,pollo qual ordinariamente chamão,quando se vem opprimidos das tempestades, & o nomeaõ ou por S.Pero Gonçaluez, ou por S. Telmo, ou por Corpo santo, & muytas vezes lhe apparece nesta figura de luz muy resplãdecente,& então se tem por seguros, & ordinariamente se abrandão cõ sua vinda as tormentas,& tempestades, como nos aconteceo nesta viagem,& por isso lhe tem todos muyta deuação, posto que naõ falte quẽ tenha pera si,que esta luz, que apparece nestes tempos, he natural,causada das exhalações que se leuantaõ; o que os

os mareantes não consentem, porque tambem dizem, que no mesmo lugar, onde esta luz apparece, acharaõ algũas vezes cera verde, como que cayra de algũa vela de cera, que alli ardera. E na vida deste santo se conta, que algũas vezes appareceo aos mareantes visiuelmẽte, quando chamauão por elle nas tormentas, & os liurou dos perigos do mar.

¶ No tẽpo que esta luz nos appareceo, vi hum soldado, q̃ presumia de prudente, & esforçado, estar posto de joelhos na nao diante della, batendo nos peitos, & dizendo com muitas lagrimas; Adorouos meu Sñor S. Pero Gonçaluez, vos me saluay neste perigo por vossa misericordia: repetindo isto muitas vezes. Eu, & outro Padre, que junto delle estauamos, lhe dissemos, q̃ aquella adoração sò a Deos se fazia, & se deuia, & não aos santos, por tanto q̃ orasse d'outra maneira. Ao que elle respondeo com outro mayor desproposito, dizẽdo: Meu Deos serâ agora quẽ deste perigo me tirar. Então o deixamos em sua porfia. O qual o dia seguinte, ja fora da tormenta, veyo ter com cadahum de nôs pedindo perdão, & segredo no que tinha dito, & feitõ a noite d'antes, confessando estar desatinado, com o temor da morte, & conhecia ter errado, como ignorante.

¶ Com a vista do Corpo santo cobramos todos muito esforço, & confiança de nossa saluação. O que fomos logo claramente conhecendo, porque o tempo foy abrandando, & as ondas mingoando, pollo que demos muitas graças a Deos. E logo se largaraõ todas as velas, & fomos continuando nossa viagem algũs dias com muito bom tempo. Mas antes que chegassemos â Ilha de S. Lourenço, em altura de 29. graos da banda do Sul, deunos hum grande vento polla proa contrario a nosso caminho, com o qual (amaynadas todas as velas) andamos ao payro sete dias bem enfadados, tanto que ja determinauamos ir por fora da ilha, & deixar Moçambique. Mas esse mesmo dia, que se determinou esta derrota, nos socorreo Deos com sua custumada misericordia, dandonos outra vez o vento prospero, com que fomos fazendo nossa viagem pera Moçambique. Aos 27. dias de Iulho chegamos aos Baixos da Iudia (que estão em

22. grãos da banda do Sul) pol los quais passamos de noyte, segundo depois disse o piloto.

¶ Aos 10. dias d'Agosto tiuemos vista da terra firme, & das ilhas de Angoxa (que estão 30. legoas de Moçambique) onde encontramos a Galeão de Malaca, q̃ tinha partido de Portugal tres meses diante de nos, ẽ que hião os cinco Padres de S. Domingos (de q̃ ja fallei) pera a Christãdade de Solòr: os quaes tinhaõ saydo de Moçambique o dia d'antes, onde estiueraõ algũs dias refazendose do cãsaço, & ẽfadamẽtos do mar, & tomaraõ refresco, & agoa necessaria pera dalli atè Malaca. E porq̃ correm muito as agoas naquella paragem, & o vento lhe faltou, tornaraõ atras estas 30. legoas q̃ são de Moçãbiq̃ atè Angoxa, õde os topamos: mas tornãdolhe bõ vẽto foraõ cõtinuãdo sua viagẽ atè chegarẽ a saluamẽto à fortaleza de Malaca; & dalli se tornaraõ a ẽbarcar pera as ilhas de Solòr, & Timòr: aõde chegaraõ depois de passarẽ muitos cõtrastes, & perigos na viagẽ. Nestas ilhas estiueraõ, & fizeraõ muitos seruiços a Deos no augmento da Christandade, & cõuersão da Gentilidade, q̃ nellas moraua.

Em Angoxa uimos o Galeão de Malaca

¶ Depois que perdemos de vista este Galeão de Malaca, ao outro dia q̃ forão 13. de Agosto, chegamos a Moçambique, onde achamos ja a nao Carançà, & a nao Reliquias da nossa companhia, que tinhão alli chegado auia dous dias. E aos 14. logo depois de nos chegou a naõ Saluador tambem da nossa companhia.

¶ CAPITVLO XX.

¶ Da gente que se saluou da perdição da nao Santiago, que achamos em Moçambique.

AQVI nesta fortaleza de Moçãbique achamos a gẽte da nao Santiago, que se tinha perdido a 19. d'Agosto do anno atras de 1585. nos Bayxos da Iudia, a qual se saluou no esquife, batel, & jãgadas da maneira seguinte. Os primeiros (q̃ foraõ Fernão de Mẽdonça Capitão da mesma nao, & o mestre della cõ mais 17. homẽs) lancarão mão do esquife da nao em que se ẽbarcarão, & nelle se sairão dos bayxos aos 20. d'Agosto, leuãdo por masto hũ remo, por verga hũ pique, & por vela hũ lençol. E o esquife fazia tanta agoa, q̃

a naõ

a não podiaõ vécer a doũs bal des. O mantimento que comiaõ cadadia, era hũa talhada de marmelada; & meyo quartilho de vinho. E desta maneyra nauegaraõ oito dias, padecendo muita fome, sede, frios denoite, & calmas de dia, que os assauaõ. No fim dos quaes vieraõ dar â costa em terra de Cafres, entre o rio de Quilimâne, & o rio de Linde, onde foraõ logo despidos, roubados, & espancados pollos Cafres da terra. E dalli vieraõ ter a Quilimâne com muyto trabalho, & descãsaraõ algũs dias em casa de hũs Cafres Christaõs, escrauos de hum Francisco Brochado Portugues, que moraua nestes Rios, & d'alli se foraõ pollo rio acima, atè chegarem ao forte de Sena, onde foraõ bem agasalhados, assi do capitaõ da fortaleza, como dos Portugueses, que nella moraõ.

Os segũdos se saluaraõ no batel.

¶ Os segundos se saluaraõ no batel grande da nao, em que entraraõ mais de cincoenta homens, hum dos quaes era o Padre Frey Thomas Pinto da Ordem de S. Domingos, que hia de Portugal por Inquisidor da India, com seu companheyro o Padre Frey Adriaõ de S. Hieronymo. E assi mais o Padre Pero Martins da Companhia de Iesu, com cinco companheiros seus, & o Piloto da mesma nao, que gouernaua o batel. Estes (depois que o esquife se sayo dos bayxos) lançaraõ maõ do batel, que a nao deitou fora depois que abrio, & concertado, se embarcaraõ nelle, ficando toda aoutra multidaõ de gẽte sobre os bayxos, esperando que acabasse de encher a marê, pera se affogarẽ, como affogaraõ: onde ouue casos muy lastimosos. Os mesmos ouue tambem no batel, do qual por estar muyto carregado de gente, foy necessario deytar algũa ao mar, como fizeraõ a muytos, que logo se affogaraõ à vista do mesmo batel: caso certo muy lastimoso, & triste spectaculo. Depois disto foraõ nauegando por cima dos bayxos, pollo fundo dos quaes hião vendo muyto coral branco, verde, roxo, & vermelho: o qual de branco se hia fazendo verde, & de verde roxo, & de roxo vermelho: cousa mui fermosa, & deleitosa pera a vista, mas não d'aquelles, que em tanta variedade de fermosas cores, estauão tambem vẽdo a negra, & escura morte.

Coral de diuersas cores.

Destes bayxos se partirão a 21 d'Agosto com pouco mantimẽto,& menos agoa pera beber, o que tudo se daua por estreita regra, que era hũa sò mão chea de biscoyto;& menos de meyo quartilho de vinho agoado,a cada pessoa cadadia. E desta maneira forão passando oyto dias: no fim dos quaes derão à costa entre o rio de Loranga, & o de Quizungo. Onde saindo na praya, fora dos trabalhos do mar começarão de sentir os da terra: porque no mesmo dia forão salteados pollos Cafres,despidos, & roubados, & algũs delles feridos, como foy o Padre Fr. Thomas Pinto,a quem derão duas azagayadas. E finalmente todos forão prezos,& catiuos. No qual catiueiro estiuerão 15 dias padecendo muyto grandes fomes: porque não comião mais, que farellos de milho,& cascas de Patecas,que saõ como as nossas Balancias. E assim mais padecerão grandissimos frios denoite, & calmas de dia por estarem todos nùs. Acabo de quinze dias forão resgatados por via dos Mouros do rio de Loranga,que tinhão commercio com os Portugueses de Cuama que dalli estaua perto, pera onde foraõ depois de resgatados.

Forão catiuos pollos Cafres.

¶ Os terceiros se saluaraõ em hũa jangada, que fizeraõ sobre os bayxos da madeira da nao, & de tauoas de caxões. Na qual se meteraõ dezaseis pessoas,em que entraua o Sotapiloto, que a gouernaua, & depois de embarcados, partiraõ dos bayxos a 22. d'Agosto, & foraõ nauegando sempre cõ agoa polla cinta dẽtro na mesma jangada, sem poderem repouzar,nem dormir,nem sòmẽte encostar a cabeça, porque naõ tinhaõ onde, pois toda a jangada hia cuberta d'agoa,& destamaneyra andaraõ no mar treze dias. Leuauaõ taõ pouco mantimento, que naõ se daua mais a cada pessoa, que hũa pera em conserua cada dia, ou hũa talhada de marmelada, & menos de meyo quartilho de vinho agoado de agoa salgada. E deste pouco comer, & mao beber, & de naõ dormirem, morreraõ algũs com os canos da garganta pegados. Outros se lançaraõ ao mar tresualiados,sem lhe poderem valer. E os que ficaraõ na jangada(que foraõ oyto) tambem meyos tresualiados chegaraõ a terra acabo de treze dias.

Os terceiros se saluarão em hũa jangada

Os

Os quaes sairão na praya entre o rio de Linde, & o rio de Cuama a velha. Onde logo forão despidos d'esses molhados fatos, com que sayrão, & roubados pollos Cafres: posto que em pago disso lhe derão esse dia hũs poucos de feijões cozidos em agoa tal, & agoa pera beberem a fartar, que foy a mayor paga, que em tal tempo lhe podião dar. Neste lugar estiuerão oito dias padecendo grandes fomes, porque os Cafres lhe não dauão a comer mais, que os farellos do milho, & esses ainda por grande regra. E assim mais padecerão grandissimos frios por estarem todos nûs, & dormirem sobre a terra nua. Acabo de oito dias forão resgatados por Francisco Brochado, que estaua no rio de Luàbo. Este os agazalhou, & teue em sua caza o tempo, que alli estiuerão, atè se ajuntarem com os outros companheiros da mesma perdição, que estauão no forte de Sena. Daqui se tornarão todos a embarcar pera a fortaleza de Moçambique, onde os achamos contando estas, & outras muytas lastimas. Desta fortaleza se foraõ pera a India nas nossas naos, que então tinhão chegado de Portugal.

¶ CAPITVLO. XXI.

¶ Do mais successo, que tiuerão todas as naos desta nossa frota.

STAS quatro naos S. Thome, Saluador, Carãjà, & Reliquias estiueraõ em Moçãbique oito dias, fazendo sua agoada, & tomando o refresco neçessario. No fim dos quaes (q̃ foy a 22. d'Agosto) partiraõ todas pera a India: aonde chegarão a saluamento. Depois d'ellas partidas, d'ahi a quinze dias, chegou a esta ilha a nao *S. Philippe*, tãbem da nossa companhia. A qual tanto que entrou neste porto, & soube da partida das outras naos, tomou logo o refresco neçessario, & partiose pera a India. Mas d'ahi a oito dias tornou a arribar a esta mesma ilha com ventos contrarios, que lhe ventaraõ ãtes de passar o Cabo Delgado, & nella inuernou, por serem jà acabados os ventos do Sul, a que nesta costa chamão Monção do Ponente, com que se nauega de Moçambique pera a India. Mas logo no

Successo da nao S. Philipe.

Março seguĩte de 1587. partio d'este porto pera a India, aõde chegou a saluamento. E da India tornou a partir pera Portugal no anno de 1588. E fazẽdo sua derrota custumada, chegou ao Cabo de Boa Esperança: onde achou ventos contrarios, & tormentas muyto grãdes, com que andou ali algũs dias quasi perdida sem nũqua poder dobrar o cabo de Boa Esperança, pelloqual respeito tornou arribar outra vez a Moçãbique, õde inuernou. E d'ahi partio pera Portugal em Nouembro do dito anno. Mas antes que chegasse ao Reyno, foi salteada, cõbatida, & tomada pollo Draque Cossayro Ingres; o qual andaua cõ hũa armada de cinco, ou seis naos Ingresas, salteando, & roubando as embarcaçoẽs, que achaua pollo mar. Esta nao S. Philippe foy a primeira d'esta carreira, que os Ingreses tomaraõ.

¶ De todas estas cinco naos da nossa frota, nenhũa tornou a Portugal, mais q̃ a nao capitaina S. Thome, em que nôs fomos pera a India. A qual chegou ao Reyno muyto prospera, & muyto rica, & sem perigo algum.

¶ A nao Caranjà ficou d'esta vez na India, por ser jà muyto velha, & não estar pera poder tornar a fazer viagem taõ comprida.

¶ A nao Saluador partio de Cochim carregada pera Portugal. Mas depois de estar perto de trezentas legoas da India fez tanta agoa, que tornou a arribar: & não podẽdo tomar a India foy demandar o estreito da Persia, & entrando por elle dẽtro, foy ter à fortaleza de Ormuz: onde foy descarregada de toda a fazenda que leuaua, por não estar pera fazer viagem.

Perdiçã da nao Reliqias

¶ A nao Reliquias estando na barra de Cochim carregada pera tornar pera Portugal, em largando as velas, se virou cõ as velas, & mastos pera baixo, & se foy ao fundo defronte do mesmo porto de Cochim, sem se saluar d'ella mais que a gẽte quasi toda: àqual accudirão logo as embarcações, que estauão aò redor da nao, quando deu vela. A perdição desta nao dizem q̃ foy causada asi pollo pouco lastro q̃ tinha, como por ter as cubertas de bayxo carregadas de Canella, & de outras mercadorias leues, & as de cima de caxaria, & fardos de roupa, & anil, q̃ são fazendas muyto pezadas, & por esse respey-

to

to virou com o grande pezo que tinha ẽ çima, & se perdeo. Este foy o successo das naos desta nossa viagem.

¶ CAPITVLO. XXII.

¶ Do successo, que tiuerão os Padres, que forão à India nesta frota.

TANTO, q̃ os Religiosos desta nossa cõpanhia chegarão à India, logo o Padre Vigairo Gêral os começou de repartir, & occupar no ministerio da Christandade pera effeituarem o intento, a que foraõ de Portugal, que era prẽgar o Euangelho, & conuerter os infieis. Pollo que mandou algũs delles pera as ilhas de Solòr, & Timòr: õde fizeraõ muito fruito nas almas, conuertendo, & baptizando muytos Gẽtios, & fazendo outros muytos seruiços a Deos.

¶ Outros mandou pera os fortes de Sena, & Tete, que estaõ nos rios de Cuama: onde auia muytos annos q̃ estauão Padres da mesma Ordem cultiuando esta Christandade. Pera a igreja de Sena foy o P. Fr. Hieronymo Lopes. O qual fez naquella terra hũa fermosa igreja, porque a velha estaua ja muito dãnificada. E depois disso foy a Tete fazer outra a petição de seus moradores. E em Sena fez muytos Christaõs, & se occupou em outros seruiços de Deos tres annos & meyo q̃ nella residio por Vigairo.

Fr. Hieronimo Lopes foy a Sena.

¶ Pera a igreja de Tete foy o P. Fr. Ioaõ Frausto; onde esteue outros tres annos, & meyo. E neste tempo fez tambẽ grande copia de Christãos, & foy algũas vezes dẽtro ao Reino do Manamotapa a cõfessar, & sacramentar os Christãos, que por aquelle Reyno andão espalhados, & occupados em suas mercançias, assim Portugueses, & Mistiços, como dos naturaes da terra.

Fr. Ioaõ Frausto foy a Tete.

¶ Outros mandou pera as ilhas de Quirĩba. Entre os quaes foy o P. Frey Pantaleaõ da Sylua grande Religioso, & seruo de Deos. O qual nas ditas ilhas fez muytos Christãos, & outros seruiços a Deos, & cõ sua vida muy austera, & penitente mostrou bem ser verdadeyro filho de S. Domingos.

Fr. Pãtaleão da Sylua foy a Quirimba.

¶ Outros Religiosos mandou ler Artes, & Theologia no Collegio que entaõ tinhamos em Pangim, que forão o Padre Presentado Frey Ioão

ão da Piedade, & o Padre Fr. Domingos da Visitação. Dos mais Religiosos mandou hũs pera a Christandade de Solôr, & outros diuidio pollos Conuentos da India: onde prègauão, confessauão, & ensinauão com muyta charidade, & zelo da saluação das almas. Hum destes foy o Padre Fr. Ioão Lopez: o qual assim como era honesto, & limpo em sua alma, assim tambem no exterior tinha hũa fermosura acompanhada de muyta modestia, & grauidade, com que catiuaua os corações daquelles, que o uião, & tratauão. Estando este Padre morador no Conuẽto de Goa, hũa molher se affeiçoou a elle demasiadamẽte, & determinou de lhe fallar, & manifestar a affeição, que lhe tinha, como fez na igreja, fingindo que se queria confessar. Mas o Padre se desuiou d'ella d'alli pordiante, & nũqua mais lhe quis fallar, entendendo sua danada tenção. Vendo ella, q̃ lhe não podia doutra maneira fallar, fingiose doente, & deitouse em cama, & mandou ao Cõuento de S. Domingos pedir nomeadamente o Padre. Fr. Ioão Lopez dizendo que era seu confessor, & queria tratar com elle cousas de sua consciencia, porque estaua muyto mal. Pollas quaes rezões mandou o Prior ao dito Padre, que a fosse confessar. O qual indo com seu cõpanheiro, sẽ saber pera onde o chamauão, guiado por hum homem, que o foy buscar, chegou â caza da molher: & sobindo ambos por hũa escada, acharão outra molher na caza dianteira, que os recebeo, & leuou o Padre Fr. Ioão pera dentro de hũa camara, onde estaua a fingida doente. E deyxandoo dentro, tornouse pera fora a fallar com o companheiro. Tanto que o Padre Fr. Ioão ficou cõ a doente tratou de a querer cõfessar. Mas a diabolica molher lhe desuiou logo esse proposito, & começou descobrir seu danado intento, conuidandoo pera sua deshonestidade. Vendose elle salteado, & affrontado do cazo não esperado, começou logo de a reprender, & juntamente se foy leuantando pera se sair pera fora. O que ella não sofrendo, se leuantou muyto depressa, & afferrou d'elle pera o ter. Porem elle se despedio de suas mãos, & fugio pera a camara de fora, como outro casto Ioseph, ficandolhe o cappello da cappa nas mãos

Cazo, q̃ aconteceo ao P. Fr. Ioão Lopez.

Gen. 39.

da molher, que lho tirou da cabeça, pera assi o obrigar a não se poder ir: mas elle assi sem capello se sayo da camara, & se deçeo logo pollas escadas abayxo, & sem elle se vinha pera casa, porq̃ antes queria perder o vestido do corpo, que a honestidade, & castidade, com que trazia vestida sua alma. Porem antes que saysse polla porta da rua, lhe lançarão de cima da escada o capello, que elle pos outra vez na cabeça. E tornandose pera S. Domingos, pedio muyto ao cõpanheiro não descubrisse o caso, por não infamar aquellas molheres, que parecião honradas. Vendose esta molher frustrada de seus deshonestos intentos, determinou vingarse do Padre, conuertendo toda a affeição, que lhe tinha, em odio mortal. Pollo que ordenou hum pouco de doçe, em que deitou peçonha, & buscou modo com que se desse ao Padre per outra via bem differente, & sem sospeita. E assi lhe foy dado: & depois que comeo delle, dahi a oito dias morreo todo cheyo de pintas pretas: & logo se soube a causa de sua morte, porque a mesma molher a descubrio a outras q̃ a disserão, & o cõpanheiro então cõtou o successo todo sobre o qual os Padres não quiserão bollir, por ser o caso crime, & tão graue. E assi morreo o P. Fr. Ioão Lopez innocentemente polla guarda da castidade, como verdadeiro Religioso, que era.

¶ Pera a fortaleza de Sofala me mandou o nosso P. Vigayro gêral, na qual estaua ja o P. F. Ioão Madeira da mesma Ordem, Religioso velho, & honrado, pera estarmos ambos no ministerio desta Christandade, & nos consolarmos, & ajudarmos hũ ao outro em terras tão distantes, & remotas da India. E o que nellas nos soccedeo tratarey no seguinte liuro.

¶ FIM DO SEGVNDO LIVRO.

LIVRO TERCEIRO, DE VARIA HISTORIA, E CHRISTANDADE DA ETHIOPIA Oriental, & de muytos casos que nella nos soccederaõ; & da perdição de algũas naos da India, que fizeraõ naufragio nesta Costa, & de outras cousas notaueis desta Região.

¶ CAP. PRIMEIRO,

¶ Da primeira viagem que fiz de Moçambique pera a fortaleza de Sofala.

EM Moçambique me deixou a obediencia, pera dahi passar â Christandade de Sofala, que saõ cento, & sessenta legoas de viagem. E depois dene goceadas todas as cousas, q̃ nos eraõ necessarias pera a dita Christãdade, partmos o primeiro de Nouembro de 1586. com muito bom tempo, & com elle fomos nauegãdo atè horas de vespora. E chegamos aos bayxos de Muginquâle (que sam quinze legoas de Moçãbique) sobre os quaes estiuemos perdidos por culpa do Piloto, sem algũa esperança de saluação. Estando nòs neste perigo, ja todos despidos esperãdo nossa perdição, quis nosso Sñor q̃ veyo hũ grande mar, & leuantou a embarcação (a que nesta costa chamão Pangayo) & a tirou decima dos bayxos, onde se estaua desfazendo com pancadas, & a lançou dentro em hũs canaes, que estão entre aquelles bayxos; por õde fomos saindo sem tocar em outro bayxo algum dos muytos, que auia por diante. Finalmẽte o dia seguinte fomos tomar o porto das ilhas de Angoxa: onde se concertou o Pangayo, que vinha aberto, sem leme, quebrado, & quasi allagado com muyta perda da fazenda, que dentro estaua.

¶ Estas ilhas de Angoxa saõ sete, ou oito pequenas, hũas de legoa, & outras de meya, & menos: as quaes estão trinta legoas de Moçãbique. Tres dellas somente saõ pouoadas de Mouros pobres, & mesquinhos

Ilhas de Angoxa

Os

Os quaes saõ grãdes officiaes de teçer esteiras de palha muyto fina, brãcas, & de cores muyto fermosas, que seruem nos estrados das molheres nobres, & tambem pera dormirem nellas no tempo das calmas, que nestas terras saõ muy ordinarias, & muy grandes: & fazem muytos chapeos de palha fina de que vzão muyto os Portugueses nestas partes. Entre estas ilhas deu à costa, & se perdeo a nao N. Senhora do Castello, mas agente quasi toda se saluou, & muyta parte da fazēda da nao.

¶ Destas ilhas nos partimos depois do Pangayo concertado, que foy d'ahi a quinze dias. Mas o segundo dia de viagem nos foy forçado entrar no rio de Quilimàne por cauza de hũa trouoada, que nos sobreueo do Sueste, o qual he trauessaõ nesta costa; & na barra deste rio estiuemos quasi perdidos, porque o negro Piloto errou a barra demodo, que fomos entrando por cima de todos os bayxos mais de hũa legoa, todos allagados com as grandes ondas, que auia. Mas quis Deos, que não perigassemos, & assim entramos dentro sem tocar em bayxo algum.

¶ Na barra deste rio se perdeo a nao S. Luis o anno de 1582. Aqual indo de Portugal pera a India amanheceo hum dia defronte deste rio em tão pouca agoa, que foy necessario cortarlhe os mastos, porque o vento, cõ que alli foy, era do mar, & não podia com elle tornar por detras, nem fugir dos baixos, que auia por diãte. Mas nem isso bastou peraque deixasse de dar à costa, & quebrar as amarras de duas anchoras, que tinha lançado ao mar. Finalmente dando nos baixos se fez em muytos pedaços, & alli se affogarão muytas pessoas, & outras se saluaraõ no batel, & no esquife da mesma nao, que foraõ ter a terra: onde em desembarcando, forão roubadas pollos Cafres de quãto saluaraõ, & daqui se forão pollo rio acima, atê o forte de Sena.

Perdição da nao S. Luis.

¶ Nesta barra estiuemos oito dias: no fim dos quaes partimos pera o rio de Luâbo, onde auiamos de deyxar algũas fazēdas, que leuaua o nosso Pangayo. Mas antes, que chegassemos a este rio, nos deu hum vento contrario do Sul, muyto grande, com que entramos no rio de Cuama a velha, que està çinco legoas de Luàbo,

bo,& alli dormimos hũa noite. E no dia seguinte fomos pera o rio de Luàbo por dentro de hum esteiro, que deuide a terra firme da ilha de Luâbo, a qual he de çinco legoas de largo, & outras tantas pouco mais, ou menos de comprido, & por causa desta ilha chamão Rio de Luàbo a este braço, que he o principal dos Rios de Cuama. Neste rio estiuemos çinco dias, & nelles se descarregarão as fazẽdas, que alli auião de ficar: & depois disso nos partimos pera Sofala, onde chegamos a saluamento aos cinco de Dezembro do dito anno. Na qual fortaleza fuy recebido com muyto aluoroço, assim do Padre Fr. Ioão Madeira meu companheyro, como do Capitão da fortaleza, que então era Garcia de Melo, Fidalgo nobre, & honrado, cunhado do Alferes môr de Portugal Dom Iorge de Meneses, que então era Capitão de Moçambique.

Ilha de Luàbo.

¶ CAPIT. SEGVNDO.

¶ De algũas viagẽs, que fiz por este mar de Sofala em seruiço da sua Christandade, & dos perigos que nellas tiue.

ANDANDO eu nesta Christandade de Sofala, muytas vezes me foy necessario passar a hũa ilha chamada Inhâçato (que esta da outra bãda do rio) por respeito dos Christãos, que nella morauão, hũas vezes a confessallos, & sacramentallos quãdo estauão doentes, outras a dizerlhe Missa: & na passagem do rio, que he muito perigoso, & largo, me vi perdido algũas vezes com tempos contrarios, & trouoadas, que me soccederaõ. E particularmẽte hũa vez tornando da ilha pera Sofala, vindo no meyo do rio, a horas de sol posto se armou hũa grande cerraçaõ, & subita trouoada de vento, & chuua, cõ q̃ totalmente me vi perdido: pollo q̃ mandei logo remar pera a terra que apparecia mais perto, & foy entre huns matos, onde chegando com muito trabalho saymos na praya, deyxando o batel nella todo allagado: & dalli à fortaleza de Sofala era hũa legoa sem caminho, por entre matos, onde auia muitos ribeiros, q̃ todos hião cheyos de agoa, nos quais nos vimos muito mais perdidos, pollo escuro

curo ser muyto grande, & não vermos por onde caminhauamos. Finalmente chegàmos à fortaleza junto da meya noite feridos nos pès, & mãos, & rosto, do mato, emsopados em agoa, & muy maltratados. Do qual trabalho se me causou hũa grauissima infirmidade dequartãs, q̃ me duraraõ seis meses.

¶ Aos cinco dias de Nouẽbro do anno de 1588. dous homẽs honrados cazados em Sofala, & eu fomos a hũa ilha deserta, que esta no rio de Bango sete legoas de Sofala, pera là estarmos algũs dias cortando madeira (que na dita ilha hà muy fermosa) pera ẽmadeirarmos a Igreja Matriz, que estaua pera cair. Partindo nòs hũa madrugada com o terrenho, antes que sayſſe o Sol se leuantou hũa das mayores tormentas, que tenho visto: mas quis Deos, que a furia d'ella nos tomou ja perto da ilha: porem durou tres dias, & tres noites. O qual tempo todo estiuemos na dita ilha oito pessoas sem comer, & sem beber, porque outra embarcação que nos auia de leuar as camas, & o mantimento necessario pera todo o tempo, que la auiamos de estar não se attreueo a partir de Sofala, nem o tempo lhe deu lugar pera isso, senão passados os tres dias. No fim dos quaes chegou à dita ilha, õde nos achou ja muy desfallecidos, assim da fome, & sede, como do mao tratamento dos ventos furiosos, que tinhão ventado, & do desabrigo da ilha, porque a mayor parte della era allagadiça, & quando enchia a marè, estauamos sobre as aruores, assi de dia, como de noyte, atè tornar a vazar. E o que mais nos atormentaua, eraõ infinitos mosquitos, q̃ nos comiaõ os olhos, sẽ lhe poder fugir, nẽ resistir. E deste mao tratamento adoecemos todos depois: & foy grãde merçe de Deos naõ durar mais o tempo, porq̃ se durara dous dias mais, todos alli acabaramos: mas como hiamos ẽ seruiço de Deos, & do seu templo, ouue misericordia de nos, & tornou bom tempo, cõ que trouxemos a madeira neçessaria, & concertamos a igreja muy perfeytamente.

Fome, & sede grãde q̃ passamos.

¶ No anno seguinte me foy neçessario ir a Moçambique a certos negocios importantes à Christãdade de Sofala. Pollo q̃ me ẽbarquey ẽ hũ pangayo. E sayndo polla barra, estiuemos perdidos, porq̃ achamos nella

Viagem perigosa que tiuemos.

nella tão grandes mares, que nos quebrou a verga do masto com os grandes balanços, que a embarcação daua, & se rompeo a vela em pedaços; & por outra parte as ondas nos leuauão aos bayxos, aos quaes se chegaramos, sem falta nos perderamos. Mas quis Deos que a marê vazaua, & foy leuando a embarcação pera o mar fora dos bayxos, onde ficou mais quieta, & os mares derão lugar pera se tornar a cõcertar a verga, & vela, com que tornamos outra vez a nauegar leuando bom tempo, & vento. Mas o segundo dia nos deu hũa tormenta do Sueste com muytos trouões, fuzijs, & chuua grossa a horas de meya noite muy triste, & medonha, em que nos vimos tão perdidos que fomos ẽ busca da terra pera darmos â costa, & saluarmos quando muyto nossas vidas. Pelloque nauegando toda a mais noite atê as dez horas da manhã, chegamos à vista della, & fomoslhe pondo a proâ, indo todos ja despidos, postos em feição de nadar, tanto que o nauio tocasse em terra. E juntamente vinhamos rezando as Ladainhas & pedido misericordia a Deos. A qual elle ouue com nosco, porque chegando a terra, vimos hum riacho pequeno, chamado Inhagea, õde entramos sem perigo algum, & nelle estiuemos algũs dias, esperando bom tempo pera seguir nossa viagem: mas não a fizemos, por serem ja acabados os Ponentes & entrados os Leuantes, q̃ saõ os dous ventos, qne cursaõ ordinariamente nesta costa: pello que nos tornamos d'alli pera Sofala acabo de hum mez de viagem.

¶ Muytas vezes caminhey em seruiço da Christandade de Sofala pollos matos de que a fortaleza està toda çercada, onde ha muytos Elefantes, Bufaras brauas, & outros bichos: dos quaes muytas vezes encõtrei algũs a cazo, & polla misericordia de Deos nunqua me fizeraõ mal algum, & asim me liurou sempre dos perigos do mar, & da terra: pello que lhe dou muytas graças. Apontey aqui estes cazos pera que se veja a quantos perigos andão os nossos Religiosos offerecidos nestas partes pollo augmento desta Christandade.

¶ CAPIT. TERCEIRO.

¶ Da gente, que se saluou da perdição da nao S. Thome, & veyo ter a Sofala, onde estauamos.

Es-

Stando eu nesta fortaleza de Sofala, veyo aqui ter agente, que se saluou da perdição da nao S. Thome: aqual se perdeo da maneira seguinte. Esta nao (de que era Capitão Esteuão da Veiga) partio de Cochim pera Portugal no anno do Senhor de 1588. & fazendo sua derrota custumada chegou perto do cabo de Boa Esperança: onde achou muytas tormentas, & mares grossos, com que trabalhou tanto, que abrio polla roda da proa, por onde fazia tanta agoa, que a não puderão vençer com muytas bombas. Polloque forão arribando pera Moçambique: mas foy crecendo a agoa em tanta quantidade, que antes q̃ passassem a terra do Natal, a nao se encheo quasi atè a cuberta deçima. O q̃ vēdo o Capitão mandou deytar logo o Esquife ao mar com guardas, que o defendessem à espada da gente que a elle se quisesse acolher: & posto debayxo da varanda, embarcouse nelle quem o Capitão quiz polla mesma varanda, lançandose por cordas a bayxo: ētre os quaes se embarcou Dom Paulo de lima com sua molher Dona Britis, & Dona Maria, molher de Goterre de Monroy. Embarcouse mais Dona Ioanna Fidalga viuua, aqual se offereceo a esta tão trabalhosa viagem, por trazer a Portugal hũa sò filha que tinha minina de oito annos, pera se recolher com ella em hũ Mosteiro de Freyras, & acabar o restante de sua vida em seruiço de Deos. Mas a perdição desta nao atalhou seus sanctos intentos, porque alli lhe ficou sua filha, a qual diante de seus olhos vio affogar rodeada de suas escrauas, que com ella ficarão na dita nao, sem lhe poder valer, pedindo muytas vezes aos do esquife lha quisessē ir buscar, o que nenhum quis fazer, antes a reprendião por suas importunações. Polloque a lastimosa mãy perdendo a esperança da saluação da filha, a pranteou como morta, estando inda viua. Embarcarãose tambem neste esquife dous Religiosos hum de S. Domingos, chamado Fr. Nicolao do Rosario o qual despois foy aseteado pollos Cafres Zimbas, como fica dito, & o outro Capucho de S. Francisco chamado Fr. Antonio Irmão Leigo, & outros muytos homēs da nao,

2.p. liu. 2. cap. 9.

dos

dos quaes se encheo o esquife de tal maneira, que não estaua pera nauegar. E logo a nao se acabou de encher de agoa, & se foy ao fundo com quanta gente tinha dentro, ficando algũa della hum pouco espaço sobre a agoa, braçejando, & pellejando com a morte, atè que de todo se affogou. Depois que os do esquife ficarão sòs sem a cõpanhia da sua na, opuserãose ẽ feição de nauegar, & vendo o Capitão a muyta gente que tinha o esquife, & q̃ corria muyto risco chegar a terra sem se alagar, mandou lançar ao mar muytos homẽs, pera assim descarregar o esquife: os quaes logo à vista de todos se affogarão

¶ Outros muytos casos lastimosos acontecerão neste naufragio, assim no esquife, como na nao, que deyxo pera quẽ escreuer esta perdição mais de proposito. Finalmẽte os que ficarão no esquife forão nauegando algũs dias, atè q̃ chegarão à terra firme, chamada Terra dos Fumos, que he junto da terra do Natal: onde lançarão dous homẽs na praya, pera q̃ fossem descobrir o campo, & trazer nouas do que achauão. Os quaes forão, & tendo andado obra de hum quarto de legoa, derão com hũa aldea de Cafres bem inclinados, & mauiosos, muy differentes de outros que por esta terra morão. Estes tanto que virão os Portugueses, espantandose muyto de os verem brancos (cousa q̃ elles atê então não tinhão visto) chamaraõlhe filhos do Sol, & como a taes lhe fizeraõ muyto gasalhado, & lhe deraõ de comer, & beber. Vendo os nossos tão boá gente, ficarão muy contentes, & deraõlhe a entender por açenos como elles se tinhaõ perdido no mar, & que tinhaõ seus companheiros na praya, & que lhe leuassem vacas, & mantimento, porque tudo lhe comprarião muyto bem. Polloque vierão algũs Cafres com elles atè a praya, onde ficou o esquife: mas naõ o acharaõ, nem vista delle por todo o mar, com que ficaraõ muy tristes. E o caso foy, que depois destes dous homẽs se meterem polla terra dentro, tornou a vẽtar o vento em popa muyto bõ pera nauegar: polloq̃ naõ quizeraõ os doesquife esperar por elles, nem perder taõ boa occasiaõ, & tornaraõ a dar vela, & foraõ correndo a costa pera os Rios de Lourẽço Marques.

Os Cafres chamarão aos Portugueses filhos do Sol.

¶ Vẽdose os pobres homẽs

sem

ſem o eſquife, diſſerão aos Cafres, que tinhão vindo com elles, como ſeus companheiros ſe forão, & os deyxarão, & que querião ir embuſca delles por aquella praya adiante. Os Cafres moſtrarão pezar, & ſentimento de os ver perdidos, & diſſerãolhe, porque erão elles paruos, que ſe metião no mar, que era doudo, & ſempre andaua agaſtado, & que andaſſem polla terra, como elles fazião, que nunqua ſe perderiaõ. Aqui ſe deſpediraõ hũs dos outros, & os dous Portugueſes foraõ caminhando toda aquella tarde polla praya bem triſtes, atè que chegaraõ ao dito eſquife, que eſtaua amaynado junto da terra por cauſa do vento, que lhe tornou a faltar: com cuja viſta ficaraõ muycontentes, & tornaraõſe a embarcar nelle carregados de ambar, q̃ a charaõ por aquellas prayas deſertas. Deſte lugar tornarão o ſeguinte dia a dar vela, & foraõ correndo a coſta atê a ilha do Inhaqua: & toda a gẽte deſembarcou a ſaluamento na dita ilha.

Eſtes Cafres chamão ao mar doudo.

¶ CAPIT. QVARTO.

Do mais que ſoccedeo a eſta gente da nao S. Thome.

TANTO que eſta gente da perdiçaõ da nao S. Thome deſembarcou neſta ilha do Inhaqua, puzeraõ logo fogo ao eſquife, porque o naõ furtaſſẽ denoite algũs da meſma companhia, & ſe foſſem nelle pera Sofala, deixando os mais na ilha. O qual feito naõ foy muy acertado, porque depois tiueraõ muyta neceſsidade do eſquife pera paſſarem â terra firme, porquanto a ilha era deſpouoada, & naõ auia nella que comer, nem agoa pera beber, & ficaraõ alli muy arriſcados à morte com fome, & ſede: mas quis Deos, que os Cafres da terra firme vierão â ilha em duas embarcações pequenas a ver o que nella eſtaua, por terem viſto a noite dantes os fogos que os Portugueſes fizerão, & neſtas pequenas embarcações paſſaraõ todos à terra firme poucos, & poucos com muyto trabalho, & muy arriſcados aos mares grandes, que ha neſta trauesſa, aqual em partes he de quatro, & cinco legoas.

Qheimarão o eſquife.

¶ Deſembarcados na terra firme, forão caminhando por ella, atê chegarem ao lugar do Inhaqua Rey da meſma terra, grande amigo dos Portugue-

ſes.

ſes. O qual os agaſalhou benignamēte, & lhe mandou dar os mantimentos neceſſarios, a huns por prata, aljofar, & peças que ſaluaraõ da nao, a ou tros fiados, atê vir o nauio de Moçambique, que vem cada anno âquelle porto a fazer o reſgate do marfim. Neſta ter ra eſtiueraõ todos os perdidos muytos dias, atê que algũs determinaraõ ſayrſe della, & caminhar por terra atè Sofala. Os que cõmeterão eſte caminho forão Eſteuão da Veyga capitão da nao, & doze compa nheyros mais, em que entraua Gaſpar Ferreyra ſotapiloto da meſma nao, & Antonio Go mez Cacho, hum dos dous que ſayraõ em terra de Cafres. To dos eſtes ſe puſerãoa caminho, & vierão por terra atè Sofala, que ſaõ mais de oitēta legoas de terra aſpera, & trabalhoſa de caminhar, pouoada de muy tas nações de Cafres maliſsimos, & mal inclinados. No qual caminho padecerão muy tos trabalhos, fomes, & ſedes. E depois que chegarão a Sofa la, aprimeira couſa que fizerão foy irem todos juntos à noſſa igreja de noſſa Senhora do Ro ſario: onde ſe lançaraõ por ter ra, beijandoa muytas vezes, cõ muitas lagrimas, & ſoſpiros, nacidos do contentamento q̃ tinhão de ſe verem em terra de Chriſtãos, fora de tantos perigos, como tinhão paſſado no mar, & na terra: pollo que dauão muytas graças a Deos, & à Virgem noſſa Senhora. O Padre meu companheiro, & eu os recebemos com charidade, & agaſalhamos algũs delles ē noſſa caſa, & os mais apoſentamos pollas caſas dos moradores de Sofala, que a noſſo ro go os recolherão todos com muyta charidade, & os veſtirão, curarão, & ſuſtentarão em quanto alli eſtiuerão, atè ſe em barcarem pera Moçambique.

¶ Depois que tiuemos eſtes agaſalhados, dahi a poucos dias chegarão outros da meſma perdição: ētre os quaes vinhão os dous Religioſos de S. Do mingos, & de S. Franciſco, & a todos recebemos, da meſma maneyra que aos primeyros. A mais gente da perdição, que ſe naõ atreueo cõmeter eſte ca minho, ficouſe nas terras do Inhaqua, eſperando pollo nauio, que de Moçambique auia de ir ao reſgate de marfim. E neſte tempo, que alli eſtiueraõ padecerão muytas neceſsidades, fomes, & doenças, de que mor-

morrerão muitos, entre os quaes falleceo tambem D. Paulo de Lima capitão muy esforçado, & venturoso em muitas batalhas, que teue com os Mouros na India: dos quaes sempre alcançou vitorias no mar, & na terra, particularmẽte aquella tão gloriosa, q̃ teue pellejando com o Rey de Iòr inimigo, & mao vizinho de Malaca, onde lhe desbaratou, & pos por terra sua rica cidade, destruindo quanto nella auia a ferro, & a fogo, com grande valor, & esforço, como no seguinte capitulo contarey. Este capitão acabou aqui seus dias em terra de Cafres de sua infirmidade, causada de muitos desgostos, fomes, & trabalhos, em que se via, sintindo muito verse cõ sua molher em terras tão estranhas, & desemparadas do remedio necessario. O qual desẽparo chegou à tanto, q̃ atè a sepultura pera seu corpo lhe negarão os Cafres da terra, não querendo q̃ o enterrassem nella, tendo por agouro enterrarẽ se nas suas terras gẽtes estrangeiras. Pollo qual respeito foi enterrado pollos Portugueses, q̃ alli se acharão da mesma perdição de noite secretamẽte entre hũs canaueaes, onde não fosse vista terra cauada de fresco, nẽ sinal de sua coua. Aqui esteue esta gente atè q̃ em Moçãbique se soube de sua perdição, q̃ foy dahi a hum anno, no fim do qual foi la ter hũ nauio que os trouxe pera Moçambique, donde se tornarão embarcar pera a India.

Morte de Dom Paulo d Lima.

¶ CAPIT. QVINTO.

¶ Do que soccedeo a Dom Paulo de Lima partindo de Goa pera Malaca, por capitão mòr de hũa grossa armada.

DA que no capitulo passado falley neste valeroso capitão Dom Paulo de Lima, & na vitoria, que alcançou do Rey de Iòr, pareceome não seria pouco agradauel relatar àqui breuemẽte o successo desta guerra, q̃ foy logo no seguinte anno, que eu cheguey a esta costa de Sofala, pera q̃ se veja, quam pouca rezão tem os homẽs de confiar nas prosperidades deste mundo.

¶ O Rey de Iòr, & o da ilha de Samatra fazião grande, & cõtinua guerra a Malaca, põdolhe algũas vezes cerco, & roubando os nauios, & naos dos mercadores desta costa, q̃ tratauão cõ Malaca, de modo, que os Portugueses della padecião

muitas affrontas, & apertos, & particularmente do Rey de Iòr, em cujo porto se recolhião as armadas dos ladrões, & dalli sayão a fazer assaltos. Pollo qual respeito ordenou o Vice-rey D. Duarte de Meneses hũa grossa armada, & fez della capitaõ General a Dõ Paulo de Lima, pera que fosse socorrer Malaca, & tomar vingança dos maos vizinhos que tinha. Concertadas depressa todas as cousas necessarias pera esta viagem, partio D. Paulo de Goa com a dita armada no mes de Iunho, do anno do Senhor de 1587. & fazendo sua derrota pera Malaca, chegou âs ilhas de Nicobâr (que estão perto da ponta da ilha de Samâtra) onde teue tantas calmarias, q̃ lhe foy forçado, polla muita sede que auia em toda a armada, mãdar Simão d'Abreu de Mello com duas Galês, & noue Galeotas tomar terra, & buscar agoa o mais perto, que se pudesse achar. O qual foy, & desembarcou na ilha de Samâtra, dezasete legoas da cidade, em que residia o Dachem Rey da mesma ilha, & tomou agoa cõtra o poder de mil & quinhentos Mouros, q̃ sayraõ a lha defender cõ dezasete elefãtes de pelleja. E depois de tomar agoa se tornou a recolher, & a embarcar, sem danno algum. E daqui se foy ao longo da costa do Dachẽ, saindo algũas vezes em terra, & fazẽdo muyto danno aos inimigos. E indo asi corrẽdo a costa, encontrou cõ hũa armada do Dachẽ, q̃ vinha de Iòr, & pellejando com ella, lhe tomou onze embarcações, & matou, & catiuou muitos Dachẽs: entre os quaes tomou dous capitães, & o Embayxador del Rey de Iòr, que hião fazer gente ao Reino do Dachẽ, metendolhe no fundo a Capitaina, em q̃ leuauão o dinheiro pera a paga da gẽte. Desta maneira chegou a Malaca, onde foy recebido cõ muyto aluoroço de todos. E logo o auiarão pera ir embusca de D. Antonio de Noronha, que andaua na costa de Malaca por capitão mòr, pera o que lhe deraõ mais dezoito nauios, a que chamão Bâtins.

Vitoria q̃ Simão d'Abreu alcãçou dos Dachens.

¶ Simão d'Abreu se partio de Malaca com duas Galês, noue Galeotas, & dezoito Bâtins, & com todo o necessario de mantimentos, & petrechos de guerra, & regimẽto que fosse em busca de Dom Antonio de Noronha, que andaua no

Estreito

Estreyto de Sincâpura, & trazia cõsigo dous galeões, & duas fustas, & algũs bâtins. Partido Simão d'Abreu, foy dar em Muâr (que està cinco legoas de Malaca) onde queimou meya pouoação: & dalli se foy ter cõ D. Antonio, o qual achou na Romania tres legoas de Iòr, onde se saluaraõ cõ toda a artelharia, & festejaraõ dambas as partes. Simaõ d'Abreu se foy ter cõ D. Antonio, & lhe disse como D. Paulo de Lima vinha de Goa por General de toda a armada: & logo assentaraõ, que se fossem pera Iòr, como fizeraõ. Onde tanto q̃ chegaraõ, appareceo hũa armada do inimigo, q̃ lhe sayo ao encontro: â qual os nossos remeteraõ cõ grande animo, & pellejaraõ valerosamẽte com ella, queimandolhe quatro Galês, & tomandolhe duas, & a mais armada varou ẽ terra de Iòr, & seguindo os nossos a vitoria, desẽbarcarão sobre os inimigos, & ouueraõse de maneira, q̃ lhe tomarão hũ balluarte, que estaua hũ quarto de legoa da cidade, pouco mais, ou menos. No qual acharão dezaseis peças d'artelharia, & muyta fazenda, & tudo queimaraõ. Isto feyto, forão pellejando com os inimigos atè as tranqueiras, metendose por entre elles com grande animo, atê chegarẽ aos muros. Aqui neste passo chegou D. Antonio, & fez recolher Simão d'Abreu com a gente, dizendolhe, que o tinha muyto bem feito: & com a pelleja ser bem trauada, somente quatro nossos ficaraõ mortos. E tomado conselho do que farião, assentaraõ quẽ não desembarcassem mais, & somente inquietassem os Mouros de dia, & de noite, atê chegar D. Paulo, & mandaraõ a Malaca hũ Bàtim cõ nouas da vitoria q̃ ouueraõ.

Briga dos nossos com a armada de Iòr

¶ Tornando a D. Paulo de Lima (que tinha ficado nas calmarias entre as ilhas de Nicobâr) depois que teue melhor vento foy nauegando pera a costa de Malaca, & teue vista della, em sesenta legoas de Malaca, & daqui foraõ correndo a costa atè chegarem â dita fortaleza, tendo passado na viagẽ muitas fomes, sedes, & trabalhos. Logo dahi a tres dias chegou o Bâtim com as nouas da vitoria, q̃ D. Antonio, & Simão d'Abreu tiueraõ dos Mouros de Iòr: as quaes D. Paulo mandou festejar, & ao Bâtim, que voltasse outra vez com cartas suas pera os capitães,

significandolhe, que seria pres-to com elles. Depois de orde-nadas as cousas necessarias pe-ra o intẽto, que leuara de Goa, partio de Malaca com cinco galeões, & hũa nao da China, & chegou a Iôr aos dez d'Agosto, cõ cuja chegada ouue grande alegria em toda a nossa armada, & grande jogo de artelharia de parte a parte. Logo os capitães vierão ter com D. Paulo, & lhe derão informação do q̃ passaua na terra, & de como os inimigos serião dez mil homẽs de peleja bẽ aparelhados. Então lhes declarou D. Paulo, como vinha determinado combater a fortaleza, & entralla cõ o fauor de Deos. O q̃ foy approuado de todos, & no cõselho & traça deste negocio gastarão aquella noite. E logo no dia seguinte mãdou o General confessar toda a gente: o que todos fizerão cõ muyta deuação. Isto feito, mandou sondar de noite o fundo do rio ao longo da fortaleza, onde os galeões auião de surgir, & ordenou a gente da maneyra seguinte.

Parte D. Paulo pera Iôr

Aparelhãse os soldados pera a briga.

¶ CAPIT. SEXTO.

¶ Da gloriosa vitoria, que dom Paulo de Lima alcançou do Rey de Iôr.

Ntes que alguem desembarcasse ordenou seus esquadrões, & companhias desta maneyra. A D. Antonio de Noronha deu a Vanguarda. A D. Bernardo, & Matheus Pereyra mandou que fossem logo detras delle com sua gente. E D. Paulo ficouse na Retaguarda com a bandeyra de nosso Senhor Iesu Christo. E todos os mais Capitães, & soldados postos em seus lugares, com suas bandeiras, & guiões abordarão com os galeões a fortaleza dia de nossa Senhora d'Agosto, & o galeão de D. Paulo abalroou com o mais perigoso balluarte, onde el Rey tinha a mayor força de sua gente, & desembarcou em terra cõ quatrocentos & vinte Portugueses, & algũs homẽs da terra, todos muy bem aparelhados, deyxando por Capitão môr da frota Luys Martinz Pereyra, com regimento do que auia de fazer.

¶ Depois que todos forão desembarcados, começarão logo a marchar, fazendo seu caminho pera a fortaleza: da qual lhe sayrão ao encontro os inimigos com muyta furia, & logo se começou a peleja, & bri-

briga muy trauada. Dom Paulo com grande esforço disse: Auante, auante. E todos assim o fizerão, indo pellejando sempre com grande esforço atè chegarem às tranqueiras da cidade (lugar de grande perigo) onde cortarão com machados, & desfizerão hum pedaço da tranqueira de largura de tres braças. E por alli entrarão dẽtro com grande impeto, apezar dos inimigos, que defendião o passo fortemente. Depois que forão dentro, tiuerão tres encõtros grandes de muyto pezo, & multidão de inimigos, nos quaes os Portugueses fazião grande matãça, & estrago. Andando a batalha accesa, vendo elRey o negoçio mal parado, & sua pessoa em grãde aperto, sayose fora da briga por entre os Portugueses por força de armas, & fugio com algũs dos seus, que o seguirão. A demais gẽte neste tempo, ja toda desanimada, não pretendia mais, que saluar a vida: pollo que algũs se lançarão ao mar cuidando escapar assim, onde se affogarão perto de oitocentos; tanto temião o ferro dos Portugueses. Dom Paulo em muytos ẽcõtros pellejou muy valerosamente, não sò mẽte como bom Capitão, mas como soldado dos mais esforçados, q̃ alli se acharão, acudindo a todas as partes necessarias, esforçando, & animando os soldados com palauras de Capitão generoso. Matheus Pereyra ganhou o forte, & o ẽtrou muy valerosamente: ao qual Dõ Paulo mandou logo socorrer com mais gẽte, porq̃ lho não tornassem os inimigos a entrar. Durou a briga por espaço de tres horas: no fim do qual tempo se pos fogo a toda a cidade, que ficou despejada de inimigos, sem auer quẽ lhe resistisse. Detiuerãose aqui seis dias, festejando a victoria, & dando sacco ao mais da cidade. Na qual se acharão mil, & quinhentos canos de espingarda, cõ as coronhas queimadas, & quatro mil mais, a q̃ não chegou o fogo, & nouecentas peças de artelharia de bronze. As quaes todas Dom Paulo mandou embarcar: o que se fez com muyto trabalho, porque auia algũas muyto grossas, como era hũa aguia, hum leão, & hum basilisco. Depois disto, mandou pòr fogo a mil, & çem embarcações do inimigo, que estauão no porto: entre as quaes entrauão Galês, & Fustas. Nesta batalha se acharão

Esforço dos Portugueses nesta batalha.

Fugida delRey de Iòr.

Temor dos inimigos.

Sacco q̃ se deu à cidade.

dous Religiosos de S. Domingos, que foraõ na mesma armada de Malaca, s. o Padre Fr. Luis de Brito, & o P. Frey Nicolao do Rosario, que se achou nesta perdição da nao S. Thome, de q̃ falley atras, dos quaes ambos collegi esta relação.

Descripção da cidade de Iòr.

¶ Esta cidade de Iôr era cercada em hũas partes de pedra, com seus balluartes muy fortes, em outras de madeira muy grossa, com entulho de terra tão forte, que nenhũa peça d'artelharia o podia passar, por grossa, & furiosa que fosse. A cidade seria do tamanho das mayores fortalezas, q̃ ha na India. ElRey de Iòr fugio pera Pam (que he na costa da China contra a costa de Malaca) onde o não quiseraõ recolher cõ medo dos Portugueses: pollo q̃ voltou a Bintaõ, q̃ saõ as ilhas de Linga, de q̃ era Rey hũ seu sobrinho. Sabendo isto Dom Paulo, mandou logo là parte da armada, & queimaraõ, & assolaraõ o lugar, onde se recolheo, fugindo elle cõ os mais da terra, sem auer resistẽcia pera os nossos. Morreraõ nesta guerra de Iòr cincoenta & cinco Portugueses: nos quaes entraraõ D. Bernardo de Meneses, & D. Manoel d'Almada: & outros muitos foraõ feridos; entre os quaes foy o P. Fr. Nicolao do Rosario, a quẽ deraõ hũa espingardada na cabeça, de q̃ esteue à morte. E dos inimigos morreo grãdissimo numero, q̃ se não pode cõtar. Cõ esta vitoria se partio D. Paulo pera Malaca, onde foy recebido cõ pallio, & tantas festas, quantas tão gloriosa vitoria merecia. E depois de quietas todas as cousas de Malaca, se tornou pera Goa cõ muyta hõra. E logo no anno seguinte se embarcou pera Portugal cõ toda sua casa: na qual viagem se perdeo, & morreo tão miserauelmente, como fica dito. No que a inconstante fortuna mostrou claramente sua variedade & pouca firmeza, que tem nos bẽs, & glorias, que promete, pois tão facilmente desanda com sua roda de males, sobre os mesmos que leuãta cõ prosperidades.

Gente q̃ morreo nesta batalha.

¶ CAPIT. SETIMO.

¶ *De hũa Misquita, que os Mouros de Sofala fizeraõ a outro Mouro rico, onde o veneranão como santo, a qual eu queimey.*

Defronte

DEFRONTE da fortaleza de Sofala està hũa ilha da outra banda do rio chamada Inhançato, como ja disse. Desta ilha foy senhor antigamente hum Mouro chamado Muynhe Mafamede, o qual era muyto rico, & muyto amigo dos Portugueses moradores de Sofala, tanto que muytas vezes comia, & bebia com elles em suas casas todos os comeres, inda que leuassem porco (cousa muyto prohibida na sua ley) & particularmente era muyto amigo de lacão, & de chouriços de carne de porco, & muyto mais de vinho, que tambem he prohibido na mesma ley. De modo que zombaua da sua lei em estas, & outras muytas cousas: & dizia, que Mafamede não defendera o vinho, nem a carne de porco aos Mouros: pera proua do qual contaua hũa historia (que eu ja ouui neste Reyno muytas vezes) em desprezo de Mafamede, dizendo, que antes de Mafamede ser rico, & honrado, fora primeyro regataõ de vinhos, os quaes andaua vendẽdo pollos campos aos lauradores, & que hum dia leuando hum jumento carregado de vinhos, sayo do mato hum porco brauo, & atrauessando o caminho, por onde elle passaua com muita furia, o jumẽto se espantou, & indo fugindo, com o medo deu com a carga do vinho no chão, & rõpendose as vazilhas entornou o vinho, & que neste passo disera Mafamede mal de sua vida, & que naõ beberia mais vinho, nem comeria porco, & que isso dissera Mafamede do porco que fugio, & do vinho que alli se entornou, & não do vinho, & porco que agora auia.

Zõbaria que hũ Mouro fazia de Mafamede.

¶ A este Mouro depois que morreo, fizeraõ os Mouros de Sofala hũa Misquita na sua ilha de Inhançato, dentro na qual tinhaõ sua sepultura em grande veneração, & respeito, somente porque fora Mouro honrado, & rico: as quaes partes achauão estes Mouros barbaros serem muy sufficientes pera o terem, & honrarem por santo, naõ tendo elle de Mouro mais que o nome: & tinhão lhe toda a sua Misquita armada cõ pannos pintados, & as pedras de sua sepultura vntadas de sãdalo cheiroso, & ao redor della muitos brazeiros, em que deitauã incẽso pera perfumar a Misquita, & porcima da coua

estaua muyto arroz, & milho derramado, q̃ os Mouros lhe deitauão, pedindolhe com esta offerta prosperas nouidades. Defrõte da porta da Misquita estaua hũ meyo masto metido no chão com muytos pregos, onde todos os marinheyros Mouros (antes que fizessem algũa viagem) pendurauão pedaços de remos, roldanas, ou algũa corda de sua embarcação, peraque o Mouro lhe desse boa viagem. De maneyra que lhe fazião petições, & rezauão como a santo.

¶ Sabendo eu isto, desejaua summamente ver esta Misquita, pera lhe fazer as honras que merecia. O que veyo a effeito, indo hũ dia a folgar à dita ilha com o dono della (que então era hum Portugues nobre, & hõrado, chamado Pero Lobo) porque depois de estarmos na ilha chamey dous moços nossos secretamente, & outro moço do dito Pero Lobo, q̃ sabia onde estaua a Misquita, & disselhe que me leuassem a ella, porq̃ desejaua muyto de a ver. Os quaes me leuaraõ por dentro da ilha obra de hum quarto de legoa atè à dita Misquita, que estaua em hum grande terreiro, cercado de muitos, & espessos matos. E depois de a olhar muito bem, puslhe o fogo com hum murraõ de espingarda, que mandei leuar aceso a hum dos nossos moços, não lhe dizendo pera que era, porq̃ se lho dissera, ou elles imaginarão o que eu queria fazer, nenhum delles fora comigo a isso, porque temem muito fazer algum mal aos defuntos, quanto mais âquelle, que os Mouros tinhão por santo. Mas tanto que lhe pus o fogo, a Misquita (que era de madeyra, & cuberta de palha, como saõ todas as casas de Sofala) ardeo com quantos pannos tinha armados dentro, sem ficar cousa algũa por queimar. E foy o fogo tão forte, que acodiraõ a elle os mais dos Mouros da ilha, & vẽdo a Misquita queimada, & posta por terra, & feyta hũa braza viua (que bem representaua o fogo em que Mafamede ardia) ficaraõ todos espantados, & magoados, & bem quiseraõ tomar vingança de mim, se lho não impedira o medo, q̃ tem dos Portugueses, & a veneração, & respeito que tem aos nossos Religiosos: mas hũs, & outros me rogarão mil pragas entre si, & me agouraraõ mil males, & castigos da mão de Mafa-

Arde a Misquita de Mafamede.

Mafamede, polla descortesia, que tinha feyto â sua sepultura. Isto dizião não sò os Mouros, mastambẽ algũs dos Christãos da terra, tẽdome por atreuido, & o menos que me esperauão era morrer por isso muyto cedo.

¶ Soccedeo dahi à algũs dias que tiue hum corrimento em hum olho, & vindo isto â noticia dos Mouros, fizerão grandes festas, dizendo que ja Mafamede me começaua castigar, & que me auia de quebrar os olhos. Mas quis Deos, a quem eu seruia, darme perfeita saude, ficando os Mouros frustrados de suas esperanças. Contey esta historia, pera que se veja o pouco fundamento, que todos estes Mouros tem na veneração de seus santos, pois tem aos maos por justos, como tinhão a este Mouro, q̃ o não foi mais que no nome (como ja disse) somente por ser rico, & honrado em sua vida.

¶ CAPITVLO. VIII.

¶ Da Christandade que fizemos nas terras de Sofala, & de como nos saymos della, & fomos aos rios de Cuama, & de algũas cousas notaueis, que vimos neste caminho.

Estiuemos nesta fortaleza de Sofala o Padre Fr. Ioão Madeira, & eu quatro annos, & logo no primeiro anno repairamos as igrejas daquella terra, que mais parecião Misquitas de Mouros mal concertadas, que igrejas de Christãos, & fizemos duas hermidas de nouo, hũa de nossa Senhora do Rosario nas cazas em que morauamos, & outra da inuocação da Madre de Deos fora da pouoação em hum palmar nosso, que he a melhor saida q̃ tem Sofala. E a hermida he de muyta romagem, & deuação. As quaes Igrejas tinhamos muy limpas, curiosas, & bem ornadas de vestimentas, & do mais neçessario pera o culto diuino. E fizemos muyto por acrecentar, & conseruar a Christãdade nestas terras: a qual polla bondade, & misericordia de Deos, foy em muyto crecimento, assi entre os Gentios, como entre os Mouros, conuertendose muytos â nossa santa fê, assi por nossas pregações, como pollas procissões, & officios diuinos que nos vião fazer: no q̃ trabalhauamos de cõtinuo por ser a gẽte destas terras

ras muyto barbara, & trabalhosa de conuerter, & trazer ao conhecimento de seus erros. Dos quaes o Padre Frey Ioão Madeira baptizou mais de mil pessoas, & eu baptizey seiscentas, & nouenta, & quatro.

¶ No fim destes quatro annos que estiuemos no ministerio desta Christandade (q̃ foy atè Iulho de 1590.) tiuemos recado da India do nosso Padre Vigairo Geral, que tornassemos pera Moçambique, onde tinhamos outras cousas de muyta importancia, & seruiço de Deos, a que acodir. O que sentirão muyto os moradores de Sofala, pollo desemparo, em que ficauão sem Religiosos de S. Domingos. Mas foy forçado comprir a obediencia que tinhamos. Pollaqual rezão entregamos ao Vigairo da terra as nossas igrejas com todos seus ornamentos, pedindolhe muyto as conseruasse, & tratasse com alimpeza, & cuydado, com que as nòs tinhamos ornadas, atê tornarem pera ellas outros Religiosos da nossa Ordẽ. E logo nos determinamos partir pera Moçambique, mas porquanto o nauio em que nôs auiamos de ir, ficou metido no rio de Luàbo sem poder chegar a Sofala, por causa dos ventos contrarios, que teue, nos foy forçado ir por terra ẽbusca d'elle, pera nos embarcarmos, & irmos a Moçambique.

¶ Posta nossa ida em conclusão, partimos aos 13. de Iulho por terras de Cafres, com duas guias, que nos guiassẽ atè os Rios de Cuama, que são trinta legoas de caminhos asperos, & trabalhosos, & os mais d'elles despouoados de gente, & cheyos de matos, & aruoredos syluestres, õde ha muytos elefantes, tygres, onças, leoẽs, bufaros brauos, & outros muytos bichos, & feros animaes: dos quaes vimos muytos de longe, & encontramos algũs, que nos puserão em muyto sobresalto, & perigo. Mas nenhũ ousou a nos cõmeter, porq̃ leuauamos em nossa companhia 14. escrauos de algũs nossos amigos de Sofala, que nollos ẽprestarão, pera este caminho; os quaes hião todos armados de arcos, frechas, & azagayas.

Partimos de Sofala pera Luàbo.

¶ Todas estas terras são do Reyno do Quiteue snõr do rio de Sofala nosso amigo. Pollo qual respeito ẽ todos os lugares, onde chegauamos, pouoados de Cafres, logo o Capitão do lugar (a q̃ chamão Encosse)

nos

nos agazalhaua, & fazia muita festa, sabendo que eramos os Padres de Sofala, a quem elles chamão Cacizes, & nos mandaua hũ presente de galinhas, inhames, & massa de milho, q̃ he o seu comer ordinario, & juntamente mandaua ajuntar todos os musicos da terra cõ seus tambores, & outros instrumentos â nossa porta, onde faziāo hũa musica taõ desconcertada, & cõ vozes tão dissonantes, que nos atroauão; & desta maneira tangião, cantauaõ, & baylauaõ toda a noite, de modo, q̃ a festa que faziaõ nos era muy penosa: mas naõ ousauamos dizerlhe que se callassem, por se naõ agrauarẽ. E quando vinha a manhã, dauamos a estes musicos hũa maõ chea de contas a cadahum, que valeria dez r̃s (cousa muyto estimada entre elles) & ao Encosse dauamos hum panno, que valeria quatro vintens. E cõ isto ficauaõ todos muy satisfeitos, & contentes. E desta maneira fomos passando por todos os lugares pouoados, atê chegar ao rio de Tendancûlo.

Festas cõ q̃ os Cafres nos recebião

¶ Depois que passamos estes Cafres, entrando ja em outras terras, que saõ do Manamotapa, dormimos hũa noyte em hũs matos desertos; onde ouuimos muita parte da noite grandissimos apupos de hũas vozes muy grandes, & temerosas, como vozes de homem, do modo que enxotão os passaros do trigo. Com as quaes vozes & brados ficamos muy atemorizados, parecendonos q̃ erão Cafres ladrões, q̃ vinhaõ em nosso alcance, pera nos matar, & roubar. Pollo que não ousauamos fallar hũs com os outros, por naõ sermos ouuidos, nem sentidos, antes nos deyxauamos estar sobre as aruores, onde ja estauamos sobidos por causa das feras, & bichos, que ha por aquelles matos. E desta maneyra estiuemos atè amanhecer vigiando, bem atribulados. E vindo a manhã (que pera nos foi de muita alegria) tornámos a cõtinuar nosso caminho, sem vermos pessoa algũa. E no primeyro lugar de Cafres, a que chegamos, cõtamos o que nos tinha soccedido: & os Cafres nos disseraõ, que aquillo que gritaua de noite, eraõ aues muito grandes, mayores que gallos, as quaes de dia estauão escondidas, & sõmẽte de noite voauão, & andauão caçãdo outras aues pera comerem, & que por isso lhe

Aues nocturnas.

apu

apupauão, pera que espantadas de suas vozes sayssem das moutas, & aruores, onde estauão dormindo: & tanto que sayão logo erão caçadas, & comidas. Isto mesmo nos certificou Frãcisco Brochado, de que ja falley atras, que estaua no Rio de Luàbo, doze legoas d'aquella paragem, onde achamos estas aues.

¶ CAPITVLO IX.

¶ De hum animal marinho, que achamos neste caminho, & de huns passaros muyto grandes, & do mais, que nelle nos soccedeo.

TANTO que passamos o rio de Tendancùlo, indo caminhando pollas prayas ao longo do mar Oceano (terras do Manamotapa) achamos hum animal morto, com muytas feridas de frechas, & azagayas: o qual tinhão morto o dia dantes os Cafres daquella terra, andando pescando na entrada do rio em hũs bayxos, que estão ao longo da praya, onde dizião que viera ter o animal, como desatinado, & alli nos bayxos se embaraçara de modo, que em vez de nadar pera o mar, foy varando pera terra, onde o matarão, estando meyo em seco. Este animal era cuberto de cabello cinzento pollas costas, & branco polla barriga, como cabello de boy, mas muyto mais aspero: a cabeça, & boca era como de tigre, com grandissimos dẽtes: tinha bigodes brancos de comprimento de hum palmo, & tão grossos, como sedas, com que cozẽ os çapateiros. Teria mais de dez palmos de comprido: era mais grosso, que hum grosso homem. Tinha hum rabo de hum palmo muyto grosso, & orelhas de cão, braços de homẽ pellados sem cabello algum, & nos cotouellos hũas barbatanas grãdes como de peyxe. Tinha junto ao rabo dous pès curtos, espalmados como pès de mono grande, & não tinha pernas. Tinha cinco dedos em cada pê, & mão, cubertos com hũa pelle, ao modo de pè de pato: mas depois de esfollada aquella pelle, ficarãolhe os dedos soltos de hum grande palmo cada hũ. No meyo dos dedos dos pès sòmente, da banda das costas, tinha vnhas brãcas muyto grandes, & agudas, como vnhas de tigre. Tinha junto do rabo sinal de macho: as tripas, bofes, & figados erão

Animal marinho & suas feições.

como

como saõ as de hum porco.

¶ Este animal mandamos es follar pol los nossos escrauos, que leuauamos comnosco naquella mesma praya, onde o achamos morto, & tinha a pelle tão grossa, & mais, que a de hũ boy. Estando nos nisto, vierão alguns Cafres da terra ter cõ nosco: aos quaes mãdamos preguntar polla lingoa, qual era a causa porq̃ não comiaõ da carne d'aquelle animal, pois era tão vermelha, & tão gorda, comendo elles cobras, lagartos, ratos, & todo o mais genero de carne, que achauaõ. Ao que elles responderaõ, que naõ tinhaõ visto tal besta como aq̃lla, nem na terra, nem no mar: & que tinhaõ pera si que aquillo era filho do diabo, porque quando o mataraõ daua tão grandes roncos, que a todos assombrou, & foraõ ouuidos dentro no seu lugar (que estaria dalli meya legoa) & por essa rezão auião medo de comer delle. Mas como viraõ que os nossos escrauos lhe tomaraõ a ferçura, & fizeraõ hũa grande espetada em hum pao, & a assaraõ, & comeraõ, saltaraõ todos no animal, & em pedaços o leuaraõ pera comerem, & nem o couro lhe deixarão.

Chamaraõlhe os Cafr. filho do diabo.

¶ Dezoito dias pusemos neste caminho: & detiuemonos tanto nelle, porque algũs dias esperauamos à borda de rios, & lagoas mui grandes, q̃ achauamos, atè lhe sabermos o vao por onde melhor se pudesse passar, & algũs passamos cõ agoa pollo pescoço com muito trabalho. Allem disto tiuemos algũs dias de fomes, & mao gasalhado, dormindo muytas noites no chão, & algũas que nos tomauão em despouoado, sobre aruores, atados, por não cairmos com o sono, o que faziamos com medo das feras, que por alli andauão de dia, & de noite. Mas em todos estes trabalhos achauamos sempre a suauidade, & consolação de serem padecidos por respeito da Christandade, aque estauamos offerecidos. Outras muytas cousas nos aconteceraõ, & vimos neste caminho, de que tenho tratado na descripção destas terras, como fica dito.

Trabalhos que passamos no caminho.

1.p. liu. 2.cap.1.

¶ Chegamos ao rio de Luãbo o primeiro dia d'Agosto de 1590. onde fomos bem recebidos, & agasalhados do capitão dos rios de Cuama, que então alli estaua, chamado Francisco Brochado (de quem ja fallei algũas vezes) & alli achamos

o pangayo, em que auiamos de ir pera Moçambique, o qual esperaua por nòs. E tanto q̃ chegamos, logo ao outro dia nos embarcamos, & fomos lançar ãchora na barra do mesmo rio, pera d'alli partirmos, como tiuessemos tempo pera isso. Mas forão os ventos tão cõtrarios, que nunqua pudemos sayr do rio: & por esse respeito estiuemos alli oito dias. Neste tẽpo sayrão em terra algũs marinheiros a buscar lenha, & frutas pollos matos, que estão ao longo das prayas: dõde trouxerão dous passaros nouos cubertos inda de penujẽ branca, q̃ acharão no ninho, muy semelhãtes a aguias nas vnhas, olhos, & bico: màs na grandeza do corpo muyto mayores, que grãdes aguias. Tinhão noue palmos de comprimento da ponta de hũa aza atè a outra, que lhe eu mandey medir por façanha. Os marinheiros os matarão, porsenão poderem inda criar sem mãy, & fizerão hũa grã de panellada de sua carne, que comerão. Donde se pode claramente collegir, que estes passaros depois de chegarẽ a sua perfeita idade, deuem ser de espantosa grandeza. Outros passaros dizem que ha nestas terras muy grandes, de que ja tratey na descripção de Sofala.

Passaros de admirauel grãdeza.

Primeira p. liu. 1. cap. 24.

¶ Estãdo nòs aqui nesta barra esperando tempo prospero, começou o pangayo a fazer tanta agoa, que nos hiamos ao fundo, sem lha poder tomar, & foy merçe de Deos faltarnos o vento pera nauegar, porque se o tiueramos, & sayramos ao mar, tanto que o pangayo começasse de nauegar, ouuera de abrir de todo, & nos, & elle nos ouueramos de perder: mas quis Nosso Senhor fazernos merçe, que aquelles dias descobrio o mal, que tinha; & tornamos pera dentro do rio, & foy varado em terra pera se conçertar. Pollo qual respeito não fizemos viagem aquella monção, & ficamos este anno nestes rios.

¶ CAPITVLO X.

¶ *De como fomos pollo rio de Luàbo acima, & de como residimos nas igrejas de Sena, & Tete.*

DOZE dias estiuemos nesta ilha de Luàbo. No fim dos quaes, vendo que não podiamos ir pera Moçambique, nos partimos pera Sena em companhia do Capitaõ dos

rios,

rios. Pollo meyo deste rio hà muitos ilheos grãdes de areas, onde dormiamos, & sómente de dia nauegauamos, por causa das muitas correntes, & baixos que tem. Os Cafres moradores destas prayas, tanto q̃ viáo a nossa embarcação, logo vinhão a ella metidos em outras muito pequenas (a que chamão Almâdias) em que trazião a vẽder frutas, legumes, galinhas, & peixe: o que tudo lhe cõprauamos muyto barato.

¶ Indo nauegando por este rio acima, vimos hum dia estar hũs poucos de Cafres à borda do rio com grandes festas, & gritas. Pollo que mandou o capitão ao que gouernaua (a quem alli chamão Mâlemo) q̃ fosse ao lõgo de terra, pera vermos que festa era aquella: & chegando a ella vimos, qui tinhão morto, & tirado do rio hũ grandissimo lagarto, & começauaõ de o fazer em pedaços, pera o comerem. Do que muyto me marauilhey, porque os Cafres de Sofala não matão, nẽ pescaõ lagartos do rio, porque o seu Rey lhe tẽ posto pena de morte, que o naõ fação: & a causa he, porque dizem, q̃ os figados do lagarto he a mais fina peçonha que se acha, & por esse respeito não quer o Rey que se matẽ, por não vzarem della.

Os Cafr. de Luâbo comẽ lagartos

¶ Chegamos ao forte de Sena aos 22. dias d'Agosto do dito anno: onde fomos bem recebidos dos moradores da terra, & do capitão do forte, que então era Gõçalo de Beja, o qual nos leuou pera sua casa, & nos agazalhou com muita charidade. Logo no outro dia começamos de entender no seruiço da igreja, & da Christandade: porque nestes rios nenhum Padre auia, que administrasse os Sacramentos, mais que hum sò clerigo, que estaua muyto doẽte em Tete, onde tambem polla mesma causa não podia seruir: & assi estauaõ ambas as igrejas sem ministros. E por isso os Christaõs destas terras padeciaõ muitas necessidades spirituaes. Por tanto logo cõmeçamos de lhe administrar os Sacramentos, dizendolhe Missa, cõfessando, & baptizando, com muita diligẽcia. E nisto fomos continuando ambos trinta & dous dias. No fim dos quaes mandaraõ os moradores de Tete hũa embarcação, & hũa carta, ẽ que nos pediáo muito, & requeriaõ da parte de Deos, que hum de nos lhe quizesse

Chegamos a Sena.

Estado ẽ q̃ achamos os rios de Cuama.

Fomos chamados de Tete.

zesse acodir, pois Deos nos trouxera àquelles rios em tempo, que elles padecião tantas necessidades na alma: porque passaua ja de quatro mezes, q̃ não tinhão missa, nem quem lhe administrasse os sacramentos, & algũas pessoas erão falleçidas sem elles, & que pera isso mandauaõ aquella ẽbarcaçaõ prouida do neçessario, & que fosse cõ a mòr breuidade, que pudessemos. Vistas taõ justas causas, logo o outro dia me parti pera Tete, ficãdo o P. Fr. Ioaõ Madeira na igreja de Sena.

¶ Indo de Sena pera Tete (q̃ saõ 60 legoas de caminho pollo rio açima) achamos muytas, & perigosas correntes: em hũa das quaes (que està na Lupàta, onde ha grandes, & altas serras, de q̃ ja fallei) estiuemos perdidos; porque esta corrente q̃ pretendiamos passar a remo, & vela, foy taõ forçosa, q̃ nos leuou a embarcaçaõ atrauessada, & meya ẽborcada pollo rio abayxo mais de hũ tiro de espingarda, atè nos encostar sobre hũas pedras, onde se tem perdido muytas embarcações, & a nossa esteue nesse risco: mas naõ o permitio Deos: ãtes milagrosamente se tornou a endireitar, & foy polla corrente abaxo sem perigo, atè que atrauessamos o rio â outra banda, posto que descaymos hũa grande meya legoa. E dalli tornamos a continuar nossa viagem atê o Forte de Tete; onde chegamos a saluamento a cabo de sete dias, que foy a 21. de Setẽbro. E na praya estaua ja o Capitão com a mayor parte do pouo esperando por mim: os quaes me receberão com tanto aluoroço, & allegria, como se fora vindo do Ceo; & assim dizião, que agora conhecião claramẽte, que Deos se não esquecia d'elles, nem o Padre S. Domingos da Christandade, que os seus Religiosos tinhão feyto naquellas partes; pois em tẽpo de tanta necessidade os messmos Religiosos, que a fundarão, a tornauão socorrer, & sustentar. O que muyto me edeficou, vendo o grande sentimento, que este pouo mostraua de lhe faltarem os Sacramentos tão importantes pera sua saluação. Logo ao outro dia (q̃ foy Sabbado) disse Missa de Nossa Senhora, a que veyo toda a gẽte da terra, como se fora dia santo, & nisso fuy continuando, & administrando os sacramentos, en quãto alli estiue.

1. p. li. 2. cap. 6.

Perigo q̃ tiue na Lupâta.

Fuy bẽ reçebido em Tete.

Cap.

¶ CAPITVLO XI.

¶ De hũas feiticeiras, que auia em Tete, as quaes fiz desterrar desta pouoação.

ESTANDO eu neste forte de Sãtiago de Tete, auia nesta terra duas Cafras Gentias, que fingião serem feiticeiras: as quaes morauão no campo em hũas serras, q̃ estão perto da pouoação dos Portuguesses. Pollo qual respeito muitas pessoas, assi dos Gentios, como dos Christãos da terra, hião ter com ellas denoite secretamẽte, a consultar feitiços, & a pedirlhe que descubrissem algũs furtos, que lhe tinhão feito, ou lhe adiuinhassem como, & onde acharião as cousas que tinhão perdidas, & o mais, que cadahum desejaua saber. E posto que estas feiticeiras ordinariamente não respondião a proposito, antes disbarates, & o que acaso lhe vinha ao pensamento, com tudo tinhão acquirido tanto credito pera com estes ignorantes, que as consultauão, que se não persuadião serem suas feitiçarias, falsas, & mintirosas, antes tinhão pera si, que fallauão cõ o diabo, & elle lhe descubria tudo quanto querião saber. O que ellas muy bem sabião fingir, porque publicamente se punhão a fallar com elle, & fingião que lhe respondia em hũa voz, que todos os presentes ouuião com grande admiraçaõ: o que faziaõ da maneyra seguinte.

¶ Cada hũa destas feiticeyras tinha hum cabaço, em que estauaõ dentes de homens, de tigres, & de bugios, bosta de elefantes, cabellos de homens brancos, & de Cafres, retalhos de panno, & carouços de certa fruta, & tudo isto misturado com cinza. Na boca destes cabaços tinhão hum grande molho de penas de rabo de gallo. E quando algũa destas feiticeiras queria consultar o diabo, punha o cabaço sobre hũa tripeça, onde lhe fallaua muitos amores, & palauras brandas, como que fingia chamallo, & prouocallo a que lhe viesse fallar dentro no cabaço. E depois de fazer este fingimẽto, quando ja queria acabar de cõcluir sua mintira, dizia q̃ ja o diabo era chegado, & o recebia cõ muita cortesia, dizendo lhe; Vinde embora meu Sñor. E logo se chegaua junto do cabaço, & metia o rosto por ẽtre

Inuẽçã de feitiços.

Como duas feyticeiras fingião fallar cõ o diabo.

as penas de modo, que ellas lho cobrião todo; & desta maneira com a boca posta na do cabaço, fallauão muyto manso, perguntandolhe como estaua, & porque lhe tardara tanto, que tinha ja grandes saudades delle; & algũas vezes se ria, fingindo que o diabo lhe dezia algũas graças. E todas estas cousas fazião ambas diante daquelles, que as buscauão: E pera que dessem mais credito a suas feitiçarias, vsauaõ desta arte diabolica taõ secreta, que ninguem lha podiá entender.

¶ Tomauaõ dous carouços de fruta redondos, como carouços de cerejas, furados pollo meyo, como contas, & metiaõ cada hum delles em sua venta do nariz, & desta maneira fallauaõ por entre as penas de tal modo, que retumbando a voz dentro no cabaço, fazia hũ echo brando, aqual voz tornauaõ a soruer com os narizes & por respeito dos carouços furados, que dentro nelles tinhão, soaua outra voz differente da primeyra, mais branda, & delgáda, ao modo de assouio, que parecia reposta do que perguntaua a feyticeira, de que todos os circunstantes ficauaõ espantados. E desta maneira ganhauaõ estas feyticeiras de comer, porque nenhũa pessoa hia consultar com ellas algũa cousa, por pequena que fosse, que leuasse as maõs vazias, mas antes todos lhe leuauão o preço, que lhe auiaõ de dar, conforme o remedio que buscauaõ. E pera que estas feiticeyras fossem achadas de noite, subiase cada hũa dellas sobre hũa serra, & tangia com hum chocalho, pollo tom do qual os que as buscauaõ hião ter onde ellas estauaõ. E asi viuiaõ estas feyticeiras, enganando muita gente ignorante, que se fiaua de suas mintiras, & embaymentos; mas com tudo ninguem sabia do engano dos carouços furados, de que vsauaõ, sendo este o principal instrumento, com que faziaõ dar credito a suas falsidades.

Modo cõ q̃ fingião fallar cõ o diabo.

¶ Tendo eu noticia destas feiticeyras, & de como algũs Christaõs hião de noite secretamente consultallas com tanto perigo de suas almas, fiz com o Capitaõ de Tete (que entaõ era Pero Fr̃z de Chaues) q̃ as mandasse prender, castigar, & desterrar, deste lugar, por naõ inficionarẽ com suas

artes

artes diabolicas os moradores da terra. O que elle logo fez, mandando ao seu meirinho, que fosse em busca dellas, & que as trouxesse prezas. O que o meirinho fez com muyta diligençia, trazendoas com seus cabaços a caza do Capitão. Ao outro dia polla manhã, mandoume o Capitão recado, que tinha as feitiçeiras em sua caza, que me chegasse pera la, se as queria ver, & consultariamos o castigo, que lhe daria. Fuy eu logo ter com o dito Capitão, em cuja companhia estauão ja seis, ou sete Portugueses, que elle tinha chamado pera o mesmo effeito. Estando nôs asim todos juntos, mandou o Capitão âs feiticeiras, que fallassem com seus cabaços, como custumauão, & chamassem seus diabos, que lhe viessem fallar, porque estauamos nòs todos presentes, & queriamos ver suas artes, & marauilhas. A feitiçeira mais velha, & mais sagaz estaua muyto triste, & disse, que o seu diabo estaua longè d'alli occupado em outra couza melhor, & que o não podia por então chamar: mas a outra feitiçeira mais moça, & menos acautelada que a velha, disse que ella chamaria o seu, & fallaria com elle. Nòs todos aluoroçados pera ver esta farça, tomou ella o cabaço, & pollo sobre hũa meza, que pera isso foy posta no meyo da caza, & começou de lhe fallar muytos amores, prouocando ao diabo, que viesse, & não se detiuesse, porque lhe importaua sua honra, & credito: & dalli a pouco fingio que ja viera, & estaua metido no cabaço, & pos se a fallar com elle da maneyra, que açima tenho dito. E todos quantos alli estauamos, tinhamos pera nòs, que de dentro lhe respondia outra voz: mas tornandonos a certificar, vimos, que se formaua esta voz dentro no nariz da feiticeira, & dandolhe hum dos circunstantes nelle hũa pancada, cayolhe de dentro hũ dos carouços furados. E logo vimos o engano, de que vzaua: pollo que lhe buscarão logo a outra venta, donde lhe tirarão outro carouço semelhante, ficando ella muy toruada, & confusa, por lhe descubrirem seus enganos. E logo lhe fizerão o cabaço em pedaços; do qual cairão os dentes, cinza, retalhos, & tudo o mais, q̃ açima tenho dito. E tãbem

quebrâmos o outro cabaço da feytiçeira velha, onde estauão as mesmas cousas. O capitaõ as mandou açoutar publica mẽte, & as degradou pera sempre fora das terras de Tete. Contei esta historia, peraque se veja quam barbaros são estes Cafres & quam amigos de feitiçarias, porque inda aquelles, que naõ saõ feytiçeiros, fingem que o saõ, pera serem mais temidos, & estimados.

¶CAPITVLO DOZE.

¶Da Christandade, que fizemos nos rios de Cuama, & do que nos socceo, saindo delles, atê Moçambique, onde achamos hũa carauella da companhia do Galeão S. Lucas.

OITO meses estiue no forte de Tete, seruindo aquelle pouo em lhe administrar os sacramentos, q̃ foy atê o fim de Abril de 1591. no qual tempo ja o Vigayro da terra, que alli estaua doente, se começaua de leuantar. Polla qual rezão logo determinei tornar pera Sena onde estaua o Padre meu companheiro, & tambem porque se vinha chegando o tempo, em q̃ nos auiamos de ir pera Moçãbique. Muyto sentirão os moradores de Tete minha partida, & pretenderaõ impedirma cõ rogos, & lagrimas de sentimẽto, pedindome que os não deyxasse desemparados, pois taes ficauaõ sem a vista do habito do P. S. Domingos, a quem tinhaõ muyta deuacão, & sem a cõpanhia de seus Religiosos, de quẽ tinhaõ recebido os bẽs spirituaes, que possuião: & que pois Deos alli me leuara, ficasse com elles, porque me sustentarião â sua custa, & darião hũa boa esmola pera as obras da caza de S. Domingos de Moçambique, que então se fazia. Mas eu não lhe pude satisfazer a seus desejos, porque me era necessario cumprir a obediencia, que me mandaua tornar pera Moçambique. E pera os quietar, & consolar, lhe prometi, que leuandome Deos a Moçambique, faria com o Padre Vigayro da caza, que alli temos, que lhe mandasse algũs Religiosos (como elle de feito mandou logo) & com estas esperanças ficarão quietos & satisfeitos, & me deyxarão tornar pera Sena, dandome pera isso embarcação, que dantes me

deuação da gẽte de Tete ao habito de S. Dom.

me negauão, pollos não deixar.

¶ Polloque me embarquey logo, & say de Tete o primeiro de Mayo do dito anno; & no segundo dia de viagem tiuemos hum grande perigo no rio abayxo das serras da Lupàta, onde nos deu hum repentino pê de vento tão furioso, que nos fez a vela em pedaços, & estiuemos em risco de se nos allagar a embarcação. Estes pês de vẽto repẽtinos saõ muy ordinarios neste rio, & cõmũmẽte vẽtão sobre a tarde, & duraõ meya hora, pouco mais ou menos, cõ tãto impeto, & furia, que arrancão grãdissimas aruores, & as virão com as rayzes pera o ar, pareçendo cousa impossiuel auer pè de vento, q̃ as possa mouer, quanto mais arrancar. E assim he este vento muy perigoso pera os que nauegão por este rio, por vir de repente, estando o tẽpo claro, & sereno: & por isso os que nauegão por aqui, vão sempre vigiando as prayas, porque de muyto longe se vè o sinal deste vento, que he grandissima poeira no ar, palhas, & ramos, que elle leuanta por onde vem, em tanta quantidade, que parece hũa nuuem: & quando se vè este sinal de longe, logo amaynão as velas, & chegão as embarcações a terra, se podem; & assim esperaõ, atè que passe esta corda de vento, como nòs fizemos, quãdo este nos tomou de subito, sem sentirmos sua vinda, por ser da parte de hũs matos, onde naõ auia areas, que nos dessem o sinal, que tenho dito. Depois da tormenta passada, se concertou a vela, & tornamos a nauegar pollo rio abayxo, atè Sena; aonde chegamos a quatro de Mayo.

Perigo q̃ tiue na Lupâta.

Pès devẽto deste rio.

¶ Nestes rios de Cuàma estiuemos hum anno no seruiço destas igrejas: no qual tempo o Padre F. Ioão Madeyra baptizou em Sena mais de duzentas pessoas, & fez muytas pazes, & amizades entre alguns moradores desta terra, que andauaõ em bandos, & muy differentes. Da mesma maneyra foy Deos seruido, q̃ eu me ouuesse no forte de Tete ẽ seruiço do seu pouo, & de sua Christãdade; onde baptizei 117. pessoas, assim dos filhos dos Christãos, como dos Gẽtios da terra dos quaes achamos por cõta assim dos liuros velhos, como dos nouos, q̃ auia nesta Cristandade dos baptizados, que do tempo que os nossos Religiosos entrarão nestes rios, atè o

Christãos que fizemos nos rios de Cuama.

anno de 1591. tinhaõ conuertido, & baptizado passãte de vĩte mil almas, ẽtre as quaes baptizarão muytos Encosses, que saõ capitães, ou cabeças dos lugares vizinhos destes fortes, & algũs Regulos deste sertaõ. Polloque com muyta rezaõ dizem os moradores destes rios que toda a Christandade, que nelles ha, se deue aos Religiosos do Patriarcha S. Domingos.

¶ Estiuemos nesta pouoação de Sena atè oito de Iulho do mesmo anno, & dalli nos partimos pollo rio abayxo ja de viagem pera Moçambique: mas depois que entramos pollo braço, que vay ter a Quilimâne, demos em seco no meyo do rio em hum bayxo de area, onde virou a embarcação, com a força da corrente, & ficou de ilharga, & nòs todos com agoa polla çinta, & depois com muyto trabalho tornamos a endireitar a embarcação, & deitar a agoa fora: & tãto que a marè tornou a encher, & a embarcação nadou, tornamos a seguir nossa viagem com muyta perda do que traziamos dentro, & o dia seguinte chegamos ao porto de Quilimâne: onde nos enxugamos, & refizemos do trabalho passado.

Perigo q̃ tiuemos no rio d̃ Quilimâne.

¶ Neste porto estiuemos sete dias, & daqui nos embarcamos em hum de quatro pangayos, que alli estauão do Capitão de Moçambique, no qual hia hum caxão com cem mil cruzados em ouro de pô, lascas, & pastas, que erão do contrato, que Dom Iorge de Menezes tinha feito nestes rios com o Gouernador da India Manoel de Sousa Coutinho. O qual ouro ordinariamẽte se tira cada seis mezes destes rios, entre o de partes, & do Capitão.

Ouro q̃ se tira dos rios d̃ Cuama

¶ Partidos de Quilimâne todos juntos, fomos ter a Moçambique dentro em oito dias de viagem, que foy o primeiro d'Agosto de mil, & quinhentos, & nouenta & hum: onde achamos cartas do nosso Padre Vigairo Gèral da India, em q̃ mandaua que o Padre Fr. Ioão Madeira ficasse por Vigaĩro da nossa caza de Moçambique, & eu fosse pera a igreja das ilhas de Quirimba.

¶ Achamos aqui mais em Moçambique hũa carauella de Portugal, em que foy Gaspar Fagundez por Capitaõ, & em sua cõpanhia hum Padre de S. Domingos, chamado Fr. Manoel Pantoja natural de Viána d'Aluito

Carauella de Portugal.

d'Aluito. Esta carauella partio de Portugal a dezoito de Dezembro de mil,& quinhentos & nouenta,em companhia do Galeão S. Lucas, por Capitão do qual vinha Ruy gomez da Grã. O qual (segundo a gente desta carauella dizia) se perdeo no Val das egoas perto de Portugal:onde tiuerão grande tormenta, & com ella anoitecerão,& ao outro dia os da carauella não viraõ o Galeão, antes viraõ andar por cima da agoa muitos paos, & taboas de cayxas (final euidente do naufragio, que o Galeão tinha feyto) nẽ tiuerão mais vista delle atê Moçambique. Pollo que logo julgaraõ, que se perdera aquella noite.

Perdiçã do Galeão S. Lucas.

¶ Neste Galeão foraõ pera a India dez Religiosos de S. Domingos, os mais delles grãdes letrados, & bõs Prêgadores,& de mui boas habilidades, como era o P. Fr. Ioão Teixeyra, natural da villa de Thomar. O qual tinha ja lido Artes no Conuẽto da Batalha muy doutamente. O P. Fr. Mauricio da Veiga, natural da villa d'Arrayolos, muy grande prêgador: o qual tambem tinha lido Artes ẽ S. Domingos de Lisboa. O P. Fr. Thomas Galuão natural da cidade d'Euora, grande Religioso,& de muyta habilidade,& não menor prêgador, & orador, & muy dado ao estudo das tres lingoas Latina, Grega, & Hebraica. O P. Fr. Gomez de Mello, natural da villa de Monçaraz, de nobre gèração,& muy bõ Religioso, & Prêgador. E os PP. F. Thomas Freire, natural da cidade d'Eluas. Fr. Iorge Leytão natural da cidade do Porto. F. Bertholameu de S. Domingos natural do Pedrogaõ. Fr. Thomas da Cruz Ingres de nação. Fr. Simão dos Santos natural de Ansede jũto ao Douro. Os quaes todos se embarcaraõ neste Galeão,em cõpanhia do P. F. Antonio de Laçerda,que pera as partes da India hia por Vigayro gêral dos Frades da Ordem dos Prêgadores. O qual sendo ja de mais de sessenta annos, (idade mais pera descansar, q̃ pera nauegar) & tendo ja gouernado a Prouincia de Portugal quatro annos,que foy Prouincial,& duas vezes mais, q̃ na mesma Prouincia foy Vigairo gêral,& sendo Prêgador del Rey,& homem de muita autoridade, tudo isso pos debayxo dos pês,& se offereceo a fazer esta tão trabalhosa viagẽ, mouido

Fr. Ioão Texeira.

Fr. Mauriçio da Veiga.

Fr. Thõmas Galuão.

Fr. Gemez de Melo.

Fr. Thomas Freire.

Fr. Iorge Leitão.

Fr. Bertholam. de S. Domingos.

Fr. Thomas da Cruz.

Fr. Sim. dos Santos.

Fr. Antonio d Lacerda Vigairo gèral.

uido com o zelo, que tinha de augmentar a Christandade da India, onde elle tomou o habito sendo soldado: pera o qual intento leuaua consigo os ditos Religiosos, que na Prouincia escolheo, porque bem entẽdia, que se chegarão todos à India, cõ suas letras, Prêgações, & virtudes allumiarião, & augmentarião muyto sua Christãdade. Mas Deos permitio o cõtrario por seus occultos, & secretos juizos, não sabidos, nem entendidos dos homẽs.

¶ CAPITVLO XIII.

Da viagem, que fiz pera a Igreja de Quirimba, & de algũs buzos, que tirei aos Mouros da dita ilha.

NESTA Fortaleza de Moçambique estiue desta vez oito mezes, & meyo sem ir a Quirimba, onde a obediẽcia me mãdaua, por cauza de hũas quartãs, que trouxe dos Rios de Cuama, que inda me durauão: & no fim deste tempo, andando inda conualescente me embarquey, pera fazer a dita viagem, aos quinze d'Abril de 1592. com prospero vento. E ao segundo dia de viagem milagrosamente nos liurou Deos da morte, porque passamos de noyte porçima dos bayxos de Pinda (que são de grande meya legoa) sem sabermos por onde hiamos com o grande vẽto, & escuro, que fazia. E não sabendo, q̃ os tinhamos ja passado, & cuydando, que nos ficauão polla proa, deyxamos de nauegar cõ medo delles, & fomonos abrigar ao longo da terra, onde lançamos anchora, & alli estiuemos esperando a manhã, pera com de dia passarmos os ditos bayxos. Mas tanto que amanheceo, vimos que nos ficauão os bayxos ja a tras, & que os tinhamos passado denoite, nos quaes inda de dia se perdẽ muytos nauios: polloque demos muytas graças a Deos, & fomos seguindo nossa viagem. Aos 20. dias do dito mez d'Abril chegamos à vista da ilha de Quirimba, & lançamos anchora ao longo da ilha das Cabras, que he a primeira de todas as ilhas de Quirimba, pera dormirmos alli por ser ja noite, & auer por alli muytos bayxos. E como eu fosse ainda fraco, & debilitado da doença passada, esta vltima noyte me deu o ar no rosto, & em hũa perna, estando alli no mâr: de que fiquei muy mal tratado, & assim me

Milagrosamente escapamos dos bayxos d Pinda.

Nesta viagẽ me deu o ar.

mẽ desẽbarcarão ao outro dia, q̃ chegamos a Quirimba. Mas quis nosso Senhor, que a cabo de trinta dias fiquey são de todo com os muitos remedios, q̃ me fizerão: porque sabem nestas ilhas curar grandemente este mal, que nellas he muy ordinario, como fica dito atras mais largamente, onde trato dos costumes da gente desta terra.

1.p. liu. 3.cap.5.

¶ Tanto que fuy são desta infirmidade, logo entendi nas cousas necessarias â Christandade de todas estas ilhas, sojeytas â Freguesia de Quirimba: nas quaes viuem muitos Christãos, Gentios, & Mouros. E assi mais fuy tirando, & prohibindo algũs abuzos, & ceremonias, de que vzauão os Mouros destas ilhas entre os Christãos mui perjudiciaes a nossa sagrada ley. O que fiz cõ muito trabalho, porque não somente tiue os Mouros contra mim, mas tambem alguns Christãos.

¶ O primeiro abuzo, que tirey, foy a circuncisão, que fazião a seus filhos dẽtro nas terras dos Christãos. A qual ceremonia fazião com grandes festas, & banquetes: & o pior de tudo era, serem pera isso fauorecidos dos Christãos seus amigos, particularmẽte das molheres, que pera estes dias emprestauão suas joyas, cadeas, & vestidos, pera se as Mouras ornarẽ naquellas festas. E não faltaua â certos Christãos mais, que serẽ padrinhos do Mouro circuncidado. O primeiro Mouro, â quem tolhi esta solẽne circuncisão, foy hum Mouro fidalgo, & honrado de Quirimba, chamado Maçuco, grande meu amigo, irmão de hũa Moura velha, chamada Manâfũa, grande mestra, a qual me tinha curado do âr, q̃ me deu, com muito cuidado, pollo que lhe estaua muy obrigado. Este Mouro, querendo circuncidar hum filho seu, tinha feito pera isso grandes gastos, & festas, & juntos em Quirimba quantos Mouros honrados auia por todas aquellas ilhas, sem eu saber nada. E estando eu hũa tarde com dous Portugueses em nossa casa, ouui grande tanger de tambores, & cornetas; & chegando â janella pera ver o que era, vi hũa embarcação muito enramada, onde vinhão muytos Mouros da ilha do Mâtèmo, que està dalli cinco legoas, entre os quaes vinha o Caçis dos Mouros. E perguntando aos que estauão comigo, que festa

Festas q̃ os Mouros fazẽ na circũcisão dos filhos.

ta era aquella, disserãome o q̃ passaua, & que aquelle Caçis vinha pera circunçidar o filho de Ma çuco. Polla qual rezão mandey logo chamar o nosso meirinho, & o escriuão, & man dey notificar ao dito Maçuco, que não circunçidasse seu filho na noss a ilha, nem com festas, nem sem ellas, sopena de çem cruzados, & de o mandar prezo pera Moçambique. O Mouro se veyo logo a mim chorando, & rogandome lhe não estoruas se sua festa, allegando pera isso o custume, que os Mouros da quellas ilhas tinhão de circun- cidar seus filhos nellas, & pon- dome diãte a muyta amizade, que comigo tinha, & a obriga- ção, em que estaua a sua irmã, que me curara. Mas depoisque se vio desenganado, disse, que elle queria dar os çem cruza- dos d'esmola pera a nossa igre- ja, & que lhe não estoruasse sua festa. Mas nada disso bastou pe ra lhe cõsentir fazer entre nòs as taes çeremonias, & asim não çircũcidou o filho na nos- sa ilha, nẽ outro depois delle. E quando algum Mouro agora quer circunçidar os filhos, vai se à terra firme dos Cafres, & la secretamente o faz sem solen- nidade algũa, nem auer Chris- taõs, que lhe autorizẽ suas fes tas, como dantes fazião. Estes Mouros não circũçidão seus fi lhos aos oito dias, como em ou tras partes fazem, & custumão os Iudeos, senão quando que- rem, & ordinariamente o fazẽ de sete annos pordiante.

Prohibi a circũçição dos Mouros na nossa ilha.

¶ O segundo custume, que tinhão estes Mouros, era no tẽ poda sua Quaresma, a q̃ chamão Ramedão: a qual dura toda hũa lua inteira, & os Mouros jejuão todos os dias della, sem comer, nem beber cousa algũa, desque sae o Sol atê que se poẽ: mas tanto que he noite, comẽ, & bebem atè polla manhã, & taes ficão, que o mais do dia dormem: demodo que não sen- tem o jejum. Esta lua, que jeju- ão, não he sempre hũa em hum tempo çerto, mas cada anno je juão hũa lua differente, tornan do sempre peratras: demodo, que se este ãno jejuão a lua de Ianeiro, o anno seguinte hande jejuar a lua de Dezembro, & o outro de Nouembro, & asim em doze annos jejuão a lua de todos os mezes, tornando pera tras. O dia que hande começar estes jejũs, que respõde ao dia de entrudo entre nòs, fazem os Mouros muyto mayores desa- tinos, que os Christãos, porq̃ todos

Ramedão dos Mouros.

Festa dos Mouros no seu Ramedã

todos se embebedaõ, & andaõ despidos pollas ruas, pintados cõ almagra, & gesso, pollo corpo, & rosto, & cada hũ faz de si os mayores momos, que pode. Outros com tambores, & buzinas andaõ atroando todas as pouoações, em que moraõ, que parecem andando assi, ministros do Diabo. Todas estas festas custumauaõ os Mouros destas ilhas fazer dentro na pouoaçaõ dos Christaõs: os quaes lhas festejauaõ, & fauoreciaõ, recolhendoos ẽ suas cazas, & dandolhe mais vinho, pera se a cabarem de embebedar. Tambem estas festas lhe prohibi, & defendi com penas, & com prizaõ de algũs, & as mesmas penas pus aos Christaõs, q̃ consentissem, & recolhessem os Mouros em suas cazas, ou os fauorecessem em tal tẽpo, porq̃ em certo modo era autorizarlhe suas festas, & aprouarlhas. O que tudo se guardou d'alli por diante.

Defendi aos Mouros as festas, q̃ fazião no seu Ramedão.

¶ Outro custume muy perjudiçial tinhaõ estes Mouros, que tambẽ lhe prohibi. O qual era em os nossos Domingos, & sanctos de guarda, virem as Mouras visitar as Christãs suas amigas, & todas juntas cantauaõ, bailauaõ, comiaõ, & bebiaõ taõ amigauelmẽte, como se fossem todas Mouras. No q̃ auia demasias muy escandalosas, & esta mistica conuersaçaõ era muy danosa, & perigosa pera a nossa Christandade. O que tambem se deyxou de fazer, posto q̃ nisso ouue muyto sentimento, & resistençia, assim da parte dos Mouros, como dos Christaõs. Mas com tudo nunqua mais vzaraõ destes ajuntamentos.

Custume muy perjudicial q̃ prohibi às Mouras

¶ CAPITVLO XIIII.

¶ De como fuy de Quirimba a Moçambique, & de algũs Religiosos nossos, que alli chegarão, indo deste Reyno pera a India, & da arribada das naos Chagas, & Nazareth.

NO anno do Senhor de 1593. me foy neçessario tornar a Moçãbique, assim pera mandar fazer algũs ornamentos, de que a igreja de Quirimba estaua falta, como pera negoçiar muytas cousas necessarias pera as obras da capella q̃ fiz de nouo; porq̃ esta igreja he da nossa ordem, como fica dito, & a jurdiçaõ destas ouelhas nos tem cometido o Arçebispo de Goa.

1.p li.2. cap.8.

¶ Partimos de Quirimba o

vltimo de Setembro, & fomos nauegando com muyto bom tẽpo tres dias, no fim dos quaes (que foy hum Sabbado à tarde) nos recolhemos em hũ rio por causa de hũa trouoada grãde, q̃ se vinha armando, a qual durou muyta parte da noyte: mas depois de passar, tornou o tempo a ficar tão sereno, como d'antes. Polloque logo polla manhã (que foy o primeiro Domingo de Outubro, dia em que se faz a festa de nossa Senhora do Rosario) tornamos a dar vela, & fomos sayndo pera fora do rio: na barra do qual estiuemos perdidos com os grandes mares, que ficarão feitos da trouoada passada, & os mais delles entrauão no pangayo, & o allagauão. Neste perigo bradamos todos polla Virgẽ do Rosario, que nos valesse, & juntamente querendo allijar ao mar algũa carga do Pangayo, bradou o Piloto (a que nesta costa chamão Malêmo) o qual era Mouro, & disse a alta voz: Senhores Christãos não deiteis o fato ao mar, que oje he dia grande de Nossa Senhora, & naõ nos auemos de perder, nem perigar nelle. E posto que este Mouro dizia isto com pouca fè, & mais por respeito de lhe não deitarem algum fato seu ao mar, com tudo não se allijou fato algum, antes com muyta confiança esperamos, q̃ a Virgem Nossa Senhora nos liuraria daquelle perigo: o que logo fomos sentindo, porque forão minguando as ondas, & nòs saindo dos bayxos pera o mar. Polloque demos muytas graças a Deos, & â Virgem nossa Senhora, & fomos seguindo nossa viagem atè Moçambique, onde chegamos a saluamento, aos seis dias do dito mez de Outubro.

Dito de hũ Mouro.

Fauor q̃ a Virgẽ nossa Senhora nos fez.

¶ Nesta fortaleza de Moçambique achamos nouas das naos de Portugal, que alli tinhão vindo o Agosto atras, indo de viagem pera a India: nàs quaes hia o P. Fr. Francisco de Faria por Vigayro Gèral da nossa Congregação da India, & por Commissario Gèral da Bulla da Cruzada, que no mesmo anno foy pera a India em sua companhia.

F. Frãcisco de Faria Vigairo Gèral.

¶ Este Padre era natural do cabo de Guê lugar de Africa, onde naçeo, quãdo era pouoado de Christãos: & depois, sendo este lugar tomado pollos Mouros, o catiuarão, sendo de idade de sete annos. E porque os Mouros matauão no tempo

da

da briga todos os machos, que achauão, grandes, & pequenos, elle foy escondido debayxo das roupas de hũa molher, onde esteue atê passar o primeiro impeto dos Mouros, & assim escapou da morte, & depois foy resgatado, & trazido com os mais pera Portugal. Quãdo foy pera a India era de 70. annos. Este P. mãdou desfazer na ilha de Goa o Collegio, que os Padres de S. Domingos tinhão em Pangim, & em seu lugar fundou na cidade de Goa o Collegio de S. Thomas, por entẽder, q̃ na cidade estaua mais accomodado pera o estudo, no qual trabalhou, & fez tãto, q̃ antes que morresse o poz em estado, que morauão nelle 40. Religiosos Theologos, & Artistas, & oje he das melhores cazas, que os Religiosos de S. Domingos tem em toda a India, & està ao longo do rio de Goa, lugar muy sãdio, & de bõs ares. Foy muy grande Religioso, & assim na vida como na morte deu mostras de grãde virtude, & santidade. Falleçeo em Chaul, andando visitãdo a Congregação, depois de a ter gouernado çinco annos, cõ muyta inteireza, & Religião.

F. Frãcisco de Faria fundou o Collegio de S. Thomas em Goa.

¶ Em companhia deste Padre forão de Portugal çinco Religiosos. s. o Padre Fr. Angelo de S. Thomas de muyto grãde habilidade, & muy grande prêgador. O qual falleceo sendo Prior do Conuẽto de Goa. O P. Presentado Frey Diogo Taueira muy docto, & de grãde engenho, & bom prègador. O qual leo muytos annos Theologia no Collegio de S. Thomas de Goa, & depois foy Prior do dito Collegio, & finalmente falleceo no mar, vindo da India pera Portugal. O Padre Fr. Matheus dos Anjos bõ letrado, & prêgador. O qual tambem leo Theologia no dito Collegio, & depois foy nelle Prior, & fez muyta parte de suas obras. O P. Frey Manoel dos Santos, de muy boas partes, & habilidade, & bom prêgador: o qual da India veyo por terra pera Portugal, atrauessãdo muyta parte do Imperio do Turco, & passou por Babylonia, & foy a Hierusalẽ; d'onde veyo a Veneza, & à Roma, & dahi a Portugal; da qual viagem tem feito hum curioso Itinerario; q̃ sayrà a lume muito çedo. O quinto Religioso foy hum irmaõ leigo, chamado Fr. Esteuão de S. Maria.

Fr. Angelo d̃ S. Thomas

F. Diogo Taueira.

Fr. Matheus dos Anjos

Fr. Manoel dos Santos.

Fr. Esteuão d̃ S. Maria.

¶ Achamos aqui mais nesta

ilha

ilha de Moçambique duas naos, que vindo da India pera Portugal, arribarão a ella: hũa das quaes era a nao Nazareth, em q̃ vinha por Capitão Bras Correa. Esta nao, depois depassar a linha, veyo fazendo tanta agoa, que logo, antes de passar ailha de S. Lourenço, veyo arribando por entre ella, & as ilhas do Comoro, & Mazallagẽ a esta de Moçambique; onde chegou fazendo muyta agoa: polloque foy logo descarregada, & depois de vazia se acabou de encher d'agoa, & se foy ao fundo no mesmo porto.

Nao Nazareth.

¶ A outra foy a nao Chagas muy grande, noua, & fermosa, que se fez na India, & esta era a primeira viagem, que fazia pera Portugal, cujo Capitão era Francisco de Mello Canaueada, irmão do Monteiro mòr. Esta nao chegou ao Cabo de Boa Esperança, onde lhe quebrou o masto de proa com as tormentas, & ventos contrarios, q̃ nelle achou: pollo que arribou a esta fortaleza & nella foy concertada de todas as quebras, que trazia, & emmasteada com o masto de proa, que se tirou da nao Nazareth.

Nao Chagas.

¶ Achamos aqui mais nesta ilha a Nuno Velho Pereira cõ toda a gente, que se saluou da perdição da nao S. Alberto, & a mais della se tornou a embarcar nesta nao Chagas pera Portugal, cujo successo, & perdição d'ambas as naos se pode ver no seguinte capitulo.

¶ CAPITVLO XV.

¶ *Da perdição da nao S. Alberto, & da nao Chagas, aqual os Ingreses queimarão, vindo de Moçãbique pera Portugal.*

A nao S. Albertõ (de que erá Capitão Iulião de Faria Cerueira) depois de partir de Cochim, veyo nauegando com prospera viagem atè o Cabo de Boa esperança. Onde achou muytos tempos contrarios, & mares grandes, com q̃ abrio, & fez tãta agoa, que foy forçada arribar a Moçambique. Mas chegando â terra do Natal, polla agoa ser muyta, foy necessario dar â costa, onde se fez em pedaços, & algũa gẽte se affogou, particularmente aquelles, que se lançarão ao mar, fiandose em saber nadar: os quaes indo nadando pera terra, se fizerão ẽ pedaços nas rochas, em que os mares batiaõ com

Perdição da nao S. Alberto.

cõ grãde força, por ser a praya toda muy alcantilada, & de penedia. Mas a outra gente, que se deyxou ficar na nao, se saluou sobre os pedaços da mesma nao, q̃ foraõ encalhar nas pedras da praya, onde todos sayraõ em terra, & nella estiueraõ algũs dias, tomãdo armas, pregadura, cobre, & o mais, q̃ puderaõ auer da nao, que lhe era necessario pera o caminho, que auiaõ de fazer pollas terras da Cafraria. E depois de negociados, foraõ caminhando por terra com suas armas às costas, ordenados em modo de arrayal, com seu capitão da Vanguarda, & Retaguarda, ficando Nuno Velho Pereyra por capitão gèral de toda esta companhia. E desta maneyra se meterão polla terra dentro afastados do mar porcausa dos rios, que se vẽ meter nelle mui largos, onde se não podem passar. De modo, q̃ asi polla terra dentro forão caminhando, & gouernandose por Astrolabio.

Caminhã por terra.

¶ Neste caminho padeceraõ muytos trabalhos, asi polla aspereza das serras, & matos que acharaõ, & muitas lagoas & rios, que passaraõ com agoa pollos peitos, como tambem pollos desertos, que atrauessarão: onde lhe faltaraõ os mantimentos, & a agoa. E desta maneyra chegaraõ ao rio de Lourenço Marques, donde foraõ ter â ilha do Inhaca, em que acharaõ hum nauio de Moçambique, de que era capitão Manoel Malheiro, & tinha vindo âquelles rios ao resgate do marfim por mandado de D. Pedro de Sousa capitão de Moçambique; o qual nauio estaua ja pera se tornar carregado, & polla chegada desta gente se deteue mais algũs dias, & no fim delles se embarcou Nuno Velho Pereyra com a môr parte da gente, & foraõ ter a Moçambique a saluamento. Os mais, que não couberaõ no nauio, passarão da ilha do Inhaca pera a terra firme, & foraõ continuando seu caminho por terra, com tenção de ir à fortaleza de Sofala, onde eu então estaua; mas pollas desordens, & demasias que tiueraõ, & vsarão cõ os Cafres no caminho, foraõ mortos pollos mesmos Cafres, & muyto poucos escaparão, que forão ter a Sofala. Onde se vio claramente a falta que lhe fez Nuno Velho Pereira, o qual com sua prudẽcia, & bom gouerno os tinha guiado,

Trabalhos que passarão no caminho.

Chegarã â ilha do Inhaca.

Agũs foraõ mortos pollos Cafres.

do,& sustentado por toda a terra da Cafraria, atê a ilha do Inhaca, com muita paz,& quietação,sem algum delles perigar,nem ser affrontado de tantas,& tão diuersas nações de Cafres,que acharaõ.

Nuno Velho Pereira esteue nesta ilha de Moçambique atê q̃ se fez prestes a nao Chagas,q̃ alli estaua d'arribada, como fica dito,& nesta nao se embarcou pera Portugal com muita parte da gente de sua companhia,& juntamente se embarcaraõ muitas fazendas,& gẽte da nao Nazareth, que por todos serião quatrocẽtas pessoas pouco mais,ou menos,em que entrauaõ muitos fidalgos,& fidalgas,& soldados honrados, que se vinhão pera Portugal, em requerimento de despacho de seus seruiços.

¶ Esta nao Chagas partio de Moçambique pera este Reino em Nouembro de 1593.& fazendo sua derrota custumada,passou o Cabo de Boa Esperança com muito bom tempo, & foy correndo a costa atè Angola, onde tomou o refresco necessario,& muitos escrauos, & dalli tornou dar vela pera Portugal.Mas antes que chegasse âs ilhas dos Açores, foy combatida de tres naos Ingresas,com as quaes pellejou mui esforçadamente,matando muitos dos inimigos. E vendo elles sua muita resistencia,&que a não podiaõ render, lhe lançaraõ fogo no proa, onde se ateou no cuxim,que està ao pê do masto,& dalli nas velas, & em toda a mais nao, de maneira,que lhe não puderaõ acudir, nem apagallo, & a gente que dentro vinha toda alli acabou miserauelmẽte, hũs mortos cõ a artelharia dos inimigos, outros queimados,& outros affogados, que se lançarão ao mar, escolhendo antes a morte de agoa,que a de fogo. E somente se saluou Nuno Velho Pereira, & Bras Correa capitão da nao Nazareth,com outros, que por todos foraõ treze; os quaes se lançaraõ a hũa antena,que andaua no mar,&sobre ella andarão, atè que os mesmos Ingreses os vieraõ tomar com suas Lanchas,por respeito de alguns bisalhos de pedraria,que lhe mostrarão,&do resgate que lhe prometeraõ auerem de ter de Nuno Velho Pereira,se o tomassem. E por este interesse os tomaraõ a todos, & os leuaraõ a Inglaterra,donde depois se resgataraõ,& vieraõ

Briga naual da nao Chagas.

Foi queimada.

Como se saluou Nuno Velho, & outros.

rão à Portugal. Desta perdição, & fogo desta nao, se contão muitos, & mui lastimosos casos, que acontecerão, os quaes deixo, pera quem tratar esta historia de proposito.

¶ CAPITVLO XVI.

¶ Da Christandade, que fizemos nas ilhas de Quirimba, donde tornei a Sofala cõ as Bullas da Cruzada, & do que nos soccedeo nesta viagem.

DEpois de ter negociado em Moçambique as cousas necessarias pera a igreja de Quirĩba, me torney à embarcar, & fauorecendonos o tẽpo, & ventos, chegamos a Quirimba a 16. de Nouembro de 1593. onde acabey de todo as obras q̃ tinha começado, & fui continuando no seruiço desta igreja, & Christandade destas ilhas, em q̃ estiue dous annos; & nelles fiz 694. Christãos, assi dos Gentios, como dos Mouros de todas estas ilhas: entre os quaes baptizey hum sobrinho del Rey de Zãzibâr, filho de hũ seu irmão ja defunto, moço de 17. annos, aoqual pus nome Andre da Cunha, por respeito do padrinho que teue no Baptismo, Senhorio da ilha de Quirimba, q̃ tinha o mesmo nome. Este moço fugio de casa del Rei seu tio, onde estaua; & se embarcou em hum Pangayo de hũ Portugues, cõ muito segredo, de noite, & veyo ter comigo a Quirimba, pera q̃ o fizesse Christão. O q̃ fez mouido de algũs recados, & amoestações, q̃ lhe eu mãdei secretamente por algũs Portugueses, tẽdo noticia de sua boa inclinação, & do desejo q̃ tinha de ser Christão. Mas el Rei seu tio sabẽdo de sua fugida, & de cõmo estaua em minha cõpanhia feito Christão, teue grandissimo desgosto, & payxão, & dizia, q̃ tẽpo viria, em q̃ eu lhe pagasse esta affrõta, & o furto, q̃ lhe fizera de seu sobrinho, q̃ elle tinha criado pera seu herdeiro, porq̃ não tinha filhos. Este moço tiue comigo mais de hũ anno, & nelle lhe dei sempre todo o necessario, assi por elle o merecer, como por respeito dos Mouros, q̃ nestas partes viuẽ, não dizerem q̃ os Christaõs tratão mal aos Mouros, que se cõuertem, & depois que o tiue bem instruido na Fè, & na doutrina Christã, o ensiney a ler, & escreuer: o q̃ tomou muy depressa, & muito bem. E depois

Fiz em Quirimba 694. Christ. baptizei hũ sobrinho del Rei de Zãzibâr

q̃ mandei pera o nosso Conuento de Moçambique: onde esteue mais de dous annos, & nelle ficaua ainda, quando desta costa me fuy pera a India. Nestas ilhas tinhão os nossos Religiosos conuertido, & baptizado atè este anno de 1593. mais de dezaseis mil Gentios, & algũs Mouros, como cõstou dos liuros dos baptizados desta Christandade.

¶ Acabo de dous annos, q̃ estiue nestas ilhas de Quirimba tiue recado do nosso P. Vigayro gêral da India, q̃ tornasse a Sofala, por Cõmissario da Bulla da Cruzada, de que elle era Cõmissario gêral daquelle estado da India. O que pus em effeito aos 23. de Abril, de 1594 ficando em meu lugar na igreja de Quirimba o P. F. Manoel Pantoja da mesma Ordem. Partindo pois de Quirimba, fomos nauegando com tão prospero vento, que não amaynamos à vela, senão em Moçambique: Onde estiue esperando atè chegar o tempo, em q̃ se nauega pera Sofala. No qual o capitão de Moçambique auiou hum nauio, pera mandar ao Cabo das Correntes, & de caminho auia de entrar em Sofala. E por esse respeito me embarquei nelle. Deste nauio era capitão Manoel Malheiro, homẽ honrado & de boa cõsciencia. Partindo nòs desta fortaleza, tiuemos tão prospero vento, q̃ em cinco dias fomos a Sofala, onde o nauio se refez das cousas, que lhe erão necessarias. E depois de auiado se partio, & chegou â ilha do Inhaca a saluamento. Nesta ilha esteue Manoel Malheiro, fazendo seu resgate de marfim, quasi hum anno. E tendo ja o nauio meyo carregado pera se tornar pera Moçambique, vierão ter cõ elle algũs Cafres da terra firme, moradores no rio de Lourenço Marquez, vassallos do Manhiça Cafre, Rey de grande parte desta terra: os quaes cubiçosos do fato, & fazẽda, q̃ virão ao capitão, & ao mestre do nauio, os matarão, & lhe roubarão a casa, & o nauio, dando por causa principal de seu maleficio, terẽ recebido agrauos do mestre, & cõ essa cappa de vĩgança fizerão seus custumados roubos.

Morte do capitão do nauio, ẽ q̃ fuy a Sofala.

¶ Os antepassados desta nação de Cafres forão os q̃ roubarão, & maltratarão a Manoel de Sousa, & a sua molher D. Leanor, & forão causa de sua destruição, & lastimosa morte, como largamẽte se pode ver na histo-

historia da perdiçaõ do Galeão S. Ioaõ: onde se cõta, q̃ indo estes fidalgos da India pera Portugal, deraõ à costa na terra do Natal, & dalli vieraõ por terra caminhando seis meses; a cabo dos quaes chegaraõ a este rio, õde foraõ despidos, & roubados por estes Cafres. Pollo que aquella honesta fidalga, vendose despida, no mesmo lugar fez hũa coua na area, & nella se meteo atè a cinta, sẽ mais se leuantar, tendo junto consigo dous mininos de tenra idade seus filhos, chorando pollo comer, que ella naõ tinha pera lhe dar, cõ que mais se lhe dobrauaõ seus trabalhos. Manoel de Sousa por outra parte, sintindo estas necessidades, se meteo pollos matos, embusca de algũas fruitas, pera lhe trazer, & quando tornou, achou a molher muito fraca, assi da fome, como de chorar hũ dos filhos, que lhe morreo tambem de fome. E dando graças a Deos, por se ver ẽ tanto desemparo, fez hũa coua na mesma area, onde enterrou o filho. E o dia seguinte tornou ao mesmo mato, embusca de mais fruitas, & quãdo tornou achou a molher & o outro filho mortos. E cõ este lastimoso spectaculo ficou tal, q̃ naõ fallou mais, nẽ pode chorar; mas como homẽ espantado se chegou aos defũtos, & o melhor q̃ pode, fez hũa coua no mesmo lugar, em q̃ estauão, & nella os enterrou com ajuda d'algũas moças da India suas escrauas, q̃ alli estauaõ com a senhora. E depois disto se tornou a meter pollo mato, sem mais tornar. Dõde se presume que o mataraõ, & comeraõ os tigres, & leões, que naquelles matos andaõ. E assi taõ miserauelmente acabaraõ estes nobres fidalgos, por causa dos maos Cafres desta terra, dos quaes descendem os que mataraõ a Manoel Malheiro.

Perdiçã do Galeão S. Ioão.

Morte d D. Leanor, & seus filhos.

Morte d Man. de Sousa.

¶ Os marinheiros do nauio & outro Portugues, que andauão fazendo resgate de marfim na terra firme, depois q̃ tornaraõ à ilha, & virão mortos seu capitão, & mestre, & o nauio roubado, meterãose nelle, & forão pera Moçambique, onde chegarão a saluamento.

¶ Eu depois q̃ o nauio se partio pa a ilha do Inhaca, fiquey na nossa igreja de Sofala, põdo em effeito as cousas, & negocios, de que fuy encarregado, & juntamẽte ajudey a cõfessar, & sacramẽtar aquella Quaresma toda a gẽte desta fortaleza.

E depois q̃ não tiue mais q̃ fazer em Sofala, me torney a embarcar pera Moçambique, em hũ Pangayo de Mouros, onde vinhão tambẽ quatro Portugueses mercadores. E o q̃ nos soccedeo nesta viagem direy no capitulo seguinte.

¶ CAPITVLO XVII.

¶ Da tornauiagẽ, que fiz de Sofala pera Moçambique, & do que nella nos soccedeo.

PArtimos de Sofala pera Moçambique a 16. de Abril, de 1595. cõ muito bõ tẽpo, & cõ elle fomos nauegãdo 4. dias. No fim dos quaes, a horas de sol posto, nos deu hũa espantosa tormẽta do Sueste, em q̃ nos vimos perdidos muitas vezes. A noite se veyo cerrando tão medonha, & escura, q̃ nos não viamos hũs aos outros, nẽ enxergauamos a vela se gouernaua direita, & auiada pera o vẽto, q̃ era o mayor perigo, q̃ tinhamos. A allarida & cõfusaõ dos Mouros, que vinhão no Pangayo, era tanta, q̃ se não entendião, nẽ o q̃ gouernaua ouuia o q̃ lhe dizião da proa, pera saber aonde auia de lançar o leme. Outros se abraçauão, & dauão as mãos, beijãdoas (q̃ he o modo q̃ tẽ, quando se despedẽ hũs dos outros) dizẽdo, q̃ ja era chegado seu fim. Os mares, q̃ rebentauão ẽ flor, fazião tão grande ardentîa, q̃ parecia irmos nauegando por entre ondas de fogo, q̃ nos cubrião, & abrazauão. Onde se me representou muitas vezes o medonho spectaculo do fogo do inferno, & assi parecia, que no mar andauão soltas as Furias infernaes.

Grande tormẽta que tiuemos.

¶ No meyo de tantos trabalhos, cinco Portugueses, que alli vinhamos, tres acudiraõ à proa ao gouerno da vela, & dous ao leme, ajudando o Mâlemo, q̃ gouernaua, & tendo tento nelle, q̃ não esmorecesse, & largasse o leme cõ medo das ondas, que a cada passo nos cobrião: de modo, que tirando forças de fraqueza de animos tão atribulados, como os nossos estauão, animauamos fortemente os Mouros, q̃ não desmayassẽ, & trabalhassem ẽ dar â bõba, & lançar a agoa fora do Pangayo, pois nisso estaua grande parte de nossa saluação. E desta maneira andamos toda a noite, hora debaixo, hora sobre as ondas, cõ a morte diante dos olhos, & quando amanheceo, nos achamos perto

Animauamos os Mouros q̃ trabalhassẽ.

da

da terra firme, defronte de hũ rio chamado Quizũgo, onde o P. Fr. Thomas Pinto Inquisidor da India foy ter, quando se saluou no batel da nao Santia go, q̃ se perdeo nos Bayxos da Iudia, como fica dito. Neste rio entramos cõ muito trabalho, pollos grãdes mares, q̃ na barra auia, por ser conjunção de baixamar na costa, onde vinhão as ondas encapellando, & quebrãdo hũas sobre outras cõ tanta furia, q̃ a mais pequena dellas era bastante pera des fazer muitos, & grãdes nauios, quanto mais hũ Pangayo tão fraco, & tão pequeno, como o nosso era. Neste perigo nos parecia, q̃ não auia mais q̃ fazer, senão cruzar os braços, & entregar de todo à morte, & este julgamos por mayor perigo, q̃ todos os passados. Finalmente foy Deos seruido, q̃ entrasse mos no rio, onde lançamos fatexa, quasi allagados, & taes, como quem tinha escapado das mãos da morte.

Passamos fomes no rio de Quizungo.

¶ Aqui estiuemos 32. dias, sẽ termos tẽpo, nẽ vento, pera poder nauegar. Pollo q̃ passamos muitas fomes, por se nos acabar a matalotagẽ, q̃ traziamos pera 8. dias somente (q̃ he o tẽpo ordinario, q̃ se gasta nesta viagẽ de Sofala atè Moçambique.) E depois de acabada, não tiuemos outro mantimẽto mais, q̃ milho cozido em agoa tal perto de 20. dias, nẽ ousauamos desembarcar na terra firme, pera buscar algũ mantimento, assi por auer nella grande fome, como por estar então pouoada de Zimbas (cruel nação de Cafres, q̃ comẽ carne humana) pollo qual os Cafres Macũas naturaes da terra, fugirão della pera hũa ilha deserta, ao lõgo da qual nòs estauamos anchorados, & nella padecião crueis fomes. E posto que todos estes Cafres saõ malissimos, cõ tudo sempre em quanto alli estiuemos, lhe demos do nosso milho, mouidos de cõpaixão de os ver perecer. Estes Macũas logo quando alli chegamos, como souberão da nossa vĩda, vierão o dia seguinte ter à praya cõnosco, & fingirãose muy agastados, meneando os arcos, & frechas, q̃ trazião, cõtra nos, por quanto tinhamos desẽbarcado na sua ilha sẽ sua licença, & lançaraõ mão de dous escrauos nossos, pera os leuarẽ presos, & tudo isto fazião a fim de lhe darmos pannos, & mãtimẽto. Pollo q̃ nos viemos a cõcertar com elles em tres pannos,

Os Zimbas comẽ carne humana.

& hũ pouco de milho, q̃ lhe dêmos. Depois disto se foraõ pòr à borda de hũa lagoa, donde bebiamos, & disseraõ que se quizessemos agoa, q̃ lha auiamos de pagar muito bẽ: pollo q̃ lhe dèmos mais dous pannos. E dalli por diante ficaraõ muyto nossos amigos, mas nũqua nos fiamos delles, porq̃ saõ muy cobiçosos, & interesseiros. Estes Cafres foraõ os que catiuarão o P. Fr. Thomas Pinto, & seus cõpanheiros. Aqui nos morreraõ algũs escrauos, & nòs estiuemos mui perto delhe fazer companhia, por causa da fome, q̃ padeciamos, da qual estauamos ja tão debilitados, q̃ totalmẽte me pareceo, q̃ todos perceciamos: pollo q̃ me aparelhei pera morrer. E vendo quam mal se enterrauão os que alli morrião, pois escassamẽte os cobrião de terra, por não auer enxadas, mandey fazer hũa coua bẽ funda ao pè de hũ espinheiro, q̃ estaua jũto da praya, pera minha sepultura, se alli morresse, & no tronco do espinheiro abri hũa Cruz cõ hũa faca, & ao pê della hũas letras, q̃ dizião meu nome, & como estaua alli enterrado, pera q̃ se alli fossẽ algũa hora ter os nossos Religiosos, que andão nesta Christandade, se lebrassem de me encõmendar a Deos. Vẽdo meus companheiros, como eu trataua de minha morte, & como me aparelhaua pera ella, & conhecendo q̃ tambẽ estauaõ no mesmo risco, todos se aparelharaõ pera morrer, & fizeraõ comigo largas confissoẽs com muitas lagrimas, de que fiquei mui edificado, & alegre; & dalli por diante gastamos os mais dias em orações, & Ladainhas, atè q̃ Deos ouue misericordia de nòs. E a cabo de 32. dias, q̃ alli estiuemos, entrou vento prospero, com q̃ saymos deste rio de nosso purgatorio, & cõ elle chegamos a Moçambique a 26. de Mayo do dito anno; pollo que dou muytas graças a Deos.

¶ CAPITVLO XVIII.

Das nouas q̃ achamos em Moçãbique da vinda dos Ingreses, & da viagem que daqui fizemos pera a India.

NEste tempo, que chegamos a Moçambique, estaua a gente desta ilha toda inquieta cõ as nouas que tinhão, de virem os Ingreses a ella: as quaes mandou Manoel de Sousa Coutinho Gouernador da India ao capitão de Moçambique, auizandoo, que se aparelhasse

lhasse pera sua vinda, porque tiuera recado por terra de Portugal, que passaua â India hũa grossa armada de Ingreses, & por ventura tomarião Moçambique de caminho. Pollo qual respeito, os moradores desta ilha recolherão todos os mantimentos, & fato, que tinhaõ, dentro na fortaleza, no que auia grande oppressaõ. Dom Hieronymo d'Azeuedo, que então era capitão, auisou ao capitão da costa de Melinde, Bras d'Aguiar, pera que se viesse recolher a Moçambique. O qual veyo logo com duas Fustas cheas de soldados, & dous Pangayos mais, carregados de mantimentos. O que tudo por entaõ se pudera escusar, porque os Ingreses não vieraõ senão dahi a dous annos em duas naos somente. As quaes chegaraõ â vista de Moçambique aos treze de Iunho, de 1597. & foraõ passando, & seguindo sua viagem pera Malaca, aonde depois se soube, que foraõ ter. E ja o anno de 1591. seis annos antes d'estas duas naos irem, tinha ido hũa sò nao de Ingreses a Moçambique, que foy a primeira que de Inglaterra passou à India, depois de Francisco Drach. A qual nao lançou anchora defronte de Titagòne (fõte muy nomeada cinco legoas de Moçambique) onde fez sua agoada aos 27. de Outubro do dito anno, & dalli se foy caminho de Malaca.

Duas naos Ingresas forão a Moçãbique.

¶ Os nossos Religiosos de Moçãbique tẽ na terra firme, q̃ està defronte, chamada Cabâceira, hũa hermida em hũ palmar do Conuento, aonde vão muitas vezes dizer Missa, particularmente os Domingos, & dias santos, por respeito dos Christãos, q̃ moraõ naquelles palmares, ouuirẽ Missa: a q̃ ordinariamente acodẽ todos, como ouuẽ tanger o sino: & alli lhe fazẽ praticas spirituaes, & lhe dão os dias de guarda, & de jejũ, q̃ vem polla semana, como se fossẽ seus curas, sem pera isso terẽ obrigação algũa, nẽ interesse, mais q̃ o de seruir a Deos & conseruar esta Christãdade. Entre estes palmares viuẽ tãbem muitos Cafres Gentios à sõbra dos Christãos, os quaes cadadia se vaõ conuertẽdo, vẽdo nossos custumes, & modo de proceder.

Hermida da Cabâceira, onde fazemos algũs Christãos.

¶ No tẽpo da inquietaçaõ, q̃ auia nesta terra cõ as nouas da vinda dos Ingreses, me mãdou a Obediencia, que fosse estar nesta hermida, assi pera dizer

Missa, & sacramentar os Christãos, que residiaõ na terra firme, como pera quietar a muytos, q̃ andauaõ atemorizados, & quasi leuantados pera fugirem polla terra dentro pera os Cafres Gentios, quando socce desse virem os Ingreses. Nesta hermida estiue tres meses: no qual tempo baptizey vinte & sete Gentios daquella terra, & corri cõ as mais cousas importantes a esta Christandade, atè que adoeci de hũa graue infirmidade de febres Quartãs, que me duraraõ quasi cinco meses.

Baptizei 27. Gẽtios na Cabaçeira.

¶ Outras muitas doenças, & perigos tiue, assi na terra, como no mar, dos quaes me liurou sempre Deos por sua misericordia em onze annos, que andei na Christandade destas terras de Sofala, rios de Cuama, ilhas de Quirĩba, & de Moçãbique, que foy de treze dias d'Agosto, do anno do Senhor de mil & quinhentos, & oitenta & seis, atè vinte & dous de Agosto, de mil & quinhentos, & nouenta & sete. E a todos estes perigos, & trabalhos estão offerecidos os Religiosos de S. Domingos, que viuem nestas Christandades, porque cõmummẽte andão embarcados de hũa terra pera outra, & de ilha em ilha, prêgando a palaura de Deos, confessando, & sacramentando os Christaõs, & baptizando muitos Gentios, & Mouros, que cada dia se cõuertem: dos quaes eu baptizey em diuersas partes, mil & quatrocentos, & oitenta & oito. Pollo q̃ dou muitas graças a Deos pois foy seruido, por meyo de hum tão fraco ministro, trazer esta gente ao gremio de sua Igreja, & ao conhecimento de sua ley.

¶ No fim deste tempo chegaraõ a esta ilha de Moçambique as naos de Portugal, de q̃ era capitão môr Dom Affonso de Noronha: em companhia do qual se embarcou o Padre Fr. Pedro dos Anjos da Ordem de S. Domingos, que aquelle anno hia por Vigayro gêral da nossa Congregação da India, grande Religioso, & homem de muita prudencia, letras, & pulpito; mas antes que chegasse ao Cabo de Boa Esperança falleceo. Em sua companhia foy o Padre Frey Gaspar do Rosario natural d'Aueiro, o qual tambem falleceo na mesma nao depois de passar o Cabo de Boa Esperança. O Padre Frey Antonio da Visitação sobrinho do mesmo Vigayro gêral,

F. Pedrõ dos Anjos Vigairo gèral.

F. Gaspar do Rosario.

Fr. Antõ da Visitação.

gêral, muyto grande Religioso, de muita virtude, & exẽplo, & bõ letrado. O qual depois de estar na India, leo Theologia no Collegio de S. Thomas. Foraõ mais os PP. F. Ioão Lobo, Fr. Reginaldo do Spirito santo, Fr. Iose de Moraes, Fr. Andre da Fonseca, Fr. Balthasar da Veyga, o qual falleceo no mar, depois de passar a ilha de S. Lourenço, & tinha ja ido outra vez â India. Os quaes Religiosos se offereceraõ pera ir â Christandade de Solòr, como verdadeyros filhos de S. Domingos, & herdeiros do zelo, que sempre teue da conuersaõ das almas.

Fr. Ioão Lobo. F. Reginaldo do Spõ S. F. Iose dẽ Moraes F. Andre da Fonseca. F. Balth. da Veig.

¶ Na companhia destes Padres me embarquei desta ilha de Moçambique pera a India. E partimos a 22. d'Agosto, de 1597. cõ muito bom vento, & cõ elle chegamos à ilha do Comoro, ao longo da qual passamos aos 27. do dito mes. Esta ilha está em 11. graos, & meyo da banda do Sul: tẽ 16. legoas de comprido; he chea de serras tão altas, que se vão âs nuuẽs, mui frescas, onde se crião muitas vaccas, cabras, & carneyros. He pouoada de Cafres Gétios, & de Mouros brauos; os quaes tẽ cõmercio cõ os Mouros do Estreito de Meca, & da costa de Melĩde. Daqui fomos continuando nossa viagem, & chegamos â linha Equinoctial aos 6. de Setẽbro. A qual passamos cõ algum trabalho, por respeito das muitas calmarias que tiuemos, & no fim dellas entrou muito bõ vento, q̃ nos leuou atè a India. E aos 20. de Setẽbro entramos na barra de Goa ao sol posto, onde lançamos anchora, & alli dormimos essa noite; mas no dia seguinte, deixada a nao, fomos pollo rio acima atè Goa em hũa Manchua, q̃ tinha vindo por nòs. Este rio tẽ quasi tres legoas de comprido da barra atè a cidade de Goa, cuja entrada he a mais fermosa, & alegre, que se pode ver, porque todas suas prayas de hũa parte, & da outra saõ cheas de fermosos palmares, & campos de arroz, & muita parte delles pouoada de nobres aposentos, & de muita frescura de aruoredos; vista muy bastante pera alegrar os mareãtes, que a este porto chegão enfadados, & cansados de taõ comprida, & trabalhosa nauegação.

Parti de Moçambique pera a India.

Ilha do Comoro

Chegamos a Goa.

Fermosura do rio de Goa.

¶ FIM DO LIVRO TERCEIRO.

LIVRO QVARTO, NO QVAL SE TRATA DE ALGVMAS COVSAS NOTAVEIS,

que ha nas terras de Goa, Chaul, & Côchim: & dos custumes dos Bramenes, & Iogues, que nellas habitão: & dos Vicereis, que ouue na India do seu descobrimento atê o presente anno: & de algũas vitorias insignes, que os Portugueses alcançaraõ dos Mouros no tempo que nestas terras andey: & do martyrio dos Capuchos de S. Francisco, que foraõ crucificados em Iapaõ. E finalmente das mais cousas notaueis, que nos socederaõ na viagem da India, atè Portugal.

¶ CAPIT. PRIMEIRO.

¶ Em que se dà hũa breue relação da ilha de Goa.

AINDA QVE muitos, & graues autores tenhão tratado das cousas da India Oriental, & das proezas, que os Portugueses nella fizeraõ, cõ tanta satisfação, que parece me não ficaua lugar pera tratar da mesma materia: com tudo saõ suas cousas tantas, & tão grandes, que ainda que dellas se escreua cada dia, nunqua se acabaraõ de contar perfeitamente. Polla qual rezão, tomei atreuimento, pera neste vltimo liuro relatar algũas das muitas notaueis, que nestas partes ha, & outras, que soccederaõ no tẽpo q̃ nellas andey. E por quanto a ilha, & cidade de Goa he a principal terra, & cabeça de toda a India, della começarei, & direy breuemente algũa cousa, por onde se possa vir em conhecimento do muito que nella ha.

¶ Esta ilha de Goa tem de comprimẽto quasi tres legoas, & de largura em partes mais de hũa, & no mais estreito menos de meya legoa. He toda cercada de terra firme, & de outros ilheos, que estão ao redor della. O rio, que a cerca, he de meya legoa de largura em partes, & noutras muyto menos

de

de meyá. Muita parte desta ilha he cercada de muy grosso, & forte muro de pedra & cal, & fortaleçida de balluartes, & particularmente nos lugares por onde podia ser entrada dos inimigos da terra firme. Nos quaes passos residem sempre capitães com guardas, & vigias, q̃ de dia, & de noite guardão, & vigiaõ o rio: & ninguẽ passa da ilha pera a terra firme, nem da terra firme pera a ilha, sẽ registar nestes passos, & mostrar o q̃ leua na embarcação. E os Mouros, ou Gentios, que passaõ da ilha pera a terra firme, indã que naõ leuem mercadorias, que registar, com tudo registaõ suas pessoas, & mostraõ a licença que leuão do capitão da cidade de Goa, perá poderem passar, sem a qual nenhum delles passa.

Frescũra de Goa.

¶ Ha nesta ilha muitas aldeas, pouoadas dos naturaes da terra; dos quaes os mais saõ ja Christãos, filhos, & netos de Christãos. Muytos palmares, onde ha casas sumptuosas, forradas, & pintadas. Muitas hortas cheas de altos, & fermosos aruoredos; boa ortaliça, & muitas batatas, & ananazes. Muitas ribeyras, & fontes d'agoa doce, que recolhẽ em grandes tanques perá se lauar, & nadar nelles (cousa muy custumada de todos na India) & algũs saõ de pedraria laurada de muyto custo, & cercados de Arecaes, & outras aruores frescas de diuersas castas, & fruitos, como saõ mangas, iaquas, carambolas, iambos, mirabulanos, grãdes cidras, & limões; figueiras da India, que dão grandes ramos de figos: algũas parreiras, & figueiras de Portugal, q̃ dão figos pretos muito bõs, semelhantes a figos rebaldios. Tẽ muitas aruores tristes, que todas as noites, veraõ, & inuerno carregão de flor branca, ao modo de flor de jasmim, que cheyra suauissimamente, & quando saye o sol, lhe cae toda, & tornãdo a noite, lhe nace outra de nouo. Dos pês destas flores (q̃ saõ amarellos) vsaõ em lugar de açafrão, depois de seccos, & pizados. Em algũas partes da ilha estão muitas marinhas de sal de muita renda. Ha muitas & boas pescarias, onde se toma muito peixe. Tem bom pão de trigo Anafil; boas carnes de vacca, carneiro, galinhas, cabritos, lebres: o que tudo trazem a esta ilha da terra firme, viuo, à vender por preço accommodado.

No

¶ No porto desta ilha entrão muitas naos, & nauios, q̃ a elle vem de quasi meyo mundo. Aqui vão ter as naos de Portugal, da Ethiopia, do mar Roxo, da Persia, da Arabia, do Sinde, de Cambaya, de Dio, do Iapaõ, da China, de Maluco, de Malaca, de Bengâla, de Charamandel, de Ceylão, & de outros muitos Reynos, & ilhas, q̃ ha por todas estas partes, que seria infinito contallas. E todas estas naos, & nauios entrã neste porto de Goa, carregados de muitas mercadorias, & riquezas, como saõ ouro, prata, perolas, & pedraria, roupas finissimas, muitas sedas, & alcatifas, todas as especiarias, & mais drogas, peças, & brincos que da India vem pera Portugal: & as mais destas embarcações lanção anchora dẽtro no rio, defronte dos paços do Vicerey, ou defronte das alfandegas, onde se pagão os direitos das fazendas que leuão, tirando as que vão de Portugal, porque somente estas saõ izentas, & liures de todo direito, & seus donos as desembarcaõ, & leuão pera suas casas, sem pagar cousa algũa. O que não he da tornaviagem, porque então todas as mercadorias, que saẽ polla barra fora pera qualquer parte que seja, pagão hum por cento, atè do mesmo dinheiro, sopena da fazenda, ou dinheyro perdido, que se achar por registar. E pera este effeito ha guardas, asi nos portos, como na barra, que buscão todas as embarcações, & as pessoas, que nellas vaõ.

Cõmercio de Goa.

Mercadorias q̃ entrão em Goa.

direitos q̃ se pagaõ em Goa.

¶ CAPIT. SEGVNDO.

¶ Em que se dà hũa breue relação da nobre cidade de Goa.

A Ilha de Goa (a que os Gentios chamão Tisuarì) està em 16 graos largos da parte do Norte. Nella està situada a nobre cidade de Goa, ao longo do rio, da banda do Norte. A qual he Metropoli, & cabeça de toda a India, muito fermosa, & fresca, pollos muitos bosques, & aruoredos, que tem dentro em si, em muitos quintaes, & hortas. Ao longo da praya desta cidade estão as Alfandegas, & logo abayxo hũs fermosos Almazens de mantimẽtos, a que na India chamão Bangaçal, que respondem ao Terreiro do trigo de Lisboa, onde ha muitas & grandes logeas, em que se recolhẽ, & vendem

almazẽs dos mãtimẽtos

dem todos os mantimẽtos, como he trigo, arroz, grãos, & outros muitos legumes em grande abundancia, que trazem a esta cidade os mercadores, que nella viuem, asſi Chriſtãos, como Mouros, & Gẽtios: os quaes tem ſuas naos, & nauios, q̃ mandão a diuerſas partes da India com ſuas mercadorias.

Iunto deſte Bangaçal està a caſa da poluora; onde ha grande fabrica, & muita gente, que de cõtinuo ſe occupa no feitio della. Logo abayxo ficão os paços do Vicerey, de que logo fallarey: & defronte delles eſtão os Almazẽs das munições & artelharia del Rey; a Ribeyra das Galês, õde eſtão algũas varadas em terra, debayxo de muy grandes ramadas; a Ribeyra das naos, & nauios del Rey, onde mora o Prouêdor môr da Ribeyra, com os mais officiaes della; a caſa da fazenda, onde mora o Vêdor da fazenda del Rey; a caſa da fundição, onde ſe funde ordinariamente muyta artelharia: a Ferraria, & Tenoaria del Rey: os Almazẽs de toda a madeyra, cordoalha, anchoras, ferragẽ, & fabrica neceſſaria pera as naos, & nauios del Rey.

Caſa da poluora

Ribeiras das Galès, & naos.

¶ Tem eſta cidade dentro em ſi ſete Conuentos de Religioſos, ſ. dous de S. Domingos, hum de S. Franciſco, dous dos Padres da Companhia, & dous de S. Agoſtinho: & allem deſtes hũ de freiras da meſma Ordem, que hora fundou o Arcebiſpo Dõ Fr. Aleyxo de Meneſes. Fora da cidade eſtão dous Conuẽtos de Capuchos. Tẽ hũa Sê noua muito fermoſa, que ſe vay acabando, & outra antigua, onde agora reſide o Arcebiſpo com ſeu Cabido. Tem oito fregueſias mais, que ſaõ Noſſa Sñora do Roſario, S. Pedro, S. Aleyxo, S. Luzia, S. Ioſeph, S. Thome, Trindade, Noſſa Senhora da Luz, & outras muitas hermidas, aſsi na cidade, como por toda a ilha. Tem hũa fermoſa igreja da Miſericordia, cõ muito grãde, & nobre irmandade. Dous hoſpitaes muyto prouidos de todo o neceſſario pera os doentes: hum delles he el Rey, em que ſe curaõ os enfermos Portugueſes à cuſta do meſmo Rei & outro dos pobres, & gente da terra Chriſtã: cuja prouiſaõ & adminiſtração eſtà à conta dos irmãos da Miſericordia.

Conuẽtos, & igrejas de Goa.

Hoſpitaes.

Tem muitos apoſentos, grandes, & ſumptuoſos, em que morão muitos fidalgos Portugueſes,

ses,& gente nobre, & rica. E hũs paços antigos,& grandes, onde agora està a Inquisição: os quaes (quando esta ilha era de Mouros) forão aposẽtos do Sabayo Rei desta ilha,& da terra firme, q̃ hoje he do Idalcão. Nestes paços morarão muytos annos os Gouernadores, & Vicereis da India, mas agora viuem dentro na fortaleza, que antiguamẽte foy a principal força, que os Mouros tinhão nesta cidade. No terreiro desta fortaleza, pera hũa parte, estão as cadeas,& troncos, onde estão os presos polla justiça: pera outra parte està a casa da moeda, onde os Vicereis mandão bater moeda de ouro,& prata.

Inquisição.

¶ De ouro se batẽ hũas moedas pequenas, a que chamão S. Thomes, porque tem de hũa parte o a imagem do Apostolo S. Thome padroeiro da India Oriental: val cada hũa destas moedas noue Tangas, de tres vintens cada Tanga. Batemse de prata Xerafins, meyos Xerafins, Tangas, & meas Tangas. Os Xerafins são do tamanho de hum tostão, & de grossura de dous tostões, val cada hum tres tostões. As Tangas valem tres vintens. E todas estas moedas tem de hũa parte a imagem do Apostolo S. Thome, & da outra os cunhos de Portugal. Na ribeyra del Rey se batem Bazarucos de cobre, & de estanho fino, a que chamão Calaim, que são como ceitijs grossos, quinze dos quaes valem hum vintem. Esta he a moeda ordinaria, que corre na ilha de Goa somente. Por toda a India correm patacas, & meyas patacas, que vão de Portugal. Val cada pataca logo quando chegão as naos hũ cruzado: & depois que se tornão pera Portugal, vão sobindo, & chegão muytas vezes a valer quinhentos r̃s cadahũa: & nas partes da China, Bengala, & Sinde (pera onde se leuão) valẽ muitas vezes seis tostões, por ser muito estimada sua prata. En toda a India correm tambem Venezianos d'ouro, que vão polla via de Ormuz, & do mar Roxo; val cadahũ delles onze Tangas, que são seiscentos & sesenta r̃s. Tambem correm em toda a India Lârins, q̃ são hũas barrinhas de prata de comprimento de hum dedo, & tem hũas letras esculpidas da lingoa Persica, a qual moeda se bate na cidade de Lara, & he de muito fina prata; val cada

Moeda q̃ se bate ẽ Goa. S. Thomes. Xerafins

valia das patacas na India

Venezianos moeda.

Lârins moeda.

Lârim

Lârim quatro vintens. Outra muita variedade,& feições de moedas ha em algũas terras, & Reinos particulares da India,que não correm, nem valẽ nas outras terras.

¶ Esta fortaleza,de que acima falley,fica perto do rio,que cerca Goa,onde estão edificados os paços do Vicerey,muito grandes,& sumptuosos, cõ aposentos,assi pera o Vicerey, como pera seus criados, & officiaes. Aqui està hũa fermosa capella,onde os Vicereis ordinariamente ouuem Missa; a casa da Relação;dos Contos; & da Matricula. Tem duas salas onde estão pintadas todas as armadas,que de Portugal foraõ â India, & todos os Vicereis della, tirados pollo natural,polla ordem que nos capitulos seguintes se pode ver.

¶ CAPIT. TERCEIRO.

¶ Dos primeiros conquistadores da India Oriental, & das primeiras armadas, que a ella forão.

NA primeira sala dos paços do Vicerey estão todas as armadas, & frotas, que passarão de Portugal à India, pintadas em paineis, com todas suas naos,& carauellas, & nomes dos capitães,que nellas foraõ:cousa certo muito curiosa. No primeiro painel està pintada aquella venturosa frota,em que o grande D. Vasco da Gama foy por mãdado del Rey dom Manoel de gloriosa memoria a descobrir a India. O qual partio de Lisboa com tres nauios, em que leuou cento,& sesenta homẽs, a oito de Iulho, do anno do Senhor de 1497. & tornou a Lisboa cõ dous nauios a 20. de Agosto, de 1499.

Primeira armada q̃ foy á India, capitaõ D. Vasco da G.

¶ No segundo lugar està a frota de Pedr'Aluarez Cabral, fidalgo nobre. O qual partio de Lisboa pera a India cõ treze naos,em que forão mil, & duzentas pessoas, oito Frades de S. Francisco,& oito Clerigos, no anno de 1500. aos noue dias de Março. Nesta viagẽ à ida descobrio o Brasil a 24. de Abril do dito anno. No Cabo de Boa Esperança se perderaõ quatro naos de sua companhia. Fez na India pazes com el Rey de Côchim,& de Cannanor, & trouxe seus Embayxadores a Portugal, & de caminho mandou a Sofala Sancho de Thoar.

2. frota, P. Alu. Cabr.

descobrimẽto do Brasil.

3. frota, de Ioão da Noua

¶ No terceiro lugar se segue a frota de Ioão da noua, fidalgo, o qual partio de Lisboa pera a India a cinco de Março, de 1501. Na India teue muitas vitorias de Mouros, & da volta, que fez pera Portugal, descubrio a ilha de S. Helena, & chegou a este Reino a 11. de Setembro de 1502.

descubriméto da ilha de S. Helena.

4. frota, D. Vasco da Gama.

¶ No quarto lugar està outra vez D. Vasco da Gama cõ sua frota de vinte velas, com q̃ partio segunda vez de Portugal pera a India, a 30. de Ianeiro de 1502. Da qual viagem o fez el Rey D. Manoel Almirãte do mar de todo Oriẽte. Leuou em sua companhia os Embayxadores del Rey de Cóchĩ, & de Cannanor, que Pedr'Aluarez Cabral trouxe a Portugal. Chegando à ilha de Quîloa, fez o Rey della tributario & vassallo del Rey de Portugal. De cujo tributo (que foy o primeiro que veyo do Oriente) mãdou el Rey fazer hũa custodia pera Nossa Senhora de Belehem.

Primeiro tributo da India.

5. Frãc. de Albuquerque

¶ A quinta frota foi de tres naos, em que Francisco d'Albuquerque partio pera a India, no anno de 1503. & da tornaviagem se perdeo, sem se saber onde. Teue na India muytas vitorias do Camorì Rey de Calecut.

6. Aff. de Albuquerque

¶ A sexta frota foy de duas naos, em que Affonso d'Albuquerque partio de Portugal pera a India no mesmo anno de 1503. Leuou em sua cõpanhia o grande Duarte Pacheco, & o Padre F. Rodrigo Homem da Ordem de S. Domingos, Prêgador muy docto. Desta viagem se fez a fortaleza de Côchim, sobre que ouue grandes differenças entre os capitães Francisco d'Albuquerque, & Affonso d'Albuquerque.

Fortaleza d Côchim.

7. Antõ. de Saldanha.

¶ A setima frota foy de Antonio de Saldanha. O qual partio de Portugal no mesmo anno de 1503. com tres naos, pera andar na costa de Arabia. E ficando âquem do Cabo de Boa Esperança fazendo agoada na costa da Cafraria com sua nao, outra nao da sua cõpanhia passou logo o Cabo, & foy ter à costa de Melinde, onde o capitão della, chamado Ruy Lourenço, fez tributario, & vassallo del Rey de Portugal o Rey da ilha de Zanzibâr, & a cidade de Braua.

8. Lopo Soares d'Alb.

¶ A oitaua frota foy de doze naos grossas, de que foy capitão mòr Lopo Soarez d'Albergaria, & nella forão 1200. homẽs

homẽs, a mayor parte dellesno bres, & criados del Rey. Partio de Portugal a 22. de Abril de 1504.

9. frota de Dom Franc. de Almeida.

¶ A 9. frota foy de D. Frãcisco d'Almeida, primeiro Vice-rey da India, de q̃ fallarey no cap. seguinte dos Vicereis.

10. frota, de Pero da Nhaya.

¶ A 10. frota foy de Pero da Nhaya: o qual partio de Portugal no anno de 1505. pera a cõquista de Sofala cõ 6. naos: onde chegou, depois de passar na viagẽ muitos trabalhos. E fez a fortaleza q̃ hoje os Portugueses tẽ em Sofala: em cuja edificaçaõ teue muita cõtrouersia, & briga cõ os Mouros da terra, q̃ depois de lhe terẽ dado licẽça pera a fazer, lhe armaraõ treiçaõ pera o matar. Mas elle como esforçado, os desbaratou a todos, matãdo na euolta o Rey da terra, chamado Zufe como fica dito.

Fortaleza de Sofala.

1. p. liu. 1. cap. 3.

11 frota de Tristão da Cunh. 12. fro. de Aff. de Albuquerq.

¶ A vndecima armada foy de Tristão da Cunha. E a 12. de Affonso d'Albuquerque, em q̃ foy por capitão mór de 6. velas, pera andar cõ ellas na costa d'Arabia, atê entrar no gouerno da India, quando D. Frãcisco d'Almeida acabasse o seu triẽnio. Partiraõ estas duas armadas de Portugal no anno de 1506. Desta viagẽ descubriraõ a ilha de S. Lourenço. Destruiraõ a cidade de Braua, por rebelde, & leuantada. Tomaraõ hũa fortaleza, q̃ os Mouros de Caxẽ tinhão na ilha de Socotorà, em Abril de 1507. Daqui se partio Tristão da Cunha pera a India, & Affonso d'Albuquerque pera a costa d'Arabia, onde fez tributario o Rey de Ormuz, & principiou a fortaleza, que hoje os Portugueses tem na dita ilha.

Descubrimẽto da Ilha de S. Lour.

¶ Logo adiante se seguem por ordẽ as mais armadas, conforme suas antiguidades, pintadas em seus paineis, q̃ deyxo aqui de referir, & somente estas 12. relatey, assi por serem as primeiras, q̃ foraõ â India, como tambem por me passar â segunda sala, em que os Vicereis da India estão tirados pollo natural por sua ordem, conforme suas antiguidades, como se vera nos cap. seguintes.

¶ CAPIT. QVARTO.

¶ Dos Vicereis, que ouue na India Oriental, em tẽpo del Rey D. Manoel.

A segunda sala destes paços (na qual os Vicereis ordinariamẽte ouuẽ as partes,

tes)estão pintados todos os Vicereis,& Gouernadores,q̃ ouue na India,cadahũ tirado pollo natural ẽ seu painel,hũs vestidos ao modo antigo,q̃ então se custumaua,cõ seus tabardos & gorras na cabeça; outros armados,outros vestidos â moderna,&todos saõ os seguintes.

D. Frãc. deAlmeida 1. Vicerei da Indi.

¶ D.Francisco d'Almeida, filho de D.Lopo d'Almeida primeiro Cõde d'Abrantes,foy â India por mandado delRei D. Manoel cõ titulo de Vicerey. Partio de Lisboa a 25.de Março de 1505. cõ hũa armada de 22.velas,s. 16. naos,& 6.carauelas. De caminho destruyo Quîloa,&pos nella outro Rei de sua mão.Destruyo Mõbaça pouoada de Mouros leuantados,põdoa a ferro,& fogo.Da India mandou pera Portugal parte de sua armada,em q̃veyo o primeiro elefante q̃ se vio em Portugal. Fez na India a fortaleza de Angediua. Queimou a frota delRey d'Onôr,& muita parte da cidade. Começou a fortaleza de Cãnanòr. Fez tributario a elRey de Ceilão. Alcançou dos Mouros,& Gẽtios mui gloriosas vitorias, & ẽ particular aquella tão admirauel, q̃ ouue dos Rumes em Dio,cuja frota era de 200. velas.Fez tributario o Rei de Batecalâ. Tornando da India pera Portugal, tomou terra na volta do Cabo de Boa esperãça na agoada do Saldanha, & saindo ẽ terra,foy morto pollos Cafres o 1.de Março de 1510. cuja morte foi mui sentida del Rey D. Manoel, & dos Reys Catholicos de Castella, a quẽ tinha seruido nas guerras de Granada. Quãdo morreo seria homem de sessenta annos.

Morte d D.Franc. de Alm.

Affonso de Albuquerque 2.

¶ Affonso d'Albuquerque, andando por capitão môr do mar de Arabia,soccedeo no gouerno da India a D.Francisco d'Almeida. Acabou de fazer a fortaleza de Ormuz, q̃ tinha principiada. Ouue muitas vitorias dos Mouros desta costa.Tomou a primeira vez a cidade de Goa,no anno de 1510 em Feuereiro,a qual tornou a largar aos Mouros, polla não poder sustẽtar por então; mas logo no mesmo anno, a 25. de Nouẽbro,dia de S. Catherina martyr a tornou a tomar, destruindo,& desbaratando grandes exercitos do Idalcão.E fortificou a ilha de modo,q̃ sẽpre a defẽdeo dos Mouros.E logo no anno seguĩte foy tomar a cidade de Malaca,no mes de Iunho de 1511.onde ouue grãdissimos

Tomada de Goa.

Tomada d Malaca.

ſimos deſpojos, aſsi de riquezas, como de arthelharia, q̃ foraõ mais de 3000. peças entre grandes, & pequenas. Tornandoſe pera a India, fez tributario o Rey das ilhas de Maldiua. E tornado daqui pera Goa tomou a fortaleza de Benaſtarim aos Mouros: cõ cujas vitorias cobraraõ os Mouros, & Gentios da India tanto medo, q̃ os mais dos Reis do Oriẽte lhe cometeraõ pazes, & algũs ſe fizeraõ vaſſallos del Rey de Portugal. Foy dentro ao mar Roxo, & cõbateo a fortaleza, & cidade de Adẽ. Mãdou embayxadores, & deſcobridores à China, âs ilhas Malucas, âs de Maldiua, ào Reino de Coulaõ, a Ceilão, ao grande Iſmael Sophi da Perſia, ao Rey de Syaõ, ao de Narſinga, & a outras muitas ilhas, & Prouincias: as quaes todas, ou a mayor parte dellas por ſua induſtria ſe vieraõ a ſojeitar, & ſometer debaixo da vaſſallagẽ de Portugal. Falleceo vindo de quietar, & acabar a fortaleza de Ormuz, em chegando a Goa, na barra, eſtando inda na nao, aos 16. de Dezembro de 1515. Sua morte foy mui ſentida de todos, atè dos Mouros ſeus amigos. Seu corpo foy trazido pera Portugal no anno de 1566. & ſepultado em Lisboa em noſſa Sñora da Graça.

Fallecimẽto de Aff. de Albuquerque.

¶ Lopo Soarez paſſou à India por Gouernador della, pera ſoceder a Affonſo d'Albuquerque, no anno do Sñor de 1515. Foy ao Eſtreito do mar Roxo, & na coſta da Ethiopia Oriental deſtruyo, & queimou Zeyla cidade de Mouros, porq̃ lhe quiſerão defender o porto, & negarlhe a agoa, & mantimẽtos, q̃ elle queria mercar pacificamente por ſeu dinheiro. Edificou a fortaleza de Coulão, & a de Colũbo, & fez tributario o Rey della; & acabou o ſeu triennio no anno de 1518.

Lopo Soarez. 3.

¶ Diogo Lopez de Siqueyra Alcayde môr da villa do Alandroal, foy mãdado por Gouernador da India no anno de 1518. O qual ja tinha nella andado em tẽpo de D. Franciſco d'Almeida, & por ſeu mandado fora deſcubrir Malaca, & a ilha de Samâtra. E ſendo Gouernador foi ao mar Roxo, & mandou D. Rodrigo de Lima por Embaixador ao Preſte Ioão. Fez a fortaleza de Chaul. No ſeu tẽpo ſe fez a fortaleza de Paçẽ por meyo de Iorge de Albuquerque capitão de Malaca, & fez o Rey de Paçẽ vaſ-

Diogo Lopez de Siqueira 4.

fallo d'el Rey de Portugal. Fez hũa grossa armada, & mandou por Capitão o mòr d'ella Antonio Correa, pera restituir Bàrem a el Rey de Ormuz, vassallo, & amigo d'el Rey de Portugal, com aqual cidade se tinha leuantado hum Mouro seu vassallo. Oqual tyrãno foy morto, & a cidade restituida a seu dono. Este mesmo Antonio Correa (q̃ dalli pordiãte se chamou d'alcunha Bàrem, por respeito desta cidade, que tomou) destruyo hũa armada d'el Rey de Bintão mao visinho de Malaca, & trouxe desta victoria muitas peças d'artelharia, & muytos mantimentos, & despojos pera Malaca. E assimais desbaratou hũa grossa armada de Melique Az senhor de Dio em Chaul, cõ muyta hõra. Outras muytas victorias se alcançarão na India, em tempo deste Gouernador. Oqual acabou seu triennio no fim do anno de 1521.

D.Duart. de Meneses.5.

¶ Dõ Duarte de Menezes foy inuiado por Gouernador da India no anno de 1521. Este fidalgo era filho herdeyro de Dom Ioão de Menezes Cõde de Tarouca, & Prior do Crato, & tinha sido Capitão de Tangere. Emtempo deste Gouernador se leuãtou el Rey de Ormuz contra os Portugueses, & fez cruel guerra à fortaleza, & por fim della foy o Rey desbaratado, & a cidade de Ormuz queimada, & o Rey ficou tributario a Portugal. No tempo do mesmo Gouernador o Almansor Rey de Tidòre, fez guerra ao Capitão de Tarnate hũa das ilhas Malucas Mas o dito Capitão (que então era Antonio de Brito) lhe destruyo suas terras, alcançando delle muytas victorias. Gouernou todo o seu triennio com paz, & justiça.

¶ CAPITVLO V.

¶ *Dos Vicereys, q̃ ouue na India em tẽpo del Rey D. Ioão terçeiro.*

D.Vasco da Gam.6

DOM Vasco da Gama tornou à India terçeira vez, cõ titulo de Viçerey, no anno de 1524. E tanto, que là chegou, foy tão grande omedo de todos os Mouros, & Gẽtios destas partes, que cada hũ cuydaua ser chegada sua total destruição. Mas duroulhe pouco este medo, porque D. Vasco não gouernou mais, q̃ tres mezes, & vinte dias, & falleceo ẽ Cochim a 25 de Dezembro do dito anno. Era de meya estatura, enuolto em carnes.

Fallecimẽto de D. Vasco da Gama.

Dom

D. Henr. de Menefes. 7.

¶ D. Henrique de Menefes fédo capitão de Goa, foccedeo no gouerno da India por morte de D. Vafco da Gama. Efte Gouernador mãdou derrubar a fortaleza de Galecut, pollo pouco proueito, q̃ della tinha el Rey de Portugal, cõ muyto trabalho dos Portuguefes, q̃ a defendião. Alcãçou muitas vitorias dos Mouros, & Gẽtios da India, particularmẽte do Camori, a quẽ deftruyo a fortaleza de Chale, & outros muitos lugares, & armadas. Desbaratou a el Rey de Bintão, q̃ antiguamẽte o fora de Malaca. Falleceo antes de acabar o tempo de feu gouerno, em Cananor, indo cõ hũa groffa armada contra Dio, aos 23. de Feuereiro, de 1526. Efte Gouernador foy filho de D. Fernando de Menefes o Roxo da cafa de Cantanhede. Era muy catholico, & amigo dã juftiça, & fem algũa cobiça, fenão de honra.

Morte d̃ D. Henr. de Mene.

Lopo Vaz de Sãpayo 8.

¶ Lopo Vaz de Sãpayo foccedeo a D. Henrique no gouerno da India no anno de 1526. Alcançou muitas vitorias dos Mouros, & Gentios da India, particularmẽte del Rey de Malaca, & do Camorî, & do Sultão Bâdur Rey de Cãbaya; & finalmẽte gouernou todo feu triennio cõ muyta fatisfação del Rey, & do pouo, deyxando feita hũa groffa armada de 136. velas pera cõquiftar Dio, coufa que muito defejauão os Portuguefes.

Nuno da Cunha. 9

¶ Nuno da Cunha filho de Triftão Vaz da Cunha foccedeo no gouerno da India a Lopo Vaz no anno de 1529. E logo no prĩcipio de feu gouerno paffou a Dio cõ hũa groffa armada, & fez grande guerra ao Sultão Bâdur, & pos a ferro, & fogo a ilha do Betle, fem efcapar peffoa viua. Deftruyo as cidades de Baçaim, & Dâmão, alcançando grandes vitorias dos Mouros, & Turcos, que as defendião. Fez a fortaleza de Dio no anno de 1535. cõ confintimẽto do Rey de Cãbaya, q̃ o queria ter por amigo, por auer medo de fuas armadas.

Fortaleza d̃ Dio feita an. 1535.

No tẽpo defte Gouernador armou Diogo Botelho hũa Fufta na India, & veyo nella a Portugal, corrẽdo toda a cofta da Ethiopia Oriẽtal, & Occidẽtal: o q̃ pos em grande admiração a todo Portugal: mas pollas boas nouas q̃ trouxe da fundação da fortaleza de Dio, lhe fez el Rei D. Ioão muitas merces. Feita a fortaleza, arrependeofe el Rey de Cãbaya de ter

Fufta, q̃ veyo da India a Portug.

do tal consentimẽto aos Portu guesses,& pretẽdeo leuantarse, & matar o Gouernador por treição:mas sabida sua danada tẽçaõ,foy morto,& todas suas terras senhoreadas pollo Gouernador. Aqui foy achado aquelle homẽ,que tinha 300. annos de idade,&mudara tres vezes os dentes,ou lhe cayraõ,& tornaraõ a nacer de nouo, & tres vezes se lhe fez o cabello brãco,& preto,assi da cabeça, como da barba. Outro homẽ semelhante a este se achou agora em nossos dias,de q̃ tratarei no cap.seguinte. Este Gouernador mãdou hũa grossa armada ao mar Roxo. Da qual viagẽ Heitor da Sylueira capitão môr della fez tributario, & vassallo del Rei de Portugal o Rey de Adem,posto q̃ durou pouco sua obediencia.Em tempo deste Gouernador passaraõ osCastelhanos por via das Philippinas a Maluco, & tiueraõ algũas guerras cõ os Portuguesses,mas sempre foraõ vẽcidos, & lãçados das ditas ilhas. Desbaratou por duas vezes dous grãdes exercitos do Idalcão, q̃ mandou sobre Râchol. Alcançou aquella gloriosissima vitoria dos Turcos,q̃ vieraõ do Estreito de Meca sobre a fortaleza de Dio. Fez a fortaleza de Baçaim. E finalmẽte partindo pera Portugal,depois de gouernar a India mais de dez annos (que foy atè o fim do anno de 1539.)chegãdo perto do Cabo de Boa Esperança, falleceo de sua doença,& alli foy lançado no mar Oceano, sepultura tão larga,como foraõ as grãdezas de tal capitão.

Homem de 300. annos. Andrade 1. cerco de Dio.

Fallecimẽto de Nuno da Cunha.

¶ Dom Garcia de Noronha partio de Portugal no anno de 1539.cõ titulo de Vicerey, cõ onze naos grandes, & chegando à India tomou o gouerno della da mão de Nuno da Cunha:mas não durou nelle mais q̃ seis mezes, porq̃ a morte lhe atalhou seus altos pẽsamẽtos, & grande prudẽcia,cõ que gouernaua. E nesse tẽpo q̃ teue o gouerno,deixou a India pacifica,particularmẽte fez pazes cõ o Rey de Cambaya, & senhoreou quasi toda sua costa.

D. Gar. de Noronha 10.

¶ D.Esteuaõ da Gama filho segundo do grãde D.Vasco da Gama,Cõde Almirãte, q̃ auia pouco tẽpo fora capitaõ de Malaca,soccedeo no gouerno da India por morte de D. Garcia de Noronha no anno de 1540 O qual no principio de seu gouerno foi cõ hũa grossa armada ao Estreito do mar Roxo; õde des-

D. Esteu. da G. 11.

destruyo muitas cidades popu losas aos Mouros, & armou muitos caualleiros no monte Sinay, hum dos quaes foy Dõ Luis d'Attaide. Mãdou daqui socorrer ao Preste Ioão, & res tituirlhe muyta parte de seu Reino, q̃ lhe tinha tomado hũ tyranno Mouro. A qual restituição foi feita por D. Christo uão da Gama, irmão do dito Gouernador, cõ quatrocentos Portugueses, que o acõpanharaõ. Daqui se tornou o Gouer nador pera a India.

Martim Affon. de Sousa 12.

¶ Martim Affonso de Sousa partio de Portugal por Gouernador da India no anno de 1542. onde chegou a saluamen to. Em seu tempo foraõ descu bertas as ilhas de Iapaõ, & na cidade de Meliapòr do Reyno de Charamandel se fez hũ Tẽplo ao Apostolo S. Thome, & nos seus alicerces se achou hũa miraculosa cruz aberta em hũa pedra com hum letreyro, que declaraua toda a morte do Apostolo S. Thome, & algũas gottas de seu sangue derramadas na mesma pedra. O qual estaua inda fresco. Alcançou este Gouernador muitas vitorias do Camorî. Castigou a Rainha de Batecalâ. E finalmẽte gouernou o seu triennio com muita justiça.

Descubrimẽto do Iapã

Dõ Ioaõ de Cast. 13. Vicerey

¶ D. Ioão de Castro soccedeo no gouerno da India a Martĩ Affonso de Sousa no anno de 1545. O qual era muito grande Mathematico, & em outras sci encias insigne, & no esforço de sua pessoa, & nobreza não menos. Teue no seu tẽpo gloriosas vitorias dos Mouros, & del Rey de Cãbaya Sultão Mamude, neto de Sultão Bâdur. Liurou a fortaleza de Dio de hũ grande cerco, em q̃ a tinha pos to este Rey, destruindolhe seus exercitos, & muita parte de seu Reino, & tomoulhe a cidade de Dio, em q̃ matou toda a cousa viuâ, q̃ nella achou, no anno de 1547. Venceo dous poderosos exercitos do Idalcão, com que veyo sobre Goa, & por força d'armas lhe tomou a fortaleza de Dabul, & a destruyo, & queimou. Das proezas, & feitos heroicos deste Vicerey tẽ cõposto hũ liuro muito curioso o P. M. Fr. Fernando de Castro seu neto, Religioso da nossa Ordẽ: o qual cõ outros, q̃ o mesmo Vicerei cõpos sayra cedo a lume. Finalmente falleceo, tendo gouernado a India tres ãnos.

Morte d̃ D. Ioão d̃ Castro

Garcia de Sà 14

¶ Garcia de Sâ soccedeo no gouerno a Dom Ioão de Castro no anno de 1548. O qual

gouernou o Estado da India pouco mais de hum anno, com muita prudencia, justiça, & liberalidade. No seu tempo foraõ à India doze Religiosos da Ordem dos Prêgadores, a fundar casas, & Conuentos, como fica dito. Fortificou todas as fortalezas da India, & as proueo de muitas cousas, que lhe faltauão. E finalmente falleceo no anno de 1549.

Neste tẽpo forã 12. Religiosos d̃ S. Domĩgos à India. 2. p. liu. 2. cap. 2.

¶ Iorge Cabral, que actualmente era capitão de Baçaim, soccedeo no gouerno da India a Garcia de Sâ, no qual esteuẽ menos de hum anno. Mas neste pouco tẽpo desbaratou muitas armadas dos inimigos, & destruyo o Camorì, que ja começaua a leuantar cabeça, & muyta parte do Malauar. No seu tempo se alcançaraõ muitas vitorias dos Reis das ilhas de Maluco, que se leuantaraõ contra os Portugueses.

Iorge Cabral. 15.

¶ Dõ Affonso de Noronha irmão do Marques de Villareal, capitão que fora de Ceita, partio deste Reino pera gouernar a India, com titulo de Vicerey, no anno de 1550. Alcançou insignes victorias dos inimigos. Restituyo o Rei de Columbo a seu Reino, que lhe tinha vsurpado hũ tyranno. Destruyo a cidade de Ceitàuaca, onde estaua fortificado. Desbaratou 25. Galês Reaes do Graõ Turco Solymão, que sayraõ do Estreito do mar Roxo, & foraõ cercar a fortaleza de Ormuz, não escapando dellas mais q̃ duas, & o capitão môr Turco em hũa dellas; mas não escapou da morte, que o Graõ Turco lhe deu cõ rayua da perda das outras Galês. Em tẽpo deste Gouernador se perdeo Manoel de Sousa de Sepulueda, & a nao S. Bento de Fernã d'Aluarez Cabral. Finalmente gouernou a India quatro annos, com muita inteireza, & justiça.

D. Aff. de Noronha 16.

¶ Dõ Pedro Mascarenhas (que foy Embayxador em Roma) partio de Portugal por Gouernador da India com titulo de Vicerey, no anno de 1554. O qual repartio a Christandade da ilha de Goa pollos Padres de S. Domingos, de S. Frãcisco, & da Companhia. Da qual repartição couberão 15. aldeas aos Religiosos de S. Domingos, onde fizerão, & fazem muitos milhares de Christãos, como acima dissemos, & o mesmo fazẽ na sua parte os de S. Francisco, & da Companhia. Não durou no gouerno

D. Pedr. Mascar. 17.

2. p. l. 2. c. 3

mais

mais de noue meses, porq̃ falleceo no melhor delle.

Francisco Barreto 18.

¶ Francisco Barreto lhe soccedeo no gouerno da India, no anno de 1555. Gouernou tres annos com muyta satisfação, entendendo em refazer as fortalezas da India, & conseruar a Christandade começada em Goa. Alcançou gloriosas vitorias em batalha campal, que deu aos capitães do Idalcão: de que elle leuou a principal honra, por seu esforço, & valẽtia: & foy em todo o seu tempo bem affortunado.

D. Constantino 19.

¶ Dom Constantino meyo irmão do Duque de Bragança D. Theodosio, partio de Portugal pera gouernar a India com titulo de Vicerey, no anno de 1558. Gouernou o dito estado todo seu triennio, com muita prudencia, & grãde liberalidade, como nobre, & generoso, q̃ era. Tomou por força de armas a cidade de Damão aos Mouros, & fez a fortaleza, que hoje nella està, da qual fez capitão D. Diogo de Noronha o Corcoz. Desbaratou o Rey de Iaphanapatão, & tomoulhe a fortaleza; em que deixou por capitão Fernão de Sousa de Castello branco.

¶ CAPITVLO VI.

¶ Dos Vicereis, que ouue na India do tempo del Rey Dom Sebastião, atè o presente anno de 1608.

D. Frãc. Coutin. 20.

DOM Frãcisco Coutinho Cõde do Redondo, partio de Portugal por Vicerey da India no anno de 1561. O qual estado gouernou com muita paz, & justiça. Falleceo antes de acabar o seu triennio no anno de 1564.

Ioão de Mend. 21.

¶ Ioão de Mendoça soccedeo no gouerno da India, por morte do Conde dom Francisco Coutinho: & gouernou o dito estado noue meses, atẽ que foy de Portugal dom Antaõ de Noronha.

D. Antã de Nor. 22.

¶ Dõ Antão de Noronha, irmão do Marques de Villareal, partio de Portugal por Vicerey da India no anno de 1565. & gouernou o dito estado quatro annos, com muita satisfação, & augmento da Christandade daquellas partes, que elle muito fauoreceo. Fez a fortaleza de Mangalòr, & instituyo por capitão della a seu cunhado Dom Antonio Pereyra.

D. Luis d'Attaide 23.

¶ Dom Luis d'Attaide partio de Portugal por Vicerey da

da India no anno de 1569. onde chegou a saluamento; & nella fez a fortaleza de Onòr, & a de Braçelòr. E no ãno de 1572 defẽdeo muita parte da India do cerco gêral, q̃ lhe puserão, o Idalcaõ ẽ Goa, o Izamaluco ẽ Chaul, o Camorì ẽ Chale, & o Achem sobre Malaca, todos ẽ hum tempo, com todo seu poder, & forças. Os quaes todos foraõ desbaratados por industria deste esforçado Vicerey, mandãdo socorro a hũas, & outras partes com suas armadas, estando elle sempre em Goa defendendoa do grande poder do Idalcão. Gouernou todo o seu tempo cõ muita prudẽcia.

D.Ant. de Nor. 24.

¶ Dom Antonio de Noronha soccedeo no gouerno da India a Dom Luis d'Attaide, com titulo de Vicerey, & gouernou dous annos com muita paz, & justiça, & grande augmento da Christandade, que sempre fauoreceo com muyto zelo da saluação das almas. Falleceo no anno de 1573.

Anton. Monis Barreto .25

¶ Antonio Monis Barreto soccedeo a D. Antonio de Noronha no dito anno, & gouernou quatro annos, que foy atè o de 1577.

Rui Lou. de Tauora.26.

¶ Ruy Lourenço de Tauora, indo pera a India por Vicerey, falleceo no mar perto de Moçambique, & foy leuado à dita ilha, & sepultado na hermida de nossa Senhora do Balluarte, no anno de 1577.

D. Diogo de Meneses.27.

¶ Dom Diogo de Meneses soccedeo no gouerno da India a Antonio Monis Barreto no mesmo anno, porq̃ morrẽdo o Vicerey Rui Lourẽço no mar, abriraõse as vias em Goa, & sayo elle na primeira via. Gouernou somente sete meses, atè que foy de Portugal D. Luys d'Attaide.

D. Luis d'Attaide.28.

¶ Dom Luis d'Attaide foy por Vicerey da India segunda vez no mes de Outubro, de 1577. antes que el Rey Dõ Sebastião partisse pera Affrica, & foy o derradeiro, q̃ o dito Rey mandou à India. Gouernou dous annos, & cinco meses, & falleceo no mes de Abril, do anno de 1580.

Fernão Telles de Mene.29

¶ Fernão Telles de Meneses soccedeo no gouerno da India a Dom Luys d'Attaide em tempo do Cardeal, & Rey D. Henrique, & gouernou somente cinco meses. No qual tempo chegou à India D. Francisco Mascarenhas.

D. Fran. Mascar. 30.

¶ Dom Francisco Mascarenhas Conde de S. Cruz foy o primeiro Vicerey, que el Rey Phi-

Philippe primeiro de Portugal mandou â India, no anno de 1580. O qual gouernou o dito Estado quatro annos.

D.Duart. de Meneses.31.

¶ Dom Duarte de Meneses Conde de Tarouca foy à India por Vicerey, no anno de 1584.& gouernou o dito Estado mais de quatro annos. Em seu tempo foy destruida Ampaza,& Iòr,como fica dito. Finalmente falleceo em Goa.

1.p.liu.5.c.4.& 5 &2.p.l.3 c.5.& 6.

Manoel de sousa Cout.32.

¶ Manoel de Sousa Coutinho soccedeo no gouerno por morte de D. Duarte de Meneses, no anno de 1587.& gouernou o dito Estado mais de tres annos. E vindo pera Portugal se perdeo, sem se saber ategora onde, nem de que maneira. No tempo deste Gouernador se tomaraõ quatro Galês aos Turcos em Mõbaça,& foy destruida a ilha, & a cidade, como fica dito. Tomou doze Galeotas em Carapatão, ao cossayro Mouro Cunhale.

1.p.liu.5.cap.9.

Matth. de Albuquerque 33.

¶ Matthias d'Albuquerque foy por Vicerey da India no anno de 1591. & gouernou o dito estado mais de cinco annos. Em seu tempo foy tomado o Morro em Chaul, q̃ era hũa das mayores fortalezas, que auia no mundo; onde alcançou aquella admirauel, & milagrosa vitoria dos Mouros do Melique, como adiante direy.

cap.13.

D.Frãc. da G.34

¶ Dom Francisco da Gama Conde da Vidigueyra,& Almirante do mar da India foy de Portugal por Vicerey do dito Estado no anno de 1596. No qual esteue quatro annos. Fez a fortaleza de Mõbaça, & destruyo a fortaleza do Cunhale, onde ouue hũa gloriosa vitoria: & finalmente degollou o dito Cunhale na cidade de Goa, onde o trouxeraõ preso, como adiante veremos.

cap. 17. & 18.

Ayres de Sald. 35

¶ Ayres de Saldanha partio de Portugal por Vicerey da India, no anno de 1600. gouernou o dito Estado quatro annos: & vindo pera este Reyno, falleceo na viagem.

Martim Affõ. de Castr. 36.

¶ Dom Martim Affonso de Castro irmão do Cõde de Mõsanto foy por Vicerey à India no anno de 1604. Em seu tempo foraõ os Hollãdeses sobre Malaca,& a tiueraõ de cerco, mas elle a socorreo em pessoa com hũa grossa armada,& pellejou cõ os inimigos, & os desbaratou, & descercou Malaca, posto que foy cõ muita perda de gente,& naos de sua cõpanhia. Falleceo na mesma fortaleza de Malaca de sua doença.

Rela

¶ *Relação de hum homem de 380. annos de idade.*

Homem de 380. annos.

EM tempo deste Vicerey se soube de hum homem, q̃ auia no Reino de Bengala, que era de trezentos, & oitenta annos. O Bispo de Côchim, que hora he D. Fr. Andre de S. Maria mandou tirar hua larga inquirição delle, & de sua idade, pollos Religiosos, & clerigos, que andão naquelle Reino, os quaes neste caso fizeraõ grande exame, & acharaõ, que este homẽ era Bengala de nação, & auia trezentos, & oitenta annos que viuia. Lembrauase de dezanoue Reis, que reinaraõ 250. annos no Reyno de Horon sua patria. Naceo de pais Gentios, & elle o foy muitos annos, & depois se fez Mouro, como inda era neste tempo. Foy casado oito vezes & teue filhos, netos, bisnetos, & tresnetos, & algũs morreraõ velhos. Depois que lhe morreo a oitaua molher, esteue 40 annos viuuo, atè o ãno de 605. no qual tornou a casar, & tinha a molher prenhe de oito meses. Nunca foy doente, nẽ sangrado, nem sintio falta na vista. Os dẽtes lhe cayraõ tres vezes, & outras tres lhe tornaraõ a nacer. Algũas vezes lhe naceraõ cãs, & logo lhe cayraõ & naceraõ cabellos pretos. Parecia no aspeito homem de 35. annos, sem ruga, nem sinal de velhice. Era alto de corpo, grosso, & bem assombrado.

Tres vezes lhe cairã & nacerã os dẽtes.

Parecia de 35. an.

¶ Sendo este homem preguntado como viuia tanto tempo, sendo as idades de agora taõ curtas; respondeo, que estando elle hũ dia junto do rio Gãges dando de beber a hũas vaccas, chegou a elle hum homem fraco, vestido em hum habito de burel, & cingido com hũa corda de nòs, chagado nas maõs, pês, & lado, & lhe pidio que o passasse â outra banda do rio, que entaõ leuaua pouca agoa: & elle mouido de compaixão, de o ver chagado, o tomou âs costas, & o passou. E logo este homem lhe dera hũas contas, das quaes tinha ainda agora tres em muita estima, & lhe dissera: Vos sereis sempre da idade que agora tendes, & despidindose delle nunca mais o vira, atè o anno de 605. no qual entrando hum dia na igreja de Bengala (que he da inuocaçaõ de Nossa Senhora da Saude) & vendo o P. S. Francisco pintado em hum painel do altar, começou de bradar, & chorar cõ alegria, dizendo; Aquelle he o

Apareceolhe o P.S.Frãc.

homem

homẽ chagado, que eu passey no rio Ganges, & me disse, que sempre seria da idade que então tinha, & isto affirmaua publicamente; & por mais que o contradisserão, disse sẽpre, que era aquelle, & o conhecia muy bem; & disse mais, que esperaua em Deos morrer Christão. Cõforme ao dito deste homem, pareçe, que o Serafico P.S.Francisco lhe apareceo. Deos sabe os segredos deste misterio, & por ventura que seja este homẽ predestinado, & por este meyo se venha a conuerter, & morra Christão, pera se saluar.

Ruy Lourenço 37.

¶ O vltimo Viçerey que agora vay pera a India, he Ruy Lourenço de Tauora Gouernador, q̃ foy do Algarue, partio da barra de Lisboa em hũa carauella, no mes de Outubro de 1608. cuja viagẽ Deos prospere, & o leue a saluamento.

¶ De modo, que polla ordẽ açima dita, estão nesta sala postos por suas antiguidades, todos os conquistadores, Viçereis, & Gouernadores, que ouue na India, tirados pello natural. Dos quaes dei aqui esta breue relação, pera os renouar na memoria dos homẽs, onde he muyta rezão, que viuão eternamente suas proezas & feytos heroicos.

¶ CAPIT. SETIMO.

¶ Dos Pagodes, frescura, & outras cousas notaueis da terra firme de Goa.

LAtemos visto breuemente algũas particularidades, que ha na ilha de Goa, & sua cidade & armadas, Viçereys, & Gouernadores, que estão retratados nas salas do Viçerey: vejamos agora algũas cousas notaueis, que ha na terra firme, que çerca Goa.

¶ Estando eu nesta ilha de Goa, ouuia gabar muytas vezes as ribeiras, & frescura da terra firme do Idalcão, onde tambem me dizião, que auia outras cousas notaueis. Pollo que fomos hum dia seis Religiosos do nosso Conuento de S. Domingos de Goa a ver estas cousas, & pera isso nos embarcamos em hũa Manchua, em que fomos correndo estes rios, & ribeyras, atê que chegamos a hũa pouoação, a que chamão Sancalim, çinco legoas de Goa pouoada de Gẽtios, & algũs Mouros, onde estaua por Capitão hum Mouro posto pollo Idalcão. O qual tanto que soube de nossa chegada, lo-

go nos mandou visitar cõ hum presente muy honrado, & nos fez muitas honras, & offerecimentos. Ao longo da ribeira estiuemos muita parte do dia, & neste tempo chegaraõ a esta terra muitos almocreues Mouros com hũa grande cafila de boys carregados de courama, como se foraõ mulas, ou cauallos. Destes bois se seruem os Mouros, assi pera carga, como pera cauallaria, aos quaes poẽ hũas albardilhas, & furaõlhe as vẽtas, & nellas lhe atão hũa corda cõprida, que fica seruindo de cabresto, ou de freo, por onde os sogigaõ, & gouernão. Depois que jantamos, mãdou nos dizer o capitaõ, se queriamos ver hũa ribeira, que estaua dalli meya legoa, cuja agoa caya toda junta de altura de vinte braças, cousa pera se poder ver. Nos lho agardecemos & aceitamos a ida: pera o que mandou logo buscar bois, em que fossemos. E nelles caminhamos taõ seguros, & taõ de pressa, como se foraõ cauallos muito bem domados. E desta maneira chegamos à ribeyra, onde vimos aquella fermosa agoa, q̃ nasce no alto de hũas grandes, & compridas serras, por cima das quaes vem fazẽdo sua corrente, atẽ chgar a este passo, onde fica a mais terra muito baixa, & do alto da serra, que he toda de pedra viua, & rocha talhada, dece esta agoa toda junta de pancada cõ taõ grande estrõdo, que atroa os ouuidos, & naõ ha quẽ possa alli aguardar, que parece outra Catadupa do rio Nillo, de que ja tratey. Teue a corrente desta agoa tanta força, que no alto da serra donde dece, rompeo a rocha viua, & fezlhe hũ buraco redondo tamanho como o vaõ de hũa roda de carreta, por dentro do qual corre toda esta agoa no veraõ, quando a ribeira leua pouca: mas no inuerno quãdo uay cheya, tresborda, & corre por cima de modo que se naõ vè o buraco.

Bois de carga.

Catadupa do Sãcalim. 1. p. liu. 4. cap. 3.

¶ Neste lugar à borda da ribeira, està hum Pagode de Gẽtios, onde achamos algũs, que tinhaõ alli vindo em romaria. Destes Pagodes ha muitos por esta terra firme (que saõ os Tẽplos dos Gẽtios.) Algũs delles saõ de tres naues, & outros de hũa sò, & os mais delles saõ pintados pollas paredes de dentro, onde tem muitas figuras de animaes, monstros, molheres, & homẽs; entre os quaes tem pintados algũs do modo

Pagodes de Gentios.

que

que entre nos se pintão os Prophetas. Nestes Pagodes não ha capellas, nem altares; mais que na frontaria da naue do meyo, onde as nossas igrejas tem a capella môr, alli tem hũa capellinha muyto pequena, quadrada, de altura de hum homem, de comprimẽto de duas varas de medir, & outro tanto de largura. No meyo desta capellinha tẽ hũa banca quadrada, pequena, & bayxa, sobre a qual estão tres, ou quatro degraos em roda, ao modo de Essa, de altura de hum couado: & nestes degraos tem muitos cãdieyros de barro com azeyte ardẽdo. Os Bramenes (de que abayxo fallarey) tem cuydado destes Pagodes, & andão dentro nesta capellinha nûs da cinta pera cima, atiçando, & prouendo de azeite os candieiros. Não sei se andão desta maneira por veneração do lugar, se por não çujarem o vestido. A porta desta capellinha he tão estreita, & bayxa, que escassamente pode hũa pessoa entrar por ella em pé, & nella tẽ posto sempre hum panno branco, como guardaportã, tão diffumado, & cheyo de azeite, q̃ mais parece preto, que branco, & tal he tambem a capellinha por dẽtro, polla continuação do fumo, & azeite. Aqui dẽtro não consentem os Bramenes, que entre pessoa algũa, mais q̃ elles, por terem este lugar por cousa sagrada. Pollas paredes destes Pagodes estão feitos algũs nichos toscos, & desautorizados, em q̃ estão algũs Idolos de figura de homẽs, & molheres, & de monstros, feytos de pedra, ou de metal, a que os Gentios tambem chamão Pagodes, & dizem que são os seus santos, & Deoses. Hum Idolo destes vi de figura de molher, que tinha quatro braços, & era muy venerado dos Gẽtios. Em todos estes Pagodes está hũa vacca feita de pedra, posta no meyo do Templo; o qual animal tem por cousa sagrada, & dedicada a Deos, & por esse respeito os Gentios offerecem algũas vaccas aos Pagodes: as quaes tanto que são dos ditos Pagodes, ficão logo sagradas, liures, & isentas: andão, & comem por onde querẽ, sem auer quem lhe faça mal, ainda que as vejão comer na sua semẽteyra, nem se seruem mais dellas, por serem dedicadas a Deos: & chamãolhe vaccas forras: & por esse respeito chamão na India aos vâdios Vaccas forras.

Capella & lugar venerado dos Gẽt.

Idolos de Gentios.

Vaccas forras.

Todos

¶ Estes Pagodes tem defrõ te da porta hũa fonte, ou ribeyra, ou tanque cheyo de agoa, na qual se metem os Gẽtios, & lauão todo o corpo, dizendo, q̃ alli se purificão, & alimpaõ de seus peccados, pera poder entrar no Pagode, & fallar com seus Deoses. Algũs Pagodes ha, que tem molheres publicas, dedicadas ao torpe ganho, aplicado pera os mesmos Pagodes, as quaes viuẽ jũto delles ẽ casas pera isso ordenadas. Em hum Pagode destes nos achamos hũ dia cinco Religiosos; & fallando com hum Bramene que dẽtro estaua, lhe estranhamos, & abominamos muito, permittirem nos seus templos molheres publicas, & deshonestas, acquirĩdo torpes ganhos: onde se via quam differente, & melhor era a ley, & custumes dos Christãos, que não consentião taes deshonestidades, & torpezas em seus templos, antes tudo o dedicado a elles era santo, & honesto. Ao q̃ o Gentio respondeo confuso, & enuergonhado, Verdade he que a honestidade parece bem em toda a parte, mas isto, que vos estranhaes, he custume mui ãtiguo, & approuado entre nos. E dizendo isto, virou as costas, & foyse, sẽ esperar mais reposta.

Molheres publicas, q̃ ganhão pera os Pagodes.

¶ CAPIT. OITAVO.

¶ De algũs sacrificios, que estes Gentios custumão fazer de si aos Pagodes.

Algũs Pagodes destes Gentios ha, que tem defrõte da porta hum masto aruorado no chaõ com seu pê, & degraos em roda, ao modo de pê de Cruz. No alto deste masto, està hum castellete de madeira bẽ feito, & pintado, & por bayxo delle hũa cinta de ferro, q̃ cinge o mesmo masto cõ duas orelhas mui fortes, das quaes estão pẽdurados por duas grossas cadeas, dous ganchos de ferro grossos, & agudos nas pontas. Nestes ganchos he custume pollo dia da festa daquelle Pagode morrerem algũs Gẽtios pregados, que se offereceẽ a esta cruel morte por sua deuaçaõ, & não constrangidos. Estes desuẽturados tanto que se offerecem pera este sacrificio, os sobẽ por hũa escada de maõ atê onde estaõ os ganchos pendurados, & alli lhos metẽ pollas costas de tal maneira, que lhe atrauessaõ as entranhas, & assim os dexão pẽdurados [per

Masto onde se sacrificão os Gẽtios.

Morte cruel, a q̃ se offerecem.

neando

neando no ar; atè que acabaõ de morrer â vista de todos os mais Gentios, que tem vindo âquella festa, & em quanto estão viuos, andaõ embayxo ao pê do masto outros Gẽtios cõ grande festa, cantando, tangendo, & bailando, & depois que morrem, saõ tirados d'aquelle lugar com muyta veneraçaõ, como santos, & queymãolhe os corpos, como he seu custume, & quando os leuaõ â queymar, os deitaõ sobre hum carro muito enramado; & desta maneira os leuaõ atè a fogueira com muitas festas, & musicas. Mas antes que la cheguẽ, indo pollo caminho, algũs Gẽtios mouidos de deuaçaõ, se lançaõ nûs estendidos no caminho, diante das rodas do carro, as quaes vaõ passando por cima delles; & algũs ficão cortados, & moydos de tal maneira, q̃ logo morrẽ; & esses saõ logo lançados sobre o carro, & queimados cõ os outros, & depois lhe recolhẽ as cinzas, & as guardão como reliquias.

Outro modo de sacrificar

¶ Hũ Pagode tẽ estes Gentios da India, a q̃ chamaõ o Pagode de Tremel, muy nomeado, assi polla muita riqueza, & thesouro que dizem ter, como por ser casa de muita romagem dos Gentios, em que se achão ordinariamente cada dia infinitos, que alli vem de diuersas partes, & Reynos, & muyto mais no dia da festa do dito Pagode; entre os quaes vaõ algũs alli fazer voto de tornar dahi a hum anno sacrificarse ao Pagode: pera o qual effeito se vão aparelhando, & mortificando com jejũs, & abstinencias, & neste jejũ vão continuando todo o anno, indo cada dia diminuindo o comer, atê que ja no cabo vem a não comer mais que hum bocado cada dia, & assi se mirraõ, & secaõ de tal maneira, que lhe não fica mais, que a pelle, & o osso, & de fraqueza se não podem ter em pè. E no fim do anno tornaõ ao Pagode pera comprirem o voto, que tem feito, ou por seu pè, ou leuados pollos outros Gentios. E depois que la chegaõ, fazem nelle oração, & vaõse a hum lugar, que està fora do Pagode, de grandissima altura, o qual tem de queda mais de cincoenta braças, & dalli abayxo se deixaõ cayr, & se despenhão â vista de todos os mais Gentios, que alli se achaõ naquelle dia: da qual queda se fazem logo em muytos pedaços.

Pagode de Tremel.

Voto, q̃ os Gẽtios fazem a este Pagode.

E todos estes, que aqui morrẽ desta maneira, saõ tidos por sãtos na opinião dos Gentios.

¶ Outro Pagode tem os Gẽtios ao longo de hum rio, que està nas terras do Malauar, de que he senhor o Camori Rey de Calecut, o qual he de muita romagem, & nelle se fazẽ grandissimas festas de certos ẽ certos annos, & duraõ muitos dias, nos quaes acode alli grande numero de Gentios, assi polla deuação do Pagode, & festas que se fazem, como tambẽ polla grande feyra, que alli se faz naquelle tempo. Nestes dias he custume irẽ certos Gentios a morrer, & a matar quantos puderem deste ajuntamento, offerecẽdo todas estas mortes em sacrificio, &em louuor do Pagode, por cujo respeyto se fazem estas festas. Outros dizem, que ficou este cruel custume do tempo, que nestas festas se matou hum Rey dos que ha neste Malauar, à treição; o qual vindo a ellas, ouue grandes aluoroços, & brigas, entre os seus vassallos, & os do Camori, de maneira, que se matarão algũs de parte a parte: & querendo o dito Rey acudir, pera os apartar, foy morto na briga polla gente do Camori â treição. Pollo qual respeito o Rey que lhe soccedeo, & todos os mais successores de então atè agora, ẽ satisfação desta morte, mandão nestes dias, (que se faz a dita festa) trinta homens armados, &apostados a matar quantos poderem deste pouo, atê morrerem na contenda: & por isso chamão a estes Amoucos, que he o mesmo que dizer Homẽs determinados, & apostados, que não temem a morte, & desprezão a vida.

Pagode do Malauar.

¶ Estes Amoucos em hum dia destas festas, vem a este Pagode, o mais secretamente que podem, & metemse pollo meyo da gẽte, que nelle achaõ com grande furia, & matão todos os que podem. Mas como sua vinda he sabida, & esperada, ja pollo custume que tem, de virem nesta occasiaõ, em todos estes dias, que duraõ as festas, ha muita vigia, & gente de guarda, em torno de toda esta feira, & tanto que os Amoucos chegão, saemlhe logo ao encontro, & pellejaõ com elles, atè q̃ os mataõ, & cõ estas mortes, & crueldade se acabaõ as abominaueis festas deste Pagode. Deste modo traz o demonio enganados, & tiranizados estes

Amoucos.

estes Gentios, fazendolhe tomar tanta variedade de tormẽtos, & mortes por seu seruiço, como temos visto, prometẽdolhe por isso bẽauenturança, como falso, & tyranno q̃ he. Donde se pode ver, quanta rezão tẽ os Christãos de dar muitas graças a Deos, pollos trazer ao gremio de sua Igreja, dandolhe conhecimento de si, & sua ley tão suaue, polla qual possaõ alcãçar a verdadeira felicidade.

¶ CAPITVLO IX.

¶ *De algũs Pagodes notaueis, que os Gentios tem na India.*

DOVS Pagodes tẽ os Gentios na India, hum chamado Pagode do Elefante, por respeito de hum Elefante muito grãde, que tem à porta feito de pedra preta, rija como ferro; o qual està entre Caranjà, & Baçaim: & outro chamado o Pagode do Canarim, que està na ilha de Tanà. Os quaes saõ de estranho, & immenso feitio: porque cadahum delles he aberto em hũa serra de pedra viua, preta, & dura como ferro, & laurado por dentro com tanto engenho, & artificio, que toda a serra fica vã por dentro, & todo este vão he hũa grande & fermosa casa de hũa pedra moçiça, a qual antiguamente seruia aos Gentios de templo. Pollas paredes destes Pagodes estão lauradas na mesma pedra viua de meyo releuo muitas figuras de homẽs, & molheres de mui grande estatura, feitas com grande artificio, & custo, obras certo espantosas, que se podião contar entre as marauilhas do mũdo; no feitio das quaes se deuião gastar muitos annos, asi polla dureza da pedra, como polla grandeza dos Pagodes, & artificio primo, com que saõ laurados. Não tem janellas, nẽ frestas, senão hũa sô porta grãde, muito bem laurada, por onde se abrio, & fez todo o vão da casa, & por ella lhe entra à claridade, que não he tanta, quanta a grandeza da casa requere.

Pagode do Elefante.

¶ No Pagode do Canarim da banda de fora, porcima da mesma serra estão muitas casas abertas, & lauradas na pedra viua, apartadas hũas das outras, como cellas de Religiosos, em q̃ viuião antiguamẽte os Bramenes, ministros deste Pagode. Cada casa destas tẽ defrõte

Pagode do Canarim.

da porta hum pateo pequeno, & quadrado, aberto tambem na pedra viua. E os vãos destes pateos, saõ cisternas de agoa, abertas, & vazadas por hũa boca pequena, q̃ cada hũa tem muito bem feita, por onde se recolhe dẽtro á agoa da chuua, & se tira a que se ha de beber. Destas cisternas bebião os habitadores desta serra, ministros do Pagode, q̃ nella viuião apartados da conuersação dos outros Gentios, & daqui decião a ministrar, & seruir o Pagode. Mas ja agora ninguẽ mora nestas casas, nẽ estes Pagodes saõ tratados dos Gentios, nẽ vão a elles fazer suas romarias, & oraçaõ, como dantes faziaõ, por estarẽ nas terras, que agora saõ de Christaõs, & pouoadas de Portugueses, onde se lhe naõ permittem Pagodes nem vsarẽ publicamẽte de seus custumes, & ritos Gẽtilicos. E cõ tudo os ditos Pagodes estão inda hoje em pè deshabitados da maneira que disse.

¶ Hum Rey do Malauar Gẽtio, vendose necessitado de dinheiro, determinou ajudarse do thesouro de hum Pagode mui rico, q̃ auia no seu Reino, & com esta determinação se foi ao dito Pagode. Sabida sua tẽçaõ pollo Bramene mòr do Pagode, que reside nelle como Bispo entre os Gẽtios, lhe foy á maõ, & não lhe deyxou fazer o que pretẽdia, antes lho defendeo com muitas rezões, q̃ pera isso lhe deu: mas o Rey, que ja vinha resoluto no que auia de fazer, as não aceitou, nem teue deuer com o que o Bramene lhe dizia, antes foy entrando no Pagode pera lhe tomar o dinheiro, que nelle estaua enthesourado. O Bramene mòr vendo a força, que o Rey lhe fazia, determinou de o escomungar; pera o que tomou hum ferro na mão, & deu com elle em sua propria testa, de modo que tirou sangue, a qual cousa entre os Gentios he como escomunhão mayor, porque todo aquelle, por cujo respeito o Bramene tira sangue de si, fica escomungado, & não pode mais entrar no Pagode, nem ser absolto d'aquella culpa, atè q̃ pague muito dinheiro pera o mesmo Pagode, em pena do crime, que cometeo. E tal ficou o Rei neste caso, porq̃ naõ somente ficou sem o dinheiro, q̃ pretendia tomar, mas tambẽ pagou a pena da escomunhão, pera ser absolto, & entrar no Pagode.

Escomunhão que vsaõ os Gentios.

Dõde se pode notar o grande respeito que os Gentios tẽ aos seus Prelados, porque atê os mesmos Reis lhe guardão o decoro deuido, & aceitão as pe nitencias que lhe dão.

¶ CAPIT. DECIMO.

¶ Dos Bramenes Gentios, que habitão as partes da India, & de seus custumes.

EM todas as terras da India habitão muytas castas, & nações de Gẽtios: entre os quaes os Bramenes são mais honrados, & melhor gente, porque são como sacerdotes, & Religiosos, dedicados ao seruiço dos Pagodes. Estes ordinariamẽte viuẽ entre palmares, & bosques muito frescos, regados com muitas fontes, & ribeyras, de que a terra he abundante. Não comem carne, nem peixe, nem cousa que tenha cor de sãgue, pollo qual respeito não comẽ bredos vermelhos, porque lanção de si agoa vermelha. Sustentãose cõ heruas, manteyga, leite, arroz, & outros legumes; de modo, q̃ seu ordinario comer he hũa dieta, & assi são muito saos, & poucas vezes adoecem, & viuem muitos annos. Nunqua se sangrão, inda que adoeção de febres; mas poẽse em mais dieta, ou ẽ não comer, atè q̃ selhe vão as febres. Não vsão de armas offensiuas, nem defẽsiuas. Não matão, nem ferem, nem tirão sangue à cousa viua: antes se podem dar vida a qualquer animal, que outrem aja de matar diante delles, são obrigados a darlha se podem, inda que seja comprarlha por dinheiro. Pollo qual respeito os moços Christãos da India, particularmente os de Dio, armão aos passaros, & como tomão algũ viuo, vãose aos Bramenes, ou Baneanes Gentios, dizendo que lhe comprem aquelle passaro viuo, pera com o dinheiro delle comprarẽ outra cousa pera comerem, & senão que o hão de matar pera isso: & se o Gentio o não quer mercar, fingẽ que matão o passaro diante delle, ao qual o Gẽtio logo acode muito depressa, & compra o passaro, dando por elle ordinariamente dobrado mais do que val; & depois de o ter em sua mão, o solta, deytandoo a voar, & fica muyto contente, dizendo, que saluou aquella alma da morte, que lhe querião dar.

Mãtimẽto dos Bramenes.

Os Gentios comprão a vida aos passaros.

Hospitaes pera animaes.

¶ Estes Gentios tem muitos hospitaes dedicados pera os brutos animaes, õde sustentão & curaõ os bois velhos, que ja não podem trabalhar, & todos os mais animaes, que achão doentes, ou aleijados, & todas as aues que não podem voar. E finalmente aqui sustentão todos os brutos, que se não podẽ sustentar por si. E pera cadahum genero delles tem casas particulares, onde lhe dão bastantissimamẽte de comer. Allem disso deitaõ de comer a todas as aues do ceo, que querem vir comer a estes hospitaes. Pera estes gastos tẽ estes hospitaes muitas, & mui grossas rendas, que lhe deixarão os Gentios, cuidãdo que faziaõ nisso grande obra de misericordia. E cõ auer estes hospitaes de tantas rẽdas pera os brutos animaes, somente pera os homẽs os não tem, & os pobres que adoecẽ, andão caindo pollas ruas, & morrendo ao desemparo. E a causa desta desordem he, por dizerem os Gentios, que os homẽs, & molheres podem fallar & manifestar seus males, & necessidades, & buscar o remedio pera ellas, pedindo o que lhe falta, as quaes cousas não podem fazer os brutos animaes, & porque todos tem alma, por tanto dizem que saõ obrigados socorrer aos mais necessitados.

Rezão q̃ dão pera terẽ hospital de brutos.

Queimã os defuntos.

¶ Os mais destes Gentios custumão queimar seus defuntos, assi como nos custumamos enterrar os nossos. E quãdo algum Bramene morre, sua molher he obrigada em ley de molher honrada, morrer tambem com elle. Polla qual rezaõ, quando leuaõ o marido morto a queymar, conforme seu custume, leuão juntamente sua molher viua, a qual vay acompanhandó seu corpo atê a fogueira muito galante, & vestida dos melhores pannos, que tem, como quem vay pera vodas, ou festas, & diante della vaõ muytas molheres tangendo, cantando, & bailando: & tanto q̃ chegão ao lugar, õde hão de ser queymados, fazem hũa grande fogueira, em que deytaõ o corpo do Bramene morto, & depois disso dão hũa certa beberagem à molher que se ha de queymar, com a qual fica alienada, & quasi fora de seu juyzo: o que fazem, pera que não aja medo do fogo. Isto feito, a leuão os Padrinhos & Madrinhas a este sacrificio (os quaes ordinariamente

as molheres se fazẽ queymar viuas cõ os maridos defuntos.

são

ſaõ dos parentes mais chegados que tem) & andão bailando com ella ao redor da fogueira, atè que dão com ella dentro no fogo, onde ſe queima viua, & fica tida de todos os Gentios por molher virtuoſa, que hõrou a morte de ſeu marido. E ſe algũa ſe não quer queimar quando queimão o marido, pode o fazer dahi a algũs dias em outra fogueyra feita pera ſi; mas ſe totalmente recuſa morrer deſta maneyra, então fica molher infame, & deſeſtimada de todos os Gentios, & particularmente dos parentes, que tomaõ iſſo em caſo de honra. E eſtas, em pena deſta culpa, ficão obrigadas como molheres infames, a ganhar torpemente pera algum Pagode; o qual ganho arrecadão os Bramenes dos meſmos Pagodes.

As que ſe não queimão ficã infames.

¶ CAPITVLO XI.

¶ *Dos Iogues Gentios, a que alguns chamão Daruis, & outros Gymnoſophiſtas; & ſeus cuſtumes.*

Ntre eſtes Gentios da India ha hũa certa caſta, a que chamão Iogues, & outros lhe chamaõ Daruis. Eſtes ſaõ peregrinos, & andaõ de terra em terra, como Siganos. Algũs andaõ muito rotos, & remendados, outros nûs de todo ſem cubertura algũa, nem inda pera as partes ſecretas: & deſta maneira andão em deſprezo do mũdo, & de ſuas vaydades, dizendo, que não querem delle mais, que eſcaçamente a ſuſtentação pera paſſar a vida; & que lhe baſta pera veſtido do corpo a pelle q̃ Deos lhe deu, como aos outros animaes. Eſtes andaõ todos cheyos de cinza pollo roſto, cabeça, & mais corpo. Não tem caſa, nem cama, mais que a terra nua. Pedẽ eſmolla, & naõ tomaõ mais, q̃ aquella, que lhe pode baſtar pera comerem logo. Naõ guardaõ couſa algũa de hum dia pera outro, nem menos tem em que o poſſaõ guardar. Saõ mui penitentes, & deſprezadores do mundo.

Os Iogues andão nùs.

¶ Hum Religioſo graue, & de muita verdade me contou, eſtando eu ẽ Chaul, que achandoſe elle no Reyno de Cambaya, ſendo inda ſecular, vira eſtar hũ Iogue nû aſſetado jũto a hũa fogueira, com as coſtas pera o fogo, aſſandoſe por ſua propria vontade, & offerecendoſe

Caſo admirauel de hũ Iogue.

dose desta maneira em sacrificio a hum Pagode, q̃ alli estaua & soffria o fogo com tanta paciencia, que não se mouia, né confrangia, nem menosgemia, como se fora homem de pedra. O qual spectaculo estauão vendo outros muitos Gentios, cõ muita deuação, tendo por santo aquelle, que se assaua viuo. E o dito Religioso me affirmou, que lhe vira todas as costas assadas, & crestadas, como o couro de leitão assado, & que sem falta lhe parecia, q̃ o Gentio morreria daquella ignorancia q̃ fez, estando ao fogo mais de hũa hora.

Penitencia de hũ Gentio.

¶ De outro Gẽtio me contaraõ na India, q̃ se pos ao longo de hũa estrada no campo, sobre hum pao grosso de altura de duas braças, assẽtado sobre hũas taboas, que tinha pregadas na ponta do pao, onde estaua assentado, & que alli se dedicou, & fez voto a Deos de estar nû, atê que morresse. O q̃ cumprio inteiramente, porq̃ sobre este pao esteue toda sua vida, inuerno, & veraõ, soffrẽdo o rigor do sol, & frio, chuuas, & as mais injurias do tẽpo, sẽ se decer do pao, em q̃ se pos o primeiro dia: & alli assentado dormia, & fazia as mais necessidades corporaes, & não comia, nẽ bebia, mais que hũa sò vez no dia, das esmollas, q̃ lhe dauão os passageiros. Neste lugar esteue muitos annos, com espanto de todos os que o hião ver, atè que morreo.

Gymnosophistas

¶ Entre estes Iogues ha hũs que saõ grãdes Philosophos, de que fazem menção diuersos authores, chamandolhe Gymnosophistas, que he o mesmo, q̃ Philosophos nûs. Destes diz Plinio, que custumão muitas vezes porse em pê ao Sol, com os olhos pregados nelle todo o dia, desque nace atê que se poem, hora em hum pê, hora em outro como grous, no campo sobre a area, que està ardendo como fogo, com a grande quentura do sol daquellas partes. Isto mesmo diz S. Agostinho, & allẽ disso accrecenta, q̃ saõ muito cõtinẽtes, & não chegaõ a molher algũa, & moraõ nos desertos da India, soffrẽdo o ardor do sol, & os frios, & tẽpos asperos, sem se queixarem. M. Tullio tambẽ diz destes, q̃ viuẽ nûs, & soffrẽ os frios, sem mostrar sentimento, & postos ao fogo se deixão queimar, sẽ se mouer, nem gemer, com muita inteireza, & paciencia.

Liu. 7. cap. 2.

Liu. 15. de ciu. Dei, cap. 20.

Quæst. Tusc. lib. 5.

Inst. reip. lib. 2. tit. 7.

¶ Francisco Patricio diz, q̃ hum

Calano se queimou viuo.

hum Indio chamado Calano, muy estimado entre os Gymnosophistas, vendo em Persia a Alexandre Magno, & parecendolhe cousa mui acertada morrer diante de hum taõ grande Principe, & de seu vitorioso exercito, mandou fazer hũa fogueira, & entrãdo nella pedio aos Macedonios, que presentes estauão, que fizessem grande festa, porq̃ dahi a poucos dias auia de ir ver o seu Rey a Babylonia, onde residia. E dizendo isto, mandou accender a fogueira, em que estaua, & nella se deyxou queimar, sem fazer mouimento algũ de si, em quanto esteue viuo, & desta maneira acabou, offerecẽdose em sacrificio ao diabo.

Ibidem. Larmanochargas fez o mesmo.

¶ O mesmo autor conta de outro Philosopho Indio, chamado Larmanochargas, que vendo a Octauio Augusto Cæsar em Athennas, se queymou tambem viuo, dizendo que então queria morrer, quando via o mais excellente varaõ de todos os homẽs; porque depois não visse outra cousa menos nobre, do que era Octauio Augusto.

Ibidem.

¶ Estes Gymnosophistas refere o mesmo autor, q̃ saõ grandes Philosophos, & que algũs delles estando catiuos em poder de Alexandre Magno respondião sentenciosamente ao que lhe preguntauão; a tres dos quaes o mesmo Alexandre fez tres preguntas, dizendo ao mais velho delles; Que farey pera ser amado de todos? O qual respondeo: Selloeis, se a ninguẽ vos mostrardes feroz. Preguntou mais ao segundo: Qual vos parece mais forte, a vida, ou a morte? Respondeo; A vida, pois soffre mais aduersidades. Preguntando ao terceiro, quanto lhe parecia bem que viuesse hum homem; respondeo: Quanto tempo lhe parecer melhor a vida, que a morte.

Ditos de tres Gymnosoph.

Calepino verbo, Gymnosophistæ.

¶ Destes se conta, que indo Alexandre Magno à India, o reprenderaõ muy liuremente no seu rosto com aspereza, dizendo, que sendo elle hum homem mortal, se mostraua tão ambicioso das cousas, q̃ tambẽ eraõ mortaes, & não se contentando com o que lhe cõuinha, de to... a sojeitar, & destruyr a India toda com suas ladroices. Isto tudo referi aqui, pera mostrar q̃ os Iogues da India deuẽ ser estes Gymnosophistas, de quem os autores fallão, porque saõ muy semelhantes em

todos

todos os custumes,& modo de viuer.

¶ Outras muytas castas de Gentios ha nestas partes da India muy differentes entre si,assim nos custumes,como nas leys,& ritos,que deyxo por serẽ infinitos,& auendo de tratar delles de proposito,seria necessario fazer muytos liuros.

¶ CAPIT. DOZE.

¶ Da cidade de Chaul de bayxo, & de cima.

DEPOIS de estar na ilha de Goa algũs tempos,me mãdou a obediencia a Chaul. Pera õde parti a 14. de Dezembro de 1597. na armada que então hia pera o Norte, de que era Capitão Luiz da Sylua irmão do Regedor, o qual depois morreo na guerra do Cunhale, como adiante diremos. Chegamos a Chaul a 20. do dito mez com prospero tempo.

Cidade de Chaul

¶ Chaul he hũa cidade pequena cercada de muro alto, fortalecida de grandes,& fortissimos balluartes,assim polla parte do mar, como polla da terra, onde está muyta, & muy grossa artelharia. Todos os dias ao por do Sol,se fecha & polla menhã se torna abrir, & toda a noite se vigia, & guarda por çima dos muros,& balluartes, onde sempre estão vigias pera isso deputadas. Està situada à borda do mar, & ao longo de hum rio,que na boca terâ quasi meya legoa de largura. Tem dos muros a dentro quatro Conuentos.s. de S. Domingos,de S. Francisco, de S. Agostinho,& da Cõpanhia,& fora dos muros tẽ outro Cõuẽto de Capuchos. Tem mais outras igrejas,freguesias,& Hermidas, assim dẽtro,como fora,ẽ hũ grãde arrabalde,que esta junto da cidade. Tem muytos aposentos nobres, & homens muyto ricos, entre os quaes ouue antiguamente hum, que se embarcou deste Reyno por soldado pobremente, como vão muytos. Mas depois que se achou na India,foy tão fauorecido da fortuna, que não ouue no seu tempo outro homẽ mais rico na India: & quando morreo,deyxou a hũ so filho, que lhe ficou,mais de seisçẽtos mil cruzados em dinheiro de contado. Este filho conheci eu nesta cidade cazado,honrrado,& nobre,do qual se dizia, que tinha muyto mais dinheiro, do que lhe deyxou seu pay.

Por

Chaul dos Mouros.

¶ Por este rio de Chaul açima da mesma parte da nossa cidade obra de meya legoa, está a pouoação dos Mouros nossos vizinhos, a q̃ chamaõ Chaul de çima. Nella viuem tambem muitos Gentios, quasi todos mercadores, & officiaes de muitos officios, particularmẽte de colchas de toda a sorte, de escritorios marchetados, catres, & mais peças, & brĩcos de torno, teçelões de sedas mui to primas, & boas. Aqui se achão peças muito ricas, infinidade de brincos muito curiosos de cristal, marfim, tartaruga, madreperola, pedras de sangue, & de leite, algũas das quaes saõ muy approuadas, & outra muita variedade de mercadorias: de maneira, que Chaul de cima he hũa feira perpetua, onde se achão quasi todas as peças, sedas, roupas, & brĩcos, que da India vem pera Portugal. A este porto vão algũas naos da Ethiopia, do Estreito de Meca, de Mascate, Ormuz, Sinde, Cambaya, & de Dio, as quaes leuão muitas destas mercadorias.

Mercadorias & tratos de Chaul de cima.

Duas cobras, que bailauão.

¶ Algũas vezes fuy a Chaul de cima, onde vi algũas cousas que me puseraõ em grande admiração, como foy ver hũ dia baylar duas cobras de capello muy grandes, & grossas, q̃ saõ as mais peçonhẽtas, que ha na India. Estas trazião dous Gẽtios enroscadas dentro ẽ dous cestos, & cubertas cadahũa cõ seu panno, & quando as queriaõ fazer bailar, as tirauão dos cestos com a mão, & pondoas no chaõ, hum delles tangia hũa gaita, & o outro hũ instrumento ao modo de sanfonina, que pera isso trazião. E as cobras ouuindo a musica, andauão de hũa parte pera a outra dando voltas, & leuantando o collo no âr, & meneando a cabeça de modo, que claramente mostrauão que baylauão, & gostauaõ do som, que lhe fazião. E depois disto as tomauaõ os mesmos Gentios, & as punhaõ ao pescoço, enroscadas nelle, sem lhe morderẽ, nem fazerem algum mal. E desta maneira andauaõ com ellas ganhando dinheiro.

Gentios volteadores.

¶ Dous Gentios vi por outra vez nesta mesma pouoaçã, fazer muitos tregeitos, & sortes de mãos, mui sotijs, & de grande habilidade, & depois disso voltear mui ligeiramẽte, com voltas espantozas, & particularmẽte fazião hũa de grãde admiração, que era ter hum

delles

delles hũa meya lança sem fer ro nas maõs,com hũa ponta di reita pera o ceo,& outra susten tada sobre seu peito,& o outro cõpanheiro sobir polla lança arriba mui ligeiramẽte, & depois de chegar à ponta, punha nella hũa taboinha redõda de meyo palmo de roda, & sobre ella se lançaua de barriga,& assi estaua em vão deitado,& estendido,com as pernas, & bra ços abertos,taõ seguro, como se estiuera estendido no chaõ, & desta maneira daua tres,ou quatro voltas em roda, como se fora hũa dobadoura posta sobre hũ fuso; & tudo isto fazia sem pegar cõ pê nem mão na hastea: & o cõpanheiro que estaua debayxo,tinha mão nel la,& o sustẽtaua na mesma has tea,taõ direita, & seguramẽte, como se estiuera bem firme, & metida no chão. E tanto q̃ aca bauão esta habilidade,o que es taua emcima se deixaua cayr abayxo,dando hũa volta no âr, & ficando em pè no chaõ mui direito,junto de seu cõpanheyro. E acabado isto,ãbos pregũ tauão aos circunstantes, qual delles tinha mayor habilidade,se o que volteaua na põta da lança,se o outro, que o sustentaua no âr tão seguramẽte, que naõ caya. E desta maneyra ganhauaõ muito dinheyro. A estas habilidades, sortes, & tregeitos,& inuenções de ganhar dinheiro,saõ muy inclinados todos estes Gentios, porq̃ naturalmente saõ ociosos, & priguiçosos.

¶ CAPITVLO XIII.
¶ *Do Morro de Chaul, & da gloriosa vitoria,que os Portugueses nelle alcançaraõ dos Mouros.*

DE frõte da nossa ci dade de Chaul da outra parte do rio, na ponta da terra, à entrada da barra,està hũa serrà muy alta,& muy fragosa, a que chamão Morro, na India muy conhecido, & nomeado: onde os Mouros do Melique tinhaõ feito hũa das mayores fortalezas,que auia no mũdo, com hũa caua de altura de hũa lança,& muito larga,que chegaua do mar atê o rio, ficando o Morro na ponta da terra, cõ mo em ilha, cercado por tres partes de mar, & da parte da terra com a caua; na qual tinha hũa ponte leuadiça de madeyra, por onde se seruião do Morro pera a terra firme. Desta caua pera dẽtro,estaua logo

Fortaleza do Morro de Chaul.

ao

ao pè do Morro hũ panno de muro muito alto, & forte, que tomaua do mar atê o rio, & nel le dous fortissimos balluartes. No meyo do Morro estaua outro semelhante panno de muro cõ outros balluartes. E no alto do Morro estaua hum grandissimo, & fortissimo bal luarte, que tomaua toda à cabeça daquelle mõte, ao qual chamauão o balluarte da resistencia. Da parte do mar, à entrada da barra, estaua outro muyto forte, & grande balluarte; de modo, que erão sete balluartes por todos, nos quaes auia mais de setenta peças de artelharia grossa, & muy furiosa. Destas cercas pera dentro tinhaõ os Mouros hũa cisterna, ou tanque muito fundo, todo de pedraria laurada mui perfeito, & custoso, no qual nacia agoa de que bebiaõ. Tinhaõ muitos almazẽs, de todas as cousas necessarias pera a guerra, & hũas casas muy bem acabadas, onde moraua o General de toda esta gente de guerra, que era hum Abexim chamado Fratecaõ.

Tinha 7 balluartes.

¶ Iunto a este Morro, da caua pera fora, estaua assentado hũ arrayal de gente de guerra, em guarda, & defensaõ do Morro; no qual auia oito mil homẽs de pelleja; quatro mil de pê, & quatro mil de cauallo, gente escolhida, em que auia Mouros muito nobres, & ricos, todos allojados em suas tẽdas de diuersas cores louçãs, & custosas. Estaua mais junto a este arrayal hũa grande feira, a que na India chamaõ Bâzar, onde auia sete mil almas, pouco mais, ou menos; entre homẽs, molheres, & mininos, todos mercadores, & vẽdedores de todo o necessario pera hũa taõ grande copia de gente, como alli estaua. Alli se achauão muitas peças ricas, muito dinheiro, muitas mercadorias, & tudo o mais, que hoje se vẽde em Chaul de cima.

Arrayal, q̃ guardaua o Morro.

Bâzar de prouimẽtos.

¶ Estando as cousas nestes termos da parte dos Mouros, os Portugueses estauão metidos na cidade de Chaul; cada dia combatidos, assi da artelharia do Morro, que ordinariamente jugaua contra a cidade, como da gente de cauallo, que por terra vinha correr atè as portas da cidade, fazendo mil sobrançarias. Neste tempo veyo Dom Aluaro de Abranches de Baçaim, onde estaua por capitão da gente de guerra, que tãbem là assistia por cau

sa

D. Aluaro de Abranches socorre a Chaul.

sa destes mesmos Mouros, que corrião todas estas terras) & trouxe esta gẽte cõsigo embarcada em nauios, com os quaes entrou pollo Rio de Chaul por bayxo de infinitos pellouros, que do Morro lhe tirauão, sem nenhum delles lhe fazer mal: & entrados, desembarcaraõ todos em Chaul, cõ grande festa, & alegria.

¶ Cosmo de Lafeitar estaua em Chaul por General de toda esta gẽte de guerra, & logo cõ a chegada de Dom Aluaro d'Abrãches determinou passar da outra banda do rio, & queimar o Bâzar dos Mouros, & inquietar o seu arrayal, sem ter intento de cometer por então o Morro, porque tinha isso por cousa impossiuel. Pera o qual effeito se confessaraõ, & comũgarão aquella noite todos os soldados nos Conuentos, & Igrejas da cidade, que pera isso estiueraõ abertas, & aparelhadas. E depois de confessados, passarão à outra banda em barcos, & bateis, que pera isso tinhão prestes, & antes de amanhecer desembarcaraõ todos, (que serião mil & quinhentos) & logo começarão marchar pera o Bâzar: mas antes que la chegassem, lhe sayrão ao encõtro os Mouros cõ muito grande resistencia, pellejando esforçadamente a pê, & a cauallo. Porem os Portugueses os acometeraõ com tanta ousadia, & esforço, que os Mouros não podendo resistir a seu valeroso impeto, voltarão as costas fogindo pera o Morro com tanto desatino, que hũs hião por cima dos outros, assi apè, como a cauallo, correndo a quem primeiro auia de entrar polla ponte dentro: da qual cayo abayxo, & morreo muita gente, por ser a ponte estreita, & mui grande o concurso dos homẽs, molheres, & mininos, cauallos, & elefantes, que por ella querião passar. Os nossos lhe foraõ dando no alcance taõ esforçadamente, que juntamente entrarão cõ os Mouros polla ponte dentro atê a primeira cerca, matando sempre nelles. Tanto que os Mouros viraõ os Portugueses entrados na primeira cerca, foraõ pera fechar a porta da segunda, mas não o puderaõ fazer, porque lho impedio hum elefante dos que os Mouros tinhão no arrayal, o qual indo tambẽ fugindo muito mal ferido, cayo ẽtre as portas, sem se poder mais leuãtar. E por esse respeito as não puderaõ

Confessaraõse todos os soldados.

Morrerã muitos inimigos na ponte.

Os Portu. ganharão a primeira cerca.

derão fechar: & os nossos as forão logo cometendo com tanto impeto, que por cima do elefante as entrarão, & senhorearão a pesar dos Mouros, que as defendião valerosamẽte. Aqui catiuarão o General Fratecão, que ja andaua muito mal ferido. De modo que em obra de tres horas os nossos mil & quinhentos Portugueses desbaratarão oito mil Mouros de pê, & de cauallo, & ganharão a põte, & as duas cercas do Morro com seus balluartes. Ficaua somente o balluarte da resistẽcia, que estaua no alto da serra, onde se acolherão os Mouros, que escaparão da briga, & nelle se fecharão, & fizerão fortes: mas aproueitoulhe pouco, porque os nossos mandarão logo â cidade de Chaul buscar escadas, & postas ao muro do balluarte, entrarão por ellas dentro a pesar dos Mouros, que o defendião tão esforçada, & valerosamente, q̃ por duas vezes tomarão as escadas aos nossos & as alarão acima, & meterão dentro, primeiro que fossem entrados. Morrerão nesta briga os mais dos Mouros, & os que ficarão viuos forão todos catiuos; entre os quaes catiuarão a molher, & hũa filha de Fratecão, o qual depois de se ver catiuo, se fez Christão, attribuindo o bom successo desta vitoria ao nosso Deos ser verdadeiro, & poderoso; mas depois de Christão morreo das feridas, com que sayo da batalha, & foi enterrado em Chaul com grande pompa, & apparato, acompanhado de toda a cleresia, capitães, & soldados, que nesse tempo inda todos estauão em Chaul. A molher de Fratecão se resgatou depois por muyto dinheiro, & a filha foy leuada a Goa, & Matthias d'Albuquerque, que então era Vicerey, a trouxe pera Portugal, & a fez Christã. Nesta gloriosa, & milagrosa vitoria não morrerão dos Portugueses mais que vinte & hum, & forão feridos pouco mais de quinhentos, que todos depois sararão: & dos inimigos morrerão mais de dez mil almas, & os demais forão catiuos. Esta vitoria se alcançou a dous de Setembro do anno do Senhor de 1594. sendo Vicerey da India Matthias de Albuquerque. Os balluartes, & cercas deste Morro forão todos derrubados pollos Portugueses, por se não poder sustentar tão grande machina, senão com muita gente de guarnição,

Ganharã a segũda porta.

Ganharã todo o Morro.

Fratecão morreo Christão.

Morrerã 21. Portugueses.

Morrerã mais de dez mil Mouros.

niçaõ, & sómente deixaraõ em pê o balluarte da resistencia, & o balluarte, que està ao longo do mar, na entrada da barra: nos quaes de entaõ atè agora reside hum capitão nosso, com soldados Portugueses, que o Vicerey sustenta, & paga pera defensaõ deste Morro.

¶ CAPITVLO XIIII.

¶ Dos Religiosos de S. Domingos, & S. Francisco, que forão por embayxadores das Philippinas ao Iapão, & de como os de S. Francisco forão crucificados.

ESTãdo eu nã cidade de Chaul, trouxeraõ a ella hũa cabeça de hum Religioso Capucho da Ordem de S. Francisco, que foi crucificado em Iapaõ, com outros cinco da mesma Ordem. Esta cabeça foy recebida dos Religiosos de S. Francisco desta cidade cõ solenne procissaõ, missa, & prêgaçaõ: onde nos achamos todos os de S. Domingos da mesma cidade, pera lhe ajudarmos a celebrar (como irmaõs que somos) a festa de taõ gloriosas mortes, como foraõ as destes ditosos Religiosos; dos quaes por lhe ter muita deuaçaõ, & soceder seu martyrio no tẽpo q̃ andey nestas partes do Oriente, darey hũa breue relaçaõ, que he a seguinte.

¶ No anno do Senhor de 1590. auia nas ilhas de Iapaõ hum homem chamãdo Taycozama, o qual, sendo de bayxa sorte, teue tanta ventura, que veyo a senhorear o Iapaõ, & sojeitar debayxo de seu Imperio sessenta Reis, q̃ nelle auia: de modo que se intitulaua Quabacundono, que he nome como de Emperador. Este cheyo de muita soberba (desejando manifestar seu nome pollo mũdo) mandou seus embayxadores a muitos Reys d'aquellas partes, pedindo a hũs vassallagem, a outros cõmercio, & amizade. Esta vltima mandou pedir ao Gouernador das Philippinas (q̃ entaõ era Gomez Perez das Marinhas) o qual por satisfazer a sua embayxada, & aceitar a paz, & amizade, que lhe offerecia, mandou o Padre Frey Ioão Cobos da Ordem dos Prêgadores (Religioso de muita prudẽcia, & autoridade) por embayxador ao Iapaõ, onde chegou a saluamento, & foi muy bem recebido de Taycozama, & despachado com muitas honras, & em sua cõpanhia

Fr. Ioão Cobos embaixador das Filippinas.

mandou

mandou âs Filippinas outro embaixador seu, chamado Faranda, pera cõfirmar as pazes, que tinha assẽtado cõ o Padre. Partidos pois de Iapão cada hũ em seu nauio, o do Padre F. Ioão veyo aportar na ilha Fermosa, pouoada de Gentios barbaros, na qual foy morto, com todos os q̃ vinhão no nauio. O de Farãda chegou â ilha de Luzão, cabeça das Filippinas, onde foy bẽ recebido do Gouernador. A morte do P. Frey Ioão se soube dahi a poucos dias, & de todos foi mui sentida, assi por ser pessoa de muita calidade, como por trazer as cartas de Taycozama, & as cõdições das pazes, q̃ com elle tinha assentado, as quaes por então naõ podiaõ ter effeito, pois não se sabia que taes eraõ.

Morte do P. Fr. Ioão Cobos.

Polla qual rezaõ tornou o Gouernador a mandar outro embayxador a Iapaõ, q̃ foy o P. Fr. Pedro Baptista, Religioso descalço da Ordem de S. Francisco, bom prêgador, & de vida exẽplar. O qual partio de Luzão em Iunho de 1592. leuãdo em sua cõpanhia tres Religiosos da mesma Ordem; & chegando a saluamẽto a Iapaõ, foraõ bem recebidos de Taycozama, & aposentados em Meâco cidade populosa, & cabeça de todos aquelles Reinos, onde dizem auer cẽ mil vizinhos.

F. Pedro Bapt. embaixador

Aqui fizerão hũa casinha, & igreja com licença del Rey, a q̃ puseraõ nome Nossa Sñora da Porciuncula, onde prêgauão publicamente, dizião Missa, & baptizauão muitos Iapões, q̃ se conuertião. Nesta conjunção chegaraõ a Iapaõ mais Religiosos da mesma Ordem, q̃ o Prouincial das Philippinas mãdaua pera ajudarem os primeiros a cauar nesta vinha do Senhor. Com sua chegada instituyo logo o P. Fr. Pedro Baptista (q̃ era Prelado de todos) dous hospitaes dentro na mesma cidade, onde curauão os enfermos, chagados, & leprosos. Daqui se foy o P. Fr. Pedro cõ algũs companheiros, â cidade Vzaca, q̃ estâ dalli 7. legoas, & nella fez outra casinha, a q̃ chamou Belchem, onde fez muito fruito nas almas cõ sua prêgação; & deixando alli dous Religiosos, se vey o cõ sô hũ cõpanheiro a Nangasaqui porto de mar, onde vão os Portugueses cõ as naos da China, & nella estiueraõ algũs meses prêgando, com grande aceitação, & concurso, asi dos Catholicos, como dos Gentios naturaes.

N. Sñora da Porciuncula ẽ Meâco.

Hospitaes em Meâco.

Belchem igreja de Vzaca.

Daqui se tornaraõ pera Meâco, deixando muito sentiméto em todo o pouo, que os deseja ua ter em sua companhia.

¶ Neste tempo arribou a Iapão hũa nao das Filippinas, carregada de muita fazẽda, na qual hião mercadores, & soldados Castelhanos, q̃ fazẽdo sua viagem pera Noua Espanha, foraõ ter a esta ilha quasi perdidos, & na sua praya deraõ â costa, mas cõ tudo saluaraõ a fazenda da nao. De tudo isto foy logo sabedor o Taycozama, o qual como tyrãno, & ambicioso da fazenda alhea, pretendeo apanhala toda com algũa capa de justiça, por lhe não ser vituperada sua ladroice. E pera isto lançou fama, q̃ os Castelhanos foraõ ter a Iapaõ, pera lhe sondarem os portos, & irẽ a elles cõ suas armadas a lhe tomar o Reino, & por essa causa tinhão inuiado diante os frades, com titulo de embaixadores, a prêgar sua ley, pera que fazendo muitos Christaõs, tiuessem gente da sua parte de que se ajudassem, pera se leuantarem com o Reyno, como fizeraõ com o de Noua Espanha, Peru, & Filippinas. E com este achaque, que este tyranno fingio, apanhou toda a fazenda da nao, & mandou prẽder quantos nella foraõ, & aos Religiosos das Filippinas, cõ todos os IapõesChristãos seus familiares. Os quaes foraõ logo presos no seu Côuento, & os da nao em outra casa, õde estauão aposentados, & todos cercados de gente de guarda.

¶ Algũ dias estiueraõ presos desta maneira, & no fim delles fingio o tyranno, q̃ mouido de misericordia, perdoaua a morte aos da nao, & mandou q̃ os soltassẽ, & se fossẽ liuremente pera as Filippinas, nos nauios q̃ saissem do Iapão, & q̃ lhe bastasse por castigo perderẽ suas fazẽdas: mas q̃ os frades fossẽ desorelhados, & crucificados em Nangasaqui, cõ todos os Iapões seus familiares. Cõ esta sentença foraõ soltos os da nao, & os Religiosos cõ os Iapões leuados ao carcere publico: na qual mudança soccedeo o caso seguinte.

Soltão os Castelhanos.

¶ Chegando os ministros da justiça ao Côuento dos frades pera os leuarẽ, & aos mais Iapões, foraõ lẽdo o rol em q̃ estauão os nomes de todos, & acharão q̃ faltaua hũ Iapão chamado Matthias, o qual, ou se escondeo, ou estaria fora do Conuento: & bradando os sol-

Caso notauel de hũ Iapão

dados duas, ou tres vezes por Matthias, acodio hum Iapaõ do mesmo nome, que viuia jũto da Conuento, & tocado do Spirito santo, rompeo polla gente, & pondose diante dos ministros da justiça, disse: Aqui està Matthias, & posto que eu não sou o que vos chamais, sou logo Christão polla graça de Deos, & amigo destes Religiosos, que tẽdes presos. Responderão os ministros: O que dizes basta pera te leuarmos ati tambem preso. E logo lançarão mão delle, & lhe atarão as mãos atras, como aos mais, & asi os leuerão, sẽ preguntarẽ mais pollo outro Matthias; & cayo a sorte sobre este Matthias, por venturaque seria o outro Iudas que fugio, & não foy digno de ser contado entre estes martyres. Forão aqui tambem presos tres mininos, que ajudauão â Missa aos Padres, & o mayor seria de 14. anos.

¶ Deste carcere publico foraõ tirados, & leuados a hũa praça, onde cortaraõ a cadahũ delles ametade da orelha esquerda, o q̃ os seruos de Deos soffreraõ com tanta cõstancia, q̃ atè nos tres mininos se mostraua seu valor, pera confusaõ dos Gentios, porque hũ delles

cortão as orelhas aos mar.

chamado Thomè, cortandolhe a orelha, & deitãdolha no chaõ se abaixou por ella, & a amostrou ao algòz, dizendo: Corta corta mais, se quiseres, & farta te de sangue de Christaõs, cousa que a todos pos em grande admiração. Tanto que os desorelharaõ, os subiraõ em carros, & os leuaraõ polla cidade Meâco â vergonha, & daqui â cidade Vzaca, tambem a correr as ruas publicas, dizẽdolhe mil affrontas, indo elles muy pacientes, & contentes, por terem ja derramado sangue polla fè de Iesu Christo, do qual hião tintos, & muito airosos.

Animo dehũ mi nino.

¶ Desta cidade foraõ leuados a Nangasaqui, caminhando mais de cem legoas, hora a pê, hora a cauallo, hora cõ as mãos atadas, hora com cordas ao pescoço, atè chegarẽ â vista da cidade, onde todos se cõfessarão, & aparelharaõ pera morrer. E depois forão leuados a hũ campo defronte da cidade, onde estauão as cruzes lãçadas no chão, & cercadas de soldados armados cõ lanças, & arcabuzes. Aqui forão estendidos sobre suas cruzes, & presos nellas cõ cinco argolas de ferro, s. hũa no pescoço, duas nas mãos, & duas nos pês; & desta ma-

Aparelhaõse pera morrer.

maneira leuantados no âr, & aruorada cada cruz em sua coua, que jà estaua feita pera isso, distante hũa da outra quatro passos em carreira, cõ os rostos pera a cidade, quelhe ficaua ao Meiodia. Postos desta maneira, estauão cantando muytos Hymnos, & Psalmos, cõ muita alegria de padecer por Christo: & os tres mininos tambem cantauão como Anjos o Psal. *Laudate pueri Dominum*, &c. que lhe tinha insinado seu mestre o P. Frey Pedro Baptista, pera cantarem nesta hora: na qual sairão tres, ou quatro soldados cõ agudas lanças nas mãos, & foraõ alançeando os crucificados, dando a cadahũ duas lançadas, hũa pollo lado direito, outra pollo esquerdo, q̃ os tres passauão atè os hombros: & desta maneira morrerão todos como caualleiros de Iesu Christo, em hũa sestafeira aos 6. de Feuereiro, do anno do S. de 1597. Em cada cruz estaua escrito o nome do q̃ nella auia de padecer, q̃ por todos eraõ 26. s. os Padres Fr. Pedro Baptista Cõmissario, Fr. Martinho da Ascensaõ, Fr. Francisco Branco sacerdotes, & prêgadores. Fr. Filippe de Iesu Chorista, Fr. Francisco de S. Miguel, & Fr. Gõçalo Garcia irmãos leigos, os outros 20. erão Iapões, dos quaes não trato aqui, porq̃ deixo isso pera quẽ tratar sua historia mais de proposito; cujos nomes he de crer estão escritos no liuro da vida, pois derão a sua pollo autor della. Defronte das cruzes estaua a sentença de sua morte escrita em hũa taboa em lingoa do Iapão, posta em alto, pera q̃ todos a lessem, cujo theor na nossa lingoagem Portuguesa he o seguinte.

Iouuauã a Deos, postos ẽ as cruzes

Sãoalanceados.

26. crucificados.

Nomes dos Religiosos.

¶ *Sentença dos crucificados.*

POr quanto estes homẽs vieraõ das ilhas de Lusão cõ titulo de embaixadores, & se ficaraõ no Meâco prẽgando a ley dos Christãos, que eu prohibî mui rigurosamente os annos passados: mando que sejão justiçados, juntamẽte cõ os Iapões q̃ se fizerão da sua lei & serão crucificados em Nangasaqui. E torno a prohibir de nouo a dita ley daqui por diante, porque venha â noticia de todos. E mando que se execute. E se alguẽ for ousado quebrantar este mandamento, seja castigado com toda sua gêração. O primeiro Queicho, aos dez dias da vndecima Lua.

O sello Real.

Depois

¶ Depois de crucificados, cercarão os Gentios o lugar das cruzes com hũa sebe, & puseraõlhe guarda de soldados, q̃ de dia, & de noite vigiauão os corpos dos martyres, pera que não fossem furtados pollos Christaõs, & assi os vigiaraõ noue meses; no qual tẽpo estiuerão seus corpos nas cruzes, sem receberem corrupção algũa: antes ficarão cõ seus rostos tão aluos, & fermosos, como se morreraõ aquelle dia. A cabo de 9. meses mandou o Gouernador das Filippinas pedir estes corpos a Taycozama, & foraõlhe cõcedidos, & leuados pera as Filippinas. Mas antes q̃ os recolhessem das cruzes, tomaraõ os Portugueses da cida de Nāgasaqui muita parte destas reliquias, & algũas cabeças inteiras, das quaes hũa de hum destes Religiosos veyo ter a Chaul, onde eu estaua, & a recebemos cõ a solẽnidade, q̃ ja disse. A hõra, & gloria de Deos.

¶ CAPITVLO XV.

¶ De hũa armada, que o Vicerey Dom Francisco da Gama fez contra o Cunhale, pera a qual vieraõ os soldados, que andauão no Norte, em cuja companhia tornei de Chaul pera Goa.

DEsta cidade de Chaul me tornei a embarcar pera Goa ẽ hũa armada de dez nauios, em que vinhão todos os soldados, que tinhão inuernado aquelle anno nas fortalezas do Norte; os quaes se auião de ajuntar em Goa, pera irem contra o Cunhale. Partimos pois desta barra hũa madrugada do primeiro dia de Outubro de mil & quinhẽtos, & nouẽta & oito, com muito bom terrenho, com que fomos nauegando atè as dez horas do dia: no qual tempo acalmou o vento, & todos os nauios tomaraõ os remos, & forão continuando a viagẽ obra de hũa hora. Nesta conjunçaõ foy visto da nossa armada hum nauio de Mouros do Sanguiçel, ladrões, que andauão roubando pollo mar; o qual estaua ao longo da terra, & tão cosido com ella, que parecia pedra da praya, & por não ser visto, estaua desemmastẽado: mas nẽ isso lhe valeo, pera deyxar de ser conhecido, & cometido dos nossos nauios: os quaes postos todos em alla, se foraõ a elle remando, a quẽ primeiro lhe auia de chegar. Os ladrões vendo, que eraõ descubertos, allijarão

Nauio de ladrões, q̃ seguimos, & tomamos.

allijarão logo ao mar masto, verga, & velas, pera ficarem mais lestes, & menos carregados, & tomando os remos em punho, foraõ remando ao longo da praya com tanta ligeyreza, que fazião voar o nauio, & asi passarão fugindo por entre a nossa armada, & em breue tempo nos leuarão mais de meya legoa de ventagẽ, por ser o nauio pequeno, ligeiro, & descarregado, & os nossos muito grandes, & carregados: mas nem por isso deyxarão de os seguir mais de duas horas, atè que entrou a viração do mar muy fresca, com a qual â vela, & remos lhe forão dando caça, & tirando com a espingardaria, & berços, de maneira, que vẽdose elles apertados, & quasi alcançados, vararão em terra, & fugiraõ por hũa serra acima, que perto estaua, deixando o nauio na praya, com algũs roubos, que jà tinhão feyto, o qual leuamos comnosco pera Goa. E ãtes de chegarmos â sua barra, cayo hum homem ao mar, que vinha dormindo na percha do nosso nauio, & foy tão ditoso, que vindo outro nauio desta mesma armada polla esteira do nosso, o tomou sem perigar.

¶ Tanto que os soldados do Norte desembarcarão ẽ Goa, começou logo o Vicerey Dõ Francisco da Gama negociar hũa grossa armada de nauios, & Galês pera mandar em ajuda do Camorî Rei de Calecut contra o Cunhale Mouro seu vassallo, que se tinha leuantado, & rebellado contra elle, nomeandose por Rey, tendo acquirido a si muitos Mouros de Carapuça, que saõ os mais esforçados desta cõsta, com que fazia muita guerra, asi ao mesmo Camorî, como aos Portugueses com suas armadas, & nauios, que mandaua por todo o mar da India a saltear, & roubar todos os nauios, asim de Christãos, como de Gentios, que vinhão pera os nossos portos, com cujas presas estaua muito rico, poderoso, & soberbo, recolhido em hũa fortaleza cheya de muita artelharia, da qual fazia todos os males q̃ tenho dito. Pollas quaes causas, o Camorî (q̃ atè então estaua de guerra cõ o estado da India) cometeo pazes ao Vicerey Dõ Francisco da Gama, pera q̃ lhe ajudasse a destruir, & desbaratar este tão forte inimigo. As quaes aceitou o Vicerey, vẽdo quãto ꝓueito dellas resultaua pera

Ordenase armada contra o Cunhale.

Faz o Camorî pazes cõ o estado da India.

pera quietação, & ſoſſego do eſtado da India. Pollo que ſe embarcarão muitos, & nobres fidalgos, & mui esforçados ſol dados: os quaes todos ſe offerecerão cõ muito goſto pera eſ ta tão juſta empreſa, & foi por ſeu capitão môr D. Luis da Gama irmão do meſmo Vicerey.

¶ Partidos pois deſta ilha de Goa em Dezembro logo ſe guinte de 1598. chegarão à bar ra do rio do Cunhale, onde eſ tiuerão algum tempo negociã do as couſas neceſſarias pera cometer o inimigo. E aſſentado o dia do combate, entrarão pollo rio dentro com todos os nauios. Dos quaes mandou o capitão môr que deſembarcaſ ſem na terra dos inimigos hũa madrugada ſeiſcentos Portugueſes, gente muy esforçada, & eſcolhida, leuando por ſeu capitão a Luis da Sylua irmão do Regedor, fidalgo mui esfor çado, & de quem auia muyto grandes eſperanças, pollas boas partes, de que era dotado: em cuja companhia, & no meſ mo batel forão o Padre Frey Antonio da Coſta, & o Padre Fr. Reginaldo do Spirito ſan to, Religioſos da Ordem dos Prêgadores. Mas eſte batel não chegou a deſembarcar na terra dos inimigos, por reſpeito do dito Luis da Sylua, porque antes de chegar a terra, os Mouros, que defendião a praya, lhe derão hũa eſpingardada entre ambos os olhos, de que logo cayo morto no batel; & por não ſe ſaber na terra dos inimigos de ſua morte, tornou o batel a voltar do meſmo lugar, & os ditos Padres vierão com ſeu corpo, atê lhe darem ſepultura da outra banda do rio, onde eſtaua a noſſa armada ſurta.

600. Portugueſes cometẽ o Cunh.

Morte de Luys da Sylua.

¶ Os mais ſoldados deſembarcando na praya a peſar dos Mouros, que a defendião, pellejarão tão esforçadamente, que em breue tempo forão ſenhores das tranqueiras, & da pouoação dos Mouros, à qual puſerão logo o fogo, & os mais dos Mouros ſe recolherão â fortaleza, & fecharão as portas com grande preſſa, & medo; mas depois tornarão a ſayr de refreſco com muyta ouſadia, por verem, que os Portugueſes andauão jà muy canſados de pellejar auia quatro horas, & juntamente vião, que os mais delles não tinhão jà poluora, nem pellouros, com que pudeſſem continuar a briga, & que andauão jà eſpalhados,

& desgarrados, como quẽ andaua sem capitão, que os ajuntasse, & gouernasse; pollo que deraõ sobre elles, & sobre a gẽte do Camorî, que tambẽ nesta briga ajudaua aos Portugueses. E neste segundo encontro foraõ mortos os mais delles, & outros feridos, que escaparaõ a nado, & da gente do Camorî morreraõ mais de mil Nayres.

desbarate dos Port.

¶ Vendo o capitaõ mór tão roim principio a esta guerra, & tão desestrado successo no primeiro assalto, que tinha dado, foyse d'aqui pera Cochim com toda a armada, pera mandar curar algũs doentes, & feridos, que escaparaõ desta briga, & de Cochim tornou pera Goa, pera se refazer de mais gente, & de outras cousas necessarias pera a empresa começada, & o Camorî se deyxou ficar com todo seu arrayal alojado defronte da fortaleza do Cunhale, tẽdo o cercado da parte da terra, onde esteue esperãdo todo o inuerno, sem leuantar o campo, nem deyxar o cerco, que tinha começado, atèque lhe tornasse outro socorro de Goa.

Fim desta guerra

¶ CAPITVLO XVI.

¶ *Da segunda armada, que D. Francisco da Gama Vicerey da India mandou contra o Cunhale, & do que lhe succedeo.*

NO anno seguinte de 1599. tornou o Vicerey D. Francisco da Gama fazer outra armada cõ muita mais gente, & muitos mais petrechos de guerra, pera tornar a mandar contra o Cunhale: da qual fez capitão mór Andre Furtado de Mendoça, fidalgo muy nobre, & muy esforçado, & temido dos Mouros, por ter delles ja alcançado muitas vitorias, sendo capitão mór do Malauar. Tanto que este valeroso capitão teue prestes, & negoceado todo o necessario pera esta empresa, partio da barra de Goa em Dezembro da dita Era, & chegou ao Cunhale no mesmo mes; com cuja chegada logo os Mouros desconfiaraõ de sua saluação, & se deraõ por desbaratados. E por outra parte o Camori ficou muito allegre, tendo por certa a vitoria de seus inimigos. E logo mandou visitar Andre Furtado por seus Regedores à Galê, onde estaua, & elle em pessoa o veyo visitar

O Camori visita Andre Furtado.

visitar o dia seguinte à praya, onde Andre Furtado desembarcou, & o recebeo com muita cortesia: alli trataraõ ambos do modo, que auião de ter no accometimento, & destruição do Cunhale. E pera mais segurança, & firmeza desta liga, ordenaraõ, que ouuesse refés de parte a parte. O Camorî deu em refés o Principe de Tânor, & o Regedor môr de seu Reyno: os quaes leuou D. Francisco de Sousa na sua Galè a Cochim, onde foraõ bẽ agasalhados, & guardados na ilha de Vaypim. Ao Camorî deraõ ẽ refens dous fidalgos Portugueses, q̃ elle teue no seu arrayal.

Refés do Camorî, & Portugueses.

¶ Isto feito, começou logo Andre Furtado entender no q̃ era necessario pera o combate da fortaleza, & de suas tranqueiras. Primeiramente, fez hũa tranqueira logo à entrada da barra, na praya, da parte do Norte, pera recolhimento, & defẽção da gẽte, que desembarcasse da armada. Fez mais outra tranqueira allem da fortaleza do Cunhale, pera defẽder os rios, que decẽ da serra, donde vinhão mantimentos aos inimigos. Fez outra tranqueyra em hũa ponta da terra, que estaua defronte da fortaleza, onde pos algũas peças d'artelharia, com que varejaua a fortaleza, & lhe fazia muito dano. Depois disto desempedio a barra do rio, que o Cunhale tinha empedida com muitos mastos, & anchoras, encadeadas com cadeas de ferro, de modo, que não podia entrar a nossa armada da barra pera dentro. Acabado isto, determinou combater hum forte, que os Mouros tinhão feito na ponta da terra â entrada da barra, da parte do Sul, fortalecido com muita gente de guerra, & artelharia. Pera o que hũa madrugada desembarcou na dita praya com muitos soldados; & posto que da parte dos Mouros ouue muita resistencia, com tudo quando amanheceo, tinha jà ganhado o forte com morte de muitos Mouros, & de trinta Portugueses, que alli morrerão, afora outros tantos feridos. A este forte pos o capitão môr nome de Nossa Senhora da Vitoria, & logo lhe meteo dentro boa guarnição de soldados. E desta maneira ficarão os Portugueses senhores de todo o rio, assi da parte do Norte, como do Sul, & os Mouros de todo desconfiados, & desejosos de se sayr da fortaleza, & fugir.

Trâqueyras dos Portug.

Ganhou se o forte da barra.

A qual cousa sabida pollo Camorî, & capitão môr, deraõ licença, pera que se saysse da fortaleza quem quisesse liuremente, & se fosse em paz. Com este seguro se sayrão della mais de mil pessoas entre molheres, & mininos, & algũs homẽs, ficando dẽtro o Cunhale com a melhor gente, que tinha de peleja, todos Mouros.

Sitio da fortaleza do Cunhale.

¶ Esta fortaleza estaua situada, quasi toda dẽtro no rio, cercada de agoa por tres partes, & na que estaua pera a banda da terra, auia duas cercas muy fortes; a primeira, que estaua mais chegada à fortaleza, era de pedra, a segunda de madeyra, ẽtre as quaes auia dous balluartes mui fortes, hum se chamaua do Catamuça (que era hum Mouro muy esforçado capitão, & parẽte do Cunhale) & outro o balluarte branco. Dentro destas cercas estaua a Misquita, & a pouoação dos Mouros, que o anno d'antes tiuerão ganhado, & queymado os Portugueses, que foraõ em companhia de Luis da Sylua, como disse no capitulo passado. A tranqueira, ou cerca de madeyra ganhou logo Andre Furtado com muito menos trabalho, do com que tinha ganhado o forte da barrã, & com menos perigo dos soldados, & logo lhe pos o fogo, ficando inda a cerca de pedra cõ os dous balluartes, Branco, & do Catamuça, & a mesma fortaleza, onde estauão os Mouros cercados de todas as partes: porq̃ tambem da banda do mar estauão todos os nauios da armada, & as barcaças, com muita, & boa artelharia, que de continuo varejaua os cercados.

Ganhou se a primeira trãqueira.

¶ CAPITVLO XVII.

¶ Do vltimo combate, que se deu ao Cunhale, & de sua prisaõ, & morte.

Estando as cousas do Cunhale nos termos que atras fica dito, vendo Andre Furtado de Mendoça, que lhe não ficaua mais que fazer, senão cometer a fortaleza, & os balluartes, determinou delhe dar bataria por mar, & por terra. Pera o qual effeito desembarcou em terra com seus esquadrões de soldados mui bẽ negociados, & guiados por hum estãdarte Real, que leuauão diante aruorado em hũa lança, & desta maneira foy marchando atè a

Desẽbarca Andr. Furt. em terra do Cunhale.

tran

a tranqueira de pedra, que primeiro auia de cometer. E mandou aos nauios, que estauão no rio, que cometessem juntamente o balluarte branco. O que tudo prestes, & aparelhado, ao som de hũa trombeta (q̃ era o sinal de abalroarem) remeteraõ cadahum por sua parte, & combaterão os lugares, que lhe forão encomendados, com tanto animo, & esforço, q̃ em breue tempo foy ganhada a tranqueyra de pedra, & os balluartes ambos, & a pouoação, & Misquita, & todos estes fortes, & passos, foraõ logo fortalecidos, guardados, & muito bem vigiados pollos Portuguefes. Neste combate morreraõ muitos Mouros, & os mais se recolherão na fortaleza malferidos, & desbaratados.

Ganha a cerca, & os balluartes.

¶ Andre Furtado não cessou do trabalho, que tinha começado, antes logo cõ nouas forças, & grande animo mandou cõbater a fortaleza muy rijamente por todas as partes, de dia, & de noite, sem deyxar quietar os inimigos: os quaes, inda que tão opprimidos, defendião mui valerosamẽte suas vidas, & casa, jugando sem cessar com sua artelharia contra os Portuguèses, & gente do Camorî, que em toda esta guerra sempre ajudou aos nossos, & com os muitos pellouros, que os inimigos despidião da fortaleza, faziaõ grande danno a toda a nossa gente. Mas nem isso foy bastante, pera deixarem de lhe furar, & arrombar a fortaleza cõ a nossa artelharia das barcaças, de tal maneira, que jà podião ser entrados os inimigos, pollas roturas, que tinhão no muro.

Cõbate da fortaleza.

¶ Vendose jà o Cunhale desbaratado, & quasi entrado, determinou entregarse ao Camorî, sem auer mais briga. O que pos em effeito aos 16. de Março do dito anno. Pera a qual entrega, se aballou o Camorî com todo o seu arrayal (que serião mais de dez mil Nayres) & veyose pòr a porta da fortaleza de hũa parte, & Andre Furtado com todos os Portugueses (q̃ serião mais de mil) veyo tambem pera a dita fortaleza, & pose da outra parte, ficando hum caminho pollo meyo dos dous arrayaes. Isto feyto, abriraõ de dẽtro as portas da fortaleza, & veyo saindo toda a gente, que estaua dentro, desarmada, & foy passando em fileyra por entre os dous exercitos. No fim da qual gente vinha

Entregase o Cunhale.

nha o Cunhale cercado de todos os seus Mouros prĩcipaes: o qual vinha vestido honesta, & custosamente; com muitas peças, manilhas nos braços, & aneis de ouro muito ricos nos dedos, & cõ hũa espada nua na mão; & desta maneira chegou atè onde estaua o capitão môr & o Camorî: & logo Andre Furtado lançou maõ delle por consentimento do Camorî, & o entregou aos soldados, pera que o leuassem a bom recado, & metessem na Galê Capitaina, aonde logo foy leuado preso, & agrilhoado, com outros quarenta Mouros dos principaes do Cunhale, que tambem o Camorî mandou entregar aos Portugueses, pedindo muito a Andre Furtado, que lhes não desse a vida.

Prisam do Cunh.

¶ Isto feito, entrou Andre Furtado com o Camorî na fortaleza, & dissselhe as palauras seguintes. Pois V. A. tem respondido com sua amizade, & verdade, como se esperaua de hum tão grande, & poderoso Rey, como he, eu em nome del Rey de Portugal meu Senhor, liberalmente largo, & dou a V. A. tudo quanto nesta fortaleza se achar, sẽ querer d'aqui cousa algũa pera as despesas desta armada, nem pera os soldados della, tirando as peças d'artelharia, porque essas auemos de partir pollo meyo, como jà temos assentado. O Camorî ficou tão contente com este offerecimento, que o naõ sabia encarecer com palauras, louuando muito a verdade, & liberalidade dos Portugueses. E isto dizia, pollos receyos, q̃ sempre teue de Andre Furtado se senhorear de todo o despojo, que na fortaleza se achasse, tomandoo pera si, & pera seus soldados. Depois disto foraõ contadas todas as peças d'artelharia, que na fortaleza estauão, & acharãose mais de trezentas, que logo foraõ tiradas & recolhidas, & a fortaleza, cõ toda a cidade, tranqueiras, & balluartes, arrasados, & postos por terra, & os palmares todos ao redor cortados, & destruidos, & as Galeotas, & Fustas do Cunhale, que estauão no rio junto à fortaleza, todas queimadas. A qual destruição vio fazer o mesmo Cunhale, q̃ presente estaua, preso na Galè Capitaina.

Offerecimento de And. Furtado ao Camorî.

Mais de 300. peças de artelharia forão achadas na fort.

¶ Depois de tudo isto concluido, despediose Andre Furtado do Camorì, & veyose pera Goa, trazendo em sua companhia

panhia hum sobrinho do Camorí chamado NiâleCharàle, pera confirmar as pazes com o Vicerey entre o Camorì, & o estado da India. Chegou â cidade de Goa a 13. de Abril do anno do Senhor de mil, & seis centos, onde foy recebido cõ tantas festas, & allegria, quantas vitoria tão insigne estaua pedindo. As pazes forão cõfirmadas, & o Mouro Cunhale degolado publicamente sem se querer fazer Christão, sendo amoestado muitas vezes pera isso por muitos Religiosos, que de proposito lhe foraõ prêgar ao tronco, onde estaua preso, & assi morreo como viueo. Sua cabeça foy leuada em hũa gayola de ferro, & posta no mesmo lugar, onde esteue a sua fortaleza, sobre hum masto.

O Cunh. foy degolado em Goa.

E desta maneira se quietarão as guerras dos Portugueses com o Malauar, & acabou este Cunhale cruel inimigo, & persiguidor dos Christãos.

¶ CAPITVLO XVIII.

¶ De como parti de Goa pera Cochim vindo ja de viagem pera Portugal, & da cidade de Cochim, & Christaõs de S. Thome, & seu martirio.

DEPOis que Andre Furtado de Mendoça partio de Goa com sua armada pera o Cunhale, como fica dito, dahi a cinco dias, que foy a 8. de Dezembro, do anno do Senhor de 1599. partio a nao S. Simão da mesma barra pera Cochim a tomar a carga da pimenta, pera dahi fazer sua viagem pera Portugal. Nesta naõ me mandou o Vicerey D. Frãcisco da Gama embarcar, com titulo de capellão, pera nesta viagem confessar, & sacramentar os passageiros della, como fiz. Partidos pois, tiuemos tão bom tempo, & vento, que fomos sempre correndo a costa do Malauar, & passamos polla barra do Cunhale, onde achamos Andre Furtado surto na boca do rio, & d'alli fomos passando, & continuando nossa viagẽ, atè a barra de Cochim, onde chegamos a saluamento, aos 16. do dito mes.

¶ Cochim he hũa cidade muy bem assentada, sem auer nella outeiro, ou ladeira alghũa. Está situada jũto do mar ao longo de hum fermoso rio, de muy boa agoa doce, posto q̃ alli na barra he salgada, por causa das marês. Este rio dece de

Descripçaõ de Cochim.

de hũas serras, a que chamão Gate, cujas agoas saõ excellentissimas, & regão muita parte das terras de Cochim, fazendo por ellas ribeiras, & ilhas mui frescas, onde ha grandes folgas, & passatempos, de que os moradores de Cochĩ se logrão. Ha nesta cidade quatro Conuentos de Religiosos, s. de S. Domingos, de S. Francisco, de S. Agostinho, & da Cõpanhia; & fora da cidade outro de Capuchos. Tem Sê, com seu Bispo, & conegos, & outras freguesias, & hermidas. Ha nella muita, & boa casaria, & gente muy nobre, & rica. Tem quasi tantas mercadorias como Goa, porq̃ em seu porto entrão muitas naos, & nauios, com as mercadorias, q̃ custumão ir a Goa. Aqui carregão as naos a pimẽta, que se apanha no Malauar, & a canella que vẽ de Ceilão. Antiguamẽte se carregaua tãbem muita canella, que se colhia nos matos de Cochim, a q̃ chamauão canella do mato, & ja hoje a não colhẽ, polla pouca valia que tem, por respeito da muita fina, que vem de Ceilão. Finalmẽte, aqui neste porto carregão as naos de Portugal a principal caixaria, roupas, & drogas, que da India vem pera este Reino.

¶ Por este rio de Cochim acima obra de hũa legoa, da mesma parte da nossa cidade, està Cochim de cima, cidade pouoada de Gentios, os mais delles Nayres (que he a gente nobre destas terras) entre os quaes morão tambem algũs Mouros, & Iudeos. Nesta cidade està a corte do Rey destas terras, onde ordinariamente reside, com o qual tiuerão sempre os Portugueses paz, & amizade, conseruandoa elle sempre com muita lealdade, como largamente se cõta nas chronicas da India; polla qual rezão os Reys de Portugal lhe derão parte dos direitos, que rendem as Alfandegas na nossa cidade de Cochim: a qual o Rey Gẽtio mãda arrecadar por seus feitores, q̃ alli tẽ. Este Rey vem algũas vezes a esta nossa cidade pollo rio abaixo, mui bem acõpanhado de Nayres, com suas espadas nuas na mão, & rodelas embraçadas, do qual modo andão ordinariamente: & o capitão de Cochim com o mais pouo, o recebe com tanta cortesia, como se fora o Vicerey da India: & logo o capitão lhe entrega as chaues da cidade ẽ hũa salua de prata, em reconhe

Cochim de cima.

Direitos, q̃ se pagão a el-Rey de Cochim.

cimento da muita amizade, & irmandade, q̃ sempre teue cõ os Reis de Portugal; a qual ceremonia el Rey de Cochim estima muito: & tomando as chaues da mão do capitão, lhas torna logo a entregar cõ muita alegria.

¶ Por este mesmo rio acima polla terra dentro està hũa corda de serras mui grandes, que atrauessaõ toda a India, nas quaes morão muitos Christãos naturaes da terra, de cor baça. Estes descendem daquelles que conuerteo, & baptizou o Apostolo S. Thome naquellas partes, & por isso lhechamão Christãos de S. Thome. Deste glorioso Apostolo se lee, q̃ sendo inuiado pollo Spirito santo a prêgar o Euangelho à India Oriental, logo se pos ao caminho: & depois de prêgar, & fazer muita Christãdade na ilha de Sacotorá, & no Reyno da Persia, onde foy ter, dalli se tornou a embarcar pera a India, onde chegou a saluamẽto, & correndo algũas terras do Malauar, cõuerteo nellas muitos Gentios â fê de Iesu Christo nosso Senhor, asi com sua prêgação, como com muitos milagres, que obrou entre elles; & depois de ter baptizado muitos, fez algũas igrejas, & ordenoulhe ministros, pera administrarem esta Christãdade. Isto feito, se tornou a embarcar pera a costa de Charamandel, & foy aportar na cidade de Maleapòr, pouoada de Gentios, muy populosa, onde prêgou, & conuerteo a mayor parte da gente da terra; entre os quaes fez Christão o proprio Rey della, & ordenou muitos ministros, pera cultiuarem esta Christandade.

Christãos de S. Thome.

¶ Não podendo soffrer os Bramenes, sacerdotes dos Gentios, que sua seita se fosse asi acabando, com tanto descredito de suas pessoas, pois perdião a honra do sacerdocio dos Idolos, que possuyão, consultaraõ como matarião o glorioso Apostolo, tendo pera si, que cõ sua morte cessaria a Christandade que fazia: & buscando pera isso tempo, & occasião, em q̃ lhe não pudessẽ valer os Christaõs, effeituarão seu danado intento, esperando o Apostolo hum dia fora da cidade, onde alem de lhe darem muita pedrada, lhe derão tambem hũa lançada, cõ q̃ o atrauessaraõ, & matarão. E desta maneira deu sua alma santissima a seu amado Senhor, & Mestre IESV

Cap.

Christo, por cujo amor, & fè morria.

¶ CAPITVLO XIX.

¶ Do que succedeo aos Christaõs de S. Thome, & de como receberaõ a seita Nestoriana, & de sua reduçaõ à Igreja Romana.

EPOIS da morte deste glorioso Apostolo, perseuerou a Christãdade q̃ deixou feita nesta terra muitos annos com grande augmẽto, assi de Christãos, como de Bispos, & igrejas, atè o tempo em que outros Reis barbaros & infieis vierão tomar posse deste Reino por força d'armas, os quaes destruyrão esta Christandade, derribãdolhe as igrejas, matandolhe os Bispos, & grande numero de Christãos; & os que puderaõ escapar desta persiguiçaõ, fugiraõ, & vieraõse pera o Malauar, onde estauão os primeiros Christãos, q̃ S. Thome na India tinha feito: outros foraõ viuer ẽ o Reino de Crãganor, outros na cidade de Coulão: outros no Reino de Trauancor: & outros finalmente nas serras do Malauar, situadas polla terra dẽtro no Reyno do Camorî, & de Cochim, onde atè agora viueraõ mui fauorecidos de todos os Reis deste Malauar, concedẽdolhes grandes priuilegios, & liberdades, como aos mais nobres de seus Reinos: porque na mesma reputação eraõ tidos dos Gentios, & particularmente de hum grande Senhor & Rey de todas estas terras, chamado Xaraõ Perumal, que foy o mais nobre, & rico Rey q̃ ouue nestes Reinos, & muy venerado de todos os Reis do Oriente, por suas excellẽcias: o qual trouxe sempre na cabeça estes Christaõs, & lhes concedeo as mayores hõras, & priuilegios, que hoje possuem. De maneira, q̃ sempre estes Christãos foraõ nestes Reinos tidos & aualiados por gente nobre, & mais honrada, que todos os Gentios, & Mouros deste Oriente.

destruiçã da Christandade de S. Th.

Os Reis fauorecẽ os Christãos de S. Thome.

¶ Nesta persiguição, que os Christãos padeceraõ em Maleapòr, foraõ mortos os Bispos, como fica dito, & assi ficaraõ sem pastores, & Prelados, que lhe administrassem os Sacramentos. Pollo qual respeito os que fugiraõ pera o Malauar mandaraõ pedir ao Patriarcha de Babylonia, que os prouesse de Bispo, que gouernasse, &

Pedẽ Bispo de Babylonia.

& cultiuasse estas ouelhas, q̃ estauão sẽ pastor; o qual querẽdo satisfazer a tão justa petição, lhe mandou logo Bispo, q̃ ordenasse algũs sacerdotes, & ministros pera o culto diuino, como de feito ordenou. E desta maneira se sustẽtou esta Christandade muytos annos em verdadeira, & Catholica douttina atè o tempo, em q̃ se leuãtou ẽ Constantinopla o falso Patriarcha Nestor cõ suas heresias, & falsa doutrina; a qual foy lá urando, como peçonha, atè chegar à Igreja de Babilonia, onde foy recebida, & d'alli cõmunicada, & ensinada a estes Christãos do Malauar; & nella forão criados, & sustentados atè o ãno de 1597. em o qual morreo o vltimo Bispo Nestoriano, q̃ tiuerão, chamado Mar Abrahã. Por cuja morte o Arcebispo de Goa D. Frey Aleyxo de Meneses foy visitar pessoalmẽte esta Christandade, & tomou posse della, & celebrou Synodo em Diampèr lugar principal, õde morão estes Christãos, no qual se acharão presentes todos os Ecclesiasticos desta Christandade, & quatro Procuradores de cada pouo: & neste Synodo se prohibirão, & refutarão muytos abusos, & custumes deprauados, em q̃ viuiaõ estes Christaõs, seguindo os erros do falso Nestor, que erão muytos, cõ os quaes viuião ẽ taõ grãdes treuas & çegueira, q̃ pareçe lhes faltaua ja o proprio lume natural & da rezaõ, como se pode ver em algũs dos que se seguem.

Reçeberão a seita Nestoriana.

O Arcebispo de Goa tomou posse da Christandade de S. Thom.

¶ Primeiramente negauão a virgindade de Nossa Senhora, & a Encarnação do Verbo diuino, & a adoraçaõ das Imagẽs; porq̃ nenhũa tinhaõ, nẽ veneraua õ mais q̃ a Cruz: & diziaõ, q̃ os santos, q̃ erão passados desta vida, não viaõ a Deos, nem auião de gozar de sua gloria, sẽ não depois do vltimo juizo vniversal, & q̃ atè então estauão no Paraizo terreal, & os maos q̃ morrião ẽ peccado, não hião logo aõ Inferno mas q̃ estauão junto ao Paraizo terreal em hũ lugar escuro, atè o dia do juizo no qual auião todos os condenados juntamente ir aõ Inferno. Seus Bispos erão Chaldeos de nação, mandados pello Patriarcha de Babylonia, a quẽ obedeçião. Estes vendiaõ os Sacramentos, conçertandose cõ quem os auia de reçeber, ẽ preço de dinheiro. Naõ tinhaõ mais que tres Sacramentos, de que vzauaõ, q̃ erão os do Baptismo, Eucharistia, & Ordem.

Erros dos Nestorianos.

P No

No do Baptismo cometião mil erros, porq não baptizauão as crianças de oito dias, senão de muitos meses, & annos; & outros se não baptizauão, por não ter dinheiro pera pagar aos sacerdotes, q os auião de baptizar, & sem serē baptizados hião à igreja, & cõmungauão cõ os baptizados, sem lhe ser por isso prohibido. Não se confessauaõ, nẽ vsauaõ do Sacramento da Vnção, nem do Chrisma, nẽ de Oleo santo no Baptismo. Em lugar de confissaõ tinhão no meyo da igreja hum braseiro, onde os que se querião purificar, deitauão incenso nas brasas, & se perfumauaõ, tendo pera si, q com aquelle fumo se lhe tirauão os peccados. Os sacerdotes se ordenauão de dezasete atè 20. annos. Dizião Missa cõ vinho de palmeira, & com bolos de farinha de trigo amassados cõ azeite. Não diziaõ Missa mais que dez, ou doze vezes no anno. Naõ obrigauaõ o pouo a ir à igreja, nẽ ouuir Missa. Depois de sacerdotes casauão, & se lhe morrião as molheres, podiaõ casar outras vezes. Naõ se apartauaõ das molheres o dia que auiaõ de celebrar. Seus vestidos ordinarios eraõ hũas ceroulas grandes, brãcas, & hũa camisa solta por cima dellas, & hũa cappa branca, & comprida. Traziaõ grandes coroas na cabeça. Comião âs quartas, & sestas feiras peyxe somente, & todos os mais dias podiāo comer carne. Iejuauaõ a Quaresma, começãdo da Quinquagesima. Naõ vsauaõ a ceremonia da cinza, de que nos vsamos. Naõ comiaõ em toda a Quaresma, nem no Aduento mais que hũa so vez ao sol posto: nos quaes tempos naõ comiaõ peixe, nem ouos, nem cousa de leite, nem chegauaõ a suas molheres. Se quebrauaõ hum dia de jejum na Quaresma, ou no Aduento, cuidauaõ, que ja tinhaõ quebrado o jejum todo daquella Quaresma, ou Aduento, & por isso naõ jejuauaõ os mais dias, que lhe restauaõ dos ditos tempos, tendo pera si que lhe não aproueitaua o jejum, nem peccauaõ de nouo deixando de jejuar. Não jejuauaõ os dias santos, que vinhaõ em dia de jejum. Guardauaõ os dias de festa das primeiras vesporas atè as segundas somente: demaneira, que no mesmo dia de festa depois de vesporas, jà não era dia santo, & podiaõ trabalhar

atè noite. As molheres, q̃ parião macho, não entrauão na igreja senão dahi a 40.dias, & as que parião femea, depois de 80. guardando nisto o custume dos Iudeos. O homicida volũtario ficaua excõmungado pera sempre de excõmunhão mayor, & della não podia ser absolto, nẽ na hora da morte. Outros muitos erros, & superstições tinhão, q̃ por abbreuiar deixo, dos quaes todos polla misericordia de Deos hoje estão apartados, & reduzidos â obediencia do Papa, guardando em tudo as ceremonias da igreja Romana, da qual auiã mais de mil annos, q̃ estauão apartados, como cõstou de seus mesmos liuros, q̃ se viraõ no Synodo, q̃ tenho dito. O qual fruto, & redução desta igreja, se deue ao Arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Meneses, q̃ os reduzio cõ muito trabalho, & cõtradição: porq̃ passando por todas as difficuldades, leuou ao cabo, esta obra taõ heroica, polla qual terà o premio de Deos, & o louuor dos homẽs, que entendẽ de quanta importancia foy.

¶ E pera que esta Christandade se conseruasse cõ mais firmeza, no estado em q̃ ficou reduzida pollo Synodo, foi eleito em Bispo della o P. Francisco Roz, à petição do mesmo Arcebispo D. F. Aleixo, & confirmado pollo Papa Clemẽte VIII. polla noticia q̃ tinha da lingoa Suriana, ou Suriaca, em a qual estão escritos os liuros, de q̃ vsaõ os Ecclesiasticos desta Christãdade, chamados Cassanares. O qual bispo foy mui bem recebido nesta igreja da Serra, assi do Ecclesiastico, como do Secular; & todos hoje viuem na fè Catholica, como os mais Catholicos da Igreja Romana.

Francisco Roz Bispo da Serra.

¶ CAPITVLO XX.

¶ De como nos partimos de Cochim pera Portugal, & do q̃ nos succedeo atè os bayxos das Chagas.

Stiuemos nesta cidade de Cochĩ 34. dias, tomãdo a carga da nao, & negoceãdo todas as mais cousas necessarias pera tão cõprida viagẽ, como he a da India pera este Reino, em q̃ se gastaõ ordinariamente sete meses. E depois de tudo auiado, partimos da barra de Cochim em a nao S. Simão aos 19. de Ianeiro, do anno do Sñor de 1600. naqual

vinha por capitão Diogo de Sousa, nobre, & esforçado caualleiro do habito de Christo, natural de Viana de Caminha: o qual tinha seruido a el Rey nas armadas de Portugal de capitão de nauios muitas vezes. Por piloto vinha Ioão Pirez, mui certo, & confiado em seu sol, & mui acertado em sua nauegação: & por mestre Antonio Diaz, muy esperto, & grande vigiador, diligente, & bom official deste officio, & sobre tudo homem de boa consciencia. Vinhão mais nesta nao 150. pessoas, s. cento & cinco Portugueses, asi passageiros, como da obrigação da nao, & os mais escrauos.

¶ Indo pois asi cõtinuando nossa viagem, aos 23. do dito mes, vimos hũa ilha das de Mamâle, situada em 9. graos & hũ terço da bãda do Norte, a qual tinha de cõprido duas legoas, pouco mais, ou menos, de terra raza, muy verde, & fresca ao parecer, pollos muitos palmares, q̃ tinha. O dia q̃ vimos esta ilha, vimos hũa nao lõge de nos, que não conhecemos, mas depois soubemos na ilha de S. Helena, onde nos ajũtamos, q̃ era a nao Conceição de nossa cõpanhia. Fomos passando ao lõgo desta ilha (que dizião ser habitada de Mouros, & Gentios) com muito bom vento, & com elle nauegamos atè cinco graos da banda do Norte, onde nos acalmou o vẽto de modo, que andamos nesta paragẽ quinze dias, padecendo grandes calmas, & muito enfadamento, por não fazermos viagem: mas depois nos tornou o vento prospero, com que chegamos à linha Aequinoctial, & a passamos sem trabalho algum aos 23. dias de Feuereiro do mesmo anno.

Ilha de Mamâle.

passamos a Linha.

¶ Aos 25. dias do dito mes passamos polla altura dos baixos das Chagas, os quaes vinhamos bem receando, & temẽdo, por serẽ muito perigosos. Nestes baixos se perdeo antiguamente a nao S. Pedro, vindo da India pera Portugal: & dizem os que se nelles perderaõ, que saõ cinco ilhas razas, & a mayor parte dellas allagadiças, entre as quaes ha canaes, por onde pode entrar qualquer nao de marê chea. Ao mar destas ilhas estão grandes restingas de area d'algũas partes, & doutras grãde parcel & arriçifes de pedra muy perigosos. Entre estas ilhas amanheceo hum dia a nao S. Pedro, vindo

Baixos das Chagas, em q̃ se perdeo a nao S. Pedro.

vindo nauegando com muito poucovēto,quasi em calmaria, & quando descobrio o dia achouse dentro em hũ canal destes, jundo de hũa destas ilhas, pera onde o mar a oncostou, dando cõ ella em terra,de modo,que ficou meya descuberta. No que Deos inda fauoreceo muyto aos que nella vinhão, porque asi como virou pera a banda da ilha,se virara pera o mar,encherase toda d'agoa, & affogarase muita gente, & não se puderaõ aproueitar da madeira,& cordoalha da nao, & dos mantimentos della, como depois fizeraõ.

¶ Tanto que a nao fez assento, desembarcaraõ todos na mesma ilha sem perigo algum, & fizeraõ nella choupanas,& tēdas, em que se aposentaraõ, & tiraraõ da nao todo o arroz & todo o mais mantimento, q̄ puderão,& toda a cordoalha, madeira, & pregadura, que se pode tirar, & com ella armaraõ hum nauio sobre o Esquife da nao,ajudandose pera isso tambē de muita madeira, que cortarão em hũa destas ilhas. Este nauio foy em parte calafetado com seda daChina,que vinha na mesma nao pera este Reyno,& breado cõ beijoim, por não auer breu nem estopa em abundancia. E depois de estar auiado de todo o necessario,meteose nelle toda a gente da nao,& fazēdose â vela, tornou pera a India, aonde chegou a saluamento,deixando na dita ilha muita fazenda da nao que não coube no nauio.

Fizeraõ hũ nauio em q̄ foraõ â India.

¶ Nestes bayxos auia muitos palmares, carregados de cocos,que mostrauão serem jà em algum tempo habitados,& hoje saõ desertos, & deshabitados, mas não de passaros, porq̄ affirmauão os q̄ se acharaõ nesta perdição,serem tantos,que cubrião as prayas destes bayxos,& tão pouco espantadiços, que não fugião, nem auião medo da gente, pollo descustume, que tinhaõ de a ver. Os ouos destes passaros eraõ em tanta abundancia pollos campos, & prayas destas ilhas, que não podião andar por ellas, sem os pisar: o que não foy pouco remedio pera esta gente,pois destes ouos, & passaros se sustētaraõ muito tēpo. Auia mais nestas ilhas hũa casta de cangrejos da terra, q̄ viuião em couas,osquaes erão tamanhos quasi,como hũa rodella, cujas pernas, & boccas eraõ de tanta grandeza, que abar

Ha nestes bayxos muitos palmares passaros, & cangrejos.

abarcauão hũa palmeira, & sobiaõ por ella acima, & cortauaõ hum cacho de cocos com a bocca, & deyxandoo cayr de cima no chão, tornauão a decer polla palmeira abayxo, & tirandolhe as cascas com as boccas, abrião todos os cocos, & comiãolhe o miollo. Destes cangrejos comia tambem esta gente que se perdeo, & dizia, que eraõ muito gordos, & saborosos. Todas estas cousas me contarão algũs homẽs, que se acharaõ nesta perdição, particularmẽte Antonio Negraõ, que era o Contramestre desta nao S. Pedro, & foy o principal na armação do nauio, que tornou â India, em que se saluou esta gente, depois de estar nestes bayxos mais de seis meses. Nesta perdição da nao S. Pedro se achou hnm Religioso da nossa Ordem, o qual foy grande parte da saluação desta gente, porque andaua sempre animando a todos, prêgandolhe, & incitandoos a trabalhar no nauio, que se fazia, em que algũs se mostrauão descuidados: & particularmente com os que nesta perdição adoecerão, mostrou que tinha herdado a charidade de nosso Padre S. Domingos, porque a mais desta gẽte adoeceo de camaras, por causa dos roĩs mantimentos, que comia, & o Padre foy sempre seu enfermeyro, curando a todos, & buscandolhe o necessario, & todo o possiuel remedio, que em tal deserto se podia achar, pera suas infirmidades, & elle em pessoa os allimpaua, & lhe lauaua a roupa, & foy causa de auer entre todos muita paz, & conformidade, atalhando a muitas dissensoẽs, que se ordenauão, porque bem entendia, que se em tal affliçâo não fossem todos vnidos em hum corpo, & amizade, não poderião sayr daquelles bayxos desertos, em que estauão.

¶ CAPITVLO XXI.

¶ Do mais que nos succedeo nesta viagem, atê o Cabo das Agulhas, & das tormentas, que nelle tiuemos.

DEPOIS que passamos os bayxos das Chagas, de que fallei no capitulo passado, fomos seguindo nossa derrota com muito bom tempo; & logo o seguinte dia, que forão 26. de Feuereiro, vimos o mar cheyo de hũs passaros, que

que nos enfadaraõ muito, porque cuidamos ſerião dos meſmos baixos, que por ventura nos ficarião inda polla proa. Mas o Piloto nos tirou logo deſta duuida, & ſobreſalto, affirmando que tinhamos paſſado jà os baixos, & que os paſſaros que viamos, eraõ de duas ilhas, que naquella paragem eſtauão, chamadas Duas irmãs. Pollo que fomos nauegando mais deſaſſombrados, & com o meſmo vento em poppa, ſem acharmos baixo, nem couſa, que nos deſſe trabalho. Aos 29. do dito mes paſſamos pollos baixos dos Garajaos, q̃ eſtão em 17. graos, & hũ terço da banda do Sul: os quaes tambem ſaõ muito perigoſos. Neſta carreira da Linha atè a ilha de S. Lourenço eſtão outros muitos bayxos tambem perigoſos, de que não tiuemos viſta, como ſaõ os bayxos de S. Miguel, os da Saya de malha, & os de Nazareth, que todos ficão à maõ direita quando vimos da India, tirando os das Chagas, que ficão à eſquerda. Aos dous dias de Março paſſamos polla ilha de Diogo Rodriguez, que eſtà em vinte graos, & hum terço da banda do Sul. Na qual paragem nos entrou tão grande vẽto, que não podiamos nauegar mais, que com os Papafigos a meyo maſto: & deſta maneira fomos correndo o mar da ilha de S. Lourenço. E aos cinco dias do dito mes ficamos Leſte Oeſte cõ a ponta da meſma ilha de S. Lourẽço, a que chamaõ S. Romão. E logo daqui fomos em buſca da terra do Cabo de boa Eſperança, com muito bõ vento em poppa, & muita allegria.

Paſſaros das ilhas Duas irmãs.

Ilha de Diogo Rõiz.

¶ Aos vinde dias de Março do dito anno, tiuemos viſta da terra firme do Cabo, em trinta & quatro graos largos; onde nos acalmou o vento, com que atè entaõ tinhamos nauegado: & alli andamos à viſta da terra cinco dias, com taõ pouco vento, que quaſi nos não bulliamos. E no fim delles nos deu hũa grandiſsima tormenta de vẽto contrario polla proa, com que tornamos pera tras. E o dia ſeguinte viramos ſobre a terra, onde chegamos ao ſol poſto, & amainadas as velas, eſtiuemos ao payro dous dias, afaſtados da terra obra de cinco, ou ſeis legoas. Mas vendo que o tempo não abrandaua, antes cada vez crecia mais, & a noſſa nao poſta daquella maneira ao embate dos

Terra firme do Cabo.

Tormenta do Cabo.

mares se abriã com os grandes ballanços que daua, tornamos a dar o Papafigo da proa, & fomos fugindo aos mares, & ventos em poppa, arribando pera Moçãbique. Mas dahi a dous dias foy abrandando o vento; & tornamos a virar pera o Cabo, posto que com muito trabalho, & polla bollina, por ser inda o vento contrario. Neste mesmo dia, que foraõ trinta de Março, em Quintafeira d'Endoenças, tornou a refrescar o mesmo vento com muita mais furia que de primeiro, vindo acompanhado de espantosos trouões, & fuzijs, que parecião abrasar a nao. Os mares andauão tão brauos, que muitos julgaraõ andar nelles enuoltas as furias infernaes: porque se leuantauão as ondas tão altas, como grandes serras, & se abrião, por entre ellas valles taõ fundos, & medonhos, que parecião descubrir o centro da terra; & a nao enuolta nesta variedade de mares, hora no fundo delles, hora no alto, esperaua cada momento sua perdição. A gente que nella vinha, toda descoraçoada, & desmayada, lamentaua sua miserauel sorte, & pouca ventura. Hũ elefãte, que traziamos na nao, daua muy grandes bramidos, acompanhados com muitas lagrimas, q̃ lhe eu vi chorar por duas vezes, como que sintia o perigo, & aperto, em que todos estauamos. Desta vista confesso, que se me acrecentou mais o temor, que tinha de nossa perdição.

Sentimẽto de hũ elefante.

¶ Este tempo nos durou oito dias inteiros com suas noites: nos quaes a não sempre andou aruore secca, sem velas, & sem nauegar. E tal andaua o mar, que os mesmos officiaes da nao, experimentados nesta carreira, & custumados a semelhantes trabalhos, auião medo de olhar pera elle. E muitos marinheiros me affirmaraõ, q̃ hũa tarde destas viraõ enuoltos entre estas furiosas ondas muitos peixes muito grandes, com as cabeças fora da agoa, de espantosas, & medonhas figuras. Donde collegirão claramente, que aquillo não eraõ peixes, senão diabos, porq̃ nunqua taes peixes, nem de taes figuras se viraõ no mar, nem em taes tempos de tormenta andão peixes sobre as ondas, antes fogem dellas, & se vão abaixo, õde não sejão maltratados do quebrar dos mares.

Diabos ẽ figuras de peixes.

¶ Aos sete de Abril, que foi

o vi.

o vltimo dia de tormenta, deu hum mar banzeyro dentro na nao, que a teue quasi allagada de todo, õde cuidamos ser chegado nosso vltimo fim. Com este mar ficou o conues da nao tão cheyo de agoa, que tudo, quanto nelle auia nadaua, & o batel, que vinha no mesmo cõues amarrado, quebrou as dragas por onde estaua preso, & cõ os ballanços, que a nao daua, elle tambem daua de hũa parte pera a outra tão grandes pãcadas nas bordas da mesma nao, q̃ foy merce de Deos não a abrir, ou arrombar. A este perigo acodio logo toda a gente da nao, occupandose hũs em alijar ao mar quanto fato, cayxões, & barrijs andauão nadando no conues, outros ẽ ter mão no batel, que tambem andaua nadãdo, como tenho dito: mas antes que tiuessem mão nelle, tomou o Sotapiloto entre si, & a borda da nao, & quebroulhe hũa perna, & hum braço, & a hum grumete escallou hũa perna com hum prego. E com este desastre foy Deos seruido, q̃ cessou a tormenta. E logo no mesmo dia, que foy sestafeira depois de Pascoa, leuarão as vergas, & velas acima, & largas ao bom vento, que vinha entrando em poppa, começamos a nauegar em altura de 33. graos, com tanta allegria, quanta era rezão que tiuesse quẽ tinha escapado de tão penosa, & espantosa morte, como tantas vezes nestes dias se lhe tinha representado.

Desamarrouse o batel.

Desastres do sotapiloto, & de hum grumete.

¶ CAPITVLO XXII.

¶ De como passamos o Cabo de boa Esperança, & de sua descripção, & do mais que nos succedeo atè à ilha de S. Helena, onde achamos duas naos de Hollandeses.

TEndo jà passado estas tormẽtas, & perigos, & entrado o bõ vento, com que vinhamos nauegando, logo no dia seguinte, que foy hum Sabbado 8. d'Abril, vimos hũa nao em 34. graos, & meyo, com cuja vista nos allegramos muito & esperamos por ella quasi todo o dia. Mas vendo que anoitecia, & ella não acabaua de chegar, disse o Piloto ao Capitão, que viessemos continuando nossa viagem, & nos aproueitassemos do bom vẽto, que tinhamos pera passar o Cabo, antes que tornasse outro tempo contrario, que nos fizesse

andar

ãndar alli outros vĩte dias perdidos. Pollo que asſi o Capitão, como todos os mais forão de parecer que nos vieſſemos, & não eſperaſſemos mais polla nao. E logo viemos ſeguindo noſſa derrota à viſta da terra do Cabo das Agulhas,

Cabo das Agulhas.

¶ Eſte Cabo das Agulhas eſtà em 35. graos da banda do Sul. He hũa terra groſſa, muito alta, parda, & malenconizada, ſobre a qual eſtão muytas aruores juntas, ao modo de hũ boſque, do qual vem correndo pera o Noroeſte hũa ponta de terra groſſa atè o mar, onde acaba muito ingreme. E no alto da ſerra faz hũa cabeça grãde, lãçada em vão ſobre omar, que parece ſombreiro. Aqui neſta põta he o proprio Cabo das Agulhas. Na terra deſte Cabo eſtà hũa mancha de terra branca, ou de pedra, da banda de Nordeſte: & da banda de Leſte tem hũa lombada, q̃ vay correndo ao longo do mar, atè acabar em hũa ponta delgada, que tambem lança ao mar como Cabo; donde ſe vay fazendo hũa enſeada, que terà ſeis legoas de boca. Daqui fomos nauegãdo pera o Cabo de boa Eſperança, ao longo deſta coſta, que toda he montuoſa, & chea de grandes, & medonhas ſerras, atè que chegamos a hũa ponta de terra groſſa, que lança muito ao mar, a que os marinheiros chamão Cabo falſo, polla muita ſemelhança q̃ tem cõ o Cabo de boa Eſperãça. Deſte Cabo falſo pera diãte ſe faz hũa enſeada, cuja terra em roda he de grandiſsimas ſerras: & no fim deſta enſeada começa o Cabo de boa Eſperança de ſerra talhada com o mar, ſobre a qual ſe faz hũa meſa comprida, & na põta della hũa grãde baixa, raza, & muito cõprida, & logo ſe ſegue outra grande ſerra, com dous mõtes mais pequenos ao pè, defronte dos quaes fica o Cabo de boa Eſperança, lãçado ao mar como ilha.

Cabo de Boa eſperança.

¶ A ſegunda feira logo ſeguinte, dia de noſſa Senhora dos Prazeres, que foy a dez de Abril do dito anno, polla manhã ao ſair do ſol nos deu a virgem noſſa Senhora perfeito prazer, & allegria, porque neſſe meſmo tẽpo paſſamos o Cabo de boa Eſperança, â viſta do qual me reueſti, & logo diſſe Miſſa ſecca na nao. A qual acabada, deu o Piloto Boa viagem ao paſſar do Cabo, como he cuſtume. E logo o capitão man

Paſſamos o Cabo.

mandou abrir a carta de regimento do Vicerey da India, q̃ todas as naos trazẽ fechadas, & selladas, atè passar este Cabo, & depois de passado as abrem, pera saberem a derrota que hão de seguir dalli atè Portugal. A qual carta aberta pollo capitão diante dos officiaes da nao, & lida pollo escriuão da mesma nao em voz alta, dizia, que fossemos â ilha de S. Helena, onde esperarião hũas naos pollas outras, atè o derradeiro de Mayo; dando mais outros sinaes, & diuisas, q̃ auião de ter, pera serem conhecidas, & differençadas das dos inimigos, que aqui não he necessario declarar.

¶ Depois que tiuemos passado o Cabo de boa Esperança, fomos nauegando cõ muyto bom tempo pera a ilha de S. Helena. E aos 23. do dito mes vimos hum nauio, que vinha do rio da Prata, em altura de 16. graos, & fazia sua viagẽ pera Angola; com cuja vista se aluoroçou toda a gẽte da nao, & veyo a bordo pera ver o nauio: entre a qual se pos hum moço na borda da nao tão descuidado, que cayo ao mar, sem lhe poderem valer, nem acodir por ser muyto grande o vento, & os mares, & a não ir muito despedida. De modo, que alli nos ficou aquelle moço nadando, & bracejando sobre as ondas, com muita lastima, & dor, dos que o vião ficar, sem lhe poder dar remedio, mais q̃ encomendar a Deos sua alma. O nauio chegou a nos dahi a cinco, ou seis horas, & veyo comnosco atè a ilha de S. Helena, onde chegamos aos 25. do dito mes de Abril, hũa terça feira, âs tres horas depois do meyo dia. Na qual ilha achamos duas naos anchoradas no porto da Agoada, defronte da Hermida; as quaes estauão embandeiradas de vermelho, & muy soberbas, & tinha cada hũa dellas duas ordens de artelharia por banda. Com cuja vista ficamos mui tristes, porque bem entendemos logo serem naos de inimigos; mas ja então não podiamos deixar de ir ao mesmo porto, onde elles estauão, assi por lhe não dobrar o animo, vendo q̃ lhe fugiamos, como polla muita falta de agoa, que traziamos, pera beber. Pollas quaes rezões fomos a elles, cobrãdo forças, & animo, polla necessidade em que nos viamos: & lançamos anchora perto delles, a tiro de mosquete.

Nauio do rio da Prata.

Chegamos à Ilha de S. Helena.

Cap.

¶ CAPITVLO XXIII.

¶ Da briga, que tiuemos com os Hollandeses nesta ilha de S. Helena.

TAnto que fomos lãçando anchora defronte desta ilha de S. Helena, logo se desamarrou hũa lancha das naos dos Hollandeses (porque elles eraõ os que alli estauão fazendo agoada) & veyose remando pera nos: & como esteue perto, q̃ se podia ouuir sua embayxada, disse hum dos que vinhaõ na lancha em voz alta, & lingoa Espanhol muy clara, que todos entendemos: O senhor capitão môr daquellas duas naos, que alli estão surtas manda dizer a todos os q̃ nessa não vem, que logo se lhe entreguem sem pelleja, & que o capitão della se meta no seu esquife, & lhe va logo dar a obediencia, & a entrega da nao: & senão por força, & mal que lhe pes, lho fara fazer. O nosso capitão lhe mandou respõder, que se chegassem mais perto, pera lhe dar a reposta, determinando de lha dar com hum pellouro de hum Falcão, que ja se estaua borneando pera isso. O que elles entẽdendo, voltaraõ pera as suas naos, & metẽdose nellas, logo ambas dispararaõ sete, ou oito peças d'artelharia grossa sobre nos. Dos quaes primeiros tiros se espantaraõ os nossos marinheiros, que andauão por cima das vergas tomando as velas, de tal maneyra, que as largaraõ, & deraõ cõsigo embaixo com tanto impeto, que foy merce de Deos não se fazerem em pedaços, & debayxo com muito trabalho se acabaraõ de recolher as velas, & se amarrou a nao. Neste cõbate foraõ os inimigos continuando sem descansar, fazendonos sempre muito danno; porque allem de nos matarem dous homens, cortaraõ o mastareo de proa, & os estaes ambos da nao, & quasi toda a enxarcea, cordoalha, & aparelhos, & passaraõ o masto grande cõ hũ pellouro pollo meyo, romperaõ as velas, & cortaraõ as antennas, que vinhão polla borda da nao, cõ que ficamos de todo desaparelhados pera poder nauegar.

Recado q̃ os inimigos mandarã.

Primeira bataria de artelharia.

Estrago, q̃ fez a artelharia dos inimigos na nossa nao.

¶ Com este estrago muita parte da gẽte da nossa nao estaua tão desmayada, q̃ em vez de ajudar aos poucos, que trabalhauão com mais animo, se escondiaõ polla nao, & não apareciaõ:

pareciaõ:

parecião. Nem bastauão amoestações,& reprensoēs do capitão,& d'outros soldados esforçados,que alli vinhão, pera se animarem, antes algũs se puserão da banda de fora da nao, & se querião embarcar no nauio do rio da prata, que tinha vindo comnosco, pera nelle fugirem secretamente de noite, dandose jà por desbaratados, & perdidos. Vendo isto hum esforçado,& nobre caualleiro, que na nao vinha,chamado Pero Gomez d'Abreu de Lima, veyose a mim(que neste tempo estaua ao pè do masto grande em pê, confessando muita parte da gente da nao, que juntamẽte estando com as armas nas mãos, se armaua tambem das spirituaes) & tomandome de parte, disseme ,que auisasse ao capitão,da gente que fugia pera o nauio,& deixaua a nao, o que elle não fazia em pessoa por estar algum tanto differente com elle. Pollo que me fuy logo ter com o capitão, & dei lhe conta do que passaua. Ao que elle logo acodio com muita diligencia,mandando recolher pera a nao a todos os que estauão no nauio, & largar o nauio por hum cabo, que ficasse longe da nao, de modo, que ninguem se pudesse tornar a elle.

Excellente remedio pera os desmayados nesta briga.

¶ Isto feito, vẽdo o capitão tanta fraqueza, & desmayo, na mayor parte da gente da nao, determinou (deixando reprensoēs, & ameaças) leuallos por outra via, & foy que lhe mandou trazer ao conues da nao muito biscouto branco, & vinho, pera que todos comessem & bebessẽ, & se esforçassẽ pera o trabalho da briga. O qual remedio foy excellentissimo, porque tanto que começarão de comer, & beber, forão tomãdo tanto animo, & esforço, q̃ parecião leoēs brauos, & gritauão, dizendo mil roncas contra os inimigos, & pedião ao capitão, que os fossemos abalroar, & cometer com a nossa nao. Finalmente com este feruor, ajudarão à carregar a artelharia, & pellejar cõ ella muy esforçadamente, sem auerem medo dos infinitos pellouros dos inimigos, que entrauão na nossa nao tão bastos por entre nos, que foy milagre, & merce mui grande de Deos não acabarmos alli todos.

Ardil do inimigo.

Os Hollandeses, vendo o grande danno, que recebião da nossa artelharia, determinarão de se desuiar della. Pera o qual

qual effeito tomarão hũa acho ra da sua nao mais pequena, em hũa lancha, & foraõ a lançando auante das suas naos. E atoãdose polla sua amarra pouco, & pouco, indo hũa nao detras da outra à toa, atèque se forão atrauessar diãte da proa da nossa nao, onde lhe não podia fazer mal a nossa artelharia mais que duas peças, q̃ hião na proa da nao, & a sua artellaria jugaua toda, & tratauanos muito mal. O que vendo o mestre da nossa nao, mandou logo lançar hũa anchora ao mar, pera hũa ilharga da nossa nao, ficãdo a amarra polla poppa metida por junto da canna do Leme, por onde ao cabrestante fez virar a nao, & obedecer à dita anchora, em reues das anchoras de proa, de modo, que ficou outra vez a nao atrauessada com o estibordo pera os inimigos, & suas naos descubertas à nossa artelharia, de que receberaõ grã de danno. Neste combate perseueramos toda a tarde, & toda à noite seguinte, que foi de luar muito fermoso, & toda a manhã atè as 10. horas do dia. No qual tempo lhe fizemos tanto danno, que largando o porto, derão as velas, & foraõ fugindo, deixando em terra muitas pipas vazias, & outras cheas d'agoa, que andauão fazendo.

Ardil do nosso mestre.

O comba te durou 20. horas

Fogẽ os inimigos

¶ CAPITVLO XXIIII.

¶ De alguns casos, que acontecerão nesta briga, & de como desembarcamos na ilha.

NEsta briga, que tiuẽmos cõ os Hollandeses, aconteceraõ casos espãtosos, de pellouros, q̃ entraraõ na nossa nao. Hum pellouro de bõbarda de ferro coado deu no camarote do piloto, estando elle dentro repousando sobre a cama, do muito trabalho, que tinha leuado a mayor parte da noite: o qual pellouro fez dentro no camarote grande estrago, & passãdolhe por cima dos pês, veyo ter junto à cabeceira, onde parou, sem fazer algũ mal ao piloto. Outro pellouro entrou por hũa portinhola de hũa bombardeira do cõues da nao, onde estauão actualmente sete, ou oito pessoas carregando hũa peça de artelharia, pera a embocarẽ polla mesma portinhola, & passou por entre toda esta gente, sem fazer mal a alguem; o qual pellouro

Casos de pellouros.

louro era de ferro coado, & tinha de peso trinta & dous arratens. Outro pellouro passou por entre as pernas dehum grumete, que andaua sobre a xareta, recolhendo os cabos, & polleame, q̃ cayaõ do masto grande, cortados dos pellouros dos inimigos, sem lhe fazer danno, nem mal algum, mais que assóbrallo. Hum soldado chamado Fernaõ Baracho estaua sobre o chapiteo em pè, & tinha hum arcabuz nas maõs com a boca pera cima, & estaua encostado nelle, sobejandolhe por cima do hombro quatro dedos da boca do arcabuz: & estando desta maneira fallando cõ outros soldados, veyo hũ pellouro dos inimigos, & passoulhe por cima do hombro, sem lhe fazer mais danno, que leuarlhe fora a alheta da roupeta, que tinha vestida, & a boca do arcabuz redonda, como se a cortaraõ com hũa faca: nẽ menos fez mal aos circunstantes, que com elle fallauaõ. Todos attribuimos o bõ successo destes casos a grandes milagres, que a Virgem nossa Senhora do Rosario obraua nesta naõ, a qual todos tomamos por auogada, & valedora nesta briga, tendo sua imagem em hum retauolo

N. S. do Rosario nossa auogada nesta briga.

pintada, & pendurada no meyo do masto grande, à vista de todos; pera se encomendarem a ella, & animarem com sua presença a pellejar contra os inimigos. Todos estes pellouros erão de bombarda, hũs de ferro coado, & outros de pedra muy grandes, outros de picão com duas pontas de ferro agudas; & outros de cadea, com q̃ nos cortarão a cordoalha. Depois que os inimigos desaparecerão, que seria as tres horas depois do meyo dia, forão os carpẽteiros, & calafates pella bãdâ de fora da naõ, a taparlhe os buracos, que os pellouros dos inimigos tinhaõ feito no costado: dos quaes acharão sete ao lume d'agoa, por onde entraua muyta dentro na naõ, & por alli nos puderamos allagar se a briga durara mais tempo. Isto feito, mandou o Capitão algũs soldados, & marinheiros a terra no esquife da naõ, pera que descubrissem a ilha, & trouxessem nouas do que nella achauão: os quaes tornarão cõ grãde festa, & allegria dahi a obra de duas horas com o esquife enramado, & carregado de figos maduros excellẽtissimos & agoa fresca da ribeira, & duas cabras, que ficarão aos inimigos

migos

migos, prezas ao pe de hũa figueira. Com o qual refresco alleuiamos muyta parte do trabalho passado.

Fomos a terra.

¶ O dia seguinte fomos a terra o Capitão, & eu, & muyta parte da gente da nao: onde desembarcando, fomos logo à hermida de S. Helena fazer oração, & dar graças a Deos pollas muytas, & grandes merçes, que nos tinha feito, liurandonos de tantos perigos, assim de fogo, como de agoa, pellos quaes passamos nesta viagem. Depois q̃ fizemos oração, despreguamos das paredes da hermida hũa grande quantidade de letreiros, & rotolos, que tinhão alli deixados os inimigos, em que contauão sua viagem, & como tinhão saydo de sua terra, que era Hollãda, & Gellanda, pollo que soubemos então, que os inimigos erão Hollandeses. Logo depois disto desenterramos o caixão dos ornamentos (que sempre alli fica enterrado em lugar sabido dos Portugueses) & deitamolos a enxugar, & assoâlhar da humidade, que tinhão, & varremos, & enramamos a hermida, na qual naõ achamos feito danno algum, antes achamos hum letreiro em linguagẽ Castelhana, que dizia: Yo Iuan Roberto no hago mal a esta Iglesia, porque soy Christiano, y temo a Dios, que me ha librado de muchos baxos, ado me he visto perdido en esta viage, y ansi mas me ha librado de catiuero de la Iaoa, adò estuue captiuo seis mezes, a punto de me sacaren la vida cada dia. E o cazo foy, que estes ladroẽs forão à Iaoa a fazer resgate, & carregar as naos de pimenta, & de massa, com patacas falsas de cobre muyto bẽ prateadas, & depois de terem a carga quasi feita, foy conhecida pellos Iaos a falsidade das patacas. Pello que prenderão a todos, & tomarãolhe outra vez as mercadorias, & queriãolhe tambem tomar as naos. E esta foy a causa, porque estiuerão seis mezes catiuos, atê que chegarão ao dito porto outras naos de sua companhia, & fizeraõ as pazes, dãdo outras patacas boas em resgate das fazendas, que tinhaõ comprado os falsarios. E esta historia soubemos de outros Hollandeses, que vieraõ ter a este porto de S. Helena, estando nos ainda nelle, como abayxo contarey.

Letreiros dos Hollãdeses.

Letreiro de hũ Framengo ẽ Castelhano.

Patacas falsas dos Framengos.

Capit.

¶ CAPITVLO XXV.

¶ Da ilha de S. Helena, & do que nos succedeo estando nella.

DEpois que tiuemos concertada a Hermida, fomos passeã do polla ilha, por entre os figeiraes, q̃ estauaõ carregados de figos excellentissimos, maduros, & regoados, & outros ja passados em as figeiras: dos quaes mandamos colher boa quãtidade, & assentados ao longo da ribeira descãsamos todo aquelle dia, & comemos delles: & o mesmo fizemos o tempo que alli estiuemos, dormindo ẽ terra muitos dias, com muita allegria, festejando o bom successo, que nos Deos tinha dado. Algũs destes dias se fizeraõ nesta ilha grandes caçadas de porcos, & leitões, cabras, & cabritos, os quaes todos se tomauaõ a cosso, & âs maõs, de cuja carne todos comeraõ abũdantissimamente em quanto alli estiueraõ, & allem disso trouxeraõ muita copia desta caça viua, de que vieraõ comendo atê Portugal. Outros dias se faziaõ grandes pescarias, em que se tomauaõ muitas lagostas, & muito peixe, muy gordo & bom, assi pera se comer logo, como pera secarem escalado, & salgado, pera a matalotagem, dalli atè Portugal.

Recreaçã da ilha de S. Helena.

¶ Aos 30. dias do dito mes de Abril chegou a esta ilha a nao, que tinhamos visto no Cabo das Agulhas, que era a nao Paz da nossa cõpanhia: a qual vinha fazendo muita agoa, & por essa rezaõ naõ podia bem gouernar: & essa foy a causa, porque naõ pode aquelle dia chegar a nos, quando esperamos por ella no dito Cabo.

Nao Paz

¶ Aos tres dias de Mayo chegou ao mesmo porto a nao Cõceiçaõ, tambem da nossa companhia, aqual soubemos entaõ ser a nao, que tinhamos visto junto das ilhas de Mamâle, quando saymos de Cochim.

Nao Conceição.

¶ Aos 15. do dito mes se partio de nossa cõpanhia pera Angola o nauio do rio da Prata, que tinha vindo comnosco a esta ilha, quando nella achamos os Hollandeses.

Foyse o nauio do rio da Prata.

¶ Aos 16. do dito mes chegou a esta mesma ilha a nao Capitaina S. Roque, que tinha partido de Goa dia de Natal, & veyo polla via de Moçambique, em que gastou perto de cinco meses, por causa das muitas calmarias, que achou na

Nao S. Roque.

viagem. Nesta não vinha por capitaõ mor Dõ Hieronymo Coutinho, o qual auia quinze annos, q̃ tinha ido à India por capitão mor, em cuja nao, & companhia eu tambem fuy, como fica dito.

¶ No mesmo dia, que chegou a nao capitaina, vierão tã bem a esta ilha, quasi nas suas costas, duas naos de Hollandeses, da mesma companhia das outras duas naos, que tinhaõ pellejado com noscõ. As quaes tanto que chegarão à ponta da ilha, donde se descobre o porto da agoada, & virão que estauaõ surtas nelle quatro naos nossas, não quizerão vir a elle, mas lançarão anchora na mesma ponta da ilha, onde lhe não podiaõ da nossa armada fazer dano algum assim por estarem longe, como por ser de là o vento com que a nossa armada as não podia ir cometer.

Duas naos de Hollandeses.

¶ Neste mesmo dia ja com hũa hora de noite, chegou â mesma ponta da ilha a nao S. Martinho tambem de nossa cõpanhia, & vendo alli surtas as duas naos, conheceo logo serẽ naos de inimigos; pello q̃ não quiz uir ao porto, em que nòs estauamos, cuidando, que tambem nòs eramos da mesma cõserua, antes fugindo, se foy na volta do Brasil, onde chegou a saluamento, & dahi veyo pera Portugal. Os Hollandeses vendo que na quella ponta da ilha naõ auia agoa, mandarão hũa lancha às nossas naos com hũa carta pera o Capitão mór, em que dizião como elles erão Christaõs, & amigos, d'el Rey de Portugal, naturaes de Hollanda, & Gellanda, & que erão mercadores, que andauão pollo mundo ganhando, & buscãdo sua vida, & que tinhaõ chegado a esta ilha com muyta necessidade de agoa; pello que pediaõ a sua S. lhe desse liçença pera d'alli fazerem agoada cõ suas lanchas. O Capitaõ mòr lhe respondeo tambem por escrito, dizendo, que pois eraõ amigos dos Portugueses, como dizião, que se viessem pera nòs com suas naos, & que ca no porto, onde nòs estauamos, fariaõ sua agoada cõ menos trabalho, & tomarião do mais refresco da ilha. A qual reposta lhe mandou por ver se os podia tomar ca entre a nossa armada, & tratallos como a inimigos taõ descubertos, como ja estauaõ. Mas elles não se cõfiaraõ de taõ boa reposta, nem quizeraõ vir, & do mesmo lugar

Nao S. Martinho.

Carta dos Hollandeses ao Capit. mòr.

Reposta do Capitão mòr.

Foraõ se os inimigos

gar, õde estauaõ, se foraõ dahi a cinco dias, q̃ foy dia do Spirito santo em 21. de Mayo, lançando das suas naos muytos foguetes, & com muyta festa.

Nao S. Matheus

¶ No mesmo dia, que estes inimigos se foraõ, àtarde chegou a esta ilha a naõ S. Mattheus, tambem da nossa companhia, que era a derradeira, porque esperauamos, com cuja vinda determinamos logo de nos partir d'esta ilha, como fizemos.

Descripç. da ilha de S. Helena

¶ Esta ilha de S. Helena està em 16. graos da bãda do Sul Tem cinco legoas de roda, pouco mais, ou menos. He quasi quadrada, muyto fragosa, & de muy altas serras, & grandes valles, pollos quaes correm muytas ribeyras d'agoa doce excellentissima, que naçe no alto das serras, donde vem caindo em partes toda junta de pancada, cousa muy fermosa, & de-

Frescura desta ilha

leytosa à vista, porque como as serras sejaõ muyto altas, espalhase a agoa, que vem cayndo, no ar, de tal maneyra, que quando chega abayxo, pareçẽ perolas, ou graõs de aljofar, q̃ chouem. Por estes valles tem muytas figeyras de figos de Portugal, muy semelhantes à figos rebaldios, os quaes ha todo o anno; tem romãs, limeiras de muy boas limas, & algũas larangeiras. Tem muytas heruas de Portugal, como saõ beldroegas, sarralhas, lingoa de vacca, fedegosa, maluas, muytas mostardeiras de boa mostarda, muytas, & boas nabissas que alli cozem com o porco, & cabra: ha muyto endro: & toda a outra ortaliça, que alli se semea, se cria em grande abundancia. Em toda esta ilha ha muytas cabras sylvestres, muytas galinhas brauas pintadas, muy fermosas, & grandes, & muytas perdizes. Das quaes cousas todas fazem matalotagem as naos, que vem a esta ilha, com pouco custo, & trabalho, tomando tudo às maõs, tirando as galinhas, & perdizes as quaes matão muyto facilmente â espingarda, porque não se espantão nem fogem muyto da gente.

Caça desta ilha.

Aoredor desta ilha ha muyto peyxe bom, & saboroso, de que as naos se prouem em grande abundancia: o qual pescaõ à linha, assim nos bayxos da ilha, como no porto deçima das mesmas naos, com muyta facilidade: onde se tomão muytas cauallas, garoupas, moreas, albocòras, & lagostas muy grandes. Nesta

Peixe desta ilha.

ilha não hà cobras, nem lagartos, nem lagartixas, nem osgas nem outro bicho roim. Tem hũa hermida da inuocação de S. Helena, situada à borda do mar, da banda de Portugal, toda çercada de figeiras: por junto da qual corre hũa ribeira de agoa, muyto fermosa, & fresca, onde as naos fazem sua agoada.

Hermida de S. Helena.

¶ CAPITVLO XXVI.

¶ De como nos partimos da ilha de S. Helena pera Portugal, & da ilha da Ascensão, & do mais que nos succedeo nesta viagem.

DEPOIS, que todas as naos de nossa companhia foraõ juntas na ilha de S. Helena, tirando a nao S. Martinho, que se foy ao Brasil, como tenho dito, feita a agoada, & tomado o refresco necessario, logo se poz em effeito nossa partida: mas primeiro dissemos Missa todos os Religiosos, que nesta ilha nos achamos & confessamos, & sacramentamos quasi toda a gente, na hermida de S. Helena, com muyta festa, & allegria, assim por ser dia de Corpo de Deos, como por ser chegado o dia de nossa partida pera Portugal que tanto desejauamos. Isto feito, recolheo se toda a gente a suas naos, & leuando as anchoras, largarão as velas ao bom vento, q̃ ventaua em poppa por çima da ilha, o primeiro dia de Iunho, todas as naos jũtas, & todo aquelle dia viemos nauegando à vista da dita ilha, que nos ficaua nas costas, da qual ja traziamos muytas saudades.

Cõfessou se quasi toda a gẽte.

¶ Aos dez dias de Iunho tiuemos vista da ilha da Ascensão, que està em 8. grãos da bãda do Sul, duzentas legoas da ilha de S. Helena, & outras tantas da linha Equinocial. He de sete, ou oito legoas de comprido, terra muyto bayxa, & quasi toda de area solta. Não tem aruoredo, nem agoa doce pera beber. He deshabitada, mas não de passaros, porque saõ infinitos os que nella crião. Defronte desta ilha foy necessario abriremse os escutilhoẽs da nao todos atê o Porão: & por desastre cayo hũ homẽ de çima do conues em bayxo sobre o lastro, que são mais de trinta palmos d'altura. E quiz Deos, por intercessaõ da Virgem Nossa Senhora do Rosario

Ilha da Ascensão.

rio, que nāo perigasse, porque elle me disse, que quando cayo andaua rezando o seu Rosario, & que indo pollo ar, se encommendou a ella de todo seu coração, & que sem falta lhe pareçia, q̃ N. Senhora fizera milagre por elle.

Deuação do Rosario

¶ Aos 18. de Iunho passamos a linha do Sul pera o Norte: õde tiuemos muytas calmarias: & grandes trouoadas, & chuueyros, & com elles andamos atè 26. do dito mes. No qual dia ẽcontramos hũa carauela, em altura de 7. graos da banda do Norte, a qual vinha do Brasil carregada de açucar, da Baya de todos os Santos, & fazia sua viagem pera Portugal, & vinha ja meya destroçada das trouoadas, com algũas velas rotas, & mastaréos quebrados. Mas tãto que chegou a nos, logo foy remediada do que lhe faltaua, porque tudo se lhe deu das nossas naos, & veyo em nossa companhia atè Lisboa.

Passamos a linha

Carauela do Brasil.

¶ Aos onze de Iulho começamos a entrar por hum mar, a que os mareãtes chamaõ Volta do sargaço: & a causa he porque todo he cheyo de sargaço, o qual anda solto sobre a agoa de hũa parte pera a outra, ao sõ do vento. Este sargaço começamos achar em altura de 24. graos da banda do Norte, & foy continuando atè 36. graos que são duzentas, & trinta legoas de mar, pouco mais, ou menos. Nesta volta tiuemos muytas calmarias, quasi hum mez, onde passarão todas as naos muytos trabalhos, & enfadamentos, & em todas ouue muytas doenças, particularmente hũa, a que chamão mal de Loando, que ordinariamente dâ nos escrauos, da ilha de S. Helena atè Portugal, & tambem he muy commua em Angola. Esta tanto que dà em hũa pessoa, faz lhe inchar a barriga, & vaylhe sobindo esta inchação atè os peitos, & como da no coração mata. Desta doença, & de febres morrerão em a nao Capitaina passante de cem pessoas: entre os quaes falleceo hum Padre de S. Domingos, chamado Fr. Luis de Brito, q̃ vinha por capellão da nao. Na nossa nao S. Simaõ morreraõ 7. pessoas, duas na briga dos Hollandeses, & hũa que cayo ao mar, & quatro de doença, da qual eu tambẽ tiue minha parte nesta viagem, por duas, ou tres vezes.

Volta do sargaço.

Mal de Loãdo.

Morte de Fr. Luis de Brito.

¶ Depois que passamos esta volta

Voltã do sargaço, ou (pera melhor dizer) de nossos trabalhos doenças, & mortes, viemos cõtinuando nossa viagem por fora da ilha do Coruo, atè altura de 42. graos da banda do Norte. Donde fizemos volta pera Portugal aos 9. d'Agosto, nauegando sempre a Leste cõ vẽto taõ rijo, que parecia de tormẽta, & taõ frio, como se fora em Ianeiro. Chegamos à vista de Portugal, que forão as ilhas das Berlengas, oito legoas de Cascaes, aos 22. do dito mes. & no mesmo dia, ja com duas horas da noite, vierão todas as cinco naos juntamente lançar anchora em Cascaes, onde estiuemos o dia seguinte: & aos 24 dia de S. Bertholameu, entramos pollo rio de Lisboa com muita allegria, & lançamos anchora defronte dos paços del-Rey, a saluamento. Pollo que dou muitas graças a Deos, & elle seja louuado pera todo sempre. Amen.

Chegamos a Lisboa.

FINIS.

LAVS DEO.

¶ IMPRESSO NO CONVENTO de S. Domingos de Euora, com liçença da santa Inquisição, & Ordinario, & priuilegio Real. Por Manoel de Lyra, Anno 1608.

(?)(?)(?)
(?)(?)
(?)

TABOADA DOS CAPITVLOS DESTA SEGVNDA PARTE DA CHRISTANDADE, & varia historia do Oriente.

LIVRO PRIMEIRO.

LIVRO SEGVNDO.

LIVRO TERCEIRO.

LIVRO QVARTO.

FINIS.